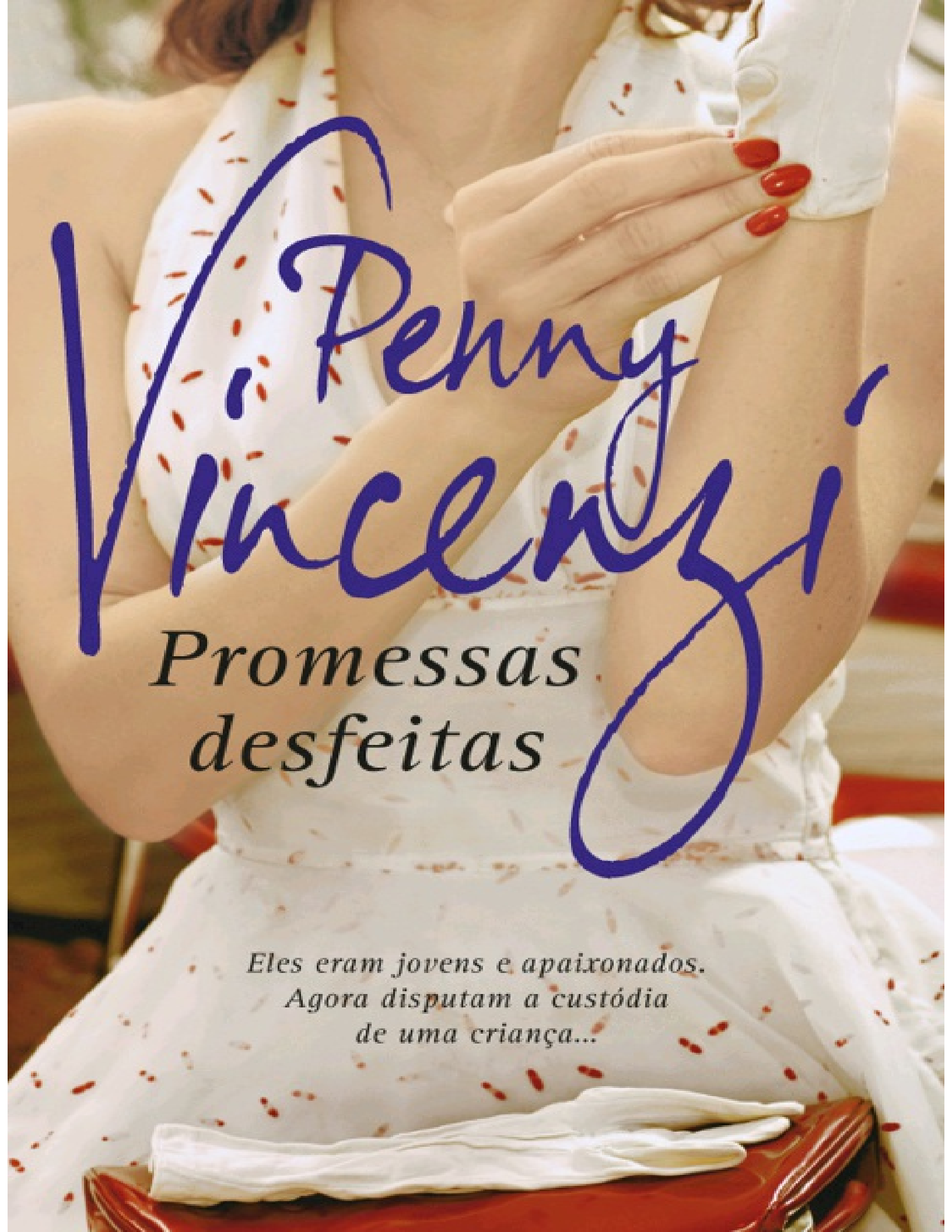




V. Penny Vincenzi

Promessas desfeitas

*Eles eram jovens e apaixonados.
Agora disputam a custódia
de uma criança...*





© Penny Vincenzi

Penny Vincenzi é uma das escritoras britânicas com mais sucesso. Foi jornalista, colaborando em publicações como The Daily Mirror, The Times, Vogue e Cosmopolitan, entre outras, antes de iniciar uma carreira literária de sucesso – os seus livros já venderam em todo o mundo mais de sete milhões de exemplares. O seu primeiro romance, Old Sins, foi publicado em 1989, tendo escrito depois muitos outros, dos quais se destacam Cruel Abandono, O Jogo do Acaso e Uma Mulher Diferente, já publicados pela Porto Editora.

Para mais informações sobre a autora e a sua obra visite o site www.pennyvincenzi.com

«Em Promessas Desfeitas, Penny Vincenzi explora a condição das mulheres e as fragilidades das leis do divórcio nos anos 60, época de grande expansão sociocultural. Um romance enternecedor, uma leitura viciante.»

Sunday Express

«Penny Vincenzi oferece-nos um romance extraordinário, com um ritmo de tal maneira alucinante, e tantas camadas narrativas magistralmente articuladas, que é impossível parar de ler.»

The Washington Post

«Mesmo a tempo de preencher o vazio que nos deixou a aclamada série Downton Abbey, Penny Vincenzi oferece-nos um romance com todos os ingredientes queridos pelos admiradores da tradição inglesa: laços que transpõem as barreiras sociais, matriarcas dominadoras, diálogos bem elaborados e personagens ricas e complexas. Sentirá que perdeu amigos quando virar a última página.»

USA Today

«Um interessante olhar sobre o modo de vida britânico na turbulenta década de 60.»

Kirkus Review

PENNY VINCENZI

PROMESSAS DESFEITAS

Tradução de Isabel Alves

Promessas Desfeitas

Penny Vincenzi

Publicado em Portugal por
Porto Editora, Lda.
Divisão Editorial Literária – Lisboa
E-mail: dellisboa@portoeditora.pt

Título original:
The Decision
© 2011, Penny Vincenzi

Imagem da capa: GettyImages

1.^a edição em papel: julho de 2012

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, gravação, sistema de armazenamento e disponibilização de informação ou outros, sem prévia autorização escrita da Editora.



Este livro respeita as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

 Porto
Editora

Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto | Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-68129-4



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.

Para Paul, que esteve sempre ao meu lado.
E para Polly, Sophie, Emily e Claudia,
por me terem apoiado até ao fim.

Personagens

ELIZA FULLERTON CLARK, debutante e, mais tarde, editora de moda
SARAH FULLERTON-CLARK, mãe de Eliza
ADRIAN FULLERTON-CLARK, pai de Eliza
CHARLES FULLERTON-CLARK, irmão de Eliza, corretor da bolsa
ANNA MARCHANT, madrinha de Eliza
PETERS MARCHANT, marido de Anna
SIR CHARLES E LADY CUNNINGHAME, avós de Eliza
MATT SHAW, promotor imobiliário
ANDRA SHAW, mãe de Matt
PETER SHAW, pai de Matt
SCARLETT SHAW, irmã de Matt, hospedeira de bordo
DIANA FORBES, hospedeira de bordo, amiga de Scarlett
MR. BARLOW E MR. STEIN, os primeiros patrões de Matt
EMMELINE, filha de Eliza e Matt
ENNIFER GRANT, ama de Emmeline
JEREMY NORTHCOTT, namorado milionário de Eliza e diretor publicitário
JEMMA NORTHCOTT, irmã de Jeremy
LOUISE MULLEN, secretária de Matt e, mais tarde, magnata do setor imobiliário
HENNY COX, rececionista e secretária na Simmonds & Shaw
TIMBO SIMMONDS, sócio de Matt
VALERIE HILL, mulher de negócios de sucesso
GEORGINA BARKER, namorada de Matt
BARRY FLOYD, empreiteiro de sucesso
RODERICK BROWNLOW, promotor imobiliário
JULIET JUDD, namorada de Charles
GEOFFREY JUDD, pai de Juliet
CAROL JUDD, mãe de Juliet
LILY BERENSON, viúva abastada de Charleston
DAVID BERENSON, filho de Lily
BABY BERENSON, nora de Lily
INDY FREEMAN, chefe de Eliza nos armazéns Woolfe's

MADDY BROWN, estilista de malhas e amiga de Eliza
JAMES MOND, chapeleiro e namorado de Maddy
JEROME BLAKE, fotógrafo
ALEX INGHAM, outro fotógrafo
JOE BRIGSTOCKE, diretor criativo da agência de publicidade KPD
JAMES WALLACE, gestor de clientes da KPD
JACK BECKHAM, diretor da Charisma e, mais tarde, do Daily News
JESSICA MARKS, editora de moda
ANNUNCIATA WOBURN, diretora de projetos especiais
JOHNNY BARRETT, jornalista do Daily News, amigo de Louise
GIOVANNI CRESPI, homem de negócios
MARIELLA CRESPI, mulher de Giovanni
ANNA-MARIA, empregada doméstica
BRUNO, assistente pessoal de Giovanni
SEBASTIANO, mordomo dos Crespi
TIMOTHY FORDYCE, amigo de Mariella em Milão
JANEY, mulher de Timothy
MARK FROST, escritor de livros de viagens
PERSEPHONE FROST, mãe de Mark
HEATHER CONNELL, amiga de Eliza
JESSICA, filha de Heather
ALAN CONNELL, marido de Heather
DRA. MUNROE, ginecologista de Eliza
MARY MILLER, psicanalista de Eliza
PHILIP GORDON, advogado de Eliza
TOBY GILMOUR, advogado de barra de Eliza
NORWELL LEWIS, advogado de Matt
SIR BRUCE HAYWARD, advogado de barra de Matt
SIR TRISTRAM SELBOURNE, outro advogado de barra
CLIFFORD ROGERS, juiz
DEMETRIOS E LARISSA, proprietários de um hotel na ilha grega de Tinos

1971

Estava então praticamente acabado. Amanhã, por esta hora, estaria resolvido. Amanhã, por esta hora, ela saberia. Se ainda seria mãe na plena aceção da palavra, do tipo que desperta a filha todas as manhãs e a aconchega na cama todas as noites, que a leva à escola e a vai buscar, que sabe quando ela tem uma dor de barriga ou um pesadelo, que se zanga e discute com ela, que decide quando a filha deve cortar o cabelo ou se precisa de sapatos novos, que a repreende por se furtar a fazer os trabalhos de casa ou faltar aos ensaios de ballet, que insiste para que faça a cama e arrume o quarto e escreva cartas de agradecimento e limpe a gaiola do hamster... Ou do outro tipo, do tipo «uma vez por semana», que providencia um quarto perfeito e a comida preferida, que oferece prazeres e passeios e é bastante generosa com os amigos, excessivamente tolerante, nunca zangada, nunca crítica, atenta a novas lealdades, ciumenta de novas tradições...

Qual destas mães passaria a ser?

A mãe com custódia? Ou a mãe sem ela?

PRIMEIRA PARTE

O Noivado

1958

No momento em que fazia uma vénia à rainha, Eliza decidiu que era altura de perder a virgindade.

Mais tarde, sentiu-se chocada consigo mesma; não pela natureza da decisão mas por ter conseguido tomá-la num momento daqueles, num momento tão importante da sua vida; tanto a mãe, como a madrinha (que estava a apresentá-la) tinham-lhe incutido a ideia de que era uma rapariga de sorte, pois aquele era o último ano em que teriam lugar apresentações à corte, as quais haviam sido consideradas um anacronismo que destoava da nova era isabelina. E ali estava ela, com o vestido de cocktail de seda azul Belinda Belville, na presença da rainha – muito mais jovem e bonita em pessoa do que nas fotografias – e em vez de pensar no privilégio que era fazer parte de uma tradição profundamente importante, e que se prolongara por gerações, dedicava-se a imaginar com qual dos rapazes com quem andava a trocar galanteios nesse maravilhoso verão poderia concretizar esta nova ambição. Era realmente muito feio da sua parte.

Concentra-te, Eliza! Que diriam a mãe e a madrinha se soubessem que, depois de tantos almoços e de tanto esforço para organizar e conciliar datas e listas de convidados para a sua Season¹, ela ocupava a mente com algo de francamente impróprio, em vez de se concentrar na parte quase sacrossanta de todo o evento.

Endireitou-se lentamente e encaminhou-se para a parte lateral da sala do trono, abrindo caminho à nova vaga de jovens debutantes.

Eliza transformara-se no centro das atenções nesse verão, uma espécie de coqueluche da imprensa popular, tendo aparecido no Express três vezes e no Mirror quatro. A mãe fora de opinião de que isso prejudicava consideravelmente a imagem de Eliza, mas a filha achava fantástico e muitas das outras debutantes tinham-se roído de inveja. Eliza não era propriamente bonita: tinha feições demasiado largas e uma compleição robusta, a pele era de um tom ligeiramente azeitona e cabelo muito escuro realçava-lhe o azul-escuro dos olhos – mais do que uma vez ouvira a mãe dizer, preocupada, à avó que esperava que ninguém pensasse que corria sangue estrangeiro na família. Ainda assim, Eliza tinha consciência de que era extremamente atraente.

Recebia piropos dos rapazes desde os quinze anos. Aliás, aparecera pela primeira vez nas páginas da Tatler um ano antes da sua Season, fotografada no Dia do Pai a assistir a um jogo de críquete do irmão Charles pelos Antigos Alunos de Eton.

Mas este era verdadeiramente o seu ano e já conseguira a suprema recompensa: a capa da Tatler.

«Miss Eliza Fullerton-Clark», dizia a legenda, «filha de Mr. e Mrs. Adrian Fullerton-Clark. Esta jovem encantadora, cujos interesses incluem esqui e História da Arte» – esta não sabia eu, pensou Eliza – «terá o seu baile de debutante na soberba residência dos

Fullerton-Clark, em Summercourt, Wellesley, mais adiante na Season.»

A responsável pelo destaque que a fotografia recebera era a editora de sociedade da Tatler, Betty Kenward, a temível Jennifer da coluna «Jennifer's Diary», de quem uma simples palavra bastava para transformar uma jovem anónima num enorme sucesso, alguém a destacar pelo seu futuro promissor, que não se devia tanto a mérito próprio mas à possibilidade de se tornar mulher de um homem rico e poderoso, ou, quando muito, por ser herdeira de uma das grandes propriedades da Inglaterra rural.

E o futuro de Eliza fora planeado com extremo cuidado. Sarah Fullerton-Clark, juntamente com a sua melhor amiga (e madrinha de Eliza), a Ilustre Mrs. Piers Marchant, tinha feito uma visita a Mrs. Kenward no seu refúgio, no mezanino por cima da redação da Tatler; Mrs. Kenward oferecera-lhes o sumo de tomate da praxe e partilhara com elas as quase místicas ferramentas do seu ofício: a sua agenda da Season, com as datas de todos os bailes das debutantes, e uma lista de jovens elegíveis, ricos e bem relacionados, batizados (pelos tabloides) de os «Encantos das Debutantes». Os «Encantos» tinham um tempo de vida mais longo do que as debutantes e eram solicitados durante vários verões, o que não os maçava minimamente, para os vários bailes e festas, Ascot e Henley, e fins de semana inteiros em belas casas de campo, onde a única exigência que lhes era feita era vestirem-se adequadamente, não beberem demasiado, serem educados com a anfitriã, sorrirem e cortejarem as debutantes mais bonitas.

Charles, naturalmente, encabeçava a lista; era muito alto e moreno, e encantadoramente tímido, o predileto das mães; Sarah e Anna Marchant tinham saído do gabinete de Mrs. Kenward com uma recomendação sobre a data do baile de Eliza e uma lista de nomes de jovens com títulos ou fortunas particularmente impressionantes.

Nesse verão, durante a semana, Eliza ficou hospedada na casa de Londres dos Marchant, uma vez que, além de debutar, frequentava um curso num dos institutos de secretariado mais prestigiados da capital. Estava determinada em trabalhar e aspirava a uma carreira. Sabia que todos, incluindo a mãe, achavam que um emprego, para uma jovem como ela, deveria ser unicamente uma ocupação até esta se casar, mas Eliza queria mais; queria um emprego que fosse interessante e absorvente, que a preenchesse, e queria que a admirassem pelo seu trabalho, «não apenas por ser a mulher de alguém», como dizia Charles.

A moda exercia sobre ela um fascínio especial: não se tratava apenas das roupas em si, mas da forma como, combinadas, podiam definir a personalidade de uma pessoa, como eram importantes para a imagem que se queria transmitir.

Apesar da sua decisão, tomada em tão sumptuosas circunstâncias, Eliza ainda se mantinha virgem aquando do seu baile de debutante. Para começar, andara terrivelmente ocupada. Fora literalmente a dezenas de bailes e beberetes; fora a estrela no Desfile de Moda de Berkeley, essa fantástica oportunidade anual para as debutantes

serem manequins por um dia, e conseguira captar a atenção do fotógrafo do Evening Standard e aparecer na primeira página, trajando um vestido de noite branco de Hartnell. E no Baile Queen Charlotte – o Baile das Vadias como os «Encantos das Debutantes» lhe chamavam – fora uma das primeiras na fila de debutantes que levou o bolo gigante para o salão de baile: mais uma fotografia nos tabloides.

E depois veio o seu próprio baile, discutido e planeado à exaustão. Passara demasiado depressa, uma noite de conto de fadas que havia simplesmente desfilado sem quaisquer recordações distintas de nada, a não ser fragmentos: a noite perfeita de junho, o jardim repleto de rosas, a tenda branca fabulosamente decorada, a multidão de amigos, a banda a tocar exatamente o que ela queria, o champanhe a rodos, o pai inchado de orgulho, a mãe a beijá-la e a dizer-lhe que se sentiam extremamente orgulhosos dela. Dançara e dançara, literalmente até de madrugada, com uma série interminável de jovens e, por fim, caíra na cama, surpreendida por não estar mais embriagada depois de todo o champanhe que bebera.

Fora o ponto alto de um verão maravilhoso; e ela desejara que não acabasse nunca.



Na manhã seguinte, a mãe estava extenuada mas feliz, aliviada com o sucesso do baile, aliviada por ter finalmente chegado ao fim. O acontecimento ocupara os seus pensamentos e provocara-lhe crises de ansiedade durante quase um ano; mas tudo levava a crer que valera a pena. Compensara o empréstimo bancário que Adrian tivera de contrair, as noites mal dormidas, o excesso de trabalho. Era um investimento no futuro de Eliza que não devia ser questionado.

O facto de o baile ter sido realizado em casa, na província, e não em Londres, ajudara a poupar despesas e, na opinião geral (opiniões aparentemente expressas com sinceridade), fora muito mais agradável.

O vestido de Eliza fora, mais uma vez, de Belville Sassoon, mas o de Sarah fora confeccionado pela modista da família, e o fraque de Adrian, um pouco gasto e ligeiramente fora de moda, era perfeito para a ocasião. Não havia nada de mais vulgar do que a geração mais velha estrear roupa de cerimónia. Adrian comprara o fraque pouco depois de se terem conhecido; ela convidara-o para um baile no campo e Adrian, intuindo o rumo que aquela relação poderia tomar, considerara-o um bom investimento pelo salário de duas semanas. Vinte e cinco anos mais tarde, ainda estava impecável.

E Charles, claro, o querido Charles, estava atraente como sempre; dançara com ela duas vezes, elogiando-lhe a beleza e dizendo que se sentia muito orgulhoso da mãe. Não havia muitos filhos que fizessem isso.

E, qual cereja em cima do bolo, tanto a Tatler, como a Queen, haviam mandado fotógrafos.



– Olá, mãe. Satisfeita com a tua obra?

– Ah, olá, Charles. Estás com um ar cansado, querido. Senta-te que eu preparo-te o pequeno-almoço.

– Não, não é preciso. Já comi. Então, correu tudo às mil maravilhas, não correu? E a Eliza estava estupenda.

– Pois estava. E acho que se divertiu imenso.

Sarah sorriu-lhe: o seu primogénito e o grande amor da sua vida. Depois de Adrian, naturalmente. Custava-lhe a crer que ele já tivesse vinte e um anos e estivesse prestes a sair de casa. Teria de fazer o Serviço Militar primeiro antes de finalmente se dedicar à carreira, mas estava com esperança de ir para o estrangeiro: «Hong Kong, ou talvez Gibraltar. Ver um pouco do mundo antes de me embrenhar na City.»

– Querido – disse ela, dando-lhe uma palmadinha afetuosa no ombro –, vou ter saudades tuas.

– Ora, que disparate. O tempo passa num instante. Por sinal, estou desejoso de partir. Alguns tipos vão fazer uma curta comissão de serviço de três...

– E vais ser chamado já, agora que saíste de Oxford?

– Vou. Há de ser divertido.

– Parece-me bastante improvável.

– Não pode ser pior do que o primeiro período na escola preparatória.

– Charles! Sentiste-te assim tão infeliz?

– Senti, um pouco. Morria de saudades de casa. E andava esfomeado, a comida era horrível. Mas não me fez mal nenhum, pois não? Caramba, a casa estava bonita ontem à noite, não estava? – acrescentou.

– Muito. O teu avô teria adorado.

A casa era uma belíssima e pequena villa palladiana, construída no alto de uma colina com vista para a aldeia de Wellesley, a sul de Marlborough. Ainda que de forma magnífica, parecia ligeiramente deslocada naquele sítio, como uma mulher no seu vestido elegante de alta-costura a passear pelas ruas de uma aldeia. Fora construída em 1755 e tinha uma história encantadora. Uma noite, um arquiteto jovem de boas famílias, chamado Jonathan Becket, conheceu a bela Lady Anne Cunninghame numa receção em Bath. Apaixonaram-se de imediato. Ela era a filha mais nova, e terrivelmente mimada, do excêntrico conde de Grasmere e tinha um casamento de conveniência com Sir Ralph Cunninghame, um homem de meia-idade.

Sir Ralph não era capaz de lhe recusar nada; e quando ela falou com tanto entusiasmo de uma «bela casa, construída especialmente para mim», o jovem Becket conseguiu a encomenda e criou um espaço de cortar a respiração, embora não muito grande, contrastando com as moradias grandiosas do seu tempo (uns escassos dez quartos e

apenas três salas de receção). Ainda assim era muito belo, um casarão com a sua gloriosa fachada sul «saudando o sol nascente», como Lady Anne o descrevia no seu diário; as colunas clássicas, os degraus suavemente curvos, o amplo terraço, e o magnífico laranjal de inverno situado a cerca de quinhentos metros da casa. «É só para mim», continuava ela, «criado em harmonia com a minha beleza, como diz o meu amor.»

O amor dela (presumivelmente Jonathan Becket e não Sir Ralph) projetou igualmente um maravilhoso bosque atrás da casa e uma pequena ladeira relvada na parte frontal; a maior parte do bosque havia sido já vendida, restando apenas quatro hectares para os proprietários atuais.

A casa recebeu o nome de Summer Court; destinava-se a ser principalmente uma residência de verão, pois Sir Ralph gostava do frenesim de Bath, e Lady Anne acabou por se ver ali sozinha, rodeada por uma pequena corte de admiradores; o nome foi abreviado para uma só palavra por um dos seus descendentes mais modestos.

Era extremamente desconfortável e fria. Quando Eliza chegou a Heathfield para o seu primeiro trimestre de internato, habituada ao seu quarto gelado e a uma banheira com apenas dez centímetros de água, considerados um desperdício deplorável, ficou admirada com as queixas das outras raparigas a respeito do frio nos dormitórios e das correntes de ar nas salas de estudo. Adorava Summercourt. Pertencia aos Cunninghame havia dez gerações; a mãe de Sarah, a última Lady Cunninghame, não conseguira ter um filho varão, Sarah era a sua única herdeira e, assim, o marido, o nono baronete, vira-se obrigado, arrastando a sua assinatura com tremenda relutância sobre o papel, a vincular a villa à filha. Ou antes, a ela e ao marido. Era preferível a vendê-la. E Sarah adorava-a.

«Nunca te desfaças dela», tinham sido as últimas palavras que o pai lhe dirigira; e ela prometera que cumpriria o seu desejo. A casa estava nas mãos de um fideicomisso e eles não passavam de usufrutuários vitalícios; estava a arruiná-los, mas tanto Sarah como os filhos queriam mantê-la na família.

O facto de a propriedade ser demasiado pequena, acolhendo apenas alguns coelhos de caça e uns quantos faisões, não incomodava Charles; mas Eliza ouvira uma vez dois dos colegas dele da universidade, que o irmão convidara para passar uns dias em Summercourt, a discutir «as fantasias de Charles à Brideshead», dizendo que estavam a contar com algo dez vezes maior, «arruamentos e pavilhões de caça, esse género de coisa.»

Não existia um caminho de acesso em condições, apenas uma bonita alameda bordejada de árvores que vinha da aldeia, e muito menos existiam pavilhões. A casa fora projetada para se integrar na aldeia. Mas às encantadoras casas de pedra, à atraente igreja normanda, ao lago da época medieval e à estalagem do século XVII, que tão bem combinava com a casa em 1755, havia sido acrescentada uma longa extensão de bungalows a imitar o estilo Tudor, de um lado, e do outro uma série de habitações

sociais – na maioria com jardim – uma escola (vitoriana tardia, mas feia), um abrigo para a paragem de autocarro, um recreio infantil e uma loja.

Ainda assim a aldeia conservava a sua genuidade, tinha alma. A escola prosperava, mais de metade da igreja enchia-se quase todos os domingos e a estalagem (hoje o pub White Hart) era concorrida; toda a gente se conhecia. E a família Fullerton-Clark era popular – os filhos tinham frequentado a escola da aldeia nos primeiros anos da sua educação, Sarah abria a propriedade várias vezes ao ano – o evento mais famoso era a Caçada dos Ovos da Páscoa, em que toda a aldeia participava –, e Adrian dava o seu contributo, como dizia, indo beber ao White Hart sempre que podia.

A aldeia fora convidada a sentir que fazia parte do baile de Eliza; a banda local fizera uma atuação e o fogo de artifício fora lançado no largo e não nas traseiras da casa.

Sim, Sarah pensou, o pai ter-se-ia sentido muito feliz na noite da véspera, feliz com o seu sucesso.

E até lhe teria perdoado por se ter casado com Adrian. Quem sabe?

1958

Estava alguém a chorar na escuridão. Mais do que uma pessoa, aliás. Deus do céu, era como estar de volta à preparatória, pensou Charles. E nem aí ele tinha chorado. Era absurdo, choramingar assim. E nem fora um dia muito mau.

Tinham chegado em camiões, uma massa heterogénea de jovens de 18 anos na sua maioria, a uma base chamada Blackdown, próximo de Aldershot, para cumprir o dever obrigatório para com a rainha e a pátria – dois anos de serviço militar. Charles sentara-se a fumar, oferecendo cigarros aos companheiros e, seguindo os conselhos de um amigo que acabara de sobreviver a esta provação, pouco falou.

«Pela primeira, e provavelmente a última vez na tua vida, o teu sotaque vai ser um ponto negativo», tinha ele dito. «Por isso fala o menos possível até estares totalmente integrado.»

Tinham chegado e sido apressados a sair do camião, contra uma gritaria de fundo interminável; os gritos e os empurrões não pararam durante todo o dia. Tinham sido conduzidos às suas casernas, tinham-lhes sido atribuídas camas e, em seguida, foram despachados para outra caserna para se equiparem, passando por uma longa fila de mesas cobertas de roupas e equipamento, que iam agarrando pelo caminho. Tinham de guardar tudo nos cacifos ao lado de cada cama de ferro.

E seguiu-se o corte de cabelo: umas tesouradas rápidas e o grosseiro remate final dos lados. Charles ficara horrorizado ao ver dois teddy boys, cheios de bazófia no camião, à beira das lágrimas ao verem os seus DA, abreviatura de Drake's Arse², caírem ao chão.

Nessa noite tinham comido na cantina – uma mixórdia repugnante em pratos de metal:

salsichas, umas queimadas, outras quase cruas, um monte de cebolas gordurosas, outro monte de puré líquido, seguido de pão e compota. Charles, habituado aos horrores da alimentação numa escola privada, não achou a comida demasiado repugnante, mas alguns dos rapazes despejaram os seus pratos ainda cheios nos baldes do lixo. Eram provavelmente os que estavam agora a chorar.

Estava aflito para urinar. Saiu lentamente da cama e atravessou a caserna em silêncio, evitando olhar para as outras camas para que os chorões não se sentissem envergonhados. Aliás, para quê perder tempo com as latrinas, que tinham um ar nojento, quando podia urinar ao ar livre? Saiu da caserna, aliviou-se às escuras, e preparava-se para voltar para dentro quando ouviu uma voz divertida com um sotaque cockney.

– Estás melhor?

– Eh? Ah, sim, obrigado.

– Imagino que isto não seja muito diferente da tua escola.

– Não, não é muito diferente.

– Pois, ouvi dizer que vocês, a malta das escolas privadas, se sentem aqui como peixes na água. Ou patinhos. Vai um cigarro?

– Ah... sim, obrigado.

Charles serviu-se de um cigarro do maço de Woodbine que lhe foi estendido.

– Por falar em patinhos, viste aquele gajo a chorar quando ficou sem o cabelo?

– Vi.

– E há outros a chorar agora mesmo. Coitadinhos, meninos da mamã. – Estendeu a mão. – Matt Shaw.

– Charles. Charles Clark.

– De onde és, Charles?

– De Wiltshire.

– Eu sou de Londres. Como já deves ter percebido.

– Mais ou menos – respondeu Charles cautelosamente.

– Que tens então feito até agora, Charles?

– Andei na universidade.

– Andaste? Pensei que eras pouco mais velho do que nós. Oxford, calculo? Ou Cambridge?

– Oxford – disse Charles.

– Bem me quis parecer. – Sorriu a Charles. – Como vês, estou muito bem informado sobre a classe alta.

Charles retribuiu o sorriso. Simpatizava com ele. Pelo que conseguiu perceber no lusco-fusco, Matt Shaw era um tipo bastante atraente. Cabelo escuro – o que restava dele – rosto largo, olhos escuros, um sorriso rasgado e dentes surpreendentemente brancos. E alto – cerca de um metro e oitenta.



Foram acordados às cinco e meia da manhã por suboficiais, que gritavam e batiam com paus nos pés das camas e nos baldes de incêndio.

– Vamos embora, madraços. Tirar as mãos das pilas e pô-las nas peúgas. De pé, já!

O pequeno-almoço consistiu em mais pão com compota. Em seguida dirigiram-se para a parada e o sargento, um sádico com cabeça de touro, lançou-lhes insultos durante o que pareceram horas, enquanto eles descobriam a aparente impossibilidade de marchar em compasso. Charles não tinha problema com isso, fizera parte do Corpo de Cadetes em Eton.

Foram também iniciados na faxina: o termo militar para limpeza. Tinham de polir o equipamento e voltar a poli-lo.

– Quero esses botões a reluzir – gritou um sargento. Não paravam de gritar, o que ajudava à confusão.

E, no final do dia, as seringas. Injeções contra a febre-amarela, o tifo, o tétano. As agulhas eram alarmantemente grandes: o médico levava duas casualmente dependuradas na sua bata branca e não as esterilizava entre cada utilização. Dois dos rapazes desmaiaram. Até Matt Shaw ficou bastante pálido e muito calado.

– Doeu como o caraças – disse ele, forçando um sorriso.

Nessa noite, o choro voltou a ouvir-se na caserna.



Na segunda-feira à noite, Matt não compareceu ao jantar, o que não era típico nele, já que normalmente não se queixava da comida; e, quando Charles foi à sua procura, encontrou-o deitado na cama, claramente indisposto.

– Estou com dores de cabeça – explicou. – Foda-se, não há nada que não doa.

Charles pôs-lhe a mão na testa; estava a arder.

– Estás com febre. Eu vou contigo à enfermaria.

– O quê, e apanhar uma descasca por me baldar? Nem pensar. Isto passa.

No dia seguinte, perdeu os sentidos na parada e levaram-no para a enfermaria.

– É uma reação à injeção contra a febre-amarela – declarou o médico. – Estás com quarenta de febre. Já te devias ter queixado. Não queremos aqui heroísmos. É uma perfeita estupidez.

Matt estava demasiado doente para objetar.

Charles foi visitá-lo dois dias mais tarde; encontrou-o sentado e mais animado.

– Volto ao campo de férias depois de amanhã. Estou mortinho.

– Quem me dera estar deitado – disse Charles. – Tenho bolhas enormes nos pés. E o Walton também. E o desgraçado foi hoje ao castigo. Só ficou pior.

Ir ao castigo significava correr em redor da parada, com o uniforme completo de combate, a que não faltava o capacete de metal e a baioneta, instigado com uma certa brutalidade por um suboficial.

– Coitado.

Walton tornara-se amigo deles; sentara-se na cantina com eles na segunda noite e falara da sua vida no orfanato. Como Charles, estava a achar a recruta tolerável e parecia imperturbável perante as críticas constantes que lhe eram lançadas.

Os homens passaram a maior parte da primeira licença, as trinta e seis horas por que todos ansiavam desesperadamente, na cama. Chegaram a casa física e mentalmente exaustos.

Depois de um jantar decente, tudo o que Charles queria era deitar-se na sua cama confortável, na tranquilidade do seu quarto em Summercourt, e ficar ali até ao momento de regressar.

Matt Shaw não fazia tenções de passar tempo na cama. Como partilhava o quarto com dois irmãos mais novos e o cão da família, não fazia muito sentido.

Apeou-se do comboio em Clapham Junction e percorreu Northcote Road, saboreando a liberdade de caminhar lentamente, de sorrir e conversar com os vários feirantes que o reconheceram.

Os Shaw residiam numa pequena casa geminada, numa rua a sul de Northcote Road; quando Matt abriu o portão, os dois irmãos mais novos lançaram-se nos seus braços. Ele ficou comovido.

– Tiveram saudades minhas?

– Podes crer. Não temos ninguém com quem falar – disse Derek, um rapaz de doze anos.

– E eu tive de ir levar o Scruff a passear sozinho – disse Alan, de nove anos.

– Azar. Ah, olha a mãe. Então, como está a minha rapariga predileta?

A mãe sorriu-lhe e deu-lhe um abraço.

– Olá, Matt. Tudo bem? Estás magrito, rapaz. E que é que te fizeram ao cabelo, Deus do céu? Está um susto.

– Ele cresce, mãe. Acontecem coisas piores, acredita. Estás com bom ar. Gosto do teu cabelo.

– Reparaste! Olha que o teu pai não deu por nada. O corte foi ideia da Scarlett.

– Muito bonito. Onde é que ela está?

– Em Roma.

O orgulho de Sandra em Scarlett e na nova carreira dela, como hospedeira de bordo, era quase insuportável.

– Continua a gostar?

– Adora. Imagina que te mandam para o estrangeiro, Matt, metade da família fora de

casa. Que ideia! Anda sentar-te, meu amor. Queres comer alguma coisa? Que tal uma sanduíche de bacon?

– Ah, isso é que é falar. A comida da tropa é um nojo.

Era estupenda, a mãe dele. Não era como as outras das redondezas; não tinha o ar acabado da maioria. Com quarenta anos, Sandra Shaw ainda era bela, muito bela; morena, muito magra, com grandes olhos castanhos. Tivera uma vida dura; vira-se obrigada a trabalhar como mulher a dias para completar o que Peter Shaw trazia para casa do seu emprego na construção civil para prover às necessidades da numerosa família, mas sempre afirmara alegremente que, como a tirava de casa e das suas próprias lides domésticas, no fundo não se importava. Sandra era uma otimista nata.

Embora nunca tivesse tido dinheiro para gastar em roupa, aparentava o contrário. Sabia costurar e confeccionava blusas e vestidos com tecidos que comprava na feira, e estudava atentamente as páginas de moda da Woman e da Woman's Own todas as semanas.

Hoje estava com umas calças pretas justas e uma camisola preta, ao estilo Audrey Hepburn. Também se maquilhava como Audrey, com um grosso traço preto nos olhos, tinha sobrancelhas espessas e agora cortara o cabelo à maria-rapaz como Leslie Caron e m Gigi. Era muito influenciada pelo cinema: Scarlett recebera o nome em honra de Scarlett O'Hara. Sarah lera E Tudo o Vento Levou quando estava grávida e ficara profundamente afetada, e só a determinação de Peter Shaw a impedira de pôr ao primeiro filho o nome de Rhett.

Matt sentia-se extremamente grato para com o pai.



Scarlett chegou a casa pouco depois das seis, afogando Matt em abraços e beijos.

– Oh, é maravilhoso ver-te. A mãe tem andado muito preocupada por tua causa, pensou que não ias sobreviver.

– Estou fino – disse Matt. – Também gosto muito de te ver, Scarlett.

Eram muito chegados. Só havia dezassete meses de diferença entre eles e tinham praticamente crescido como se fossem gémeos. Scarlett tinha o mesmo cabelo espesso e escuro de Matt, os mesmos grandes olhos escuros, realçados por pestanas absurdamente longas, o mesmo nariz direito, o mesmo maxilar perfeito e anguloso. Exsudava vitalidade, tal como Matt, e herdara o talento da mãe para se vestir. Sempre atraía as atenções, onde quer que fosse, e ainda mais agora, com a sofisticação que lhe emprestava a sua nova carreira.

Matt tinha um orgulho desmedido dela e da sua carreira, era um salto enorme para uma rapariga de Clapham, ex-aluna de uma escola secundária inclusiva. A profissão de hospedeira de bordo era uma das melhores a que uma jovem podia aspirar. Tão boa

como secretária particular, mas mais prestigiada. O uniforme, as viagens pelo estrangeiro, os pilotos elegantes.

Ela lançara-se, porém, de alma e coração na sua candidatura, fizera um curso de Francês na Linguaphone, ao saber que uma segunda língua constituía uma enorme vantagem, e tinha um talento nato para levar as pessoas a acreditar no que dizia, o que funcionara a seu favor na entrevista inicial.

Matt dissera que achava que era preciso ser chique para ser hospedeira de bordo, mas Scarlett rira-se.

– Matt! Eu consigo ser chique. Se tentar. Sabes bem.

Era absolutamente verdade; Scarlett possuía inteligência e talento suficientes para subir na escala social.

– Então, que vamos fazer esta noite? – perguntou ela agora. – Pensei que podíamos ir ao Lyceum, se estiveres para aí virado.

– Boa ideia.

Passaram bons momentos no Lyceum; Scarlett convidou a amiga, Josie, assim como Malcolm, o namorado intermitente dela, convocado quando precisava dele e novamente largado quando deixava de precisar.

Josie gostava de Matt, aliás, tinha uma paixoneta por ele, e era divertida. Matt passou a noite a dançar, aturdido, não apenas com Josie, mas também com várias outras raparigas.

A dado momento, sentiu-se enjoado e tonto e foi para a rua; Josie seguiu-o, sentou-se nos degraus com ele e passou-lhe o braço pelos ombros.

– Pobre soldado – disse. – Eu sei como aquilo é, a instrução, o meu irmão fê-la o ano passado. Deves estar estafado.

– Não – disse Matt firmemente. – Estou bem. Obrigado.

– Ainda bem.

Ela puxou a cara dele para si e enfiou-lhe a língua na boca; foi uma surpresa agradável. Deram uns passos cambaleantes pela rua, descobrindo uma viela onde ele a beijou intensamente e lhe meteu a mão por baixo da camisola, apalpando-lhe os seios. Josie pareceu agradada. Bolas, Matt tinha-se esquecido desta sensação, da sensação de tocar num seio. Não tinha tido sequer energia para pensar nisso nas últimas semanas. Ao fim de algum tempo, passou para as nádegas dela e sentiu-a comprimir as ancas contra as dele; meteu a mão a medo debaixo da saia, começando a apalpá-la até chegar às cuecas. Mas esse era território proibido e ela tirou-lhe imediatamente a mão.

– Não, Matt – disse, subitamente séria.

Ele não se importou e voltou a apalpar-lhe os seios. Conhecia as regras. Afinal, não se saíra mal de todo, pensou. Mais tarde, a caminho de casa no metro, ela pousou a cabeça no seu ombro.

– Gostei muito – disse, ensonada. – Tenho um fraquinho por soldados.

Matt sorriu-lhe.

– Repetimos quando vier outra vez de licença?

– Sim. Que te parece?



Quando voltaram para o quartel, sentiam-se veteranos.

– Já sabes do desgraçado do Feliz? – perguntou Charles assim que o viu. – Vai ser transferido para o «Campo da Engorda».

Feliz era a alcunha que tinham posto ao pequeno Walton, em parte por causa do seu tamanho – «Podias representar um dos anões», dissera uma manhã Nobby Tucker, um indivíduo do Nordeste de Inglaterra com quem tinham feito amizade – e em parte por causa da sua boa disposição.

– O quê?

– Pois. Dizem que precisa de ganhar corpo. A recruta dele é capaz de ser adiada. Pobre tipo.

O adiamento da recruta era o pesadelo supremo; implicava ser despachado para uma nova unidade, o que por sua vez significava perder os amigos e uma sensação terrível de voltar à estaca zero.

O «Campo da Engorda» ficava na Planície de Salisbury, nas proximidades de Aldershot; os homens que eram particularmente magros e de constituição fraca eram despachados para um tratamento de engorda.

– Mas ele é forte como um touro – disse Matt.

– Eu sei. Diz-lhes isso a eles.

– Coitado do rapaz.

Os soldados estavam agora a ser levados para o CSU (Comité de Seleção de Unidade). Era o primeiro rastreio com vista à identificação de PCO (Potenciais Candidatos a Oficiais); qualquer um que tivesse frequentado uma escola privada e umas quantas exceções que demonstrassem as qualidades de liderança necessárias eram convocados, e os que fossem aprovados seriam transferidos para o comité de Seleção do Ministério da Defesa, afetuosamente conhecido como «Wosby», em Andover.

Charles foi convocado, juntamente com o outro ex-aluno de uma escola privada da caserna; Matt também foi e mais dois soldados. Matt ia determinado, como afirmou, em «cegá-los com o meu potencial fodido». Sentia-se bastante confiante; se havia alguém que tinha o dom da palavra, na sua opinião, era ele.

O procedimento do CSU consistia unicamente numa entrevista com o comandante. Matt fracassou. O único rapaz que passou e não era de uma escola privada era ex-aluno de uma grammar school³, e falava o que era conhecido como o inglês da BBC. Matt ficou

muito transtornado e furioso; Charles procurou consolá-lo.

– Se calhar não lhes agradou a tua carranca. Não quer dizer nada, acredita.

– Quer, pois – disse Matt amargamente. – Por que outra razão é que esse parvalhão do Johnson havia de passar?

– Bem – Charles hesitou –, suponho que não foi uma questão de sorte.

– Porra! Foi porque andou numa grammar school. Tinha o paleio todo.

– Bom, Matt, tenho a certeza...

– Não. E sabes uma coisa? Eu também podia ter andado numa grammar school. Recebi uma bolsa. Mas os meus pais não tinham dinheiro para o uniforme. A minha mãe ficou inconsolável. Até os ouvi falar em pedir o dinheiro emprestado. Achei isso inaceitável e disse-lhes que não queria ir, que queria ir para a escola secundária com os meus amigos. Era mentira, claro. E, se tivesse ido, estava agora a caminho do meu «Wosby» como tu. Não é justo, porra, não é justo.

– Pois não – disse Charles, surpreendido com a sua própria indignação com o tratamento dado a Matt.

Duas semanas mais tarde, Charles foi transferido para fazer o seu «Wosby». Acompanhou-o Nigel Manners, que andara em Eton com ele; na última noite, apanharam uma bebedeira na messe.

Manners disse que se recordava de Charles ter uma «irmã muito bonita» e Charles disse que realmente tinha. – Gosto muito dela. Teve imenso sucesso na Season.

– Isso é bom para ela. Isto é uma aventura incrível, não é?

– É. Tens-te dado bem com a instrução?

– Oh... sabes como é. Mais ou menos. É melhor do que a escola.

Ambos se riram.

– São fixes os tipos na tua unidade? – perguntou Manners.

– Alguns são. Há um gajo muito inteligente. Devia estar aqui connosco.

– E porque é que não está?

– Porque não andou na escola certa – disse Charles. – E havia de dar um oficial excelente. Às vezes, acho toda esta história de uma injustiça atroz.

Manners fitou-o.

– Credo, não és um esquerdistas, pois não?

– Não – respondeu Charles pausadamente –, mas o contacto com o Shaw fez-me abrir os olhos para certas coisas. Ele é mesmo um tipo às direitas.

– Percebo, não é muito fácil, pois não? Digo eu, apresentava-lo à tua irmã, por exemplo?

– O quê... socialmente? – perguntou Charles. – Não, acho que não ia tão longe.

1959

– Matt, apresento-te a minha irmã, Eliza. Eliza, este é o Matt Shaw, companheiro de armas.

– Jesus! Que tom militar! Como está, Mr. Shaw?

– Bem, obrigado – respondeu Matt, pegando-lhe na mão estendida. Ficou parado a olhar para ela, experimentando uma estranha sensação de desorientação sem saber muito bem porquê. Era alta, a irmã de Charles, com cabelo escuro, preso num rabo de cavalo, e grandes olhos azuis; vestia calças pretas justas e um casaco aos quadrados pretos e brancos que se abria, revelando uma camisola preta, bastante colada aos seios extremamente atrativos.

– Espero que não estejam de partida para algum campo de batalha – comentou ela, retirando a mão; ele apercebeu-se de que tinha ficado agarrado a ela demasiado tempo e sentiu-se um idiota. – Não, ainda não – disse Charles. – Temos três dias de descanso; mas eu e o Matt viemos juntos de Warley e pensei que talvez pudesses deixá-lo em casa. Disse-lhe que me vinhas esperar.

– Claro que deixo. Onde...

– A sério, não é necessário – disse Matt, recompondo-se, subitamente desesperado por se separar deles. – Posso apanhar o autocarro, não custa nada...

– Nós levamo-lo – disse Eliza, dando o braço a Charles e esticando-se para lhe dar um beijo. – Vou mostrar ao Charles o meu novo apartamento, por isso não há problema. Onde mora, Mr. Shaw?

– Matt, por favor. Bem, moro em Clapham, não fica muito perto do seu apartamento, acho que o Chas disse que era em Kensington...

– Chas! É assim que o trata? Agrada-me! – disse Eliza e Matt sentiu-se tratado com modos ligeiramente superiores. – Não, sinceramente, não me importo nada de ir até Clapham, até o levava à Escócia, se quisesse, tenho um carro novo divinal, um Fiat 500, até me custa deixá-lo.

– Onde é que arranjaste o dinheiro para o comprar? – perguntou Charles.

– Foi um presente da minha madrinha. Já sabes como ela adora estragar-me de mimos...

– Quem me dera que a minha madrinha adorasse estragar-me de mimos – observou Charles. – De que cor é? Então, Matt, não fiques nervoso, ela não conduz assim tão mal...

Como se fosse esse o motivo do seu nervosismo, pensou Matt.

O Fiat estava estacionado logo abaixo da estação de Waterloo, no Cut; era azul-escuro.

– Lá está ele – disse Eliza –, o amor da minha vida. Que é que achas, Charles?

– Acho que és uma sortuda – disse Charles. – Posso conduzi-lo?

– Não, não podes, podes sentar-te atrás. Matt, sente-se ao meu lado.

– Não, a sério, olhe... ali vem o meu autocarro. Passa mesmo à minha porta. Mas obrigado. Adeus, Chas, até breve. Adeus, Eliza, prazer em conhecê-la.

E correu para o autocarro que já estava a arrancar, agarrou-se ao corrimão, saltou e subiu ao segundo andar, para poder ver o Fiat a ziguezaguear hesitante no sentido contrário. Já se sentia muito melhor.

Ainda não se refizera completamente da raiva por não ter conseguido uma comissão; e sentia-se deprimido com a ideia da partida de Charles do quartel de Warley. Ele tornara-se, Matt tinha consciência, num verdadeiro amigo e ia sentir a falta dele. Os três dias de licença assinalavam a sua separação definitiva. Charles estava de partida para Mons e os quatro, com o pequeno e rijo Walton e Nobby Clark, o nordestino, tinham apanhado uma valente bebedeira na véspera e jurado manter-se em contacto. Pois, estava-se mesmo a ver, pensou Matt, os três rapazes da classe trabalhadora e Chas, o Queque.

Os outros paspalhões de escolas privadas eram isso mesmo, uns paspalhões: – Burros como portas – comentou ele a Nobby uma noite, quando estavam a engraxar as botas. – Aposto que os metíamos num chinelo, Nobs, eu e tu, se tivéssemos hipótese.

– Talvez – disse Nobby –, mas quem nos dá essa hipótese? Não nos estou a ver a sermos bem recebidos na Bolsa de Valores, que é para aonde o Chas vai.

– Talvez não – disse Matt. – O busílis é arranjar um trabalho onde possamos sobressair, percebes? Não tenciono ir para a construção civil como o meu pai, quero um bom tacho, num escritório, a uma secretária.

– Pois, quando as galinhas tiverem dentes – disse Nobby.

Matt sabia perfeitamente o que queria, embora não estivesse certo de como o conseguir. Antes de ir para a tropa, trabalhara como moço de recados numa grande seguradora durante seis meses. O seu faro tinha-lhe indicado o caminho do dinheiro: o setor imobiliário.

Estavam a ser construídos por toda a cidade de Londres grandes edifícios: a companhia onde trabalhava era a seguradora de alguns dos mais pequenos; Matt lia sempre muito atentamente os memorandos que entregava de gabinete em gabinete, compreendendo que podia aprender muito com eles, e uma jovem que trabalhava na secção de datilografia e tinha um fraquinho por ele prestava-lhe – com a maior das inocências – informações sobre os números que batia à máquina o dia inteiro, durante uma noite no cinema ou num café. Não se apercebia exatamente do que estava a fazer; achava simplesmente comovente o interesse de Matt pelo seu trabalho.

Não passava de bagatelas, uns milhares aqui e ali, mas Matt não tinha dificuldade nenhuma em perceber de que modo os milhares se multiplicavam até atingir o poder de milhões para os mandachuvas dentro dos grandes edifícios. E não era apenas o dinheiro; experimentava um genuíno entusiasmo ao deslocar-se para o trabalho todas as manhãs de autocarro – vendo os edifícios a crescer, vendo Londres a modernizar-se, como dizia,

olhando para os locais bombardeados que ainda marcavam a cidade e interrogando-se sobre o que em breve nasceria nesses lugares. Lera no Daily Mirror que o dinheiro gasto com novas construções quase duplicara nos últimos dez anos. Parecia perfeitamente claro a Matt que era esta a indústria do futuro.

Decidira que, quando saísse da tropa, arranjaría um emprego numa das agências imobiliárias que se multiplicavam diariamente; podia desde logo ganhar pelo menos oito libras por semana. O céu em direção ao qual as grandes torres se elevavam podia ser literalmente o limite. E Matt reclamaria uma parte dele.

Pelo menos, era esse o seu sonho.



– Então... há novidades? – perguntou Charles enquanto conduziam para Kensington. – Já arranjaste emprego?

– Não exatamente – disse Eliza. – Isto é, tenho um, mas não é o que quero, sou uma mera secretária.

– Então, que queres fazer concretamente?

– Bem, gostava de entrar no mundo da moda, talvez trabalhar numa revista, mas ainda me falta muito para lá chegar.

– Ótimo. Não posso dizer que entenda, mas...

– É muito simples. Quero uma carreira, não quero ser apenas a mulher de alguém. Não acho que casar com um homem rico seja a razão de ser da vida, mesmo que seja o que os pais esperam de mim.

– Eles estão com algumas dificuldades, não estão?

– Acho que sim. E a casa dá imensa despesa e preocupações, por mais encantadora que seja. A propósito, achei o teu Mr. Shaw um amor de pessoa. Incrivelmente atraente.

– Sim? Nunca reparei. Eliza, tem cuidado, quase que atropelaste aquele tipo da bicicleta. Vá, fala-me lá das tuas companheiras de apartamento. Alguém que eu conheça? E onde é que vamos esta noite? Estou em ponto de reбуçado para uma boa farra, podes crer.



Sarah respirou fundo; tinha de abordar o assunto, não podia adiar mais.

– Adrian?

Ele estava absorvido num artigo do Telegraph. Tomavam o pequeno-almoço ao ar livre.

– Interessante. São capazes de começar as obras no Túnel do Canal dentro de dois anos. Custa a crer. Será que é um bom investimento?

– Adrian, por favor não fales de investimentos. Neste momento, nem uma obrigação

com prémio podemos comprar. E além disso, se...

– Se quê, meu amor?

Por qualquer razão, ela calou-se. Preparava-se para dizer algo de imperdoável, que os investimentos de Adrian só lhes tinham trazido prejuízos.

– Se tivéssemos dinheiro, tínhamos de gastá-lo em Summercourt.

– Em quê exatamente? Na minha opinião, a casa está muito bem.

– Não está nada bem, Adrian. Precisa de pintura, a casa toda, por fora, todas as portas e janelas, e isso custa pelo menos quinhentas libras. E há humidade nas cornijas de alguns dos quartos do andar de cima, está a entrar imensa água. Precisamos realmente de um telhado novo, sabes? Mr. Travers avisou-nos disso da última vez que substituiu as telhas, disse que não podia andar a remendar as coisas indefinidamente.

– Ora, querida, pensa no dinheiro que ele ia ganhar se substituísse o telhado de Summercourt. Claro que não vai dizer outra coisa.

Sarah respirou fundo.

– Não estou de acordo, Adrian. Ele é um empreiteiro honesto, um profissional competente e eu confio em tudo o que ele diz. E, olhando para os tetos, vê-se que chegou a altura.

– Mas, meu anjo, não temos dinheiro.

– Pois, mas tínhamos se...

– Se quê?

– Se vendêssemos mais terrenos.

Pronto. Estava dito.

– Isso nem me passa sequer pela cabeça – retorquiu ele. – Sempre concordámos em conservar o mínimo absolutamente necessário para garantir a segurança da propriedade e não correremos o risco de alguém vir para aqui destruí-la.

– Precisamos do dinheiro, Adrian, não podemos prescindir dele. Bastam uns quantos hectares.

Nesse momento, a situação pareceu-lhe terrivelmente desesperada e ela ficou horrorizada ao dar por si à beira das lágrimas. Adrian aproximou-se dela e abraçou-a. – Vá, não chores. Já sabes que não suporto ver-te transtornada. Vai correr tudo bem, querida. Olha, deixa o assunto comigo, eu arranjo alguém que nos ajude.

– Mas, Adrian...

– Eu falo com o Bert Chapman, a ver o que ele diz. Ele é bastante mais realista do que o Travers nestas coisas.

Bert Chapman era o que o pai dela teria chamado um vigarista. Fazia tudo às três pancadas, aldrabava nos materiais e empregava gente que não fazia a mínima ideia do que fazia.

Ela abriu a boca para dizer isto mesmo, mas Adrian já estava a entrar na fase seguinte

da conversa, que era horrivelmente previsível.

– Oh, Sarah – disse, pondo de súbito uma expressão infinitamente triste –, sinto muito, querida. Não te tenho ajudado muito nalgumas questões, pois não? Nunca contribuí muito financeiramente.

– Não sejas parvo.

Naturalmente, ela sabia, quando se apaixonou por Adrian, que ele não tinha dinheiro e apenas ocupava um modesto cargo na City, de que desistira quando fez cinquenta anos porque achava extenuante a viagem diária; e um amigo oferecera-lhe sociedade na sua empresa, que vendia armas e canas de pesca por correspondência. Mas este negócio falira e Adrian perdera o seu investimento. Tinha uma pequena pensão, claro. Mas era extraordinariamente extravagante, gastava rios de dinheiro em caçadas, vinho, roupas...

– Não sou parvo nenhum. Sinto-me mal por isso. E detesto ver-te tão preocupada.

– Pois, mas infelizmente é inevitável.

– Por vezes – disse ele subitamente –, acho que o teu pai tinha razão. Nunca te devias ter casado comigo. Terias tido uma vida muito melhor com o Johnny Robertson, quantos milhões é que ele vale agora?

– Não faço ideia.

– Fazes, pois – disse ele, com uma expressão muito triste nos olhos. – Oh, Sarah, a tua decepção não me surpreende nada.

– Não estou dececionada – apressou-se a dizer.

– Mas tivémos o Charles. Não tiveste grande alternativa, pois não?

– Nunca quis nenhuma alternativa. – E era verdade, apesar do desgosto da mãe e da fúria do pai quando anunciou que estava grávida. Desejara casar-se com Adrian. Insistira em casar-se com ele.

Aproximou-se e beijou-o.

– Tenho sido muito feliz – declarou –, como sabes, temos sido os dois. Temos tido uma boa vida.

– Espero bem que sim. Pelo menos eu tenho tido. – Voltou a pegar no jornal, sentindo que o assunto estava resolvido. – Mas adiante, no princípio da próxima semana, vou pedir a Mr. Chapman que cá venha. Não te preocupes.

Ela preocupava-se, claro, mas em silêncio. Estas discussões não faziam mais do que agravar as coisas.

Ao entrar em casa, o telefone tocou.

– Mãe?

– Olá, querida. Como estás?

– Estou ótima. Tenho uma notícia maravilhosa.

Estará noiva, pensou Sarah, o coração saltando-lhe no peito. Desse simpático Barrett, talvez. Resolveria uma série de problemas, ele era muito rico, muito... muito conveniente

sob todos os aspetos. – Conta lá.

– Consegui um emprego incrível, fabuloso. É a concretização de um sonho, na área da moda, e não são apenas tarefas de secretariado... oh, mãe, estou tão feliz...

Involuntariamente, Sarah sentiu-se exultante ao ouvir. Parecia de facto maravilhoso. E Eliza só tinha dezoito anos, ainda era demasiado nova para pensar em se casar...



– Olhem! Não é lindo?

Olharam obedientemente para a safira quadrada, rodeada de pequenos diamantes, cintilando no lugar designado, o dedo anelar esquerdo.

– Oh, é fabuloso.

– É um encanto.

– Que emocionante. Parabéns!

– Fantástico!

– Obrigada. Estou felicíssima! Não sei como vou chegar ao fim do dia. Felizmente, é sexta-feira, logo à noite vamos para o campo, discutir os planos com os meus pais.

– Bem... – Eliza não queria quebrar o círculo mágico de rostos sorridentes e rosados que contemplavam o anel de Susannah Godley, na cozinha do apartamento que dividiam, mas... – Já estou atrasada. Desculpa, Susannah, mais uma vez parabéns. Deixa-me dar-te um beijinho.

– Obrigada, Eliza. Obrigadíssima. Trabalha duro! Como se não trabalhasse – acrescentou às outras raparigas, quando a porta se fechou atrás de Eliza. – Aquele emprego é tudo para ela. Enfim, quando se casar, terá de desistir dele, digo eu, nenhum homem vai aceitar que a mulher trabalhe tantas horas.



Eliza correu para a rua, sentindo agora a já familiar combinação de irritação e tristeza que se seguia sempre ao anúncio do noivado de uma amiga. Irritação porque não compreendia o que as levava a sentirem-se tão entusiasmadas, considerando que era a razão de ser das suas vidas – para ela seria antes o fim – e tristeza porque, por mais que dissesse a si mesma que estava certa e elas erradas, começava a sentir-se um pouco marginalizada. Toda a gente, absolutamente toda a gente, estava a casar-se, até a princesa Margaret – com um fotógrafo chamado Antony Armstrong-Jones. Ou seja, toda a gente menos ela. Não era que tivesse essa aspiração, pelo menos para já: estava muito mais interessada na sua carreira, mas começava a instalar-se uma sensação de solidão, que se intensificava sempre que uma amiga ficava noiva.

Fosse como fosse, pelo menos já não era virgem; tratara do assunto, de um modo bastante insatisfatório, mas com enorme alívio, alguns meses antes, numa festa na

província. Ele era irmão de uma velha amiga, estavam os dois bastante inebriados e ela tinha... enfim, tinha visto uma oportunidade de ouro.

O alívio misturara-se com a desilusão de não ter sido mais agradável; como podia tal coisa, que fora acima de tudo desconfortável, ter alguma coisa em comum com o êxtase que Lady Chatterley claramente experimentara com Mellors – o livro acabara de ser lançado livremente no mercado e estava a ser lido por todas as jovens de Inglaterra. Disse a si mesma que tudo exigia prática, presumiu que com o tempo se tornaria melhor e que, quando encontrasse a pessoa certa, seria.

Sentia, naturalmente, uma culpa considerável por ainda não poder dar à mãe o prazer – e a satisfação e alívio – de vê-la noiva de um homem rico e conveniente. Tinha perfeita consciência do investimento feito na sua Season e de que o objetivo do ritual – e era de facto um ritual – fora preparar-lhe o caminho para o altar, tal como acontecia com todas as jovens da sua idade.

Mas encontrara algo muito mais importante, o emprego com que sonhara, no departamento de publicidade da Woolfe's, uma loja de alta-costura, de média dimensão, em Knightsbridge. Eliza entrara para a Woolfe's como secretária, mas fora recentemente promovida a assistente de publicidade, o que a enchera de orgulho. Adorava o trabalho, que consistia principalmente em viajar por Londres de táxi, a entregar roupa que os jornalistas de moda haviam solicitado para sessões fotográficas; por vezes, era autorizada a mostrar pessoalmente roupas aos jornalistas subalternos e até a sugerir que determinado chapéu ou carteira combinava na perfeição com o vestido que a revista ia apresentar. Naturalmente, o contacto próximo com as verdadeiras rainhas da profissão estava-lhe vedado, com Audrey Withers da Vogue, Ernestine Carter do Sunday Times, Beatrix Miller da Queen, mas por vezes tinha a oportunidade de se sentar discretamente num canto a ouvir a chefe, Lindy Freeman, a conversar com elas. Lindy tinha ideias brilhantes; o uso de modelos vivos nas montras da Woolfe's para lançar a coleção do outono passado fora até agora a mais fantástica. Ela era uma chefe intransigente e obrigava com frequência Eliza a trabalhar até às nove ou dez horas da noite, e a ira com que reagia aos erros era aterradora, mas também era extremamente generosa, não se poupando a elogios e atribuindo mérito a quem de direito. Eliza nunca se refizera da estonteante emoção de ouvir Lindy dizer a Clare Rendlesham – a petrificante Lady Rendlesham da «Ideia Jovem» da Vogue – que a ideia de combinar várias écharpes de seda multicores com um simples vestido tubo preto fora da «minha assistente Eliza».



– Querida – disse Lindy, quando chegou ao escritório –, quero que leves estes casacos à Audrey Slaughter. Não sei se são suficientemente jovens para o que ela quer, mas vale a pena tentar. E, no regresso, dá um salto à Ruban e compra alguns metros de fita:

branca, azul-clara e amarelo-limão. Tenho uma ideia para um anúncio; entretecê-las no cabelo de uma modelo. Pode ser interessante para a nossa campanha de noivas.

– É uma ótima ideia – disse Eliza. Adorava ir à Ruban de Paris, perto de Hanover Square, com as suas filas intermináveis de prateleiras cheias de fitas e botões.

Audrey Slaughter, uma jovem editora, acabara de lançar a Honey, a primeira revista dedicada a esse novo status social, a adolescência, e estava a tentar persuadir os grandes armazéns a abrir boutiques Honey nos seus departamentos de moda, vendendo o género de roupas modernas e jovens que as adolescentes queriam comprar, em vez de réplicas das roupas das mães. Gostou dos casacos, mas disse que não podia usá-los, pois a linha era um tanto adulta de mais e eram muito caros.

– Mas é pena, o corte é muito bonito. Nunca vi nada tão elegante em nenhum lado.

Eliza repetiu este comentário a Lindy, que suspirou.

– É um problema para nós. A Vogue e a Queen apresentam por vezes moda jovem, claro, mas a maior parte da nossa roupa jovem é rejeitada por ser demasiado cara. É uma pena.

– Mas os clientes compram-na – observou Eliza. – É com certeza o mais importante.

– Não tanto como me agradaria. Ainda são mais as mães do que as filhas que se identificam com a Woolfe's. E não estou em posição de fazer a campanha de marketing necessária para alterar essa percepção.

– Não podia fazer roupa mais jovem que seja um pouco mais barata? – sugeriu Eliza, acrescentando: – Peço desculpa, é um sacrilégio, já sei, a Woolfe's não tem nada a ver com roupas baratas, claro.

– Bem... talvez não seja tão sacrilégio como isso – disse Lindy. – Aliás, não é sacrilégio nenhum. És capaz de me ter dado uma ideia, Eliza. Preciso de refletir sobre o assunto, mas entretanto passa-me essas fitas. Vou experimentar no teu cabelo.

– À vontade – disse Eliza, sentando-se numa excitação quase insuportável, enquanto Lindy lhe entretecia fitas amarelas no cabelo. Tinha dado uma ideia a Lindy! Pudesse o resto da sua vida ser tão entusiasmante como o trabalho!



– Ui, Jesus. Aí vem. Turbulência. Agora vão começar a vomitar. Oh, as delícias da vida de uma hospedeira de bordo. Scarlett, é a tua vez de recolher os sacos.

Scarlett não se importava. Adorava de tal modo o seu trabalho que até recolher e esvaziar sacos para vomitar era tolerável. Mesmo ao fim de dois anos, ainda o adorava.

Gostava do lado divertido, do glamour, do estatuto da profissão. Adorava atravessar o terminal com o uniforme vestido, o saia-casaco em pied-de-poule azul e branco, a camisa branca, o chapéu vistoso, sorrindo confiante, as pessoas a apontarem para ela e a olharem-na com admiração – qualquer um pensaria que eram elas que pilotavam os

aviões, recebendo os passageiros no cimo das escadas, conduzindo-os aos seus lugares, instalando-os, trocando galanteios inofensivos com os homens, cativando as mulheres, andando lentamente de um lado para o outro, sorrindo, verificando se os cintos de segurança estavam colocados. «Não é muito diferente do trabalho de manequim», tinha-lhes sido dito durante a formação. «Estão na mira de toda a gente, são vocês o rosto da companhia, têm de estar calmas, confiantes, com uma imagem impecável durante o tempo todo em todas as viagens.»

E era extremamente divertido. Os pilotos eram fantásticos, sofisticados, homens bem-parecidos, mais elegantes ainda com os seus uniformes. Os mais elegantes eram os ex-pilotos de caças, mais velhos e cheios de charme; as jovens hospedeiras não deviam confraternizar com a tripulação de ar, ficavam sempre em hotéis separados, «como se isso fizesse alguma diferença»», dizia Scarlett desdenhosamente.

Do mesmo modo, eram instruídas a pôr fim a todo o contacto com os passageiros assim que desembarcavam. De tempos a tempos, havia problemas com os homens, claro, que lhes beliscavam o rabo ou tentavam apalpar as pernas, e chegavam mesmo a receber convites para jantar de homens de negócios que viajavam sozinhos, mas um sorriso doce e um pedido de desculpas geralmente resolviam a questão, se bem que, de vez em quando, cedessem, atraídas pela promessa de um jantar no Hilton, em Roma, por exemplo.

Esta turbulência era forte. Os passageiros chamavam incessantemente pelas hospedeiras, chegavam ruídos desagradáveis de vários pontos do avião, alguém estava a tentar levantar-se para ir à casa de banho; as pessoas começavam a pedir para ir, mas não eram autorizadas, tinham de ficar nos seus lugares, por mais humilhantes que fossem as consequências. Era outra coisa que uma hospedeira de bordo se tornava: numa ama. Scarlett nem com isso se importava.

Voavam para Roma. Era um destino que lhe agradava, gostava da cidade e em particular dos homens nativos. Normalmente, o regresso era no mesmo dia, mas ela tinha alguns dias de licença e decidira passá-los lá. Estava envolvida com um piloto, que ajustara a sua rota para se encontrar com ela. Era mais do que uma aventura; era uma ligação extraconjugal. Ele era casado, mas, como se ia divorciar, ela não se sentia muito culpada.

Por vezes, Scarlett interrogava-se sobre o que pensariam os pais se soubessem no que se tornara. Uma vadia, era o que lhe chamariam. Uma pega. E seria injusto, porque nunca dormia com um homem se não sentisse afeição por ele; só se envolvia com um de cada vez e nunca ia para a cama com ninguém que fosse bem casado ou tivesse filhos. Claro que eram todos uns mentirosos e diziam que as mulheres não os compreendiam, mas ela investigava sempre e verificava as suas histórias. E, no fundo, não tivera assim tantas aventuras como isso. Três. Enfim, quatro, contando com o primeiro.

Muitas vezes olhava para a Scarlett do passado, a virgem que recebera uma educação rigorosa e que sabia que, assim que dormisse com um homem, perdia o respeito dele para sempre e nunca mais o veria. As colegas tinham-na instruído do contrário; as conversas em quartos de hotel até altas horas da noite eram tão impudicas como conversas de quartel. Tinham-lhe dito que estava a perder o melhor da vida e onde devia ir e como devia proceder para não engravidar; a perda de respeito continuava a preocupá-la, mas Diana dizia que isso era uma história de comadres – ou melhor, de mães.

– Talvez quando se é muito nova e não se conhece bem o tipo, mas, numa relação, caramba, não tem mal nenhum.

Scarlett, certa de que estava pela primeira vez verdadeiramente apaixonada por um inglês que conhecera em Paris, consultou a ginecologista, que era simpática e pragmática e a instruiu nos mistérios do diafragma, recambiando-a para o namorado com a sua bênção. Ele era, como ela veio a descobrir, casado; mas Scarlett desfrutou várias semanas de felicidade com ele antes de o saber e, em consequência, conheceu as delícias do sexo. Custava-lhe a crer que algo pudesse ser tão maravilhoso, tão avassalador, tão gloriosamente intenso – e tão conducente à autoestima.



– Então, querida, que tal vai o emprego? Continuas satisfeita?

– Oh, madrinha, adoro-o. E tenho uma notícia fantástica, fui promovida. A Woolfe's vai criar um novo departamento para jovens, chamado Nova Geração. E acham que precisa de uma pessoa jovem como relações públicas. Para falar com os jornalistas mais novos. E essa pessoa está à tua frente, madrinha.

– Minha querida, isso é estupendo. És muito inteligente. Parabéns. Que emocionante!

– Não é? Até me custa a crer. A Lindy... é a minha chefe... também é muito generosa. Diz que fui eu quem lhe deu a ideia e disse isso mesmo a Mr. Woolfe. E tem ideias incrivelmente inovadoras, apesar de ser bastante velha, pelo menos trinta e cinco anos, acho...

– Trinta e cinco anos! Credo, Eliza, e ainda consegue andar pelo seu próprio pé?

– Claro que sim – respondeu Eliza, não captando a ironia –, e também está na onda.

– Na onda? Que é que isso quer dizer, querida?

– Ah, bem, que é... sei lá, jovem e moderna. É um termo que se aplica ao que se quiser, carros, roupa, música...

– Vou tentar lembrar-me – disse Anna, sorrindo-lhe e erguendo o copo. – É uma das razões por que gosto de te ver, para me manter a par da juventude. Então parabéns. E a tua vida amorosa, alguma coisa de interessante por esse lado?

– Absolutamente nada – respondeu Eliza firmemente. – Sou uma mulher de carreira,

madrinha, e ambiciosa. O amor, o casamento, não entram por agora nos meus planos.

– É bom que a tua mãe não te oiça – disse Anna Marchant.



– Que vais fazer este fim de semana, Matt?

– Não sei muito bem.

Matt sorriu a Paul Dickens, um dos negociadores seus colegas... ou antes, negociador estagiário... na Agência Imobiliária Barlow and Stein.

– O nosso grupo vai até à costa no domingo. Há de ser porreiro. Parece que vai estar calor. Alinhas?

– Bem... – Matt queria ir, queria e muito. Mas prometera a Mr. Barlow que trabalharia no sábado e, se não terminasse o serviço, estava perfeitamente disposto a trabalhar também no domingo. Desejava ser promovido rapidamente.

O trabalho não era propriamente complexo; havia um monte de cartas para expedir para um número considerável de empresas na área, perguntando se estavam interessadas em expandir os seus escritórios e informando-as de que a Barlow and Stein dispunha de instalações de todos os tipos que poderia mostrar-lhes se pretendessem; seria uma economia de dinheiro se fossem entregues em mão.

A Barlow and Stein era uma pequena agência, sediada perto de Great Portland Street e especializada em imóveis comerciais. Os seus clientes eram as empresas em franca expansão que beneficiavam com o crescimento económico em todas as áreas da vida comercial. Londres era uma cidade de negócios e o seu coração comercial, a própria City, era o centro das finanças mundiais.

Matt sabia que estava no caminho do sucesso. Sabia igualmente que devia à tropa grande parte dos seus progressos. Decidira ingressar no Regimento de Engenharia e sabia que aquilo que aprendera lhe seria muito útil na sua vida futura como magnata imobiliário. As suas atividades haviam incluído a montagem de pontes pré-fabricadas e estudos de mecânica e construção de estradas; praticara todos os desportos disponíveis, além de confraternizar com as gentes locais, esforçando-se por não pensar no que o pai diria se soubesse que andava na marmelada (e pior) com alemães... e algumas das raparigas do Serviço Territorial Auxiliar eram muito... enfim, muito cordiais.

Deixara o serviço militar com o posto de cabo e, no mesmo dia em que fora desmobilizado, dirigira-se à Bolsa de Valores, arranjava um emprego temporário como estafeta e, algumas semanas mais tarde, vira um anúncio da Barlow and Stein.

– Pretendemos uma pessoa dinâmica – dissera Mr. Stein na entrevista. – Dinâmica e com bom senso. E com boas maneiras, escusado será dizer.

Matt disse que não lhe faltava dinamismo e bastante bom senso, e que esperava vir a mostrar a terceira qualidade.

– A minha mãe costumava puxar-me as orelhas quando eu era insolente.

– E fazia muito bem – retorquiu Mr. Barlow.

Matt conseguiu o emprego e sentiu-se imediatamente no seu elemento. Estava à vontade neste mundo; parecia compreender o seu mecanismo. Para onde quer que se olhasse, estavam a ser construídos novos edifícios e antigos a serem renovados.

Havia nomes importantes, claro: Jack Cotton, Charles Clore, Joe Levy e o herói pessoal e modelo de Matt, Harry Hyams, que aos trinta e nove anos já acumulara uma fortuna de vinte e sete milhões. Era o que Matt tencionava fazer, chegando até, quem sabe, aos trinta milhões. Não era um sonho nem sequer uma esperança, era o que planeava com uma certeza férrea, ia construir e comprar propriedades para albergar as milhares de novas empresas que estavam a nascer com o florescimento da economia.

– É um pouco como um encontro entre pessoas que não se conhecem – disse Mr. Stein quando estava a explicar o negócio a Matt. – Aí estão os dois, a mulher e o homem, o edifício e o seu ocupante, perfeitos um para o outro, sem saberem que o outro existe, desejosos de serem apresentados. É aí que nós entramos. Não precisas de ser um génio, Matthew, basta uma certa perspicácia. Hás de aprender depressa.

A perspicácia não era uma qualidade que Matt tivesse de aprender, corria-lhe no sangue. Ao fim de poucas semanas, já Mr. Stein lhe confiara o acompanhamento de clientes nas visitas aos imóveis.

Só muito mais tarde, compreendeu a sorte que tivera com Mr. Stein, a solidez da formação que recebera dele e a profundidade dos seus conselhos.

– Neste negócio, há duas coisas que contam, rapaz – disse ele, uma noite, diante de uma caneca de cerveja morna. – Uma é que tens de ser um cavalheiro. A tua palavra é sagrada. Não podes dizer a uma pessoa que tem um escritório e uma semana mais tarde dizer-lhe que não tem só porque apareceu alguém a oferecer mais. Este mundo é pequeno, Matthew, e as pessoas têm de confiar em ti. E tu tens de ser capaz de te dar bem com elas, conviver com gente de todo o tipo. É um negócio onde há muito falatório, sobretudo nos estratos mais elevados.

Houve, porém, um aspeto que Mr. Stein não mencionou, mas não era necessário, pois Matt conhecia a importância de trabalhar arduamente. Com pesar, decidiu que não podia acompanhar Paul Dickens até à costa.

Nessa sexta à noite, assim que o escritório fechou, dirigiu-se à City, considerando que seria melhor despachar esta área para poder estar no West End no sábado; entregara cerca de cinquenta cartas quando ouviu alguém chamar por ele.

– Matt! Aqui, Matt, sou eu, o Charles Clark.

Lá estava ele do outro lado de Lombard Street, a acenar-lhe. Matt pensou que nunca o teria reconhecido, parecia-se exatamente com os outros meninos de bem da zona, guarda-chuva enrolado, chapéu de coco, fato às risquinhas. Mas parecia genuinamente

satisfeito por ver Matt, sorrindo e fazendo-lhe sinal para atravessar.

– É porreiro ver-te, meu velho – disse Charles, dando-lhe uma palmada nos ombros. – Que andas a fazer por aqui? Tens tempo para uma imperial?

Matt disse que sim e seguiu-o para o King's Head em Lombard Street.



– Lembras-te do Matt Shaw? – perguntou Charles a Eliza no dia seguinte. – Fizemos a instrução militar juntos.

Estavam a tomar uma bebida no Markham, em King's Road: uma King's Road renovada, cheia de jovens bonitos, carros sofisticados e boutiques de roupa em lugar das antigas lojas alimentares, seguindo o exemplo da Mary Quant que, já em 1955, abrira a Bazaar, a primeira delas. Ninguém acreditaria que já existe há tanto tempo, dissera Lindy a Eliza. «Parece absolutamente nova, mas isso é mais uma prova do génio da Mary.»

– Sim, claro que me lembro do Matt Shaw – disse Eliza. – Tanto quanto recordo, era bastante apetitoso.

– Encontrei-o na City. Estava com um fato elegante, um pouco mais forte, o cabelo mais comprido. Gostei imenso de o ver. Trabalha numa agência imobiliária. No ramo comercial. Está a dar-se bem.

– É bom para ele.

– Andava a entregar cartas em mão e pareceu-me embaraçado com isso, é mesmo típico dele. Disse-lhe que se deixasse de palermices. É o género de tipo que anda sempre com uma pedra no sapato, mas gosto bastante dele. Pensámos que seria boa ideia localizar o resto da malta e organizar uma reunião.

– Sim... porque não fazem isso? – disse distraidamente. – Charles, falei com a mãe no último fim de semana. Ela está bastante preocupada. É necessário gastar muito dinheiro em Summercourt; não é só uma nova pintura e obras gerais, a casa também está a precisar de um telhado novo. Arranjaram-no há dois anos, mas agora está muito deteriorado. E eles não têm um tostão, a mãe está inclusivamente a pensar em vender uma parte do terreno.

– Não podem fazer isso! Seja como for, os administradores não deixam. Que é que diz o pai?

– Pouco, que eu saiba. Lendo nas entrelinhas, enterra firmemente a cabeça na areia. Recusa-se a admitir que exista um verdadeiro problema. Não vejo o que possamos fazer para ajudar, mas, pelo menos, temos de lhe dar algum apoio. Quando é que tencionas lá ir?

– Bem, podia dar lá um salto amanhã. Também podes vir?

– Por acaso, posso. Boa ideia, vamos até lá. Quanto mais não seja, vai animá-la. Anda mesmo consumida, nem consegue dormir.

– Pobre mãe. Vamos visitá-la e de certeza que arranjamós uma solução qualquer. E que tal o teu emprego? Conta-me tudo.



Nesse verão, Eliza sentia-se ainda com menos propensão para o casamento do que o habitual; os preparativos para a abertura no outono da Nova Geração da Woolfe's estavam a consumir todas as suas energias.

Jan Jacobson, o jovem e brilhante diretor de compras, contratado para trabalhar exclusivamente na Nova Geração, havia adquirido algumas roupas esplêndidas; estilistas relativamente reputados como John Bates (aka Jean Varon), Sally Tuffin e Marion Foale estariam em exposição ao lado de novos talentos. Ele descobrira Mark Derrick, que criava vestidos tubo aparentemente informes, mas que, no final, realçavam os corpos das raparigas: corpos cujas curvas perfeitas dos finais do anos cinquenta pareciam ter-se transformado da noite para o dia em formas arrapazadas com seios pequenos e redondos e troncos chatos desprovidos de ancas; e a própria Eliza descobrira Maddy Brown, que reinventara a camisola de lã que descia agora até acima do joelho.

Eliza gostava de Maddy, pois era divertida e tinha modos doces e brandos, que escondiam uma ambição tão determinada como a de Eliza. Era filha de pais da classe trabalhadora, ganhara uma bolsa para uma grammar school e mais tarde para uma escola de arte; era miudinha, com cabelo louro comprido e enormes olhos verdes, e ainda vivia em casa dos pais, usando o seu minúsculo quarto como atelier.

Com uma certa relutância, Jan concordara em falar com Maddy, apaixonou-se pelas roupas e convenceu Bernard Woolfe a apostar nela. Maddy e a sua colaboradora para as malhas, que também trabalhava em casa, arranjaram mais duas raparigas que satisfaziam os seus exigentes níveis; estavam agora as quatro instaladas na sala da frente da casa dos infelizes Brown.



Uma noite, nesse verão, Eliza e Charles foram com um grupo de amigos ao Brads, a mais recente das discotecas em voga. Pouco depois da meia-noite, Eliza, que se sentara, temporariamente exausta depois de uma enérgica bossa nova, ouviu alguém gritar por cima do ruído de fundo.

– Charles, meu velho! Prazer em ver-te. – Sorridente e acenando na direção deles, um tanto embriagado, surgiu o homem mais gloriosamente atraente que ela já vira.

– Jeremy! – disse Charles. – Junta-te a nós. Eliza, acho que não conheces o Jeremy. Jeremy Northcott. Estivemos juntos em Hong Kong. Jeremy, apresento-te a minha irmã Eliza.

– Olá – disse Eliza, sorrindo com uma ponta de frieza, enquanto absorvia este Adónis:

alto, louro, absurdamente bonito, o nariz aristocrático e o maxilar cinzelado escapando ao cliché graças a um sorriso ligeiramente torto, revelando naturalmente dentes perfeitos.

– Olá – disse Jeremy, sentando-se abruptamente ao lado dela. – Acho que nos encontrámos um par de vezes em Eton, no quatro de junho e assim. E também estive no Baile das Vadias no ano em que debutaste, mas não consegui dançar contigo, a concorrência era forte.

Eliza riu-se.

– Bem, talvez se retifique o problema noutra altura.

– Gostava muito.

Sorriu-lhe novamente; de facto era estonteantemente atraente.

– Então, que é que tens feito, malandro? – perguntou Charles. – Onde é que vives agora?

– Num apartamento que se pode dizer que herdei em Sloane Square – respondeu Jeremy.

– Felizardo. Uma herança dessas vinha-me mesmo a calhar.

– E tu, Charles, que tens feito? Ouvi dizer que trabalhas na City.

– Exato, numa firma de corretores. Não é mau. E tu?

– Trabalho em publicidade – disse Jeremy. – É divertido. Numa empresa chamada K. Parker Dutton, KPD abreviado. Não sei se ouviste falar.

– Eu ouvi – disse Eliza, sorrindo-lhe. – Pela descrição, parece um paraíso. É verdade que os vossos gabinetes estão equipados com sofás e frigoríficos?

– Absolutamente.

– Estás sozinho, Jeremy? – perguntou Charles. – Temos muito gosto que te juntes a nós.

– Não, desculpa lá, estou com um grupo de gente. Não me posso demorar.

– Temos de combinar um encontro – disse Charles. – Já foste ao Saddle Room?

– Já. Sou membro. Bela ideia. E tu, Eliza, que é que fazes? Trabalhas?

– Se trabalha – disse Charles. – Estás diante de uma autêntica mulher de carreira, Jeremy. A Eliza trabalha no ramo da moda.

– És modelo?

– Não – respondeu Eliza, sem saber se devia sentir-se lisonjeada por ele achar isso possível ou irritada por Jeremy pensar que ser modelo era uma carreira. – Não, trabalho na Woolfe's, um grande armazém em Knightsbridge. No departamento de Relações Públicas.

– Ah, conheço a Woolfe's. Uma ótima loja. Relações públicas? Sei muito bem o que isso quer dizer, levar os editores de moda a almoçar.

– Isso é uma parte ínfima do trabalho – disse Eliza –, mas sim, é uma das regalias. E

falar-lhes de tudo o que temos na loja na esperança de que escrevam algum artigo. E também certificar-me...

– Calma, Eliza – interrompeu Charles. – O Jeremy está aqui para se divertir e não para ouvir uma lição de relações públicas.

– Não, não – disse Jeremy –, isso é o meu forte. Bem, tenho de ir andando. Vamos almoçar em breve, Charles, toma o meu cartão, dá-me um toque. Eu organizo essa noite no Saddle Room. Prazer em conhecer-te, Eliza.

E, levantando o corpo consideravelmente alto do sofá, atravessou a sala.

– Parece um tipo muito simpático – comentou Eliza.

– Já sabia que ias gostar dele – disse Charles, num tom bastante complacente –, e é podre de rico. Se casasses com ele, os nossos problemas ficavam todos resolvidos. Incluindo Summercourt.

– Charles! – exclamou Eliza, atirando-lhe um maço de cigarros. – Eu disse que ele era simpático e não que queria casar-me com ele. Por favor, não digas esses disparates. Neste momento, não estou interessada em casar-me; só me interessa a minha carreira, entendido?

– Entendido – disse Charles.



– Scarlett, posso ir à frente na viagem de regresso?

– Está bem. Desde que o Brian concorde.

Brian era um dos comissários de bordo do voo; eram os comissários que decidiam que raparigas faziam a classe turística (Atrás, como diziam) e quais faziam a primeira classe (À Frente). Quanto mais snob uma rapariga fosse, mais probabilidades tinha de ser mandada para trás; eram as raparigas atraentes que ficavam com a primeira classe, um arranjo mais interessante, pois eram mais suscetíveis de agradecer aos comissários – os que não eram homossexuais pelo menos – dormindo com eles. Nunca passaria pela cabeça de uma jovem de classe dormir com os comissários. Era raro Scarlett ir à frente, porque também não lhe passaria pela cabeça dormir com eles; por sinal, alimentara a esperança de ir à frente nesta viagem de quase quatro horas de Viena, para ter mais descanso, mas Diana estava com um ar terrível.

– Porquê? Que é que se passa? – perguntou.

– Oh, estou menstruada, sinto-me péssima. À frente pelo menos posso sentar-me de vez em quando.

– Claro. Sinto muito. – Scarlett olhou para ela com compaixão. Diana tinha dores de menstruação terríveis e sofria de enjoos frequentes. – Vai deitar-te durante meia hora. O embarque está atrasado; eu faço-te um chá. Tens codeína?

– Acho que há no estojo de primeiros socorros. Obrigada, Scarlett.

Mas quando chegou o momento do embarque, Diana estava tonta e a vomitar; o comandante mandou-a para a enfermaria.

– Não podes viajar assim. Não és útil a ninguém. Não te preocupes, nós cá nos arranjam.

– Isto vai ser canja – disse Scarlett alegremente a Brian ao perceber que o avião não ia cheio.

– Não te convenças. Está prevista muita turbulência.

A turbulência demorou algum tempo a chegar; Scarlett começou a desejar que tivesse sido engano. Já assim tinha muito com que se ocupar; havia uma refeição complicada para servir, costeletão para desossar na coxa, e quase todos os passageiros queriam-na mal passada; uma criança extremamente impertinente insistia em passear-se pela coxa atrás dela e uma mulher americana, chamada Mrs. Berenson, estava tremendamente nervosa e agarrava-se a Scarlett sempre que ela passava, perguntando como estava a correr o voo, se esperavam turbulência, quando aterravam, se havia um médico a bordo.

– É que sofro de tensão arterial alta, posso precisar de um tranquilizante, se houver problemas. Ai, meu Deus, que foi isto?

O avião descera ligeiramente; abanou um pouco e logo estabilizou.

A voz do comandante surgiu no intercomunicador.

– Senhoras e senhores, prevemos alguma turbulência dentro de instantes. Por favor retomem os vossos lugares e apertem os cintos de segurança.

– Oh, meu Deus – queixou-se Mrs. Berenson. – Oh, meu Deus, que hei de fazer?

– Nada – disse Scarlett brandamente –, aperte o cinto de segurança e sente-se calmamente. Não há qualquer perigo.

Ficou junto dela durante uns segundos e depois percorreu a coxa, tranquilizando, sorrindo, apertando cintos. Sentiu o avião começar a abanar.

A criança continuava a correr atrás dela, às risadinhas. – Peço desculpa – disse Scarlett, o mais educadamente possível, à mãe –, mas tenho de lhe pedir que sente a menina no lugar com o cinto apertado.

– Mas ela está a divertir-se tanto – disse a mulher.

– Não se há de divertir nada se for atirada pelo ar – retorquiu Scarlett friamente. – Por favor, faça o que lhe estou a pedir, é importante.

Mrs. Berenson soltou um gemido; Scarlett correu para ela.

– Não há razão para se preocupar. Mrs. Berenson. Acredite. Não lhe acontece nada. Tome, beba um pouco de água.

O avião voltou a abanar ligeiramente e Mrs. Berenson gemeu novamente. Este tipo de pânico era contagioso; mais passageiros começaram a olhar para ela com nervosismo.

– Eu faço-lhe companhia – disse Scarlett em voz baixa a Brian, que estava atrás dela –, caso contrário põem-se todos aos berros.

– Força, querida. Antes tu do que eu. Ela está da cor de uma mesa de bilhar.

Scarlett instalou-se no lugar vago junto à janela.

– Vá – disse ela –, dê-me a mão. Não lhe vai acontecer nada.

– Não acredito – disse Mrs. Berenson. Falou agora num tom de voz mais débil, batendo os dentes. Tinha um bonito sotaque sulista e era uma mulher muito bela; cabelo louro num tom de mel e uma pele perfeita, clara, ligeiramente sardenta e uns olhos verdes magníficos. Não era de maneira alguma jovem, provavelmente sessentona, mas era magra e estava vestida com bom gosto, com uma blusa de seda creme e uma saia castanho-clara. – Vamos cair, não vamos?

– Não, não vamos nada. O comandante diz que está tudo bem, não passa de mau tempo. Acredite, dentro de dez minutos passa. Respire fundo, isso mesmo. Diga-me lá de onde é, o que a traz a Inglaterra, gosto imenso de conhecer melhor os passageiros e é raro ter essa oportunidade. Tem família aqui?

Agarrada à mão de Scarlett, Mrs. Berenson começou a falar, acalmando-se e dizendo-lhe onde vivia (Charleston, Carolina do Sul), para onde ia (Londres, para visitar uma tia idosa), por que razão estivera em Viena (para passar um tempo com uma amiga e assistir a uma ópera chamada Flauta Mágica), que tinha três filhos, todos eles extremamente atraentes, explicou. Qual era a mãe que não dizia isso dos filhos, pensou Scarlett, sorrindo-lhe.

A turbulência acabou com a mesma rapidez com que começara e o avião estabilizou completamente. Scarlett desapertou o cinto.

– Gostava muito de saber mais, Mrs. Berenson, mas agora tenho muito que fazer. Dá-me licença?

– Com certeza. Foi muito amável. Obrigada.

– Foi um prazer.

Aterraram em Londres duas horas mais tarde; foi uma aterragem suave e todos os passageiros se levantaram, tagarelando, o trauma completamente esquecido. Scarlett posicionou-se no cimo das escadas, sorrindo com delicadeza a todos e aceitou os agradecimentos de Mrs. Berenson e uma promessa de a procurar no futuro, assim como um beijo da criança impertinente.



A Nova Geração estava aberta há já um ano e era considerada um enorme sucesso por todas as pessoas influentes. A imprensa assim dizia, cumulando-a de críticas positivas desde o primeiro dia – o Evening Standard descrevera da seguinte forma a festa de inauguração: «uma explosão de cor, música e estilo» – e continuando a dar-lhe relevo com bastante frequência, e a afluência dos clientes indicava que eram da mesma opinião.

Todas as pessoas importantes no mundo da moda tinham estado presentes na festa:

Anne Trehearn da Queen, Ernestine Carter do Sunday Times, Felicity Green do Mirror e Shirley Conran, criadora da nova secção «Femail» do Daily Mail; o fotógrafo de moda, David Bailey, jovem talento em ascensão, com os amigos Terence Donovan e Norman Eales, assim como a parte mais institucional, como John French e Henry Clarke; e as modelos Jean Shrimpton, Pagan Grigg, Grace Coddington e a rapariga com quem qualquer homem sonhava, a loura de olhos azuis Celia Hammond.

E tinham estado igualmente presentes os estilistas – quem teria imaginado que Mary Quant apareceria, para não falar de John Bates, Jean Muir e os novos nomes como Maddy Brown que (citando novamente o Standard) «fizera o impossível, tornando as malhas sexy».

Eliza tinha pensado que seria difícil encarar a calma depois da excitação do lançamento, mas, na realidade, foi arrebatada por um vendaval crescente de desfiles, sessões fotográficas, comunicados de imprensa e a tarefa mais mundana, mas possivelmente mais fundamental de todas, tratar dos mais básicos pormenores: levar as roupas aos gabinetes dos editores de moda, assegurar que a Queen e a Vogue, por exemplo, não apresentavam o mesmo vestido, verificar preços, sugerir e, em seguida, reunir acessórios para acompanhar as peças de vestuário que os jornalistas solicitavam.

Era febril, fatigante e absolutamente esplêndido. Havia alguma ligação romântica que pudesse competir com isto?



– Está tudo bem contigo, jovem Matthew? – perguntou Mr. Barlow.

– Está, obrigado.

Não era verdade; estava com uma dor de dentes terrível.

– Ótimo. Não parece. Adiante, entra, tenho uma notícia para ti.

Matt seguiu-o para o gabinete.

– Tens tido um excelente desempenho, rapaz. Verdadeiramente excelente. Por isso, vou promover-te, Matt. A negociador. E vais receber um aumento de salário. Que dizes a doze libras por semana?

– É muito bom – respondeu Matt –, mas treze seria melhor.

– Talvez. Mas eu não disse treze.

– Eu sei, Mr. Barlow. Mas na minha opinião é o que eu valho. Pelo que ouvi.

Mr. Barlow olhou para ele com uma expressão quase severa. – Tens cá uma lata. Mas és capaz de ter razão. E que tal doze libras e dez xelins?

– Aceito. Muito obrigado, Mr. Barlow.

Matt saiu para o fim da tarde dourado de setembro sentindo-se extremamente feliz. Estava a chegar lá. O próximo passo seria criar a sua própria agência. Dentro de um ou dois anos. Não lhe faltava a energia e já teria então alguns clientes. Não tinha qualquer

escrúpulo em subtraí-los à Barlow and Stein. Por essa altura, já lhes teria prestado bons serviços; seria tempo de os retribuírem. De súbito, Matt sentia-se muito otimista. Capaz de conquistar o mundo.

E era um excelente dia para ter sido promovido. Charles organizara um encontro com o Feliz e Nobby Clark. Podia falar-lhes do seu sucesso e mostrar-se como alguém que estava a singrar na vida.

Matt sugerira que se encontrassem no Salisbury, em St. Martin's Lane, às sete horas.

– Ótimo – disse Charles –, e mais tarde, se tivermos fome, podemos ir a um chinês.

A comida chinesa era um novo fenómeno em Londres e as pessoas estavam a aderir com entusiasmo aos crepes chineses e ao porco agri-doce.

Matt foi o último a chegar e os outros já estavam sentados a uma mesa no canto. Charles acenou-lhe.

– Pedi-te uma cerveja.

– Obrigado, Chas. – Sentou-se, erguendo o copo. – À nossa saúde! Às boas recordações e tudo isso. Obrigado por teres organizado este encontro, Chas.

– Sim, obrigado, Chas – disse o Feliz.

Este estava exatamente como Matt se lembrava dele, com o mesmo sorriso de sempre pespegado na cara, mas Nobby estava calado.

– Que é que se passa, pá? – perguntou Matt, retraindo-se ao trincar uma batata frita com o dente sensível.

– É um homem condenado – disse o Feliz –, tem de se casar. Daqui a duas semanas, não é, Nobby?

Nobby assentiu e suspirou profundamente.

– Ora, não acredito. A que propósito? – quis saber Matt.

– Engravidou uma rapariga, não foi? – disse o Feliz. – Palerma.

– Credo – disse Matt –, estás lixado. – Casado e pai aos vinte e dois anos. – A vida chegava ao fim ainda antes de ter começado. – Que azar, pá. Onde é que vais viver?

– Com a minha sogra – disse Nobby. – Sinceramente, só queria ter batido a bota no Chipre. Era o melhor que me podia ter acontecido.

– Bem, tenta ver o lado bom das coisas – disse Charles, com um certo desespero –, há de ser bom teres um puto. Jogar futebol com ele e... esse tipo de coisa.

– Pois, suponho que sim. Mas pode ser uma menina. Nesse caso, o que é que eu faço?

Seguiu-se um silêncio. Charles sugeriu outra rodada. Nobby olhou para o relógio.

– É melhor ir andando – disse. – A Janice mandou-me estar em casa antes das nove, disse que não devia sequer deixar-me sair quando se está a sentir tão mal. Gostei muito de os ver. Obrigado por teres organizado isto, Chas.

Atravessou o bar a arrastar os pés, os outros entreolharam-se.

– Pobre diabo, que pouca sorte – disse Charles.

Uma hora mais tarde, os amigos separaram-se. A infelicidade de Nobby tinha-os deixado deprimidos. Matt perdera a vontade de falar da sua promoção; achou que seria falta de tato. O Feliz afastou-se na direção de Trafalgar Square; Charles perguntou a Matt se lhe apetecia trincar qualquer coisa.

– Não sei – disse Matt. – Estou com dor de dentes.

– Anda lá. Toma uma aspirina. Tenho aqui... toma. A comida chinesa é mole, não te faz mal nenhum.

Encaminharam-se para Gerard Street e entraram num dos restaurantes menos vistosos.

– Por sinal, tenho boas notícias hoje – disse Matt, incapaz de continuar a conter-se. – Fui promovido. Ainda me custa a acreditar.

– Isso é bestial, Matt. Excelente. Está a pedir outra cerveja. Parabéns.

– Obrigado – disse Matt.

Conversaram descontraidamente durante algum tempo, uma descontração que surpreendeu Matt. Chas era um tipo às direitas, pensou. Nunca fora capaz de conversar com nenhum dos outros queques do trabalho. Tinham uns ares de superioridade insuportáveis. Mas Chas era diferente: até conseguia ouvi-lo falar do seu trabalho na bolsa sem sentir vontade de vomitar.

– Estás bem, Matt?

– Nem por isso – disse Matt, retraindo-se. – Mastiguei com o dente que me dói. É uma agonia do caracas.

– Quando é que vais ao dentista?

– Não sei. Não tenho dentista.

– Não tens... – A frase ficou em suspenso. – Ouve, tens de marcar rapidamente uma consulta. Nós vamos a um em Kensington, um dentista ótimo. Eu dou-te o contacto. A mãe e o pai vão ao seu consultório particular, mas eu e a Eliza consultamo-lo no Serviço Nacional de Saúde. Diz que estás com dores e ele atende-te amanhã. Merda, agora não encontro o número dele. Fica aí que eu vou telefonar à Eliza. Há uma cabina telefónica à saída. Sê bom rapaz e não me bebas a cerveja.

Charles é que era bom rapaz, pensou Matt.

Charles regressou, sorridente.

– Aqui tens o número. Frobisher 7592. Dr. Cole. Tens mesmo de ir, Matt, nada de te acagaçares. Promete.

– Prometo – disse Matt. – Hum... a propósito, como está a tua irmã?

Nunca se esquecera de Eliza desde o dia na estação de Waterloo.

– Está ótima, obrigado. Tem um emprego fantástico. No departamento de Relações Públicas da Woolfe's. É unha com carne com os jornalistas, sempre a convidá-los para almoçar. Parece extremamente divertido.

– Não é casada? – perguntou Matt. Parecia-lhe importante saber.

– Credo, não. Para já, não. Está apaixonada pelo trabalho. Diz que não há nenhum homem capaz de rivalizar com ele.

Se era essa a sua opinião, Eliza devia ter conhecido homens muito desinteressantes, pensou Matt.

– Adiante, podes ver por ti próprio. Está em casa e disse que podíamos dar lá um salto.

– Ah. – Subitamente, a dor de dentes parecia insignificante. – Mas ela não há de querer estar comigo com certeza.

– Lembrava-se de ti. Disse que teria muito prazer, que era um favor que lhe fazíamos. E que podia fingir que eras namorado dela se as companheiras de casa chegassem entretanto.

– Não digas asneiras. Aposto que sou exatamente o perfil dos namorados dela...

– Não sejas tão melindroso, Matt. Já te disse. Essas questões já não se põem. Ainda no outro dia, a Eliza me disse que imensas pessoas no mundo da moda são... são...

Calou-se. Matt olhou para ele.

– Da classe trabalhadora? É isso que queres dizer? – Sorriu a Charles. – Não faz mal, eu conheço o meu lugar.

– Por amor de Deus, Matt, tu não tens lugar nenhum.

– Está bem – disse Matt com naturalidade –, se achas que sim.

– Acho. Seja como for, só te estou a dizer o que a Eliza diz. Anda daí, Matt, tira a pedra do sapato e vem comigo a casa dela.



Eliza abriu-lhes a porta; levava um par de jeans pelo meio da perna e uma camisa branca de homem muito larga. Estava descalça; o cabelo escuro caía-lhe sobre os ombros. Inclinando-se para beijar Charles e depois, com uma certa hesitação, Matt, e rindo ao mesmo tempo, desprendeuse dela uma onda de um perfume quente e infinitamente delicioso. Era extremamente bela e Matt, sentindo-se de repente invadido por uma violenta emoção, que era um misto de prazer e distinta fraqueza física, interrogou-se debilmente se apaixonar-se seria assim.

À meia-noite, ainda estavam a conversar enquanto as outras raparigas e os ruidosos namorados iam e vinham. Matt ouvia, quase sem abrir a boca, mas gravando tudo o que podia na memória, a voz de Eliza, o seu sorriso, as suas adoráveis mãos com que gesticulava ao falar, a maneira como estava sentada com uma perna dobrada debaixo do corpo, o modo como se ria, como se metia com Charles, como conseguia parecer interessada no pouco que Matt ia conseguindo dizer. Ele foi ficando e ainda lá estaria de manhã se Charles não tivesse dito que eram horas de partir. Com extrema relutância, Matt despediu-se de Eliza, que o beijou novamente e lhe disse que tinha adorado voltar a

vê-lo ao fim de tanto tempo; depois, como o metro já estava fechado, foi a pé de Kensington para Clapham: demorou quase duas horas, mas não se importou, pois teve assim a oportunidade de viver e reviver a noite sem interrupção, rememorando cada momento.

E pensando que era capaz de rivalizar com o trabalho dela, sem qualquer dificuldade, não tinha dúvidas disso. Se alguma vez tivesse essa oportunidade, o que era extremamente improvável.

Aliás, era muito mais provável nunca mais voltar a vê-la.



– Charles? Sou eu. Ouve... uma amiga minha, que faz camisolas e coisas fabulosas, anda à procura de um atelier/oficina. Achas que o teu simpático amigo Matt podia ajudar?

– É possível. Eu dou-te o número dele. Ah, a Juliet quer saber se podemos jantar juntos na próxima semana. Diz que te quer conhecer melhor.

– Ah... claro. É uma excelente ideia. O problema é que na próxima semana estou bastante ocupada.

– Na semana a seguir então. Vou-lhe pedir que te ligue.

– Isso. Sim, cá ficarei à espera. Dá-me lá o número do Matt.

Enquanto esperava, pensou em Juliet e numa noite com ela e com Charles.

Juliet Judd – só o nome dava a Eliza vontade de se desfazer em gargalhadas, parecia saído de um filme de desenhos animados – era a nova namorada do irmão, que parecia estranhamente embeigado por ela.

Trabalhava como secretária na firma de advogados da empresa de corretagem de Charles e era uma criatura extraordinariamente irritante e afetada, de tal maneira o género de rapariga que Eliza reprovava que até tinha dificuldade em ser educada com ela. Era aguda e deliberadamente feminina, uma loura de olhos azuis, mas exibia penteados exagerados e, numa época em que a maioria das raparigas usava vestidos simples e cada vez mais curtos, ou os vestidos de alças de Mary Quant sobre camisolas pretas, ela preferia blusas ameninadas e saias évasé ou impecáveis fatos de saia-casaco sempre com carteiras, sapatos e luvas a condizer. Tinha deixado a escola de Roedean com dois exames de nível secundário e ingressado numa escola de aperfeiçoamento em Paris, onde aprendera a cozinhar e a costurar e a fazer arranjos de flores, e estava constantemente a sair-se com frases do tipo: «Acho que os homens não gostam de raparigas demasiado inteligentes.»

Eliza tinha a certeza de que a relação não ia durar; era a novidade, dizia a si mesma.



– Matt! Este é para ti. Um bonito prédio para os lados de Paddington, próximo da estação. Quarenta e seis metros quadrados, três pisos, vê o que podes fazer com ele. O senhorio está cheio de pressa, o investimento saiu-lhe furado. De acordo?

– De acordo – disse Matt. Ainda não se refizera da excitação de ter os seus próprios clientes, de fechar um negócio. Telefonou ao senhorio: um jovem astuto, mais ou menos da idade de Matt, chamado Colin White. Encontraram-se no prédio, que era antigamente um armazém e levava apenas obras mínimas – janelas novas, paredes caiadas –, e White professou uma extrema desconfiança a respeito do negócio.

– Quero o inquilino certo e não quero complicações, gente a sair outra vez dentro de um ano. Quero o assunto resolvido para não ter de pensar mais nele, entendido?

Matt disse que sim, mas pensou que a renda era demasiado alta.

– O espaço é bom, mas com esta localização não vejo que sirva para escritórios, será mais para atividades fabris, armazém, esse tipo de utilização.

– Discordo – disse White friamente. – Gastei muito dinheiro neste sítio, Shaw, quero o meu investimento bem rentabilizado.

Matt voltou para o escritório e consultou os seus ficheiros. Não ia ser fácil. O prédio era capaz de ser útil para uma pequena fábrica, mas não parecia minimamente adequado para os escritórios em que Colin White estava apostado.

Dois dias mais tarde, já tinha contactado setenta e cinco por cento dos potenciais interessados; ninguém o queria. Depois, Janice, a telefonista, passou-lhe uma chamada.

– Uma cliente potencial, Matt. Parece muito simpática.

Janice teria descrito os gémeos Kray como simpáticos se tivessem ligado para a Barlow and Stein; Matt levantou o auscultador desconfiado. Uma voz de mulher disse que fora informada de que ele talvez pudesse ajudá-la.

– Chamo-me Maddy Brown. Ando à procura de instalações para as minhas atividades.

– E que atividades são essas?

– Moda. Sou estilista.

– Ah, pois. E onde está a trabalhar neste momento?

– Em casa dos meus pais.

– Compreendo.

Não era isto que ia pagar a renda de Colin White. Já tinha ouvido falar deste tipo de raparigas, acabadas de sair da escola de arte, interessadas em explorar o que os jornais chamavam «a explosão do espírito jovem». Provavelmente não tinha um único cliente. O mais educadamente possível, sugeriu-lhe que arrendasse um apartamento com dois quartos ou que continuasse a trabalhar em casa dos pais até adquirir mais experiência.

– Bem – disse ela –, é uma ideia muito interessante. Obrigada pelo seu encorajamento. – E desligou o telefone.

Matt virou-se de novo para a sua agenda telefónica. O telefone tornou a tocar.

– Matt? É outra senhora. Em que é que se meteu?

– Em nada. Infelizmente. Passa-a lá.

– Fala o Matt Shaw? – disse uma voz. Uma voz que ele reconheceu imediatamente; uma voz que virava o mundo às avessas, uma voz que seria capaz de ouvir para sempre.

– Fala a Eliza Fullerton-Clark. Estou a ligar por causa da Maddy Brown. Com quem por acaso trabalho.

Merda, pensou Matt. MERDA!

– A Maddy disse que não foste minimamente prestável, que além de não a teres ajudado, foste ofensivo.

– Não fui nada ofensivo – disse Matt, abespinhado. Tinha feito uma sugestão que pouparia dinheiro ao diabo da mulher.

– Pois, mas acho que foste. Presumindo que ela não passava de uma rapariga estúpida, sem qualquer ideia na cabeça nem contactos profissionais. Só por ser mulher.

Era de tal maneira verdade que Matt não se atreveu a negar.

– E se em vez de Miss Brown ela fosse Mr. Brown? Terias logo deduzido que tinha apoios, patrocinadores e clientes, não tinhas? Tinhas-lhe pedido todas as informações e mais algumas, perguntado que tipo de instalações ele queria, onde, com quantos metros quadrados, que género de renda estava preparado para pagar...

– Bem...

– Não sei porquê, mas não me parece que tivesses dito a Mr. Brown que usasse uma divisão no apartamento dele durante uns tempos até adquirir mais experiência. Bem, para que saibas, deixa-me que te fale da cliente que podias ter tido. Miss... e não Mr.. Brown acaba de assinar um contrato chorudo com uma cadeia de boutiques. Sabes o que é uma boutique? Uma loja que vende roupa da moda para jovens, absolutamente o último grito neste momento, muito, muito dinheiro envolvido. E os donos estão desesperados para comprar o que precisam a jovens estilistas. E Miss Brown tem contratos que excedem as cinquenta mil libras. É pena que tenhas estragado tudo. Adeus. Felizmente temos outros agentes para contactar.

Matt desligou o telefone e sentiu-se tão furioso consigo mesmo que deu um murro tal na secretária que os nós dos dedos lhe ficaram a doer durante dias.

Continuou sentado, a fumar agitadamente e a pensar se haveria alguma coisa que pudesse fazer para se redimir aos olhos de Eliza Fullerton-Clark; e decidiu que na manhã seguinte teria de apresentar desculpas. Pôr-se de rastos. E depois ocorreu-lhe outra ideia.

Chegou cedo ao escritório, marcou o número da Woolfe's e pediu ligação ao departamento de Relações Públicas.

– Estou? Fala Eliza Clark.

No trabalho, não usava o Fullerton do apelido; Matt estranhou. Respirou

profundamente.

– Bom-dia, Eliza. Fala Matt Shaw.

– Sim? – O tom dela foi frio. Muito frio.

– Quero pedir desculpa. A ti e a Miss Brown. Pelo que aconteceu ontem. Fui estúpido e insensível e sinto-me francamente embaraçado. E... e... por sinal, acho que tenho o espaço perfeito para Miss Brown.

Silêncio.

– Fica em Paddington. Foi um antigo armazém. São três pisos, cerca de novecentos metros, perfeito para guardar as peças de vestuário e... e esse género de uso. E há espaço para escritório e... e um atelier se necessário. Não é muito caro e gostava muito de mostrá-lo a Miss Brown, se achares que ela está interessada. Se ainda não arranjou nada.

– Posso perguntar-lhe – disse Eliza finalmente –, e não, não me parece que ela tenha arranjado nada. Vou pedir-lhe que te telefone.

– Certo. E... e se também quiseses vir – disse ele –, para dares uma opinião, não há problema.

Era esperar de mais. Ela nunca iria.

– Sim – disse ela pelo contrário –, sou bem capaz. Se tiver tempo. E obrigada por ligares, Matt, e pedires desculpa. – O seu tom era mais caloroso, quase prazenteiro. – Foi simpático da tua parte. Depois falamos.

A felicidade perfeita não acontece muitas vezes na vida. Nesse momento, aconteceu a Matt.



Chegou ao prédio uma hora antes do combinado, dando várias voltas ao local, verificando todas as portas e janelas, a instalação elétrica, tudo quanto pudesse suscitar dúvidas. Estava determinado em não ser apanhado de surpresa com nenhum pormenor.

Viu-as chegar no Fiat de Eliza de uma das janelas. Eliza estava com um vestido tubo vermelho curto, botas altas pretas e óculos de sol; estava fabulosa. Maddy também era muito bonita: miudinha, com cabelo louro comprido caindo-lhe pelas costas; custava a crer que tivesse assinado o tal contrato importante que Eliza apregoara.

Maddy adorou o edifício, disse que era absolutamente estupendo; Eliza foi mais pragmática. Disse que convertê-lo representaria um grande investimento e que, no fundo, Maddy não precisava de três andares.

– Vendo bem, é grande de mais – disse Eliza. – E demasiado caro. Seria uma loucura, Maddy, terias despesas astronómicas. E se arranjássemos um inquilino para o terceiro andar, Matt? Um fotógrafo nosso conhecido, Jerome Blake, anda à procura de um estúdio.

– Não haveria problema nenhum – disse Matt –, desde que ele negociasse o aluguer através de nós, claro. Estou certo de que o senhorio ficaria muito grato pela apresentação.

– Era o que faltava que não ficasse – disse Eliza. – Aliás, espero bem que reduzas a tua comissão.

– Bem, eu... isto é...

Ela sorriu-lhe inesperadamente.

– Estava a brincar. A Maddy liga-te assim que tomar uma decisão. E, como vês, está encantada com o sítio.



Jerome Blake (Jim Biggs de seu nome verdadeiro), o fotógrafo, ficara muito interessado em arrendar o último andar para um estúdio; Colin White concordou com uma ligeira redução da renda de Maddy e o negócio foi fechado.

O incidente tivera o efeito de levá-lo a mudar de opinião a respeito de Eliza. Ela era fabulosa e muito sexy, mas era extremamente autoritária. Não estava claramente habituada a que a aborrecessem ou sequer contrariassem. Provavelmente só lhe faria bem: desde que não tivesse de ser ele a fazê-lo.

«Minha querida, gostava de convidá-la a tomar chá comigo um dia desta semana ou da próxima. Estou no Connaught Hotel com o meu filho, David. Ele está cá em negócios e eu aproveitei para me distrair.

Deixe uma mensagem no hotel a informar-me. Qualquer dia serve, exceto quinta-feira.

Afetuosamente,

Lily Berenson.»



Scarlett nunca acreditara no amor à primeira vista; aliás, afirmara muitas vezes que era um perfeito disparate.

«Claro que se pode sentir atração por alguém», dizia, «achar a pessoa bonita e sensual e tudo isso. Mas isso não pode ser amor, não pode. Para amar uma pessoa, é necessário conhecê-la. Caso contrário, não é amor.»

E, por conseguinte, quando o amor avançou para ela no átrio do Connaught Hotel e se deteve diante dela, estendendo a mão e sorrindo, foi apanhada completamente desprevenida: o amor na forma de um homem alto, de cabelo castanho, com os olhos verdes da mãe. Estava impecavelmente vestido, com um fato cinzento-escuro e uma camisa azul-clara, tinha uma voz profunda e levemente arrastada e o seu aperto de mão

era firme e caloroso: e, ao proferir o seu nome, dizendo-lhe que estava encantado por conhecê-la e que a mãe lhe falara imenso dela, Scarlett sentiu o chão a fugir-lhe ligeiramente dos pés, sentiu os joelhos, momentos antes perfeitamente sólidos, a fraquejar um pouco, experimentou uma estranha sensação de alvoroço no estômago e fortes palpitações.

Não saberia dizer o que fora dito ou feito na hora que se seguiu; claramente tomara o chá e provara o salmão fumado e as sanduíches de pepino e sorria educadamente a Mrs. Berenson, ouvindo-a falar e respondendo, mas a única coisa de que estava consciente era da presença do homem sentado ao lado da mãe, sorrindo-lhe, passando-lhe o açúcar e pratos de bolos, levantando-se a certa altura de um salto, quando um mensageiro entrou no quarto com uma nota que dizia: «Telefonema para Mr. David Berenson», e desaparecendo para atender a chamada.

Durante a ausência dele, Mrs. Berenson comentou que era estupendo que ela pudesse ter conhecido David – «É o meu primogénito, sabe? Sempre muito especial para uma mãe» –, e Scarlett ficou a saber que David era casado, com Gabrielle, «uma jovem adorável, muito dedicada a obras de caridade», e que o filho mais novo do casal tinha agora dez anos, que David era responsável pela empresa e que, por muitas razões, não saberia o que fazer sem ele.

– Parece ser... encantador – disse cautelosamente Scarlett.

– É, não é? Todos os rapazes são, claro, mas sinceramente acho que o David ganharia o prémio. O Digby é o mais inteligente... mas o David... ah, aí estás, querido. Quem era?

– Era o tipo com quem vou jantar logo. Com quem ia jantar logo.

– Cancelou?

– Adiou. Para amanhã. Pois é, mãe, pelos vistos esta noite temos de nos aturar um ao outro. Até é um alívio, ainda estou um tanto desorientado. É da diferença horária, não é verdade, Miss Shaw? Para si, deve ser um problema constante.

– Não, não faço os voos de longo curso. Trabalho para a BEA. As raparigas da BOAC é que viajam para o seu país e até para a Austrália.

– E foi sempre hospedeira de bordo?

– Sim, desde os dezoito anos. Antes era... – Subitamente, achou que cabeleireira não parecia uma profissão muito sofisticada. – Era esteticista.

– Fascinante. Que a levou a mudar de profissão?

– Bem, achei que tinha mais a ver comigo.

– E é uma hospedeira maravilhosa – atalhou Mrs. Berenson.

– Sim. A minha mãe contou-me que a confortou imenso, Miss Shaw, e lhe transmitiu segurança. Aliás, desde então que não para de falar em si. E agora compreendo porquê.

Sorriu-lhe, os olhos verdes perscrutando-a. Scarlett sentiu-se novamente tonta; e mais, invadiu-a uma certa tensão sexual.

– Tive uma ótima ideia – declarou Mrs. Berenson. – Está livre para jantar connosco, minha querida? Gostaríamos imenso de contar com a sua companhia e podia aconselhar-nos espetáculos para ver e por aí fora. Não estás de acordo, David?

– Seria maravilhoso – disse David Berenson –, mas certamente Miss Shaw tem um programa melhor do que jantar com dois velhos como nós.

– Não, de maneira nenhuma! Gostava muito de jantar com os dois. Obrigada. Mas agora, se me dão licença, tenho de ir andando, preciso de tratar de alguns assuntos.

Assuntos estes que incluíam implorar a Andre Bernard, o seu cabeleireiro das ocasiões especiais, que a atendesse, passar a ferro o vestido tubo preto, comprar talvez um desses longos colares de pérolas na Fenwicks e uns collants pretos, ligar a Diana a perguntar a que peças de teatro em cartaz valia a pena assistir – muitos assuntos para tratar.

– Pareces muito entusiasmada – disse Diana, num tom divertido –, que é que se passa, com quem vais jantar? E onde?

– Oh... é só com aquela simpática senhora americana que conheci no outono passado, a que estava nervosíssima quando houve turbulência e com quem me sentei. Mandou-me um cartão de boas-festas ao cuidado da companhia aérea e agora está em Londres e convidou-me para tomar chá...

– Que bom. Bem, diz-lhe que Luther é maravilhosa. Um pouco pesada, talvez, mas o Albert Finney é incrível. Ah, e Oliver, num tom mais ligeiro.

– Obrigada, Diana.

– E onde vão jantar?

– No Connaught.

– Anda! Bom, diverte-te. A comida é excelente.

Scarlett supunha que sim, que a comida era excelente; não teria dado conta se tivessem servido papa de aveia com batatas fritas. Passou a maior parte do tempo, passaram ambos, a ouvir Mrs. Berenson a falar e a rememorar, respondendo às perguntas que lhe eram dirigidas, sugerindo que fossem ver Luther e também Oliver, não deixando de frisar que pessoalmente não vira nenhum dos dois espetáculos – não adiantava de nada fingir –, e durante o tempo todo, sempre que ousava olhar David Berenson nos olhos, experimentava a mesma sensação de calor atordoante.

– Bem, acho que vos vou deixar, jovens – disse então Mrs. Berenson, quando pediram café. – Sinto-me um pouco cansada.

– Ah... e eu tenho de ir andando – disse Scarlett. – Tenho de estar na camioneta às sete da manhã. Tenho um voo muito cedo para Milão.

– Não vá. – De súbito, a voz de David Berenson carregou-se de intensidade. – Fique para o café. Mal passa das dez.

– Sim... seria agradável. Mas depois...

– Claro. É só que... enfim, seria bom conversar um pouco mais. Agora sinto-me completamente desperto. Em Charleston, ainda só são... que horas?... seis ou por aí. Mãe, eu acompanho-te ao elevador. Não se transforme numa abóbora, Miss Shaw.

– Não. E trate-me por Scarlett, por favor.

Momentos depois, voltou e chamou o empregado. Pediu um conhaque e soda. – E a Scarlett?

– Oh... não, obrigada.

– Muito bem. Que diz se tomássemos café no salão?

– Pode ser. Sim. Porque não?

Porque é que ele a fazia sentir-se tão nervosa? Não o era por natureza.

O salão estava quase vazio; ele conduziu-a para um grande sofá junto da lareira, com as costas para a sala, e sentou-se ao lado dela. Bastante próximo, como ela não pôde deixar de reparar.

– Pois bem – disse ele –, falemos então de si. É uma rapariga solteira e muito independente? Ou há alguém na sua vida? Tem namorado? Deve ter com certeza.

– Bem... tenho vários, mas ninguém especial.

– Ah... E a sua família? Tem irmãos?

Ela decidiu ser absolutamente honesta, começando a descrever a sua infância, falando-lhe de Matt e dizendo que se sentia imensamente orgulhosa dele e do seu sucesso.

– Quer-me parecer que a Scarlett também está a ter muito sucesso. Os seus pais devem ter muito orgulho de ambos.

– Sim... penso que sim, bastante.

– Deve ser fantástico – disse ele subitamente –, ter subido a pulso.

– Que quer dizer?

– Repare, para mim foi tudo muito fácil. Limitei-me a seguir as instruções do meu pai quando era vivo e agora, apesar de já ter morrido, continuo a fazer mais ou menos o que ele me disse.

– Não acredito que seja assim tão fácil. E é evidente que é uma grande empresa e de sucesso, no setor imobiliário, não é?

– Exato. Admira-me que saiba.

Intrigado com a sua amizade com Mrs. Berenson, Brian tinha verificado este facto.

– Sim, pode ser uma grande empresa, mas eu herdei o sucesso juntamente com o resto. Duvido que tivesse conseguido sozinho.

– Tenho a certeza de que tinha – disse Scarlett.

– Porque é que diz isso? Não sabe nada sobre mim.

– Bem... não, mas vê-se que é uma pessoa muito inteligente...

– Vê-se como?

Ela sentiu-se encurralada; fora uma observação absurda.

– Acho que não se vê mais do que um homem mimado, uma pessoa visivelmente com dinheiro que dirige uma empresa que, para ser franco, funcionaria por si durante muito tempo desde que o vento estivesse de feição.

– Pois, já percebi que não adianta discutir consigo – observou Scarlett.

– Não, nada. Continua a não querer esse conhaque?

– Bem... pode ser, mas só meio.

A partir daqui, foi tudo extremamente previsível, previsível e banal, o facto de ele se sentir, senão um fracasso na sua carreira, pelo menos longe de um sucesso; e, enquanto pessoa, um sucesso apenas parcial; e, sem dúvida, um fracasso em termos de casamento.

– Damo-nos bem e adoramos os miúdos, e transmitimos-lhes uma imagem de harmonia, mas a Gaby tem a vida dela e acho que dá mais importância às obras de caridade do que a mim. Estamos só à espera de que os miúdos cresçam e depois cada um seguirá o seu caminho. É muito triste, mas hoje em dia o mundo é assim.

E porque é que acreditava nisto?, pensou Scarlett, meio divertida, meio chocada consigo mesma. Quantas vezes já ouvira este tipo de história? Porque queria acreditar, calculava.

O tempo foi passando de uma forma estranha e confusa; eram dez e meia e, de repente, já era meia-noite. A dado momento, ele pousou o braço ao longo das costas do sofá e, pouco depois, baixou-o sobre os ombros dela. – Importa-se? – perguntou, e a admissão de que havia a necessidade de perguntar, a afirmação dela, a rir, de que não se importava nada, intensificou a intimidade entre eles, se bem que fosse uma intimidade ainda perfeitamente respeitável. E, durante todo este tempo, ele não descolou os olhos dela, atento, apreciativo, por vezes sorridente, por vezes reflexivo, e de vez em quando com uma intensidade que se parecia ao contacto físico, um abraço até, que a obrigava a desviar os olhos para não cometer nenhum ato impróprio.

– David, tenho de ir andando – disse ela por fim –, já passa muito da meia-noite e tenho um voo cedo amanhã.

– Que pena, fico muito triste, mas sim, é claro que tem de ir.

E, pegando na mão dela, estudou-a, como se encerrasse alguma mensagem importante para ele, levantou-a e aflorou-a levemente com os lábios.

– Eu acompanho-a – disse ele. – Venha, minha bela Cinderela, vamos procurar a sua abóbora. – Levantou-se e puxou por ela, conservando a mão dela na sua e acompanhando-a ao átrio, onde a conduziu à porta basculante e pediu ao porteiro para chamar um táxi.

– Foi maravilhoso – disse ele –, maravilhoso. A Scarlett é uma companhia encantadora e proporcionou-me uma noite mágica, pela qual lhe estou profundamente reconhecido. Gostava muito de voltar a vê-la da próxima vez que vier a Londres. O que faço com

frequência. Acha que estará disponível para jantar?

E Scarlett, zonga de entusiasmo, confusa de desejo, perdida nesta nova, estranha e absorvente emoção, disse que sim, que era bem possível que estivesse disponível para jantar e, dando-lhe o número de telefone do seu apartamento, entrou no táxi, depois de ter recebido um beijo na face; afundou-se no assento e fechou os olhos, pensando como podia sentir-se tão estúpida, absurda e perigosamente feliz.



Eliza estava a comer uma sanduíche à secretária quando Lindy a chamou ao seu gabinete; informou-a de que ia deixar a Woolfe's no final do ano para se casar com um banqueiro suíço e que ia viver em Genebra. Para Eliza, foi como se ela tivesse anunciado que a terra era plana.

– Não pode! E a sua carreira, e a...

– Eu sei, eu sei, Eliza – disse Lindy, pegando num cigarro –, mas a última vez que me pediram em casamento foi há dez anos e eu recusei em nome da minha carreira. Não posso arriscar mais dez anos. O Jean-Louis diz que quer uma mulher como deve ser e eu quero ser uma mulher como deve ser. Não olhes para mim assim, Eliza, tenho trinta e sete anos e, se não me acautelar, daqui a pouco já não posso ter filhos. Não quero acabar como algumas mulheres na nossa profissão, solitária e azeda, com um conjunto de comunicados de imprensa desconsolados por única companhia. Mas não te preocupes, Eliza, tenho a certeza de que a pessoa que me substituir ficará encantada por te ter na equipa.

Eliza não se sentira preocupada até esse momento; mas começou a sentir.

Voltou para a sua secretária, apreensiva; apreensiva em relação ao futuro, apreensiva a respeito do que podia fazer. E triste por ter perdido a sua maior referência.

Sempre jurara que nunca poria um homem à frente da carreira. Mas se Lindy era capaz de o fazer...



– Eliza? Jeremy Northcott.

– Ah... viva, Jeremy. Como estás?

– Ótimo, obrigado. Ouve... queria saber se tens algum compromisso para sexta.

Devia responder que tinha; nenhuma rapariga que se prezasse estava livre a uma sexta. Dizer que estava era admitir que era um desastre social.

– Não – disse –, não, acho que não.

– Excelente. Ouve, eu sei que acabámos por não ir ao Saddle Room, mas pensei que podíamos dar um salto ao Establishment. Falei com o Charles e ele diz que ele e a namorada... Juliet, não é?

– É. – Credo. Juliet não. E não no Establishment. Ela seria um embaraço completo, havia de...

– Pois, o Charles diz que estão livres. Então que dizes?

– Acho uma ótima ideia – respondeu Eliza. – Obrigada pela lembrança, Jeremy. Fico a aguardar.

Pousou o auscultador e apercebeu-se de que estava a tremer ligeiramente. Jeremy Northcott, com mil diabos! Rico, atraente, charmoso. Tinha-a convidado para sair. Tinha-a mesmo convidado para sair.

Que é que havia de vestir?



– Tenho uma coisa para te contar – disse Matt.

– Conta – Scarlett sorriu-lhe. Tinham-se encontrado, a pedido dele, num dos novos restaurantes italianos que ele tanto apreciava. – Conta lá.

– Vou-me estabelecer por minha conta.

– Vais? Matt, isso é o máximo...

– Eu sei, ainda me custa a acreditar. Mas eu e um colega, chama-se Jim Simmonds, tratamo-lo por Jimbo, é negociador como eu, decidimos lançar-nos nesta aventura. Hás de gostar dele, vais ver.

– Como é que o conheceste?

– Oh, nós, os negociadores, encontramos-nos com frequência, vamos aos mesmos pubs e restaurantes, estamos a par das novidades e conhecemos os clientes uns dos outros, é normal na profissão. Temos unido forças, eu e o Jimbo, de vez em quando. Adiante, estávamos a tomar um copo no outro dia à noite e o Jimbo disse que achava que estávamos a fazer a vida aos velhotes e que tínhamos de começar a tratar da nossa. Concluímos que, se tivéssemos um só cliente, mais o que podemos convencer o banco a emprestar-nos, nos aguentávamos por uns tempos.

– Até aqui parece-me bem.

– Sim. E depois, inesperadamente, um cliente meu, o Mike Robertson, convidou-me para um copo e disse-me que eu estava a desperdiçar os meus talentos a trabalhar na Barlow and Stein e que, se alguma vez pensasse em avançar sozinho, me arranjava negócios. – Mike Robertson comprava um grande número de lojas e edifícios decrepitos, o mais perto possível de locais bombardeados, e depois esperava pelos rendimentos: satisfeito se os alugasse mas nada preocupado se não alugasse. Era com os locais bombardeados que se faziam os melhores negócios. A empresa Parques de Estacionamento Nacionais comprava-os para os converter – e não era despropositado convencê-los a pagar muito mais pelos edifícios adjacentes do que eles valiam.

Robertson também construía, ele próprio, um número razoável de prédios novos, e era

para esses que pretendia que Matt lhe arranjasse inquilinos.

– É mais ou menos ao que se resume, Scarlett. E simplesmente porque podemos apresentá-lo como cliente, conseguimos um crédito a descoberto. Só mil libras, mas chega para o nosso salário e de mais uma rapariga durante um ano, e ele também nos alugou uma sala numa das urbanizações dele pelo preço da chuva. Diz que teve sorte na vida e que nos deseja o mesmo. Como vês... está tudo a correr lindamente.

– É incrível – disse Scarlett –, absolutamente empolgante. Quando é que começam?

– Quase de imediato. Mr. Barlow disse que não queria que lhe surripiássemos mais clientes e o patrão do Jim disse o mesmo.

– Mas, no fundo, não se zangaram?

– Não.

– E o Jimbo, que tal é?

– É judeu, um tipo positivo, persistente, pode dizer-se...

– Gosto de pessoas persistentes – disse Scarlett –, obtêm resultados.

– Sim, não há dúvida de que é o caso do Jim. O que mais impressiona nele é que é altíssimo, mais de um metro e noventa, ao lado dele pareço um anão, e é esquelético. Ainda vive com os pais, como eu, farto de não ganhar dinheiro que se veja...

– Tem namorada?

– Há uma rapariga com quem a família quer que ele se case, mas ele não está interessado. É como eu, casado com o trabalho... essa pulseira é bonita, Scarlett – disse, pegando-lhe de repente na mão e puxando-a para si. – Muito bonita. Com tantos talismãs. Onde é que a arranjaste?

– Oh... numa joalharia em segunda mão – respondeu Scarlett vagamente. – Já sabes que tenho jeito para descobrir estas pechinchas.

Estava a acumular uma quantidade considerável de joias. David era magnânimo a dar presentes. A pulseira era o seu preferido; fora igualmente o primeiro e, sempre que estava com ele, ele oferecia-lhe novo pendente. O mais recente fora um disco rotativo que dizia «Amo-te».

«Porque é verdade», dissera ele. «David, não deves dizer essas coisas», tinha ela advertido. «Mas é verdade, amo-te, meu amor. Podemos só ter estado um com o outro meia dúzia de vezes, mas tenho a sensação de que te conheço há muito tempo. Desde o primeiro momento que sinto isso.» «Ora, que disparate», respondera Scarlett, não lhe escapando o registo débil na sua própria voz; não tinha ela própria experimentado exatamente o mesmo, a sensação de que encontrara a pessoa que desejava, não caíra nas malhas da paixão com o maior dos júbilos e dos choques?

E não era chocante que ela, Scarlett Shaw, pudesse ignorar a presença na vida dele de uma mulher e de dois filhos adorados? Ainda assim, mesmo na cama dele, terna e docemente seduzida, sentindo o desejo a transformar-se gradualmente num orgasmo

perturbante, luminoso e explosivo, quando ele a penetrava repetidas vezes durante uma noite selvagem, ou quando finalmente adormeceram para acordarem mais tarde com novo desejo, o sorriso um do outro, mesmo durante essa primeira noite, ela estava dolorosamente consciente dessas três pessoas, para não falar de uma quarta, a dormir não muito distante no corredor do hotel, a matriarca da família dele, que perigosamente os juntara na maior das inocências; jurara a si mesma que não passava de uma breve e alucinada cedência à tentação que não se repetiria, por mais insistente que fosse.

Como Scarlett se conhecia mal, a mulher cheia de determinação e autodomínio; porque, na ocasião seguinte em que ele visitou Londres, apenas três semanas depois, desta vez sem a mãe, e a procurou com presentes – um colar da Tiffany, uma écharpe Dior, além da pulseira da Garrard, coisas que ela nunca teria imaginado ter – e palavras ternas e a sua necessidade desesperada dela, Scarlett não resistiu, entregando-se jubilosa e indefesa.

Nessa segunda visita, que por sorte coincidiu com os seus três dias de licença, conversaram durante muitas horas, tanto quanto fizeram amor: sobre a necessidade que ele sentia dela, a sua infelicidade, a sensação de que finalmente encontrara o que desejava na vida.

David não se cansava de ouvi-la falar do seu passado, da sua família, dos anos de guerra em Londres, mesmo da sua carreira como cabeleireira, e adorava as suas histórias sobre passageiros difíceis e voos turbulentos, sobre as hospedeiras suas colegas.

Em suma, estar com ele era um prazer completo e absoluto; sentia-se bem tratada, divertida, interessante, satisfeita sob todos os aspetos. E disse-lho.

– Sob todos os aspetos?

– Todos – respondeu ela a rir.

Intrigava-a o facto de ele vir de boas famílias: ele falava de amas, jardineiros, do colégio interno, de casas de férias na Costa Leste.

– Pensei que ser americano era sinónimo de igualdade, de uma sociedade sem classes – disse ela quase melancolicamente, um dia, quando ele tentara explicar-lhe o conceito de «preppy»⁴.

– Minha querida Scarlett, os americanos são tão snobs como os ingleses, possivelmente mais. É preciso ter Dinheiro Antigo, com maiúsculas, caso contrário mais vale não ter dinheiro nenhum.

– A tua mulher pertence então a uma família de... Dinheiro Antigo?

– Sim, suponho que sim – disse David com um suspiro. – Mas não falemos dela, por favor.

– Está bem. Mas sabes que eu não pertença, não sabes? Não pertença a esse círculo.

– Para mim, pertences, querida. És bela, divertida, chique e sexy. Que mais se pode pedir? Que tal se fôssemos lá para cima e tirasses parte... não, parte não, toda essa

roupa chique? E eu mostro-te a importância que tens para mim.

Ele era irresistível: absolutamente irresistível.



A noite no Establishment não tinha começado muito bem; Eliza, Charles e Juliet tinham chegado juntos, deparando-se com uma mensagem de Jeremy.

– Mr. Northcott pede muita desculpa, mas pediu para lhes dizer que ficou retido numa reunião – disse a rapariga na receção. – Encomendou uma garrafa de champanhe e reservou uma mesa. Vai chegar cerca de meia hora atrasado.

Quarenta minutos mais tarde, Jeremy continuava sem dar sinais de vida.

– Acho extraordinário, devo dizer – disse Juliet. Usava esta frase com frequência, como se conferisse originalidade ao que dizia. – Aliás, é uma falta de educação. Para quê combinar uma coisa quando não se tenciona respeitá-la? E é muito tarde para uma reunião de trabalho. São nove e meia.

– De maneira nenhuma – disse Eliza bruscamente. – Sei perfeitamente como são estas reuniões de publicidade. Um autêntico pesadelo. Acabam quando o cliente quer que acabem.

– Pois, só posso agradecer por não trabalhar nesse ramo – observou Juliet.

Como se pudesse trabalhar, pensou Eliza. Olhou para Charles, que estava visivelmente embaraçado.

Vários conhecidos de Charles e Eliza foram cumprimentá-los; Juliet estava em silêncio a bebericar o seu sumo.

– Eliza, como estás?

– Rex! Olá, prazer em ver-te.

– E a ti, querida.

Rex era um fotógrafo com quem ela tinha trabalhado uma ou duas vezes. Desconhecia o seu apelido, o qual ele nunca usava. Era alto e muito magro e usava sempre jeans justos, botas de cano curto e uma espécie de smoking por cima de camisas brancas. Tinha um forte sotaque do Sul de Londres e disse-lhe que tinha andado numa escola secundária inclusiva e não tinha sequer passado no exame de admissão à grammar school, o que a surpreendeu, pois ele era claramente muito inteligente. Era um fotógrafo de sucesso, trabalhara para a Queen e para a Vogue, fizera muitas campanhas publicitárias e tinha um estúdio nas imediações de World's End.

– Estás sozinho? – perguntou ela agora. Sentia-se tão aliviada por ter encontrado alguém conhecido e absolutamente apropriado para a ocasião, um exemplo brilhante da nova Londres em que trabalhava, caracterizada pelo primado do talento e a ausência de classes, que podia tê-lo beijado. E beijou.

– Estou, por enquanto. Estou à espera de uns amigos.

– Toma um copo connosco.

– Pode ser, obrigado. – Sentou-se, sorrindo friamente a Juliet.

– Não te via há uns tempos – disse Eliza a Rex. – Como vão as coisas?

– Bastante bem. Fiz uma sessão para a Vogue na semana passada.

– Fantástico, Rex. Fico muito contente.

– Também eu. Ouvi dizer que a Lindy se vai embora. É pena. Vais ficar com o lugar dela?

Ela riu-se. – Credo, eu não. Não sou suficientemente importante.

– Devias ficar. Tens talento, rapariga.

– Obrigada, Rex.

– Já cá tinhas estado?

– Não, nunca.

– É excelente. O cabaret é divertidíssimo. Vais gostar. Um tanto ousado, mas...

– Eliza! Olá. Desculpa o atraso. Charles, meu velho, prazer em ver-te, e tu deves ser a Juliet; ouvi falar muito de ti.

Juliet despertou subitamente da sua silenciosa condenação de Rex e, corando, começou a piscar os olhos.

– Muito gosto em conhecer-te – disse ela. – Também ouvi falar muito de ti.

– Coisas boas, espero.

– Claro que sim. Ouvi dizer que tu e o Charles se divertiam imenso na escola e na tropa e que são grandes amigos...

– É tudo verdade – disse Jeremy, sorrindo-lhe; era o charme personificado, pensou Eliza. – Vamos lá pedir mais champanhe e... bolas, Reggie – disse ele a Rex –, não te

tinha visto, como vais? E o teu irmão... como está? Charles, deves lembrar-te do Ilustre Don, como lhe chamávamos, era o irmão mais velho do Reggie.

– Então não me lembro do Don? Mas do Reggie não.

– Pois, ele não passava de um piolho e era muito diferente nesse tempo, tinha o cabelo muito mais claro e bastante encaracolado, mas... pois é, Reggie, é porreiro ver-te. Como vais? Era o meu assistente em Eton – acrescentou ele para Eliza.

– Estou ótimo – disse Rex, olhando para Eliza com um certo constrangimento. – Não podia estar melhor. Dedico-me à fotografia.

– Fantástico! Tens de nos fazer uma visita na agência.

– Com muito gosto. Que agência é?

– A KPD.

– Porreiro!

O seu sotaque já estava a mudar, revelando a sua verdadeira origem. Eliza olhou para ele.

– Escola secundária inclusiva! – disse ela. – Francamente, Rex!

– Ora, Eton é uma escola secundária – retorquiu Rex.

– E nós chamávamos-lhe às vezes a Secundária de Slough – disse Jeremy. – É bom ver-te, Reggie. Vamos beber mais champanhe? Ah, cá está a Emma. Olá, minha querida.

Emma, pensou Eliza, quem diabo era Emma?

– Eh, pessoal, apresento-lhes a minha irmã Emma.

Eliza sentiu-se estranhamente aliviada.

Emma, uma rapariga muito alta e bonita, era revisora numa editora; e era muito divertida. Como o irmão, pensou Eliza. Sentou-se à mesa deles.

– Já usaram o holofote? – perguntou ela, sorvendo um gole do champanhe de Jeremy.

– O quê? – disse Juliet.

– Oh, é uma coisa fantástica que eles têm aqui, ideia do Peter Cook, é o dono do clube, um holofote que podem apontar para qualquer mesa, normalmente durante o cabaret, se acharem que está presente alguém interessante.

– Isso é de meter medo! – disse Juliet. – Espero que não o apontem para mim.

– Não é muito provável – observou Rex.

– Rex! – advertiu Eliza. Ele piscou-lhe o olho.

– Desculpa.

Não parecia muito impressionado com Juliet; era outro ponto a seu favor.

Passaram momentos divertidos; até Juliet, rendida ao charme de Jeremy, passou a hora seguinte a rir e a piscar os olhos. Charles sorria-lhe radiante, inclinando-se de vez em quando para a beijar na face; parecia muito apaixonado, pensou Eliza, lutando contra a sua resistência à ideia.

A clientela era o que outrora se teria apelidado de boémia, pessoas demasiado

contestatárias para o gosto de Eliza, o que era a principal característica do sítio, claro, uma série de homens com ar de artistas e raparigas muito sérias com os olhos fortemente maquilhados de preto.

– Estão ali as Ormsby-Gore – disse Emma. – Olha, Jeremy, conhece-las, não conheces?

Estavam duas raparigas sentadas a uma mesa, ambas com vestidos compridos de renda e uma massa de colares e anéis e grandes chapéus complicados a esconder parte do cabelo escuro, revoltado e encaracolado.

– A roupa é espantosa, não é? – comentou Emma. – Vestem-se sempre assim, num estilo clássico genuíno. São muito divertidas; conhece-las, Eliza?

Eliza negou com a cabeça.

– Não, mas já ouvi falar delas, claro. São proprietárias da Granny Takes a Trip, não são? Aquela loja em World's End.

– Acho muito esquisito andar com a roupa velha de outras pessoas. É para poupar dinheiro ou coisa que o valha? – interveio Juliet.

Emma forçou um sorriso.

– Não me parece. São as duas podres de ricas.

– Mais esquisito ainda – disse Juliet. – Não concordas, Charles?

Eliza viu Charles a debater-se entre a lealdade e o embaraço; a lealdade venceu.

– Possivelmente – disse por fim.

Eliza achou a música do trio de Dudley Moore estupenda; ele era o favorito dela do quarteto Beyond the Fringe. – É tão sexy e amoroso – disse ela a Emma.

– Absolutamente – respondeu com um sorriso –, mas um ninfomaníaco incorrigível. Pelo menos, é o que consta. Quem me dera falar por experiência própria, mas há sempre esperança.

Nesse momento, começou o show, carregado de humor negro e acutilante e, por vezes, extremamente cru; como o Establishment era um clube, ali não havia censura. Nada era sagrado, nada ficava por dizer; até Eliza, determinada em parecer uma mulher moderna, sentiu um certo choque; e mesmo Jeremy, notou, nem sempre se ria.

Ao fim de algum tempo, apercebeu-se de que Charles estava a olhar com ansiedade para Juliet, que não se ria. Idiotazinha. Era bem feito. Eliza não sabia bem porque é que era bem feito, mas o desconforto dela dava-lhe prazer.

Não durou muito porque, subitamente, Juliet levantou-se e dirigiu-se, bastante ostensivamente, para a casa de banho. Charles esticou-se a ver se a via, mas ela não voltava.

– Eliza! Importas-te de ir ver se a Juliet está bem?

Ela foi com uma certa relutância e encontrou Juliet, afogueada, diante do espelho.

– Ah, estás aí, Eliza. Não é horroroso e repugnante? Estou a detestar aquilo. Não posso ficar a assistir, mas não quero parecer rude.

– Não, claro que não.

– Talvez... talvez possas dizer ao Charles que me quero ir embora. Sinto-me muito incomodada. Suponho que sou um pouco antiquada. É uma parvoíce, já sei. Importas-te, Eliza?

Assim, quando o show chegou ao fim, já Charles e Juliet tinham partido. Rex fora ter com a modelo dele, os amigos de Emma tinham chegado e ela estava a conversar com eles e Jeremy sugerira uma incursão ao Saddle Room.

– Se é que não te importas de ir só comigo.

Eliza respondeu que não se importava nada.



– Noivos? Mas isso é... enfim, é... é... maravilhoso. Claro que sim. Parabéns. Quando... como... aconteceu?

– Oh... recentemente. Ontem à noite. Estava morto por te contar. Ficas feliz, não ficas?

– Sim. Sim, claro que sim. É... maravilhoso, como disse.

Como podia estar a reagir assim? Como podia estar a dizer que ficava feliz quando só lhe apetecia romper em lágrimas, desatar aos berros, dar pontapés à mobília e sair para apanhar uma bebedeira de caixão à cova e ir depois ter com ele e pedir-lhe que não o fizesse? Ou simplesmente perguntar-lhe porquê, porquê ela, porquê essa sonsa, antiquada e totalmente inadequada da Juliet, que só dizia banalidades e não lhe chegava aos calcanhares?

– Ainda bem. Sei que ela não é bem o género de mulher que aprecias, mas tenho a certeza de que é a mulher certa para mim, diz que está morta por deixar de trabalhar para cuidar de mim...

A farpa é para mim, pensou Eliza. E viriam muitas mais de onde esta veio.

– É do que eu preciso. Afinal, a idade não perdoa, vou fazer vinte e seis anos, é tempo de assentar.

– Claro. Claro que sim. É... não, é estupendo, Charles. É mesmo. Hum... já contaste aos pais?

– Ainda não. Pensei que podíamos lá ir na sexta e dizer nessa altura. Também podes vir?

– Claro. – Estremeceu à ideia de ter de sorrir e ver os pais absolutamente encantados, mas disse: – Sim, claro que vou.



– Se calhar está grávida – disse Maddy Brown. Tinha aparecido no gabinete de Eliza com a roupa da sua coleção de primavera; mais tarde apresentariam a Lindy as que entendessem que eram mais indicadas para ela escolher.

– A Juliet não pode estar grávida – disse Eliza –, é contra o sexo antes do casamento. Foi o que me disse.

– Mesmo assim. Pode ter perdido a cabeça.

– Não. Diz que quer pelo menos um ano para planejar o casamento.

– Ah. Nesse caso é capaz de andar atrás do dinheiro dele.

– Ele não tem dinheiro. Já te disse uma série de vezes.

– Sim, eu sei, mas também já vi a casa dos teus pais e, para alguém que tem as mesmas origens que eu, é sinónimo de D-I-N-H-E-I-R-O.

– Maddy, nós não temos dinheiro. A casa está a cair de podre. Seja como for, isso não explica que ele se queira casar com ela.

– Suponho que não. E o Charles não é uma pessoa muito segura, pois não? Disse-me que sentia inveja de mim por eu ter um trabalho que adorava e ser competente nele. Disse que não tinha jeito nenhum para o que fazia, que só tinha arranjado o emprego porque alguém conhecido dos teus pais lhe tinha metido uma cunha...

– É verdade. Mas... isso aplica-se a imensas pessoas, não achas?

– Imensas não, pelo menos na minha terra – disse Maddy, num tom ligeiramente azedo.

– Não comeces – disse Eliza. – Já sabes que me irrita. Adiante, seja qual for a razão, é horrível. Oh, Maddy, não imaginas como o adoro. E agora vou perdê-lo!



Quem a ouvisse, havia de pensar que era ela que estava a entrevistá-los, pensou Matt. Francamente, era de mais. Estava ali sentada, toda ela grandes olhos escuros e espessas pestanas postiças, o cabelo castanho cortado à tigela ao estilo Vidal Sassoon, cruzando e descruzando as longas pernas, absolutamente descontraída e no comando da situação.

Matt aclarou a garganta, olhou para a folha de papel que tinha na mão para rememorar exatamente quem ela era e o que tinha para oferecer. E para ganhar algum tempo, esperando desesperadamente que Jimbo aparecesse.

– Muito bem – disse ele.

»Louise Mullen.

ESTADO CIVIL: SOLTEIRA.

NASCIDA EM 1943. HABILITAÇÕES ACADÉMICAS: GRAMMAR SCHOOL DE EALING PARA RAPARIGAS.

EXAMES DO ENSINO SECUNDÁRIO: INGLÊS, MATEMÁTICA, FRANCÊS, HISTÓRIA, GEOGRAFIA, BIOLOGIA.

CURSO DE SECRETARIADO DO INSTITUTO TÉCNICO DE EALING.

DATILOGRAFIA: 70 PALAVRAS POR MINUTO; ESTENOGRAFIA: 120 PALAVRAS POR MINUTO;

CONHECIMENTOS DE CONTABILIDADE.

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL: SECRETÁRIA NA FIRMA DE ADVOGADOS BAKER & HILLIARD DESDE

SETEMBRO DE 1962.

INTERESSES: CINEMA, TEATRO, NETBALL...»

– Netball! – disse ele. – Não é mais um jogo escolar do que um interesse?

– De maneira nenhuma – respondeu Louise Mullen. – Jogo pelas Ealing Ladies e também por uma equipa que se encontra todas as quintas-feiras na Lincoln's Inn, somos todas secretárias de firmas de advogados. O netball pode jogar-se a um nível muito alto, Mr. Shaw. Há campeonatos nacionais em Wembley. Não pratica nenhum desporto? – acrescentou.

– Não. Nem por isso. Um pouco de futebol.

– Em que equipa?

– Oh... numa equipa local. No fundo, é só uma distração.

– Compreendo. – Era evidente não ficara minimamente impressionada.

Matt tinha dúvidas se seria capaz de trabalhar com ela. A rapariga fazia-o sentir-se um pouco idiota. Mas... tinha as qualificações perfeitas. Era bonita. Inteligente. Bem-falante. Sexy. Muito sexy, mas de um modo sóbrio. E, o que era mais importante, parecia estar bem informada a respeito da Simmonds & Shaw e saber o que se pretendia dela.

– Estão a lançar-se por conta própria, não é verdade? – disse ela vivamente. – Por isso, as primeiras impressões são fundamentais.

– Absolutamente fundamentais.

– Nesse caso, nunca devem deixar o escritório sem ninguém, nem o telefone por atender.

– Não, não tencionamos fazer isso.

– Pois bem. – Pausa. – Digamos que é a minha hora de almoço e nenhum dos dois está presente; não vão querer decerto que eu saia para comer uma sanduíche ou me encontrar com amigos, não é?

– Bem... provavelmente não, não queremos.

– E às vezes – outra pausa –, vão querer que eu trabalhe fora de horas. Sabe, o salário não é grande coisa para tantas exigências. Oito libras por semana.

– Mais senhas para almoço – disse Matt em desespero de causa.

– Que eu não vou poder gastar na maior parte das vezes. E vou assumir imensas responsabilidades.

Bolas, a mulher tinha uma lata! Estava com uma certa vontade de lhe dizer que o lugar já estava preenchido. Aliás...

A porta abriu-se de rompante e Jimbo entrou apressado, pôs o chapéu de coco no bengaleiro, a única peça de mobília no que seria a zona de receção da firma, além da cadeira em que Louise Mullen estava sentada e o baú em que Matt estava empoleirado, e começou a despir a gabardina.

– Boa-tarde, desculpem o atraso. Uma reunião com um cliente demorou mais do que o

previsto.

E então, com uma lentidão quase grotesca, olhou para Louise Mullen, analisou-a de alto a baixo e mostrou a sua aprovação.

– Deve ser a secretária – disse ele, estendendo uma mão ossuda.

– Bom, realmente vim por causa do lugar de secretária – respondeu, sorrindo-lhe.

– Ah. Sim. Muito prazer em conhecê-la. Sou o Jim Simmonds. O sócio do Matt... de Mr. Shaw.

– Sim, deduzi. Estava precisamente a dizer a Mr. Shaw que o salário é muito baixo para as funções que pretendem.

– É?

– Miss Mullen alertou-me para o facto de ter de fazer por vezes horas extraordinárias. E de trabalhar durante a hora de almoço – disse Matt num tom cansado.

– Mas está na disposição de fazer isso?

– Bem... se aceitar o emprego, estou. Sim. Não vejo como possa ser de outro modo. Parece-me tratar-se de uma posição muito importante. E entusiasmante – disse ela, voltando a cruzar as pernas e dirigindo um sorriso deslumbrante aos dois homens. – Participar da génese de uma coisa. Quem sabe se um dia não ficam milionários.

– Sim... é esse o plano – disse Jimbo, retribuindo-lhe o sorriso.

– Adiante... relativamente ao dinheiro. Se me oferecerem o emprego, claro. Preciso de pagar as minhas contas e o passe do comboio, e por aí adiante. Sinceramente, não sei...

Matt teve uma epifania.

– Ouça, e se nós lhe pagássemos o passe do comboio, que diz? Seria uma verdadeira regalia, como as senhas de almoço, e não precisa de pagar impostos sobre ele.

Silêncio. Ela levantou-se então e disse, estendendo-lhes a mão cuidada. – Combinado.

– Excelente. Muito bem, estou certo de que seremos uma ótima equipa. Vejo que tem tudo o que é preciso para também ser uma negociadora, Miss Mullen.

– Nunca tal me passou pela cabeça – disse ela –, mas não me esquecerei. Bem, obrigada. Estou convencida de que será divertido. E olhem que trabalho duro. E quando for necessário fico a trabalhar até tarde. Ah... exceto às quintas.

– Que é que há às quintas? – quis saber Jimbo.

– Miss Mullen joga netball – explicou Matt.

– Ah. Muito bem – disse Jimbo com um sorriso. – Nesse caso, quando agendarmos reuniões com o Harry Hyams, temos de evitar as quintas.

– Já ouvi falar do Harry Hyams. Um magnata famoso do setor imobiliário. É vosso cliente?

– Ainda não – disse Matt.



Eliza estava a almoçar com Fiona Marks, uma criatura magra e nervosa, que falava a tal velocidade que exigia uma concentração absoluta para assimilar o que dizia. Era a editora de moda da Charisma, uma nova revista de luxo que andava na boca de toda a gente nesse outono. Orientada para as reportagens, era completamente diferente da maioria das revistas femininas. Nas suas três primeiras edições, publicara entrevistas com Betty Friedan e Gloria Steinem que, entre outros assuntos, falou sobre o seu ignóbil período como «coelhinha»; a publicação apresentara ainda uma descrição extremamente gráfica do novo parto «natural», a que não faltaram fotografias, e um artigo sobre a morte do casamento na vida do século xx. E a coluna «Vinte e Quatro Horas com...», estudos fotográficos sobre a vida em lugares tão díspares como uma unidade de urgências, um bairro camarário do East End e um pacote de luxo, tanto nos tombadilhos superiores como inferiores, já começara a ser copiada.

– Sim? – disse Eliza timidamente. Fiona falara num registo bastante profissional.

– Ouça... sente-se bem ambientada na Woolfe's? A Lindy vai-se embora e a Eliza deve estar um pouco preocupada com isso...

– Não, não – disse Eliza, fingindo um tom casual. – A pessoa que a vai substituir é ótima. Estou desejosa de trabalhar com ela.

– Nesse caso, esqueça o que eu me preparava para dizer.

– O quê? – Eliza hesitou. – Que é que se preparava para me dizer?

– Bom, ia dizer que ando à procura de uma assistente... a Lucy vai deixar-me para ter um bebé. Vou receber imensas candidaturas, meia Londres vai-se candidatar, mas gostava de saber se está interessada.

– Eu? – disse Eliza.

– Sim. É que penso sinceramente que tem olho para o negócio e é isso que me interessa acima de tudo. Mas se se sente realmente bem onde está...

– Não sinto – disse Eliza, a sua própria voz soando aos seus ouvidos como um guincho estranho e agudo. – Gostava muito de me candidatar ao lugar. Muito mesmo. Por favor. Quer dizer, obrigada. Oh, caramba... é o máximo.

– De acordo. Ótimo. Mas fique desde já a saber que o trabalho é duro. A revista está firmemente apostada em ser diferente e o editor, Jack Beckham, não perfilha uma visão corrente da moda; é um jornalista à moda antiga, que subiu a pulso e conseguiu a posição porque trabalhou no lançamento do Sunday Times Magazine com o Mark Boxer. Aliás, considera a moda como um mal necessário para aliciar os anunciantes, mas prefere cingir-se a artigos de fundo sobre classe, política e sexo e, como tal, é um bico de obra convencê-lo a apoiar as nossas ideias. E têm de ser ideias válidas, não apenas sobre os novos comprimentos das saias e essas coisas. Mas parece-me que estaria à altura de tudo isso. Seja como for, dê-me o seu currículo... como tenho sempre de seguir os trâmites normais de apresentá-la ao editor, terá de se candidatar. E aviso-a já que ele

não lhe vai dar tréguas na entrevista. Mas...

– Caramba, é muito emocionante – disse Eliza. – Muito obrigada, Fiona, não podia ficar mais lisonjeada nem entusiasmada se me tivesse... enfim, nem sei o quê. É maravilhoso!

Devia realmente deixar de utilizar termos como «caramba»; faziam-na parecer que estava de volta ao último ano do liceu de Heathfield.

Conseguiu uma entrevista duas semanas mais tarde. Simpatizou de imediato com Jack Beckham, apesar de ele ser uma figura aterradora; lembrava-lhe Matt Shaw. Era moreno, de constituição forte, com um pronunciado sotaque londrino, e parecia completamente deslocado no ambiente dos escritórios da Charisma. Não era que fossem muito parecidos com os da maioria das revistas que ela conhecia, cheios de jovens bonitas e chiques de minissaia a engatar modelos e fotógrafos decadentes. A atmosfera aqui era muito mais séria, e viu mesmo dois homens de aspeto extremamente intelectual – um deles era o editor adjunto. O departamento de projetos especiais, adjacente ao de moda e duas vezes maior, estava cheio de jovens mulheres que, na opinião de Eliza, tinham andado em Oxford, criaturas com ar inteligente, cabelo revolto, roupas artísticas e vozes duas oitavas abaixo das suas homólogas de pendor mais histérico. Além disso, o gabinete delas não estava cheio de cabides para roupas e produtos de beleza, mas de grandes pilhas de livros, discos e gravadores; e os quadros nas paredes não eram de Jean Shrimpton e Patti Boyd mas de Kenneth Tynan e Norman Mailer.

O gabinete de Beckham estava envolto em fumo; ele tinha um charuto a arder num cinzeiro, na secretária, e um cigarro na boca. Reclinou-se e estudou-a.

– Com que então é a grande descoberta da Fiona. Ouvi dizer que foi debutante ou uma patetice desse género.

– Fui – disse Eliza –, mas a culpa não foi minha.

– Sim, calculo que não. – Sorriu-lhe. Tinha apreciado a resposta. – Que a leva a julgar-se capaz de desempenhar este trabalho?

– Não me julgo capaz... por enquanto. Foi ideia da Fiona. Mas adorava tentar. Acho a Charisma fabulosa.

– E qual foi o artigo que mais gostou?

Era um teste e ela estava preparada.

– Achei o artigo sobre os sem-abrigo... enfim, fantástico. Muito bem escrito e as fotografias eram...

– Tretas – disse Jack Beckham.

– Desculpe?

– Disse tretas. Aposto que não tem o mínimo interesse nos sem-abrigo.

– Hum... – Era perfeitamente verdade; sorriu-lhe, contrafeita.

– Diga-me a verdade, que é que realmente a cativou?

– Pronto, o artigo sobre as assistentes do bengaleiro nos grandes hotéis.

– Mais convincente. Porquê?

– Bom, porque devo ter conhecido muitas sem nunca me aperceber da vida extraordinária que levam. E das pessoas com quem contactam diariamente.

Era uma resposta patética; traía exactamente aquilo que era, uma menina mimada, da classe alta.

– Ótimo. Gosto disso. É o que tentamos fazer em todos os nossos artigos de fundo. Dar a volta a ideias preconcebidas. Acha-se capaz de converter isso em moda?

– Não... não sei. Quero dizer... é esse o trabalho da Fiona. A editora é ela. Eu seria simplesmente uma assistente.

– Sim, sim, mas não queremos uma rapariga sem valor que diga amém a tudo nesse lugar. Queremos alguém com garra. Entende o que estou a dizer?

– Entendo, claro que sim.

– Entrevistei uma vez o Bernard Woolfe. Para o Sunday Times. Achei que era um homem com o rei na barriga.

– Mas é um homem importante no mundo em que se move – disse Eliza com firmeza. Não tencionava deixar-se arrastar para comentários difamadores sobre o seu atual patrão.

– Diga-me porque é que pensa assim?

– Ele fez uma obra espantosa com aquela loja. Especialmente o departamento onde eu trabalho. Foi uma iniciativa pioneira.

– Talvez sim. Gosta dele? Vai ser muito diferente trabalhar para mim, não sei se sabe.

– Já percebi.

– Já?

– Sim.

Não devia ter dito isto. Agora ele ia perguntar-lhe em que sentido. Mas não perguntou. Pelo contrário, soltou uma gargalhada.

– Agrada-me a sua honestidade, Miss Clark. Pois bem, não tenciona casar-se e ter filhos como essa desgraçada da Lucy, pois não?

– De maneira nenhuma! – disse Eliza.

– Fala como se tivesse ficado horrorizada. Pensei que era para isso que as jovens como a Eliza eram preparadas.

– Eu não sou como as outras jovens – respondeu Eliza friamente.

– Hei de ter isso em mente. Aliás, vou levá-la à letra. Muito bem, depois informamo-la da nossa decisão. Sabe com certeza que esta é uma posição cobiçada por muita gente.



Eliza teve de esperar duas semanas; Jack Beckham insistiu em falar com todas as raparigas que se tinham candidatado. No entanto, disse-lhe que se decidiu por Eliza no

momento em que ela lhe disse que não era como as outras jovens.

– Agora não me desiluda. E nada de casamento e bebês.

– Claro que não – redarguiu Eliza.



– Eliza? Fala o Jeremy.

– Ah... olá, Jeremy.

– Queria saber se estás livre no próximo sábado.

– Sinto muito, Jeremy, não estou. Vou passar o fim de semana a casa dos meus pais.

– Paciência. É só uma festa. Não hão de faltar outras. Bom fim de semana.

– Obrigada. Desejo-te o mesmo.

Desligou o telefone, ficando a olhar pensativamente para o aparelho. Ele parecia bastante... interessado.

Já tinham saído várias vezes juntos: ele tinha-a levado ao Sybilla's, o mais recente dos novos clubes, e à inauguração do magnífico Teatro Nacional, com a estreia de uma peça em que Peter O'Toole interpretava Hamlet.

Era um namorado absolutamente ideal. No fundo, não sabia bem se estava a apaixonar-se por ele nem tão-pouco se estava a caminho disso.

Mas gostava imenso dele. Não tinha havido qualquer sugestão de sexo... por enquanto. Apenas beijos, no que ele era exímio. Mas não era de admirar, já que ele era um perfeito cavalheiro, nunca lhe passaria pela cabeça pressioná-la, provavelmente só pensava que ainda não se conheciam suficientemente bem, o que talvez correspondesse à realidade.

Ele tinha um cargo importante na KDP, era diretor de clientes de Grupos, uma raça conhecida na agência como os «Lords». – E alguns até são – disse Jeremy, sorrindo-lhe. – Lords, digo eu.

– Sim, ouvi dizer que tinham lá alguns. E que recrutam em... onde era? Duas universidades, três escolas e quatro regimentos. É verdade?

– Mais ou menos. Sim. Dava uma bela frase publicitária, não?

Ele levava o trabalho muito a sério, era uma das qualidades que mais lhe agradavam nele, não era simplesmente um passatempo como acontecia com muitos tipos com dinheiro. – Sabes, a minha profissão dá-me imenso gozo, acertar na estratégia para os anúncios, trabalhar com os criativos, vender a ideia ao cliente. É incrivelmente gratificante. É como uma batalha. Muita da terminologia em publicidade é militar, sabes, muito intrigante: coisas como estratégia, campanha, sala de operações, é, é mesmo uma batalha. Que eu quero... não, preciso de ganhar.

Também isto lhe agradava.

Ele ganhava um balúrdio de dinheiro e tinha uma conta para despesas de representação aparentemente ilimitada; o seu gabinete era imponente, aliás muito

diferente de qualquer escritório que Eliza já tivesse visto. A agência situava-se numa enfiada de três antigos e esplêndidos edifícios em Carlos Place, próximo de Grosvenor Square; o presidente era um lendário guru da publicidade americano chamado Carl Webster. – Que queres, os americanos inventaram a publicidade – disse Jeremy quando ela manifestou surpresa.

Os almoços com os clientes, que eram recebidos na sala de jantar do último andar da agência, com a sua enorme mesa oval e vista sobre a praça, prolongavam-se com frequência até às seis da tarde, altura em que passavam aos cocktails e a planos para a noite.

Eram despidoradamente snobes; até as secretárias da KPD eram de uma educação polida. – Desaparecem todas e nós temos de arranjar substitutas temporárias para a semana de Ascot, percebes? – disse Jeremy. – E um dos testes de datilografia inclui saber escrever corretamente a palavra champagne e Bollinger, já se sabe. Aí ficamos a saber se são competentes.

Só os criativos, recrutados nas escolas de arte, pertenciam à classe dos praças, como Jeremy lhes chamava; rapazes de escolas secundárias inclusivas, perspicazes, espertos e irreverentes, com ideias absolutamente originais sobre design e declarada, senão ironicamente, desdenhosos da classe alta.

A outra coisa que absorvia Eliza, ainda mais do que o seu romance com Jeremy, era o seu novo emprego. Adorava-o incondicionalmente. Além de andar numa correria permanente, a fazer tudo e mais alguma coisa, em sessões fotográficas ou no escritório, Fiona consultava-a constantemente, o que era muito lisonjeiro, a respeito de ideias, planos, sessões – e sobre o que podiam fazer quando fossem a Paris para as coleções.

– O Jack concordou que temos de cobrir as coleções, mas diz que não aceita ideias batidas a respeito dos tecidos; quer uma ideia nova. Não me ocorre nada. E a ti?

Eliza disse que ia pensar.



Sarah apreciou o fim de semana; de um modo geral, pelo menos. Era maravilhoso estar com Charles e tinha sido um prazer ver Eliza; tinham dado um agradável passeio a pé no domingo à tarde, durante o qual Eliza não se calara. Estava bastante entusiasmada com o novo emprego, que realmente parecia estupendo. E, ao que parecia, já saíra várias vezes com Jeremy Northcott.

– Mas não olhes assim para mim, mãe, gosto dele e ele gosta de mim, damo-nos às mil maravilhas, mas não passa disso.

Sarah tentou não alimentar outras expetativas, mas não era fácil.

Saborearam um excelente jantar no sábado à noite e a seguir jogaram scrabble; Charles explicou a Juliet que era uma tradição de família.

– É scrabble ou cinema, e não há nada em cartaz.

Juliet protestou, dizendo que era péssima a jogar scrabble e, ao fim de cerca de meia hora, quando estava irremediavelmente a perder, começou a amuar e a dizer que queria ir deitar-se porque se sentia muito cansada.

– Não quero ser indelicada – disse ela –, mas tive uma semana muito cansativa e dói-me um pouco a cabeça.

Sarah disse que não era indelicadeza nenhuma. – Isso, querida, vai deitar-te cedo; Charles, não seria melhor preparares um cacau para a Juliet?

– Não dizia que não a um cacau. Importas-te, Charles?



No dia seguinte, logo a seguir ao pequeno-almoço, começaram a discutir os planos para o casamento.

Juliet tomou notas num caderno cor-de-rosa em espiral onde já tinha colado fotografias, tiradas de revistas, de vestidos de noiva, ramos de flores e até de destinos de lua de mel.

Era perfeitamente natural, claro, pensou Sarah, que ela estivesse tão entusiasmada, mas não podia deixar de sentir pena de Charles, que estava claramente desejoso de sair e passar algum tempo a sós com o pai. Juliet opôs-se completamente à ideia, alegando que o queria plenamente envolvido.

Não havia dúvidas sobre quem usaria as calças naquele casamento...

Depois de partirem, Sarah foi dar um passeio a pé e, quando voltou, sentou-se na cozinha, ao lado do fogão, que era o único lugar verdadeiramente quente na casa, e tentou concentrar-se no Sunday Times. Era difícil; não conseguia invocar qualquer entusiasmo a respeito dos sucessores de Harold Macmillan, o primeiro-ministro enfermo. Parecia um assunto muito pouco importante.

Estava encantada – naturalmente – por Juliet e Charles desejarem celebrar o seu casamento em Summercourt, mas a verdade era que parecia ir contra a corrente natural das coisas. Simpatizava bastante com Juliet, embora ela não fosse exatamente o tipo de mulher que esperava que Charles tivesse escolhido. Tinha contado com... enfim, com alguém melhor do que Juliet. Ela não era simplesmente... ora, deixa-te de rodeios, pensou Sarah, ela não era simplesmente uma pessoa da classe deles. Estava inclusivamente com receio de conhecer os pais dela; previa que não teriam muito em comum...



Como milhões de outras pessoas, Eliza nunca mais se esqueceu do que estava a fazer quando ouviu a notícia de que o presidente Kennedy fora assassinado. Estava na cama

com Jeremy Northcott pela primeira vez. Até ao fim da vida, não foi capaz de dissociar um acontecimento do outro, com o choque e a sensação de irrealidade que o acompanharam.



Estavam no apartamento dela, tentando decidir que filme veriam nessa noite. A escolha era entre uma reposição de *La Dolce Vita* no Curzon, que ela queria ver, e *O Senhor das Moscas*, a preferência dele.

Eliza sentia-se muito feliz. Muito feliz mesmo. Não pensava no que podia acontecer no futuro, estava simplesmente a desfrutar o presente.

O fim de semana anunciava-se bom. Ia com Jeremy a uma festa no sábado; Charles e Juliet iam a Summercourt com os Judd; Sarah queria que ela fosse, mas a ideia não agradava a Eliza.

– Queres um café enquanto discutimos sobre o filme? – perguntou ela agora.

– Não digo que não – respondeu ele. – Exagerei nos gins tónicos à hora de almoço. Importas-te que ligue o rádio?

Ele era um viciado no noticiário, sempre «em cima das notícias», como dizia. Eliza sorriu-lhe e dedicou-se então a procurar a cafeteira; nesse momento, ouviu a voz do locutor: «Foi alvejado quando circulava num cortejo automóvel nas ruas do Texas. Ainda não se conhece a gravidade do seu estado.»

Quando ouviu as palavras «Mrs. Kennedy está no hospital», sentou-se abruptamente a ouvir, aturdida com o choque, enquanto a macabra história era relatada. E quando Jeremy disse por fim «Santo Deus do céu!», lançou-se nos braços dele, surpreendida com a sua necessidade de conforto.

Sentaram-se no sofá da sala de estar, tomando o café e ouvindo as intermináveis reportagens que informavam repetidamente: «Morreu John Fitzgerald Kennedy, presidente dos Estados Unidos», primeiro as vozes inglesas, chocadas e aturcidas, depois as americanas, ainda mais, as reações das multidões, primeiro no Texas e depois em Nova Iorque, incrédulas, devastadas. Ligaram a televisão, viram as imagens que se tornariam icónicas, da chegada dos Kennedy ao Texas, ambos respirando sofisticação, sorridentes, a acenar, ela com o seu saia-casaco Chanel e o pequeno chapéu sem abas, ele com o cabelo levantado pelo vento. – É quase insuportável – disse Eliza –, olha para eles, estavam bem, uma hora antes... oh, estou a dizer parvoíces. Desculpa, Jeremy.

– Não, não, não é parvoíce nenhuma, eu compreendo, sinto o mesmo, é como se fosse um pesadelo horrível. Tu não sei, mas a mim não me apetece muito ir ao cinema agora. Que dizes se fôssemos antes jantar calmamente a qualquer lado?

– Venha daí esse jantar calmo – disse ela, sorrindo-lhe. Era uma brincadeira familiar entre eles.

- Ao San Lorenzo?
- Sim, excelente ideia.



O San Lorenzo estava surpreendentemente cheio. Era óbvio que ninguém queria estar só. Não se falava de outra coisa. Quem sabia, o que tinham ouvido, como era terrível, como devia ser devastador para Jackie, quem seria o assassino – era a Máfia, eram os Cubanos, eram os Russos.

Acabaram por se cansar. – Vamos embora – disse Jeremy inesperadamente. – Para tua casa ou para a minha?

– Para a tua – disse Eliza. – Na minha estão pelo menos duas raparigas às risadinhas tontas.

– Esta noite talvez não estejam.

– Queres apostar?



O apartamento de Jeremy em Sloane Street era espantoso. Num estilo reconhecidamente antiquado, era uma profusão de espelhos dourados e mobília bastante imponente, com uma cozinha à moda antiga, mas era inacreditavelmente luxuoso, sala atrás de sala, com tetos e janelas altos, oferecendo vistas sobre jardins privados. O primeiro pensamento dela quando lá entrou (e, para ser franca, o segundo e o terceiro) foi que ele devia ser extremamente rico. Jeremy herdara uma grande soma de dinheiro do avô banqueiro e, quando o pai morresse, receberia uma casa senhorial em Norfolk, numa vastíssima propriedade, um apartamento no Sul de França e vários milhões mais.

– Cá estamos – disse Jeremy ao entrarem –, senta-te que eu vou preparar-nos umas bebidas.

Tinha conduzido para Sloane Street num silêncio total; era tão incaracterístico dele que ela pensou se o teria de algum modo aborrecido.

Eliza dirigiu-se para a saleta – a sala de estar parecia demasiado opressiva para a ocasião – e esperou com nervosismo por ele. Ele apareceu finalmente com uma garrafa de champanhe e duas taças.

– Credo – disse ela –, o momento justifica champanhe?

– Talvez – disse ele, sentando-se ao seu lado. – Que dizes se o bebêssemos na cama?

Silêncio enquanto digería o choque da proposta. – Perfeito – disse então, rindo-se, e ele riu-se com ela, beijando-a. Eliza levantou-se, pegou-lhe na mão e foram para o quarto, um quarto sumptuoso; sentaram-se na cama a beber o champanhe, trocando muito poucas palavras, e depois...



Foi realmente delicioso. Sim. Delicioso. E definitivamente melhor do que tudo o que ela conhecia até então. O que não era muito, claro. Só um homem depois do primeiro. Outra bebedeira numa casa de campo. Sentira-se terrivelmente deprimida depois dessa vez, reles e promíscua, e também a pensar que o problema talvez fosse dela. Que era frígida ou coisa do género. As amigas diziam que era bom, maravilhoso até. Maddy usava o termo fabuloso para descrever o sexo com o namorado, Esmond, que era um chapeleiro muito pálido e magro – se Eliza não tivesse sido informada do contrário, teria pensado que ele era homossexual.

Fosse como fosse, honestamente, o sexo com Jeremy não era fabuloso. Mas era muitíssimo agradável, claro que sim, e felizmente, pensou, tinha descoberto essa maravilhosa ginecologista que lhe tinha receitado a pílula. Passava o tempo à espera desses momentos fantásticos e explosivos mas eles não aconteciam. E isso constituía um certo choque: o facto de Jeremy Northcott, esse homem do mundo, sofisticado e experiente, não ser capaz de um melhor desempenho com ela.

Fingira um pouco – tinha de fingir – e o pior de tudo, pensou, foi que ele parecera acreditar nela.



Matt também nunca esqueceu o dia 22 de novembro. Foi o dia em que lhe foi entregue, como disse o vendedor, o seu novo carro. O seu primeiro carro. O seu carro.

Foi buscá-lo logo de manhã cedo: um Triumph Herald verde-escuro, com jantes metálicas e riscas longitudinais, um duplo tubo de escape que rugia sempre que ele carregava no acelerador.

Enquanto conduzia para o trabalho ia-se sentindo cada vez mais elegante, mais seguro, já não um jovem inexperiente mas um jovem de sucesso, abrindo caminho por entre o tráfego em lugar de esperar para atravessar a rua, quente e confortável, já não à chuva na paragem do autocarro.

O dia parecia não ter fim; estava ansioso que terminasse para poder ir de carro para casa e mostrá-lo aos pais e à rapaziada. Levar a malta a dar uma volta.

Ia a meio de Oxford Street às seis e meia, mudando desnecessariamente de velocidade com frequência, acelerando furiosamente sempre que ficava retido no trânsito, quando uma notícia de última hora interrompe a programação da rádio:

«Acabámos de receber a notícia de que o presidente Kennedy foi alvejado quando o cortejo automóvel em que seguia atravessava a cidade de Dallas, no Texas. Foi transportado para o hospital e os médicos fizeram todos os possíveis para lhe salvar a vida, mas foi declarado morto à uma da tarde, hora do Texas. Mrs. Kennedy ainda está

no hospital. Não se sabe ainda quem foi o assassino, mas transmitiremos mais informações à medida que forem chegando.»

Matt parou de acelerar; sentiu-se seriamente transtornado. Chocado até. O presidente Kennedy era como um símbolo de uma nova era em que o poder já não estava nas mãos de homens de idade. Parecia completamente errado ter sido eliminado desta forma. Como e porquê alguém faria uma coisa destas?

Era muito triste: aquelas duas crianças, órfãs de pai. E Jackie, a encantadora Jackie, cheia de classe, sempre bem vestida; de certo modo, fazia-lhe lembrar Eliza, com o seu cabelo e olhos escuros e as suas pernas longas.

Pensou se Eliza saberia e no que estaria a fazer agora... E depois estranhou o facto de ter pensado nela.



Scarlett estava sentada no seu apartamento a ver televisão. Sentia-se muito perturbada. Absurdamente perturbada. Lembrava-se de David falar de Kennedy, das suas palavras exatas: «Precisamos dele. Confere uma espécie de graça ao nosso país.»

Bem, se Johnson lhe sucedesse – e sucederia, pois assim determinava a Constituição – essa graça esfumar-se-ia.

Viajara no autocarro da BEA no regresso a Londres, cansada de um voo de ida e volta a Munique, contemplando as ruas apinhadas, olhando para as pessoas, todas visivelmente comovidas, para as filas para comprar o jornal, para os placares que diziam: «JFK Assassinado», experimentando a sensação de estar a assistir a um filme.

Quando Matt lhe ligou a perguntar se podia lá dar um salto, disse-lhe que gostaria muito.

– Não é noite para se estar só – disse ela. – É estúpido estar tão transtornada, não é?

– Acho que não – disse ele. Ela não ficou surpreendida. Matt podia ser muito sentimental; era um autêntico romântico por baixo daquela fachada de durão. Quando se apaixonasse, seria um caso sério, disso não havia dúvida.



Charles estava sentado na pequena sala de estar de Juliet, no apartamento de Earls Court que ela dividia com outra ex-aluna de Roedean, a ouvir rádio no mesmo estado de choque do mundo inteiro e perguntando de vez em quando a Juliet se ela estava bem. Ao que ela respondia com um débil sorriso, mudando ligeiramente de posição a botija de água quente que apertava contra o estômago. Não parecia comungar da sensação dele de dor e perda. Disse que era uma tragédia, claro, e terrível para Jackie, mas o acontecimento não a comovia mais do que isso.

– Amanhã devo sentir-me melhor, Charles, mas se não sentir podemos partir da parte

da tarde? E dizes à tua mãe que não estou em condições de fazer uma das longas caminhadas dela, não dizes? Sinto-me uma desmancha-prazeres, sei que ela as adora...

– Sim, querida, digo, claro.

– É injusto. Queria que este fim de semana fosse um êxito, os meus pais estão tão entusiasmados com a ideia do almoço, embora estejam um pouco nervosos, claro...

– Porquê? – disse Charles, genuinamente surpreendido. Carol e Geoffrey Judd pareciam-lhe ser pessoas extraordinariamente seguras.

– Vão conhecer os meus futuros sogros, é uma ocasião muito importante, e a minha mãe não sabe muito bem o que vestir, como sabes, não é uma pessoa do campo...

– Deve usar a roupa em que se sentir mais confortável – respondeu Charles. – Por amor de Deus, não passa de um almoço de família.

– Não te zangues comigo, Charles, já sabes que me sinto péssima... Charles!

Mas Charles tinha posto o rádio mais alto; estavam a transmitir a notícia da detenção de um homem no centro de Dallas.

– É incrível que o tenham encontrado tão depressa.

– Charles, acho que me vou deitar. Se não te importas. Ligo-te de manhã cedo a dizer como me sinto.

– Claro. Desculpa. É que isto é tão...

– Sim, compreendo, muito mais interessante do que as minhas dores menstruais. Tudo bem. Até amanhã.

Ele levantou-se; ela ofereceu-lhe o rosto cansado, um esgar no lugar de um sorriso, para ele beijar.

Charles partiu.

Avançou num passo pesado pela rua, o assassinato do presidente Kennedy temporariamente apagado do seu espírito para dar lugar a um pânico novo: a possibilidade de ter cometido um erro terrível.

Dezembro de 1963

A vida estava a correr bastante bem, na opinião de Matt. Bem de mais, pensava por vezes. Seria apenas sorte de principiante? Se era, então o melhor era aproveitar ao máximo. A procura de espaços comerciais era inesgotável. As restrições ao licenciamento ainda eram reduzidas, o dinheiro estava disponível e não havia grupos de pressão ambientalistas com que contender; como os locais bombardeados já estavam na generalidade urbanizados, os edifícios antigos estavam simplesmente a ser demolidos para dar lugar a uma erupção de caixotes funcionais de vidro e betão. Fora inclusivamente sugerido que as Casas do Parlamento fossem demolidas para abrir espaço a novos projetos de construção.

Matt e Jimbo já tinham mais clientes do que as suas capacidades; trabalhavam cada vez mais horas, muitas vezes entrando às sete e largando o serviço doze ou mesmo catorze horas mais tarde.

Uma manhã, no princípio de dezembro, uma mulher alta, de aspeto bastante austero, entrou no escritório. Tinha cerca de quarenta anos, calculou Matt, e trazia um saia-casaco; o cabelo louro estava preso no que Louise mais tarde descreveu como uma banana, tinha umas pernas belíssimas e um sotaque extremamente fino.

Sentou-se, aceitou um café e disse que ia abrir uma agência de secretariado em Londres. – Com certeza que já ouviu falar do Brook Street Bureau? A nossa agência, que se chama Status Secretaries, é muito semelhante, mas com uma importante diferença: as nossas raparigas terão todas o certificado de estudos secundários e qualificações em Estenografia, e não apenas em Inglês, mas noutra língua. Como certamente sabe, existe uma crescente propensão para falar duas línguas no mundo dos negócios londrinos.

Matt respondeu que sim, que estava a par desse facto.

– Como tal, não preciso só de um escritório mas de vários, cada um com noventa metros quadrados, digamos. Inicialmente pretendo um na City, um no West End, um em Chelsea e um em Bayswater. Temos muito trabalho e o local que ocupamos agora, não muito longe daqui, é extremamente inconveniente. Tem alguma coisa para me oferecer?

– Estou certo de que sim – disse Matt, chamando Louise pelo intercomunicador. – Miss Mullen, importa-se de trazer a pasta dos espaços comerciais pequenos? Esta senhora... desculpe, não apanhei o seu nome...

– Não lho disse. Hill, Valerie Hill.

– Sim, Miss Hill está à procura de vários escritórios para a agência de secretariado dela. Em... ora vejamos, EC4 ou talvez 2, W1, SW3 e W2. Estou certo de que temos propostas para si.

– Sem dúvida, especialmente na zona da City. Temos vários imóveis muito apropriados nessa área. É só um momento – disse Louise; realmente era muito competente, pensou Matt, e um minuto depois estava de volta com várias pastas.

Valerie Hill ficou claramente impressionada com ela. – Esta jovem é muito eficiente – observou. – Exatamente o que procuramos. Não estou de maneira nenhuma a pensar em roubar-lha – apressou-se a acrescentar.

– Espero bem que não – disse Matt alegremente –, ela vale o seu peso em ouro. Ora vejamos... ah, sim... que valor de renda tem em mente, Miss Hill?

Meia hora mais tarde, estavam a caminho da City; no final do dia, já Matt preparava propostas de contrato para dois dos quatro escritórios que Miss Hill pretendia.

Nem sempre as coisas eram assim tão fáceis; mas raramente eram difíceis.



Matt tinha igualmente comprado um apartamento, um estúdio num velho armazém convertido, na margem do rio, em Pimlico. Soube dele através de Mark Draper, que ganhara uma fortuna com a venda de estúdios; Matt conhecera-o no Blue Post, perto de St. James's Street, um poiso favorito dos jovens que trabalhavam no setor imobiliário.

Um dia, Draper estava a queixar-se de um apartamento de que não conseguia livrar-se. – O edifício do lado está em ruínas, é o único problema, e eu sei de fonte segura que o teu antigo patrão, Matt, o Andy Stein, tem alguém interessado nele, está só a discutir o melhor momento, mas entretanto ninguém pega neste.

Matt foi vê-lo, inspecionou as enormes janelas, apesar de sujas, com vista sobre o rio, o chão de betão, que era uma garantia de solidez, a cozinha e a casa de banho improvisadas e a ampla sala, banhada em luz, cheia de teias de aranha, e adquiriu-o por 1500 libras; a mãe e Scarlett passaram um fim de semana a ajudá-lo a limpá-lo, o pai reparou as janelas e Matt pintou-o de branco. Estava agora mobilado com uma cama de casal, duas cadeiras de jardim, uma mesa de jogo e um fogareiro de campismo. Um cliente no ramo do vestuário deu-lhe um cabide e ele guardou a roupa interior, as camisolas e as camisas casuais numa velha mala de viagem em couro, a que não faltavam etiquetas de destinos exóticos – Cairo, Bombaim, Nova Iorque, – que comprou em Portobello Road por dez xelins. Não queria nem precisava de cortinas nas janelas, preferia ver o rio, todo o dia e toda a noite, desde os primeiros raios da alvorada refletidos na água até surgirem as dragas que sulcavam as águas negras à noite. As ratazanas que pululavam na praia em baixo, na maré vaza, não o incomodavam de todo, como não incomodava o tráfego fluvial, as sirenes das embarcações da polícia e o buzinar constante dos rebocadores e dos cargueiros. Os gritos estridentes das gaivotas agradavam-lhe particularmente. Para ele, era um palácio; sentia um orgulho supremo nele.

Não estava a sair-se mal, para alguém que fizera tudo sozinho.



O convite chegou três semanas antes do Natal. Num envelope branco muito grosso que lhe estava pessoalmente endereçado. Leu-o, disse «Esta agora!» e pousou-o junto ao telefone; estava sentado a olhar para ele quando Louise entrou.

– Deixa ver isso – disse ela, inclinando-se para pegar nele. A rapariga era de um desaforo a toda a prova, pensou Matt, autoritária e curiosa; e depois pensou que, no fundo, lhe agradava que ela o visse.

– Boa, Matt, que é que vais vestir? Posso ir também?

– Não, não podes – respondeu Matt.

– Porque não? Ela é uma cliente, não é?

– É, mas convidou-me a mim. Não te convidou a ti nem ao Jim. Não fala em

acompanhantes, pois não?

– Realmente não. Mas aposto que podias levar, essa gente do meio artístico é muito descontraída. Anda lá, Matt, gostava imenso de ir.

– Já disse que não, Louise.

– Como queiras. – Encolheu os ombros. – Ora vá, importas-te de assinar estes cheques para não ficarmos em maus lençóis?

– Com certeza. E liga a Mr. Thomas, diz-lhe que em princípio alugámos o escritório dele.

– É para já.

Assim que ela saiu, Matt voltou a pegar no convite e releu-o com um sorriso idiota nos lábios. Era empolgante. Estariam presentes dezenas de modelos, o que seria bestial. E fotógrafos e gente da moda... ia ser uma festa fantástica.

E... possivelmente Eliza. Ela e Maddy eram grandes amigas.

«Vem celebrar o Natal connosco», leu em grandes letras vermelhas num cartão imaculadamente branco, com uma moldura de agulhas de tricô e projetores de estúdio desenhados, «na sexta-feira, 13 de dezembro, a partir das 8h00. Connaught Design Studios, Paddington Way, W2. RSVP, Maddy Brown ou Jerome Blake.» E por cima da caligrafia artística, tão típica de pessoas como ela: «Não faltes, Matt!»

Ele passou o dia a olhar para o convite.



Deixou passar três dias antes de responder; não queria mostrar demasiado entusiasmo. E só depois de responder é que começou a pensar no que havia de vestir. Um fato não: era excessivamente formal. Jeans também não: demasiado casual. Calças de flanela? Não imaginava Jerome Blake de calças de flanela. Estava a entrar em desespero quando viu um fato de veludo vermelho numa montra dessa Meca do estilo, Male West One, em Carnaby Street; para ser franco, era demasiado caro para o seu bolso, mas comprou, assim como uma camisa de folhos a condizer. Não se atrevia a pensar no que o pai lhe diria, que era maricas ou coisa que o valha.



Matt chegou à festa às oito e meia. Sabia que não convinha chegar cedo; não havia nada pior do que ser o primeiro.

Foi o primeiro.

– Olá, Matt! – Era Maddy, magnífico vestido tubo de malha dourada.

– Olá. Peço desculpa por chegar cedo de mais.

– Não chegaste. Os outros é que estão atrasados. Ah... olha, por acaso até tens companhia... olá, Simon... Simon Butler... Matt Shaw. Matt, o Simon é diretor criativo de

uma das agências, CPV, não é, Simon?

– Não, querida, CDP. Se não te importas.

– Ui, desculpa. Adiante, prazer em ver-te. Foi o Matt que nos arranjou este edifício esplêndido, não foste, Matt?

– Foi? – Simon arvorou um sorriso bastante superior. – Parabéns.

Matt antipatizou instantaneamente com ele.

– As bebidas estão ali – disse Maddy –, sirvam-se e, mais tarde, teremos uns bolinhos apetitosos.

E desapareceu.

– Mais vale então beber qualquer coisa – disse Simon, tomando a dianteira a Matt em direção às bebidas. O estúdio era uma profusão de luzes estroboscópicas e a música já estava a martelar.

Matt serviu-se de uma cerveja e disse: – Saúde!

– Saúde – respondeu Simon. Pegando numa mortalha, começou ostensivamente a enrolar um cigarro com tabaco de uma pequena cigarreira de prata. Porra, pensou Matt; é para me impressionar ou quê? Também sabia o que eram os tais bolinhos, claro; e não tencionava provar nenhum. Ouvira demasiadas histórias de horror sobre esses bolinhos e sobre o seu recheio mal distribuído; um amigo de Jimbo tinha acabado com uma overdose, sofrendo alucinações e tentando saltar de um segundo andar.

– Então – disse Simon Butler, esvaziando o copo, voltando logo a enchê-lo e lambendo a mortalha –, trabalhas no setor imobiliário, é?

– Exato – disse Matt. – Tenho uma pequena agência no West End, sobretudo imóveis comerciais. – Olhou para Simon cuja expressão passou subitamente de um tédio indulgente a um sorriso rasgado; se calhar estava interessado... não, não estava.

– Suki! Querida! Vem cá. – Na direção deles, vinha a rapariga mais alta e magra que Matt já vira, com um rosto muito pálido e grandes olhos orlados a preto, envergando um vestido de seda justo que lhe dava pelos tornozelos, e sem sapatos. Os pés dela, não pôde deixar de reparar, estavam imundos.

– Simon, olá, querido. É horrível chegar tão cedo, mas se não viesse já, só daqui a horas... – Olhou hesitante para Matt, que sorriu e estendeu a mão.

– Matt Shaw. Prazer em conhecer-te.

– Ah. Sim. Sou a Suki.

– E... és modelo? – perguntou Matt. Parecia uma suposição razoável, dada a figura dela.

– Credo, não... não, sou costureira na Granny's.

– Ah – disse Matt –, estou a ver. O que é a Granny's? Ao certo?

Olharam ambos para ele como se tivesse perguntado em que data era o Natal.

– Granny Takes a Trip – respondeu finalmente Suki com extrema paciência. – Não

conheces? A loja de roupa. Em World's End.

– Ah... sim. Claro.

– Pois é, Simon, apareceu-me um tipo a dizer que queria mandar fazer um fato para um... ah, Christian, querido, olá. Como estás? Conheces o Simon Butler, não conheces? Da CDP? E este é... desculpa, Matt, de onde és?

– Trabalho no setor imobiliário – disse Matt e, virando-lhes as costas, encaminhou-se para Maddy. Não estava disposto a ser tratado com ares de superioridade por esta gente. Nem pensar.



Três quartos de hora mais tarde, não estava a ser tratado com ares de superioridade; estava a ser ignorado. Toda a gente parecia conhecer toda a gente; e todos trabalhavam em moda ou no ramo publicitário e, como tal, não tinha conversado com ninguém e vice-versa.

Tinha bebido bastante cerveja, mas sentia-se completamente sóbrio. Sóbrio e extremamente estúpido. A maioria dos presentes era gente fina, mas alguns falavam com um sotaque cockney exagerado.

Estava também cheio de calor. Apetecia-lhe despir o casaco, mas tinha medo que lhe fosse roubado e, de qualquer forma, percebia que a camisa de folhos tinha sido um erro. A maioria dos homens estava de camisa branca simples ou até de T-shirt e jeans, alguns de veludo, é verdade, mas pretos e não, de maneira alguma, vermelhos. Merda. Maddy acenara-lhe por duas vezes e perguntara-lhe se estava bem; e apresentara-o ao namorado, Esmond, que estava completamente vestido de preto, T-shirt preta, jeans pretos, tinha cabelo muito preto e um ar de moribundo, com uma pele pálida acinzentada, e era incrivelmente magro – como é que esta gente emagrecia tanto, não comiam?

Ele era bastante simpático, perguntando a Matt o que fazia e tentando responder com entusiasmo. Matt descobriu que ele fazia chapéus e até tinha vendido um ou dois à Granny's; vendo uma oportunidade de parecer que estava em cima da jogada, Matt perguntou-lhe se conhecia Suki, mas Esmond respondeu tinham andado juntos na academia. Que academia, quis saber Matt, mas Esmond claramente estava a perder a paciência.

– A Real Academia de Artes – respondeu, acrescentando antes de se apressar atrás de Maddy: – Já volto.

Matt, mais uma vez sozinho, olhou sub-repticiamente para o relógio; credo, ainda só eram dez menos um quarto. Estava profundamente aborrecido... era capaz de se ir embora, sim, era isso mesmo, ia-se embora, mas...

– Matt! Olá, Matt, que agradável surpresa, a Maddy disse que te ia convidar; podes ir

buscar-me uma bebida, estou desesperada.

Era Eliza. Estava com um vestido tubo preto, com um enorme buraco por altura do abdómen... aliás, tinha mesmo o umbigo à mostra... a que propósito é que as raparigas podiam fazer coisas destas?... e botas pretas pelas coxas. A sua franja era tão comprida que ele mal lhe via os olhos.

– Com certeza – disse ele, desaparecendo no meio das pessoas e apercebendo-se então de que não fazia ideia do que ela queria. Pegou num copo de vinho tinto e noutro de vinho branco e voltou para junto dela, imaginando que ela se juntara entretanto a outro grupo. Mas não. – Ah, obrigada, Matt, prefiro o branco se não te importas. Então, estás a divertir-te?

– Bem... sim... sabes como é. – Sorveu um grande gole do tinto. – Não conheço muita gente, mas... sim, conheci uma pessoa que provavelmente conheces, a Suki não sei quantas...

– Suki! A Suki Warrener?

– Não sei. Talvez.

– Estava pedrada? Está sempre. Queres um cigarro, Matt? Não, não, fuma um dos meus. Não bate bem da cabeça, a Suki... por falar em cabeças, conheceste o Esmond?

– Ah, conheci. Achei-o muito simpático.

– Não é? Oh, Maddy, querida, olá. A festa está fabulosa. Desculpa o atraso. Credo, olha para o Simon Butler, que lata, acho um bocado cedo para se pôr nesses preparos, é uma indecência. E quantos vestidos Maddy Brown estão aqui?

– Ah... alguns. Sim. Oh, meu Deus, a Suki está a passar-se, é melhor acudir.

Eliza esvaziou o copo e sorriu a Matt. Estava bastante amigável.

– Queres outro? – perguntou ele.

– Hum... sim... não... ah, ouve, é She Loves You, a minha favorita neste momento. Queres dançar, Matt?

E pegou na mão dele e conduziu-o para o meio da pista de dança improvisada.

Dançava bem, muito bem. E sabia. Começou por ser uma exibição, inteiramente a solo; ela movia-se ao som da música, ignorando-o, a cabeça ligeiramente inclinada para trás, dobrando, torcendo, rodando o corpo, projetando o cabelo, os olhos brilhantes, e o seu sorriso era em parte de puro prazer e, em parte, de autoconfiança, como quem diz «olhem para mim». E Matt limitou-se a segui-la para onde ela o levava. Mas depois, sabendo que também dançava bem, muito bem, começou igualmente a exhibir-se, de súbito estranhamente seguro de si mesmo, e ela, reconhecendo a atitude, o seu sorriso agora para ele e não para a audiência, os olhos fixos nos dele, o seu corpo seguindo o dele, todos os movimentos, rotações, contorções, imprimindo a cada um compassos duplos e triplos; gradualmente, as outras pessoas pararam de dançar, olhando para eles, presas pelo que era um espetáculo de virtuosismo e, no fim, quando se fez uma pausa

momentânea na música, quando o ritmo se alterou, pareceram ficar sozinhos, a noite por breves instantes inteiramente deles, e Eliza ficou ali a olhar para ele, os seus olhos grandes e brilhantes, a respirar com dificuldade, e ele fez o mesmo, nenhum deles se movendo, apanhados numa espécie de choque, parados no tempo.

E depois, claro, a música recomeçou e toda a gente se pôs novamente a dançar, a conversar, a sorrir; e soou um grito «Eliza», e um homem alto e louro estava à porta a acenar-lhe, e ela inclinou-se e deu-lhe um beijo rápido e meio envergonhado e disse: – Desculpa, Matt, tenho de ir, foi só uma visita de médico. – Nesse momento, a magia esfumou-se e não era a princesa da história que se transformara numa criada maltrapilha mas o príncipe, que era mais uma vez um zé-ninguém.

Mas Matt não quis saber; pouco depois partiu, tendo agradecido a Maddy, apertado a mão branca e bastante fria de Esmond e tendo-se até sentido suficientemente ousado para beijar Suki, que estava sentada num dos sofás, a chorar desesperadamente sem que ele fizesse ideia porquê: e conduziu rejubilante para casa.

Não sabia bem o que tinha acontecido, mas sentia que algo tinha mudado. Como se de repente fizesse parte da vida de Eliza e não fosse uma pessoa com quem ela era simpática de um modo inibido; e como se ela fizesse parte da sua e não estivesse impossivelmente fora de alcance. Não sabia como, mas algures à mistura havia sexo, não tinha dúvida alguma.



Não podia estar... ou podia? Não, era impossível. Tinham sido extremamente cuidadosos; ela era-o sempre. Nunca permitira que nenhum homem assumisse a responsabilidade, por mais que lhe garantissem que não haveria problema.

Mas a verdade era que estava mais de duas semanas atrasada, com os seios tão sensíveis que mal conseguia tocar-lhes.

– Eu bem lhe disse – disse a ginecologista num tom de ligeira reprovação – que não é cem por cento seguro. Nada é.

– Que posso então fazer?

– Das duas, uma. Ou o tem ou não o tem.

– Não posso tê-lo – retorquiu Scarlett. – Não posso, juro. Conhece alguém que possa... enfim, ajudar-me?

– Minha cara senhora, claro que não. É ilegal. E se conhecesse e lhe dissesse, podia ser proibida de exercer.



– Maldita mulher – disse Diana –, aposto que já fez vários abortos. Oh, Scarlett, sinto muito. Pobrezinha.

– Bem, a culpa é minha, calculo.

– Não sejas ridícula! Tens a certeza absoluta?

– Infelizmente tenho. A fêmea do sapo deixou mesmo os ovos.

– É estranho, não é? – disse Diana distraidamente. – Pensar que a nossa urina pode fazer um sapo fêmea ovular. Desculpa, não te estou a ajudar muito. Valha-me Deus, que azar dos diabos. Não podes... enfim, já sabes...

– O quê? – disse Scarlett.

– Não sei... ele não pode... casar-se contigo? Se lhe contares?

– É pouco provável – respondeu Scarlett. – Já é casado.

– Ah. – Diana ficou calada por alguns momentos e depois disse: – Que é que já tentaste?

– O costume. Óleo de rícino. Gim. Gim e óleo de rícino misturados. Num banho muito quente. Mas não serviu de nada. Passei a noite na casa de banho e de manhã... continuava na maior. Eu não, o bebé. Não sei que mais possa fazer.

– Vou tentar informar-me – disse Diana. – Algumas das raparigas estão muito bem informadas. Sei que a Amanda engravidou uma vez. Jurou que a coisa se resolveu por si, mas nunca acreditei.

Scarlett sentiu o ânimo levantar-se um pouco.



A ideia da reportagem de moda em Paris fora de Eliza. Tinha sido uma observação feita por Jeremy que lhe deu a ideia; ela contara-lhe que ia a Paris como assistente de Fiona e ele dissera: «As mães de alguns amigos vão ver as coleções para encomendar roupa para a estação seguinte. A maioria dos estilistas passa o tempo a vestir mulheres de meia-idade assim que acaba o furor dos desfiles para a imprensa. Sempre achei que devia ser muito deprimente para eles.»

Eliza tinha transmitido este comentário a Fiona no dia seguinte, para a distrair de mais uma sessão de levar às lágrimas com Jack Beckham, e ela suspirara e dissera que sim, que era verdade, mas que havia algumas mulheres jovens, «sobretudo estrelas de cinema» que compravam, como era sabido, vestuário de alta-costura. – Como a Catherine Deneuve, por exemplo, e a Elizabeth Taylor e, claro, a Audrey Hepburn é a musa da Givenchy.

– Achas que há mulheres novas que não sejam estrelas de cinema? – perguntou Eliza e Fiona respondeu que sim, calculava que sim, as terceiras mulheres de milionários, pessoas desse género.

– Nesse caso, podíamos descobrir uma, segui-la pelas coleções, apresentar as peças preferidas dela...

Fiona fitou-a em silêncio. – Eliza, és um génio – disse por fim. – Dá um salto à

biblioteca de imagens e pega nas pastas sobre as Mulheres Mais Bem Vestidas, esse género de coisa. Fotocopia as que achaes francamente boas para darmos uma olhada.

Eliza regressou com uma pasta cheia.

– Não há muitas novas – disse ela –, são quase todas mais velhas, como a duquesa de Windsor e a Diana Vreeland. Claro, há a pobre da Jackie Kennedy... ah, e a princesa Graça do Mónaco.

– Não, nenhuma se prestava a isso e, além do mais, o Jack ia dizer que eram demasiado óbvias – disse Fiona distraidamente, acrescentando de repente: – Mas olha aqui, Eliza, olha para esta mulher, é fabulosa. Quem é?

Mariella Crespi fitava-as das páginas descoloridas: uma morena deslumbrantemente chique, de trinta e sete anos, casada com Giovanni Crespi – «ele é muito mais velho do que ela, credo, mais de setenta anos, vê-se logo que ela é o encanto de um velho» – um dos homens mais ricos de Itália. Mariella fora debutante e trabalhara no mundo da arte, e casara-se com Giovanni no dia em que fizera trinta anos. Nunca atingira o primeiro lugar nas listas das mais bem vestidas, mas figurara em várias nos últimos quatro anos. Segundo o *Woman's Wear Daily*, a moda era a sua religião e os salões de Paris, Milão e Nova Iorque eram os seus lugares de culto.

«Um dia hei de conseguir chegar ao topo», citava-a um dos artigos. «É a minha grande ambição.»

– Vale a pena tentar – disse Fiona –, é capaz de achar graça e dar-lhe-ia mais visibilidade. Vamos mandar-lhe algumas cópias da revista e uma carta a dar-lhe graxa.

Fiona redigiu e tornou a redigir sete vezes a carta que foi expedida com as revistas para a villa nas margens do Lago de Como, onde ficava a residência principal dos Crespi.

– Não tenho muitas esperanças – disse Fiona, entregando a encomenda a Eliza para despachar –, mas nunca se sabe. E é muito em cima da hora.

– Eu acho que ela vai aceitar – disse Eliza. – É o que me diz o instinto.



Mariella Crespi estava na cama a tomar um pequeno-almoço de brioques e café com leite, quando a empregada lhe levou a encomenda de Inglaterra. Leu rapidamente a carta e começou a folhear as revistas. Enquanto lia, a sua expressão ia-se tornando cada vez mais entusiástica; ao fim de meia hora, vestiu um roupão e foi falar com o marido.

Ele estava no escritório, a ditar cartas à secretária há mais de uma hora, pois continuava a dirigir o seu império industrial com grande energia e entusiasmo.

Mariella adorava o marido e ele adorava-a a ela; tinha perfeita consciência de que as pessoas pensavam que se casara com ele pelo seu dinheiro, mas era uma ideia errada. Claro que ter dinheiro era bom, mas ela considerava-o um homem interessante, atencioso, preocupado e, claro, digno de admiração. Era igualmente, apesar dos seus

setenta anos, um homem extremamente atraente e imaculadamente bem vestido; ela sentia orgulho em ser vista de braço dado com ele.

A história que os jornais contavam sobre uma encantadora e jovem debutante, que conhecera o Signor Crespi num baile, não era inteiramente correta; ela não pertencia ao meio aristocrático, era a mais nova de cinco irmãs que haviam crescido num apartamento de dois quartos numa zona pobre de Milão. Aos dezasseis anos, Nina, a mãe viúva de Mariella, apercebera-se do tesouro que tinha, a beldade de pele cor de azeitona, olhos escuros e seios cheios, com a sua massa de cabelo brilhante e riso gutural, e inscrevera-a num concurso de beleza. Mariella ganhou este e mais alguns e, aos dezanove anos, estava a competir a nível nacional.

O Signor Crespi era o presidente do júri num destes eventos e declarou-a vencedora. O prémio era de cinco mil liras e Mariella usou-as para frequentar um curso sobre História da Arte. Depois, foi contratada como guia numa das galerias mais pequenas da cidade, de que o Signor Crespi era cliente regular; lembrando-se dela, convidou-a para jantar, apaixonou-se por ela e, num espaço de tempo relativamente curto, pediu-a em casamento.

Curiosamente, tinham um casamento feliz. Mariella era uma esposa meiga e dedicada; a sua única mágoa – profunda e amarga – era a incapacidade dele para lhe dar filhos. Quando se casaram, Giovanni tinha sessenta e muitos anos e ainda era perfeitamente viril, mas os anos foram passando e tornou-se evidente que não era fértil.

No entanto, Mariella era uma pessoa pragmática que não se dava à tristeza; desempenhava com êxito um papel na sociedade milanese que lhe dava imenso prazer e só ocasionalmente reconhecia um certo tédio na sua vida; a carta da revista Charisma funcionou como um maná caído do céu.

Obtida a autorização de Giovanni, enviou um telegrama à editora de moda que lhe escrevera uma carta tão encantadora, a dizer que gostaria de se encontrar com ela e a marcar um encontro no Grande Hotel Milano daí a alguns dias.



– Vai detestar-me, eu sei – queixou-se Fiona. – Deve ser uma pessoa horrível, mimada, e há de mostrar-se inflexível e condescendente. – Contudo, voltou nas nuvens, bastante entusiasmada.

– A mulher é fabulosa. De uma simpatia extrema e absolutamente linda e entusiasmada com a ideia. Vai a todas as coleções e podemos falar com ela depois de cada uma e ouvir o que ela tem a dizer e fotografar as roupas.

– Nela?

– Não, não, não lhe serviam, são tamanhos de modelo, embora ela seja tão elegante e sofisticada que podemos tirar-lhe algumas fotografias à entrada de cada casa. Ela quer a

máxima visibilidade possível e também quer estar presente nas sessões, imagina. Disse-lhe que tinham muitas vezes lugar a meio da noite e ela riu-se e disse «melhor ainda». E o melhor de tudo é que ela é cliente, e uma cliente importante, e assim é mais fácil pedirmos as roupas emprestadas. É perfeito, Eliza, absolutamente perfeito.

– Já sei que ela não pode apresentar pessoalmente as roupas para as sessões – disse Eliza pensativa –, mas talvez... talvez se ela usasse os seus próprios modelos dos estilistas que estivéssemos a cobrir, pudéssemos incluir isso de algum modo. Fotografá-la ao lado da modelo, ou em separado, mas na mesma página ou em página dupla. Achas que ela concordaria?

Mariella disse que achava a ideia magnífica.

Estava hospedada no Meurice; convidou Fiona para uns cocktails na véspera do primeiro desfile. Fiona regressou a transbordar de entusiasmo.

– Amanhã é o Jacques Fath. Diz ela que encomenda sempre três peças dele, pelo menos. E a seguir vai ao Cardin, à Chanel, naturalmente, ao Balenciaga, ao Dior... oh, Eliza, é tão emocionante.

Preferia vestir Jacques Fath e Cardin «e Pucci, claro, adoro o Emilio», mas não recusava liminarmente o mercado do pronto-a-vestir, «claro que uso Missoni, quem não usaria?»

Simpatizara com Eliza, que conhecera nos estúdios e não deixava que lhe acabassem os cigarros Murillo italianos que ela adorava, além de jogar cartas com ela enquanto o cabeleireiro lhe arranjava o cabelo.

– Acho que é o estatuto social – disse Fiona. – Uma pessoa de classe reconhece logo outra.

– Eu não sou uma pessoa de classe – disse Eliza, irritada. Esforçava-se desesperadamente por se desembaraçar desta imagem, na nova sociedade supostamente sem classes; nada parecia resultar.

– És, pois. Seja como for, fico muito grata, o que é preciso é que a Mariella se sinta bem.

Não era muito difícil fazê-la sentir-se bem, refletiu Eliza, estando as duas sentadas no camarim do estúdio à espera que a maquilhadora, que trabalhava atualmente para a Vogue, se dignasse aparecer.

– Estou a divertir-me imenso, não fazes ideia. A minha vida por vezes é muito monótona. Um dia conto-te tudo e depois hás de compreender.

Eliza calculava que viver com um homem na casa dos setenta não deveria ser um mar de rosas. Mesmo que fosse multimilionário.

Eliza só assistira a um desfile: o da Chanel. Apesar do calor tórrido, de um lugar mau (conseguido à força de cotoveladas) – «parece um jogo de rãguebi», disse Fiona, «aviso-te que vais ter de dar luta»), de uma espera de uma hora pelo início e de uma dor de cabeça lancinante, não o teria perdido por nada do mundo. Ficou espantada com a

duração do evento – mais de duas horas, rapariga atrás de rapariga a exhibir tailleurs quase iguais e vestidos absolutamente iguais, em que as diferenças eram muitas vezes infinitesimais, como uma alteração de botões – e a solenidade da ocasião que dava a sensação de se estar numa cerimónia religiosa extraordinariamente importante. O que a cativou definitivamente, teve de admitir, foi o facto de Chanel estar presente em pessoa, uma pequena figura bastante desolada, sentada no alto da famosa escadaria em espiral, vestida com um pálido tailleur de tweed cor-de-rosa e um chapéu de palha, fumando incessantemente; Eliza nem podia acreditar que a via, pois sempre achara que ela era uma espécie de lenda. O que não fugia à verdade, claro, uma lenda viva; um dia posso contar isto aos meus netos, pensou Eliza.

Fiona e Mariella relataram-lhe, de olhos esgazeados, um escândalo sucedido num dos desfiles: um dos jornais tinha metido secretamente um fotógrafo lá dentro, outro jornal teve conhecimento do facto e seguiu-se um caos terrível em que o desfile foi interrompido, o homem identificado e literalmente atirado para o olho da rua. Os fotógrafos dos jornais estavam habituados a estes contratemplos; as diretoras dos salões desprezavam-nos intensamente e só os deixavam tirar duas fotografias depois de cada coleção «das raparigas mais feias e mais ou menos às escuras», disse Fiona.

– Tirem esta rapariga daqui, sim? – Evangeline Turner, o flagelo da geração mais jovem das redatoras de moda, eminência parda dos salões de alta-costura e editora de moda do Daily Post, acenou imperiosamente com uma mão para Eliza. Eliza olhou para a diretora do salão. Não podiam tirá-la dali. Era impossível. Não tinha pedido para se sentar na primeira fila; era o lugar de Fiona – pobre Fiona, confinada à cama no hotel com uma intoxicação alimentar por causa de umas ostras que comera. E, no fundo, não contava que lho dessem; os lugares de primeira fila eram para os grandes editores das revistas mais sofisticadas, a Vogue e a Queen, e dos jornais mais prestigiados, o Sunday Times e o Daily Express; as assistentes, quando conseguiam entrar, ficavam ao fundo, atrás de uma coluna.

Eliza estava a tentar resistir aos esforços da diretora para a expulsar do lugar quando Mariella chegou, com um ar bastante afogueado, trajando um vestido de seda vermelha e uma estola preta de pele. Beijou-a. – Querida, onde é que vais? Senta-te aqui comigo; quero mostrar-te uma coisa...

Sentou-se, tirando da carteira uma pequena caixa da Cartier. Eliza voltou a sentar-se, lançando um sorriso encantador, primeiro à diretora e depois a Mrs. Turner. De facto, a vida não podia correr melhor.

Paris foi uma revelação para Eliza: o que realmente fazia mover o mundo da alta-costura, a importância crucial que tinha para a indústria; o papel decisivo da comunicação social na reputação de uma casa: por mais desdenhosas que as diretoras fossem. Como assistente não tinha direito a assistir aos desfiles; a sua função era ficar à espera para

recolher os vestidos escolhidos de cada um, facultados pelas diretoras de acordo com um horário, o que podia implicar uma espera de duas horas, levá-los ao estúdio fotográfico, onde Fiona e Mariella aguardavam, e finalmente devolvê-los, geralmente debaixo de uma chuva de insultos por estar atrasada; tinha de organizar as marcações do estúdio, táxis, sanduíches, café, cigarros, tinha literalmente de andar num corrupio vinte e quatro horas por dia com sacos cheios de luvas, cintos, sapatos, perucas; houve dois dias em que tiraram fotografias fora do estúdio e ela teve de alugar limusinas com capacidade suficiente para servirem também de camarim para Mariella, que adorou a aventura e uma vez teve até de mudar de soutien, enquanto o motorista fumava e fazia de guarda-costas – «querida, isto é o máximo.»

Eliza tinha de manter Fiona calma – tarefa difícil, acordá-la de manhã – e de tentar impedi-la de beber de mais à noite – quase impossível. Mas não se importava; andava mais feliz do que nunca, completamente envolvida em tudo, teria esfregado os passeios sem protestar, se lhe tivessem pedido. E quando, no último dia, acabou a dirigir a sessão, enquanto a pobre Fiona estava a gemer na cama, orientando o cabeleireiro, escolhendo os acessórios e depois atrevendo-se até a discutir com Daniel Thexton por causa da sua insistência para que Mariella apagasse o cigarro – «Acho que uma nuvem de fumo à volta da cara dela ficava fantástica, vamos experimentar, Mariella, isso, é ótimo, olhe, Daniel, que diz?» – e ele concordou! Isto, sim, merecia ser contado aos netos.

Voltou para casa exausta, foi deitar-se e dormiu durante doze horas, sendo despertada por Fiona com a notícia de que Jack gostara das imagens; e quando Jeremy ligou um pouco mais tarde e lhe perguntou se tinha sentido saudades dele, apercebeu-se de que mal pensara nele durante o tempo todo.



Amanda tinha podido ajudar. Scarlett acabou numa cama, numa clínica caríssima nos subúrbios do Norte de Londres, sofrendo de uma ligeira náusea pós-anestésica e de leves dores de estômago; estava livre da gravidez. Regressou a casa passadas vinte e quatro horas, retomando o trabalho quarenta e oito horas depois; sentia-se bastante fatigada, confidenciou a Diana, enquanto esperavam pela descolagem, «mas de resto bem, e profundamente aliviada».

– Não... não ficaste perturbada nem nada? – perguntou Diana cautelosamente e Scarlett respondeu que não, porque haveria de ficar?

– Bem – disse Diana –, podias sentir-te um pouco... um pouco...

– Um pouco quê?

– Triste – disse Diana.

– A que propósito? Sentia-me triste se ainda estivesse grávida. Claro que não me sinto em forma, mas...

- Scarlett – disse Diana –, por mais racional que estejas a ser sobre isto, acabas de passar por um inferno. O que tiveste foi muito mais do que umas simples dores menstruais, as tuas hormonas devem estar num perfeito caos...
- Por amor de Deus, não tive de passar por nada. Deixa-te de aflições; verificas tu os cintos de segurança ou verifico eu?
- Verifico eu – disse Diana.



Quando finalmente uma noite conseguiram despachar a papelada, Matt e Jimbo concordaram que precisavam de ajuda.

– Não podemos continuar assim – disse Matt. – É ótimo termos tanto trabalho, mas estou reventado. Que achas que devemos fazer?

– Contratar pessoal. Na minha opinião, precisamos de dois negociadores estagiários. Não seria despesa incomportável. E também alguém para ajudar a Louise.

– Acho bem. Mas não temos espaço aqui para tanta gente. Temos de mudar de instalações. Vamos pedir à Louise que comece a procurar qualquer coisa. Depois de fazermos as contas, claro.

Fizeram as contas e comunicaram os seus planos a Louise.

– Certo – disse ela –, estão a falar em contratar três pessoas.

– É isso.

– Dois negociadores estagiários e uma assistente.

– Correto.

– Quer dizer que também vou ter ajuda.

– Nem mais.

– Em quê exatamente?

– Bem... nas tuas tarefas. Administração. Cartas, arquivo, tudo isso.

– São então homens... os negociadores?

– Precisamente. Dois tipos novos... já apalpei terreno...

– Ótimo. Nesse caso, é melhor arranjam quem me substitua.

– O quê?

– Ouviram perfeitamente. Vou-me embora.

– Então, Louise...

– Não é Louise nem meia Louise, Jimbo Simmonds. Como te atreves a trazer para aqui um rapaz imberbe armado em bom, que há de precisar que lhe façam a papinha toda durante semanas, e esperar que eu o ajude, diz lá?

– Bem... pensámos que sim. És tão competente em tudo, conheces tantos clientes e tudo isso...

Louise pegou na carteira e encaminhou-se para a porta.

– Onde é que vais?

– Vou para casa.

– Louise, ainda só são cinco e meia...

– Pois, e é claro que te esqueceste de que é a minha hora de saída. Que não tenho de ficar aqui, à vossa espera, a dar graxa aos clientes, mantê-los calmos, mostrar-lhes a informação, sujeitar-me a que me comam as pernas com os olhos...

– Mas...

– Ouçam bem, seus feirantes emproados. Na minha opinião, pelo menos vinte e cinco por cento dos negócios que fizemos nos últimos dois meses foram obra minha. Quem é que sugeriu que Mr. Banks visitasse o sítio em Camden Town, quem mandou a Valerie Hill ao novo prédio de apartamentos em Chiswick, quem arranjou ao Joe Evans esse espaço em Streatham? E quem é que falhou quatro em cinco pausas para almoço na semana passada sem que nenhum dos dois se lembrasse de me trazer uma sanduíche? Eh? Pois é, estou pelos cabelos. Pelos cabelos! Basta-me dar a entender que quero trabalhar para a Valerie Hill para ela me dar emprego amanhã e não será só como secretária. Vou-me embora. Vocês os dois são patéticos.

Acabaram por lhe oferecer o lugar de negociadora, subindo-lhe o salário para mil libras... depois de começarem em setecentas e cinquenta e ela ter pegado novamente na carteira... e disseram-lhe que podia começar assim que encontrasse uma substituta. Fora uma meia hora interessante.



– Foi fantástico.

– Ótimo. Tu também não estiveste mal.

– Obrigada. – Ela deu-lhe um murro suave no peito. – És um romântico incorrigível, sabias?

– Desculpa. Tu também és o máximo. Fantástica. Muito, muito sexy. Que tal?

– Melhor.

Ele percebeu que ela estava desapontada; que estava à espera da palavra mágica. A palavra com que as raparigas sonhavam, sobretudo depois do sexo. Mas não era capaz.

Não era capaz porque estaria a mentir, embora o que sentisse por esta, Gina de seu nome, diminutivo de Georgina, fosse bastante forte.

Para começar, ela era lindíssima. Cabelo comprido, castanho-claro, com madeixas loiras. Olhos verdes enormes. Um pequeno rosto oval, lábios cheios, num leve beicinho. Miudinha com seios firmes e redondos. Pernas espetaculares. Verdadeiramente espetaculares. E era muito, muito boa na cama.

Tinha-a conhecido numa festa, dada por um amigo de Jimbo. Ela tinha chegado sozinha, com um ar bastante tímido – o que era de rir perante o que descobrira pouco

depois sobre ela – e ele tinha-lhe dado à volta de dezassete anos.

Tinha vinte e dois e trabalhava numa boutique de moda em King's Road à comissão. Fosse como fosse, ganhava bastante dinheiro. Tinha um Mini azul-claro e tinha colado decalcomanias de margaridas brancas nas portas. Vivia com mais seis raparigas num apartamento em Barons Court; fartava-se de fumar erva, e dizia que tinha tido uma experiência péssima com LSD e deixara de o tomar.

Não tinha a classe de Eliza, mas pertencia sem dúvida a um nível social superior ao dele. Tinha andado numa escola privada e a mãe tinha carro, assim como o pai, e jogava bridge com frequência; viviam em Gerrards Cross, numa casa independente, e tinham ao serviço não apenas uma empregada de limpeza, mas um jardineiro. O pai era advogado e o irmão, John, estava a estudar Direito na universidade para poder trabalhar na firma. Era tudo muito respeitável, o que fazia a amoralidade sexual de Gina parecer ainda mais estranha aos olhos de Matt.



Louise estava a esforçar-se para não perder a cabeça com Jenny Cox, a nova assistente. Escolhera-a pessoalmente, pensando, e bem, que a sua bonita cara de bebé, os longos caracóis louros e os seios avantajados, um tanto fora de moda, constituiriam uma excelente distração para os clientes que teriam de esperar para falar com ela ou com um dos rapazes. Era o seu primeiro emprego e, além dos atributos físicos, Jenny tinha ótimas competências de estenografia e datilografia. Contudo, tinha dificuldades com o telefone e era frequente esquecer-se de anotar mensagens ou perder os papéis em que as anotava; e, nessa manhã, Louise descobrira que Jenny gastara o dinheiro de caixa da semana numa enorme e ornada jarra e num ramo de flores.

– Peço desculpa, Miss Mullen – disse Jenny, os olhos enchendo-se-lhe de lágrimas (e parecendo ainda maiores e mais azuis) –, achei que o escritório estava um pouco tristonho e que daria um certo ânimo às pessoas. Li num artigo no Woman's Own que um escritório atrativo levanta o moral...

– Moral – disse Louise.

– Sim, o moral. E...

– Jenny – disse Louise –, isso pode ser verdade, mas não podemos gastar dinheiro em flores. Temos de encontrar outras maneiras de levantar o moral. E além disso não devias ter gasto o fundo de maneio da empresa sem autorização. O dinheiro de caixa é para café, chá e bolachas para os clientes. Disse-te isso no primeiro dia. É neles que tens de te concentrar.

– Sim, Miss Mullen. – As lágrimas saltaram-lhe. – Sinto muito. Mas foi com boa intenção.

– Não duvido. De qualquer modo, de futuro não te esqueças. Vá, agora quero que

datilografes uma carta e a vás entregar em mão esta tarde; a morada é em Leicester Square e é muito importante.

– Sim, Miss Mullen.

O telefone tocou. – Atendo?

– Sim, por favor.

Ela pegou delicadamente no auscultador: – Simmonds & Shaw. Sim. Ah, claro, sim, lembro-me. Bem... não tenho a certeza. Importa-se de esperar um momento que eu vou perguntar...

– Verificar, Jenny, não é perguntar – sibilou Louise.

– Perdão, que eu vou verificar. Obrigada.

Tapou o bocal e olhou para Louise com o rosto afogueado.

– Peço desculpa, Miss Mullen. A pessoa ligou na segunda-feira, mas eu esqueci-me. É por causa do almoço.

– Que almoço?

– Hum... almoço A. Qualquer coisa assim?

– Dá cá que eu falo com ele – disse Louise, respirando fundo. O A1 era um clube criado por alguns dos membros mais jovens da comunidade imobiliária, que se encontravam mensalmente para almoçar, na sala privada de um pub em Dean Street, com o principal objetivo de exercer essa nova atividade de estabelecer redes. Apenas por convite, os membros juntavam informações sobre negócios em curso, planeamento urbano, contactos úteis. Tanto Matt, como Jimbo, ficaram extremamente entusiasmados quando foram convidados; não lhes ia agradar nada saber que Jenny não os pusera a par de um evento tão importante.

– Fala Louise Mullen, negociadora da Simmonds & Shaw. Importa-se de... ah, compreendo. Sim. Bem, infelizmente Mr. Simmonds e Mr. Shaw vão estar fora do escritório todo o dia. Por isso... não, não vão poder estar presentes. Lamento muito. Compreendo perfeitamente. Tiveram ambos de se ausentar inesperadamente e a minha secretária ia agora mesmo contactá-lo. Mas... – empoleirou-se na ponta da secretária de Jenny e esboçou um sorriso radiante – gostaria muito de comparecer no lugar deles. Estou completamente por dentro de todos os nossos negócios e estou certa de que seria vantajoso para ambas as partes. Sou negociadora principal aqui. Como disse? Ah, não, não me importo nada. – Sorriu. – Adoro reuniões exclusivamente masculinas. Sim... eu aguardo. – Esperou, mal ousando respirar. – Estupendo. Muito obrigada. Uma menos um quarto, no andar de cima do Queen's Head. Ótimo.

Pousou o telefone e sorriu a Jenny. – Muito bem, Jenny, se Mr. Simmonds ou Mr. Shaw perguntarem onde é que eu fui almoçar, diz que não sabes. Não estás a par deste almoço, entendido? E acho que esse artigo que mencionaste faz todo o sentido, estou preparada para pagar a jarra do meu bolso. É melhor tirares um bloco de notas do

armário do economato para anotares mensagens telefónicas. Ora bem, podes levar a carta de que te falei mais cedo, por favor?

– Sim, Miss Mullen. Obrigada, Miss Mullen.

Quando Louise saiu, ao meio-dia e meia, Jenny olhou para ela e sorriu. – Tenha um bom almoço, Miss Mullen. E, se me permite que lhe diga, gosto do seu cabelo assim.

– Obrigada, Jenny – disse Louise. Tinha prendido o cabelo numa banana, pensando que lhe daria um ar mais profissional. – Não te esqueças... não sabes onde eu estou. Se perguntarem.

– E não sei, Miss Mullen. Não me lembro do que disse ao telefone. Nunca me lembro.

– Ótimo – disse Louise, acrescentando: – Mas começa já a usar esse bloco de notas, sim?

– Claro que sim, Miss Mullen. Obrigada.



Louise voltou do almoço às três horas. Vinha afogueada: não do álcool, em que tivera o cuidado de não tocar, mas do entusiasmo.

Matt olhou para ela, desconfiado.

– Onde é que estiveste?

– Num almoço – disse Louise despreocupadamente.

– Que almoço?

– Oh, um dos almoços do clube A1.

– Mas estás... estás...

– Sim? – Sorriu-lhe docemente. – Que é que estou?

Percebendo claramente o erro que se preparava para cometer, Matt corrigiu-se.

– Estás bastante... atrasada. Pensei que tínhamos uma reunião esta tarde.

– Pois temos. É uma apresentação, certo? Às três e meia.

– Sim. Sim, exato. E... eles convidaram-te? O pessoal do A1, digo eu.

– Claro. Foi uma coisa de última hora. Havia uma vaga e disseram que gostavam que eu fosse.

– Estavam lá mais... raparigas?

– Não, só eu. Falou-se bastante de contrapartidas ao nível do planeamento e também de uma nova página sobre propriedades que vai arrancar no Daily Sketch. Pelos vistos, vão dar uma festa de lançamento; acabo de os contactar para garantir que somos convidados. E o tipo com quem falei disse que uma mulher negociadora era um tema interessante e quer entrevistar-me.

– A ti? Presumo que também quer falar connosco, não?

– Acho que não – disse Louise –, quer entrevistar uma mulher negociadora, Matt. Não registaste esse pormenor. Mas é boa publicidade para a agência, não é? Tenho de ir

andando para preparar a apresentação. Encontramo-nos dentro de dez minutos e é bom que arrumes este escritório. Parece que foi bombardeado.

– Sim, sim – respondeu Matt, irritado.



– Eliza! Tens um minuto? E a Fiona, se estiver por aí?

Era Annunciata Woburn, a editora de projetos especiais da Charisma. Era deslumbrantemente bela, com uma grande cabeleira ruiva e enormes olhos verdes, e era muito inteligente. Jack Beckham adorava-a e, embora a proibisse de lhe aparecer, como dizia, com «merda intelectual», bebia todas as suas palavras. Uma das suas melhores amigas era Emma Northcott, a irmã de Jeremy, com quem tinha andado em Oxford. Beckham contratara-a, contra os conselhos de toda a gente, provando que estavam todos errados. Fora Annunciata quem sugerira uma reportagem sobre os namorados das artistas de striptease, «muito mais original e revelador do que falar com as próprias raparigas», outra sobre a relação entre culinária e sexo e uma terceira sobre homossexualidade, que fizera pessoalmente, publicando subsequentemente uma entrevista arrasadora com Henry Brooke, o ministro do Interior, sobre aquilo a que chamava a irracionalidade arcaica – para além do perigo – de a homossexualidade continuar a ser considerada um crime.

Eliza sentia tanto pavor de Annunciata que achava quase impossível proferir mais do que duas palavras na presença dela. Mas hoje não teve outro remédio.

– Oh, caramba, a Fiona não está. Tinha compromissos fora. Lamento.

– Está bem, tu serves por agora. Ando à procura de pessoas para um artigo a que vou dar o título de Os Novos Empresários.

Eliza tentou mostrar-se interessada.

– É sobre gente nova que vem do nada e está a agitar as águas. E que ainda não chegou lá, mas vai certamente chegar. Percebes o que quero dizer?

– Hum... acho que sim.

– Pessoas que não andaram em escolas privadas nem necessariamente na universidade, jovens brilhantes que tiveram uma ideia e decidiram pô-la em prática. Tenho a certeza que há muitos no ramo da moda... mas se conheceres alguém noutra área, diz-me.

– Devo sondá-los primeiro?

Annunciata refletiu por um momento. – Não, acho que não, porque se não os usar, podem ficar desapontados. Para já, estou só a compilar uma lista. Não há pressa: pode ser na próxima semana.

Além de extremamente inteligente, era óbvio que ela era bastante rica.

Eliza voltou para o gabinete e pegou numa folha de papel. Devia haver muita gente.

Maddy. Esmond. Jerome Blake. Tomou nota de dez e apercebeu-se então de que pertenciam todos ao ramo da moda. Mas queria impressionar Annunciata, mostrando que os seus horizontes extravasavam o mundo da moda. Pensou por alguns momentos e ligou a Charles a perguntar se ele conhecia alguém; ele respondeu que não havia muitos talentos da classe trabalhadora na bolsa de valores. Mas depois disse: – Mas estou agora a lembrar-me, o Matt Shaw é capaz de servir. É um perfeito herói da classe trabalhadora.

Eliza lembrou-se de ter dançado com Matt naquela noite, na festa, e sorriu. Gostava de Matt; era um amor de pessoa. Enfim, talvez um amor de pessoa fosse a expressão errada. Era demasiado quezilento e convencido para ser um amor de pessoa. Mas era sexy. Aliás, muito sexy. Pelo menos, dançava lindamente. Fosse como fosse, provavelmente ficaria satisfeito. Publicidade grátis. Sim, era uma ideia excelente. Ligar-lhe-ia.



– Amo-te muito.

– Amas?

– Sim, claro que amo. Não acreditas em mim?

– Sim... suponho que sim.

– Que foi... passa-se alguma coisa? É que há algum tempo que não... não andas em ti, não tens sido exatamente a rapariga alegre que eu adoro. Diz-me o que se passa que eu resolvo, juro. Não suporto pensar que não és feliz.

Como se fosse possível. Como se pudesse contar-lhe. Era demasiado complicado, demasiado difícil. E demasiado perigoso.

Dizer: «Estive grávida de ti. E liberei-me do bebé. Despejei-o simplesmente... pelo cano abaixo.»

Era o que mais lhe custava; pensar no que tinham feito ao seu bebé. A esse diminuto ser humano.

– Não, a sério, David, está tudo bem. Estou só um pouco... um pouco cansada.

– Bem, acho que podemos resolver isso.

– Como?

– Acho que vamos tirar umas férias. Só os dois. Durante uns dias, talvez uma semana. Vamos até Veneza ou Florença, um sítio verdadeiramente romântico. Que te parece?

– Hum... não sei, sim, seria muito agradável, claro. Mas...

– Mas quê?

Como podia explicar as suas reservas? Que estava a ter dificuldades em lidar com tudo neste momento, que acordava quase todos os dias sentindo-se completamente desfeita, que muitas vezes adormecia banhada em lágrimas – podia fingir que estava bem, durante um ou dois dias, enquanto durasse a visita dele a Londres, mas não por mais

tempo, não durante dias seguidos. Não, teria de ser adiado – até se recompor, controlar as suas emoções, aprender a conformar-se com o que fizera: que fora a atitude mais sensata e responsável.

– Mas quê? – perguntou ele novamente.

– Oh, tenho um calendário muito cheio durante o próximo mês.

– Não podes alterar nada?

– Não exatamente, David. E depois vou fazer um curso. Estou com esperança de ser transferida para a BOAC, já te disse, e...

– Paciência – disse ele –, era só uma ideia. Talvez mais para o fim do ano então. – Parecia magoado; percebia que a ideia não a tinha deixado muito entusiasmada. Pobre David. Amava-o de verdade; detestava feri-lo. Mas... seria pior feri-lo ainda mais.

Não podia continuar assim, constantemente a chorar, sem dormir. Diana, que a vigiava com apreensão há semanas, sugeriu-lhe que pedisse ao médico comprimidos para dormir. – Por favor, fala com o médico. Tenho a certeza que ele te pode ajudar.

Scarlett achava que não, mas estava enganada; o médico receitou-lhe comprimidos para dormir para um mês. Uma semana depois, já se sentia um pouco melhor, menos cansada e menos chorosa. E menos revoltada até.

Mas ainda se sentia fisicamente frágil e necessitada de férias.

Consultou várias hipóteses e decidiu-se por uma ilha grega, chamada Trisus, pequena e sossegada, com um único hotel e um minúsculo porto.

E era absolutamente... enfim, Scarlett não tinha palavras. Perfeito não traduzia a realidade. Após uma longa viagem, um voo para Atenas, seguido de uma demorada viagem de barco do Pireu, chegara com um denso crepúsculo cinzento, fora levada ao hotel pelo barqueiro, deixara-se cair numa cama confortável, ainda que bastante dura, num pequeno quarto do tamanho de uma cela, e acordara de manhã para um mundo de luz ofuscante. Nunca vira nem imaginara nada como aquela luz; era positivamente celestial, de uma luminosidade branca, ao lado da qual o sol do meio-dia inglês era uma mera sombra. O hotel, pouco mais que uma taberna com meia dúzia de quartos, situava-se no meio de um aglomerado de casas de cúpulas brancas, esculpidas contra o brilhante céu azul; debruçou-se na janela e sentiu o calor do sol invadir-lhe o corpo, e saudou-o com um sorriso. Em Inglaterra podia ser apenas primavera e, ainda por cima, chuvosa, mas o verão chegara claramente à Grécia.

Sentou-se no pequeno terraço, emoldurado por begónias, comendo figos, iogurte e mel e bebendo sumo de laranja e café doce e forte, enquanto os lagartos se refastelavam ao sol ao seu lado e as gaivotas voavam em círculos e gritavam sobre ela, e sentiu que era bem capaz de ter chegado ao Paraíso. Os seus anfitriões, Demetrios e Larissa, eram encantadores, com o dom grego da afabilidade e da espontaneidade; ocupava um de apenas seis quartos e os outros hóspedes – todos eles visivelmente menos exaustos do

que ela – já haviam partido nessa manhã.

Cinco paradisíacos dias mais tarde sentia-se revigorada; a frágil e inquieta Scarlett estava definitivamente restabelecida. Um dia, alugou uma pequena embarcação de pesca com um motor fora de borda barulhento e bastante malcheiroso e uma pequena vela. O dono parecia ter cerca de sessenta anos, mas tinha, segundo Larissa, pouco mais de quarenta, um homem de pele escura e meio desdentado. Levou-a num passeio mágico às ilhas minúsculas em redor e ensinou-lhe até a técnica da vela quando uma condescendente brisa se levantou.

Noutro dia, alugou uma lambreta e partiu numa pequena viagem pelas colinas, surpreendentemente verdejantes para a Grécia e as suas pequenas aldeias de casas brancas, sonolentas sob o calor – «Trisus é exuberante», disse-lhe Demetrios, «como Mykonos, temos muita chuva no inverno».

No penúltimo dia, chegou um homem: inglês, alto e moreno, bastante novo, a quem ela deu cerca de trinta anos, solteiro ou, pelo menos, sem companhia. Era muito atraente, com cabelo escuro e liso e olhos cinzentos orlados de longas pestanas, quase femininas, e usava óculos de aros metálicos. Scarlett tentara ser cordial, sorrira-lhe e perguntara-lhe se estava a divertir-se, quando se cruzaram no terraço antes do jantar, e ele sorriu ansioso, apertou-lhe a mão e disse que achava a ilha uma delícia, «como também deve achar», mas era claramente uma pessoa reservada: concentrou-se ostensivamente no seu livro enquanto jantava e desapareceu depois no andar de cima. Só quando estava de saída, a pagar a conta, é que ela soube por Larissa que ele andava à procura de um lugar onde construir uma casa. Chamava-se, descobriu espreitando subrepticiamente para o livro dos visitantes do hotel, Mark Frost⁵. O nome ficava-lhe mesmo a matar. Teve esperança – uma atitude mesquinha, pois que diferença lhe fazia? – de que ele não se instalasse em Trisus. Não era digno da ilha.



Eliza estava sentada no pub Markham, em King's Road, à espera de Matt. Pedira um gim tónico e folheava a nova Vogue quando o viu entrar com um ar ligeiramente nervoso.

– Matt! Aqui.

– Olá, Eliza. Desculpa o atraso.

Vestia um fato bastante elegante e uma camisa azul e branca com colarinho e punhos brancos. Tinha um aspeto muito... enfim, muito cool. E sexy.

Sorrindo, levantou-se e, num impulso, inclinou-se para o beijar na cara. E sentiu-o retrair-se ligeiramente, pensando se seria por timidez ou choque, ou simplesmente porque não a achava sexy. Provavelmente a última hipótese.

Subitamente nervosa, sorriu-lhe e sentou-se.

– Olá, Matt. Estás muito elegante. Gosto do fato.

– Ah... obrigado. – Ele retribuiu o sorriso com uma certa insegurança.

– Que é que queres beber?

– Não, não... – A pergunta confundiu-o claramente. – Não posso permitir que me pagues uma bebida.

– Podes, sim. É a empresa que paga.

– Ah, nesse caso, está bem. – Sorriu-lhe. – Pode ser uma imperial.

– Certo.

Eliza foi buscá-la e trouxe um gim tónico para si e dois pacotes de batatas fritas, voltando a sentar-se.

– Então, que tal vai isso?

– Bastante bem. Contratámos três pessoas novas. Agora somos seis. E estamos com ideias de entrar na área da promoção imobiliária. É o próximo plano. Então, qual é o motivo deste encontro?

– É que...

– Eliza! Olá. Que diabo estás a fazer aqui? Pensei que ficavas a trabalhar até tarde.

Ela levantou os olhos; era Jeremy. Jeremy com dois amigos. Ou seriam colegas? Por qualquer razão, não lhe agradou muito encontrá-lo.

– E estou a trabalhar – disse ela, num tom levemente frio. – Estava a começar a falar aqui ao Matt de um artigo. Na revista. Não sei se se conhecem. Matt Shaw. Jeremy Northcott. O Matt esteve na tropa com o Charles.

– Muito prazer.

– Igualmente – respondeu Matt.

– Muito bem, vamos deixá-los à vontade. Saboreiem as bebidas. – Baixou-se e beijou Eliza na face, sibilando-lhe ao ouvido «clientes». E depois, mais audivelmente: – Apita quando acabares, se calhar podíamos comer qualquer coisa juntos.

– Ah... sim, talvez. – Sorriu-lhe e virou-se de novo para Matt. – Desculpa.

– Não tem mal. Quem é ele?

– É um amigo. Adiante, estás curioso para saber porque é que te convidei a vir aqui?

– Bastante.

– Bem, sabes que agora trabalho numa revista.

– Ah, pois. Que é que fazes exatamente?

– Sou editora de moda adjunta. Mas, no fundo, não passo de pau para toda a obra.

– Gostas?

– Adoro, Matt. Não podia estar mais feliz. Acreditas que estou sempre morta que chegue...

– Eu sei. A segunda de manhã. É como eu. Na minha opinião, não há nada de mais importante do que gostarmos daquilo que fazemos. Afinal, é no trabalho que passamos a maior parte do nosso tempo. A minha irmã é como nós. Gosta das segundas.

– Que é que ela faz?

– É hospedeira de bordo. Trabalha na BEA.

– Boa, isso é o máximo.

– É. Pelo menos, é o que a minha mãe acha. – Sorriu-lhe.

– E quanto a ti, a tua mãe também acha o teu trabalho o máximo?

– Acha. O meu pai só se preocupa. Acha que eu devia arranjar um emprego certinho, estás a ver? Os teus pais estão satisfeitos com o que fazes? Suponho que sim.

– Nem por isso – respondeu Eliza, rindo –, acham que eu me devia casar. Que não devia trabalhar de todo. Sabes que o Charles se vai casar?

– Sei. Pediu-me para lhe arranjar um apartamento. Por sinal, disse que me ia convidar para o casamento.

– Disse? – Apercebeu-se, por mais que tivesse tentado disfarçar, de que a sua voz registara uma ponta de surpresa e detestou-se por isso.

– Sim.

– Olha que bom. Se bem que, no meu caso, esteja condenada a parecer que saí de um conto de fadas, sou dama de honor e a noiva dele tem uma enorme predileção por folhos. Cor-de-rosa. Mas não precisas de olhar para mim.

– Acho que teria grandes dificuldades em não o fazer – disse ele, lançando-lhe um olhar subitamente sério. – Estejas vestida como estiveres.

– Obrigada – disse ela. Seguiu-se um silêncio. – E tu... não és casado? Nem estás noivo?

– Pouco provável. Estou casado com o trabalho. Não tinha tempo para dedicar a uma mulher. É raro estar em casa. Agora tenho um apartamento meu – acrescentou. – Um velho armazém convertido, junto ao rio.

– Deve ser ótimo. Pois bem, passemos ao que nos trouxe aqui. Esta revista onde trabalho, a Charisma, a editora de projetos especiais pediu-nos sugestões de pessoas que estão a ter êxito, muito êxito, e...

– Não estás a pensar em mim para esse artigo, pois não?

– Por acaso, estou. Se te agradar.

– Até agora, parece-me bem. Diz-me mais. Sobre quem mais vão falar? Suponho que o Charles também vai figurar, está a ter bastante sucesso.

– Não, o Charles não. Tem de ser gente que trabalha por conta própria. Que tem as suas próprias empresas.

– Bem, eu pertença a essa categoria. – Sorriu-lhe na expectativa. – Mais alguma coisa?

– Sim... há mais. Também têm de ser pessoas que não andaram na universidade nem em escolas privadas... estás a ver? Esse género de coisa. – Estava agora a falar muito depressa. – Creio que se podem chamar empreendedores independentes.

– Ah... – A expressão dele alterara-se. – Estás a falar de heróis da classe trabalhadora,

não é? Leio muito sobre eles... sobre nós. Somos muitos. De repente.

– São? Bem, acho que é por causa da época em que vivemos, não te parece? Um mundo completamente novo, não é? Completamente... completamente sem classes... e ainda bem que assim é...

– Eliza! – Era Jeremy novamente. Dirigia-se para a porta com os amigos. – Não desapareças, quero falar contigo.

Despediu-se dos companheiros e voltou para a mesa deles, sentando-se ao lado dela. Eliza apercebeu-se de que ele estava consideravelmente embriagado.

– Credo, estou estafado. Ando nisto desde o meio-dia. Trabalho que me farto. Vamos agora jantar ao Quags, não nos queres acompanhar, minha querida? Seria ótimo se viesses, seria uma grande ajuda...

– Jeremy...

– Hein? Ah, desculpa, não acabaste. Não liguês, eu espero aqui sem abrir a boca. Queres outra bebida, Matt?

– Não – disse Matt –, obrigado. Não me posso demorar.

– Não te podes demorar! – exclamou Eliza. – Mas não acabei de explicar, Matt...

– Acho que já explicaste o suficiente, obrigado. E a resposta é não. Lamento, Eliza, mas não quero ser carne para canhão para um artigo paternalista sobre o sucesso das classes trabalhadoras. Não quero ser apregoado como uma espécie de cretino de uma escola secundária inclusiva que, apesar de tudo, está a vingar na vida e, maravilha das maravilhas, até dirige um negócio; ainda que não saiba exprimir-se muito bem, sabe fazer contas, ler e escrever, é motivo de admiração, quem teria pensado, e não somos fantásticos ao escrever sobre ele na nossa elegante revista?

– Matt... por favor... estás redondamente enganado.

– Não creio. Se queres saber, acho toda a ideia um nojo. São tretas condescendentes e não quero estar ligado a isso.

– Ouça... Mr. Shaw. – Jeremy estivera a olhar para Matt com crescente aversão. – Importa-se de deixar de falar nesses termos com a Eliza? Está a ser muito grosseiro, na minha opinião, e é inteiramente injustificado. Talvez seja melhor ir-se embora.

– É o que vou fazer e já. E podem ficar os dois a discutir a minha ingratidão durante o jantar no... onde é? No Quags. Isso. Tenham uma boa noite.

E saiu furioso do pub.

– Que tipo desagradável – observou Jeremy. – A que propósito é que te envolveste com ele?

– Oh, cala-te – disse Eliza –, deste uma grande ajuda, não haja dúvida.

– Ora essa, o desprazo do gajo a falar-te naquele tom. E o artigo pareceu-me uma ideia excelente. Ele devia estar grato.

– Jeremy – disse Eliza –, não acredito que possas estar a ser tão estúpido. O problema

é precisamente esse, a razão por que ele ficou tão transtornado, sentir que devia estar grato.

– Querida. – Estendeu a mão.

– Não. E não me chames querida. E arranja outra pessoa para dar graxa aos teus clientes ao jantar. Eu vou para casa.



– Matt! – Era Jimbo.

– Sim, que foi? – Ainda não se sentia em si por causa da véspera, sentia-se, aliás, embaraçado. Eliza não tivera más intenções, provavelmente pensara que lhe estava a fazer um favor. Mas ele: que parvalhão. Fizera-o mudar de opinião a respeito de Eliza. Era óbvio que ela gostava do imbecil, andava com ele; como era possível? Com esforço, concentrou-se no presente. – Sim? – repetiu.

– É o Paul Crosse. Quer encontrar-se connosco. Estás livre amanhã? Por volta das onze?

Paul Crosse era um jovem e agressivo promotor imobiliário que já havia ganho rios de dinheiro. Mais do que Matt, muito mais do que Matt. E Crosse abordara-os, pedindo-lhes que lhe arranjassem uma propriedade na área de Elephant and Castle; a zona estava a ser urbanizada, mesmo ao lado de Waterloo, mas mais barata. Pretendia-a simplesmente para construir e vender mais tarde «para escritórios. Tantos quantos lá couberem.»

Matt tomara conhecimento de um edifício que estava disponível. Encontrava-se num estado deplorável, ao lado de um local bombardeado, infestado de ratazanas, o telhado a cair de um lado, com consequentes danos nos pavimentos e tetos. No entanto, era um edifício, não precisava de ser projetado nem construído; só necessitava de ser renovado. E Paul Crosse dissera, diante de uma caneca de cerveja que de certo modo era aquilo de que andava à procura, mas que estava a precisar de mais obras do que estava disposto a fazer e que, de momento, não tinha mãos a medir. Matt tinha respirado fundo e dissera-lhe que talvez pudesse ajudar.

– O que podíamos fazer – disse ele –, era reconstruí-lo para si. Pô-lo como novo e depois podia vendê-lo.

– E que é que ganhavam com isso?

– Uma percentagem dos lucros, dez por cento, digamos. É só uma ideia.

Paul Crosse disse que ia pensar. E, uma semana mais tarde, concordou.

– Mas, atenção, têm de dar o litro. Eu não quero ter mais nada a ver com o projeto além de um relatório semanal e reuniões de obra regulares.

– Ótimo. Combinado. E agora... vai uma bebida?

A Simmonds & Shaw, promotores imobiliários, estava em marcha.



Matt voltou a pé para o escritório; Jimbo tinha ido encontrar-se com outro cliente. Sentia-se exultante, poderoso, mais uma vez absolutamente confiante.

Mas quando chegou ao escritório, experimentou um certo desânimo. Estava vazio, exceção feita a Jenny, que estava à secretária a ler um jornal com uma intensidade febril. Ela levantou os olhos para ele.

– Ah, Mr. Shaw, não é emocionante?

Matt ficou levemente surpreendido por ela estar a par do negócio, mas talvez Jim tivesse telefonado.

– Sim, sem dúvida – respondeu.

– Refiro-me ao jornal, imagine! Acho fantástico. Nunca conheci ninguém que tivesse aparecido no jornal. É Miss Mullen, Mr. Shaw. Aqui, olhe. Mas depois devolva-mo, sim, quero mostrar à minha mãe. Ela não vai acreditar.

– Sim, devolvo pois – disse Matt impacientemente. – Vou... vou lê-lo no meu gabinete. E traga-me chá, Jenny, se não se importa.

Matt dirigiu-se para o seu gabinete e bateu com a porta. Sentou-se à secretária e começou a ler o artigo. Vinha na nova secção de imobiliária do Daily Sketch; tinham estado todos presentes no lançamento, algumas semanas antes, e enquanto Matt tinha passado grande parte da noite a conversar com Jimbo, Louise tinha andado num corrúpio incessante pela sala. E aqui estava claramente o resultado.

«Uma nova geração de negociadores», proclamava o cabeçalho. «Não há muitas mulheres que vinguem no mundo da promoção imobiliária, mas Louise Mullen parece preparada para escalar essa montanha a qualquer momento. Começou a trabalhar como secretária na Shaw & Simmonds, uma pequena agência, há menos de um ano, e agora encarrega-se pessoalmente de cinquenta por cento do trabalho de negociação. Uma morena atraente, Miss Mullen sorria alegremente enquanto bebia o seu sumo de laranja. (Nunca bebe em serviço.) 'Adoro o meu trabalho', disse ela, 'e acho que é uma ocupação absolutamente ideal para mulheres. Envolve tudo aquilo para que temos talento: detetar um bom negócio, encontrar os sítios certos para as pessoas certas e fazer uma dezena de coisas ao mesmo tempo. Acho que para nós, no mundo imobiliário, não há limites.'

Tiramos portanto o chapéu... ou devemos dizer o capacete?... a Miss Mullen; desejamos-lhe as maiores felicidades.»

Como se não bastasse ter de engolir isto, havia ainda uma fotografia de Louise, sentada num monte de tijolos, num edifício parcialmente construído, baloiçando as pernas altas, com um capacete empoleirado na cabeça, a sorrir radiosamente.



Eliza estava sentada na Pátio das Palmeiras no Ritz, à espera de Jeremy, quando ouviu chamar pelo seu nome entusiasticamente e se viu engolida num abraço, numa nuvem de perfume estonteante.

– Mariella! Prazer em ver-te. Que estás a fazer aqui?

– Que havia de ser? Estou a fazer compras.

Mariella despiu o casaco vermelho, revelando um vestido tubo esplendidamente simples da mesma cor (Cardin, pensou Eliza), que estendeu ao empregado que se mantivera por perto. – Já estive em King's Road e Carnaby Street, onde é que mais hei de ir? É maravilhoso encontrar-te aqui. Posso fazer-te companhia por uns momentos?

– Claro que sim, gostava muito. Senta-te. – Chamou o empregado e pediu outra taça de champanhe. – Mariella... estás sozinha?

– Sim, completamente. O Giovanni tinha trabalho e disse que me dispensava por alguns dias.

– Que pena não saber que vinhas.

– Pensei em informar-te, mas sei que andas sempre muito ocupada. Enfim, isto é extremamente agradável. Imagino que não estás livre para jantar?

– Não... isto é... não, não posso. Estou à espera do meu... do meu namorado, vamos sair com umas pessoas, nem sequer são amigos, são clientes, senão convidava-te a acompanhar-nos.

– Cara, sei muito bem o que é entreter clientes e como são importantes. Amanhã talvez? Podíamos comer aqui.

– Seria ótimo. Obrigada. Ora vejamos então, não podes deixar de ir ao Woollands, à loja 21 e à Nova Geração na Woolfe's, é a boutique que ajudei a criar. – Avistou Jeremy a acenar, atravessando o átrio. – Jeremy! Aqui! Quero apresentar-te a minha amiga, Mariella Crespi, de Milão.

Ele inclinou-se e beijou Eliza e, em seguida, fez uma pequena vénia sobre a mão de Mariella.

– Deus do céu, que homem charmoso – e sorriu.

– Muito prazer em conhecê-la, Mariella – disse ele. – Jeremy Northcott.

Estava com uma aparência especialmente atraente, com um fato de flanela cinzento-claro, de corte impecável, e uma camisa azul-clara. Eliza reparou que Mariella estava a estudá-lo, com um ar de aprovação, mais do que aprovação, aliás.

– O prazer é todo meu – disse ela.



Ao jantar, no dia seguinte, desfez-se em elogios sobre ele.

– É tão elegante, Eliza, tão encantador, tão atraente. Um autêntico cavalheiro inglês. Acho que encontrei o homem perfeito. É rico?

– Imensamente rico.

– Estás a ver? – Mariella reclinou-se. – Não podia ser mais perfeito. Tens de te casar com ele.

– Infelizmente, não depende de mim – disse Eliza. E depois, numa tentativa para mudar de assunto: – Então, Mariella, que tal correu o dia? E que achaste da Nova Geração?

– Gostei muito. Comprei dois vestidos do Jean Varon. O meu estilista preferido para vestidos de noite. Mas, Eliza, quero saber tudo sobre o Jeremy. Não gostavas de estar casada com um homem tão perfeito?

– Não... não tenho a certeza – respondeu Eliza. – Talvez porque o meu trabalho é extremamente importante para mim... ou talvez eu não o ame o suficiente, talvez ele não me ame o suficiente.

– Oh, cara – disse Mariella –, o amor cresce com o casamento. Acredita em mim, eu sei. Não tenho sombra de dúvidas de que ele é perfeito para ti e está simplesmente à espera do momento certo. E, quando te pedir, quero ser das primeiras a saber.

– Prometido – disse Eliza –, se pedir. Depois do jantar posso ver os teus vestidos Jean Varon e as outras coisas que compraste?

Eliza começava a descobrir que, por mais dourada que ela fosse, Mariella vivia numa gaiola. Giovanni podia amá-la verdadeiramente, podia ser um poço de generosidade, mas queria-a perto de si a maior parte do tempo; e, quando tal não acontecia, precisava de saber onde ela estava e o que estava a fazer a todos os minutos do dia.

– Eu não era capaz de ter uma ligação extraconjugal – declarou Mariella. – O Giovanni descobria logo. Mas também não quero ter – disse ela, com o seu deslumbrante sorriso. – Amo-o muito e cada vez mais. Como te disse, o amor cresce. E é melhor assim, em Itália, o adultério dá direito a prisão.

– Credo!

– Mas, seja como for, amo o Giovanni, amo muito. Não há ninguém tão bom, tão atraente, tão encantador. Exceto talvez o teu Jeremy, cara!

Nas semanas seguintes, ela pensou bastante na filosofia de Mariella a respeito do casamento: que, se tudo o resto estivesse bem, o amor crescia. Interrogou-se se resultaria com ela. E, talvez mais importante ainda, com Jeremy.

*Mr. e Mrs. Geoffrey Judd
têm o prazer de convidá-lo (a)
para o casamento da sua filha, Juliet Carol,
com Mr. Charles Edward Fullerton-Clark,
na sexta-feira, 26 de junho de 1964, pelas 15h00,
em Summercourt, Wellesley, Wiltshire.
R.S.V.P. Mrs. Adrian Fullerton-Clark.
Summercourt, Wellesley.*

A caligrafia era perfeita, cheia de bonitas curvas, num cartão branco-marfim, com «Matthew Shaw» escrito em letras gordas a tinta preta em cima. Havia outra folha de papel no interior com um mapa a dar indicações para chegar a Wellesley e uma lista de hotéis locais para quem desejasse pernoitar. Foi enviado para o escritório, juntamente com um cartão de Charles, escrito à mão: «Desculpa, mas não sei a tua morada de casa. Por favor, aparece. Gostava muito. Diz-me se quiseses trazer alguém. Charles.» E ainda: «PS. Fraque.»

Não podia ir. Não podia simplesmente.

Guardou o convite na gaveta e depois levou-o para casa, pousando-o na mesa da cozinha, onde Gina, claro, o encontrou.

– Bolas, Matt, não sabia que tinhas amigos destes.

– E não tenho. Nunca vi os Judd e não conheço ninguém que lá esteja.

– Podias levar-me. É esquisito responder aos pais do noivo. Summercourt é onde ele vive?

– É.

– Cada vez mais chique. De onde é que conheces então este Charles?

– Fizemos a tropa juntos. Isto é, antes de ele ser promovido a oficial.

Detetou o azedume na sua própria voz.

– Deve ser um tipo porreiro.

– Porquê? Por me convidar para o casamento?

– Oh, Matt, não sejas tão melindroso.

– Foi o que quiseste dizer.

– Não, não foi. Quis dizer que ele não se esqueceu de ti apesar de não estares muitas vezes com ele.

Matt não respondeu imediatamente ao convite; a verdade era que não sabia como responder, que palavras usar.

Duas noites mais tarde, estava a jantar com Scarlett e mostrou-lhe o convite.

– Foi simpático da parte dele convidar-te.

– Não me venhas também tu com isso – disse Matt.

– Que é que queres dizer?

– Pelos vistos, toda a gente acha que é fantástico o Charles convidar-me para o casamento dele. Como se me estivesse a fazer um favor. Seja como for, não tenciono ir.

– Matt, isso é completamente absurdo. Porque não?

– Porque ia sentir que estava lá por favor. E além disso tive uma zanga com a irmã.

Contou-lhe o episódio.

– Matt, isso é horrível. Envergonhas-me, sinceramente. Que infantilidade. Que idade tens?

– Por amor de Deus! – Fulminou-a com o olhar e pegou nos cigarros.

– Andas a fumar de mais, sabes? – disse ela. – A investigação mais recente diz que fumar faz mal à saúde.

– Ora, Scarlett, poupa-me. Gosto de fumar. Não passo sem tabaco.

– Adiante, acho que deves pedir desculpa à Eliza, a sério. Imagino que ela pensou que te estava simplesmente a fazer um favor.

– Um favor! Valha-me Deus! Pôr preto no branco a minha história de privação...

– Privação! Por amor de Deus! É evidente que ela só ia dizer que te transformaste num homem bem-sucedido sem a ajuda de ninguém, sem o tipo de vantagens que para muitas pessoas são um dado adquirido. Que mal é que isso tem? Absolutamente nenhum. Muito pelo contrário, na minha opinião. Pensa só na publicidade que terias. Não beneficiavas com isso?

– Não, não preciso desse tipo de publicidade, obrigado – retorquiu Matt.

– Pois é, acho que és simplesmente ridículo. E também acho que foste muito mal-educado. Que diria a mãe se soubesse?

Na manhã seguinte, Matt disse a Jenny que não queria ser incomodado, fumou dois dos cigarros que Scarlett subitamente decidira que lhe faziam mal e, pela segunda vez na sua vida, ligou a Eliza a pedir desculpa.



– Não chores, querida, seja o que for, conta-me, anda lá...

– Desculpa, Jeremy. Desculpa. Isto... isto já passa. É... é o meu pai. Tem... tem a doença de Parkinson.

– Meu Deus. Oh, Eliza, sinto muito.

– É terrível, não é? Ainda não é muito grave, ele nem sequer tinha dito nada à minha mãe, mas está um pouco... enfim, frágil e... e abalado, claro, e no outro dia deixou cair uma das preciosas peças dela da Spode que se partiu e ela teve um ataque de fúria de desatou aos gritos com ele... diz que agora se sente envergonhada. Ligou-me, estava a

chorar, foi terrível, e agora tenho de lá ir no fim de semana para estar com eles, não posso ir contigo a Norfolk, sinto muito.

– Claro que deves ir, querida. Esquece Norfolk. Podemos sempre lá ir noutra altura.



– O tal casamento – disse Matt, num tom muito casual.

– Qual? O chique? Que é que tem?

– Bem... afinal decidi ir. E... gostava que fosses comigo. Vens?

Fora a conversa com Eliza que o convencera. Ela estava visivelmente embaraçada com o episódio do artigo e disse que lamentava se o tinha aborrecido, não fora sua intenção, não passara de um mal-entendido estúpido e falaria com ele no casamento. «Vais, não vais? Eu sei que o Charles está a contar contigo.»

Depois disto, parecia falta de educação recusar.



Sarah sentia-se muito assustada. O marido de uma amiga morrera quatro anos depois de lhe ser diagnosticada a doença de Parkinson e estava perfeitamente consciente do que o futuro trazia. Uma imobilidade e dependência cada vez maiores, o fim da vida tal como a conhecia; ficaria confinada à casa, impossibilitada de viajar até Londres e visitar amigos. Os sintomas que, de momento, eram moderados agravar-se-iam. Adrian entraria em depressão, perderia as energias, o seu aspeto tornar-se-ia estranho e seria incapaz de realizar sozinho as tarefas mais simples.

Mas tudo isto era insignificante quando comparado com a ameaça de abandonar Summercourt. Essa perspetiva era impensável.

Summercourt era uma parte dela, pertenciam uma à outra. Enchia-a de felicidade e de uma sensação absoluta de segurança; e dar-lhe-ia coragem. Não tinha dúvida disso. Tinham de encontrar uma maneira de continuar na casa, apesar de o médico dizer que deviam pensar em mudar-se para uma casa pequena, pois, mais tarde, Adrian teria dificuldade com as escadas.



– Matt?

– Sim?

– Fala a Eliza. Eliza Clark. Ouve... disse-te que era demasiado tarde para aquele artigo. Mas talvez não seja. O diretor decidiu adiar a publicação.

O que ele tinha realmente dito foi: «Será de mais pedir que me arranjes alguém mais interessante do que esta cambada de palermas? Não quero ler um artigo sobre um punhado de maricas. Cabeleireiros! Dá-me alguma coisa com substância.»

– Então, ainda estás interessado? Agora que já tens uma ideia do que se trata?

– Hum... talvez.

– Ótimo. Achas que podia ser... esta semana? Se decidires aceitar, claro.

– Por mim, pode ser na quinta à noite. Serve?

– Vou ver se a jornalista está disponível.

– Pensei que eras tu.

– Não, não. É uma jornalista independente. Ou possivelmente a nossa editora de projetos especiais, a Annunciata Woburn.

Annunciata! Que espécie de gente punha a uma filha o nome de Annunciata? Gente como eles, supunha.

– É pena – disse Matt. – Preferia mil vezes falar contigo. Não podes ser tu?

– Hum...não... acho que não. Não trabalho em projetos especiais. Trabalho em moda, é muito diferente.

– Mas eu não quero falar... com mais ninguém.

– Ah. Nesse caso... vou ter de perguntar. Depois digo-te alguma coisa.

Annunciata concordou em que fosse Eliza a fazer a entrevista, se era a única maneira de conseguirem Matt; dar-lhe-ia uma lista de perguntas e escreveria depois ela o artigo, «para não destoar dos outros», revelando com isto a atitude dos «jornalistas sérios», como Jack lhes chamava, para com as desmioladas raparigas da moda. Eliza engoliu sem protestar.

– E pede-lhe fotografias. Gostava de publicar uma de um estaleiro de obras ou algo do género.

– Sim, claro.

– Ele é fotogénico?

Eliza pensou em Matt: no cabelo escuro e demasiado curto para os ditames da moda atual, nos olhos castanhos penetrantes, na... sim, podia dizer-se... na boca sensual.

– Muito – respondeu.

– Como é que já sabia que ias dizer isso?

Eliza ficou muito bem impressionada com as instalações de Matt. Quatro escritórios, todos eles de linhas modernas, num ótimo edifício próximo de Wardour Street; foi recebida por uma loura que parecia saída da capa da revista Seventeen e lhe preparou uma excelente chávena de café, mas que não era claramente o cérebro da organização; depois apareceu outra mulher jovem muito bonita, que se via que era extremamente inteligente e bastante cáustica, que Matt dispensou contundentemente mas não sem que antes ela se tivesse apresentado como sócia deles, dizendo que, se houvesse alguma lacuna na informação prestada por Matt, bastava ligar-lhe.

– Tens aqui um harém e tanto, Matt – comentou Eliza, instalando-se na cadeira de couro para as visitas defronte da secretária de Matt.

– É. Sou um grande defensor de empregar mulheres.

– Não apenas como secretárias?

– Claro que não. Vai um cigarro?

– Sim, obrigada. Pois, é uma atitude muito moderna. Não há por aí muitos homens feministas.

– Eu não sou feminista – disse Matt firmemente. – Depois de uma mulher se casar e ter filhos, acho que deve ficar em casa.

– Achas então que uma mãe não deve trabalhar?

– De maneira nenhuma. É o caminho mais certo para a sociedade se desintegrar, na minha opinião. Mas... enquanto as mulheres não têm outras responsabilidades, acho que sim, que se deve dar-lhes uma oportunidade.

– Um espírito muito generoso. Bem, vamos começar?

– Mas primeiro posso ler o que escreveres antes de ser publicado?

– Infelizmente, não é a nossa política.

– Certo. Bem, nesse caso – levantou-se –, não há entrevista. Lamento, Eliza, não te vou dar carta-branca para escreveres o que entenderes a meu respeito. Não nasci ontem. Ou leio a entrevista de antemão ou não há entrevista.

– Então, nesse caso, vou tratar de fazer com que te seja facultada. Claro. – Sorriu-lhe.

– Ora bem, qual foi o teu primeiro emprego e que idade tinhas...?

«Minha querida, estou a planear ir a Inglaterra para fazer compras e ir ao teatro; seria estupendo encontrar-me consigo. Chá no Connaught... seria possível? Vou lá estar de 6 a 10 de junho... infelizmente sozinha, desta vez, o David não vai... espero que possa visitar-me num desses dias. Lily Berenson.»

O primeiro instinto de Scarlett foi recusar, alegar que estaria no estrangeiro nessas datas; parecia-lhe perigoso encontrar-se com ela apenas duas semanas depois de ter estado com David. Porém, num golpe de pura perversidade, acabou por aceder. Por mais perigoso que fosse, seria também emocionante. E talvez pudesse... quem sabe... extrair informações a Mrs. Berenson sobre o casamento de David e Gaby, saber se o fim estava realmente iminente, como David insistia em dar a entender, sem nunca o afirmar claramente.

Verificou a agenda; estava livre em dois dos dias. Respondeu que teria todo o prazer em estar com Mrs. Berenson.



– Está encantadora, minha querida – disse Mrs. Berenson, levantando-se para a beijar.

– Gosto muito desse corte de cabelo curto.

– Obrigada.

– E como tem passado? Quero saber todas as novidades. Fiquei muito contente quando escreveu a dizer que estava a trabalhar na BOAC. Se alguma vez viajar aos estados sulistas, prometa-me que passa uns dias comigo.

– Seria maravilhoso – disse Scarlett.

– E posso mostrar-lhe Atlanta onde a sua homónima viveu grande parte da vida; e, claro, o Rhett Butler era de Charleston. Sei que o resto da família adoraria conhecê-la; especialmente as pequenas. Já lhe disse que a Gaby vai ter outro bebé?

Scarlett estava a servir o chá e pensou que tinha ouvido mal, que Mrs. Berenson estava a falar de uma das outras noras.

– Como disse? – perguntou delicadamente. – Quem é que vai ter um bebé?

– A Gaby. A mulher do David. Em dezembro. Ainda falta muito, claro, mas é emocionante.

Ouviu uma voz, que não podia ser a dela, uma voz calma e interessada, a dizer: – Que bom. – E a perguntar a seguir se Mrs. Berenson desejava açúcar no chá e o que David pensava de ter outro bebé. – Depois de um intervalo tão grande.

– Oh, minha querida, está excitadíssimo. No sétimo céu. É um pai maravilhoso e sempre disse que viveu os momentos mais felizes da vida dele quando as crianças eram pequenas.

– E a Gaby está bem?

– Muito bem, sim. A gravidez assenta-lhe às mil maravilhas, sempre assentou. E, apesar de ter uma vida muito preenchida, não se importa de suspender temporariamente as atividades dela para desfrutar plenamente a gravidez. Chamam-lhe o ou a post scriptum. Tão bonito, não acha?

– Muito – respondeu Scarlett. – Hum... dá-me licença um minuto, Mrs. Berenson? Tenho de ir à casa de banho.

Olhou para si mesma ao espelho na casa de banho das senhoras e ficou espantada ao ver exatamente a mesma pessoa que saíra de casa uma hora antes. Estava ligeiramente corada e tinha os olhos muito brilhantes, mas não havia qualquer sinal de estar a passar por um pesadelo. Penteou-se, admirando a forma do seu novo corte de cabelo Vidal Sassoon de cinco pontas, aspergiu-se com o Diorling que David lhe oferecera duas semanas antes e retocou o batom. Não ousava romper em lágrimas, pois sabia que nunca mais pararia.

Em seguida, voltou ao salão do Connaught e tomou duas chávenas de chá, comeu três sanduíches pequenas e disse a Mrs. Berenson que tinha estado a pensar no convite dela e que era bem capaz de aceitá-lo e passar uns dias com ela em Charleston, «Só dois dias, tenho férias a haver. Vou consultar a minha agenda. Gostava muito de conhecer a sua linda casa.»

– Que ideia excelente, minha querida! O David vai ficar felicíssimo!



- O Charles está atrasado – disse Eliza. – Disse que estaria aqui o mais tardar às quatro e são quase seis.
- Deve ter ficado a trabalhar até mais tarde. Disse que estava sobrecarregado de trabalho. Diz-me lá, as flores estão bem, na tua opinião? Não tenho a certeza das que pus na tenda...
- Estão ótimas, mãe. A tenda está absolutamente fabulosa. Deixa-te de aflições.
- Sim, mas foi uma responsabilidade muito grande, organizá-las sozinha. E...
- Foi decisão da Carol – disse Eliza firmemente –, era óbvio que não se queria incomodar com elas. E nesse caso só se pode culpar a ela. Além disso, dado o gosto que tem... ou melhor, a completa falta de gosto...
- Querida!
- Bem...

A aversão de Eliza a Juliet contagiara os pais. Geoffrey Judd ainda conseguia tolerar, mas Carol... era absolutamente horrorosa. Artificial, idiota, sempre a piscar os olhos, exatamente com a filha. E estavam as duas visivelmente deslumbradas com Summercourt, sobretudo agora que estava no auge do seu esplendor.



A casa estava com um aspeto verdadeiramente glorioso, com enormes jarras e vasos de flores em todas as divisões. Sarah acabara por se resignar a mandar polir o soalho da sala de estar por profissionais; a madeira dourada refletia a luz, enchendo a casa de sol. Chovera alguns dias antes e ela acendera a lareira na sala de estar e na sala de jantar, receando que viesse a ser necessário, e o aroma doce e penetrante do fumo da madeira queimada pairava por todo o lado, misturando-se ao das rosas. Eliza detivera-se à entrada, ao chegar, pensando que adorava a casa quase como se ela fosse uma pessoa.

E um dia, supunha, seria o cenário da sua.

Subiu ao quarto onde o pai dormia agora sozinho; a mãe dissera que a sua agitação não os deixava dormir.

Não o encontrou, mas ouviu os seus passos em cima, no último andar. Subindo, chamou por ele; ele saiu de um dos quartos no comprido corredor, com um ar embaraçado.

- Olá, meu amor.
- Pai, que estás a fazer aqui em cima?
- Oh... estava só a contemplar o jardim. A tenda. Parece incrivelmente grande.
- Não mintas, pai!
- Bem... já que és tu. Não digas à tua mãe, mas olha.

Conduziu-a ao quarto, onde se via qualquer coisa a crescer no soalho. Parecia um obsceno fungo branco amarelado.

– É podridão seca. Desconfiei que tinha aparecido. Mas uma coisa é pensar que existe e outra muito diferente é ser confrontado com ela. Oh, Eliza, que vamos fazer? Não tarda nada que a casa esteja inabitável.

– A mãe já viu?

– Não. Tenho andado a raspar o rodapé. Já sei que é uma estupidez.

Olhou para ela e uma lágrima rolou-lhe lentamente pela face encovada.

– Pai! Querido pai, não chores. Tudo se há de compor, prometo!

– Não, Eliza, nada se há de compor. Não vejo como podemos continuar a viver aqui.

– O quê? Estás a falar... – mal conseguia articular as palavras. – Estás a falar em vendê-la? Não, pai.

– Eu... nós... adoramos esta casa, Eliza. É quase... oh, é absurdo, eu sei...

– Como se fosse uma pessoa. Eu sei. Ainda há pouco pensei o mesmo. Uma pessoa bela e bem-amada. Parte da nossa família, aliás o coração dela. A separação seria impossível.

– Mas acho que não temos outra solução, meu anjo. Infelizmente, Summercourt está condenada. E talvez... enfim, quem sabe possamos arranjar alguém que a mereça. Adiante, não é o momento para discutirmos estas coisas. Ela está arranjada e pronta a prestar-nos o seu melhor serviço amanhã. E será alvo da admiração geral e podemos regozijar-nos com isso. Agora, nada de falar disto à mãe. Hoje não. Era capaz de acabar com ela. – Sorriu. – Anda numa ansiedade terrível com tudo.

– Eu sei que sim. E... oh, pai, havemos de encontrar uma solução. Adiante, a mãe andava à tua procura, quer que vás lá abaixo. Digo-lhe que ainda estás a dormir?

– Não. Dá-me só uns minutos. Obrigado, querida. Não digas nada a ninguém sobre isto, não?

– Nunca. Juro.



Eram quase sete horas quando Charles chegou: estava com um ar exausto mas animado.

– Desculpem. Fiquei retido no escritório. Estou assoberbado de trabalho.

– Paciência, suponho que não nos podemos zangar contigo hoje. A Juliet já ligou duas vezes.

– Já lhe ligo. Tenho tido uma semana diabólica.

– Imagino. Tiveste a festa de despedida de solteiro na quarta... que tal correu?

– Foi estupenda. Sim. O Jeremy foi bestial. É um bom amigo. Foi ele que organizou quase tudo. Tens ali um tipo às direitas, Eliza.

– Ele não é meu – disse, irritada. As pessoas partiam sempre do princípio que era apenas uma questão de tempo até ela e Jeremy ficarem noivos e... ele não parecia sequer interessado em pedi-la em casamento. Aliás, nunca lhe dissera que a amava.

Era como se andasse a apalpar terreno e... não havia nada de mal nisso. Não era uma decisão que se pudesse... ou devesse... tomar precipitadamente.

E ela sentia o mesmo. Se Jeremy a pedisse em casamento, era evidente que não o rejeitaria. Quem faria tal coisa?

Mas qual era o problema? Pairava vagamente em segundo plano, mas, sempre que ela tentava analisá-lo, não conseguia sequer defini-lo.

– É melhor ir ligar à Juliet – disse Charles. – Depois quero tomar uma bebida forte.



O telefone tocou duas vezes durante o jantar: Eliza atendeu de ambas as vezes, pensando que podia ser Jeremy. Da primeira vez, era Juliet; parecia estar bastante perturbada. – Oh, Eliza, posso dar uma palavrinha ao Charles? Desculpa se interrompi o jantar. É que me sinto tão... tão nervosa e sei que ele é capaz de me acalmar.

– Claro, um momento.

– Desculpa.

– Não peças desculpa. Tenho a certeza de que qualquer noiva se sente assim na véspera do casamento.

– É isso. Mas eu sempre tive tendência para exagerar. É mais forte do que eu, é a minha maneira de ser. A minha mãe é igual, hipersensível.

– Eu vou chamá-lo – apressou-se Eliza a dizer. Hoje não podia ser rude com Juliet.

Da segunda vez, era ela de novo. – Desculpa, Eliza, mas posso falar outra vez com ele? Só para lhe desejar boa-noite. Deves achar que sou uma perfeita idiota.

– Não, não, de maneira nenhuma – disse Eliza. Estava mais ou menos à espera de que Charles ficasse tão irritado como ela, mas ele levantou-se de um salto com um ar muito satisfeito. Devia ser o amor. Não havia outra explicação...

Às dez menos um quarto, Charles levantou-se da mesa.

– É melhor ir deitar-me – disse. – Tenho um dia em cheio amanhã.

– Que é que há amanhã?

A igreja estava esplêndida, pensou Sarah, enormes urnas com rosas e peónias brancas de cada lado do anteparo, atrativos arranjos de escabiosas e cicutária nos peitoris das janelas, uma sugestão inspirada da florista local que ela aproveitara, e ramos de rosas em miniatura, atados com fitas brancas, pendurados na ponta de cada banco. E um belo arco de rosas brancas e musgo sobre a porta da igreja para dar as boas-vindas às pessoas à chegada.

Ela entrou com Adrian, sorrindo e acenando com a cabeça às pessoas que conhecia:

pelo menos, metade; e não havia dúvida de que a metade do lado deles tinha melhor aspeto e estava mais bem vestida. Nunca na vida vira tantas rendas de cores garridas, como no lado dos Judd, incluindo o tailleur de Carol, que era de um cor-de-rosa que só podia descrever-se como gritante. E havia uma série de fraques com ar de novos e que assentavam aflitivamente mal, claramente alugados. Que horror, só esperava que os seus amigos compreendessem!

Charles estava sentado à frente, com um ar bastante nervoso, mas muito elegante; e, ao seu lado, o querido Jeremy, calmo, sorridente, perfeitamente à vontade. Realmente parecia adorar Eliza, pensou Sarah; talvez este fim de semana, talvez a magia de outro casamento...



Sentada no carro das damas de honor, sentindo-se no fundo bastante deprimida, à espera de que Juliet chegasse, Eliza viu Matt. Parecia nervoso, na periferia da multidão, mas achou que ele estava com ótimo aspeto; mas todos os homens tinham bom aspeto de fraque. Contudo, o que a despertou do seu desânimo foi a rapariga que o acompanhava e que era simplesmente espantosa. Miudinha, com cabelo comprido e castanho, com madeixas louras, arranjado numa espécie de ondulação pré-rafaelita, com um chapéu enorme que parecia uma roda, debruado com uma fita do mesmo tecido do seu vestido de chiffon da Biba. Era, sem dúvida, a mais chique e mais bonita entre as pessoas à porta da igreja. Era bastante pálida, com uma pose exasperadamente calma e um pequeno nariz arrebitado, o tipo de nariz que Eliza sempre desejara ter, uns olhos cinzentos enormes e uma boca extremamente sensual, e de tempos a tempos batia no braço de Matt e esticava-se para lhe sussurrar ao ouvido, desse modo típico das raparigas sedutoras, e ele sorria-lhe e acenava com a cabeça.

E ela, pelo seu lado, estava ali, vestida da cabeça aos pés com horrorosos folhos cor-de-rosa, a cara a cobrir-se da mesma cor, com o cabelo em canudos, o cestinho piroso de flores que tinham todas de levar, em lugar de ramos de flores normais e, o que era o pior, sapatos prateados. Prateados! Estavam um pouco apertados, ainda por cima, e ela já sentia os pés a inchar dentro deles.

Ainda não a tinham visto, Matt e a rapariga; mas acabariam por ver e como é que ia aguentar o resto da tarde, pensou Eliza, naquela figura, enquanto aquela rapariga, aquela rapariga adorável, a descontraída e bela namorada de Matt, se apresentava assim? Deixa-te disso, Eliza; que importância tinha o que a namorada de Matt pensasse dela? E que diferença lhe fazia? Nada, absolutamente nada.

A música era magnífica. Por sorte, Juliet invocara que não tinha ouvido para a música – «Só sei do que gosto» – e concordara que Charles e Sarah apresentassem as sugestões iniciais – «E depois eu e a mãe tomamos a decisão final. Ela tem muito mais

ouvido do que eu.»

Assim, a música pelo menos não seria banal, nem comum.



Era tudo muito... muito agradável, realmente, pensou Matt. Nunca estivera numa igreja tão bonita – aliás, pensando bem, nunca estivera em muitas igrejas.

As pessoas tinham um ar extremamente elegante e, se bem que fosse estranho ver um grupo tão numeroso de gente vestida de forma idêntica, era muito atrativo.

Uma mulher muito bonita entrou, vestida de amarelo-limão, pelo braço de um homem de idade com um aspeto bastante frágil: sentaram-se imediatamente atrás de Charles. Deviam ser os pais; Matt olhou para eles com interesse. Eram diferentes do que esperava, respirando afabilidade e cortesia; pouco depois, juntou-se-lhes outro casal, que correspondia mais às expectativas dele e que os abraçou com exuberância e exclamações de «um encanto... maravilhoso... esplêndido... muito emocionante.» O homem era bastante robusto, com um rosto vermelho, e a mulher era alta com um ar particularmente imponente, vestida de seda vermelho-escura, com uma espécie de turbante e várias voltas de pérolas ao pescoço visivelmente enrugado. De vez em quando levantava-se de um salto, precipitando-se para abraçar alguém na coxa, relinchando (não havia outro termo para o descrever) «Binky!» ou «Rozzy!» e outros nomes que tais.

– Deve ser da família – soprou Gina. – Bolas, isto é divertido.

Nesse momento, a música parou, dando lugar a outro tema; toda a gente se levantou e a noiva e o pai surgiram à entrada da igreja, recortados contra a luz, e o coro começou a cantar Glória, de Vivaldi. A magia que se apodera de um casamento, de qualquer casamento, começou a sua obra.



Juliet estava de facto magnífica. Eliza tinha de admitir. E a expressão de Charles, fitando-a enquanto ela percorria a coxa, denotava o seu prazer e orgulho evidentes.

O vestido era exatamente como ela esperava que fosse, uma criação em camadas, todo ele tule e renda, com uma saia rodada e um corpete justo, mangas compridas e um modesto decote em barco. Parecia, na opinião de Eliza, uma autêntica princesa da Disney. Tinha o cabelo preso em cima numa torre de caracóis, o véu era muito longo, galantemente seguro por quatro pajens com fatos de seda azul a que não faltavam os culottes pelos joelhos. As oito damas de honor usavam vestidos que eram uma versão mais simples do da noiva – quatro de cor-de-rosa e quatro de verde-malva, com rosas brancas nos canudos de cabelo. Eliza, pelo menos aliviada por pertencer ao grupo de cor-de-rosa e não ao de verde-malva, sorrindo ao ponto de lhe doer a cara, sentia-se estranhamente só, olhando para uma igreja repleta de pessoas, metade das quais lhe

era desconhecida e para junto de quem, de um modo estranho, Charles ia desertar.

A cerimónia foi encantadoramente previsível. Juliet falou com uma voz muito firme ao proferir os votos, Charles com menos firmeza, alarmando Eliza ao atrapalhar-se com «até que a morte nos separe», e o sorriso que Juliet lançou a Charles, quando o vigário os declarou marido e mulher, poderia descrever-se como mais de autossatisfação do que de felicidade.

Os noivos e os padrinhos desapareceram então na sacristia para assinar o registo. Eliza teve de súbito vontade de chorar, o que a deixou chocada. O facto estava consumado, o irmão adorado deixara-a, trocara-os a todos por uma mulher que não estava de maneira alguma à altura dele, nem intelectual, nem emocionalmente, que não possuía o seu sentido de humor, o seu estilo, o seu charme, a sua capacidade para criar amizade praticamente com toda a gente; e ela sentia-se perdida e terrivelmente só.

Aconteceram então duas coisas: a música mudou e o coro, conduzido por uma soprano absolutamente espantosa, começou a cantar o Laudate Dominum e a pura e exaltante beleza da composição arrancou-a à sua tristeza e cortou-lhe literalmente a respiração. E, virando-se, sem saber muito bem como podia tê-lo encontrado naquela igreja apinhada, deu por si a fixar Matt e ele, por sua vez, estava a olhar para ela, claramente tão tocado, chocado até, com o momento e a música como ela, e depois, muito lentamente, sorriu-lhe, e ela não viu o Matt convencido e desajeitado, e até sexy e confiante, mas alguém diferente, alguém que ela não conhecia nem suspeitava que pudesse existir, alguém afável e estranhamente terno; e, nesse momento, eternamente suspenso contra o pano de fundo da música e dos raios de sol que entravam pelas janelas da pequena igreja pejada de flores, e sem que ela compreendesse realmente como ou porquê, o mundo pareceu deslocar-se um pouco.



- Que casa linda – observou Gina.
- Como?
- Matt! Disse que a casa era linda. Não achas?
- Ah... sim. Sim, nada má.

Um homem alto e ligeiramente lânguido aparecera, sorrindo a Gina de um modo bastante idiota. Ela retribuiu o sorriso.

- Foi uma cerimónia muito bonita, não foi?
- Muito. Especialmente a música.
- Ela é uma rapariga adorável, não é? Conhece-a há muito tempo?
- Não, não, não nos conhecemos.
- Ah, estou a ver. Pensei... pensei que era amiga dela. Não lhes fui apresentado. Tim Dalton-Smith, muito gosto.

– Como está, Tim? Eu sou a Gina, Gina Barker, e este é o Matt Shaw. Ele e o Charles andaram juntos na tropa.

– A sério? Onde, em Gibraltar? Deve ter sido divertido. Eu não passei do Chipre.

– Não estive no Chipre nem em Gibraltar – esclareceu Matt. – Só fiz a instrução com o Charles. Estive na Alemanha com o Regimento de Engenharia. Não passava de um sapador normal.

– Ah. Sim, compreendo. E continuaram em contacto, foi?

– Sim, pode dizer-se que sim.

– Estupendo. – Seguiu-se um silêncio e Dalton-Smith esboçou um sorriso hesitante.

– E que faz agora?

– Trabalho no setor imobiliário.

– É um bom setor neste momento. Em franco crescimento. Em que firma trabalha?

– Na minha – respondeu Matt com decisão.

Dalton-Smith ficou momentaneamente sem fala. Depois disse: – Ah, sim, pois. Imóveis residenciais?

– Não. Comerciais.

– Ah, excelente, excelente. – Estava claramente desconcertado. – E a Gina – disse ele –, que faz?

– Trabalho no setor da moda.

– Ah, é modelo, presumo. Já a devo ter visto na Vogue.

– Infelizmente, não. Não, sou gerente de uma boutique. Em King's Road.

– Ah, que engraçado. A Eliza também trabalha em moda, não é? É editora de uma revista qualquer.

– Mais ou menos – disse Gina.

Após o silêncio que se seguiu, ela disse: – Estava precisamente a dizer que esta casa é muito bonita.

– É, não é? Espetacular. Estive cá quando foi do baile da Eliza. Credo, parece ter sido há uma eternidade. Suponho que não veio... hum... – Olhou constrangedoramente para Matt.

– Não – disse Matt. – Não saio muito. Pelo menos não frequento a alta sociedade.

– Foste de uma indelicadeza atroz – disse Gina, irritada, quando Dalton-Smith se desculpou e se afastou apressadamente. – Ele só estava a ser cordial.

– Pois, não digo que não, mas não me apeteceu ser cordial com ele.

– Porquê?

– O tipo estava a tratar-me com ares de superioridade. A que propósito é que havia de ser cordial com ele?

Ela afastou-se, exasperada; trinta segundos depois estava a cavaquear e a rir-se com um casal como se os tivesse conhecido toda a vida. Matt decidiu explorar os arredores. A

casa estava fechada, naturalmente; mas ele observou a alameda, que curvava suavemente em direção à aldeia em baixo, e registou uma tranquilidade e isolamento verdadeiramente extraordinários.

Relanceou para o outro lado da casa. Situada ligeiramente à sua direita, por baixo de mais um relvado, havia uma construção esplêndida, com uma cúpula de vidro; encaminhou-se para ali, intrigado. Tinha portas de vidro enormes, que ele experimentou abrir sem qualquer resultado, janelas quase do chão ao teto, e um pavimento de ladrilhos; havia duas árvores no interior, quase da altura do edifício, um arbusto florido orientado em leque contra uma das paredes laterais (Matt não sabia de que espécie se tratava), as suas flores espalhadas pelo chão em volta com uma espécie de extravagância casual, e várias palmeiras e outras plantas em vasos enormes dispostas pelo espaço. Havia uma mesa grande e muito bonita em ferro forjado branco, no centro da sala, e duas cadeiras iguais; de resto, não havia mais mobília nem decoração, exceção feita talvez à luz do sol que a enchia, quase como se fosse algo de palpável; teve a sensação de que, se pudesse abrir a porta, teria de avançar contra ela, como se fosse seda. Deteve-se a olhar lá para dentro, sorrindo e pensando que era o lugar mais belo que alguma vez vira; e pensando também em Eliza, crescendo ao lado desta maravilhosa construção, a que, por via do hábito, deixara de dar valor, indiferente à sua beleza. Que infância mágica que ela e Charles deviam ter tido, a brincar nestes jardins, a passear no bosque logo atrás, a ver beleza para onde quer que olhassem...

– Olá, Matt. – Era Eliza. Obcecado como estava com ela, não ficou surpreendido ao vê-la, era como se estivesse à sua espera. Ela sorriu-lhe; também não parecia surpreendida por encontrá-lo ali. Estava sozinha. Como ele.

– Estás bem?

– Estou, estou ótimo. Obrigado. Estava só a explorar um pouco. Espero que não haja problema.

– De maneira nenhuma.

– Este sítio é encantador – disse ele, afavelmente. – É tudo maravilhoso, mas este edifício...

– Ah, o laranjal de inverno. Sim, é muito especial. Adoro-o. Nunca éramos autorizados a entrar, acho que os meus pais pensavam que íamos partir os vidros ou coisa parecida, mas um dia vi o jardineiro tirar a chave de baixo de um vaso de flores ao lado da porta... tipo Peter Rabbit, estás a ver? e quando não andava por aqui ninguém, muitas vezes de manhã cedo, vinha sorrateiramente e entrava, fazia de conta que era uma princesa e que este era o meu palácio.

– Realmente, lembra um palácio – disse Matt –, e tu tens qualquer coisa de princesa. Pelo menos, na minha opinião.

– Tenho? Uma princesa pobre, hoje em dia.

– Bem, a pobreza é relativa, suponho – disse Matt, mas o seu tom era natural, afável, sem nada da agressividade de que estava muitas vezes carregada. – A chave ainda está debaixo do vaso?

– Está. Queres entrar?

Ele indicou que sim; ela sorriu-lhe com uma expressão de cumplicidade e, como uma criança travessa, dirigiu-se à esquina do edifício e retirou a chave.

Ele entrou e olhou à sua volta; o ar estava imbuído de aromas e quente.

– Não me enganei – disse ele. – Do lado de fora, pareceu-me que se podia tocar a luz, senti-la até.

– Matt! – disse Eliza. – Que ideia bonita! Não sabia que eras um romântico.

– Normalmente não sou – disse ele –, mas é como se este sítio exercesse uma espécie de feitiço sobre mim.

Eliza sorriu-lhe e sentou-se subitamente numa das cadeiras. – Desculpa quebrar o feitiço, mas tenho de tirar estes sapatos horríveis. São demasiado pequenos, tenho a certeza de que a Juliet fez de propósito. – Tapou a boca com a mão, pondo um ar de menina travessa. – Ó diabo, não devia ter dito isto. Desculpa.

– Não gostas dela? – perguntou ele, a sorrir.

– Nem por isso.

– Acho-a um tanto... – Calou-se.

– Um tanto quê?

– Acho-a errada para o Charles. Mais não posso dizer, não a conheço.

– Oh, Matt – disse Eliza –, mereces um beijo por isso.

– Força – disse ele –, podes dar. Não me importo.

– Seja. – Ela hesitou e depois, esticando-se, beijou-o na face. – Pronto. Obrigada.

– Ora... ora essa.

Ela recuou um passo e ficaram os dois ali, na luz brilhante e quente, a olhar um para o outro, um tanto chocados, como antes na igreja. Ele sentiu-se súbita e anormalmente acanhado; e ela também parecia estar um pouco constrangida, sem os seus habituais modos autoritários e bruscos.

– Bem – apressou-se ela a dizer –, é melhor irmos andando. Os discursos devem estar a começar. Onde está a tua... namorada?

– A Gina? Não faço ideia. Tivemos um pequeno arrufo.

– Ah, sinto muito – disse Eliza –, é pena. É melhor irmos à procura dela e... e de champanhe. Anda, se formos por este caminho aqui, podemos ficar na relva e já não magoo os pés... ah, é melhor trancar a porta.

Ele seguiu-a, confuso e sentindo-se ainda arrebatado, por uma alameda de árvores que desembocava no relvado banhado pelo sol; as pessoas estavam a entrar na tenda.

– Ótimo – disse Eliza. – Ou péssimo. Ainda não perdemos nada. Importas-te de...

– Eliza, minha querida! Tenho andado à tua procura. Estás com um ar terrível, se me permites que to diga. Que vestido atroz! Suponho que foi a noiva quem o escolheu.

Era a mulher de seda vermelha e turbante. Eliza inclinou-se e beijou-a.

– Olá, madrinha. É, foi ela quem o escolheu. Mas as tuas palavras não me dão consolo nenhum.

– Oh, já sabes que falo por falar. Andas sempre impecável. Que gente horrível que esta é. Tenho pena da tua pobre mãe, a ter de aturá-los por toda a casa.

– Hum... madrinha, apresento-te o Matt Shaw. Matt, esta é a minha madrinha. Anna Marchant.

– Como está? – disse Anna Marchant. – Onde é que encaixa nisto tudo?

– Não encaixo – respondeu Matt secamente.

Mrs. Marchant riu-se. – Boa resposta. Essa mulher, a mãe da noiva, é um perfeito susto. Os ares que a mulher se dá, a contar-me que tinha acabado de estar numa festa ao ar livre na casa real. Eu disse-lhe que declinava sempre os convites, que hoje em dia havia sempre muita gente que não devia lá estar. Calou-se logo.

– Madrinha, não fales tão alto. Ainda te ouvem.

– Estão todos bêbados, querida. Como está o Jeremy? Falámos por uns momentos na igreja. É um rapaz tão atraente. E extremamente rico. Aposto que a tua mãe está cheia de expetativas.

– Não sei.

– Está com certeza. É humano. E o dinheiro dava-lhes muito jeito, se dava! Mas é a tua vida. Não é a deles. Não te esqueças disso.

– Por favor, madrinha.

– É importante. Seja como for, ele já devia ter-te pedido em casamento. A relação já dura há demasiado tempo. Ou será que pediu?

– Não, madrinha, não pediu e...

– Pois, no meu tempo, chamava-se a isso brincar com os sentimentos das pessoas. Não era coisa que se fizesse.

– Hoje é tudo diferente – disse Eliza com firmeza.

– Pois, e nem sempre para melhor. Seja como for, lembra-te do que eu disse. Então, Matt, como veio aqui parar? Espero que não faça parte do grupo da noiva.

– Não – respondeu Matt, sorrindo –, sou amigo do Charles.

– Ai é? Como é que se conheceram?

– Na tropa. Fizemos a instrução juntos.

– Ah, estou a ver. A que ramo pertencia?

– Ao Regimento de Engenharia.

– Boa gente. Sem eles, teríamos perdido a guerra. Basta ver os portos artificiais de Mulberry. E que faz agora?

– Trabalho no setor imobiliário.

– Eliza, tens de levar o Matt a almoçar lá em casa um dia destes. Gostava de falar mais com ele. Estou a pensar em comprar ações na Blue Circle Cement. Será boa ideia, Matt?

– Hum... provavelmente.

– Foi o que eu pensei. Oh, céus, cá vamos nós. O pai da noiva está ao microfone. Vai ser de fugir. Preciso de outra bebida.

Afastou-se.

– Desculpa lá – disse Eliza, rindo –, ela é incorrigível.

– Achei-a maravilhosa.

– Bem, tomou-se de amores por ti. É bom que tenhas cuidado, é uma sedutora tremenda.

– Não me importo nada – disse Matt. – Tem umas pernas fabulosas.

Entraram juntos na tenda, Matt sentindo que a música na igreja, o laranjal de inverno e aquela agradável conversa os tinham aproximado um do outro. Olhou para Jeremy, estupor presunçoso, a rir-se com Sarah, passando-lhe uma taça de champanhe: e sentiu, contra todas as probabilidades, uma guinada de autoconfiança.



– Preciso de falar contigo sobre... sobre um assunto.

Eliza olhou para Jeremy do outro lado da mesa; sentiu um aperto no estômago, a garganta seca. Era agora? Finalmente? E se era...

– Sim? – disse ela. A sua voz não soou exatamente como devia. Um pouco aguda de mais. Era horrível. Embaraçoso.

– É... bem, por sinal é entusiasmante. Espero que te agrade. Cá vai. – Encheu-lhe o copo. Não era champanhe, o que ela esperaria que fosse se... Mas ele fizera um esforço por escolher um vinho que sabia que ela adorava. Portanto...

– Convidaram-me para passar seis meses em Nova Iorque. Para dirigir o escritório lá.

– Ah. Oh, Jeremy. – Sorriu. Um sorriso radioso e deslumbrante. Sentiu a sua radiância e doía. – Jeremy, isso é... é fantástico. Absolutamente fantástico. Os meus parabéns. Hum... quando partes?

– Oh... no princípio de setembro. Devo dizer que estou um tanto nervoso. Mas... enfim, é um grande desafio. O Carl Webster vai deixar o escritório de Londres ao fim de cinco anos e voltar para Nova Iorque, que, segundo ele, está a ir rapidamente por água abaixo. Não é uma situação nada agradável.

Tinham perdido vários clientes, incluindo a JKL Tobacco e a empresa de produtos de higiene La Roche; Jeremy ia com o cargo de gestor de clientes e a sua função era trabalhar com Carl para relançar a agência.

– Há de ser divertido – disse ele, reclinando-se na cadeira –, e vou gostar de certeza,

não peço compaixão... exceto que vou ter de passar sem ti, claro... mas, caramba, os paninhos quentes com que vou ter de andar com certas pessoas. Os criativos são porreiros, foi o pessoal das contas que deu bronca e o moral está seriamente em baixo. Mas há de haver coisas boas certamente.

– Por exemplo?

– Oh... um apartamento em Upper East Side... é como Knightsbridge; as regalias são ótimas, claro, e há uma cláusula no contrato que me permite vir a Inglaterra pelo menos uma vez por mês... primeira classe, já se sabe. E depois tu, claro.

Pronto, ia mesmo abordar o assunto. Recompôs a expressão. Sorveu cuidadosamente um gole.

– Vou ter imensas saudades tuas. Imensas.

– Eu também, Jeremy. Naturalmente.

– Mas quero que me visites com frequência. Fins de semana prolongados e assim. E eu também hei de vir muitas vezes. Aliás, acho que consigo meter as viagens na conta da firma com relativa frequência. Não conseguia passar completamente sem ti. Por isso... não há de ser assim tão mau. Oh, querida.

– Sim?

Talvez agora? Teria querido brincar com ela? Provocá-la?

– Detesto partir numa altura destas quando andas tão preocupada com o teu pai e a casa e tudo isso. Mas já sabes que podemos conversar sempre que quiseres.

Não era brincadeira, nem provocação.

– Sim. Sim, claro, eu sei. E... parabéns, Jeremy, mais uma vez. É estupendo.

Pois é, paciência, pensou ela quando finalmente estava em casa, na cama. Sentia-se bem. Perfeitamente bem. Seria maravilhoso ir a Nova Iorque, conhecer os editores da Vogue e da Harper's americanas, falar com os estilistas nova-iorquinos. No fundo, era um grande bónus. E eram apenas seis meses. E de que adiantava ficarem noivos quando não iam estar juntos? Era provável que Jeremy tivesse pensado exatamente nisso... se bem que pudesse tê-lo dito. E de qualquer maneira, para que havia de querer casar-se quando estava empenhada na sua carreira?

Nem de propósito, na manhã seguinte, Jack Beckham chamou-a e disse-lhe que acabara de despedir Fiona – «e não tentes defendê-la, soube de fonte segura que perdeu completamente a cabeça nos últimos três dias, e foi ela que deu cabo dessa última sessão com os vestidos de baile e não o fotógrafo» –, e nomeou-a formalmente editora de moda.



Mais tarde, todos discutiram quem tinha sido o primeiro a ter a ideia. Valerie, inevitavelmente, invocava ter sido ela, Valerie Hill, que continuava a ser uma das

maiores clientes da Simmonds & Shaw.

Um dia de manhã, aparecera para falar com Louise, que agora a considerava sua cliente pessoal, a respeito de uns escritórios em Ealing. E disse-lhe, diante do café e das bolachas servidos por Jenny, que continuavam a ser, na opinião de Louise, um dos maiores contributos para o sucesso da agência, que previa um enorme crescimento futuro de espaços comerciais nos subúrbios mais distantes.

– Temos simplesmente de procurar mais longe... muito para lá de Guildford. Na cintura verde até. Isto não pode continuar assim.

Mais tarde, nesse dia, Louise falou com Matt e Jimbo sobre o pesadelo da Proibição Brown, como era conhecida (segundo George Brown, um novo ministro no austero governo de Mr. Wilson), que interditava a construção de espaços comerciais em Londres.

– Metade do nosso trabalho de promoção imobiliária está num impasse por falta de licenciamento – disse Jimbo sombriamente.

– Pois, mas não vamos conseguir alterar isso – disse Louise. – E ainda esta manhã Miss Hill estava a dizer que teríamos de avançar para os subúrbios e começar a construir escritórios fora da cidade.

– Não estou a ver como – disse Jimbo –, as empresas não querem ter escritórios por todo o lado. A não ser que se convença uma empresa inteira a deslocar-se, nunca resultará.

– Não estou assim tão certa – disse Louise. – A Sun Alliance, pelos vistos, tem várias sucursais fora. E há muitas pessoas que estão a optar por viver fora de Londres.

– Sim, e sendo grandes empresas – disse Jimbo pausadamente –, grandes escritórios, as pessoas mudavam-se para lá trabalhar, como acontece com a Ford, em Dagenham. Compreendo que faz sentido.

– Pois, mas estás a falar de fábricas – disse Matt. – Não estou a ver as pessoas a mudarem-se para estar perto de um escritório.

– Mas não seria muito diferente de uma fábrica, pois não? – disse Louise. – A única diferença é que não fabricavam carros nem máquinas de lavar, processavam reclamações de seguro ou qualquer coisa do género.

– Sabem que mais? – disse Matt. – Se conseguíssemos comprar terrenos e construir instalações desse tipo, prontas a receber essas grandes empresas... bem, era como se estivéssemos a imprimir dinheiro. Seria muito mais barato do que em Londres. E não falta por aí dinheiro. Basta ter um bom plano de negócios, mais nada.

– Se o dizes. Mas como é que sabes onde comprar, onde as empresas se querem instalar?

– Isso descobre-se – disse Matt cautelosamente. – Há de ser em locais bem servidos de transportes públicos. Metro, autocarro, estações nas linhas principais. É tão simples como isso. – Reclinou-se na cadeira e acendeu um cigarro, olhando para eles

calmamente através do fumo. – É o nosso caminho para o sucesso – disse. – Acreditem no que lhes digo.



A notícia da nomeação de Eliza espalhara-se depressa. Na manhã seguinte, entrou num gabinete repleto de flores; à hora de almoço, não havia jarra no escritório que não tivesse sido usada e ela teve de pedir à secretária que fosse à rua comprar mais meia dúzia. Acompanhavam-nas mensagens entusiásticas: querida Eliza... que emocionante... que excitante... uma promoção merecida... parabéns: todas de pessoas que ainda dias antes adulavam Fiona. Outros redatores de moda ligaram com as suas reações particulares: «Andávamos preocupados com a Fiona... era impossível ela continuar assim... precisa de repousar.»

Eliza tentou pessoalmente contactar Fiona várias vezes; não obteve resposta. Por fim, no final do dia, sentindo-se cada vez mais frustrada, escreveu-lhe uma mensagem e mandou entregar flores no apartamento dela na manhã seguinte. Estas foram devolvidas com uma mensagem a informar que ninguém atendera; mais tarde nesse dia, a mãe de Fiona telefonou a Jack Beckham a dizer que a filha dera entrada num hospital psiquiátrico com um sério esgotamento. Jack chamou Eliza ao seu gabinete para lhe dar a notícia.

– Oh, Jack, isso é terrível. Lamento imenso.

– Não lamentes – disse ele. – Só te informei para que percebesses como eu tinha razão. É evidente que ele não podia continuar assim.

Subitamente Eliza pensou, não pela primeira vez, a que ponto ele era parecido com Matt.



– Scarlett, é o David.

– Ah... olá, David.

– Ouve, perdeste o juízo? Diz a minha mãe que tencionas cá vir passar um tempo com ela. Não podes fazer isso.

– Não vejo porque não. Há de ser divertido. A ideia agrada-me imenso. E se calhar vai-me dar algumas respostas.

– Que respostas?

– Bem... por exemplo, como é que a Gaby pode estar grávida, quando não dormes com ela há anos. Ela terá um amante? É o bebé de outro homem?

– Claro que não.

– Nesse caso, deve ser a imaculada conceição. Espantoso.

– Ouve, Scarlett, é claro que nós... isto é, eu... ela... de vez em quando... enfim, temos relações. É... é só...

– Só o quê? – Silêncio. Ela suspirou. Sonora e teatralmente. – É por isso que quero ir aí, compreendes? Para dar resposta a este género de perguntas. E gosto muito da tua mãe, e a casa dela deve ser realmente encantadora. E, segundo ela, Charleston também é nesta altura do ano. Por isso... vou mesmo. Tenho muita pena, David, se a ideia não te agrada. Mas devias ter pensado que uma coisa destas podia acontecer. Adeus.



Acontecer uma coisa destas! Doía tanto que a maior parte do tempo se sentia incapaz de respirar normalmente. Outra pessoa ia ter o bebé que ela devia ter tido. Do homem que amava. O bebé que não teve, o bebé que lhe fora arrancado, para salvar este homem e o seu casamento nojento e miserável. O filho de que fizera segredo, a respeito do qual fora tão corajosa, de que nunca se queixara. O filho que ainda atormentava o seu sono, com a sua carinha embrionária doce e sorridente, o filho que ela matara.

Só a raiva a movia. Perante as mentiras, a injustiça, a sua própria credulidade. Como podia ter-lhe dado ouvidos, acreditado nele, confiado nele?

Mas era o que tinha feito. E agora ia vingar-se. Em parte, pelo menos.



– Que diabo se passa lá dentro?

– Sinto muito, mas não sei. Parece que ele está furioso.

– Com quem?

– Não faço ideia. Alguém ao telefone.

– Mas quem? Um cliente?

– Não sei, Miss Mullen. Acho que não. Primeiro ligou uma mulher que falava de uma forma muito elegante. Chamava-se... ai, caramba. Era um nome que nunca ouvi. Muito fora do comum. A princípio pareceu-me que ela estava a fazer um anúncio a respeito do nome, mas foi tudo. O nome. Seja como for, ele não falou muito tempo com ela. A seguir ligou para outra pessoa. É com quem está aos gritos.

Louise escutou à porta por alguns momentos; ouviu as palavras «É absolutamente escandaloso» e pouco depois: «Prometeste-me uma coisa e na minha atividade não se volta atrás com a palavra. Pelo que se vê, na tua há menos princípios. Estou perfeitamente preparado para avançar com uma ação, se necessário.» E em seguida: «Pois é, resolve o problema porque eu não estou pelos ajustes.»

Seguiu-se um estrondo quando o telefone foi violentamente pousado e um longo silêncio.

Com relutância, Louise teve de sair para se encontrar com um cliente. Quando regressou, Jenny estava muito entusiasmada, a datilografar a toda a velocidade.

– Ah, Miss Mullen – disse ela. – Tivemos uma manhã diabólica. Essa rapariga voltou... a

rapariga que veio entrevistar Mr. Shaw para o jornal.

– Ah – disse Louise.

– Pois é. E foi muito mal-educada.

– Não tem nada que ser mal-educada contigo. Que é que ela disse?

– Disse: «O Matt Shaw está no gabinete?» Eu disse que o que me instruiu a dizer sempre: «Mr. Shaw está muito ocupado neste momento, mas vou ver se ele tem disponibilidade para falar consigo», e ela respondeu: «Não me venha com essas tretas, ele está ou não está?»

– Que é que respondeste?

– Disse: «Sim, está». E ela irrompeu simplesmente por lá dentro.

– Valha-me Deus. E depois, que aconteceu?

– Depois ouvi uma grande gritaria.

– Sobre o quê?

– Ela pôs-se a dizer que ele era patético e que devia... – Consultou o bloco de notas.

– Jenny, tomaste nota por escrito? – disse Louise, sorrindo-lhe.

– Bem, Miss Mullen, disse-me para tomar sempre nota se achasse importante.

– Pois... realmente disse. Então que mais ouviste?

– Bem, ela disse que ele devia deixar de ser tão... usou uma palavra feia, Miss Mullen. Que não devia ser tão defensivo e perguntou se ele achava mesmo que iam escrever coisas dec... decorativas.

– Pejorativas?

– Isso. Coisas pejorativas sobre ele, e ele disse que não confiava em ninguém no ramo dela, e ela disse que tinha começado a admirá-lo e que o achava inteligente, mas que via agora que ele era um imbecil e que era a última vez que tentava ajudá-lo, e ele disse então que não precisava da ajuda dela, que nunca lha tinha pedido e que ela lhe tinha mentido e que é que tinha a dizer sobre isso.

– Certo. E então... ela foi-se embora?

– Não, mas eu fui à casa de banho. E quando voltei estava tudo calmo. Por isso, pensei que ela se tinha ido embora e que ele era capaz de querer um chá para se acalmar um pouco, e uma bolacha, já sabe como ela gosta de bolachas, e assim bati à porta e ninguém respondeu e, pensando que ele tinha saído, abri a porta sem fazer barulho e...

– E o quê, Jenny?

– E... bem, ele estava a beijá-la. A beijá-la a sério, está a ver? E ela estava... Miss Mullen, ela estava definitivamente a retribuir o beijo.



Emma Northcott olhou para o irmão do outro lado da mesa. – Jeremy, quero falar contigo sobre um assunto. Já sei que não é nada comigo, mas...

– Isso nunca te impediu antes.

– Pois não. Adiante, é sobre a Eliza. Quais são os teus planos, Jeremy? Em relação à Eliza? Ou melhor, com a Eliza?

– Não sei... não tenho bem a certeza.

– Pareces estar-lhe muito afeiçoado.

– E estou. Muito. Ela é um amor de pessoa.

– É isso?

– Provavelmente não. – Sorriu a Emma. – É a rapariga perfeita, em muitos sentidos.

Divertida, inteligente... muito inteligente, atraente. Damo-nos às mil maravilhas. Adoro-a.

– E já pensaste no que a Eliza deve estar a sentir agora, quando vais passar seis meses em Nova Iorque?

– Bem... não me pareceu muito transtornada.

– Jeremy, és incrível. Nunca ouviste falar no orgulho feminino? Andas com ela, mais do que isso, suponho, há cerca de um ano. Toda a gente considera que são um casal. E agora, de repente, anuncias que vais para os Estados Unidos, adeus Eliza, foi divertido, até quando eu chegar...

– Eu não disse nada que se pareça minimamente com isso – ripostou Jeremy com uma certa indignação.

– Podes não te ter exprimido assim. Mas é assim que as pessoas veem a situação, sobretudo a Eliza. Francamente, és de uma insensibilidade atroz, Jeremy, enches-me de vergonha.

– Mas, Emma, ela acaba de ser promovida a editora de moda. Está-se a marimbar para o que as coisas parecem. E, além disso, achas que ela vai querer um noivo ausente? Achei melhor adiar as coisas para quando regressar, ver se nessa altura ainda sentimos o mesmo um pelo outro, e então...

– Jeremy! A Eliza pode muito bem ser-te roubada no espaço de seis meses!

– Pronto... prometo que vou pensar no assunto. Ora bem... queres comer um Chateaubriand a meias? Estou a morrer de fome.



– Olá, Matt, é a Eliza. Já tenho o texto para verificares.

– Ah, ótimo, obrigado.

– Queres que to mande aí por estafeta?

– Pode ser. Ou podes trazê-lo pessoalmente. Para o caso de eu ter comentários.

– Tenho muita pena, mas tenho outros assuntos para tratar – disse Eliza acidamente. – É melhor mandar-te o texto. E, se tiveres comentários, liga-me.

E, meu Deus, não deixes que haja. O Jack Beckham tinha um ataque de fúria se soubesse o que eu estou a fazer. «Aprovar um texto é para agências de publicidade»,

dizia ele, sempre que alguém, normalmente um ator entrevistado, pedia. «Querem aprovar, que paguem a merda do espaço.»

Não havia dúvida de que estava a sentir-se um pouco esquisita em relação a Matt. Tinha sido um beijo e tanto. Tinha-a deixado literalmente à beira do desfalecimento. Ia sentir-se um pouco estúpida quando voltasse a vê-lo. Ele devia achá-la uma rapariga fácil, para além do resto, como snobe e mandona e convencida.

Embora tivesse sido... enfim... tivesse sido ideia dele. A relação entre ambos era muito complicada. Não que fosse relação.

Às cinco, o telefone dela tocou. – Tenho algumas dúvidas. Queres tomar uma bebida comigo para as discutirmos?

– Não, Matt, lamento, mas não tenho tempo.

– Pronto, seja. Nesse caso, dou um salto mais tarde ao teu escritório com isto. Gostava de conhecer o teu escritório. Afinal já conheces o meu.

– Matt...

– Estou aí às sete.

Às sete menos um quarto, Jack Beckham enfiou a cabeça na porta do escritório dela.

– Está tudo em ordem para as páginas de novembro?

– Absolutamente. – Não estava, mas não podia deixá-lo demorar-se por ali agora.

– Lembra-me só o que estás a fazer para o segundo artigo.

– Ah... são uns modelos do Royal College. Pus-lhe o título de «Porque Não?». São criações bastante revolucionárias, por exemplo um fato que combina um macacão e umas jardineiras.

– Deve ser atroz.

– Não é nada, Jack, é fantástico.

– Tens algum esboço?

– Tenho. Aqui... olha.

– Ah, sim, já me lembro.

– Ótimo, e há ainda uns casacos tipo coelhinha em várias cores primárias lindíssimas, como amarelo e azul.

– Já me agrada mais. Bom, continua a trabalhar bem. Boa-noite, Eliza.

– Boa-noite, Jack.

Ufa! Foi por um triz. Sete menos cinco. Ele...

– Eliza!

Que diabo, tinha voltado atrás.

– Num futuro próximo, gostava de me virar para a moda masculina.

– Sim, claro, eu também. É uma excelente ideia.

– Ótimo. Não roupa usada por rapazes efeminados mas por homens viris... futebolistas, esse tipo de gente. Como... deixa ver, ah, este tipo servia. É teu namorado? Anda à

procura da Eliza, é? Por aqui.

Matt entrou. Eliza sentiu-se tonta.

– Ah... Matt. Viva. Apresento-te o nosso diretor, Jack Beckham. Jack, Matt Shaw.

– Muito gosto – disse Matt.

– A sua cara não me é estranha. – Estudou Matt atentamente. – É, bem me parecia que o estava a reconhecer. Entra na nossa reportagem, não entra? «Os Novos Empresários.»

– Sim... espero que sim. Desde que...

– As fotografias estão fantásticas, não estão, Eliza? Foi o Terry Donovan, não foi? Gosto dele, tem sentido de humor. Lembro-te muito bem das suas fotos, Matt, em cima daquele andaime. Foi preciso coragem.

– Bem, já estou habituado. Mas...

– Você será a figura central. Página dupla e a sua foto ocupa dois terços, depois há uma coluna a apresentar o artigo e passa logo à sua entrevista. E é também você que vai aparecer na capa, uma fotografia pequena, isto é, espere aí, vou-lhe mostrar a maqueta. Acho que vai gostar. Também se não gostar, é tarde de mais, já foi para o prelo.

Desapareceu no departamento de projetos especiais. Matt e Eliza entreolharam-se em silêncio. Matt disse então: – Não vou, repito, não vou...

Beckham reapareceu. – Ora bem, cá está, veja. – Uma pequena imagem de Matt, no canto da capa, com a legenda: «Os Novos Empresários, os magnatas modernos, falam sobre a vida na crista da onda.»

– Então, que é que acha?

– Não... não está mal – disse Matt –, nada mal.

– É uma ótima publicidade, caramba! Devia estar grato.

– E estou... e estou. Obrigado.

– Excelente. Bem, vou andando. Até amanhã, Eliza.

Bateu a porta atrás dele. Matt olhou para Eliza. Ela sorriu-lhe docemente.

– Que é que estavas a dizer? – perguntou.



– Querida...

– Diz.

– Preciso de falar contigo.

– Sobre quê?

– Sobre Summercourt.

– Charles, se é a propósito de arranjar dinheiro para reparar o telhado, não estamos em posição de ajudar. Nós próprios estamos com dificuldades financeiras. Se não temos dinheiro para umas férias na neve e tu te queixas do meu orçamento para roupa, não

podemos com certeza dar dinheiro aos teus pais. Eles devem ter que chegue, certamente, e podem sempre pedir emprestado, foi o que sugeriu o meu pai quando lhe falei do assunto, não é justo pedirem-nos a nós...

– Juliet, já te disse que eles não têm dinheiro para mandar cantar um cego...

– Ora, isso é absurdo, claro que têm dinheiro! Por favor, não tornes a falar no assunto, fico muito transtornada. Gosto muito dos teus pais, isso não está em causa, mas o que eles estão a fazer é uma espécie de chantagem emocional... Charles, onde é que vais?

– Vou dar uma volta – respondeu Charles. – Preciso de pensar. E, por favor, não fales dos meus pais nesses termos, não me agrada.

Juliet ficou a olhar para a porta da rua depois de bater. Sentia-se bastante chocada. Nem Charles, nem a vida de casada, estavam exatamente a corresponder às suas expectativas.



Ele ainda não sabia muito bem o que o levava a beijá-la. Exceto que não fora capaz de se dominar. Só queria... o quê? Explorar um pouco mais a situação. Mais nada.

E assim convidou-a para almoçar, «para te agradecer, fizeste-me um grande favor com esse artigo, temos recebido imensas consultas»; ela disse que não costumava ter muito tempo para almoçar e ele sugeriu então uma bebida depois do trabalho; e ela aceitou.

E foi assim que Matt Shaw e Eliza Fullerton-Clark informaram os respetivos namorados de que ficariam a trabalhar até tarde na quarta-feira seguinte; cada um deles acrescentando, sem voltarem a consultar o outro, mas obedecendo simplesmente a um instinto básico, que não faziam ideia a que horas chegariam e que seria melhor não fazer planos para o jantar.



Sempre que pensava em deixar Summercourt, Sarah sentia vontade de gritar. Não de infelicidade ou indignação ou sequer ansiedade, mas de pânico puro e cego. Summercourt não era apenas a sua casa, era o lugar a que pertencia, no qual se centrava todo o seu mundo.

E agora as pessoas insistiam em que devia deixá-la, que a casa precisava de obras que custariam rios de dinheiro, que nunca poderia cuidar de Adrian ali.

A perspetiva era quase tão horrível como perder Adrian.

Se ao menos Eliza se casasse com Jeremy...



– Emma, é o Jeremy. Ouve... queria só que soubesses. Decidi pedir a Eliza em casamento.

– Jeremy, fico muito satisfeita.

– Sim. Pensei em pedi-la este fim de semana. Vamos juntos a Norfolk, é o cenário ideal.

– Absolutamente!

– Seja como for, antes tenho de pedir a mão dela ao pai. Vou ter de lá ir esta noite, não tenho outra oportunidade. A Eliza vai ficar a trabalhar até tarde.



– Oh, Adrian, não é maravilhoso? – Sarah falou numa voz trémula. Sentia-se ligeiramente tonta. – Foi tão simpático da parte dele vir de tão longe, o rapaz tem maneiras impecáveis.

– Realmente tem.

– Oh, Adrian! É como um sonho que se concretiza. Querida Eliza. É maravilhoso.

– Ele ainda não a pediu em casamento. Ela pode não aceitar.

– Adrian! Não digas isso. Claro que vai aceitar.

– Não te esqueças que ela é uma mulher muito independente. E já sabes a importância que dá à carreira.



– Olá, Charles. Está tudo bem?

– Está, mãe, tudo bem. Liguei para saber como tem passado o pai.

– Bastante bem – disse Sarah cautelosamente. – A medicação está a ajudar imenso.

– Ótimo. Bem, fazia tenções de dar aí um salto este fim de semana com a Juliet, mas ela não se sente muito bem...

– Oh, sinto muito... Charles, ela está... está...

– Não, mãe, está com uma gripe. – Falou num tom abatido.

– Ah, compreendo. Bem, dá-lhe um beijinho.

– E tu, como estás?

– Eu? Estou bem, querido. Muito bem, aliás.

– Porquê?

– Hum... tivemos uma excelente notícia. Mas não te posso contar, querido. Não é um segredo meu. Mas hás de ficar a saber em breve.

– De que é que estás a falar, mãe?

– Não posso dizer, Charles. A não ser que é... é um assunto de família.

– Família? Nesse caso, é a Eliza. Que é que ela fez? É um novo emprego?

– Não. Ela... pronto, o Jeremy veio cá e falou com o pai e...

– Não! Caramba, isso é fantástico.

– Mas não digas a ninguém. É que ela...

– Claro que não, mãe. Juro.

– Adivinha – disse ele a Juliet, depois de lhe levar um tabuleiro com o jantar à cama. –

Boas notícias. A minha irmã e o Jeremy Northcott vão ficar noivos.

– Boa! Pode ser o fim das vossas preocupações com Summercourt.

– Sem dúvida – disse Charles, reprimindo a sua irritação com esta reação imprópria. –

Mas não podes dizer a ninguém porque ainda não é oficial. Espero que estejas satisfeita.

– Claro que estou. Se ela está.

– Juliet, ela deve estar nas nuvens.

– Pois, tem muita sorte – disse Juliet. A sua voz denotava um distinto tremor.



– Olá, Annunciata. Que bom teres ligado.

– Olá, Emma. Estás livre para jantar na sexta?

– Sim, acho que sim, deixa-me ver... sim, estou. Obrigada.

– Ótimo. Estou à espera de umas pessoas muito interessantes. Queres trazer o teu bonito irmão? Também vem um tipo da publicidade... diretor criativo da BBDO.

– Não, o Jeremy vai a Norfolk.

– Ah, muito bem. Com a bela Eliza?

– Hum... sim.

– Ai é? A relação é séria? Ela tenta dar a entender que não passam de amigos.

– Não, são mais do que amigos definitivamente. Aliás...

– Não! Não me digas.

– Não percebo onde queres chegar, Annunciata.

– Bolas, só quero ver o Jack quando souber.

– Livra-te de lhe dizer. Ainda é segredo, ele não...

– Descansa que não digo nada. Tenho de ir, o Jack está a chamar-me.



– Jack, perdeste a nossa aposta.

– Que aposta?

– Sobre a Eliza. Vai ficar noiva. De um atraente rapaz de sangue azul.

– Valha-me Deus. Não é esse patarata alto e louro ou é?

– Receio bem que sim. Mas não se pode censurá-la. É um dos jovens mais ricos de Inglaterra.

– Ela não se vai embora, pois não? Seria intolerável.

– Espero que não. Para bem de todos. Mas...

– Vou ter de falar com ela. Diz lá então quanto te devo, Annunciata.

– Vinte libras. Mas um almoço no Terrazza serve. Adoro a comida lá.



- Eliza, queres jantar agora? – perguntou Matt depois de tomarem umas bebidas no bar americano do Savoy. – Estou esfomeado. Ou tens algum compromisso?
 - Não... não tenho. É boa ideia.
 - Ótimo. Conheces o Inigo Jones? Fica em Covent Garden.
 - Conheço e adoro. É lindo.
 - Excelente. Vou procurar um telefone e ver se arranjo mesa.
- Voltou com um ar de autossatisfação.
- Já está. Marquei para as oito e meia. Podemos tomar mais um copo.
 - O quê? Outra garrafa de champanhe?
 - Se quiseses. Diz bem contigo, o champanhe.
 - Obrigada. Como?
 - Bem... tem classe.
 - Matt, talvez seja melhor não entrarmos por aí.
 - Não disse «classe» nesse sentido. Quis dizer de primeira qualidade.
 - Ah... obrigada. Tu também tens classe. No sentido de primeira qualidade.
 - Achas?
 - Acho. És inteligente. Tens humor. E essa camisa é porreira.
 - Obrigada. Mande-a fazer por medida. De acordo com as minhas especificações.
 - Onde?
 - Num tipo em Jermyn Street. Sabes, quando chegarmos ao Inigo Jones, já deve passar das oito. Podíamos beber o champanhe lá.
 - De acordo. Dá-me a mão. Ui, sinto-me um pouco tonta. É melhor ir à casa de banho. Devo estar um susto.
 - Não, estás muito bonita – disse ele, num tom extremamente sério.



- Juliet? É a mãe. Como estás, querida?
- Um pouco melhor. Foi um vírus.
- O Charles não o apanhou?
- Não, não.
- Há novidades?
- Por acaso, há. Pelos vistos, a Eliza vai casar-se com o Jeremy Northcott.
- Não me digas! Pelo que ouvi sobre ele, isso deve resolver-lhes os problemas todos. E tu já não precisas de te preocupar. Não é justo.



Ela sentia-se muito... estranha. Como que... enfim, muito sexy. De um modo quase desconfortável. Não parava de se mexer na cadeira. Ele reparou.

– Estás bem?

– Sim, sim, ótima. E tu?

– Também.

Era estranho, estar com ele quando ele estava relaxado. E quando ela estava relaxada. Quase sempre estavam pegados um com o outro. Disse-lhe isso.

– É, suponho que sim. Porque achas que é?

– Não faço ideia. Talvez porque tu és um tipo quezilento.

– Eu não sou quezilento.

– Matt, és muito quezilento.

Fez-se um silêncio; ele pegou no copo e pôs-se a olhar para ele com uma expressão carrancuda.

– E tu não és?

– Acho que não sou quezilenta.

– Ai não, não és.

– Como queiras – disse ela afavelmente, sorrindo-lhe. Ele fitou-a e depois, de repente, retribuiu o sorriso.

– Pronto, seja. Eu também sou.

– Achas que ficas pior por minha causa?

– Definitivamente.

– Porquê?

– Ora, porque és quezilenta, é evidente. Aliás, longe de ti, sou o tipo mais meigo e brando que existe.

– Não me digas! Gostava de saber o que a tua namorada diria disso.

– Não faço ideia – disse ele, bebendo outro gole de vinho.

Uma breve emoção. Não ciúme, evidentemente. Apenas... interesse.

– É muito bonita, a tua namorada. E... é inteligente? Simpática?

– Acho que não me apetece falar dela.

– Porque não?

– Porque... porque não contribui em nada para uma noite bem passada.

– Lá estás tu, a ser quezilento. Ela vive contigo?

– Credo, não. – Pôs um ar horrorizado. Eliza soltou uma risadinha.

– Mas... mas... enfim...? – Não era muito delicado da parte dela, mas queria muito saber.

– Dormimos um com o outro – disse ele, fixando nela um olhar firme. – Se é isso que queres saber.

– Não... claro que não.

– Acho que é, mas adiante. E tu, já que estamos com a mão na massa? Vives com ele? Não havia necessidade de esclarecer quem «ele» era.

– Não, de maneira nenhuma.

– Mas dormes com ele?

– Essa pergunta é muito pouco refinada.

– Eu não sou um homem refinado. E quando me perguntaste o mesmo, também não foste muito refinada.

– Eu não fiz a pergunta.

– Talvez não textualmente. Mas...

– Sim – disse ela, quase com relutância. – Durmo com ele.

– Pronto, assunto arrumado. Mais perguntas?

– Não. Não, acho que não.

– Ótimo. Alguma vez jogaste ao jogo da verdade, desafio e promessa?

– Claro. Quando era pequena. Desde então nunca mais. Porquê?

– Oh... eu e a minha irmã jogávamos bastante. Estava aqui a pensar que estávamos a ser sinceros um com o outro. Isso é sempre interessante. Mais vinho?

– Por favor. Ah, isto é... é muito agradável.

– Ainda bem. É um Borgonha.

– Não me refiro ao vinho. Estou a falar de estar aqui a conversar contigo, a conhecer-te melhor. Durante estes anos desde que nos conhecemos...

– Lembras-te disso?

– Com certeza – disse ela, surpreendida. – Foi na estação de Waterloo. Tu e o Charles vieram a casa de licença e eu achei-te muito atraente.

– A sério? – Ele pôs um ar tão espantado que ela se riu.

– Sim. Pergunta ao Charles se não acreditas. Comentei isso com ele.

– Bolas. Pois é, eu também te achei muito bonita.

– Estás a ver? Somos claramente um par perfeito. É pena termos perdido este tempo todo chateados um com o outro.

– Pois. Hum... vamos continuar um pouco mais com a verdade. Qual é a coisa mais importante no mundo para ti, Eliza?

– O meu trabalho. – Saiu instintivamente, sem que ela parasse um momento para refletir. – E para ti?

– O mesmo, mais ou menos. Ser bem-sucedido. Ganhar rios de dinheiro. Sim... o trabalho.

– Mas gostas tanto do que fazes que o fazias mesmo que não viesses a enriquecer?

– Não, não – disse ele. – Arranjava outra profissão.

– Estou a ver. No meu caso, não é o dinheiro.

– Com as raparigas é diferente. Elas podem sempre casar-se com homens ricos.

– Essa afirmação é nojenta.

– Mas é verdade.

– Sim, mas tu também podias casar-te com uma rapariga rica.

– E achas que isso me dava alguma satisfação? Supondo que podia? Coisa que não acontece.

– Porque não?

– Eliza, não sejas estúpida. Que rapariga rica se casava comigo?

Ela olhou para ele, ali sentado, descontraído e sexy, inteligente e quezilento, e debruçou-se sobre a mesa e beijou-o muito suavemente na boca.

– Muitas – respondeu. – Na minha opinião.

– Supõe que te casavas. O trabalho continuava a ser assim tão importante?

– Naturalmente.

– Então é melhor não te casares comigo.

– Estás a pedir-me em casamento?

– Nem pensar.

– A tua mulher vai ser então uma escrava doméstica, é? Já me esquecia, foi o que disseste no outro dia.

– Bem, há de ficar em casa a cuidar de mim. Isso é mais do que certo.

– Coitada, vai morrer de tédio.

– Porquê? Eu sou assim tão enfadonho?

– Não, tu não, mas passas o dia fora de casa a trabalhar.

– Mais uma razão para ela ficar em casa, à minha espera com uma deliciosa refeição quente.

– Matt Shaw! Não acredito que estejas a dizer isso.

– Mas estou. Acho que é a ordem natural das coisas.

– A tua mãe ficava em casa?

– Quase sempre, sim. Fazia alguns trabalhos de limpeza, esse tipo de coisa. Adaptava-se ao horário do meu pai.

– E o teu pai ajudava em casa?

– Claro que não. Pagava as despesas, não era? E a alimentação e o resto. Porque é que havia de lavar a louça também? A meu ver, não seria justo.

– Não... não sei. – Eliza não tinha realmente resposta.

– O Jeremy... lava a louça, por exemplo?

– Sim, se comermos em casa, lava. Sobretudo se tiver sido eu a cozinhar. Mas ele também gosta de cozinhar.

– Não me digas! Que é que ele faz? Trabalha em publicidade, não é? E... e leva o trabalho dele a sério?

– Claro que leva. É uma das coisas que me agradam nele. E no fundo nem precisa de

trabalhar...

– Porquê? Tem rendimentos, é?

Estava a olhá-la com intensa atenção.

– Hum. Que é que a Georgina faz?

– Trabalha numa loja de roupa em King's Road, chamada Silk, Satin, Cotton, Rags.

– Ah, conheço muito bem. Tem coisas muito bonitas. Tenho de lá ir apresentar-me, não tivemos oportunidade de falar com deve ser no casamento, dizer-lhe que jantámos juntos.

– Preferia que não fosses – disse ele. – Ela não ia achar graça nenhuma.

– Porque não?

– Porque tu és como és.

– Como?

– Incrivelmente sexy – disse ele, logo acrescentando: – Esquece o que eu disse. É o vinho a falar.

– É?

– Não – disse ele –, nem por isso. – E, pegando na mão dela sobre a mesa, virou-a ao contrário, puxou-a para si e levou-a à boca. Virou-a novamente. Beijou a palma. Passou a língua por ela. Ela olhou para ele, absorvendo a sensação, absorvendo-a com o corpo todo, com um rebate de choque, na cabeça ou onde quer que o seu coração estivesse, no mais fundo de si, como se a língua estivesse dentro dela, a explorá-la, docemente inquietante. Fechou os olhos e, voltando a abri-los, fixou os dele.

– Incrivelmente sexy – repetiu ele.



– Pelos vistos, a Eliza está noiva desse tipo que estava no casamento, o Jeremy Northcott – disse Carol Judd.

– Ai está? – respondeu o marido. – Bem, isso há de calá-los, nunca mais hão de queixar-se de falta de dinheiro. Não suporto a atitude dessa gente, como se estivessem a um passo do hospício.

– Eu sei – disse Carol. – E o pior é que afligem a Juliet, é muito feio da parte deles quando é evidente que andam a nadar em dinheiro.



– Adorei a tua casa – disse Matt. Tinha pedido a conta; estavam a tomar café.

– Ainda bem. É muito especial para mim. Para todos nós.

– Sobretudo o laranjal de inverno. Achei-o fabuloso.

– Bem, tens de lá voltar. Ver o interior. Aparece este fim de semana... oh, não, vou para fora... mas no próximo. Adorava mostrar-te a casa como deve ser. Podes levar a

Georgina, se quiseses.

– Não, acho que não. Não é boa ideia. E o Jeremy, vai lá estar?

– Não – disse Eliza, apercebendo-se do seu tom de voz, muito calmo, muito firme. –

Não vai.

– Pronto, fica combinado.

– Também gostava de ver o teu apartamento, Matt. Em Rotherhithe. Deve ser bestial.

– Podes ver. Está aberto ao público.

– Combinado. Fica a promessa. Já jogámos a parte da verdade. Agora só falta – disse ela, sorrindo para os seus olhos – o desafio.



– Gostei muito deste bocadinho, Matt, obrigada.

Eliza levantou-se e sorriu a Matt, inclinou-se para o beijar de novo, desta vez na cara, e num passo pouco seguro encaminhou-se para a porta.

Quando chegaram à rua, ela virou-se para ele, pensando subitamente em oferecer-lhe boleia, e reparou que ele estava completamente imóvel, a olhá-la fixamente e claramente desejoso de dizer alguma coisa.

– Tenho um desafio para ti, Eliza – disse ele. – Vem a minha casa agora. Tomar uma última bebida. Disseste que gostavas de a conhecer.

– O quê, agora?

– Sim, Eliza, agora – disse ele. Seguiu-se um longo silêncio e ela olhou-o nos olhos, firmemente, e depois sorriu-lhe, atirando para trás a abundante cabeleira e dizendo: – Aceito o desafio. Vamos lá.



Nesse fim de semana, Jeremy Northcott baixou-se sobre um joelho, num campo enlameado de Norfolk, tirou do bolso um enorme diamante e pediu Eliza Fullerton-Clark em casamento.

¹ The London (Social) Season – denomina o período anual em que a elite britânica troca a sua residência no campo por Londres. Nesta temporada têm lugar vários eventos, como jantares e festas, eventos de caridade, e os bailes de debutantes, cerimónia oficial de apresentação à sociedade das jovens em idade de casar. (N. do E.)

² Drake's Arse: cauda de pato. Alusão ao penteado dos teddy boys, uma poupa no centro da cabeça fixada com brilhantina. (N. da T.)

³ Escola secundária independente que ministra um ensino tradicional, de elevado nível, em que a admissão é por concurso ou mediante portefólio, e que prepara os alunos para os estudos superiores. (N. da T.)

⁴ Preppy indica o comportamento típico de alguém educado numa escola preparatória nos EUA, e ainda um estilo de vestuário impecável e elegante característico desta camada social. (N. da T.)

⁵ Frost = geada. (N. da T.)

SEGUNDA PARTE

O Casamento

Que horror, sentia-se terrivelmente mal. Sentiu que ia vomitar ali mesmo. Em cima da mesa do conservador.

A mesa do conservador. Na Câmara Municipal de Chelsea. Não o altar na igreja paroquial de Wellesley.

Baixou os olhos; viu os sapatos. Os sapatos brancos de tacão alto, com aqueles bonitos laços vermelhos que replicavam os laços vermelhos do seu vestido. O vestido curto de renda e não um vestido comprido de cetim com saia rodada.

Proferiram os votos, foram declarados marido e mulher e trocaram um beijo.

Agora sentia-se melhor e virou-se, sorrindo à sala. Aos amigos. Não uma igreja cheia, apenas duas filas; e um grupo reduzido de familiares, quase todos do lado dele.

Assinaram o registo, levantaram-se e saíram da sala. Não percorreram a coxia, saindo para o pórtico da igreja, mas saíram da sala para o átrio da conservatória. E lá para fora, para os degraus, e não para se depararem com uma multidão risonha e amiga mas sim com meia dúzia de transeuntes desinteressados.

Que lhe acontecera? Que lhe aconteceria? E como era possível que se sentisse tão chocante e esplendorosamente feliz?

Outono/inverno de 1964

– Mãe, preciso de te falar de um assunto.

– Sim, querida, nós sabemos. É maravilhoso...

– Não, mãe, não é nada maravilhoso. Não é o que estás a pensar. O Jeremy pediu-me em casamento...

– Sim, nós sabemos, querida. Ele...

– Pois, mas... não vai acontecer. Não me vou casar com ele. Não posso. Não posso mesmo. Porque estou apaixonada por outra pessoa.

Com quem não ia – necessariamente – casar-se. Não lhe agradavam as opiniões dele sobre o casamento. Não lhe agradavam as opiniões dele sobre muitas coisas. Mas amava-o com uma paixão absoluta e violenta.

Em parte, era o sexo, claro. O sexo era espantoso. Nunca teria imaginado que um corpo diferente pudesse fazer tanta diferença. A diferença entre um prazer simples e natural e um deleite febril e impetuoso; entre desejar e precisar, precisar desesperadamente, tanto que não era capaz de pensar em mais nada até ter. Até tê-lo. Entre o conforto e a tortura; entre o calor e a ternura e um estado de quase angústia chocante, o corpo coberto de suor; entre dizer «foi bom» e uma imobilidade muda e comovida.

– Oh, meu Deus – tinha ela dito quando, depois da primeira vez, se libertara finalmente dos braços dele, contemplando-o, lutando contra a falta de ar, o corpo ainda a

pulsar numa espécie de abalo sísmico. – Oh, meu Deus, Matt.

– Oh, meu Deus, o quê?

– Só isso... oh, meu Deus!

– Logo vi – disse ele, num tom de autossatisfação. – Logo vi que não tinhas.

– Não tinha o quê?

– Atingido o orgasmo.

– Claro que atingi.

– A sério, não. Não como merecias. És tão incrivelmente sexy, Eliza, e estavas a perder o melhor. Eras como... como uma espécie de semivirgem.

– Isso é ainda mais idiota. Ninguém pode ser semivirgem; é como só estar um pouco grávida.

– Claro que pode. Tu eras. Semicozinhada... merda, não me sei exprimir.

– Pois não – disse ela –, realmente não sabes.

– Bem – disse ele, após uma pausa –, que dizes a isto? Amo-te.

Era a primeira vez que o dizia.



Toda a gente ficou zangadíssima com ela. Os pais, de um modo discreto, ofendido, efervescente: como podia ter rejeitado Jeremy, quando ele a amava tanto – «Não estou assim tão certa disso» – quando ele tinha tanto a oferecer-lhe – «Mas o que ele tem para oferecer não é o que eu quero».

Ela compreendia, naturalmente, o que significava para eles.

Jeremy representava a súmula de toda a sua educação: aquilo para que os pais se haviam esforçado, o que haviam sacrificado e esperado, aquilo por que haviam quase rezado. Consideravam que era uma desfeita pessoal, um insulto ao seu credo social. E ela compreendia que os privara também de outra coisa embora eles preferissem morrer a admiti-lo.

Charles, que professara ter por Matt uma amizade genuína, ficou quase tão zangado. – É absurdo, Eliza, vêς isso com certeza, uma ideia absurda, trocar o Jeremy pelo Matt Shaw.

– Porquê? – tinha ela perguntado.

– Sabes muito bem porquê – retorquiu ele e ela tinha dito que não, que não sabia. Charles deu-lhe a resposta esfarrapada de que Jeremy era um dos seus maiores amigos, fora até seu padrinho de casamento, e ela dissera que tinha muita pena mas que não podiam esperar que se casasse com alguém que não amava só porque tinha sido padrinho de casamento do irmão.

Juliet não lhe disse absolutamente nada.



Ela começou a temer esbarrar com os amigos de Jeremy; eram todos extremamente frios com ela, considerando que o seu comportamento fora indecente. Seria de pensar, refletiu Eliza, que era casada com Jeremy e o traíra, quando nem noivos estavam; e de quem era a culpa? Se ele a tivesse pedido em casamento mais cedo, provavelmente a estas horas estaria casada com ele.

A maioria dos amigos dela, aqueles com quem crescera, pelo menos, e com quem andara na escola e partilhara apartamentos, ficaram horrorizados e disseram-lhe que se ia arrepender, embora uns quantos tivessem ficado claramente intrigados e lhe tivessem perguntado o que Matt tinha assim de tão especial. Ela sabia o que isso queria dizer: sexo. Toda a gente assumia que era o sexo e só o sexo. A explicação não podia ser outra para rejeitar alguém tão rico, atraente e absolutamente perfeito como Jeremy em favor de alguém que era – como uma amiga dissera – «de um mundo tão diferente». Mas não era o sexo – ou era apenas em parte; era quase impossível explicar, mas o mais parecido com uma explicação era que, quando estava com Matt, se sentia absoluta e totalmente absorvida por ele, a todos os níveis e de todas as formas. Ele cativava-a. Cativava o seu espírito e o seu coração e o seu corpo e todo o seu ser. A vida sem ele era completamente impensável. Era tão simples como isso.

Até Maddy parecia um tanto chocada. – O Jeremy é tão querido – disse –, e está mesmo talhado para ti. E o Matt é radicalmente diferente de ti, Eliza. Como pessoa, digo eu. E, à maneira dele, é mais convencional do que o Jeremy.

– Ora, isso é um absurdo completo – disse Eliza.

Só Jack Beckham parecia estar do seu lado e até a convidou para uma bebida. – Parabéns – disse ele. – Gostei muito desse rapaz, pelo menos do que vi dele, gostei mesmo muito. Mas percebo que o que fizeste não foi fácil.

Eliza ficou tão sensibilizada e surpreendida que começou a chorar e depois pediu desculpa por estar a ser parva; mas Jack emprestou-lhe o lenço e disse que ao menos ela não estava em vias de se ir embora para ter filhos.

– Claro que não vou ter filhos – disse Eliza, fungando.

A madrinha convidou-a para almoçar e, em lugar de se lançar no ataque de que Eliza estava à espera, passou-lhe um generoso xerez e disse: – Tenho a certeza de que andam todos a dizer-te que cometeste um erro terrível. Não faço parte desse grupo. Sinto orgulho em ti. É demasiado fácil dizer ámen com toda a gente e fazer o que os outros querem. Vá, por amor de Deus, não te ponhas a chorar. Pensei que ficarias satisfeita.

– E fico – disse Eliza –, claro que sim. Mas tem sido horrível ouvir as pessoas dizerem-me que sou doida ou pérfida, ou as duas coisas.

– Ora, as pessoas são umas intrometidas e para elas não há nada mais fácil do que viver a vida dos outros.

– É possível. E, claro, dei um desgosto enorme à minha mãe...

– Disparate. Percebo que lhe agradasse muito ver-te dar o nó com o jovem Northcott.

Mas não acredito que ela gostasse de te ver infeliz. O que seria o caso se te casasses com alguém que não amavas. Ela há de mudar de ideias, querida. Não te aflijas.

– E depois há a casa.

– É, estou a par desse problema, mas não podes casar-te com alguém só para pagar as obras da casa.

Eliza riu-se e voltou a pôr um ar sério. – Madrinha, sabes bem que não é só isso. É muito importante para ela, aquela casa, e com o pai doente, precisa de continuar lá, se puder.

– Bem, não te preocupes, arranjaremos uma solução. E o Matt, trabalha no setor da construção, não trabalha? Não pode ajudar?

– Não... não sei. Não tem muito dinheiro, se é isso que queres dizer.

– Talvez não, mas deve conhecer empreiteiros. Vais-te casar com ele?

– Não sei – disse Eliza, suspirando profundamente –, ele não me pediu em casamento, por isso talvez não.

– Há de pedir – disse Anna Marchant. – Aposto que sim.

A única pessoa que reagira com absoluta compreensão e simpatia fora Jeremy. Ela baixara os olhos para ele, ajoelhado na lama, e após uma breve pausa, dissera que lamentava mas que não podia, não o amava o suficiente, e em seguida rompera em lágrimas; e ele levantara-se, voltara a meter a caixa do anel ao bolso do Barbour, passara-lhe o braço pelos ombros e dissera-lhe que não chorasse, que compreendia perfeitamente, preferia que ela fosse honesta agora e não se casasse com ele e que o abandonasse mais tarde. Tinham voltado para casa e tomado chá com crumpets na cozinha e ela dissera então que achava melhor ir-se embora. Jeremy respondera que sim, que era provavelmente melhor, e fora até pôr-lhe a mala no carro, dando-lhe um beijo de despedida e acenando-lhe. Esse momento fora provavelmente o mais difícil de todos; olhar para ele pelo espelho retrovisor, tão indescritivelmente atraente e simpático e... perfeito, sim, com os Labradores dourados de cada lado dele e a enorme casa em segundo plano, e pensar momentaneamente se teria procedido bem. Dali foi diretamente para casa de Matt junto ao rio; ele estava à sua espera, ansioso e quase agressivo com a inquietação, e tudo se compôs.

Eliza ficou no seu pequeno apartamento em Earls Court, passando quase todas as noites com Matt em Rotherhithe e regressando a casa de madrugada para se arranjar para o dia de trabalho. Tinha-se interrogado se ele sugeriria que fosse viver com ele, mas ele fez precisamente o contrário, frisando nesse primeiro domingo que essa solução não seria muito prática. – Esta casa é muito pequena, ficaríamos doidos um ao outro. – Depois acrescentou que, de qualquer modo, ainda era muito cedo e que deviam levar as

coisas com uma certa calma. Ignorando uma pontada de puro terror, ela concordou.

O Natal foi... enfim, foi estranho. Não correu mal, mas foi estranho. Recebeu uma mensagem algo fria da mãe: era evidente que não podiam organizar o Natal este ano e tinham sido convidados a passá-lo com amigos da terra.

«E, para ser franca, não me sinto em posição de pedir para nos fazeres companhia, dadas as circunstâncias, acho que eles se sentiriam bastante constrangidos.»

– Com os diabos! – disse Matt, rindo. – Pois fica a saber que a minha família não se sentiria nada constrangida a convidar-te. Queres experimentar um Natal em Clapham? A Scarlett vai lá estar... gostas da Scarlett, não gostas?

Eliza gostava de Scarlett, gostava muito; ela parecia ter todas as virtudes de Matt e nenhum dos seus defeitos. Era boa companhia, embora Eliza pressentisse uma tristeza por detrás dos comentários acerbos que não era bem capaz de definir. Ela disse a Eliza que a achava perfeita para Matt. – Ele já baixou um bocado a crista. Pelo que vi, as outras namoradas deixavam-no fazer gato-sapato delas, gosto de ver alguém fazer-lhe frente.

Eliza, que tinha dificuldade em fazer frente a Matt e o mais das vezes cedia em prol de uma vida sossegada, decidiu que de futuro seria mais firme com ele.

Scarlett tinha um bonito apartamento em Kensington, que Eliza teria considerado acima do seu salário de hospedeira de bordo, embora logo tivesse pensado que não sabia quanto ganhava uma hospedeira de bordo; tinha também inúmeras roupas caras, incluindo um casaco de peles, que insistia em dizer a Matt que era coelho. Eliza, que sabia perfeitamente reconhecer a pele de zibelina, ficou intrigada.

Passaram a maior parte do dia de Natal na cama; mas, à noite, foram a Clapham e Eliza foi apresentada à família de Matt. Simpatizou imenso com Sandra, achou-a bonita e bem-humorada, com o mesmo sentido de estilo da filha, e os dois rapazes eram fantásticos, mas teve algumas dúvidas em relação a Pete. Ele mostrou-se visivelmente desconfiado dela e mais do que uma vez gracejou a propósito de ela se «misturar com a ralé», como pôs a questão.

Sentiu interesse em observar Matt no ambiente familiar. Estava mais ou menos à espera de que ele se comportasse de maneira diferente, mas era exatamente o mesmo, um pouco presumido, um pouco melindroso, extremamente afetuoso com a mãe.

Beberam bastante, viram televisão e, passado algum tempo, Matt, os irmãos e Pete foram até ao pub, «só para tomar um copo».

– Peço desculpa – disse Sandra. – Quando eles voltarem, jogamos uma partida de Monopólio, se achares bem, é o jogo favorito do Matt desde criança.

Eliza disse que não se importava nada e perguntou a Sandra onde comprava a roupa. – Adoro esse vestido, é o máximo. – Em seguida, instalou-se para um serão de martinis e Monopólio, vendo Matt a ganhar tudo – desconfiou fortemente de que ele fazia batota – e

a comprar, não apenas Park Lane e Oxford Street e uma série de hotéis, mas também todas as estações de Londres. Pensou se ele alguma vez o faria na vida real e decidiu que, com ele, nada era impossível.



– Então? – Os enormes olhos escuros de Mariella dançaram sobre Eliza. – Conta-me, cara, conta-me tudo sobre esse novo amor na tua vida. Parece incrivelmente romântico. Rejeitaste o Jeremy, rejeitaste uma fortuna, rejeitaste o amor da tua família...

– Mariella – disse Eliza a rir –, quem te ouvir acha que é tudo muito mais dramático do que é na realidade.

– Não me parece. Que é que eu disse que não seja verdade?

– Hum... nada, suponho. Mas...

– Estás a viver com ele?

– Sim e não.

– Sim e não, como?

– Bem, passo muito tempo em casa dele. Mas continuo a viver no meu apartamento. Quando ele está ocupado, fico em casa.

– Quer então dizer que ele te deixa usar a casa dele para o sexo. Nada mais.

– Mariella! Não. Às vezes, comemos lá. Eu faço o jantar.

– Fazes o jantar! Cara, cara, no mínimo devia ser ele a cozinhar para ti.

– Ele não cozinha. Não... não pertence a uma família em que os homens cozinham.

– O Giovanni também não. Mas cozinha com frequência.

– Acho que não se pode comparar o Giovanni com o Matt.

– Discordo. Cá para mim, são muito parecidos. Os dois... como é que se diz? Andaram a pulso...

– Subiram a pulso.

– Exatamente o que eu disse. Ambos casados com o trabalho, ambos com mulheres que têm muita sorte em ter. Devo dizer-te, Eliza, até agora prefiro mil vezes o Jeremy.

– Mariella, nem sequer conheces o Matt.

– Bem, temos de retificar isso. Hei de fazer uma visita. Sou mesmo capaz de levar o Giovanni, está a precisar de sapatos.

– Seria ótimo. Mas aqui o que interessa é que eu não amava o Jeremy.

– Mas isso não quer dizer que deixes o Matt tratar-te mal.

– Ele não me trata mal.

– Mi scusi, cara, mas não te trata bem. Como tal, tenho de concluir que te trata mal.

– Não, repara que ele não me pediu para deixar o Jeremy. A decisão foi minha. Sou a única responsável.

– Mesmo assim... se ele te ama...

– Mariella, tenho muita pena mas tenho de ir, senão por este andar chego atrasada ao Cardin. Até breve, amanhã, quem sabe?

Estava em Paris para as coleções, com uma ideia assustadoramente difícil de pôr em prática. Tinha-a apresentado a Jack contra tudo o que a lógica ditava. Jack inevitavelmente tinha adorado e dissera-lhe que, se ela conseguisse concretizá-la, a publicaria numa extensão desdobrável em papel mais espesso do que o resto da revista. Eliza sentia-se bastante temerosa à ideia da responsabilidade envolvida e do prestígio incrível que ganharia com isso.

A sua ideia era que, em lugar da série normal de oito ou dez fotografias de roupas dos diferentes estilistas, a Charisma oferecesse aos seus leitores uma única fotografia de grande dimensão, mostrando em conjunto as roupas de dez ou doze casas de alta-costura. Isto era, ao que todos lhe diziam, completamente impossível. As feras que policiavam a cedência de vestuário regiam-se por horários rigorosos, a competição de outros editores de moda, não apenas pelas roupas, mas pela sua cedência autorizada, era intensa, as modelos estavam completamente tomadas, em alguns casos dezoito horas por dia.

Mas o plano dela era fotografar às duas da manhã. O período entre a meia-noite e as seis era calmo; só precisava, disse a si mesma, de alguns poderes de persuasão.

Tinha contratado Rex Ingham para fotografar; ele tinha arranjado um estúdio e ela conseguira subornar pelo menos meia dúzia de modelos, em grande medida ao pagar-lhes o dobro dos seus honorários normais, mas também, e com mais sucesso, ao prometer-lhes trabalho futuro para a Charisma. Tirando a Vogue, era atualmente a revista em que todas cobiçavam figurar.

Organizara sanduíches, vinho, cigarros e deixara até transpirar oficiosamente que, se um ou outro charro aparecesse, faria vista grossa.

Até agora, faltando ainda quatro dias, só conseguira garantir três trajes. A maioria das vendedoras tratava-a com o maior dos desdêns.

No fim do dia seguinte, já tinha traçado outro plano: pedir os trajes a todos os editores que estavam a realizar sessões fotográficas a horas tardias da noite, prometendo devolvê-los às casas logo de manhã cedo. Queria isto dizer que eles seriam poupados à responsabilidade de restituir as roupas e enfrentar exame minucioso e mal-encarado a cada peça das diretoras. Com este estratagema, conseguiu um total de sete.

Espalhou-se o rumor de que estava a acontecer qualquer coisa de extraordinário. Na véspera da sessão, Eliza tinha quinze modelos e ligou a Jack. Se a imagem fosse suficientemente grande, ele aumentaria o desdobrável para três páginas? Seria um crime apertar os modelos e não mostrar os trajes em condições. Jack concordou.

Mariella pediu para estar presente. – Faço de assistente de camarim – disse ela. – Há de ser divertido. E olha que sou uma maquilhadora extremamente habilidosa, cara.

Também posso ajudar nesse capítulo. E... tens joias?

– Não o suficiente – disse Eliza com um gemido.

– Eu levo as minhas. Claro que só podem ser as peças forjadas...

– As quê, Mariella?

– O Giovanni diz que não devo usar os diamantes verdadeiros, é demasiado perigoso.

Estão na casa-forte do banco. Mas acho que não se distingue numa fotografia.

– Ah – disse Eliza –, queres dizer imitações.

– Exato. Disse forjadas. É como se diz em inglês, não é? Mas são todas muito bonitas.

– Mariella, adoro-te.



Ela nunca se esqueceu do dia 24 de janeiro de 1965. Para quase toda a nação inglesa, foi um dia de choque e luto: Winston Churchill, então com noventa anos, morreu de manhã cedo, mas, para Eliza, o maior drama estava a ter lugar num espaçoso estúdio fotográfico perto da rue Cambon, numa efervescência de barulho, atividade, belas modelos e roupas incrivelmente valiosas. Às duas e meia, já todas as modelos, exceto uma, estavam vestidas e maquilhadas. Rex estava a tirar polaroides para verificar a luz e estudar a composição. – Uma longa fila é pura e simplesmente enfadonho, Eliza, não me interessa o que digas, vamos ter de introduzir alguma variação de nível.

Os assistentes tomaram o lugar das modelos para as polaroides – muitos anos mais tarde, Eliza encontrou uma, uma imagem descolorida de quinze jovens atraentes, descalços e de cabelos compridos, vestidos de jeans e T-shirts, alguns sentados em bancos e escadotes, outros na brincadeira, a porem chapéus e luvas altas, outros a olharem altivamente para a objetiva como as próprias modelos; olhando para a fotografia, quase ouvia a batida dos Rolling Stones em segundo plano e sentia o seu próprio nervosismo e terror. Juntamente com Milly, colocou fita-cola nas solas dos sapatos, prendeu bainhas com alfinetes, ajustou corpetes com pinças; Mariella e mais duas mulheres trabalharam incansavelmente na maquilhagem, aqueceram e reaqueceram rolos para o cabelo, pintaram unhas e consumiram grandes canecas de café. O ar estava tão denso com fumo de cigarro que Eliza decretou que ninguém mais fumava; pairava também o cheiro inconfundivelmente doce a haxixe.

Só um vestido continuava pendurado no cabide: o obrigatório vestido de noiva. Havia uma rapariga que ainda não tinha chegado.

– Tinha de ser ela – queixou-se Eliza. – Tinha de ser. É a peça central. Onde é que ela está, por amor de Deus? Já sabia que era um erro ter aceitado que fosse ela.

– Qual delas é? – perguntou Rex.

– A maldita Alethea Peregrine ou lá como se chama. Uma amadora completa. Mas é uma aristocrata. Vai ficar espantosa com esse vestido. Valha-me Deus, onde é que ela

está? Milly, liga para o hotel. Ela está no Castiglione.

Milly desapareceu e voltou com uma expressão satisfeita. – Está a caminho. Mas, por favor, alguém pode arranjar um rádio onde se apanhe o World Service da BBC?

– Eu tenho um – disse Rex.

– Ainda bem. Eu disse-lhe que tínhamos um aqui. Caso contrário, ela não vinha. O problema – disse Milly – é que morreu o Winston Churchill esta manhã, não sei se sabem. A Alethea estava a ouvir as notícias no hotel. Pareceu-me que estava a chorar.

– Valha-me Deus – disse Rex. – Só nos faltava mais essa, pele manchada, o nariz a pingar.

– Pois mas, na minha opinião – disse Milly cautelosamente –, e desculpem se pareço autoritária, acho que seria boa ideia mostrarmo-nos compadecidos. A Alethea disse-me hoje de manhã que era parente afastada de Sir Winston.

– Afastada e de que maneira – disse Rex –, cá para mim, alguns anos-luz.

– Cala-te, Rex – disse Eliza –, precisamos da Alethea e, se fazer de conta que ela era praticamente a filha predileta do Churchill e dizer que temos muita pena resolver o problema, então é o que vamos fazer, entendido? Ah... – Uma ruiva extremamente alta tinha entrado na sala, envolta num casaco de pele preta e limpando teatralmente os enormes olhos verdes. – Alethea, entra, querida. Sinto muito; deves estar terrivelmente desgostosa. Senta-te aqui e relaxa. O Rex tem o rádio pronto para não perderes nada e depois a Mariella vai-te maquilhar. É de uma coragem extraordinária teres vindo.

– E tu – sibilou ela a Milly – vais ter o maior aumento de salário que conseguir arranjar-te quando voltarmos. És uma estrela.

A sessão terminou às seis e meia, ainda era noite em Paris; Eliza sentou-se no estúdio, que começava a esvaziar-se, bastante entusiasmada, olhando para a polaroide de Rex e parafraseando irreverentemente Winston Churchill: «este é o nosso melhor momento».



– Quero dinheiro – declarou Scarlett. – Muito dinheiro.

Não tinha ido a Charleston. Que teria lucrado com isso afinal, senão assustá-lo, sem qualquer benefício?

Mas agora percebia claramente o que o bom senso lhe devia ter dito desde o princípio. David nunca deixaria a mulher e os filhos.

Era a sua própria estupidez que mais a enfurecia, a sua ingénua prontidão para acreditar nele, a sua equivocada abnegação ao poupá-lo à ansiedade da gravidez, à angústia do aborto. Devia ter-lhe dito, tê-lo assustado, exigido que ele o pagasse, em lugar de ter andado com paninhos quentes a fingir que estava tudo bem. Pensou em todos os homens que conhecera durante a sua relação com David, homens com quem poderia ter-se divertido, ter encontrado afeto, possivelmente até o próprio amor, se não

os tivesse usado injustamente como termo de comparação e recusado os seus convites, esmagado o seu interesse, negado o seu potencial.

Desejava poder dizer que odiava David, mas não seria verdade; descobrira que o amor não se podia extinguir como quem apaga um fósforo ou desliga um telefone. O amor era invasivo e, mesmo quando se tornava no inimigo, não se deixava facilmente vencer.

Se David lhe tivesse ligado nessa tarde, quando ela estava em casa a chorar de raiva, humilhação e dor, se lhe tivesse pedido perdão, dito que tinha de estar com ela, afirmado que ainda a amava, sabia que teria sentido dificuldade em rejeitá-lo.

Mas, felizmente, isso não tinha acontecido. E entretanto o coração dela endurecera e recuperara até um pouco.

E agora tinha um plano.

A primeira coisa era pô-lo a suar. Após um silêncio de cerca de uma semana, ele começou a telefonar-lhe, perguntando-lhe como estava, se se sentia melhor, quais eram os planos dela e dizendo que gostava de poder explicar-se...

De todas as vezes, ela desligou.

Ele ligava-lhe todas as semanas; estava preocupado com ela, precisava de saber como ela estava, queria saber se podia ajudá-la.

Ela continuou a desligar o telefone.

Ele enviou-lhe um cartão de boas-festas, assinado «Bertie», o nome de código que usava nas comunicações entre ambos. Sentia saudades dela; ela estava bem? Scarlett atirou-o para a lareira.

No princípio de janeiro, ele ligou-lhe, para lhe desejar bom ano e lhe perguntar como estava. Ela respondeu que estava bem. – A tua mãe voltou a convidar-me. Pelos vistos, isso aí é muito bonito na primavera. E diz ela que é por essa altura que a Gaby tem o bebé. Podia aproveitar para conhecer a criança. Disse-lhe que ia dar uma olhada na agenda.

Finalmente, ela ligou-lhe para o escritório. – Gostava de estar contigo – disse.

– Claro, claro. Dentro de dez dias, estarei em Londres. Convém-te?

Era evidente, pensou ela satisfeita, que ele estava borrado de medo. – Perfeitamente. Podes vir a minha casa, se quiseres.

– Então não quero, querida? – disse ele.

Chegou com um ar apreensivo, os braços cheios de flores, e um pequeno saco da Tiffany numa mão.

– Olá, Scarlett.

– Olá, David.

– Estás com um ar esplêndido.

– E tu pareces cansado. A Gaby não anda a dormir bem?

Uma pausa. – Tenho tido muito trabalho – disse ele por fim.

– Olha só. Isso é tudo para mim?

Pôs as rosas em água, abriu a caixa da Tiffany e retirou dela um medalhão de fecho em ouro com corrente.

– É lindo, obrigada. Queres uma bebida?

– Sim. Sim, por favor. Bourbon, se tiveres.

Costumava ter sempre Bourbon para ele; agora meneou a cabeça com pena. – Desculpa, David, mas não tenho. Nenhum dos meus amigos aprecia. Vinho?

– Sim, pode ser. Obrigado.

Serviu-lhe um copo de vinho branco e serviu outro para si, sentando-se à pequena mesa de jantar e indicando-lhe que se sentasse à sua frente.

– Quero criar uma empresa – disse ela.

– Isso é ótimo. Que tipo de empresa?

– Viagens.

– Ah. Sim. Claro, faz todo o sentido.

– Espero que sim. Tenho uma ideia bastante boa. Mas preciso de capital. Cerca de dez mil libras.

– Não acho muito.

– É para arrancar. Pagar um escritório... falei com o meu irmão sobre isso, o salário de uma assistente, alguma promoção. A minha ideia não requer grande investimento. Correndo tudo bem, funciona na base de publicidade oral e acho que me vou sair bem nas relações públicas. Mas, claro, quero garantir que consigo arranjar mais algum se precisar. Seria uma pena deitar a perder uma boa ideia por falta de capital.

– Então... para começar onde estás a pensar ir buscá-lo? Ao teu banco?

– Não. Não tenho garantias para oferecer, compreendes?

– E esta casa?

– David, já sabes que é alugada.

– Pois. Sim, claro. Bem...

– Não, acho que sei onde vou arranjar o dinheiro.

– Ótimo. Isso é esplêndido. Onde?

– Tu.

– Eu?

– Sim. Quem é que tem rios de dinheiro, pensei, quem gostaria de investir em mim? Quem pode dar-se ao luxo de investir em mim? E depois pensei... quem pode dar-se ao luxo de não investir em mim?

– Scarlett! Scarlett, eu... eu não tenho uma verba dessas à disposição.

– Oh, acho que tens.

– E além disso... seria muito perigoso.

– Seria?

– Sim. Não podia usar a minha conta à ordem sem dar nas vistas. A coisa teria de ser feita formalmente.

– E porque não? Podes ser um dos diretores, se quiseres.

– Não, Scarlett, tenho muita pena.

– Sim, David, tenho muita pena. Caso contrário... enfim, não quero que a Gaby passe mal nesta altura da gravidez.

– Scarlett, isso é chantagem.

Ela sorriu-lhe alegremente.

– Pois é, acertaste.

A ideia dela era muito simples. A grande novidade, atualmente, eram as férias organizadas: ao sol. Os ingleses estavam cansados de praias chuvosas e ventosas e de senhorias pouco hospitaleiras; queriam ir deitar-se em areais dourados e nadar em mares e piscinas quentes. E as grandes firmas, como a Thomas Cook, estavam a oferecer programas espantosamente simples: um único pagamento em libras esterlinas cobria um voo e duas semanas num hotel em regime de pensão completa. Os únicos custos extra eram as bebidas e o dinheiro para compras.

Scarlett não pretendia fazer concorrência direta à Thomas Cook, evidentemente. A sua ideia era dirigir um clube de viagens, que organizaria férias de qualidade superior à habitual quinzena num prédio de apartamentos colossal na Costa Brava.

Os membros teriam a garantia de hotéis mais pequenos, de porte mais modesto, todos eles pessoalmente aprovados – e incluiria inevitavelmente o seu pequeno hotel em Trisus. Já corriam histórias de horror sobre pessoas que chegavam de armas e bagagens ao que eram literalmente estaleiros de obras; contra um pagamento anual de trinta libras, digamos, além do custo das férias, os clientes teriam repouso absoluto. E os hotéis teriam igualmente de pagar uma pequena tarifa para fazerem parte do seu portefólio.

Provavelmente, levaria algum tempo a levantar um projeto destes – e exigiria bastante publicidade –, mas ela estava absolutamente convencida de que seria um êxito.

Só precisava do investimento inicial. E sabia que o ia conseguir. Não seria problema.



– Infelizmente, tenho de sair, Jenny. Deixo-te sozinha com ele.

– Não faz mal, Miss Mullen. Ele não me pode matar, pois não?

– Até pode – disse Louise –, mas Mr. Simmonds deve estar a chegar e protege-te. E eu não demoro. Deseja-me sorte.

– Onde é que vai, para o caso de Mr. Shaw perguntar?

– Diz-lhe que fugi com o dinheiro de caixa.

– Sim, Miss Mullen. – Seguiu-se uma pausa em que os olhos azuis aumentaram ainda mais de tamanho. – Não vai nada, pois não?

– Espera e verás – disse Louise.

Sabia o que estava a perturbar Matt nessa manhã; ele tinha tido outra reunião num banco. Sobre o financiamento do seu esquema de escritórios para fábricas. E era claro que o banco lhe dissera que não.

Andava absolutamente obcecado com este novo esquema que era, na opinião de Louise, genial. Oferecer escritórios, já construídos, a grandes empresas que pretendessem sair de Londres. Estabelecera rapidamente as áreas; ambas a oeste de Londres, a primeira a norte, na direção de Ruislip – muito bem servida pela Linha Central, e a segunda diretamente para oeste, englobando Slough e Reading –, ambas beneficiando não só de um excelente serviço de uma linha principal, mas de boas estradas e, por conseguinte de carreiras de autocarro e camioneta, para o Aeroporto de Londres.

Passara quase duas semanas a explorar as duas áreas e decidira-se finalmente por um local chamado Barkers Park, a oeste de Slough. Encontrara um terreno suficientemente grande para construir espaços para mil trabalhadores e determinara que era possível obter licenciamento à construção. Era ideal, em todos os sentidos; o único problema era o dinheiro necessário – entre cinco a sete milhões, dizia ele. «E depois os custos de construção seriam muito inferiores a isso, cerca de dois, dois milhões e meio. Qualquer investidor que se preze há de chegar-se com o dinheiro à frente. Acredita, Jimbo, há de ser canja.»

Mas estava a revelar-se bastante mais difícil do que isso.



Louise não ia fugir com o dinheiro de caixa, ia falar com um empreiteiro, Barry Floyd, que acabara de construir um prédio de escritórios de dez andares em Vauxhall; Louise fora contratada como a agente de arrendamento. Floyd fora bem-sucedido nos últimos dez anos graças ao simples processo de concluir antes do prazo, se bem que ligeiramente acima do orçamento, todos os projetos em que se envolvera. Como o tempo era um bem ainda mais precioso do que o dinheiro, Floyd era muito procurado e já tinha trabalho para os dois anos seguintes. Ainda era jovem: só tinha trinta e cinco anos.

Nessa manhã, estava bem-humorado e, quando Louise terminou a sua inspeção, ele convidou-a para tomar café.

– Hoje é dia de festa – disse ele, quando se sentaram num café especialmente insalubre em Kennington Road –, e, se tivesse achado que teria tempo, tinha-a convidado para almoçar comigo no Ritz.

– E eu teria aceite – respondeu Louise.

– Bom, fica para a próxima.

– Ótimo. E então é dia de festa porquê?

– Por duas coisas. Tem à sua frente o presidente e diretor executivo da Barry Floyd Ltd. A partir de hoje.

– Ah, isso é fantástico. E qual é a outra coisa?

– Diz-me o meu contabilista que sou agora oficialmente milionário. E é uma pena que grande parte do meu dinheiro vá para as finanças.

– Pois é. O Matt Shaw está sempre a dizer o mesmo, mas não há muito que se possa fazer quanto a isso.

– É o que se é levado a pensar, mas agora dizem-me que a saída poderá estar no investimento. Investir em algo que dê lucro.

– O quê, na bolsa?

– Bem, eu prefiro outras emoções. Em que as probabilidades sejam maiores.

Louise pediu uma sanduíche de bacon, puramente para ganhar tempo, dirigiu-se à barraca imunda nas traseiras do café que fazia as vezes de casa de banho e fez algumas somas no seu caderno. Depois, voltou para junto de Barry, respirou fundo e começou a falar.



– O quê?

Louise já vira Matt furioso muitas vezes e nunca se sentira propriamente assustada. Mas desta vez era diferente.

– Contaste-lhe? A minha ideia? Deste-a assim ao desbarato? Valha-me Deus, Louise, mais valia teres ido apregoá-la para a entrada do Daily Mirror! És estúpida como uma porta! Que direito é que tinhas de fazer uma coisa dessas? Porque é que não pediste ao Floyd que viesse falar comigo?

– Porque quis agarrar a oportunidade – respondeu Louise, não se afastando muito da verdade –, podíamos ter deitado tudo a perder se ele tivesse arranjado entretanto outro sítio onde investir, outro negócio.

– Tretas! Quiseste foi meter-te à força no negócio como te metes em tudo. Estou com vontade de te despedir já...

– Despede. – Louise fez finca-pé. – Tudo bem. Um mês de pré-aviso, se não me engano. Já te disse que o David Elstein anda à procura de uma nova sócia.

– Pois, pode levar-te à vontade. Não tenho dúvida de que em pouco tempo estarás a apregoar os negócios confidenciais dele por toda a cidade de Londres.

– Matt – disse Louise, subitamente muito calma –, abordaste todas as fontes possíveis de financiamento em Londres e deste com o nariz na porta. E é porque não tens dinheiro teu para investir; ou não tens que chegue. O Floyd está disposto a construir ao preço de custo. E a entrar com algum dinheiro. Nessa base, podes pedir emprestado muito mais. Ouve, fala ao menos com ele, por favor. Ela acha a tua ideia interessantíssima. Genial, foi

o termo que usou. É a oportunidade de que tens estado à espera. Só não queres reconhecer porque és casmurro e porque a ideia partiu de mim.

– Parvoíces.

– Não são parv... ah, Jenny, traz-nos café, por favor. E Mr. Shaw quer umas bolachas... as de recheio de limão. Ora vá, Matt, ouve e pensa bem no que estou a dizer. Não há outra alternativa para avançar, seria um empreendimento conjunto e os lucros seriam divididos no final...

– Pois, e o maldito do Floyd ficava com a fatia maior. Não sou parvo, Louise...

– Não, não és nada parvo. E, além disso, os lucros seriam na proporção direta do investimento de cada um. Se este projeto tiver os resultados de que tens falado, há de haver rios de dinheiro para toda a gente, incluindo a Jenny.

De súbito, ele sorriu. – Credo, pensa na quantidade de bolachas que ela ia comprar. Bem, continua. Conta-me mais.

Louise saiu do gabinete dele meia hora mais tarde. Estava com um ar bastante esgotado, mas tinha um brilho no olhar.

– Jenny, vamos ter aqui uma reunião muito importante esta tarde. Às quatro horas. Nós os três e um senhor chamado Mr. Floyd. Trata de ter à mão bolachas gourmet e também quero que compres uma garrafa de champanhe. O homem da loja de bebidas que recomende uma marca, mas que seja francês. Toma o dinheiro. Mas para já não digas nada a Mr. Shaw, entendido? Trá-lo só quando eu disser.

– Com certeza, Miss Mullen. Nesse caso, também é melhor arranjar copos decentes. E que diz a uns desses cigarros finos? Os que vêm numa caixa?

– Jenny – disse Louise –, sabes uma coisa? Nós aqui somos uma equipa. E tu és um elemento muito importante.



– Não estás a comer muito, Eliza.

– Não. Não estou com muita fome. Tens cigarros? Os meus acabaram.

– Toma.

Ela parecia francamente tensa, pensou Maddy. – Então... qual é o problema?

– Oh, é que... é o período... está atrasado.

– Ah. – Maddy pousou o garfo. – Quanto tempo?

– Hum... três semanas.

– Oh, caramba. Mas... não andas a tomar a pílula?

– Sim... ando, claro. Mas esqueci-me de as levar para Paris. Com toda a excitação e pânico e tudo isso. E pensei que não fazia diferença porque não ia ter relações sexuais lá. Quando regresssei, estava quase na altura de me vir o período, mais uma semana, e pensei que mais valia esperar e recomeçar depois.

– Estou a ver, ou seja, fartaste-te de ter sexo quando voltaste sem proteção?

– Sim... foi isso. Não podia dizer que não ou ele teria ficado doido.

– Hum... E como tal... não me digas... o teu período nunca mais veio.

– Não.

– Valha-me Deus! És uma idiota rematada, não és? Foste ao médico?

– Não. A minha ginecologista tem estado fora. Tenho consulta na terça. Nessa altura, ela vai fazer-me um teste. Digo eu... provavelmente é resultado da preocupação em que ando. Acontece, como sabes. Oh, meu Deus. – Acendeu outro cigarro.

– Coitada de ti, estás com os nervos em franja, não estás? Que achas que o Matt diria?

– Acho que ficava horrorizado. Isto é, nem sequer estamos a viver juntos. Para já.

– Mas vão viver mais cedo ou mais tarde, não vão?

– Hum... suponho que sim. Seja como for, a última coisa que quero é fazer chantagem com ele. Com uma gravidez. Sei que ele não está preparado para isso. Anda extremamente ocupado, a tentar fazer da empresa um êxito e tudo o mais, e tem um novo negócio incrível, mas é um grande risco, pode vir a perder quase tudo o que tem... bolas, Maddy, ele é um verdadeiro herói! Quando penso no Jeremy, que tinha tudo oferecido de bandeja, e olho para o Matt, que subiu a pulso, é absolutamente extraordinário, tenho uma admiração enorme por ele.

– Mas se estiveres, vais dizer-lhe?

– Vou, claro que lhe vou dizer. Só espero que não seja preciso. Provavelmente é só um atraso.

– Provavelmente – disse Maddy.



– Ouvi dizer que é nossa cliente. – Louise sorriu a Scarlett. – Estou a pensar num sítio estupendo para si. Pequeno mas muito bonito, uma boa área... em Kensington, em Old Brompton Road. É numa ruela, muito interessante. Podemos ir visitá-lo agora, se quiser. Estou livre.

– Fantástico. Obrigada, Louise.

Scarlett simpatizava com Louise: muito. Lembrava-lhe Eliza, embora fosse mais rija, capaz de ensinar Eliza a manter Matt na linha. Coisa de que ele cada vez precisava mais; estava a tornar-se arrogante.

Era fruto do novo empreendimento, os escritórios nos subúrbios, e da sua conquista de Eliza. E como tinha ele conseguido tal feito, Scarlett interrogava-se, quando ela podia ter quem quisesse?

Era maravilhoso, claro, e Scarlett sentia-se muito feliz por ele, mas ainda assim um pouco surpresa. Não o via a apreciar a carreira em franca ascensão de Eliza, por exemplo. E Eliza era muito vulnerável. Era emocionalmente imatura para a idade e,

embora fosse óbvio que adorava Matt, na opinião de Scarlett, tanta adoração só fazia mal ao irmão. Só esperava que ele retribuísse.



Louise sentia-se muito feliz naquela manhã; estavam em preparação os contratos para a nova parceria de negócios com Barry Floyd e ela fora nomeada diretora. Claro que tinham tentado afastá-la – ou seja, Matt tinha tentado, mas ela usara as suas táticas habituais, falando duro, ameaçando despedir-se. Por uma feliz coincidência, Valerie acabara de lhe oferecer o lugar de diretora adjunta na empresa dela, que Louise teria francamente detestado, pois implicava lidar o dia todo com diretoras de pessoal e uma série de mulheres, em lugar de empreiteiros e promotores imobiliários e uma série de homens. Não era que Louise detestasse mulheres, mas entendia-se melhor com homens, e quanto mais implacáveis melhor; considerava que o relacionamento com eles era mais fácil e, perversamente, gostava de contrariar as tentativas deles para a rebaixar e apoucar. Especialmente Matt...

Preocupava-se também com Eliza – com quem entretanto já se encontrara várias vezes, uma pessoa de quem gostava e que admirava bastante – e com a maneira aparentemente autocrática com que Matt a tratava. Doía ver a jovem, nascida em berço de ouro, tão bem-sucedida no seu ramo como Louise no dela, sempre atrás dele como um cordeirinho, a fazer tudo o que ele queria. Só fazia mal a Matt, Louise sabia melhor que ninguém. Compreendia-o totalmente, compreendia todas as suas facetas, a sua falta de jeito, a arrogância e – o que ocasionalmente admitia, ainda que só a si mesma – o seu lado cativante.

Scarlett declarou que o escritório que ela lhe propôs era perfeito: duas salas, uma grande e a outra pequena, ambas cheias de luz, e ainda uma kitchenette e uma casa de banho.

– Pode alugar a garagem por baixo, se quiser, para si ou então para subalugar, ou se preferir subalugamo-la nós em seu nome. No seu lugar, era o que eu fazia. Se a sua empresa correr bem, dentro em breve há de querer expandir-se e, se não correr, será uma fonte de receita adicional.

Scarlett disse que ficava com ela.

– Obrigada, Louise. Posso convidá-la para um café?

– Não, obrigada. Tenho uma reunião dentro de meia hora, na zona oeste. Quer boleia?

– Não, tenho de ir daqui para o terminal. Ainda estou ao serviço da BOAC, tenho mais dois meses de trabalho. E como é com o depósito, contratos, esse género de coisa?

– Oh, nós tratamos disso. Eu aviso-a quando chegar a altura de pagar.

– Obrigada. Ah, e quando o meu clube de viagens estiver a funcionar, tenciono oferecer algumas afiliações gratuitas. Está interessada?

– Sim, por favor! A propósito, acho que é uma ideia genial. Muito inteligente. Há de ter imenso sucesso.

– Bem, tive a sorte de conseguir convencer uma pessoa a investir em mim – disse Scarlett –, de outro modo não seria possível.

E sorriu, pensando no dito financiador, no relutante e aterrado financiador. Havia uma expressão a respeito de justiça sumária; neste caso, vingança sumária seria, na sua opinião, uma designação mais correta.



– Miss Clark?

– Sim, sou eu.

– Miss Clark, tenho a Dra. Munroe ao telefone para si. Ela deseja falar consigo.

– Ah... sim. Obrigada. Pode passar.

A Dra. Munroe. A Dra. Munroe, ginecologista e obstetra. A Dra. Munroe que estava de posse de uma informação que podia alterar a sua vida...

– Bom-dia, Eliza. Como está?

– Bem, muito obrigada. Não tenho tido enjoos, se é a isso que se refere. – Agarrava-se ao facto de se sentir ótima; as mulheres grávidas sentiam enjoos, era sabido, e ela não sentia a mais leve náusea.

– Ótimo, ainda bem. Os enjoos são um aspeto negativo da gravidez. Embora, claro, no seu caso, ainda seja cedo. Tudo pode mudar.

Cedo? Oh, Deus do céu!

– Quer isso dizer?...

– Sim, Eliza, é positivo. Se quiser falar sobre alguma coisa comigo, não se iniba. Tenho muito gosto em ajudar.

Estaria a médica a fazer alguma referência velada? Seria prudente deixar-se levar nessa direção? Oh, meu Deus! Oh, meu Deus...



– Matt, podemos conversar?

– Naturalmente. Mas agora não.

– Não, agora não, claro. Mas... talvez logo à noite.

– Sim, claro. Sobre quê?

– Bem... sobre... sobre... – Credo, que podia dizer? Ter ao menos uma ideia da possível reação dele? Mas teve uma inspiração. – Sobre o meu apartamento. O contrato de arrendamento está quase a caducar e eu...

– Eliza, fala com a Louise. Ela também tem alguns imóveis residenciais. Arrendamentos são com ela. Desculpa, mas tenho de ir, o Barry Floyd está cá.

– Pois. Sim, claro.

Com que é que estava a contar? Que ele dissesse: «Oh, não renoves o contrato, anda viver comigo.» Ou: «Vamos arranjar uma casa nossa.» Não, não estava a contar com isso, não. Mas... talvez... tivesse alimentado uma esperança.

Pelo menos, era uma indicação.



– Olá, Maddy, sou eu. É positivo.

– Oh, céus! Bem, suponho... mas que é que diz o Matt?

– Ainda não lhe contei.

– O quê?

– Estava a entrar para uma reunião.

– Então, diz-lhe logo à noite.

– É isso. Vou dizer.

– Jura!

– Juro. Claro que vou.



– Matt...

– Sim. Credo, estou estourado. E cheio de fome. Há alguma coisa para comer? Se não houver, vamos jantar fora.

– Hum... não, não há nada. Mas preciso de falar contigo.

– Podemos certamente falar no restaurante.

– Sim, podemos.

– Encontra-te comigo no Soup Kitchen, o que fica ao lado do Harrods, dentro de meia hora, de acordo?

– De acordo.



Diante de um prato de sopa de legumes, ela tentou novamente.

– Matt, podemos falar agora?

– Ah, sim. Claro. É sobre o teu arrendamento?

– É. E...

– Estive a pensar e... – (por favor, por favor, diz «e quero que venhas viver comigo»... «e acho que devemos arranjar uma casa nossa»). – E acho que deves renovar o contrato desse apartamento. É muito em conta e, se te puseres à procura de outro, vais perder tempo e energias. Pede à Louise que dê uma vista de olhos ao contrato, ela vê logo se é

bom, combinado? Deixa-me agora contar-te a reunião que tivemos hoje, eu, o Barry Floyd e os empreiteiros dele, foi muito promissora...

Ela puxou a cadeira atrás e levantou-se. Ele olhou para ela, atónito.

– Algum problema?

– Não me sinto bem, o problema é esse. E também estou cansada, muito cansada. Não quero esta sopa e não estou interessada na tua reunião, só quero ir para casa e deitar-me.

– Pronto, deixa-me acabar a minha e vamos.

– Não, Matt, quero ir para casa, para a minha cama. No meu apartamento. Não tenhas pressa. Saboreia a sopa.

Ela também a teria saboreado, se o assunto não fosse tão sério. Não se lembrava da última vez em que lhe fizera assim frente.



– Eliza, que diabo foi aquilo ontem à noite?

Eliza fulminou o telefone com os olhos.

– Fui eu que me fartei de tu nunca queres falar do que eu quero falar.

– Mas eu disse-te o que devias fazer a respeito do teu apartamento. Falámos disso em primeiro lugar.

– Eu sei. Mas... não te parece que pode estar mais alguma coisa em causa?

– O quê?

– Bem... nós, talvez... enfim... o... o... – A coragem estava a abandoná-la. Não devia estar a ter esta conversa. A iniciá-la.

– O quê, Eliza?

– Não sabes mesmo o quê?

– Não, não sei.

– Nesse caso, acho que te deves esforçar um pouco mais, sim? Liga-me quando souberes.



– Eliza, olá, é o Matt. Ouve, acho que sei o que te está a afligir. É arranjarmos um apartamento nosso, não é?

– Talvez. Boa, Matt.

– Pois, foi a Scarlett que me abriu os olhos.

– A Scarlett?

– Sim. Falei com ela sobre o assunto, disse que andavas transtornada e que não sabia porquê e ela disse que talvez fosse isso.

– Estou a ver. Não chegaste a essa conclusão sozinho.

– Bem... não. Adiante, não me parece boa ideia para já. Talvez dentro de alguns meses. É que, com o trabalho com que estou, não tenho tempo para andar à procura de casa e não percebo o que a nossa situação atual tem de errado. Afinal, não há pressa, pois não? E, no fundo, ainda estamos numa fase de habituação e...

– Vai-te foder, Matt. Não quero que te atrases para a tua reunião ou lá o que tiveres para fazer.

Desligou o telefone e rompeu em lágrimas.



– Dra. Munroe... espero não ter compreendido mal uma coisa que me disse.

– Que foi? – Alison Munroe sorriu-lhe.

– Bem, disse que, se eu quisesse falar sobre alguma coisa consigo, teria todo o gosto em ajudar.

– Força. Vou tentar.

– É que... o problema é que... – Céus, isto era difícil. Muito difícil. Quando ela própria não sabia bem o que queria.

– Sim? Qual é o problema?

– É... oh, meu Deus, desculpe...

Alison Munroe passou-lhe um lenço de papel.

– Não se preocupe. As grávidas ficam muito mais sensíveis. Sei do que estou a falar, tive quatro.

– Quatro filhos! E... e continuou a trabalhar?

– Continuei. Não foi nada fácil. – Sorriu novamente. – Mas, quando se quer, consegue-se tudo, não é?

– Como... digo eu... o seu marido não se importou?

– Não. Desde que não interferisse com a carreira dele, que era muito mais importante, eu podia fazer o que quisesse com a minha. Ele é advogado – acrescentou, com um sorriso ligeiramente mais frio.

– Imagino que teve muitas amas e assim.

– Sem dúvida. E caras, claro, mas achei que valia a pena. Adoro o meu trabalho e tenho sido uma mãe desastrosa. Voltemos a si, que me queria então dizer?

– Bem... o meu namorado... não sou casada, como sabe. Estou convencida de que ele não quer este filho, nem sequer vivemos bem juntos...

– Vivem mal talvez? – Voltou a sorrir. – Desculpe, foi uma piada de mau gosto.

– Não, não – disse Eliza, retribuindo o sorriso. – Os meus pais diriam o mesmo. Adiante, ele vai ficar absolutamente horrorizado, eu sei que vai. E acho que... que...

– Quer fazer um aborto?

– Quero!

Pronto. Tinha dito. Não queria, evidentemente. Queria ter o filho... não sabia como... e continuar a trabalhar... não sabia como... mas queria que também fosse esse o desejo de Matt, e isso de certeza que não ia acontecer.

– Compreendo. Bom, para começar, sabe que é ilegal, não sabe?

– Sim. Sim, sei. Claro.

– Ora, acontece que pertenco ao grupo para a Reforma da Lei sobre o Aborto. Defendo que o aborto deve ser legalizado, em certos casos... como violação, riscos para a saúde da mãe, dificuldades físicas ou mentais e financeiras graves. Já tive mulheres que vieram ter comigo porque estavam grávidas pela quinta ou sexta vez e tão desesperadas que estavam dispostas a tudo. Não pude ajudá-las e vi-me obrigada a mandá-las embora sabendo perfeitamente que iam daqui a uma carneira qualquer numa viela e muito possivelmente iam morrer em resultado disso. Por isso, não posso ajudá-la, infelizmente. E, mesmo que a lei fosse alterada, não me parece que fosse elegível, não concorda? No fundo, não. É jovem, saudável, não tem problemas financeiros, tem uma relação com o pai da criança, tem um bom emprego, amigos, uma família numerosa pelo que sempre entendi...

– Sim, mas... mas o Matt é uma pessoa muito difícil. Nunca iria aceitar. E mesmo que eu conseguisse convencê-lo, obrigá-lo a casar comigo, ia sempre guardar-me ressentimento. Não seria um bom... um bom ambiente para criar um filho.

– Eliza, se soubesse quantas mulheres jovens se sentaram aí ao longo dos anos a dizer o mesmo e vieram algumas semanas mais tarde falar novamente comigo, radiosamente felizes, ficava surpreendida. Devem ter sido milhares, certamente centenas. Pois bem, a primeira coisa que deve fazer é contar ao seu Matt e, sim, não duvido que ele fique muito aborrecido. Mas há de acabar por mudar de ideias. É quase certo. Aliás, atrevo-me a sugerir que há de ficar bastante satisfeito. Assim que se habituar à ideia. Os homens gostam de se saber potentes e férteis e tudo isso. – Não disse a palavra «coitados», mas a sugestão ficou no ar. – E não deixe passar muito tempo, diga-lhe o mais depressa possível.

Eliza permaneceu simplesmente sentada, a olhar para as mãos.

– Faça um esforço para acreditar em mim – disse Alison Munroe –, seja corajosa. E o seu chefe? Acha que ele vai compreender?

– Tenho a certeza absoluta de que não – respondeu Eliza.



– Maddy, não conheces ninguém, pois não?

– Ninguém que quê? Que tenha feito um aborto? Conheço, mas não recomendo. Está viva por um triz.

– Não conheces ninguém que tenha tido uma boa experiência, uma experiência cara?

– Vou pensar. Mas, Eliza, por favor, conta ao Matt. Ele até pode reagir bem.

– Não reage. Odeia crianças, não é nada provável que se ponha aos saltos de contentamento. Ele não é como o Jeremy. Não é que eu quisesse ter um filho do Jeremy, evidentemente – apressou-se a acrescentar.

– Não – disse Maddy. – Não, claro que não.

Maddy apareceu de facto com uma sugestão. De uma maquilhadora com quem tinha trabalhado muitas vezes, que acabara de fazer uma «operação terrivelmente cara, sabes o que quero dizer, mas valeu o dinheiro, devo dizer, uma noite lá, tudo acabado no dia seguinte. Não se sente nada. Diz à tua amiga que diga que a Margaret Blake-Smith a recomendou. É o código. Para saberem que não é a polícia. Mas olha que lhe vai custar couro e cabelo.»



– Ele faz! – disse Eliza. – Assim que confirmar o meu teste. Precisam de saber que é genuíno, claro. É lá para o fim da próxima semana. Tem uma clínica no Surrey, para os lados de Dorking. Oh, Maddy, obrigada. Não sei que teria feito sem ti.

– Só espero que o conselho seja bom – disse Maddy sombriamente. – Como é que te sentes agora?

– Bem mais feliz e aliviada – respondeu Eliza.

Não fazia tenções de contar a Maddy que andava a ter pesadelos horríveis e a acordar quase todas as noites lavada em lágrimas.



– Louise, tens apartamentos decentes que eu possa visitar? Para os lados de Pimlico. Ou até Battersea, se for junto ao rio?

– Vou dar uma olhada. Estás a pensar em mudar de casa?

– Não, não – apressou-se Matt a dizer –, não largava a minha casa por nada. Não, tenho um amigo que vem viver para Londres. Mas tem de ser mesmo muito bonito, dois quartos pelo menos, talvez três, e uma cozinha decente.

– Certo. Está descansado que vou ver. E és tu que os vais visitar?

– Sou. Ele vive no Norte; não pode estar sempre a deslocar-se aqui.

– Pois, é natural.

Vai gozar com outro, Matt. Mas era bonito; devia gostar muito dela, se estava preparado para mudar de casa, quando adorava o apartamento onde vivia.



Bom, até agora conseguira deitar areia para os olhos de Eliza, refletiu Matt. Que

horror, ela devia pensar que ele era um pulha, convencido dessa treta de levar as coisas com calma. Ficara um pouco abalado; se não tivesse cuidado, ainda a perdia. E se não se apressasse. A princípio, usara de uma certa cautela, claro; mas agora, agora só queria estar com ela. Amava-a verdadeiramente. Não havia outra descrição para o que sentia. Era... amor.



– Mrs. Clark? Sim, temos o seu resultado e é positivo. O Dr. Melrose pediu-me para marcar para a próxima sexta. Logo de manhã. Por favor, não coma nem beba nada depois da meia-noite, e traga apenas o necessário para uma noite e uma embalagem de pensos higiénicos para fluxo abundante. Terá alta na manhã seguinte. Por favor, peça a alguém que a venha buscar, porque não vai poder conduzir. E traga o valor em dinheiro. Não aceitamos cheques.

Absurdamente, Eliza achou que os pensos higiénicos eram o mais perturbante.



– Matt, no próximo fim de semana tenho de ir a casa dos meus pais. Eles... eles fazem anos de casados. Vou na sexta à noite.

– Ah, tudo bem. Não estou então convidado?

– Não... desta vez, não. Sinto muito.



– Este é estupendo, Louise. Ele vai gostar muito. Sim, fico com ele. Melhor dizendo, vou aconselhá-lo a ficar com ele.

– Muito bem.

Era um apartamento magnífico, numa das grandes mansões convertidas, na margem do rio, defronte do Parque de Battersea. Uma espaçosa sala de estar cheia de luz, onde cabia facilmente uma mesa de jantar, uma cozinha ampla que precisava de ser modernizada, claro, dois grandes quartos e um muito pequeno que serviria de escritório. Eliza ia adorar.

Estava com esperanças de lho mostrar nesse fim de semana, mas ela tinha ido para fora. Bem, ficaria para segunda-feira. Ela que pensasse que ele era um pulha por mais dois dias. A surpresa seria ainda mais agradável quando ela descobrisse que não era. Até era capaz de preparar qualquer coisa romântica, como levar flores para o apartamento, pô-las numa grande jarra no peitoril da janela da sala e pôr champanhe a gelar no vetusto frigorífico. Era o género de coisa que ela apreciava.



- Eliza, continuo a pensar que o Matt devia saber.
- Maddy, por amor de Deus, cala-te com isso.
- Se calhar ainda te surpreendia.
- O Matt não era capaz de me surpreender, Maddy. Por mais que tentasse. Conheço-o muito bem. Bem de mais.



- Acho que o apartamento é para ele, Miss Mullen. Para ele e para Miss Clark.
- Que é que te leva a pensar isso, Jenny?
- Ouvi-o perguntar-lhe se ela estava livre na segunda à noite e a encomendar flores para lá serem entregues. Ele não ia fazer isso se fosse para um homem de Yorkshire, não acha?
- Provavelmente não. Nem de Yorkshire nem de sítio nenhum. Seja como for, é surpresa, Jenny, e, supostamente, nem eu devo saber ou adivinhar, por isso fica calada, ouviste?
- Com certeza, Miss Mullen.



Pronto, amanhã por esta hora, estaria acabado. Só faltavam vinte e quatro horas. Era bom sentir-se perfeitamente normal. Não estava enjoada nem especialmente cansada. Era evidente que reagia bem à gravidez. Só queria parar de chorar...

Sentia-se ambivalente em relação a Matt. Metade do tempo pensava que o odiava, só por obrigá-la a passar por isto; depois lembrava-se que ele não fazia ideia de que estava a obrigá-la a passar pelo que quer que fosse; e então olhava para ele ou ele dizia alguma coisa e sabia que não o odiava. Credo, que confusão!



- Lamento, Matt. O apartamento tem um senão.
- Valha-me Deus. O que é?
- Ele não baixa ao preço.
- Essa agora, nunca na minha vida paguei o preço pedido por nada. É contra os meus princípios.
- Bem, há outra pessoa interessada.
- Aposto que há.
- É verdade, Matt. Não te esqueças que eu sou a agente.
- Ah. Pois. Bem... é muito dinheiro. Quanto tempo tenho?
- O tipo está cheio de pressa. O outro. E o vendedor vai aceitar a oferta mais alta,

naturalmente.

- Raios. Bem... acho que vou dar outra vista de olhos. A ver se descubro algum defeito que me permita negociar. Pode ser?
- Sim, pode ser, mas vais ter de decidir hoje.
- Está bem, está bem. Vou imediatamente para lá. Esta tarde. É demasiado tarde? Tenho de falar com alguns investidores esta manhã.
- Vou dizer que não te consegui contactar.
- Isso. Obrigado, Louise.



- Jack, se não te importas, vou sair mais cedo hoje. Ando à procura de locais para a reportagem sobre a casa assombrada e acho que encontrei qualquer coisa. Eu sei que querias discutir as edições de verão, mas isto é mais urgente.
 - Sim, pois claro. Até segunda. Boa sorte.
- Arrumou a secretária para o fim de semana e perguntou a Milly se havia chamadas.
- Sim, uma, Eliza. Do Matt. Pede para lhe ligar.
 - Do Matt? – Era estranho. Tinham-se despedido nessa manhã. Por qualquer razão, não suportava a ideia de lhe ligar, de lhe contar mais mentiras. O alívio que ia sentir quando isto chegasse ao fim!
 - Não posso falar com ele agora, Milly. Se ele voltar a ligar, diz que já saí.
 - Com certeza. Bom fim de semana. Espero que arranje uma casa. É uma ideia genial. Ela esperava que fosse. Era mais uma das suas ideias ambiciosas, fotografar camisas de noite numa casa supostamente assombrada. O truque seria utilizar a exposição dupla em cada fotografia para que a modelo fosse seguida pelo que parecia o seu próprio fantasma, ou estivesse ao lado dele ou a fugir dele. Rick Wilde, o diretor artístico, insistia que era tecnicamente muito difícil; mas Rex dizia que seria canja. Ela decidiu que a posição de Rick se devia simplesmente ao facto de não ter sido ele a ter a ideia.



- Sinto muito, Mr. Shaw, mas Miss Clark já saiu.
- Que maçada, Jenny. Tens a certeza?
- Foi o que disse a secretária dela.
- Que chatice!
- Posso ajudar em alguma coisa, Mr. Shaw?
- Não. Isto é... talvez. Ouve, vou ter de sair. Se ela ligar, pede-lhe para me ligar para o escritório. Diz que eu sei que ela vai para casa dos pais, mas é um assunto muito importante. Por volta das cinco. Não, das seis. Às cinco ainda estou no apartamento. Entendeste?

– Sim, Mr. Shaw. Tomei nota de tudo.



Eliza estava a atravessar Wandsworth de carro quando sentiu uma ponta de remorso por não ligar a Matt. Podia ser importante. O pai dele não andava bem. Talvez devesse... Viu uma cabina telefónica e encostou.



Sim, valia o preço pedido. Definitivamente. Como tal, se estava condenado a esquecer os seus princípios, queria ter a certeza de que Eliza gostava dele. E que estava disposta a viver com ele. Afinal, ela podia dizer que preferia continuar mais algum tempo como estavam.

Bem, teria de ganhar tempo. Se Eliza não o pudesse ver antes de segunda-feira, não havia outra solução.



– Jenny? Fala a Eliza Clark.

– Ah... como está, Miss Clark? Em que posso ajudar?

– Mr. Shaw ligou-me há cerca de uma hora. Queria falar comigo.

– Lamento, Miss Clark. Ele não está. Disse que sabia que ia a casa dos seus pais, mas pediu para lhe ligar porque era muito importante e, se ligasse, para voltar a ligar, mas não às cinco, porque a essa hora ainda estaria no apartamento, mas às seis para aqui.

– Certo. Compreendo. Bem, são só quatro e meia e... que apartamento, Jenny?

– O apartamento para o amigo dele de Yorkshire.

– Como? Que amigo de Yorkshire?

– Sinceramente não sei, Miss Clark. Não conheço os amigos dele e nenhum de Yorkshire, definitivamente. Ele não tem assim tantos amigos, tem uma vida demasiado ocupada para isso...

– A Louise está?

– Não, também saiu. E Mr. Simmonds também não está.

– Bom... não sabes nada sobre esse apartamento, pois não? Nem onde fica?

– Tenho aqui a informação. Só um momento. Cá está. Apartamento 6, Prince of Wales Mansions, Battersea. Local muito procurado com vista para o Parque de Battersea. Sala de estar, três quartos, espaçosa cozinha, casa de banho, renda... precisa de saber o preço? É que não consigo perceber se são dez ou dezasseis mil, está bastante manchado na policópia, mas é uma grande diferença, não é?

– Sim, é. – Uma estranha sensação estava a tomar conta de Eliza. Muito estranha.

Sentia-se tonta e o seu coração estava a bater com muita força. A cabina telefónica, que lhe parecera desagradável, imunda e malcheirosa, de repente parecia encantadora. – E... dizes tu que ele ainda lá vai estar às cinco?

– Foi o que ele disse, e disse para lhe dizer que estaria de volta às seis. E tenho a certeza de que vai estar, porque é sempre muito pontual. – Hesitou. Preparava-se para exceder as suas competências. Mas o artigo que estivera a ler nessa manhã, na revista Honey, sobre como ter êxito profissional, dizia que era preciso usar de iniciativa e, como de qualquer modo Mr. Shaw já se ia encontrar com Eliza no apartamento na segunda-feira, ficaria satisfeito se se encontrasse lá com ela agora. – Hum... não sei onde está, Miss Clark, mas se estiver perto de Battersea, talvez queira considerar um saltinho ao apartamento.

»E se não o apanhar, pode voltar aqui às seis que o encontra. Comprei uns digestivos de chocolate muito bons, são os prediletos dele. Espero que também goste.

– Sim, Jenny, gosto muito. – Por qualquer razão, Eliza sentia o estômago a revolver-se.
– Sim, acho que é boa ideia. Muito obrigada.



Matt, um tanto desconsolado, estava a decidir deixar o apartamento quando a campainha tocou. Talvez fosse o proprietário; já não era sem tempo. Detestava que o fizessem esperar; tempo era dinheiro. Pelos vistos, o dono do Apartamento 6 tinha os dois em abundância.

– Até que enfim... ah, Eliza. És tu.
– Tens excelentes poderes de observação, Matt. Sim, sou eu. Posso entrar?
– Bem... podes, se quiseres. Por sinal, queria que visses isto.
– Querias? E porquê?
– Gostava de ter a tua opinião. Que te parece?
– Bem... deixa dar uma vista de olhos. Hum, a vista é ótima. Bela lareira. A cozinha é horrorosa e velha. Mas tem imenso potencial. Será que o frigorífico funciona? Ah, olha só, uma garrafa de champanhe, sabias? Que estranho deixá-la aqui. E dois quartos... três, aliás. Bem, não é mau. Nada mau.

– Só isso?
Ele estava com uma expressão que ela não conhecia, ansiosa, um pouco tensa até.
– É importante o que eu acho dele?
– Por acaso, é. Pensei que, se gostasses, talvez o comprasse. Mas o valor é exagerado e tenho de pagar o preço que o dono pede, que é o mesmo que engolir sapos vivos, e se tu não...

– Matt – disse Eliza, respirando fundo –, estou muito enganada ou estás a pensar neste apartamento para nós os dois?

Fez-se um silêncio; credo, pensou ela, enganei-me redondamente, que faço agora? desando para Dorking...

– Bem... estou – disse ele. – Estava... realmente a pensar nisso. – O seu tom parecia quase de amuo. Ela riu-se. – Eliza... gostava que viéssemos viver juntos para aqui. Não percebo porque é que pensaste que eu não queria.

– Possivelmente porque disseste repetidas vezes que não querias.

– Pensei que não te deixavas enganar por isso. Disse-te muitas vezes que te amava. Não era suficientemente claro, aquilo que eu queria?

– Nem por isso.

– Nesse caso, deixa-me dizer-te outra vez. Decidi... que quero viver contigo.

– E o que eu quero? É normal perguntar à outra pessoa se ela quer viver contigo. Anda lá. Como deve ser. Com bons modos. E não ponhas esse ar zangado.

Ele suspirou. – Oh, isto é absurdo. – Aproximou-se da janela e, virando-se para ela, pôs uma expressão carrancuda. – Pronto. Amo-te, Eliza. Gostava que viesses viver comigo.

– Por favor.

– Isso é um sim?

– Não, quer dizer que tens de pedir por favor.

Ele suspirou. – Por favor.

Seguiu-se um longo silêncio; a expressão dele passou de irritada a ansiosa.

Eliza aproximou-se, pegou-lhe nas mãos e beijou-o muito levemente nos lábios.

– Sim, desgraçado, gostava de viver contigo. E também te amo. Muito, não sei porquê. Mas... há uma coisa que tenho de te dizer e acho melhor dizer-te já enquanto me sinto com coragem, e antes que assines o que quer que seja. Hum... que achas da ideia de um desses quartos vir a ser um quarto de bebé?



Eliza nunca o vira tão zangado.

– Estás o quê?

– Estou grávida. Lamento muito.

– E tens todas as razões para lamentar, porra. E quando é que nasce?

– Hum... lá para outubro.

– Quer dizer que sabes há quatro meses! Não tinhas o direito de me esconder nada. Deus me livre, até me custa a crer. É infame!

– Jack – disse Eliza –, estou grávida. Não cometi nenhum crime.

– Isso é uma questão de opinião, dadas as circunstâncias. Bem, escusas de pensar que vais continuar a trabalhar aqui. Santo Deus!

Mandou-a sair; ela foi sentar-se no gabinete a tremer ligeiramente. Milly apareceu a oferecer chá; Annunciata surgiu à porta.

– Eliza, não pude deixar de ouvir a conversa. Acho que a firma inteira ouviu. Foi insultuoso. Sinto muito.

– Pois, paciência. – Conseguiu sorrir e depois, de súbito, rompeu em lágrimas. – Não liguês. Não é por me sentir triste. Mas foi... foi um certo choque. Ele foi... extremamente bruto.

– Ele é um estafermo. Eu acho estupendo que estejas à espera de bebé. – Contornou a secretária de Eliza e deu-lhe um abraço. – Parabéns. Não liguês ao que ele diz. Vou já dizer-lhe duas ou três coisas.

– Não faças isso, Annunciata. Ele há de pensar que fui eu que te mandei.

– Não pensa nada. Adiante, vais-te casar?

– Sim, vou. Dentro de duas semanas. O Matt diz que nenhum filho dele há de nascer fora do casamento.

– Ah, com que então é um rapaz?

– É o que o Matt diz. Se não fosse, seria um insulto à sua virilidade.

– Por amor de Deus. Homens! Eliza, ignora o Jack. Há de passar-lhe. Não pode dar-se ao luxo de te perder. É tão simples como isso.



– O Jack despediu-me – disse Eliza, olhando, chorosa, para Matt. – Não é nojento?

– Ora, não tem importância nenhuma.

Ela olhou para ele, espantada. – Porquê?

– Eliza, vais ter um bebé. Não podes continuar a trabalhar. Nem penses que eu te vou deixar trabalhar quando tiveres o bebé. Não o vais deixar com amas.

Eliza sentiu uma reviravolta no estômago.

– Claro que vou trabalhar. Adoro trabalhar, é muito importante para mim.

– Eliza, o nosso filho é mil vezes mais importante do que o trabalho. Quero que fiques em casa a tomar conta dele.

– Queres o quê? E eu?

Ele olhou para ela com uma expressão firme.

– Não tem nada a ver contigo. Tem a ver com o bebé. Por amor de Deus, ele é muito mais importante do que a merda de uma revista.

– Chega, vou para minha casa. Estou cansada.

Saiu e bateu com a porta. Dirigia-se para a rua quando ouviu a porta a abrir-se e os passos de Matt atrás de si. Ele agarrou-a pelos ombros e obrigou-a a virar-se. – Sabes porque é que estás cansada? É porque estás grávida, vais ter um bebé. Ao que parece, tenho de estar constantemente a lembrar-te isso.

– Oh, cala-te – disse Eliza. – Estás a ser horrível e abominável e... – De súbito, rompeu em lágrimas. Estava sempre a acontecer-lhe; supunha que eram as hormonas.

A voz de Matt alterou-se. – Ouve, volta para dentro e senta-te. Eu faço-te um chá.

– Não quero chá.

– Pronto, não te faço um chá. Eliza, desculpa.

Ela fitou-o. Ele nunca pedia desculpa. Nunca. – Tive uma reação exagerada. Amo-te, Eliza. Muito. E estou nas nuvens com o bebé. Sabes bem que estou. Mas às vezes... às vezes não sei se também estarás. Anda, vem para dentro para acalmares. Não quero que te perturbes. Pode... sei lá, pode não fazer bem a ti ao bebé.

Ela suspirou e deu-lhe a mão.

– Está bem. Obrigada. Pode ser leite quente em vez de chá?

– Claro. E depois, se ainda quiseses ir para casa, eu levo-te.

– Não – disse ela –, não, fico cá. Claro.

Não voltaram ao assunto do trabalho dela.

Era absolutamente extraordinário, o entusiasmo dele com o bebé. Eliza estava estupefacta. Quando lhe dissera, ele ficara muito vermelho e exclamara: «Oh, meu Deus» e novamente «Oh, meu Deus», e por fim «Que notícia maravilhosa!»

Tinham-se sentado nas tábuas nuas do soalho e ele perguntara-lhe como sabia, se tinha a certeza e quando ia nascer: e não conseguia apagar o sorriso da cara.

Pedira-a em casamento uma hora depois de saber que ia ser pai. «Ou antes, fez um anúncio», disse Eliza, a rir, a Maddy, «como faz com todas as suas grandes decisões. Disse que nenhum filho dele ia nascer bastardo e que não havia tempo a perder.»

– E... estás sinceramente feliz com a situação?

Eliza olhou para ela, sem entender.

– Claro que estou. Estou tão feliz que acho que vou rebentar. Amo-o tanto. Porque é que achas que fiz o que fiz, deixar o Jeremy e tudo? A sério, Maddy, essa pergunta é estranhíssima.

– Pronto, não lighes. Desculpa. Só queria... enfim, ouvir da tua boca...

– Seja como for, daqui a um mês casamo-nos, anota na agenda, só as famílias e os melhores amigos, na Conservatória de Chelsea, e uma festa a seguir no Arethusa. A ideia foi minha – acrescentou. – Acho que, se fosse com o Matt, umas bebidas rápidas no pub serviam.

– Que é que vais vestir?

– Oh... um vestidinho da Foale and Tuffin. Giríssimo. Curto e branco, não posso ir de vestido de noiva, estando grávida. Apesar de ainda não se notar.

– E... a tua família vai?

– Não sei – disse Eliza. E rompeu em lágrimas.

Tinha levado Matt a Summercourt para lhes dar a notícia. Nessa manhã, pela primeira e última vez na sua gravidez, vomitou.

A mãe cumprimentou-os com um sorriso bastante amarelo, dizendo a Matt com uma

afabilidade um pouco exagerada que era muito bom voltar a vê-lo. – Entrem, entrem, o pai está na saleta, tem estado a dormir. Como estás? Estás com bom aspeto.

– Sim, sim, estou ótima, obrigada. Um pouco cansada, vamos mudar de casa, arranjámos um apartamento em Battersea, uma bonita mansão vitoriana convertida junto ao rio, é esplêndida, não é, Matt?

– É – disse ele –, é fantástica.

– Ainda bem. Adrian, querido, eles estão aqui.

– Olá, pai. Como tens passado? Lembras-te do Matt?

– Sim, claro que sim. – As feições de Adrian haviam perdido expressividade; exibia o ar gélido e tenso de uma vítima de Parkinson que se esforçava por sorrir. Estendeu uma mão trémula.

– Como estás? – disse na sua voz agora débil. – Muito gosto em ver-te. Ouvi falar muito em ti, já se sabe. Fizeram boa viagem?

– Fizemos, não custou nada. Obrigada.

– Hum... um xerez? – perguntou Sarah, quebrando o silêncio.

– Ou uma cerveja? – sugeriu Adrian,

– Agora disse tudo, estou a morrer por uma cerveja – disse Matt.

Matt mostrava o melhor de si, educado e atencioso, recusando fingimentos, e Eliza sentiu que o amava intensamente.

Viu-o a registar todos os pormenores da cozinha, o frio, a tinta a descamar nas janelas, o tapete velho e gasto no chão de pedra, o fogão, a enorme mesa de madeira, as jarras com flores secas, os dois gatos adormecidos no grande cadeirão. – Muito bonita – disse ele –, uma autêntica cozinha de família à moda antiga. Um encanto. Posso pôr-me ao lado do fogão? Estou completamente enregelado.

– Não conseguíamos viver sem o nosso Aga, pois não, Eliza?

– Não, mãe.

– Então, se bem me lembro, conheceu a Eliza através do Charles, Matt? – O sorriso de Sarah não era frio, era gélido.

– Exato. Eu e o Charles fomos colegas na tropa.

– Que interessante.

Silêncio. – Esteve em Gibraltar com ele?

– Não, não. Só fizemos a instrução juntos. Mas mantivemo-nos sempre em contacto.

Outro silêncio. Eliza, desesperada, interveio.

– Sim, e depois arranjou as instalações onde a Maddy trabalha. Tem uma agência imobiliária, como sabes.

– Deve ser muito interessante – disse Adrian. – Estão praticamente a reconstruir Londres, não é verdade?

– Exato. E agrada-me pensar que estou a dar o meu contributo.

– Acho que preferia como era antigamente – disse Sarah.

Um silêncio prolongado.

– Eliza, porque não mostras a casa ao Matt? – sugeriu Sarah. – Enquanto eu aqueço a sopa.

– Tens uma faca? – sibilou Matt quando saíram para o vestíbulo.

– Para que é que queres uma faca?

– Para cortar o ambiente.

– Desculpa, Matt. Há de melhorar, tenho a certeza.

– Espero bem que sim.



Eliza apercebeu-se de que Matt ficou levemente impressionado com a casa; de novo. Com o seu tamanho e com a sua beleza. Apesar do facto de ser diferente, e não para melhor, do lugar encantador e luminoso de que tivera um vislumbre no casamento.

– Muito bonita – ia repetindo enquanto ela o levava da sala de estar para a saleta e depois, através do vestíbulo, para a sala de jantar. – Muito bonita, sim senhor – disse ao subirem as escadas. – O quê, outro? – comentou perante mais um quarto. – Bolas – disse ao subirem ao último andar.

– Sim, e é por isso que é um perfeito pesadelo – disse Eliza, indicando a coleção de bacias no canto do antigo quarto de crianças. – Estás a ver, é para recolher a água quando chove. O telhado deixa entrar água e os meus pais não têm dinheiro para o arranjar.

– Que pena. Caramba, Eliza, esta casa é fenomenal. É mesmo... – Fez uma pausa. Uma perfeita maravilha. Agora compreendo porque é que a adoras. Mas... muito dinheiro.

– Sim, para a arranjar, é isso que queres dizer? Dinheiro que eles não têm. É horrível o que está a acontecer. Mas... não há soluções à vista. Bem... vamos para baixo encarar a tempestade. Dizemos-lhes antes ou depois do almoço?

– Depois é capaz de ser melhor.

Depois do almoço, que não foi tão mau como Eliza receava – ao que parecia, o pai simpatizava com Matt –, Sarah sugeriu café.

– Ótimo, mãe. Mas antes de ires, eu e o Matt temos uma coisa para lhes dizer.

Viu a mãe ficar tensa e a sua expressão gelar.

– O que é? – perguntou o pai.

– Aliás, são duas coisas. Mas estão... ligadas. Eu e o Matt vamos casar-nos.

– Vão-se casar! – O tom de Sarah subiu de volume; denotava uma repulsa indisfarçável.

– Sim, mãe, vamos casar-nos.

– Bem... não é um tanto... prematuro?

– Não exatamente. Estamos absolutamente seguros do que estamos a fazer. Já nos conhecemos há muito tempo.

– Eliza... por favor...

– Por favor o quê, mãe?

– Não... não te precipites. Não há decerto necessidade de te casares, podem viver juntos... até terem a certeza... e...

– Mrs. Fullerton-Clark – disse Matt, a sua voz contendo uma sugestão de ameaça –, nós temos a certeza. Amo muito a Eliza e quero casar-me com ela.

– E – Eliza respirou fundo –, além de termos a certeza, há... uma outra razão. Para nos casarmos. É que... estou grávida.

– Ah... não sei que diga. – Sarah sentou-se à mesa da cozinha; estava extremamente pálida.

– E se nos desses os parabéns? – disse Eliza, agora num tom gélido.

– Sim. Então, Sarah? – Era Adrian, fazendo claramente um esforço enorme. – Parabéns. É maravilhoso. É assim mesmo.

Estendeu a mão a Matt, que a apertou bastante perplexo.

– Obrigado – disse ele.

– Não – disse Sarah –, não tem nada de maravilhoso. Muito pelo contrário, a meu ver. Não posso fingir que penso de maneira diferente. Sinto muito. Vou... vou até lá acima um bocadinho.

– Acho que devemos ir embora – disse Matt, em voz baixa.



Meia hora depois de partirem, ele encostou na berma da estrada e olhou para Eliza.

– Então?

– Oh, Matt. Sinto muito. Foste impecável. Teres mantido a boa educação.

– Foi esquisito, ser considerado uma praga na tua vida.

– Não foi assim tão mau, Matt.

– Não, foi péssimo.

– Sinto muito. Tenho a certeza de que ultrapassam isto. Deve... deve ter sido um choque terrível para eles. A minha gravidez e tudo o resto. Ouve, hão de acabar por mudar de ideias. Eu sei que sim. Sobretudo quando o bebé nascer.

– Para ser franco – disse ele –, não sei se quero que mudem. E não os quero no casamento. De maneira nenhuma. Nem que me peçam de joelhos.

– Oh, Matt, por favor! Não entremos por aí. Numa disputa familiar. Por favor, Matt. Faz isso por mim. Por mim e pelo bebé.

– Bem... veremos. Não digo mais do que isto. Aliás, qualquer coisa me diz que não lhes vai sequer passar pela cabeça ir.

Estava terrivelmente magoado. Eliza também se sentia magoada, além de chocada e embaraçada com o comportamento dos pais... ou melhor, da mãe. Pensou que nunca tinha amado tanto o pai como quando ele estendera a mão trémula a Matt.

– Dá-lhes tempo – disse ela –, e eu amo-te, é o que mais importa.

Charles ligou a dizer que estaria com Juliet no casamento. – Obrigada, Charles, fico muito contente.

Ele também fez um telefonema bastante formal a Matt, felicitando-o e dizendo, numa tentativa de humor falhado, que ele devia estar doido, que não fazia ideia no que se ia meter.

A família de Matt ficou encantada, especialmente a mãe.

Os irmãos mais novos ficaram um pouco atrapalhados; disseram que Eliza era boa de mais para Matt e desapareceram nos quartos.

A reação de Scarlett foi a mais inesperada. Abraçou os dois, disse a Eliza que não podia estar mais feliz, «mas vais ter de o manter na linha, sabes, não o deixes fazer de ti gato-sapato»; contudo, foi visível que também ficou perturbada com qualquer coisa e anunciou de súbito, a meio do almoço, que estava com uma dor de cabeça terrível e se ia deitar por dez minutos, se ninguém se importasse.

Quando voltou a descer, com um ar afogueado e olhos muito brilhantes, abraçou Eliza, pediu desculpa, dizendo que tinha tido uma semana intensa de voos e que se sentia absolutamente encantada por tê-la como cunhada.



Sarah estava a esforçar-se seriamente para ser positiva a respeito de Matt. Sentia-se indignada por a filha estar a desperdiçar todo o trabalho e dinheiro que ela e Adrian haviam investido nela. – E tudo por uns pozinhos de romance descabido. Não passa disso. Tinha um futuro dourado à frente dela, com um homem da sua classe, e agora olha a que nível desceu com esse rapaz.

Andava cada vez mais preocupada com a casa; simplesmente, não tinham dinheiro para aquecê-la devidamente e o frio fazia-se sentir. Convertera a saleta numa espécie de sala-quarto com duas poltronas confortáveis e a televisão, uma pequena mesa e uma cama para Adrian usar quando não conseguisse levá-lo para o andar de cima. Depois, ia sozinha para o quarto, e era frequente ficar horas acordada a remoer sobre o futuro deles.

Charles insistia cada vez mais com ela para que falasse com os administradores no sentido de acabarem com o fideicomisso e se mudarem para uma casa mais pequena; ela esperava que o filho se mostrasse mais prestável e positivo, afinal de contas Summercourt seria dele um dia; não era o que queria, perguntou-lhe, quase exasperada, no fim de um longo domingo em que tinham discutido o assunto à exaustão e

inspecionado os efeitos destrutivos do abandono.

– Mãe, tenho de ser realista – disse ele, com uma expressão ligeiramente acossada. – Não tenho dinheiro, sabes bem que não, não ganho muito e a Juliet quer mudar-se para uma casa melhor do que um apartamento em Chiswick...

– E Summercourt não é isso, presumo – disse Sarah friamente.

– Não podemos vir para aqui viver. Tenho o meu trabalho, ela tem o dela e quer começar a pensar em ter filhos...

– E Summercourt devia ser a casa deles. Charles, não te compreendo, não pareces ter a mínima noção do papel de Summercourt na tua vida.

– Mãe, o papel de Summercourt na minha vida parece ser uma trituradora de dinheiro. Por favor, tenta compreender. Tenho muita pena, claro que adoro a casa e ficarei triste se ficarmos sem ela, mas como as coisas estão é um peso terrível na vida de todos nós, sobretudo na tua. Temos de acompanhar os tempos e enfrentar os factos.

Sarah pensou quanto deste discurso se poderia atribuir a Juliet.



Os pais de Eliza acabaram mesmo por não ir ao casamento. Dois dias antes, Sarah ligou a dizer que Adrian dera dois tombos e estava bastante magoado, possivelmente com um pulso partido. – Não está em condições de ir e não me sinto capaz de o deixar.

Eliza ficou tão magoada e furiosa que mal conseguiu falar.

– Mãe, é o dia do meu casamento. Deve haver alguém que possa ficar a olhar pelo pai.

– Não, Eliza, infelizmente não. O Charles e a Juliet vão e podem representar-nos a todos.

Eliza pensou na encantadora família no seio da qual crescera e, pela centésima vez, interrogou-se se no fundo se importariam verdadeiramente com ela.

Nem os Marchant podiam estar presentes; estavam de visita a familiares em Washington.

«Mas estou encantada com a notícia sobre o bebé», escreveu Anna, «e assim que voltar, temos de celebrar os quatro. Desfruta a gravidez, querida; como sabes, eu nunca tive essa sorte.»

Na véspera, Eliza estava a experimentar os sapatos e a tentar decidir se devia pôr collants brancos ou cor de pele quando o telefone tocou.

– Olá, querida, é o pai.

– Ah... pai. Que bom ouvir a tua voz. Estás bem?

– Cá vou andando.

– Oh, pai, sinto muito.

– Pois sim, mas esta chamada não tem a ver comigo. Tem a ver contigo. Ouve, meu amor, desejo-te um dia maravilhoso amanhã e acredita que daria tudo, tudo, para poder

lá estar e levar-te ao altar. Quem é que te leva, é o Charles?

– Hum... é – apressou-se ela a dizer, incapaz de lhe explicar que não haveria altar nenhum.

Charles oferecera-se para «acompanhá-la» para a sala e ela aceitara com gratidão. Seria, pelo menos, alguém do seu lado.

– Ótimo, ótimo. Bem, trata de tirar muitas fotografias.

– Está bem, pai. – Sorriu para o telefone.

– E não te preocupes com a tua mãe. Ela acaba por se habituar. Gosto do teu rapaz, acho-o uma pessoa muito interessante e é evidente que há de ir longe. Cuida de ti, querida, e Deus te abençoe. Adoro-te.

No dia seguinte, Eliza levou consigo estas palavras para a conservatória.

E não foi a única coisa que levou: enchia-a um sentimento de absoluta felicidade e justeza; e o seu coração transbordava a tal ponto de amor ao olhar para Matt, que lhe dirigia um sorriso tenso, que teve de se conter para não se atirar para os seus braços antes de a cerimónia chegar ao fim.

O almoço no Arethusa foi muito divertido; Louise, que se proclamou padrinho honorário, fez um discurso bem-humorado e emotivo. Charles fez também um discurso comovente, afirmando que amava muito a irmã e que sempre a considerara a sua melhor amiga (neste ponto, o sorriso de Juliet tornou-se bastante forçado), e Pete entusiasmou-se e fez um discurso de improviso completamente inesperado, dizendo que Eliza era uma rapariga encantadora e que se sentia muito orgulhoso por tê-la na família. Neste momento, até Matt, como não escapou a ninguém, estava com os olhos distintamente húmidos. E quando se levantou e declarou que não acreditava na sorte que tinha em casar-se com uma mulher «tão especial e que amo tão profundamente, não há realmente mais nada a dizer», Eliza rompeu em lágrimas e soluçou durante pelo menos um minuto no ombro de Pete, que ficou um pouco desconcertado. Não foi um casamento convencional, grande ou sumptuoso; mas foi, sim, um casamento extraordinariamente feliz.



Ele leu-a várias vezes, pensando que sucessivas leituras atenuariam o choque. Tal não aconteceu.

«Caro Mr. Fullerton-Clark,

Venho por este meio chamar a sua atenção para o facto de a sua conta corrente apresentar um saldo negativo de £2500. Como certamente sabe, trata-se de uma soma muito elevada que excede em muito o limite de £500 inicialmente acordado, e mesmo o aumento temporário de £1000 que me prometeu regularizar no prazo de

trinta dias. Agradeço que venha falar comigo, o mais brevemente possível, para discutirmos a liquidação desta dívida e, entretanto, lamento informá-lo de que não tenho alternativa senão devolver quaisquer cheques que sejam passados sobre a sua conta. Como se trata de uma conta conjunta, queira informar Mrs. Fullerton-Clark desta situação.

Com os meus melhores cumprimentos,

John Winston

Gerente, Agência de Sloane Square.»

Duas mil e quinhentas libras era muito dinheiro. Um valor impossível. Como se justificava este lapso? Era evidente que Mrs. Fullerton-Clark tinha uma boa dose de responsabilidade na matéria; aquele beberete que insistiu em que organizassem, para não falar das intermináveis e enfadonhas jantaradas, da maldita conta dela no Harrods, das férias «surpresa» que tinha marcado, saqueando a conta conjunta, uma viagem de avião e, imagine-se, em primeira classe, para Veneza pelo aniversário de casados, e depois, santo Deus, o depósito sobre a casa que Juliet descobrira e por que se apaixonara, próximo de Guildford... talvez pudesse negociar condições favoráveis para o empréstimo do banco, era uma ideia. A dívida ia simplesmente aumentando de mês para mês, quase não valia a pena poupar dez ou vinte libras aqui e ali e, como tal, não poupava. Mas o pior tinha sido a compra daquelas ações que toda a gente tinha dito que eram uma aposta segura – mil e quinhentas malditas libras, que agora valiam mais ou menos um décimo – adiante, tinha de encontrar uma solução. E falar com Juliet.



– Não entendo. Somos tão cuidadosos, não temos um nível de vida que se pareça com o dos nossos amigos, é raro irmos a restaurantes, ainda não nos inscrevemos no Ad Lib nem no Saddle Room...

– Juliet – disse Charles –, nós não somos cuidadosos. Somos – teve vontade de dizer «tu és» – bastante perdulários. Todos os meses é a mesma coisa, gastamos acima das nossas posses, não preciso de te dizer com todas as letras...

– Acho melhor que digas. Caso contrário, nunca hei de perceber...

Ele disse; ela escutou.

– Bom, vais ter de pedir ao teu pai – disse ela quando Charles terminou. – Ele pode emprestar-te dinheiro.

– Juliet, o meu pai não tem um tostão. Só queria que compreendesses isso.

– Para ser franca, não compreendo. Viver naquela casa esplêndida, e a família da tua mãe...

– Por amor de Deus. Aquela casa esplêndida está a cair de podre. Não há dinheiro para

obras. A minha mãe nem sequer liga o aquecimento central, estão completamente nas lonas. Não sei onde foste buscar essa ideia de que a minha família tinha dinheiro, já te expliquei uma centena de vezes.

– Pelos vistos, não foste suficientemente claro. Não sei o que meu pai vai dizer.

– Não vejo que o teu pai seja para aqui chamado.

– Claro que é. És o único genro dele, vai ficar extremamente desapontado contigo. E se vais continuar a comprar ações, é melhor consultá-lo, ele ganhou muito dinheiro na bolsa. Não estava à espera que, sendo tu corretor, cometesses um erro tão estúpido.

– Ora, vai para o diabo – disse Charles, saindo disparado de casa.

Marcou uma reunião com o gerente do banco dois dias mais tarde; pediu a Juliet que o acompanhasse. Ela recusou.

– Não vejo razão nenhuma para me sujeitar a uma situação tão horrível e humilhante. A culpa não é minha.



Mr. Winston mostrou-se compreensivo. – Sei muito bem como é fácil a gente nova meter-se nestas situações. Mas não posso permitir que isto continue, Mr. Fullerton-Clark. Tenho muita pena, mas tenho de hipotecar o seu apartamento.

– Mas... ele está à venda – objetou Charles. – Já fiz um depósito sobre uma casa.

– Mais barata? – perguntou Mr. Winston, esperançado.

– Hum... não.

– Nesse caso, terá de retirar o apartamento do mercado. Não lhe posso, de maneira nenhuma, passar uma garantia para uma instituição de crédito à habitação. O conselho que lhe dou é que procure uma casa mais em conta e use a diferença para liquidar as suas dívidas. Assim é que não pode continuar.



– Agora quero que me ouças com muita atenção. – Jack Beckham olhou para Eliza com uma expressão hostil.

– Sim. Estou a ouvir.

– Percebi que... que me enganei. Talvez não devesse ter dito o que disse.

– Pois...

– E... enfim, decidi deixar as coisas por aqui. Podes continuar no teu cargo.

– Bem, é muita amabilidade da tua parte, Jack. Hum... e que acontece se eu não quiser?

– Essa agora, é claro que queres – disse ele. – Mas há condições, não quero ouvir queixas de que estás cansada. Não quero que te ausentes. Não...

– Peço desculpa? – disse Eliza.

– Sim?

– Convertemos o meu gabinete numa sala de parto?

– Como?

– Bom, se não me posso ausentar... este bebé terá de sair cá para fora mais cedo ou mais tarde.

– Não sejas absurda, caramba! Sabes perfeitamente o que eu quero dizer.

– Ah, posso ter então um ou dois dias de folga?

– Podes ter uma semana – disse ele, sorrindo-lhe –, possivelmente mais uns dias se te portares bem.

– Certo. Nesse caso... obrigada.

– Acontece – disse ele – que és a melhor editora de moda em Londres neste momento. É o que toda a gente diz. E, se eu te quero cá, suponho que tenho de me resignar ao teu... ao teu estado.

– Calculo que sim.



– E agora, que é que faço? – queixou-se ela a Maddy. – Consegui não perder o emprego e estou felicíssima, claro, mas o Matt não me deixa trabalhar.

– Ele disse isso?

– Depois da minha conversa com o Jack? Claro que não. Não... ainda não lhe contei. Estou à espera do momento certo.

A realidade era que não se sentia capaz de lhe dizer, pois temia que ele a proibisse de aceitar. Adorava Matt e estava incrivelmente feliz com a gravidez: mas se fosse privada de trabalhar, faltaria uma grande peça do puzzle que era ela própria...

Quando Jack lhe dissera que era a melhor editora de moda em Londres, sentiu-se literalmente capaz de levantar voo; saboreou essas palavras, remoeu-as mentalmente sem cessar, sentiu-se apapricada, rejubilante e eufórica. Ela tornara-se no que de mais inacessível, procurado, disputado havia num sucesso. Era uma recompensa que excedia tudo quanto poderia ter imaginado. Não podia renunciar a isso e não renunciaria. Encontraria uma maneira de dar a volta a Matt. Tinha de encontrar...



Mariella vinha a Londres para fazer compras, não apenas para ela, mas para Giovanni. Eliza ficou bastante impressionada por ele comprar as suas roupas em Londres – o que se devia, segundo a explicação de Mariella, ao facto de não ser um aristocrata.

– As famílias antigas vestem-se em Itália e as novas em Inglaterra. É a prática normal. Ele manda fazer os sapatos na Lobb, compra os fatos no Henry Poole, manda fazer as camisas em Savile Row. A ambição dele é emular um cavalheiro inglês.

Convidou Eliza e Matt para jantar. – Estamos hospedados no Ritz. Tenho de conhecer o teu marido. Quarta-feira, pode ser?

– Claro – disse Eliza, tentando em vão imaginar Matt a jantar com os Crespi.

Surpreendentemente, o jantar foi um êxito; embora Eliza percebesse que Mariella estava a esforçar-se para não comparar desfavoravelmente Matt com Jeremy. Pessoalmente, ficou encantada com Giovanni, um homem alto, charmoso e elegante, com cabelo louro salpicado de tons prateados e feições cinzeladas. Era evidente que ele adorava Mariella, tendo passado a refeição a soprar-lhe beijos sobre a mesa.

Mas o verdadeiro romance de amor da noite passou-se entre Giovanni e Matt, que não tardaram a formar uma sociedade de admiração mútua, relatando à porfia histórias sobre os seus primeiros êxitos, sobre riscos e perigos enfrentados e concordando que os negócios eram a droga mais potente do mundo.

– É um tipo bestial – disse Matt quando se instalaram no táxi. – Não sei que diria o meu pai se me visse a conviver com mafiosos.

– Matt! – disse Eliza. – Francamente, não tens emenda. Às vezes penso que fazes de propósito.

– E faço – disse ele, sorrindo-lhe.



– Devo dizer – disse Geoffrey Judd, olhando para Charles com hostilidade – que nos desiludiste a todos, especialmente a Juliet. Não é difícil gerir o dinheiro, basta uma certa autodisciplina.

Charles teve vontade de dizer que era a Juliet que faltava autodisciplina. Mas baixou os olhos para as mãos e mordeu metaforicamente a língua.

– E mais, acho que fomos todos enganados... deste-nos a entender que eras dono dessa casa e encheste a Juliet de falsas expetativas, quando a situação é muito diferente.

Isto era o cúmulo. – Receio bem que não esteja a compreender, Mr. Judd. A casa é propriedade de um fideicomisso familiar em nome da minha mãe e das gerações futuras.

– Na minha opinião, vai dar ao mesmo. E, ainda por cima, só serve para te arruinar completamente. Pois fica a saber que o meu dinheiro é que não vai para ela.

– Nem me passaria pela cabeça sugerir tal coisa – disse Charles.

– Talvez não, mas mantém-se a questão de a minha filha não poder ter a casa e o estilo de vida que foi levada a esperar. Sabes bem que ela quer ter filhos, como qualquer mulher jovem; por este andar, não os vai ter. Adiante, estou disposto a fazer-te um empréstimo, a cobrir o crédito a descoberto, para começares de novo e obteres um empréstimo para comprar essa casa que a Juliet tanto deseja. Quero um plano de pagamentos formal, mas estou preparado para acordar condições razoáveis, nada de

excessivamente pesado até pores a tua vida em ordem. Que te parece?

– É... é muito generoso da sua parte, Mr. Judd.

Não podia fazer outra coisa; a alternativa era literalmente a bancarrota, o que significaria o fim do seu emprego na bolsa de valores.



Adrian voltara a cair e partira a bacia. Sarah ligou a dizer que sabia que ele adoraria ver Eliza. – Já lá vai imenso tempo. – Eliza perdeu a calma e disse que os teria visitado com frequência se eles não tratassem Matt com tanta hostilidade; Sarah pediu desculpa, mas alegou que a notícia da gravidez fora um choque terrível.

– Mãe, se eu estivesse grávida do Jeremy, terias rejubilado. Mas eu vou visitar o pai. Já tinha ido se me tivesses pedido. Mas sentia-me muito magoada. Esta semana não posso ir; pode ser no próximo sábado?

– Sim, suponho que sim. E se o Matt quiser vir, será...

– Para ser franca – disse Eliza, interrompendo-a –, não me parece que queira.

Mas Matt, sempre imprevisível, insistiu em acompanhá-la.

– É uma viagem demasiado longa para conduzires sozinha. Não te faz bem cansares-te de mais e viagens longas não pode fazer bem ao bebé...

A devoção de Matt ao filho por nascer continuava a surpreendê-la e a deleitá-la. Para seu grande embaraço, ele insistia em estar presente nas consultas médicas. Tinha praticamente feito uma inspeção a todos os hospitais e insistira que preferia desembolsar o dinheiro para ela ter o bebé numa clínica privada, se fosse a melhor opção. No entanto, Eliza descobrira que um dos mais reputados obstetras em Londres, um tal professor Anthony Collins, trabalhava na maternidade do Fulham and Battersea, um hospital universitário do SNS, onde estabelecera elevados padrões de educação em todos os aspetos da gravidez e do parto, incluindo uma noite em que os pais eram encorajados a estar presentes, uma forte união familiar e a admissão dos pais na sala de partos, se fosse o desejo de ambos. Era uma ideia tão revolucionária que o Times chegara até a receber cartas sobre o assunto. Eliza disse, esperançosa, que Matt não queria de certeza e que era até capaz de desmaiar, mas ele disse que não perderia esse momento por nada do mundo e queria um lugar na primeira fila.



– Não – disse Matt –, não, não, não, não, não. Queres que seja mais explícito? Não vais trabalhar quando tiveres o bebé.

– Mas...

– Não, Eliza. Não vais sacrificar o nosso filho. Achas sinceramente que fotografar meia dúzia de vestidos é mais importante do que criares o teu próprio filho? Nunca ouvi nada

de tão... tão revoltante, francamente.

– Não é revoltante, coisa nenhuma. E não acho que o meu trabalho seja mais importante que o meu filho. Mas não vejo onde esteja o problema se estiver separada dele algumas horas por dia. E, para ser franca, não me considero talhada para a maternidade a tempo inteiro.

– Pois, devias ter pensado nisso antes de engravidar.

– Isso é injusto!

– É? Não me parece. Deixa-me dizer-te o que penso, Eliza, penso que andas tão ofuscada contigo mesma e com a tua vida como editora de moda feminina, com essa gentinha, de quem pareces gostar tanto, a lamber-te as botas todo o dia, que não suportas a ideia de renunciar a tudo isso. Já ouvi essa gente em festas e no escritório, oh, Eliza, és tão maravilhosa, oh, querida Eliza, que editora fantástica que és, oh, Eliza, és tão inteligente. Dá-me vontade de vomitar. Se queres saber, neste momento acho-te uma pessoa patética e egocêntrica e sedenta de atenção, com uma ideia completamente distorcida dos valores, e não pode ser. Não é bom para o bebé e não é bom para mim. Fiz-me entender?

Depois desta tirada, ela virara as costas e fora para o escritório, onde fumara pelo menos cinco cigarros contra as ordens de Matt, praguejara, chorara, falara com Annunciata e ligara a Maddy, tendo ambas concordado que Matt era um monstro a quem ela não devia ceder; e Eliza disse que não tencionava ceder, de maneira nenhuma, seria suicídio conjugal, faria da sua vida o que muito bem entendesse, e acabou por ir tomar uma bebida com Annunciata para se armar de coragem para a batalha dessa noite.

Foi efetivamente uma batalha que durou dias e se tornou muito violenta. Ele disse-lhe que ela era uma desgraça; ela acusou-o de ser um monstro; ele disse-lhe que lhe faltava instinto maternal; ela declarou que Matt não fazia ideia do tipo de pessoa que ela era na realidade; ele respondeu que, se fizesse, não se teria casado com ela.

– Surpreende-me que não te tenhas livrado do bebé, acredita – disse ele finalmente –, já que vai ser um fardo tão pesado para ti. Talvez ainda não seja demasiado tarde para isso, Eliza. Se fosse a ti, informava-me.

Eliza aproximou-se dele e começou a atacá-lo fisicamente, assentando-lhe uma série de murros; ele fitou-a e depois, deu meia-volta e saiu sem proferir uma palavra.

Nessa noite, não voltou para casa, passou-a no escritório; no dia seguinte de manhã, estava sentado à secretária, pálido e tremendo de exaustão, a olhar pela janela, a sua infelicidade tão patente que até Louise se sentiu comovida, quando Eliza atravessou a receção, entrou no gabinete, fechou a porta e disse-lhe que decidira renunciar ao emprego quando o bebé nascesse.



Jenny estava ocupada com o que chamava uma «limpeza geral». Esta implicava tirar tudo de todos os armários e gavetas no escritório e voltar a guardar noventa e nove por cento. Falava sozinha, quando o telefone tocou. Era Barry Floyd.

– É a bela Jenny?

– Sim, Mr. Floyd, é a Jenny. Não sei se...

– E a igualmente bela Louise está?

– Vou ver, Mr. Floyd, importa-se de esperar um momento?

– Não me importo nada de esperar e muito menos por si, minha linda, não.

– É Mr. Floyd ao telefone, Miss Mullen – disse Jenny. – Parece muito animado. Quer falar com ele?

– Sim, já que está animado, Jenny, passa a chamada. Viva, Barry.

– Bom-dia, minha querida Louise. Como se sente nesta bela manhã?

– Muito bem, obrigada – respondeu Louise –, mas não sei onde está porque aqui em Londres chove a cântaros.

– Estou em Londres e quanto a mim está um lindo dia. Ora bem, estará interessada num locatário hoje?

– Que tipo de locatário e para onde? Para o edifício de Holborn?

– Não, para Holborn não. Para Slough. Uma pessoa que é capaz de querer mudar-se para lá, se encontrar instalações.

– Caramba, Barry, isso é o máximo. Quem é?

– É uma pequena organização... possivelmente nunca ouviu falar deles...

– Ah. – Havia um registo de desapontamento na voz de Louise. Precisavam de uma empresa de grande dimensão para Slough: de muito grande dimensão.

– Mas... na minha opinião, não é de desperdiçar. Acha que se pode encontrar com ele esta tarde no local? Por volta das três? E traga consigo esses seus dois rapazes.

Referia-se sempre a Matt e a Jimbo como os rapazes de Louise, o que lhe agradava bastante, pois diminuía-os de uma forma gratificante.

– Vou tentar. Mas Slough fica bastante longe. E... enfim, se é uma organização assim pequena, será o género de locatário que pretendemos?

– Acho que sim. Já sabe que uma coisa leva a outra nesta atividade.

– Está bem, vou perguntar-lhes. Mas pode contar comigo.

– Linda menina. Há de gostar dele, é um charme de homem.

– Isso ajuda sempre – disse Louise.

Perguntou a Matt e a Jimbo se queriam acompanhá-la; ambos disseram que tinham assuntos mais importantes a tratar e que um pequeno locatário para Slough seria uma perda de tempo.

– O Barry disse que valia a pena. E esse projeto é muito importante para nós. Além disso, o Barry disse que ele queria decidir rapidamente se o sítio lhe agradasse.

– Pronto, está bem – disse Matt, com uma certa irritação –, claro que tem de ir alguém, mas vai tu. Não tenciono precipitar-me e deixar um parvalhão qualquer ficar com metade desse espaço ou menos, podes dizer isso ao Barry.

Às seis e meia, ela ainda não tinha voltado; a irritação de Matt e Jimbo aumentara de minuto para minuto. Jimbo era aguardado em casa da noiva para uma reunião de família a respeito do casamento, cuja complexidade rivalizava já com os desembarques do Dia D, e Matt queria ir visitar o local de um parque de estacionamento na City.

– Damos-lhe mais meia hora e depois fechamos o estaminé e ela que nos conte tudo amanhã de manhã.

Louise chegou precisamente às 18h59.

Trazia estampada no rosto o que ambos chamavam «a expressão Louise». De jovem sexy e convencida transformava-se numa mulher sofisticada e de sucesso; sempre que fechava um negócio, assumia essa expressão. Era, em parte, a maneira como se movia, bastante mais lentamente do que o habitual, e em parte o seu olhar e o leve sorriso arrogante.

– Ah – disse ela –, olá.

– Olá, Louise. Estás atrasada, podias ter ligado.

– Pois, mas infelizmente não há telefones nas fundações em Slough e as duas cabinas por que passei estavam avariadas. Seja como for, ainda só são sete horas.

– Sim, sim. Diz lá então, quem era esse misterioso cliente e temos negócio na calha ou não?

– Acho que é muito possível, sim.

Sentou-se à secretária de Matt, baloiçando as longas pernas, pegou num maço de cigarros e no pequeno isqueiro de casca de tartaruga que eles lhe haviam oferecido pelos anos e acendeu um cigarro, inalando profundamente e expelindo uma grande nuvem de fumo.

– É um grande negócio. Ainda bem que fui, ele vai precisar de ser tratado nas palminhas. Ficou claramente um pouco desapontado por não estarmos todos presentes, tinha levado a relações públicas da empresa com ele.

– Relações públicas! – Jimbo e Matt entreolharam-se. As pequenas empresas não tinham normalmente relações públicas e muito menos os levavam a reuniões.

– Sim. Era uma mulher interessantíssima. Gostei imenso dela.

– Ela!

– Sim. Não há nada de mal nisso, pois não? Ou não são a favor de mulheres nesse cargo?

– Claro que somos a favor – apressou-se Jimbo a dizer. – Somos a favor de mulheres em tudo. Incluindo promotoras imobiliárias.

– Pois. Adiante, o patrão dela gostou muito do projeto, em especial do paisagismo e,

claro, da localização. Matt, está descansado que te atribuí pelo menos o mérito disso a ti...

- Que queres dizer, pelo menos?
- Apesar de estares demasiado ocupado para ter ido.
- Por amor de Deus, Louise – disse Matt –, quem diabo... quem era esse cliente?
- Já ouviram falar da WireHire?
- WireHire?

Fez-se um silêncio; Matt e Jimbo trocaram olhares e depois olharam para Louise, Jimbo vermelho e Matt branco.

– WireHire? Estás a falar... da empresa que está a fazer concorrência feroz à Radio Rentals?

– Isso mesmo. Neste momento, tem uma quota considerável no mercado dos televisores, especialmente dos novos aparelhos a cores. Que, segundo eles, são o futuro. Por agora, ninguém os quer comprar, porque são extremamente caros, mas toda a gente vai querer ter um, por isso...

– Merda – disse Jimbo.

Louise sorriu-lhe docemente.

– Pois é. Querem racionalizar os escritórios deles, como dizem. Pouparam uma batelada de massa se juntarem todo o pessoal administrativo debaixo do mesmo teto. Disseram que seria perfeito para eles. Claro que temos de avançar rapidamente para concluir a obra e, como tu disseste que não tencionavas precipitar-se e deixar um parvalhão qualquer ficar com o espaço, disse-lhes...

– Louise, temos de nos reunir com eles o mais depressa possível. É evidente. Hum... quem é que apareceu, além da relações públicas?

– Quem é que apareceu, como?

– Bem, é lógico que o Bill Laurence não teria ido em pessoa.

– Ora essa, porque não? – disse Louise.

– É o mandachuva. Não deve ter tempo para visitar locais.

– Pois fica a saber que tem. Acha que é crucial que o diretor de uma empresa se envolva nas decisões a respeito do local de trabalho do seu pessoal... o habitat, como ele diz; e conhecer as pessoas que estão a criar esse habitat. Não me pareceu nenhum parvalhão. Seja como for, para já não há necessidade de o conhecer.

– O quê? Claro que há.

– Não, não há, acredita. Expliquei-lhe que era sócia da empresa e que eu e o Barry tínhamos feito parte da génese do projeto, e ele não precisou de mais para fechar o negócio com um aperto de mão. A Felicity não deixou passar o momento sem fotografias.

– Quem é a Felicity? – perguntou Matt, irritado.

– A responsável pelas relações públicas. Felicity Bristow, é o nome dela; tem muita

classe, Matt, podia ter andado na escola com a Eliza. Adiante, disse que as fotos iam ser publicadas na revista da empresa e mais tarde, depois de os contratos serem assinados, ia pô-las a circular na comunicação social. Entretanto, é uma questão de aguardar a evolução da situação.

Levantou-se, sorriu-lhes encantadoramente, apagou o cigarro no cinzeiro de Matt e dirigiu-se para a porta. – Boa-noite, meus caros. Até amanhã.



– Não consigo, não consigo. Não sou capaz.

– Consegue, pois. Vamos, tem de se concentrar.

– Não, não, não consigo, estou exausta, oh, meu Deus, aí vem outra, oh, meu Deus...

– Vamos, segure-se a mim. Isso. Está quase...

– A si não lhe custa nada, filho da mãe, não faz ideia do que eu estou a passar. Vá dar uma curva, desapareça. – As lágrimas corriam copiosamente pelas faces de Eliza; ela atirou a cabeça para trás e fechou os olhos.

– Ótimo – disse o professor Collins –, excelente. Ela está a ficar irritada, significa que daqui a nada vai querer empurrar. Muito bem, cá vamos nós. Mais um empurrão e... sim, ótimo, excelente, cá está a cabeça, agora espere, tente relaxar e outra vez... ótimo, ótimo, muito bem, isso... e... isso! Linda menina, muito bem...

Como Eliza disse mais tarde, foi um pouco como ser ensinada a ter um orgasmo.

Seguiu-se um momento de silêncio; a dor passara; o quarto entrou novamente em foco; Matt a sorrir-lhe, as lágrimas a rolar-lhe abundantemente pelas faces; e depois o grito, o grito puro, triunfante da recém-nascida; e as palavras do professor Collins: – Parabéns, Eliza. Agora tenho de me despachar.

– Três quilos e quatrocentos, excelente, é linda, tome, pegue na sua bebé, Eliza – disse a enorme parteira negra, sorridente, a mulher que a persuadira com doçura e brutalidade, que a encorajara e olhara por ela durante a noite interminável. Eliza começou a chorar e Matt encheu a mulher e a filha de beijos chorando e dizendo a Eliza que a amava e depois... depois...

– É melhor começarem a poupar para o casamento – disse a parteira.

– Casamento? – Eliza espreitou para a toalha em que a filha estava envolvida, a filha extraordinariamente bela, espantosamente maravilhosa, que gritava. – Oh, meu Deus! É uma menina. Ninguém me disse.

– Isso é que dissemos, querida – disse a parteira –, mas não estava em si.

– Matt, já viste, é... é uma menina.

– Já vi. Notei que tem certas coisas diferentes de um menino. Não me escapa nada.

– E então... não te importas?

– Claro que não me importo. – Estava inclinado sobre a bebé, a sorrir-lhe e a afagar-

Ihe a bochecha. – É linda. Nem acredito.

– A sério? Não te importas que não seja um menino?

– Se me importo? A que propósito havia de me importar? As meninas são muito mais divertidas. Da próxima vez podemos ter um rapaz.

– Que próxima vez? – perguntou Eliza.

Baixou os olhos para a filha nos seus braços e o amor apoderou-se do seu coração, torcendo-o e contraindo-o numa forma completamente diferente. Acariciou a pequena cabeça peluda da filha e as perninhas fofas, e enlaçou na sua mão gigante aqueles dedinhos que pareciam as pontas de uma estrela-do-mar, e o mundo transformou-se por completo.



Puseram-lhe o nome de Emmeline («Não, não é por causa de Mrs. Pankhurst», disse Eliza nesse dia, pela primeira de um milhar de vezes, «é porque gostamos do nome»). Emmie, abreviadamente. A filha de ambos, de olhos azuis, cabelo escuro, voluntariosa e difícil. Que gritava entre cada mamada, que parecia precisar de dormir muito menos do que eles. Cujo pai a adorava, cuja mãe a adorava, cujas avós, em feliz harmonia de roda dela, concordaram que era parecida com os dois pais, embora cada uma delas, em privado, soubesse que era parecida apenas com um, e cujos avós, um entrando na enfermaria de cadeira de rodas, o outro impante de orgulho, apertaram as mãos diante dela, sorrindo timidamente e tornando-se amigos. Pete ocupou-se de Adrian até ao fim da visita, empurrando-o para a rua e para o pub – «Não podemos passar o dia ali sentados, pois não?» – enchendo-o da cerveja que ele estava proibido de beber e prometendo instalar-lhe uma série de rampas em casa para ele se deslocar mais facilmente.

Charles, Jimbo e Maddy foram todos convidados para padrinhos e o convite comoveu-os até às lágrimas; durante os sete dias em que Eliza esteve no hospital, os amigos afluíram à sua cama, em grupos cada vez maiores até que a enfermeira-chefe se viu obrigada a insistir para que Mrs. Shaw respeitasse as horas de visita e a regra de três visitantes por turno – embora alguns fossem tão exóticos, homens com sobrecasacas de brocado, por cima de jeans deslavados, ou fatos de veludo roxos ou pretos, e raparigas com vestidos que davam por baixo das nádegas, botas pelas coxas e casacos de pele de cores garridas, que ela se sentiu relutante em travar o fluxo; mas teve de pôr fim às flores que ameaçavam submergir a enfermaria inteira.

Eliza restabeleceu-se depressa e pediu para ter alta mais cedo. A enfermeira-chefe recusou perentoriamente: «Aqui é que está bem, acredite, espere até chegar a casa e ter de se ocupar das lides domésticas e da lavagem da roupa sem ninguém para a ajudar com a bebé.»

Eliza retorquiu com um certo embaraço que ia ter ajuda com todas essas tarefas (uma mulher a dias, presente da madrinha, que tinha até feito questão em pagar o custo de uma enfermeira durante um mês, mas Matt opusera-se veementemente – «Não vou colocar a nossa filha nas mãos de uma megera qualquer emproada»), mas a enfermeira-chefe chamou então a atenção para o facto de ela ainda não ter resolvido a questão da amamentação de Emmie e de ser boa ideia estabilizar esse aspeto antes de ir para casa.

– E, além disso, o professor Collins gosta de ter aqui as mães uma semana, a recuperar e a descansar em condições.

– Eu não quero descansar – disse Eliza, irritada. – Quero ir para casa com a minha filha.

Quatro semanas mais tarde sem dormir, teria pago ao hospital para a receber de volta com Emmie.

Doía-lhe tanto amamentar a criança que, de cada vez, gritava de dor. Estava morta por começar a dar o biberão a Emmie, mas Matt recusava-se a ouvir falar em tal.

– A minha mãe diz que tens de perseverar – disse ele. – Quanto mais deres de mamar, mais o leite flui.

O dia dava lugar à noite e cada amamentação à seguinte. Era frequente ela ainda estar de camisa de noite à hora do jantar. Quando finalmente se vestia, punha a roupa de grávida; os enormes seios carregados de leite que não satisfaziam minimamente a filha não podiam ser apertados debaixo de uma T-shirt ou camisola, a cintura em vez de diminuir aumentava e a barriga ainda se salientava molemente por baixo. – Até as minhas coxas estão com o dobro do tamanho – queixou-se ela a Matt. – Não aguento olhar para elas.

Todas as noites, aguardava ansiosamente a chegada de Matt e depois, passados dez minutos, estava a discutir com ele; também ele começava a cansar-se do barulho, da falta de sono, da exaustão dela e do fim aparente da vida a que estavam habituados.

A mulher a dias despediu-se ao fim de uma semana quando Eliza perdeu a cabeça com ela e a mandou parar de encerrar o diabo do soalho e lavar antes a louça do jantar da véspera.

Brigavam bastante; Matt não era simplesmente capaz de perceber por que razão Eliza era um falhanço tão absoluto no que lhe parecia um conjunto de exigências relativamente simples. – A única coisa que peço – disse ele, no princípio da terceira semana – é que tenhas uma refeição pronta para mim quando chego. Que raio tens para fazer o dia todo? E onde diabo meteste as minhas camisas lavadas?

Foi na noite em que Eliza descobriu que não havia uma única fralda lavada ou seca em casa.

Foi na noite em que o mandou dar uma curva quando ele lhe disse que não tinha importância e que podiam rasgar uma toalha e usá-la como fralda; foi na noite em que

ele disse que nada tinha realmente importância, exceto o facto de ela andar horrivelmente deprimida; foi na noite em que ela lhe disse que, se não olhasse por Emmie uma noite por semana para lhe dar algum descanso, não responderia pelas consequências; foi na noite em que ele lhe disse que se controlasse e que ia voltar para o escritório.

Foi na noite em que ela ligou à mãe e a mãe lhe disse que fosse comprar biberões e leite em pó no dia seguinte logo pela manhã.

Foi na noite do dia seguinte que Emmie dormiu como era suposto que dormisse, das seis às dez da noite, e depois das onze até às cinco.

Matt ficou zangado com os biberões, mas admitiu que Emmie parecia mais feliz. Eliza adotou uma espécie de rotina de vida e descobriu esse grande salvador das jovens mães, o serviço de fraldas; um indivíduo jovial aparecia à porta todas as manhãs com uma pilha impecavelmente dobrada de fraldas lavadas, levando o monte de fraldas sujas num saco de plástico. Parecia uma aplicação muito melhor do dinheiro da madrinha do que a mulher a dias.

Claro que não se debatiam com falta de recursos; Matt estava agora a ganhar imenso dinheiro e não era absolutamente nada sovina com ele, mas Eliza tivera de enfrentar a difícil e impiedosa realidade de não ter rendimentos próprios.

Parecia-lhe impossível acreditar a que ponto era humilhante e desalentador estar dependente de dinheiro que não ganhara. A renúncia ao emprego não implicava apenas a perda do estatuto e de uma atividade interessante e o desaproveitamento dos seus talentos; implicava que teria de prestar contas a Matt a respeito de tudo o que quisesse comprar. O dinheiro, como compreendeu nesse momento de feroz clareza, não era apenas o meio pelo qual se adquiria o que se queria ou necessitava; o dinheiro era poder e a falta de rendimentos próprios, mesmo nas circunstâncias domésticas mais benignas, era sinónimo de absoluta e abominável impotência.

O Natal desse ano foi passado em Summercourt com os pais; a mãe escrevera a suplicar-lhe que fosse. «Deves tentar perdoar-nos pela nossa atitude para com o Matt; compreendemos agora que procedemos muito mal; vê-se que ele te adora e é claramente um pai dedicado, e este pode ser o último Natal do teu pai, ou pelo menos, receio bem, o último que passa em casa. Seria muito importante para ele, mais do que para mim, ter-te connosco.»

Para surpresa dela, Matt dissera que sim, tudo bem, o pai dela era um tipo às direitas ainda que a mãe fosse uma presumida, «Mas, atenção, só os dois dias, por essa altura já hei de estar a trepar por aquelas elegantes paredes acima.»

Charles e Juliet disseram que também gostaria de lá ir passar o Natal, mas teriam de partir cedo no dia 26 porque era o aniversário do pai de Juliet; Sarah ficou tão exultante com esta reviravolta nos acontecimentos que andou pela casa a cantar, pelo menos

durante dois dias, antes de se deixar tomar por uma ansiedade febril a respeito do frio geral da casa e, em particular, das casas de banho, por causa de Emmie. Eliza disse que podia dar banho a Emmie na pia grande da cozinha e Emmie podia dormir no quarto deles, também levariam dois termoventiladores para aquecer o espaço.

– Vamos passar com certeza uns dias maravilhosos – disse ela –, não te preocupes. A ideia agrada imenso ao Matt, acredita. E ele tem uma obsessão tal com a Emmie que lhe basta estar com ela.

– É estranho, não é? – disse Sarah. – Nunca teria imaginado. – E apressou-se a acrescentar que queria simplesmente dizer que os homens não ficavam normalmente obcecados com os filhos. – Não estou a falar em especial do Matt.

– Pois, às vezes preferia que não ficasse e me deixasse cuidar dela em paz – disse Eliza sombriamente.

– E... como te tens sentido, querida, metida em casa? Com a Emmie? Espero que estejas a gostar e não tenhas demasiadas saudades do trabalho.

– Oh... sim, é... é muito bom – disse Eliza cautelosamente. Era impossível explicar à mãe como se sentia.

Perdida. Privada de direitos. Só. E confusa.

Agora que tinha Emmie, era extremamente difícil imaginar deixá-la. Amava-a mais do que alguma vez teria pensado poder amar alguém. Nunca se esqueceria do dia em que Emmie lhe sorria pela primeira vez. Acabara de lhe dar de mamar e de a pôr a arrotar e estava sentada a olhar para ela no seu colo, e os brilhantes olhos azuis de Emmie fixos nos seus. Parecia muito concentrada na sua tarefa, quase ansiosamente, que era olhar para a mãe. E depois, lentamente, a sua boquinha moveu-se, esboçando um sorriso bastante torto mas distintamente feliz. Todo o seu pequenino mundo, todos os seus esforços foram postos nele; era um grande e radioso salto evolucionário. E Eliza, profundamente comovida, deu por si com os olhos marejados de lágrimas, tomada de um violento ímpeto de amor e de algo próximo do assombro.

Tentara explicar a Matt as suas emoções, esperando que ele as ridicularizasse, que brincasse com ela, mas ele olhou para ela com grande seriedade e beijou-a.

– Amo-te muito – disse ele.

Era nestes momentos que ela sabia que tinha tomado a decisão correta.



O Natal correu muito bem. O pai estava bastante frágil e começava a ter dificuldade em fazer-se entender; mas parecia tão feliz com a companhia deles que era impossível não sentir satisfação com isso. Pete Shaw dera um salto a Summercourt, como prometera, para instalar algumas rampas para a sua cadeira de rodas, tanto na casa como no jardim, o que constituía uma enorme ajuda para Sarah, e ganhara o hábito de

aparecer de dois em dois domingos para levar Adrian ao pub.

– Que queres? – disse ele a Sandra. – Tem uma vida muito triste, naquele casarão gelado, sem ninguém com quem falar, exceto Mrs. C., que não anda exatamente a nadar em alegria. Ele aprecia uma boa piada e podemos falar um pouco sobre a guerra, estive no Exército, nos artilheiros, deu mostras de grande valentia, e depois eu falo-lhe da Marinha e, quando damos por ela, o pub está a fechar.

Disse que também tinha visitado o último andar da casa para dar uma vista de olhos aos quartos: – Estão alagados, um horror, só de pensar no que pode acontecer. Vou pedir ao Matt que dê uma olhada, a ver o que acha, se se pode fazer alguma coisa que não nos leve à falência. É estranho, não é, seria de pensar que eram podres de ricos, mas diz o Matt que o dinheiro deles está todo empatado na casa.



– O teu pai é tão amigo do meu – disse Eliza na véspera de Natal, começando a monumental tarefa de separar as coisas de Emmie para a estadia de dois dias. – Estou-lhe imensamente grata. Tem graça, não tem, agora são excelentes amigos.

Matt disse que não via onde estava a graça. – Ora vê o que comprei para a Emmie para o primeiro Natal dela. Não lhe vai ficar a matar?

Era uma pulseira de ouro, com dois pendentes, um com o nome de Emmie gravado e outro com «Natal de 1965».

– Achas que ela vai gostar?

– Então não vai – disse Eliza, rindo –, vai ficar absolutamente encantada e dizer, obrigada, pai, é linda, por favor ajuda-me a pô-la.

Matt pareceu ficar magoado; detestava ser alvo de chacota por causa da sua devoção à filha. Por vezes, Eliza interrogava-se a quantos furos abaixo da filha estaria na hierarquia familiar. A muitos...

Puseram Emmie no carrinho de bebé e levaram-na a passear enquanto esperavam por Charles e Juliet. Eliza estava desejosa de estar com Charles. Ele vivia agora nos subúrbios, saindo de Londres no comboio das seis horas para Guildford e para a sua nova casa, aparentemente incapaz de se demorar uma hora sequer para tomar uma bebida. Mas ela descobriu que ele se tornara num homem calado e reservado, muito longe do irmão encantador e bem-humorado da sua infância e juventude. Juliet sempre fora autoritária, mas agora mostrava-se extremamente prepotente e parecia pô-lo constantemente a correr de roda dela, indo buscar-lhe chávenas de chá e «outro casaco, querido, está muito frio aqui», recusando-se a ir dar um passeio na manhã de Natal, o que não seria em si um problema se ela não tivesse proibido Charles de ir – «Sinceramente, não quero ficar aqui sozinha no dia de Natal.»

Eliza estava estupefacta com a paciência de Charles e preocupada com o seu estado de

espírito, e insistiu em encontrar-se com ele quando voltassem para Londres. Afinal estava sempre livre à hora de almoço.

Foram todos à missa do galo, à exceção de Matt, que ficou de bom grado a tomar conta de Adrian e de Emmie; «É muito simpático da tua parte», disse Sarah, olhando afetuosamente para ele. Eliza chamou bruscamente a atenção para o facto de ser a primeira vez que Matt ficava a tomar conta de Emmie, e Juliet disse que achava muito bem, porque tomar conta de crianças não competia aos homens. Eliza começou a achar aquele Natal interminável.

Ao almoço de Natal – «Este é um dos teus melhores almoços, mãe», disse Eliza, sorrindo-lhe – seguiu-se uma caminhada – com esta Juliet concordou, porque era necessariamente curta, «Já é quase noite», observou Charles, empurrando a cadeira de rodas e expressando a sua admiração pelas novas rampas – e mais tarde os presentes, seguidos do chá que ninguém queria e de algumas canções de Natal cantadas por Eliza e Juliet, acompanhadas ao piano por Sarah. Toda a gente estava a fingir que estava feliz, pensou Eliza; e quem podia dizer que era fingimento? Ela tinha gostado do dia, Matt portara-se impecavelmente, tendo passado algum tempo com Charles a recordar o tempo da tropa, e oferecera-lhe um relógio com pulseira de ouro extremamente bonito, «Para o caso de teres inveja da pulseira da Emmie. Também mandei inscrever a data na tua.»

– Ora bem – disse Matt, quando Eliza se levantou, dizendo que ia dar banho a Emmie –, queria que fosses lá acima comigo, Eliza. Quero mostrar-te uma coisa.

– Ui, ui – disse Juliet, maliciosamente.

Ele conduziu-a aos quartos do último andar da casa.

– O meu pai pediu-me para dar uma olhada a estes quartos – disse ele. – Chocante, não é? Trágico, aliás. Não entendo porque é que os teus pais não mudam de casa. Mas tive uma ideia. Queria saber a tua opinião.



– Mãe! Pai! O Matt quer falar convosco. É uma coisa fantástica...

– O que é? – disse Sarah, olhando a filha nos olhos. Santo Deus, pensou Eliza, acha que estou grávida de novo.

– A questão é que agora tenho uma equipa bastante grande a trabalhar em várias obras.

– Sim?

– Tenho dois excelentes telhadores. E lembrei-me que podia mandá-los para cá. Neste momento as coisas estão calmas e estamos à espera de licenciamento para uma nova urbanização, custa-me dinheiro tê-los de braços cruzados. Podiam vir para aqui reparar o telhado.

– Oh, meu Deus! – Sarah ficou muito corada. – Bem, isso é uma grande simpatia da

tua parte, Matt, mas nós não temos... não temos dinheiro para isso. Não faço ideia de quanto custa, mas... infelizmente, temos de recusar, não temos, Adrian?

– Não, enfim, também posso ajudar nesse aspeto – disse Matt. – Para começar, não seria tanto dinheiro como estão a pensar, podemos fazer tudo pelo preço de custo, e depois posso conseguir-lhes um empréstimo. Eu não pessoalmente, mas a minha empresa. Temos dois ótimos gerentes bancários que dão valor ao facto de eu ser cliente, se é que me entendem; as taxas seriam as comerciais. E, se mesmo assim, for de mais, eu posso avançar com o dinheiro e depois pagam-me quando puderem. Que acham?

– Não... não sei que diga – disse Sarah –, é uma amabilidade extrema, mas não podemos aceitar, sentir-me-ia muito embaraçada. E por que razão havias...

– Sou casado com a sua filha – disse Matt, sorrindo-lhe subitamente. – Não me agrada ver a casa da família a degradar-se.

– Meu Deus – disse Sarah, com lágrimas nos olhos –, meu Deus, é tão... tão amável da tua parte. Sinceramente, não sei que diga...



– És um impostor – disse Eliza, enquanto se preparavam para se deitar –, a fazeres-te de duro e mau. É maravilhoso, Matt, foste muito generoso, ainda me custa a crer.

– É por ti que estou a fazer isto – disse ele. – Porque andas preocupada e porque te amo.

– Oh, Matt... também te amo.

– E, se não estiver demasiado frio, não ponhas essa camisa de noite, sim? Quero celebrar o Natal contigo como deve ser.

– Como posso recusar depois de tudo o que fizeste por nós? – disse Eliza, fazendo um esgar ao sentir o frio quando tirou a camisa de noite.

Acordou Emmie quando gritou ao atingir o orgasmo. Foi mais forte do que ela. Matt agarrou numa almofada e tapou-lhe a boca, mas o barulho continuou. E era bom. Delicioso.

Tinham recomeçado apenas recentemente a ter relações sexuais; era diferente. Eliza estava com medo, ficara à espera quase a tremer quando as obrigatórias seis semanas tinham chegado ao fim, mas Matt fora muito paciente, muito cuidadoso; mesmo assim, ela demorou algum tempo a começar a reagir, na defensiva, com medo da dor, da sensibilidade, de lesões até, mas quando reagiu, quando as sensações meio esquecidas voltaram, quando sentiu o alvoroço, o desejo dele, quando começou a mover-se debaixo dele, foi como uma montanha-russa, um deleite maravilhoso e louco redescoberto, ganhando ímpeto, arrebatando-a e transportando-a cada vez mais alto em ondas de prazer.

– Meu Deus – disse ela, deitando-se quando acabou, limpando às costas da mão as

lágrimas que saltavam sempre –, meu Deus, Matt, nunca pensei que voltasse a acontecer.

– Nem eu – disse ele, com um sorriso.

Ela virou-se então para ele, profundamente comovida com a sua generosidade, transbordante de amor e de orgulho nele, beijando-o, apertando-o contra si, pondo as longas pernas à volta dele.

– Mais do que mais então? – disse ele.

Era uma brincadeira privada entre eles; um dia ele tinha-lhe perguntado se ela queria sexo «mais do que tudo» e ela tinha respondido que não, que o queria mais do que mais do que tudo.

E... como se descrevia tal emoção? Era isso exatamente. Podia desejar-se muitas coisas mais do que tudo; mas desejar o sexo, desejar o prazer doce, lancinante, doloroso e avassalador que proporcionava, a absoluta felicidade de risos e lágrimas, o alívio enorme e louco e a libertação que trazia, era de facto mais do que mais do que tudo. Não havia nada melhor. Absolutamente nada.

Emmie voltou a despertar.

– Agora vê o que fizeste – sibilou ela a Matt.

– Não fui eu que fiz barulho. A culpa é tua e só tua.

– Quer dizer que vou ter de ir lá abaixo aquecer o biberão e sentar-me naquela cozinha gelada a dar-lho. E tu ficas a dormir?

– Acertaste. Além disso, podes sentar-te ao lado do fogão.

Ela pegou na bebé e desceu à cozinha. Só depois de entrar e fechar a porta é que acendeu a luz; e então teve um sobressalto.

A mãe estava sentada à mesa, com uma garrafa de whisky à frente. Estava visivelmente embriagada. Estava também a chorar.

– Mãe – disse Eliza, alarmada, aproximando-se dela e passando-lhe o braço livre pelos ombros. – Que é que se passa?

– Sinto-me tão... tão envergonhada – disse Sarah –, profundamente envergonhada. Pela maneira como nós... eu... te tratei, a ti e ao Matt. O que ele está a fazer por nós, com a casa... a nossa vida vai melhorar imenso. Não sei como posso retribuir-lhe, não sei.

– Oh, mãe – disse Eliza. – É simples. Diz-lhe simplesmente o que significa para ti. Ele compreende o resto. Ainda bem que ele está em posição de ajudar. Olha, não dizia que não a um copo desse whisky.

Cinco minutos depois, passou os olhos pela cena, enquanto Emmie bebia tranquilamente do biberão e ela e a mãe, entre gargalhadas, iam bebendo generosas doses do melhor single malt de Adrian.

– Se entrasse agora aqui uma assistente social – disse ela –, a Emmie seria entregue a uma instituição. Mãe e avó alcoólicas.



- Miss Scarlett – disse Demetrios, sorrindo-lhe radiante quando ela entrou no átrio, felizmente ainda pequeno, um contraste maravilhoso e fresco com o calor tórrido lá fora.
- Que grande prazer voltar a vê-la!
- Igualmente, Demetrios. Estão os dois bem, o Demetrios e a Larissa?
- Em excelente forma. A Larissa está à espera de bebé...
- Está? Que maravilha!
- Alguma vez voltaria a pensar em bebés sem sentir um aperto no coração?
- Sim. E é para breve, três, quatro semanas.
- Maravilhoso. Está então a descansar?
- A descansar? Não, Miss Scarlett, não para, anda atarefada na cozinha, no jardim, não sei se há sítio onde não ande.
- Bom, falo com ela mais tarde. Sabe porque é que aqui estou?
- Sei. E achamos que é um plano excelente. Afinal sempre queremos aderir ao seu clube. Se possível.
- A princípio, haviam-se mostrado desconfiados; receosos de perder a sua singularidade, o toque pessoal do hotel.
- Excelente. Falamos então logo à noite.
- Durante o jantar, sob o alpendre, assistindo ao pôr do sol, Scarlett chegou a acordo sobre as condições e disse-lhes que começariam no próximo ano.
- Eu sei que a maior parte das reservas é feita por altura de janeiro e fevereiro, não há portanto interesse em fazer nada antes disso. Podem aparecer na minha próxima brochura e... enfim, estou certa de que não vão faltar clientes.
- Clientes simpáticos?
- Garantidamente – disse Scarlett, rindo –, mas, se não forem, digam-me e eu excluo-os do clube. Ah... – exclamou quando surgiu uma sombra que encobriu por instantes o pôr do sol. – Ah, olá.
- O dono da sombra olhou para ela inexpressivamente e forçou um sorriso bastante ansioso.
- Acho que não...
- Mr. Frost. Boa-noite. Deseja uma bebida? Lembra-se de Miss Scarlett? Esteve aqui no ano passado ao mesmo tempo que o senhor. Com licença. Larissa, importas-te de trazer uns enroladinhos de arroz, talvez, e umas azeitonas?
- Sim... naturalmente, eu... – O homem parecia cada vez mais desorientado.
- Scarlett teve pena dele e, levantando-se, estendeu-lhe a mão.
- Não há razão nenhuma para se lembrar. Eu estava cá sozinha e o senhor também, mas só nos cruzámos uma noite. Scarlett Shaw.
- Ah. Bom... sim, claro. Que falta de educação a minha. – Apertou-lhe a mão. – Mark

Frost. Como está, Miss Shaw?

– Por favor, faça-nos companhia. Estou só a ter uma pequena conversa com o Demetrios e a Larissa.

– Oh... não, não posso... isto é, estou só de passagem... e...

Como não se encontravam em nenhum ponto de passagem para nenhum lado no hotel, aquela era claramente uma débil tentativa para escapar; Scarlett sentiu imensa pena dele. O homem era tão afluivamente tímido que seria cruel insistir. Apresentaria desculpas e retirar-se-ia para o quarto; mas Demetrios voltara com uma garrafa de ouzo e quatro copos.

– Pronto, vamos todos tomar um copo. A Larissa não demora. Mr. Frost está a construir aqui uma casa, Miss Scarlett.

– Está? – disse Scarlett, passando-lhe o copo de ouzo, na esperança de que ele descontrísse. Pessoalmente, detestava a bebida e começou a bebericar cautelosamente para não ofender Demetrios. – E... está tudo a correr bem?

– Sim. Muito bem.

– Talvez pudesse mostrar a casa a Miss Scarlett amanhã, Mr. Frost?

– Bem... não me parece... – Pôs um ar tal que parecia que Demetrios sugerira que Scarlett fizesse um striptease.

– Não, não, Demetrios – apressou-se ela a dizer –, já sabe que parto logo de manhã cedo. Está aqui hospedado enquanto constrói a sua casa, Mr. Frost?

– Sim, estou. Quando posso escapar.

– Claro.

Ela sorriu-lhe; ele retribuiu o sorriso, fugidamente, e a sua aparência transformou-se por completo. Ela reparou que ele era excecionalmente atraente, com feições bem marcadas; não registara inteiramente esse facto antes, a altura, a elegância e o cabelo escuro e liso. O que recordava eram os olhos de um tom cinzento-escuro invulgar a olhar com desconfiança atrás dos óculos de aros de metal. Estava muito bronzeado e, quando sorria, os seus dentes eram perfeitos. Podia ser uma estrela de cinema.

– Mr. Frost descobriu-nos através de um amigo – explicou Demetrios. – O amigo esteve cá hospedado há três anos e teve a gentileza de nos recomendar a Mr. Frost.

Fez-se um silêncio; Larissa apareceu e começou a falar muito rapidamente com Demetrios em grego. Alguns minutos depois, levantou-se e fez-lhe sinal para que a seguisse.

– Com licença – disse ele.

Sozinha com Mark Frost, Scarlett entrou imediatamente em pânico, mas disse a si mesma que estava a ser ridícula.

– E então que é que faz? – perguntou. – Em que é que trabalha? Não me diga que é aprendiz de monge trapista?

– Ah... faço... faço... – Uma pausa. – Faço pesquisa – disse ele, como se tivesse subitamente descoberto uma explicação.

– Em que campo?

– Bem... geografia, pode dizer-se.

– É professor?

– Não propriamente.

Ele serviu-se de mais ouzo e ofereceu-lhe a garrafa. Ela abanou a cabeça. – Não, obrigada.

Outro silêncio. – Isto é horrível, não é? – disse ele. – Reparei que não bebei. Também não gosto, só bebo para agradar ao Demetrios. E se...? – Olhou por cima do ombro para a casa e, seguro de não estar a ser observado, entornou quase toda a garrafa num dos vasos de gerânios em flor.

– Se calhar vai matar as pobres das flores, mas antes elas do que nós.

Scarlett avaliou-o; de repente, parecia uma pessoa diferente. – Sem dúvida – disse ela.

– Deve gostar muito disto por aqui. Para voltar.

– Adoro. Estava com receio de que não fosse tão especial como recordava, mas é.

– Tenho sempre esse receio – disse ele, não parecendo minimamente surpreendido –, mas é sempre.

– Deve gostar muito disto – disse Scarlett –, para estar a construir aqui uma casa.

– Sem dúvida – disse ele, caindo num silêncio total. Após uns minutos, ela decidiu que o seu livro era muito mais interessante e levantou-se.

– Acho que me vou deitar – disse. – Parto de manhã cedo.

– Ah, vai tirar o Ari, o barqueiro, cedo da cama. É obra.

Ela riu-se, mais uma vez surpreendida com esta mostra de humor. – É o nome que lhe dá?

– É. Descobri que ele se chamava Aristóteles e não resisti. Sou em parte galês e em Gales toda agente é Dai, o padeiro, ou Jones, o peixeiro. Vem daí. – Calou-se e pôs um ar bastante ansioso, como que consciente de ter feito uma grande revelação. Está com medo que eu lhe vá fazer perguntas sobre o País de Gales, pensou Scarlett.

– Então, boa-noite – disse ela, reparando no alívio quase palpável no seu rosto. O homem era doido.

– Boa-noite – disse ele, levantando-se e apertando-lhe formalmente a mão –, boa viagem.

O último pensamento de Scarlett foi que, nas circunstâncias certas, Mark Frost poderia, quem sabe, ser bastante divertido.



– Não... não me agrada. Sinto muito.

– Porquê, Matt? Que mal é que tem?

– Para começar, ele é casado.

– Matt! Há anos que não está com ela.

– Como é que sabes que isso é verdade?

– Por amor de Deus, Matt! Não sei, não tenho a certeza, mas acredito nele.

– Pois eu não.

– Estranho comentário sobre um parceiro de negócios.

– Não foi isso que quis dizer, sabes bem.

– Ora, Matt, acalma-te. Tenho uma reunião marcada. Até logo.



No carro em direção a Chelsea, a ouvir I Can't Get No Satisfaction dos Stones em altos berros, Louise sorriu. Adorava arreliar Matt. E ele ficara seriamente aborrecido com o facto de ela estar romanticamente envolvida com Barry Floyd. Ter-lhe-ia agradado pensar que eram ciúmes, mas a razão era menos lisonjeira: ele sentia-se profissionalmente ameaçado. Pensava que iam conluiar-se contra ele. O que, vendo bem, era idiota. Em primeiro lugar, ela era demasiado profissional e incomodava-a que ele pudesse sequer pôr essa hipótese; e, em segundo lugar, o sucesso da parceria era demasiado grande

para pôr em risco. A construção em Barkers Park estava a avançar a todo o vapor e a WireHire era o locatário perfeito, efetuando os pagamentos de cada etapa a tempo e horas e concordando com um pagamento extra se os escritórios ficassem concluídos antes do prazo.

Nenhum deles estava, de modo nenhum, interessado em alterar a base de qualquer aspeto da sua relação profissional.

A pessoal, no entanto, transformara-se muito rapidamente.

– Eu já o achava extremamente sexy – explicou Louise a Valerie Hill, que se tornara sua confidente nesta matéria. – Mas sabia da Maura, claro...

– A mulher?

– A mulher. Sim. Mas...

– Não me digas, só de nome.

– Se viver com outro homem quer dizer só de nome, sim. Casaram-se quando ele tinha dezoito anos e ela dezassete. Ela estava grávida, ou disse-lhe que estava, e surpresa, surpresa, assim que se casaram, teve um aborto espontâneo. Ele disse que tinha caído direitinho na esparrela. Com dezoito anos, é natural, não achas?

– Eu não caía – disse Valerie. – E então, que aconteceu?

– Bem, depois ela teve de facto três filhos, nos cinco anos seguintes, mas quando o Barry veio para Londres, ela não o acompanhou e começou a dar facadas no matrimónio, envolveu-se com um agricultor...

– Louise – disse Valerie –, tens a certeza de que não foi ele que começou a dar facadas? Se queres saber, não o acho nenhum anjinho.

– Sim, de certeza que deu – disse Louise. – Mas agora ela está lá a viver com o agricultor e...

– Não me digas que se vão divorciar.

– Não, claro que não. O divórcio não é opção na Irlanda católica. E até uma anulação é praticamente impossível, a não ser que se tenha uma relação privilegiada com o Papa. Mas muitas pessoas fazem o que o Barry e a Maura estão a fazer e tratam mas é de viver as suas vidas. Ele manda-lhe dinheiro, claro, e o agricultor, pelo que percebi, não é nenhum pobretanas.

A verdade era que, apesar da bazófia, Louise não se sentia inteiramente satisfeita por estar envolvida com um homem casado. Em primeiro lugar, sabia que, com as leis do divórcio na Irlanda, nunca poderia levar a nada de permanente; e, em segundo lugar, e mais importante ainda, era que contrariava o seu relativamente complexo código moral. Não gostava de mulheres que desfaziam casamentos; aliás, condenava-as com grande veemência.

Mas estava a começar a considerar a sua vida de solteira insatisfatória; não sonhava com uma casa e filhos, mas começava a pensar que gostaria de ter alguém com quem

partilhar, não apenas as horas livres e a cama, mas o que lhe ia na cabeça, as suas ideias, planos, ambições pessoais, ter alguém que a compreendesse, que compreendesse as suas aspirações. O único homem que alguma vez encaixara nesse perfil era Matt Shaw; mas ele estava clara e desesperadamente apaixonado pela mulher e mãe da sua adorada filha.

Mas descobriu, no primeiro encontro com Barry Floyd, que ele correspondia extraordinariamente bem aos requisitos.

E o casamento, na sua opinião, era uma trajetória descendente mais que certa para um lugar onde, mesmo que continuasse com a sua carreira e ganhasse tanto ou mais do que o marido, ele permanecia misteriosamente o chefe da família, alguém que era preciso cumular de atenções e a quem era preciso pedir licença para sair ou trabalhar até tarde.

Tinha ficado chocada quando Eliza deixara de trabalhar; tinha praticamente a certeza de que fora por insistência de Matt. Não sabia qual das emoções era mais forte, se repulsa perante o comportamento de Matt ou desilusão com Eliza; fosse como fosse, não era nem de longe, nem de perto o que desejava para si própria.



Naquela primavera, a revista Time conferiu a Londres a suprema distinção do título «A Cidade Louca» quando se tornou no lugar mais desejável do mundo, uma Camelot dos tempos modernos, o centro de todos os géneros de prazeres. Naquele ano, apareciam em todos os jornais do planeta fotografias de Londres – muitas vezes protagonizando a nova modelo sensação Twiggy, com o seu rosto de menina, corte de cabelo à rapaz e corpo esguio. Era o tempo em que toda a gente se debatia para estar na ribalta, em que o primeiro-ministro Harold Wilson era fotografado com os Beatles e a irmã da rainha (cujo casamento, afinal, também fizera parte dessa fantasia de Camelot) dançava ao ritmo dos Rolling Stones; em que Michelangelo Antonioni elegeu Londres como o local para o filme Blow Up – História de um Fotógrafo, a sua icónica narrativa sobre a sociedade sofisticada e degenerada; em que mesmo a moda de Paris se tornou engenhosa e moderna, em que Courrèges apresentava modelos mais amenizados do que senhoris, de botas brancas de cano curto e vestidos de plástico, e Paco Rabanne decorava as figuras das modelos com joalharia espelhada de plástico estonteantemente maravilhosa; e era o tempo em que Eliza pensou que ia enlouquecer, assistindo a partir do seu exílio autoimposto à luta de todos os editores de moda do mundo para encontrar novos estilistas, modelos e fotógrafos e para lhes dar proeminência nas suas páginas de formas cada vez mais loucas e mais imaginativas.

Sentava-se no apartamento ou no parque, com Emmie no carrinho, a folhear revistas, numa impotência agonizante: pensando como teria apresentado este vestido, aquelas

cores, aquele estilista de modo diferente, mais criativo, em suma, muito melhor. De tempos a tempos, encontrava-se com Annunciata ou Maddy, ou uma das outras editoras de moda para almoçar e voltava a sentir-se deprimida, privada de direitos e do seu legítimo lugar neste mundo fantasioso e deslumbrante.

– E sinto-me só – queixou-se ela a Maddy, uma das poucas pessoas a quem admitia as imperfeições da sua nova vida. – O Matt nunca chega a casa antes das nove e está sempre muito cansado para conversar e muito menos para ouvir.

– Não tens amigas com filhos? – perguntou Maddy.

– Sim e não. Tenho muitas conhecidas, mulheres que já conhecia, claro, e convidam-me para tomar chá e para encontros no parque, embora muitas tenham amas... põe-me doida, Maddy, vê-las com amas autorizadas pelos maridos para poderem deixar os filhos e ir às compras e a jantaradas, e o meu marido não me deixa ter ninguém para poder fazer alguma coisa de verdadeiramente importante. Bolas, é injusto. É por isso que prefiro passar o tempo sozinha com a Emmie. Embora tenha uma amiga – acrescentou –, muito mais interessante. Conheci-a na clínica.

– Na clínica?

– Sim. Vou lá pesar a Emmie e dar-lhe as vacinas e essas coisas. É o ponto alto da minha semana, acredita.

– Oh, Eliza...

– Não, estou a falar a sério. Adiante, esta rapariga chama-se Heather e...



– Heather! É um nome bonito.

– Achas que sim? Obrigada.

– Sim. E a pequena Coral, como é que está?

Coral era exatamente da mesma idade de Emmie; Eliza e Heather tinham passado várias tardes na clínica a olhar uma para a outra e, graças a esse milagroso derrube das barreiras de classe que só os bebés são capazes de operar, haviam reconhecido algo uma na outra que lhes agradou e haviam sorrido, cumprimentando-se ocasionalmente, mas era a primeira vez que trocavam mais do que meia dúzia de palavras.

– Está a ir devagar. Não ganhou muito peso esta semana. Tem estado doente, apanhou uma forte constipação e, quando estão assim, não comem, não é?

– Pois não. A Emmie apanhou uma constipação no mês passado, naquela altura em que esteve muito vento, lembras-te? Eu estava tão farta de estar metida em casa que a levei à rua e ela piorou, até fez febre... senti-me horrivelmente culpada...

– Eu sei, a culpa é o pior, não é? Eu meti a Coral na banheira sem testar a temperatura e...

– Estava a escaldar? – perguntou Eliza, horrorizada.

– Não, não, estava quase fria. Coitada, senti-me tão envergonhada, mas tinha aquecido a água na chaleira porque não temos água quente, percebes, só que não foi suficiente.

– Não tens água quente?

Era de tal maneira inconcebível para Eliza que se esqueceu de mostrar tato.

– Corrente, não. – Heather lançou a Eliza um olhar um tanto frio. – Nenhum dos apartamentos no nosso prédio tem. Mas nós ainda temos sorte porque a casa de banho fica no nosso andar. A rapariga da cave tem de subir três pisos todas as noites e está grávida; não sei como se vai arranjar quando tiver a criança.

– Coitada. – Eliza esforçou-se por soar preocupada e não horrorizada; mas era horrorizada que se sentia grande parte do tempo quando conversava com Heather, que vivia numa casa de duas divisões e uma kitchenette, com uma casa de banho coletiva, numa enfiada de casas decrepitas junto de Clapham Common. Heather, cujo marido, Alan, trabalhava numa fábrica de equipamentos mecânicos, que perdera dois filhos antes de ter Coral e se considerava extremamente afortunada; Heather, que tinha menos dinheiro por semana para tudo, comida, renda, luz e gás, do que Eliza gastava em alimentação e gasolina.

A Londres Louca estava a passar ao lado de Heather, disso não havia dúvida.

Era uma rapariga miudinha e pálida, com cabelo liso castanho claro e enormes olhos cinzentos, e Eliza achava-a muito melhor companhia do que as suas velhas amigas; conversaram algumas vezes enquanto tomavam chá na clínica e, um dia, tinham feito juntas o percurso até ao carro de Eliza, que era onde Heather apanhava o autocarro.

– Caramba – tinha dito Heather ao ver o Ford Cortina branco que Eliza detestava, mas que Matt insistira em comprar. – É teu?

– Hum... é. Sim, é. Ouve, deixa-me dar-te boleia e escusas de ir de autocarro. Podemos pôr as duas alcofas no banco de trás e os dois conjuntos de rodas no porta-bagagens. Força, entra.

Levava sempre Emmie à clínica na alcofa porque podia ser desmontada das rodas e colocada dentro do carro; o enorme carrinho de bebé Silver Cross que a mãe lhe comprara acabava por não ter muito uso. Estava quase certa de que a alcofa azul-clara e em mau estado de Heather era provavelmente tudo o que ela tinha para transportar a filha. E levantá-la das rodas para a meter no autocarro... enfim, era difícil imaginar como ela se desenhava. Era difícil imaginar como ela se desenhava com o que quer que fosse.

Ficou chocada com a casa em que Heather vivia; ajudou-a a transportar o carrinho até ao segundo andar: as escadas lúgubres e escuras, revestidas a linóleo, a tinta verde-clara a descamar nas paredes e o interruptor temporizado da luz sempre a desligar-se. Estava frio, apesar do sol lá fora, e cheirava mal nas escadas, uma desagradável mistura de

couves e urina.

Quando chegaram à porta de Heather, ela olhou para Eliza com uma expressão contrita e disse: – Desculpa, mas não posso convidar-te a entrar, está tudo em desordem.

– Não te preocupes – disse Eliza –, também não tenho tempo. Adeus, Heather, até para a semana.

Ao descer as escadas, cruzou-se com dois adolescentes; um deles levava um rádio transístor a tocar música pop no máximo. Ouviu-os rir e gritar qualquer coisa quando fechou a porta da rua. Se os deixavam fazer tanto barulho, como é que os vizinhos se podiam queixar se a pequena Coral chorasse?



– É exatamente por isso, porque ela é bebé – disse Matt quando ela lhe relatou o episódio. – A maioria dos senhorios não autoriza crianças, como dantes não autorizava pessoas de cor, tem muita sorte de ter uma casa.

– Sorte! Matt Shaw, como é que te pode passar sequer pela cabeça que alguém a viver naquelas condições, a ter de partilhar uma casa de banho, sem água quente, tenha sorte?

– Porque tem – disse ele calmamente. – As pessoas como ela têm de se contentar com o que têm. Pelo menos a casa de banho é no andar dela.

– Matt Shaw, és um hipócrita da pior espécie. Sempre a alardear as tuas credenciais de classe trabalhadora e estás aí calmamente sentado a dizer-me que a Heather tem sorte por ter uma casa de banho no andar dela. Que dizias se fôssemos nós a viver lá com a Emmie?

– Não aguentávamos mais de cinco minutos – retorquiu Matt.

– Ai não? E como é que saíamos de lá?

– Ouve, Eliza, quando os meus pais se casaram, não tinham sequer casa de banho e, durante anos, eu tomava banho nos Banhos Municipais duas vezes por semana. Sobrevivi e o meu pai trabalhou como um mouro para pôr aquela casa em condições.

– Não percebo como é que isso faz com que a Heather tenha sorte.

– Tem um teto sobre a cabeça, é por isso. É um ponto de partida, entendes? Mas atenção, é muito possível que venha a perdê-lo. Estão a ser demolidas muitas casas em Clapham. Tirar de lá os inquilinos é um pesadelo. Sinceramente, tenho pena dos senhorios. Pronto, pronto, estou a brincar.

– És nojento, sabias? E, para teu bem, espero que não ponhas um letreiro a dizer «Não se aceitam crianças» em nenhuma das tuas casas. Bolas, que gente detestável, promotores imobiliários.

– E que é que fazias se eu pusesse?

– Deixava-te – declarou Eliza.



Era completamente absurdo, claro: ser tão cabalmente... ou quase... derrotada por alguém. Ser forçada a fazer o que essa pessoa queria, muitas vezes no pleno conhecimento de que era errado: ouvir-se a si mesma a ceder a exigências absolutamente irracionais: dar por si desprovida de todas as qualidades – como senso comum, força de vontade e até humor – que pensara ter em abundância: transformar-se muito simplesmente no tipo de pessoa que reprovava e até desprezava. Mas, confrontada com esta criatura tirana, convencida, segura de si que lhe impunha os seus desejos com uma confusa combinação de gélida determinação e agressividade, sentia-se perdida. Derrotada. Não fazia ideia de como reagir.

A situação piorava e Emmie ainda não tinha dois anos.

– Não, não, não, não, não – começava a birra familiar e quase diária.

– Sinto muito, mas sim, sim, sim, sim, sim. Faz o que eu te digo.

– Não! – Os olhos azuis chispavam; ela batia com o pequeno pé no chão, com toda a força.

– Para com isso, Emmie. Já. Se não pões o casaco, não vais.

– Não quero ir.

– Não quero saber. Vais e vais mesmo.

– Não vou. – Respirava fundo e sustinha a respiração, os olhos fixos na mãe numa atitude de desafio, o rosto a corar gradualmente.

Era um perfeito pesadelo.

Emmie não se deixava persuadir nem a bem, nem a mal; fazia o que queria e, se alguém tentasse impedi-la, parecia pronta para morrer a tentar. Já em duas ocasiões perdera os sentidos ao suster a respiração; era igualmente capaz de entrar em greve de fome, recusando-se a comer tanto tempo quanto necessário. O mais que conseguira haviam sido dois dias e meio, findos os quais Eliza, naturalmente, cedera, com medo que Emmie adoecesse por malnutrição. Matt, que achava a situação divertida, embora irritante, disse que Emmie era demasiado sôfrega para passar seriamente fome; mas o certo era que não tinha de a ver, senão a perder forças, pelo menos a tornar-se algo apática.

Por outro lado, era uma criança encantadora quando as coisas lhe corriam de feição; era carinhosa, curiosa e viva, precoce em termos de fala e com modos cativantes: partilhava os seus brinquedos com uma maturidade generosa que surpreendia Eliza, considerando que era filha única. Gostava simplesmente de fazer tudo à maneira dela.

Sandra aconselhou a que ela fosse privada das coisas que queria fazer.

– Sandra – disse Eliza –, ela não quer fazer nada de especial, só quer tudo à maneira

dela.

Interrogou-se se ter outro bebé ajudaria. Matt tinha muita vontade, mas ela não tinha a certeza de que fosse capaz de aguentar.

– E se ela embirrasse com o bebé, que é que eu fazia? Um pesadelo.

– Não embirra nada – disse Matt alegremente –, ela não é assim. Acho que devíamos tentar, Eliza, por este andar ela há de ter pelo menos três anos e já é uma grande diferença.

Eliza deixou de tomar a pílula durante dois meses e depois entrou em pânico porque o comportamento de Emmie piorou e recomeçou a tomá-la.

– Não quero saber que seja uma grande diferença, Matt, por este andar, quando tivesse a criança, já estaria no manicómio, e depois como é que te arranjavas?

– Levava-os para perto de ti – disse Matt jovialmente.

Ela sentia imensas saudades de Charles. Só estivera com ele em meia dúzia de ocasiões no último ano e meio, em reuniões de família, e ele parecera distante, relutante em ficar sozinho com ela. Por insistência dela, tinham almoçado juntos, mas Charles mostrara-se arredio perante as suas tentativas para levá-lo a abrir-se.

– Sinceramente, não sei que faça – disse Eliza a Maddy. – Sei que há um problema qualquer, mas ele não fala comigo. Só fomos uma vez à casa nova e ainda há outra coisa, pensei que por esta altura já teriam um filho, a Juliet queria muito e o Charles adora a Emmie.

– Se calhar é isso – disse Maddy –, se calhar ela não consegue engravidar e andam deprimidos com a situação e não querem que as pessoas os torturem com perguntas.

– Talvez. Não sei, Maddy, a minha vida está cheia de coisas que não consigo resolver. O Charles, os meus pais, essa mafarrica que dei à luz. Credo, quando penso no problema irresolúvel que duas páginas em branco pareciam ser... não fazia ideia do que era a vida.



Scarlett estava no aeroporto de Atenas, com duas horas para preencher, quando se apercebeu de que não tinha nada para ler. A tabacaria tinha uma série de livros e jornais em grego, mas ela acabou por descobrir um exemplar antigo da revista inglesa Time and Tide. Pediu um café, sentou-se na área das partidas e estava a folhear a revista quando se deparou com um longo artigo sobre Veneza. Veneza, que ela conhecia tão bem e adorava...

Começou a lê-lo e, instantaneamente, de um modo extraordinário, viu-se lá, não apenas entre as conhecidas atrações da Praça de S. Marcos e do Grande Canal, mas a explorar as vielas estreitas, a deambular entre bacari (os pequenos bares que constituem a especialidade de Veneza), cada vez mais inebriada, descobrindo as igrejas menos conhecidas, como a lírica San Giorgio Maggiore, em mármore, cujo esplendor é mais

visível à noite, e passando revista à feira da ladra no Campo San Maurizio. O artigo estava extraordinariamente bem escrito.

Procurou o nome do autor, pensando que devia familiarizar-se com o trabalho dele (ou dela) e viu o artigo indicado na primeira página da revista; o autor era Mark Frost.

– Oh, meu Deus – disse Scarlett em voz alta e, a olhar atentamente para ela da página, lá estava ele, com os seus óculos de aros de metal, o cabelo escuro escorrido e a extremamente solene expressão. «Mark Frost», dizia, «um dos maiores expoentes da atualidade no campo da literatura de viagem e autor de Os Mais Belos Percursos de Comboio do Mundo, apresenta a sua visão única e vibrante sobre uma das suas cidades favoritas, Veneza.»

Pesquisa geográfica, não há dúvida! Enfim, num certo sentido até o era.



– Ouve, Eliza, e não reajas mal, por favor, mas vou ter de cancelar a nossa viagem.

– O quê? Oh, Matt, não. Por favor, não. Há tanto tempo que ando a sonhar com ela.

– Eu sei, eu sei, e eu também. Mas estamos com problemas com este segundo projeto, o de Swindon, e é-me impossível ausentar-me neste momento. Sinto muito. Podemos ir em meados de novembro.

– Essa ideia é mesmo brilhante. Irmos para fora nos anos da Emmie. Vai-te foder, Matt Shaw. Vai... vai-te foder.

Saiu da sala, batendo com a porta, os olhos a transbordar de lágrimas. Lágrimas de raiva e desapontamento. Depois de tudo o que fizera nos últimos dois anos, do esforço para se mostrar submissa, era assim que ele lhe agradecia. Duas semanas ao sol, prometera-lhe, ou melhor, uma semana ao sol, nas Bermudas, com alguns dias antes e depois em Nova Iorque; não se lembrava da última vez em que desejara tanto uma coisa.

Nessa noite, dormiu no quarto de hóspedes; quando Matt bateu hesitantemente à porta pouco depois da meia-noite, a pedir desculpa, dizendo que a amava mais do que mais e suplicando-lhe que fosse para a cama e o deixasse provar-lho, ela mandou-o à merda.

Ainda estava a espumar de manhã quando Mariella telefonou e, ainda chorosa e furibunda, contou a história toda. A reação de Mariella era previsível.

– Podes vir passar umas férias comigo, cara. Gostava muito, e o Giovanni também, isto aqui é muito bonito em setembro e podemos fazer compras, posso mostrar-te a minha adorada Milão...

– Oh, Mariella, é uma ideia fantástica. Mas tinha de levar a Emmie.

– Claro que sim. Não falta aqui gente para ajudar e podemos comprar-lhe um guarda-roupa novo e chique em Milão.

– É muito tentador. Tens a certeza?

– Claro que tenho a certeza. Diz-me quando queres vir que eu preparo tudo. E podemos ensinar italiano à bambina. Ciao, bella.

– Ciao, Mariella. Dá um abraço ao Giovanni.



– Não – disse Matt –, não, lamento mas não é aceitável. Não quero a minha filha entregue ao cuidado de uma série de mafiosos.

– Que é que te leva a pensar que a vou entregar aos cuidados de quem quer que seja? E não uses essa palavra!

– E quem é que vai olhar por mim na tua ausência?

– Porra, Matt, podes olhar muito bem por ti. Fica a saber que vou.



Eliza já ficara em muitas casas magníficas e participara em sessões fotográficas em outras tantas, mas nenhuma era tão fabulosa como a Villa d'Arice. Rodeada de lindíssimos jardins, nas margens do Lago de Como, era na verdade um pequeno palácio, construído em 1600, num estilo que só podia descrever-se como clássico fantasioso. Quando o (surpreendentemente modesto) Fiat 600 de Mariella – «As senhoras italianas não conduzem carros grandes e elegantes sozinhas» – estacionou à porta, Eliza soltou um gritinho de prazer.

Era uma enorme construção branca, de quatro andares, com pilares, colunas e varandas, o lago cintilando à frente e as montanhas agigantando-se atrás.

Mariella fora buscá-las ao aeroporto e não se calara durante toda a viagem para a villa. Giovanni estava à espera delas nos degraus, impecavelmente vestido com calças informais e blazer, o seu atraente rosto arvorando um sorriso. De cada lado dele estava um caniche bege; o pequeno caniche branco de Mariella, Pucci, largou a correr para o carro. Teria dado uma fotografia de moda excelente, pensou Eliza.

– Eliza, cara. Bem-vinda a nossa casa. E olha só a bambina! Oh, que linda que ela é! – Estendeu uma mão fina e escura para afagar a face de Emmie, murmurando-lhe em italiano. Emmie, encantada, sorriu-lhe.

O átrio era imenso, todo ele mármore e candelabros, com uma escadaria extremamente graciosa e imponente; Giovanni conduziu-as por um corredor abobadado, que abria de um lado para jardins simétricos e para um salone mais pequeno mas refinado, onde estava uma mesa baixa posta para o chá com uma seleção de sanduíches e pastelaria que não teria envergonhado o Ritz. Emmie correu para a comida, os seus grandes olhos azuis a brilhar.

– Emmie! Não – disse Eliza, mas uma jovem sorridente, de vestido preto e avental

branco, avançou, pegou na outra mão de Emmie e conduziu-a para uma cadeira onde a sentou nos joelhos, lhe pôs um grande guardanapo e lhe começou a dar o bolo em pedacinhos, limpando-lhe ternamente o chocolate da cara entre cada dentada.

– É a Anna-Maria – disse Mariella –, vai dar-te uma mão com a Emmie enquanto cá estás. Apresentou excelentes... críticas.

– Credenciais? – corrigiu Eliza.

– Sim, talvez. Espero que estejas de acordo. Claro, se preferires não...

Eliza, sentindo-se subitamente como se estivesse em casa, disse que estava inteiramente de acordo.

Jantaram os três numa sala com vista sobre o lago, agora semeado de milhares de luzes, e sobre o céu límpido sulcado de milhões de estrelas. Mariella enfiara a cabeça no quarto de Eliza quando ela estava a arranjar-se e dissera-lhe que, embora Anna-Maria ficasse com Emmie durante o serão, se Eliza quisesse, a criança podia fazer-lhes companhia. Eliza disse que preferia que Emmie não estivesse com eles e que já estava a dormir a sono solto.

– Bene. Então podemos ter todos um jantar muito agradável. Muito, muito informal, cara, não te esmeres de mais.

Eliza sabia o que queria dizer informal: era dispensado o traje de cerimónia. Pôs um vestido de seda preta e sandálias de salto alto; Mariella estava de calças de seda largas e Giovanni com um casaco de bom corte.

Foi uma noite absurdamente relaxada, dado o cenário e o permanente serviço do pessoal. Giovanni falava um inglês perfeito; Eliza, que não falava italiano, sentiu-se embaraçada e até o disse, mas ele sorriu-lhe e asseverou-lhe que só fazia bem a ambos falarem em inglês.

Era evidente que Giovanni adorava mexericos; Mariella falou incessantemente sobre amigos comuns, roupas e lojas e sobre o verão no iate do casal atracado em Portofino.

– Toda a gente sai de Milão nos meses de verão – disse ela –, não se consegue comprar nada, nem um pão. A cidade fica deserta. As famílias têm de escapar porque o calor é terrível, mesmo aqui.

– E os mosquitos são uma praga, comem-nos vivos – disse Giovanni. – Milão está construída num pântano, compreendes, rodeada de montanhas. As pessoas vão para o litoral, para o campo, algumas para os chalés nas montanhas. Nós temos lá uma casa, em Cervinia, mas normalmente só a usamos no inverno.

– E praticam esqui?

– Um pouco. Mas sobretudo fazemos bons almoços. – Giovanni sorriu-lhe e voltou a encher-lhe o copo. – Deves achar-nos horivelmente ociosos. Suponho que a Mariella não te falou do trabalho que faz para instituições de caridade. Espero que nos redima um pouco aos dois.

– Não, não falou – disse Eliza, intrigada. – Que tipo de trabalho, Mariella?

– Oh... faço parte de um grupo de senhoras que angaria fundos para as crianças pobres de Milão. E, uma vez por ano, vou a Lourdes com algumas das irmãs aqui do convento e outras voluntárias, acompanhamos os peregrinos pobres na viagem. É uma longa viagem de comboio ou, por vezes, nos casos piores, de ambulância e camioneta. Precisam imenso de ajuda e alguns não têm família. Por vezes é muito triste. Mas não deixa de ser gratificante.

– Amanhã, temos uma noite mais interessante para ti – disse Giovanni, desejando claramente mudar de assunto –, alguns amigos, dois deles ingleses.

– Ingleses!

– Sim, há muitos ingleses a trabalhar em Milão. É uma cidade industrial com um ambiente internacional. Eu tento dar apoio à nossa indústria automóvel – acrescentou com um sorriso. – A Mariella tem o Fiat dela e eu tenho um Lancia. Mas na garagem temos um Rolls-Royce inglês.

Na manhã seguinte, Mariella disse que iam dar um salto a Milão.

– A Emmie pode vir, se quiseres, levamos também a Anna-Maria, e se a pequenita se aborrecer, podem ir as duas dar um passeio.

Eliza já visitara Milão em trabalho, mas, num frenesim entre o hotel, os desfiles de moda e o estúdio fotográfico, não vira na cidade mais do que uma simples irmã, ainda que cheia de classe, de Florença e Roma. Agora podia apreciá-la muito melhor, encará-la sobretudo como uma cidade elegantemente na moda, frenética e bem aproveitada pelos seus habitantes: largas avenidas, bordejadas de casas com varandas, nas quais desembocavam abruptamente outras mais pequenas e encantadoras, pouco mais que ruelas, as elegantes manchas de cores que eram as ruas da moda, os tesouros escondidos da via della Spiga, do Corso Venezia, da via St. Andrea; os súbitos vislumbres de pátios privados, tranquilos e arborizados, abrindo para ruas movimentadas; os elétricos cor de laranja com os seus faróis brilhantes, percorrendo a cidade; os palazzos, grandes e pequenos, o vasto espaço aberto ocupado pela Duomo, a intrincada catedral branca como um bolo de noiva, encimada por La Madonnina – e a extensa colunata curva da rua comercial mais famosa de todas, a galleria Vittorio Emanuele, que partia dali, proporcionando um género de culto bem diferente. E tudo isto banhado pela brilhante e límpida luz da outonal Milão.

E as mulheres milanesas: chiques, elegantes, com as suas feições poderosas e cabelo maravilhoso, os casacos de bom corte, écharpes de cores garridas e botas de couro de salto alto. Era um festim visual; Eliza deu por si a suspirar constantemente de prazer.

Ao que parecia, a principal preocupação de Mariella era preparar-se para a Season milanese.

– Começa a 7 de dezembro, todos os anos, no dia de Santo Ambrósio, o santo

padroeiro de Milão. Toda a gente vai ao La Scala, é o grande evento social do ano. É sempre Verdi, embora muito ocasionalmente apresentem Rossini. Estão presentes chefes de estado e muitas vezes monarcas de outros países. Pelo menos de França e da Áustria, e acho que às vezes a tua rainha também vem. Na véspera há festas faustosas e muitas depois, claro. Como podes calcular, há que ter muitos trajes diferentes. Hoje vamos visitar a minha modista. E também tenho um encontro com a Mila Schön, a minha estilista milanesa predileta. Pensei que talvez te interessasse. Mas, antes disso, vamos tomar um café no Cova. Vais gostar.

Anna-Maria levou Emmie a dar vários passeios curtos e visitaram a modista de Mariella, onde ela provou seis vestidos compridos, três de seda e três de cetim; em seguida, encaminharam-se para o atelier de Mila Schön, onde ela encomendou dois saia-casaco de cerimónia; e por fim foram ao Sebastien, na via Montenapoleone, comprar sapatos.

– Não compras nada? – perguntou Mariella.

– Não, não posso. Já gastei o dinheiro para roupa do próximo ano.

– Nesse caso, vou-te comprar um pequeno presente. Umas luvas? Uma carteira, talvez? Isso, vamos à Prada. Temos de percorrer a galleria Vittorio Emanuele, é absolutamente fundamental.

– Sim, eu sei – disse Eliza, subitamente ansiosa para não parecer uma atrasada em termos de moda.

– Sim, claro que sabes, mas também liga dois grandes marcos da cidade, La Scala e a Duomo. Vamos. Olha, a pequenina está a dormir no carrinho. Olha ali, o Rinascente, os nossos grandes armazéns. Olha para as montras, Eliza, não são magníficas? Apresentam as criações de um jovem promissor, Giorgio Armani. É um estilista que, na minha opinião, há de ir longe. Vamos, para a Prada.

Mariella encaminhou-se para a Prada, através da grande arcada abobadada da galleria, conduzindo Eliza para o interior. Anna-Maria afundou-se numa cadeira num dos cafés das imediações.

Mariella era bem conhecida na Prada. Seguiu-se uma série de saudações e uma rajada de italiano; num abrir e fechar de olhos, surgiram no balcão cinco carteiras.

– Aí tens, cara. Escolhe. Precisas de uma carteira. A que trazes não é digna de ti.

– Ah – disse Eliza, encantada com a ideia de ser digna de uma carteira, e, protestando um pouco mais, desistiu e decidiu que seria rude não aceitar.

A que escolheu era uma fabulosa mala num material bastante suave. – Acho que consegues meter aí o armário da cozinha – observou Mariella. – Porque não uma peça um pouco mais chique?

– Não, é exatamente o que eu quero, por favor – disse Eliza –, e hoje em dia tenho muitas vezes de levar o armário da cozinha comigo. Por isso...

– Bene – disse Mariella. – Pois seja essa então, com muito amor.

Saíram, sem que aparentemente tivesse tido lugar qualquer transação monetária.

– E agora – disse Mariella –, vamos almoçar?

– Não sou capaz de comer – disse Eliza, rindo –, e acho que a Emmie já almoçou várias vezes.

– Nesse caso, tomamos chá mais cedo e vamos para casa. Prepararmo-nos para o jantar.

O jantar foi divertido, tendo sido o inglês a língua franca, num claro gesto de cortesia para com Eliza: os convidados incluíam um delicioso casal italiano, uma editora de moda da Vogue italiana, chamada Allessandra, e o marido banqueiro; uma italiana amiga de Mariella que já fora bailarina e que se comportou com grande requinte até ter bebido alguns copos de vinho, tornando-se então bastante brejeira e cantando até, a dado momento, uma canção de Billy Holiday bastante bem; e um inglês chamado Timothy Fordyce, que trabalhava, como Eliza descobriu, em publicidade. E não só em publicidade mas na KPD de Milão.

– Não posso crer – disse Eliza, rindo-se. – Não fazia ideia que tinham uma sucursal em Milão.

– Têm – disse Fordyce. – A KPD está em todo o lado. Conhece a de Londres, claro.

– Claro. Um... um amigo meu, um grande amigo aliás, trabalhava lá. O Jeremy Northcott. Agora está em Nova Iorque...

– Ah, o Jeremy. Sim, encontrei-me com ele algumas vezes. Agora dirige os escritórios lá, estava previsto só ficar seis meses, mas não o deixam vir embora. Diga-me, ele já se casou? Ouvi dizer que uma beldade inglesa lhe partiu o coração, é verdade?

– Hum... é possível – respondeu Eliza.

– A beldade inglesa, Timothy – disse Mariella –, está sentada ao teu lado.

– Não! Deus do céu! É verdade, era a Eliza?

– Pode ter havido outra entretanto – disse Eliza, pouco convicta. – Não sei.

– Realmente o mundo é muito pequeno – disse Timothy Fordyce. – Estou morto por estar com ele. Daqui a umas semanas parto para Nova Iorque, há uma grande conferência da agência.

– Nesse caso, dê-lhe os meus... os meus cumprimentos.

– Esteja descansada. E a Eliza é casada?

– Sou. Que faz então na KPD? – perguntou ela. – Trabalha no departamento de gestão de clientes?

– Trabalho. Ocupamo-nos dos clientes internacionais. Há várias agências inglesas em Milão, a McCann's, a JWT. Os diretores criativos também são todos ingleses, aqui não dão importância ao design gráfico nas escolas de arte, só ensinam as matérias clássicas. E a Eliza, que faz?

– Eu e a Eliza conhecemo-nos em Paris – explicou Mariella. – Ela é uma editora de moda muito famosa.

– Onde?

– Numa revista chamada Charisma.

– Charisma! Não! É uma revista fantástica. Absolutamente fantástica. As páginas de moda são incríveis. Sim senhor... parabéns!

De súbito, Eliza sentiu-se muito triste, um pouco como a Cinderela no baile, mas menos afortunada, pois não havia príncipe que pudesse salvá-la e conservá-la neste reino encantado. Depois disse a si mesma que estava a ser absurda e que não estava aqui para entrar em depressão mas para estar bem-disposta e não desiludir os seus anfitriões.

Adormeceu com as cortinas abertas, a lua cheia banhando a cama de luz. Emmie dormiu uma noite tranquila; uma nota na almofada de Eliza dizia que, se ela quisesse dormir até tarde, bastava chamar Anna-Maria quando Emmie acordasse.

Ocorreu-lhe a ideia, fugaz e espontânea, de que, se se tivesse casado com Jeremy, a sua vida seria semelhante a esta.



Adrian morreu quando estava a ouvir a notícia do assassinato de Bobby Kennedy, tendo chamado por Sarah para lhe fazer companhia.

– Quem teria imaginado um acontecimento tão trágico? – disse ele. – Apenas cinco anos depois do irmão. Que coisa terrível. Deve ser um sofrimento insuportável para a família. Nós tivemos sorte – disse ele, numa voz débil mas alegre, pegando-lhe na mão –, fomos poupados a esse tipo de sofrimento, ainda nos temos um ao outro e os nossos... os nossos...

– Filhos – disse Sarah no silêncio, pois era agora frequente ele perder o fio à meada. Porém, quando se virou para lhe sorrir, não obteve resposta, apenas um olhar inexpressivo; e viu a cabeça dela descair para o lado e o corpo afundar-se pesadamente para o outro, ainda de mão dada com ela.

Permaneceu sentada por alguns momentos, ouvindo atentamente o relato dos acontecimentos no Ambassador Hotel de Los Angeles e reconhecendo a muito maior importância do que acabara de acontecer na sua própria cozinha, mas ainda incapaz de enfrentar a realidade e as diligências que inevitavelmente se seguiriam.



E Eliza recebeu a notícia, não através de um telefonema em pânico a meio da noite, como sempre recebera, mas de um quase anormalmente calmo, a meio da manhã; uma voz frágil e triste que era quase reconhecível como sendo a de Sarah, dizendo-lhe que o pai estava no hospital e não se previa que passasse desse dia.

Ela e Charles chegaram demasiado tarde para se despedirem dele. Sarah estava calma, claramente chocada e aliviada em igual medida; passaram os três o resto do dia a conversar, recordando, rindo, chorando, revivendo a felicidade da infância e da vida familiar que fora o maior legado que Adrian lhes deixara.

O funeral, uma semana mais tarde, foi maravilhoso. A pequena igreja estava cheia, com pessoas em pé ao fundo e até no pórtico, as flores arranjadas com especial cuidado pelas senhoras da paróquia, o vigário elogiando com entusiasmo a coragem de Adrian durante a sua doença e as suas notáveis virtudes como administrador do património da paróquia, a sua generosidade, tanto pelo tempo dedicado como pelos produtos frescos de Summercourt (ovos e morangos) para a festa da aldeia, as suas competências diplomáticas enquanto conselheiro paroquial.

Charles, pálido e muito nervoso, falou das suas recordações do pai de criança e adulto e disse que a sua vida fora moldada por Adrian e pela vida ao seu lado em Summercourt; Eliza falou breve mas ternamente do feliz e duradouro casamento dos pais e do facto de se terem casado na mesma igreja, quase quarenta anos antes.

– Muito pouco tempo, claro – disse ela, relanceando fugidamente para a mãe e sorrindo –, mas ainda assim tiveram a sorte de ter durado mais do que muitos outros.

Sandra e Pete estavam presentes, Pete genuinamente triste pela perda de um novo amigo; Anna e Piers Marchant também compareceram, Anna surpreendentemente calada, embora tivesse ido abraçar Matt e Eliza, dizendo a Matt que estava encantada por vê-lo e repreendendo Eliza por não aparecer com ele para jantar, e Piers apertou-lhe a mão com força e disse que esperava que toda a família compreendesse tudo o que Matt fizera por Sarah.

– É uma sorte poder contar contigo, meu caro, essa é que é a verdade. Vemo-nos mais logo lá em casa. Para tomar uns copos, eh? Gostava de saber o que pensas deste tipo, o Roy Jenkins. Cinco xelins por uma garrafa de whisky, imagine-se! É uma roubalheira!

Emmie tinha ficado entregue aos cuidados da velha ama de Charles e Eliza, que não podia participar em longas cerimónias por causa do seu pequeno problema, como dizia. – Incontinência – sussurrou Eliza a Matt –, mas a Emmie fica lindamente com ela, vão jogar o jogo das serpentes e escadas e a senhora do catering prometeu estar de olho nas duas.

Mas, quando se afastaram colina acima, Emmie ficou junto do grande portão lavada em lágrimas.

– Estava tão triste que não consegui jogar – disse ela.

Era talvez um tributo perfeito a Adrian, o homem de família.

Sarah chorara copiosamente durante o serviço religioso, mas, mais tarde, na festa em Summercourt, parecia surpreendentemente animada, circulando efusivamente pela sala e agradecendo a ajuda e a generosidade de todos.

– Pobre mãe – disse Eliza a Matt, olhando para ela, quando as pessoas começavam a

partir –, ainda está em estado de choque. Agora, claro, vai ter de se mudar, não pode continuar aqui. E o Charles não tem dinheiro para manter a casa, vai ter mesmo de se desfazer dela.

– Mas pensei que não podia ser vendida. Por causa do tal fideicomisso.

– E não pode. Enquanto a minha mãe estiver viva. Ela tem poder de nomeação, o que quer dizer que pode nomear quem fica com ela... mas mesmo assim não vai haver dinheiro para obras. Eu sei que foste um anjo e arranjaste o telhado, mas a casa precisa de muitas mais reparações. Acho que temos uns primos do Canadá que podem ficar com ela. Claro que os administradores terão de concordar. Pode dizer-se que é uma espécie de cálice envenenado. E... quem sabe se eles fazem as coisas em condições? Como nós gostaríamos.

– Eh, calma aí – disse Matt –, se a casa for parar às mãos de outras pessoas que vão investir nela, porque é havia de ser à vossa maneira?

– Porque é Summercourt – disse Eliza. – Porque é nossa.

– Mas deixaria de ser vossa.

– Matt – disse Eliza –, Summercourt há de ser sempre nossa. Mesmo que vivam aqui outras pessoas. Digo eu, imagina que decidiam... oh, não sei, instalar janelas modernas para que a casa ficasse mais quente. Seria intolerável. E um erro. Não compreendes.

– Tens razão, não compreendo – disse Matt. – Se fosse minha, podes crer que instalava o tipo de janelas que quisesse e pintava a porta de azul e cor-de-rosa, se me apetecesse. Vocês são mesmo o cúmulo. Eliza, se o meu pai vendesse a nossa casa, achas que tinha o direito de se pôr à porta a dizer ao novo proprietário que não pintasse a porta da rua de verde só porque preferia o vermelho? Claro que não. Pois é, Eliza, se achas que ter crescido numa casa que já não tens dinheiro para manter te dá o direito de dar ordens a quem tem, é bom que penses duas vezes. Bom, agora vou buscar uma bebida e arranjar alguém com quem possa ter uma conversa razoável. Onde está a Emmie?

– Está com a ama. A jogar batalha, da última vez que espreitei.

– Eliza, a velhota é praticamente paralítica. Sabe-se lá o que pode ter acontecido. É melhor ir dar uma olhada.

– Isso, vai. E não tenhas pressa em voltar – disse Eliza. Subitamente, sentiu-se asfisiada pelas lágrimas; olhou para ele a dirigir-se para a cozinha. Às vezes era um autêntico estupor; parecia ter-se esquecido completamente que o seu pai fora a enterrar hoje.



Algumas semanas mais tarde, Charles ligou a Eliza, pedindo-lhe para se encontrarem.

– Charles, gostava imenso de estar contigo. Podes cá vir, se quiseses. A Emmie anda

agora no jardim-escola, felizmente, e as manhãs são extremamente tranquilas.

– Com muito gosto. E o Matt?

– O Matt nunca está – disse Eliza com censura.



– O casamento acabou – disse ele, sentando-se e suspirando profundamente. – A Juliet quer o divórcio.

– O quê?

– Sim, anda com outro. Um tipo rico, sul-africano, banqueiro. Pelos vistos, casou-se comigo pelo dinheiro que eu não tenho. Oh, Eliza, sinto-me um idiota chapado. Tivemos discussões violentas, sempre por causa do dinheiro...

– Mas... não entendo. Que é que ela quer?

– Uma pequena fortuna. E enganou-se quando pensou que a tinha encontrado comigo. Summercourt, a família, o meu trabalho na bolsa... tudo junto na cabeça dela era sinónimo de dinheiro. Um erro monumental. E eu... eu caí na esparrela.

– Oh, Charles, sinto muito. Deves sentir-te péssimo.

– O pior é que a amava sinceramente. Ela fazia-me bem ao ego. Fazia-me sentir mais forte, mais bem-sucedido. Mas, no fundo, sou um desastre, Eliza. Se alguém devia ganhar dinheiro, era um corretor da bolsa. E eu perdi milhares. Não fui capaz de lidar com a minha mulher, impedi-la de gastar rios de dinheiro que não tínhamos, meti simplesmente a cabeça na areia à espera de que as coisas se compusessem. O pai dela teve de me safar em duas ocasiões. Apostei dinheiro na bolsa, dinheiro que não tinha, e perdi tudo; e depois... sei lá, sentia-me tão deprimido que comecei a ir às corridas com clientes, sempre foi uma coisa que gostei de fazer, e comecei a correr riscos financeiros com os corretores de apostas. Para tentar animar-me, no fundo, e até ganhei algum dinheiro. Mas a maioria das vezes foi uma desgraça. Tínhamos acabado por perder a casa se o Geoffrey não tivesse acudido mais uma vez. Mas foi um empréstimo e agora tenho de lhe pagar.

– Apesar de a filha te deixar por outro homem? Oh, Charles. Sinto muito. Devias ter pedido ao Matt.

– Não podia. O Judd pelo menos sabia que eu era um desastre. O Matt respeita-me, sabe Deus porquê. Pelo menos, acho que respeita.

– É verdade – disse Eliza.

– Adiante, a última gota, perdi o emprego, disseram-me que não me estava a esforçar o suficiente. Por isso, a partir do fim do mês, estou desempregado.

– Mas... mas... – A cabeça de Eliza era um remoinho. – Para começar, porque é que a Juliet se quer divorciar de ti? Porque não o contrário?

– O pai insiste nisso, diz que tenho de proceder corretamente, dar-lhe um motivo. E em

troca ela não exige pensão de alimentos. E opai paga as custas do tribunal. É o acordo. Não estava em posição de objetar. Oh, Eliza... – Subitamente, ficou sem voz e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. – Amava-a tanto, não imaginas. É o pior, pensar que ela não me amava.

Eliza permaneceu ali sentada, com os braços à volta dele, incapaz de o confortar. Finalmente disse: – Que é que vais fazer a respeito... a respeito do emprego?

– Oh – disse ele, parecendo um pouco mais animado. – Vou experimentar o ensino. Tenho uma licenciatura e posso conseguir trabalho numa escola preparatória, com toda a facilidade, ao que parece, a dar aulas de História. Vou gostar de certeza. Mas o salário não é grande coisa. E não ajuda com Summercourt, isso é mais do que certo. O Matt tem sido fantástico, não tem?

– Sim, tem – concordou Eliza sem qualquer entusiasmo. Ainda se sentia aturdida. Charles, o irmão mais velho que adorava, transformado num falhanço na penúria. A ideia era intolerável. Que iria Matt dizer?



Matt, previsivelmente, reagiu de uma maneira bastante chocante. – Se queres saber, não me surpreende. Gosto do Charles, mas o problema dele é que é demasiado bem-educado. Se fosse comigo, não deixava a minha mulher gastar dinheiro que não tinha.

– Ai não? – disse Eliza.

Matt não reagiu ao tom dela. – E nunca devia ter deixado o sogro tomar conta da situação...

– Matt, que outra coisa é que ele podia fazer?

– Para começar, podia ter vendido aquele apartamento miserável, dizer à Juliet que não podia ter o raio da casa, alugar uma coisa modesta e o banco teria chegado a um compromisso com ele. Mas apraz-me saber que se vai meter a dar aulas, podes crer.

– Porquê?

– Pensei que me ias dizer que ele me ia pedir emprego. Se pedisse, que é que eu fazia?

– Davas-lhe um – respondeu Eliza. – Espero bem.

– Pois dava. Mas não o género que ele queria. Não me posso dar ao luxo de ter pesos mortos a trabalhar comigo, Eliza, e o Charles não teria sido de qualquer utilidade para mim.

– És execrável, sabias? – disse Eliza.

Mas, bem no âmago dela, era forçada a admitir que havia um fundo de razão no que ele dizia.



Era ele definitivamente. Não havia dúvida. Ali sentado, com um ar bastante animado, sorrindo à multidão de gente à sua frente: a assinar o que ela presumiu ser o nome dele nos livros que lhe eram entregues.

Em princípio, nunca teria entrado na Hatchards, a elegante livraria, mas vira na montra um novo romance de Margaret Drabble que não lera e não resistiu a comprá-lo sem demora.

Localizara-o imediatamente e depois lembrara-se de comprar um presente de aniversário para Diana e andava a vaguear pela loja quando alguém disse: – Anda à procura da sessão de autógrafos?

Ela disse que não, mas depois, não fosse o autor ser alguém famoso, decidiu dar uma vista de olhos e... pois é, Scarlett, é melhor escapares depressa antes que ele te veja.

Mas foi tarde de mais; ele tinha-a visto e os seus olhos cinzentos arregalaram-se, numa expressão de alarme. Scarlett estava prestes a afastar-se e a sair da livraria quando aconteceu uma coisa muito estranha. A princípio não acreditou e teve de pestanejar e olhar de novo para se certificar de que não era imaginação sua. Mas não: não havia dúvida, ele estava a sorrir-lhe.

Ela retribuiu o sorriso com alguma hesitação e uma das empregadas de balcão, que estava a controlar a fila, reparou que estavam a sorrir um ao outro e aproximou-se.

– Deseja comprar um livro? – perguntou, indicando um monte de livros com ar de serem caros. – É o livro de Mr. Frost. Da mesma coleção de As Minhas Viagens de Comboio Favoritas. Chama-se As Minhas Viagens a Ilhas Favoritas.

Ocorreu-lhe que ele poderia ter incluído Trisus entre as suas preferências. – Vou dar uma vista de olhos – disse ela. – Obrigada.

– Esteja à vontade. E já sabe, se o comprar, Mr. Frost autografa-lho.

O livro era muito grosso, em papel brilhante, com inúmeras fotografias a cores; Scarlett pegou nele e começou a consultar cautelosamente o índice, o que era difícil porque era enorme e pesado. Olhou por cima do ombro, com um sentimento de culpa. Mark Frost tinha deixado de sorrir e estava a observá-la atentamente. Ela pousou rapidamente o livro e, para seu horror, reparou que a empregada estava novamente a aproximar-se.

– Não, acho que não estou interessada, obrigada – disse ela.

– Ah, muito bem. Mas tenho uma mensagem para si de Mr. Frost. Diz ele que Trisus está na página setenta e dois.

– Ah. Muito obrigada. – Sentiu as faces a arder. Raios. Agora teria de consultar o livro outra vez senão parecia falta de educação.

Abriu o livro e lá estava. Uma imagem de Trisus, de um trio de casas brancas, com o sol a pôr-se atrás, e uma gaivota a atravessar o céu. Quase que era capaz de a ouvir, o seu grito selvagem e rouco, sentir o calor, inalar o aroma das ervas aromáticas. Era uma fotografia gloriosa; virou-se para Mark Frost, num momento de puro e desinibido deleite.

Ele voltou a sorrir.

– Acho que sempre vou comprar um – disse ela à empregada.

– Ótimo. São quatro libras e dezanove xelins e onze. Eu levo-lho para a caixa. Quer pagar em dinheiro ou por cheque?

– Por cheque – disse Scarlett firmemente. Quase cinco libras. Por um livro. Devia ter perdido a cabeça.

Juntou-se à fila sentindo-se um tanto tola; só estavam três pessoas à sua frente.

– Olá – disse ele quando ela finalmente chegou à mesa, tirando-lhe o livro da mão.

– Olá. É... é um livro muito bonito.

– Obrigada. Neste momento... não, já sei o que escrever.

Escrevinhou com grandes letras inclinadas a tinta espessa e preta e entregou-lho.

– Aí tem. Espero que goste.

– Hei de gostar. Então, obrigada.

– Obrigado por comprá-lo. Talvez um dia voltemos a encontrar-nos lá. Em Trisus, digo.

– Talvez. Quem sabe?

Saiu da livraria, com o livro num grande saco de papel castanho. Estava desejosa de ver o que ele tinha escrito, mas não podia parar no meio da rua para ver, era demasiado pesado e, além disso, estava a chover. Entrou na Lyons Corner House em Piccadilly Circus, sentou-se a uma das mesas e abriu o livro. E sorriu de prazer.

«Para Miss Scarlett, de Mark Frost, um vizinho.»

Miss Scarlett. Era como Demetrios e Larissa a tratavam. Era simpático ele ter-se lembrado. Realmente ele tinha... tinha charme, de uma maneira discreta. Sentiu-se sensibilizada, ficando ali a olhar para a dedicatória, para a tinta preta no papel branco, para a caligrafia irregular com o seu nome escrito. E foi então que aconteceu.

Uma das empregadas de mesa colidiu com outra, ambas transportando chávenas de café: as duas chávenas caíram sobre o livro. Sobre o precioso livro de cinco libras.

– Oh, minha senhora! Peço imensa desculpa. Que horror, que falta de cuidado a minha. Valha-me Deus!

Uma delas pôs-se a limpar atabalhoadamente o papel manchado de castanho, esborratando a dedicatória ao ponto de a tornar ilegível; a outra tentou limpar a mesa e o café pingou para a nova carteira da Fenwick de Scarlett. De repente, ela teve um ataque de fúria.

– Parem com isso, sim? Estão a fazer pior. Parem!

– Que é que se passa, Doreen? – Era o gerente, um homem pomposo e corado.

– Entornei café, Mr. Douglas, no livro desta senhora.

– Lamento imenso, minha senhora. Podemos oferecer-lhe um café para a compensar?

– Um café? – disse Scarlett, perdendo completamente a calma. – Acha que um café

compensa um livro de cinco libras? Não seja ridículo. Acabei de o comprar...

– Sim, compreendo. Que aborrecimento.

– Aborrecimento? É muito pior do que isso. Se quer saber, acho que me deve pagar o livro.

– Sinto muito, minha senhora, mas isso não é possível. Talvez uma ajuda... queira aguardar.

Afastou-se e, depois de muito tempo, apareceu a sorrir. – Acabo de falar com o nosso diretor regional e ele diz que, se quiser escrever uma carta a explicar o que se passou, ele analisa o assunto e talvez lhe envie um vale de parte do valor. Infelizmente, é o melhor que posso fazer.

– É um melhor muito mau – disse Scarlett, fulminando-o com o olhar.

O café estava agora num silêncio total, todos os olhares fixos nela. Scarlett pegou no livro arruinado e saiu.

Na rua, deu por si à beira das lágrimas. O seu belo livro com a simpática dedicatória... destruído. Para piorar as coisas, estava a chover ainda mais torrencialmente e o saco de papel castanho estava a ficar encharcado e a capa molhada.

– Merda! – exclamou Scarlett em voz alta, atirando tudo para um cesto do lixo.

– Era assim tão mau? – disse uma voz. – Que embaraçoso! – Era Mark Frost.



Cinco minutos mais tarde, estavam de volta à Hatchards. Foi localizado outro livro e a dedicatória foi novamente escrita, ante os protestos vãos de Scarlett, que estava assustada com a ideia de se separar de mais cinco libras.

– Não, não – disse Mark Frost, quando ela se pôs a remexer na carteira à procura do livro de cheques. – A editora dá-me sempre uma dezena de cópias gratuitas, depois trago uma para aqui.

– Mais uma vez obrigado pela sua presença, Mr. Frost. – Era o gerente. – Foi um grande sucesso.

Mark Frost entregou o livro a Scarlett. – Agora se me dá licença...

– Esteja à vontade – disse Scarlett. – Já lhe tomei demasiado tempo. E muito obrigada.

– Não tem de quê. E... talvez em Trisus, não? Tenciona lá voltar este ano?

– Oh, não sei.

– Eu vou lá estar em outubro. Em princípio, a minha casa fica concluída nessa altura. Já não era sem tempo. Bem, até à vista.

Mais uma vez, o surpreendente sorriso; e depois desapareceu. Ela sentiu-se um tanto esquisita. Abalada. Como se alguém tivesse dado uns safanões às suas emoções.

– É um homem encantador, não é? – disse o gerente. – E um escritor maravilhoso, não acha?

– Sim, maravilhoso.

– Foi agora ter com Mrs. Frost – disse o gerente. – Conhece-a? É uma poetisa genial.

– Hum... não.

– Uma mulher notável. E ele é-lhe extraordinariamente dedicado.

Scarlett teve dificuldade em dominar o impulso de espetar com o novo livro na mesa com uma pancada.

Encaminhou-se para Piccadilly, sentindo-se absurdamente deprimida. Mais um maldito homem casado, dedicado à mulher. Não era justo. Não, não era justo.



– Olá, Eliza. É a Annunciata. Já sabes a última?

– Claro que não – disse Eliza –, alguma vez sei a última? Foi o Papa que fugiu para casar?

Era uma piada batida entre elas.

– Muito mais emocionante. O Jack vai-se embora.

– Não! Não posso crer! Para onde é que ele vai?

– Novamente para Fleet Street. Diz que não aguenta mais tantas hormonas. É mesmo típico dele, pelos vistos ainda nem sequer tem para onde ir.

– A sério? E tu, como é que te sentes?

– Deprimida – disse Annunciata. – É o fim desta revista tal como a conhecemos.

Eliza sentiu que também era o fim da sua vida tal como a conhecia. A Charisma continuaria certamente; viriam outros editores e moldá-la-iam de acordo com as suas visões; era perfeitamente possível que tivesse imenso sucesso, mas seria diferente. A extraordinária fusão da genialidade e beligerância de Beckham, trazidas de Fleet Street, do intelectualismo ligeiramente decadente de pessoas como Annunciata e da espantosa precocidade visual do departamento artístico e mesmo de Eliza, havia transformado a Charisma em muito mais do que uma revista. Era um fenómeno atentamente acompanhado, admirado e imitado, um meteoro em chamas através do firmamento dos anos sessenta; era um símbolo absoluto do seu tempo, criado por ele e contribuindo para ele, e nunca mais se veria nada igual.

Eliza sabia que fora uma privilegiada por ter feito parte do projeto, ele moldara-a como ela, ainda que modestamente, também o moldara a ele; mas o seu tempo, juntamente com a década que o vira nascer, estava a chegar ao fim.

A simetria perfeita tornar-se-ia numa recordação; e tal facto entristecia-a profundamente.



Jimbo apresentara a sua demissão. Ou antes, como Louise observou com uma certa

aspereza, saltara antes de ser empurrado, quando Matt já andava cansado das suas frequentes ausências causadas pelas suas crescentes responsabilidades familiares. Estas haviam atingido o ponto máximo quando ele fora chamado a casa, uma tarde, para olhar pelo filho pequeno enquanto a mulher levava a mãe ao hospital por causa de um braço partido.

Matt, que organizara uma reunião com um novo e importante cliente potencial, entrou em polvorosa.

- Então, onde está esse inútil desmiolado a quem ele chama assistente?
- Numa reunião de obra – disse Louise, apanhada mais uma vez no fogo cruzado.
- Valha-nos Deus.
- É capaz de ajudar. Deus, digo eu, não o Terry.
- Não é momento para graças, Louise.

Saiu do gabinete dela, a gritar pela secretária, uma rapariga decididamente jovial com pernas robustas e nervos de aço. – Sally, ligue-me ao Jimbo, se faz favor. Pelos vistos, está em casa. E passe a chamada para o meu gabinete.

Louise, passando pela secretária de Jenny, ouviu o escarcéu familiar que chegava de trás da porta fechada de Matt e piscou-lhe o olho.

Matt teria ficado menos zangado com Jimbo se fosse a primeira vez que ele corria para casa a um estalar de dedos de Roberta. Mas era a última de uma longa série de exigências da sua presença em vários bar mitzvahs, aniversários e, naturalmente, nos jantares de sexta-feira.

– És meu sócio, Jimbo, pelo menos no papel, e não andas a fazer jogo limpo – disse Matt. – Talvez fosse boa ideia explicares à Roberta que é o teu salário que paga a casa onde ela vive, com duas cozinhas e o resto, e que sem ele talvez não tivesse uma vida tão folgada.



Três semanas mais tarde, Roberta ligou a Jimbo a dizer que Mikey, o filho mais velho de ambos, estava com febre e queria a presença do pai; Jimbo considerou as hipóteses que teria na firma do sogro e tomou uma decisão.

- Lamento muito, Matt – disse ele. – Lamento muito.
- Hás de lamentar – disse Matt secamente. – Que pré-aviso tens de dar?
- Seis meses, acho eu. Mas não tenciono esperar tanto tempo. Assim que me libertares, começo a trabalhar com o velhote.
- Que velhote?
- O pai da Roberta. Ofereceu-me sociedade e uma participação substancial na empresa.
- Pois, muito conveniente, não? Caiu do céu essa proposta?

– Não – disse Jimbo –, não, já tem mais de um ano. Mas eu não queria. Continuo a não querer. O que quero é uma vida sossegada e a Roberta não vai dar enquanto eu não entrar para a firma da família. Desculpa, Matt. Mas... suponho que são as tribulações da vida de casado.



Victor Johnson olhou para David Berenson do outro lado da secretária. A sua expressão era um misto da autoconfiança e da astúcia que o haviam transformado num dos advogados de divórcio mais bem-sucedidos dos estados sulistas da América do Norte.

– Ainda bem que me contou tudo isso, David – disse ele. – E dado que a sua mulher contratou um detetive privado, é uma pena que não o tenha feito antes. Acho que precisa de ter essa jovem do seu lado. Qual é a disposição dela agora em relação a si?

– Muito pouco calorosa.

– Certo. Enfim, é um cenário bicudo se vier a lume. Sobretudo o facto de lhe ter dado esse dinheiro.

– Não tive alternativa – disse David, defendendo-se.

– Não, e pode avisá-la que a chantagem é um crime. Mas... quanto a isso, até lhe pode dar xeque-mate. Veja se consegue convencê-la a não abrir a boca. Pode ser que precise de mais algum dinheiro para o negócio dela. Acha que seria uma solução?

– Talvez – disse David. – Bem pensado.

– Certo. Veja o que consegue. – Johnson esboçou o seu sorriso felino. Não era por acaso que tinha a alcunha de «Victory Johnson».



Eliza perguntou a Matt se ele ia dar sociedade a Louise; ele respondeu que não queria falar sobre o assunto.

– Porquê?

– Bom, presumo que estás preocupada com os seus direitos. Queres que lhe sejam reconhecidos. – O seu olhar, do outro lado da mesa, denotava desconfiança.

– E se quisesse?

– Já conheces a minha opinião sobre tudo isso.

– O quê, que as mulheres não têm lugar no mundo real? Que existem para procriar e cozinhar para os homens e olhar por eles?

– É uma boa síntese – disse ele.

Eliza tivera um dia difícil com Emmie e sentiu-se subitamente irritada.

– Já sei que estás a tentar arreliar-me – disse ela –, mas continuo a achar isso ofensivo. Não te entendo, Matt. A Louise é tão importante para a tua empresa como o Jimbo era.

- Sim e não – disse ele. – Numa perspetiva exterior, que é importante, não é. Nunca faríamos grandes negócios se dependesse dela. Ela não inspira confiança às pessoas.
- Mas tu podes ajudar a alterar isso. Se lhe deres agora sociedade.
- E a que propósito é que eu havia de querer alterar isso? É assim que o mundo funciona, Eliza. As mulheres nunca, mas nunca, hão de governá-lo, e eu sou dos que acham que não devem.
- Porque devem ficar em casa a ter filhos?
- Por amor de Deus, em última análise é o papel delas.
- Não, Matt, não é. Uma coisa não tira a outra. Detesto ouvir-te falar assim e detesto o que as tuas ideias fizeram à minha vida e o que me obrigaram a renunciar.
- Já cá faltava essa.

A discussão foi longa e azeda e só acabou quando Matt apareceu à porta do quarto de hóspedes para onde Eliza se retirara, como acontecia cada vez com mais frequência, pedindo desculpa e dizendo que a amava. E que tentaria pelo menos ser mais compreensivo. – Embora continue a pensar que seria errado deixares a Emmie quando ela é ainda tão pequena – acrescentou.

- Pois, foi o que calculei – disse ela, mas conseguiu pelo menos esboçar a sombra de um sorriso.
- E entretanto tenho uma pequena ideia para agora.
- Também já tinha calculado. E se eu não quiser?
- Farei tudo para te convencer – disse ele – e, se falhar, tentarei ainda mais.

Sentou-se na cama e inclinou-se para a beijar. Contrariada, ela deu por si a reagir e depois repeliu-o.

Ele deixou cair a cabeça nos seios dela; começou a lambe-lhe os mamilos; ainda zangada, ela afastou-o, mas não sem que antes a familiar agitação do prazer se fizesse sentir; ele percebeu e desceu até à barriga, beijando-a.

- Quero-te – disse ele –, quero-te muito. Muito mais do que mais. Perdoa-me, Eliza, perdoa-me. Sou um bruto.

Ela soltou subitamente uma risadinha. – Não acredito que te consideres seriamente um bruto.

- Não, claro que não considero. Mas lamento ter-te incomodado tanto.
- Sais sempre a ganhar, não sais? – disse ela, saindo da cama e abrindo os braços –, sempre, sempre.
- Até agora – disse ele.

Mais tarde, ele disse-lhe que esperava que ela soubesse a que ponto a amava. Eliza respondeu que por acaso não sabia e perguntou-lhe se ele tinha consciência de que os únicos momentos em que lho dizia eram precisamente estes. – Não vês, é sempre depois de uma discussão, depois do sexo, quando te sentes ensonado e sentimental. – Ele ficou

tão chocado que acendeu a luz, se esforçou por se sentar e a fitou, com uma expressão de tão agudo remorso que ela soltou uma gargalhada.

– Não é verdade, pois não?

– Matt, é absolutamente verdade – redarguiu ela. – Tenta dizer-me numa altura normal. Como ao pequeno-almoço.

– Nunca te vejo ao pequeno-almoço.

– É verdade. Quando estivermos a ver televisão então.

– Estás sempre a dormir.

– Também é verdade. Pronto, quando andarmos no parque. Com a Emmie.

– Vou tentar lembrar-me.

Ela acabou por esquecer o episódio, mas, da vez seguinte em que estavam a dar de comer aos patos em Richmond Park, ele pegou-lhe subitamente na mão e disse: – Amo-te, Eliza.

– Não posso crer – disse ela, extremamente sensibilizada –, lembraste-te. Matt Shaw, também te amo.

– Ótimo. Mas agora não fiques a contar que eu ande sempre a dizê-lo.



Jack Beckham convidara Eliza para a sua festa de despedida.

A primeira reação dela ao convite foi de surpresa por ele se ter lembrado dela; a segunda foi de prazer por ele desejar a sua presença; e a terceira foi de séria dúvida sobre se queria realmente ir.

Vinha-se sentindo cada vez mais desmoralizada. Em teoria, tinha uma vida estupenda; e quase todos os dias se atirava determinadamente a várias tarefas: encontrar a nova casa que Matt queria, tendo até feito uma oferta por uma maravilha de quatro andares em Fulham, muito perto do rio, averiguar escolas, levar Emmie às aulas de ballet, a atividades musicais e a aulas de equitação, comprar-lhe roupa e, claro, estar com as amigas. Sim, as amigas. As raparigas com quem crescera, agora prematuramente envelhecidas, todas elas versões estridentes das mães, casadas com cópias a papel químico dos pais; era frequente sentir uma espécie de claustrofobia, um desespero perante a vida em que se via encurralada, e apresentar desculpas para se ir embora.

A sua única amiga verdadeira era Heather. Guardava com genuína ansiedade os seus encontros semanais, num grupo de mães e filhos, e os piqueniques e passeios até aos baloiços que ambas faziam quando estava bom tempo. Admirava Heather mais do que qualquer pessoa que alguma vez tivesse conhecido: a sua coragem, boa disposição e qualidades de mãe.

E, sempre que Eliza deixava as duas no apartamento de Heather, olhava para trás, vendo-a à porta com a tinta a descamar e a maçaneta meio partida, a sorrir alegremente

e a acenar, com Coral ao lado, o cheiro dos baldes do lixo e das sanitas misturando-se no ar, sobretudo no verão, e interrogava-se como alguma vez se poderia queixar do que quer que fosse.

O que finalmente a levou a decidir-se foi o facto de Matt se ter oferecido para ficar com Emmie; era uma concessão tão extraordinária que achou que não podia recusar.

Comprou um vestido novo, arranjou o cabelo e chamou um táxi, sentindo-se de novo como uma pessoa decente, e depois demorou-se vários minutos na rua, armando-se de coragem para entrar.

Uma vez lá dentro, deteve-se a absorver tudo, sentindo-se bastante inebriada com o ambiente: as exclamações de reconhecimento, os beijos, os abraços, as observações maldosas – «Aquela rapariga pensará mesmo que as pernas dela merecem aquele vestido?», «Já era tempo de ele arranjar outro namorado, aquele fá-lo parecer um velho.»

O ar estava saturado do cheiro a tabaco, marijuana e perfume caro. Durante duas horas, ela mal se mexeu: limitou-se a estar ali, deixando-se beijar e abraçar, recebendo bebidas e ouvindo elogios e demonstrações de saudade.

Jack aproximou-se e deu-lhe um fortíssimo abraço. – Rapariga estúpida – disse ele –, estúpida que nem uma porta. Se ainda aqui estivesses, era muito capaz de não me ir embora, sabes?

– Sim, claro que sei – disse Eliza.

– Queres trabalhar para mim no News?

– Não sabia que ias para o News.

– Vou. Editor adjunto, especialmente incumbido de artigos de fundo. O que significa moda. Pago-te quatro vezes mais o que recebias aqui. E fazia-te famosa.

– Não, Jack, não.

– Porque não? A anã deve estar quase a ir para a escola. – Ele chamava anãs a todas as crianças.

– Não, tenho muita pena. Seja como for, estou a planear ter outro em breve.

– Santo Deus! Não acredito que gostes de olhar por eles. Mais do que gostavas disto?

Eliza passou os olhos pela sala, pela sala apinhada, colorida, luminosa, pelas pessoas que a faziam rir, que a entusiasmavam e inspiravam, com quem sentia afinidades intelectuais, que queriam o mesmo que ela, se preocupavam com as mesmas coisas, as pessoas com quem se sentia bem, e levantou os olhos para ele firmemente.

– Não é exatamente gostar.

– Então que é?

– Oh, Jack, não sei. Estou a tentar ser uma boa mulher. Mais nada.

– Estás a desperdiçar a tua vida – disse ele –, se queres saber.

Surpreendentemente, quando Eliza chegou a casa, Matt ainda estava acordado.

– Olá – disse ele, olhando para ela com uma certa apreensão. – Divertiste-te?

– Sim, muito.

– Não te esperava tão cedo.

– Não? Porque é que ainda estás a pé? Disseste que te ias deitar cedo.

– Eu sei. Pensei... que te apetecesse conversar quando chegasses – disse ele. – Conta-me tudo.

– Ah. – De repente, ela sentiu-se bastante desorientada. Não era nada característico dele.

– Deves... deves sentir saudades daquilo – disse ele, com uma ligeira agressividade. – Compreendo isso. Não sou totalmente estúpido.

– Ah – repetiu ela.

– Vejo perfeitamente que é uma luta para ti. Às vezes. Enfim, só queria que soubesses que eu sei. E que... e que respeito.

– Oh, Matt – disse Eliza, sentando-se ao lado dele, os olhos enchendo-se-lhe de lágrimas –, é a coisa mais bonita que alguma vez me disseste.

– Essa agora! Nesse caso, sou um desastre. Mas amo-te, sabes? – disse ele de súbito.

– Amo-te muito. Mais do que possas imaginar.

– E eu também te amo – disse ela –, mais do que mais do que possas imaginar.

– Então está tudo bem. Vamos para a cama?

– Acho que é uma ideia excelente – disse ela.

Era em momentos destes que ela sabia por que razão se casara com ele.



Foi organizada uma reunião com os administradores e com Sarah, Charles e Eliza para dali a duas semanas. – Vens, Matt? – perguntou Eliza. – Gostava muito que estivesse presente.

– Vou ver. Quando é? Não, tenho muita pena, tenho uma reunião importante em Slough.

– Não podes mudá-la?

– Não, não posso. Estás muito bem com o Charles. Além disso, posso dizer algum disparate.

– O quê, por exemplo?

– Que acho que instalar janelas modernas seria uma excelente ideia. Que até pode ajudar a vender a casa.

– Oh, cala-te – disse Eliza. – O problema é que ela não pode ser vendida, sabes bem. Não sei como, mas vão ter de arranjar alguém que satisfaça as condições do fideicomisso. E não há simplesmente ninguém.

– Quer-me parecer que é um fideicomisso muito mal esgalhado. Como já tive ocasião

de dizer.

– Eu sei, eu sei. Mas tem de haver uma maneira. Os advogados vão ter de descobrir.

– Na minha experiência, os advogados não servem para grande coisa. Uma das razões por que a minha empresa tem um êxito que se pode chamar moderado é que se mete o menos possível com eles.

– Que sucesso é que ela tem? – perguntou Eliza de repente. – Digo eu, quanto dinheiro é que tens?

– Porque é que perguntas?

– Porque... pensei... isto é, nunca discutimos o assunto...

– Oh, não – disse ele –, oh, não, não vou enterrar o dinheiro que me custou tanto a ganhar nesse mausoléu. Vêm-me à cabeça as palavras dinheiro mal gasto. E além disso, se enterrasse, quase de certeza que ia fazer uma série de coisas que não te agradavam. Não, lamento, Eliza, ajudo a renovar uma pequena casa para a tua mãe, claro que ajudo, mas não vou mais longe do que isso.

– Está bem, seja – disse Eliza, com tristeza.

Charles disse que as convidava para almoçar no dia da reunião. – Marquei uma mesa no Savoy, um pequeno prazer para a mãe.

– É muito simpático da tua parte. Mas não é demasiado caro?

– Eliza, quero convidar. Entendido?

Eliza acordou sentindo-se quase assustada.

– Sinto-me como se estivesse a ser-me arrancado um grande pedaço de mim – disse ela a Matt ao pequeno-almoço. Ele disse-lhe que não fosse tão melodramática.

– Não passa de uma casa – disse ele, levantando-se e dando-lhe um beijo rápido. – Lembra-te disso. Eu sei que não é assim que vês a questão, mas é um facto. Tenho de ir. Até logo. A tua mãe não quer cá ficar? Podias mostrar-lhe a casa de Fulham amanhã para a animar um pouco.

– Não me parece que uma casa lhe dê ânimo nenhum – disse Eliza com um suspiro.



Eliza deixou Emmie com Sandra e dirigiu-se para o Savoy; Charles estava à espera dela, com um ar bastante irritado.

– Onde está a mãe?

– Não vem. Preferiu ir encontrar-se com uma velha amiga. Deixou-me uma mensagem na receção.

– Oh, que aborrecimento.

– Pois. Planeei este almoço com tanto cuidado. Queria dar-lhe este mimo.

– Deixa lá – disse Eliza –, podemos ter nós um bom almoço. Como estão as coisas, Charles? Devo dizer que estás com melhor aspeto.

– Sinto-me melhor. E arranjei um emprego numa pequena e simpática escola preparatória perto de Esher. Começo depois das férias intercalares. Estou bastante entusiasmado.



A reunião estava marcada para as três. Quando chegaram, foram recebidos por Digby Ward, o gestor da divisão de fideicomissos. Era um homem alto, de cabelo branco, com modos um pouco obsequiosos de mais, vestido de fraque e com o hábito de esfregar repetidamente as mãos ao falar.

– Mr. Fullerton-Clark, Mrs. Shaw, muito gosto em vê-los. Queiram acompanhar-me à sala de reuniões. Aceitam um chá?

– Com muito prazer. A nossa mãe já chegou?

– Não, ainda não. Está atrasada.

– Como? Muito?

– Só quinze minutos. O meu assistente, Mr. Fleming, preparou algumas notas para a reunião. Vou-lhe pedir que as traga para podermos analisá-las antes de a vossa mãe chegar.

Foram conduzidos à sala de reuniões, um espaço sombrio, repleto de livros, com candeeiros de latão com abajures verdes suspensos sobre a mesa. Em cada lugar estava uma pasta, com uma imagem de Summercourt na capa – «Isto vai ser pior do que imaginei», pensou Eliza – e as palavras «Fideicomisso Familiar de vinculação de Summercourt, Wellesley, Wiltshire» escritas por baixo.

– Tenho aqui as escrituras, se quiserem dar uma vista de olhos – disse Digby Ward e Charles e Eliza disseram em uníssono que sim. Foram então apresentados aos documentos, grandes páginas de pergaminho encerado, com uma bela letra cursiva a espessa tinta preta, cobertas com grandes selos vermelhos, a complexa linguagem ainda mais inexplicável graças à caligrafia, mas mesmo assim com certas palavras e frases que lhes eram familiares... «Summercourt, situada na freguesia de Wellesley, no condado de Wiltshire... ampla moradia... propriedade inalienável... oitenta hectares... com pastagens... cavaleriças... laranjal de inverno... mata... duas casas para locação...»

Havia ainda o documento referente ao fideicomisso, o Instrumento, escrito à mão em 1936, numa letra meticulosa, especificando as restrições do fideicomisso, colocando-o nas mãos dos administradores e proibindo-os de «obter garantias sobre a casa através de hipoteca», e o absoluto Poder de Nomeação de Sarah, «com duração consonante com a cláusula da descendência real».

– Que quer isto dizer? – perguntou Charles.

– Bom, quer dizer que o fideicomisso caduca por morte do último descendente vivo do monarca ao tempo em que o fideicomisso foi constituído, acrescido de um período de

vinte e um anos. O rei Jorge V estava no poder quando o vosso avô vinculou a propriedade; como a nossa querida rainha ainda é muito nova, compreendem decerto que o fideicomisso ainda estará em vigor por muitos anos – esclareceu Digby Ward.

– Não encontrou então nenhuma maneira de podermos vender a casa? – inquiriu Charles. – Não há nenhuma forma de contornar estas condições?

– Infelizmente não. Pensei que estava ciente disso.

– E estou. Mas também pensei que estávamos aqui para descobrir uma solução. Para evitar que Summercourt entre em declínio e acabe em ruínas. O que acontecerá inevitavelmente se não se arranjar uma solução.

– Com certeza. E é extremamente difícil descortinar essa solução. A casa é demasiado pequena para ser aberta ao público, a fim de angariar dinheiro, está em demasiado mau estado para alugar, e mesmo isso ia contra as condições do fideicomisso, claro, se os locatários não fossem conhecidos e aprovados pela vossa mãe.

– Pois sim – disse Charles. – Não há mesmo maneira de pelo menos a hipotecarmos para a minha mãe poder fazer obras?

– Infelizmente não.

– E bem, no fundo, o que está a dizer é que estamos num beco sem saída. Não temos para onde nos virarmos – disse Charles.

– Realmente, tudo teria apontado para aí – disse Digby Ward.

Eliza olhou para ele. – Teria apontado? Quer dizer que encontrou uma solução? É isso que nos está a dizer?

– É possível. Hoje, por sinal.

– Que solução? – De súbito a voz dela soou estridente e ridícula, até aos seus ouvidos.

– Apareceu alguém com os fundos necessários disponíveis...

– Não entendo. A minha mãe sabia? E, se sabia, porque é que...

– Só soube hoje. Ah, Mrs. Barton, Mrs. Fullerton-Clark já chegou? Sim, dão-me licença um minuto? Tenho de ir receber a vossa mãe.

Saiu, fechando a porta atrás dele.

– Que diabo é que se está a passar? – perguntou Eliza, olhando para Charles. – Oh, meu Deus, estou com medo. A mãe podia ter-nos avisado, devia saber que estava qualquer coisa na forja.

A porta abriu-se novamente e Digby Ward entrou.

– A vossa mãe não demora – disse ele. – Antes de continuarmos, devo adverti-los de uma coisa. Fui incumbido de lhes dizer que esta solução poderá, só digo poderá, resultar em que a casa sofra modificações que poderão não considerar aceitáveis.

– Que tipo de modificações?

– Bom, fala-se da instalação de janelas modernas. E possivelmente até de... deixem-me ver. – Consultou as suas notas. Um observador atento teria reparado que os seus

lábios estavam à beira de começar a tremer. – Pintura azul e cor-de-rosa na porta de entrada...

– Suponho que não temos o direito de... – começou Charles.

– Oh, meu Deus – disse Eliza, agora sorridente. – Filho da mãe! Filho da mãe! Charles, é o Matt!

Era realmente Matt; e ele entrou com Sarah, a sorrir, com um ar ligeiramente envergonhado. Sarah estava muito corada, quase a rir.

– Meus queridos, juro que só ontem à tarde é que soube disto. O Matt ligou-me e pediu para se encontrar comigo aqui hoje...

– Filho da mãe! – disse Eliza. – És mau e detestável e... e cruel e...

– Eliza! – disse Sarah. – O Matt foi o contrário de mau, posso garantir-te.

E, efetivamente, fora.

Sarah concordara em transferir a casa para Eliza, pondo assim termo ao fideicomisso.

O que viabilizara financeiramente esta solução fora o facto de Matt ter pago a Sarah «algo que se chama um incentivo, soa um pouco duvidoso, não soa, mas é um vazio jurídico, seja como for é muitíssimo generoso» correspondente a vinte mil libras – o valor de mercado de Summercourt.

– Isto permite que a sua mãe compre uma propriedade mais pequena e adequada – disse Digby Ward. – E, por outro lado, Mr. Shaw concordou também em disponibilizar os meios para renovar a casa, fazer as reparações necessárias.

– E instalar janelas modernas – disse Matt com um sorriso.

– Isso é impossível, naturalmente, porque Summercourt é uma propriedade protegida e há que manter a traça original – disse Digby Ward. – Espero que perdoe esta pequena brincadeira, Mrs. Shaw.

– Perdoo-lhe a si – disse Eliza –, mas não ao meu marido.

– Então a casa pertence agora à Eliza? – perguntou Charles. – Ou ao Matt? Ou vai constituir-se outro fideicomisso? Não estou a entender muito bem.

– Ficará em nome dos dois, pertencerá a ambos – esclareceu Matt. – Não sou um santo a esse ponto. Quer dizer que, se ela me deixar, não pode desaparecer com ela. Quero dizer mais uma coisa: é um pouco duro para ti, Charles, e tenho muita pena. Mas disseste muitas vezes que não podias fazer face à despesa e, pelo menos, continuará na família.

– Não, não, é verdade – disse Charles –, e pode parecer estranho, mas não considero que seja nada duro. Acho que é uma ótima solução. Se fosse parar a mãos estranhas à família, importava-me e muito, mas assim acho ótimo. Estou a ser sincero – disse ele, sorrindo docemente à mãe. – Não estou a assumir uma atitude nobre. É o que penso sinceramente.

– Charles, no que me diz respeito – disse Eliza –, Summercourt continuará a ser tanto a

tua casa como a minha. E estou certa de que o Matt diria o mesmo.

– Sem dúvida. Claro que sim. E... Sarah... não precisa de se mudar. Pode lá ficar enquanto quiser. Nós não fazemos tenções de lá viver permanentemente. Estou certo de que a Eliza é da mesma opinião, não é assim, Eliza?

Eliza acenou com a cabeça; de súbito sentia-se muito emocionada. Levantou-se, contornou a mesa e, indiferente a qualquer embaraço que pudesse causar, lançou os braços ao pescoço de Matt e beijou-o.

– Amo-te. E obrigada. Não és mau nem detestável.

E foi assim que, num fim de tarde de agosto particularmente bonito, nesse ano, o novo proprietário de Summercourt – pois era assim que ele agora se considerava – se meteu no carro com a mulher e a filha para ir visitar a casa, encontrando-se aí com a sogra, que organizara um jantar volante no laranjal de inverno, a sua parte favorita da casa.

Havia uma garrafa de champanhe na mesa e Sarah pediu a Matt que a abrisse, corando intensamente.

– Tenho uma coisa a dizer, Matt – disse ela, levantando-lhe a taça. – Sinto-me extremamente afortunada com o rumo que as coisas levaram, naturalmente, mas também me sinto muito envergonhada pelo meu comportamento da primeira vez que a Eliza o trouxe aqui para nos conhecer, a mim e ao Adrian. É o melhor genro que alguma vez podia ter desejado e só lamento não ter compreendido isso na altura. – E rompeu em lágrimas; Matt disse-lhe que não fosse tonta e que nem ele se teria considerado a si mesmo como um bom partido para a filha. – Se fosse eu a vir a pedir a mão da Emmie, não teria olhado duas vezes para mim mesmo.

– Bom, se houver alguma coisa que eu possa fazer para mostrar a minha gratidão...

Matt disse-lhe que não se preocupasse com isso, mas, depois do jantar, quando Emmie chuchava no dedo, morta de sono, pedindo histórias, ele disse que sim, que era boa ideia, se Sarah queria realmente mostrar a sua gratidão, podia ir deitar Emmie para lhe dar alguns momentos a sós com Eliza.

Sarah levou Emmie para casa e Matt virou-se para Eliza, no lusco-fusco do laranjal, e disse: – Amo-te, Eliza. – Em seguida acrescentou que não se recordava de terem tido uma discussão, ao que Eliza respondeu que também não se recordava e que o amava e que talvez pudessem inverter a ordem normal das coisas...

– Estás a dizer... que queres... agora?

– Quero. Quero mais do que mais.

– O quê? Aqui?

– Aqui.

– E já que estamos a fazer as coisas ao contrário, temos de ter uma discussão?

– Podemos ter se quiseses – disse Eliza –, mas não é obrigatório.

– Valha-me Deus – disse ele, pegando-lhe na mão e beijando-a e puxando-a contra si,

o desejo a espelhar-se-lhe no rosto. – O chão é um pouco duro. Não te importas?

– Talvez – disse ela –, mas vale a pena. Não achas?

– Não estou em estado de achar nada – disse ele. – Tira as cuecas, Eliza. Depressa.

Não era a mais romântica das frases, mas, por outro lado, as frases românticas sempre a tinham irritado.



Em casa, sentada à janela aberta do quarto, Sarah ouviu alguns gritos estranhos vindos do laranjal e esperou que não tivessem lá fechado alguma pobre criatura. Mandá-los-ia verificar o laranjal quando voltassem. Mas eles demoraram muito tempo, a passear pelo jardim, calculou; e quando os ouviu nas escadas, já estava demasiado ensonada para se maçar.



Olhando em retrospectiva, Eliza compreendia que começara um dos períodos mais felizes da sua vida. Continuava a sentir-se inquieta, só – pelo menos privada da companhia que desejava – e enfadada; mas o facto de Matt ter salvo Summercourt fizera-a compreender a que ponto ele a amava. O gesto dele fora acima de tudo por sua causa e ela sabia. E, em consequência, sabia que todas as exigências dele, todos os sacrifícios pessoais que fizera, tinham valido a pena.

Matt também andava muito feliz – quando pensava no assunto. Sendo a menos analítica das pessoas, só consciencializava emoções desconfortáveis: raiva (frequente), tensão (ainda mais frequente), inveja (agora rara). Quando não sentia nada destas coisas, podia presumir-se que estava feliz. Tinha tudo o que sempre desejara: dinheiro, estatuto... e Eliza. Por vezes, o seu amor por Eliza surpreendia-o: nascido naquele dia na estação de Waterloo, nunca esmorecera, nunca vacilara. De uma criatura inacessível, a um mundo de distância dele, ela caminhara na sua direção ao longo dos anos e ocupava agora, de modo quase incrível, o centro da sua vida.

Mas ainda não era uma relação confortável: achava-a muitas vezes exasperante. Eliza era perturbante, exigente, inquieta e extremamente crítica. Enquanto estivesse com ela, não poderia ser complacente de maneira nenhuma.

Por vezes, quando discutiam, e as discussões eram mais sérias do que o normal, ele considerava, pelo menos fugazmente, como seria a vida sem ela e deparava-se com um abismo tão vasto, tão aterrador, tão horrível, que fechava literalmente os olhos e virava as costas.

Ela era como era, com todas as suas imperfeições; e ele não era capaz de pensar em viver com mais ninguém.

A sua lua de mel – pois tivera uma – com o resto do seu mundo imediato estava,

porém, a chegar ao fim.

Uma manhã, chamou Louise ao gabinete e disse-lhe que propusera a Barry Floyd a participação de Jimbo na empresa: sem a consultar, sem a ter considerado, sem ter contemplado a possibilidade de lhe oferecer a ela. Louise teve dificuldade em acreditar na crueldade desta atitude. Na crueldade pura, cega, insensível e indiferente.

Escutou-o em silêncio. Percebeu então, como nunca lhe acontecera durante todos os anos de provocação e injustiça, que ia perder o controlo.

Dizendo que queria estar sozinha, fechou a porta, pousou a cabeça na secretária e rompeu em lágrimas.

Foi Jenny quem ouviu os soluços e, com um aperto no seu terno coração, foi perguntar a Matt o que se passava e se havia alguma coisa que pudesse fazer; Matt retorquiu que fizesse o que bem entendesse; Jenny foi abraçar Louise, tentou acalmá-la, foi-lhe buscar água, sentou-se ao lado dela, ofereceu-lhe o peito para que encostasse a cabeça e esperou que os soluços passassem; Louise agradeceu-lhe, dizendo que ela era muito bondosa, mas que achava melhor tirar o resto do dia e ir para casa.

O que mais magoava Louise era que, para ele, apesar da lealdade, da consideração, do cuidado, do trabalho árduo, das ideias inspiradoras, ela continuava a não passar da rapariga esperta, com boas pernas, que entrara um dia pela porta dentro e fora contratada como secretária. Nunca perderia o seu estatuto de boneca sexy enquanto trabalhasse com ele; tudo o que conseguira era claramente entendido como um feliz acidente possibilitado pela generosidade de Matt e Jimbo e pelas oportunidades que lhe ofereciam e não tinha nada a ver com o talento com que pudesse ter contribuído.

E igualmente mau, possivelmente pior, era Barry, que aceitara a proposta, fechara o acordo com um aperto de mão e não se dignara sequer a dar-lhe uma palavra de aviso, nem insistira para que ela fosse pelo menos informada, antes de partir para um encontro em Manchester com uns promotores imobiliários. Era na verdade um exemplo abominável do Homem de Negócios em toda a sua superioridade arrogante.

A certa altura, durante a tarde, Jenny ligou a dizer que Matt queria falar com ela.

– Eu disse que ia tentar, Miss Mullen, que lhe perguntava se queria falar com ele, mas que não achava provável.

– Diz-lhe que não te enganaste, Jenny. Não quero falar com ele.

Mais tarde, muito mais tarde, o telefone voltou a tocar e era Barry. Louise mandou-o à fava.

– E antes de ires, deixa-me que te diga que sempre achei o Matt Shaw um sacana: tinha uma opinião ligeiramente melhor de ti, mas estava enganada.

Ficou mais dois dias em casa, a recuperar da traição; e depois ligou-lhes a informar que queria falar com eles.

Tudo o que eles disseram era previsível, que davam imenso valor aos seus contributos

à empresa, que era uma atividade típica de homens e que era impossível que ela fizesse o trabalho de Jimbo e Barry; que criariam um novo cargo para ela na empresa, com um novo título, diretora de novos negócios, com um salário mais alto e um novo gabinete sofisticado.

– Pois, são muito generosos. Mas deixem-me que lhes diga, seus idiotas chauvinistas, egoístas e preconceituosos, mesmo que me pagassem um milhão de libras por ano, não continuava a trabalhar aqui. É a última vez que ponho os pés neste escritório. E não pensem que não faço jogo sujo se tentarem obrigar-me a cumprir o contrato ou me proibirem de contactar os clientes. Ocorrem-me vários que preferiam trabalhar comigo. A WireHire para começar.

– Acho que deves andar com muito cuidado – disse Matt. – Independentemente do que possas dizer, há impedimentos legais.

– Oh, por amor de Deus – disse Louise –, deves achar que eu não sei. Adiante, amanhã vou almoçar com um tipo do Mail. Acho que consigo convencê-lo a escrever um artigo elogioso a meu respeito, a falar das coisas que fiz e da vossa atitude patética e antediluviana, e a dizer que estou no mercado. Vou-me embora. Barry, por favor não percas tempo a tentar contactar-me. Eu é que decido quando, ou antes, se isso vai acontecer, entendido?

– Valha-me Deus – disse Matt quando ela saiu porta fora. – Temos de pensar em alguma saída brilhante. E que quer dizer antediluviano?

– Antes do dilúvio – explicou Barry.

– Certo. Mas digo-te uma coisa – acrescentou Matt –, não tenciono ficar refém disto, Barry, e imagino que tu também não.

Barry, que passara a maior parte da vida a evitar conflitos pelo simples recurso ao seu charme, viu-se na interessante posição de ter de escolher entre Matt e a sua carreira e Louise e a sua vida pessoal. Com alguma surpresa para Barry, Matt ganhou.

Louise, depois de verificar o seu contrato e retirar os seus haveres pessoais do escritório, partira sem mais. Eles tentaram convencer-se de que lhes era indiferente.



– Acho que são os dois doidos e que se vão arrepender – disse Eliza quando Matt finalmente lhe contou o que tinha acontecido.

– Tretas – disse Matt. – Ela não tinha estofo para ser sócia, não há mais nada a dizer.

– Ai não? – disse Eliza. – Veremos. Sou capaz de apostar que ainda vamos ouvir falar muito da Louise Mullen no futuro. Presumo que acabou tudo entre ela e o Barry?

– Acho que sim – disse Matt secamente. – Também nunca daria certo. A longo prazo.

– Por ele ser casado?

– Sim, mas também porque ela era demasiado ambiciosa. Não fica bem a uma mulher

casada.

– Oh, por amor de Deus – disse Eliza. – Vê se caís no mundo real, Matt. Não é que eu ande nele – acrescentou com um suspiro. – E, se depender de ti, não de passar mais vinte anos, suponho, antes ser elegível para andar.

Ligou a Jenny para saber o novo número de Louise.

– Sinto muito, Jenny, muito mesmo. Que ela se tenha ido embora. Dá-lhe os meus cumprimentos, por favor, e diz-lhe que, se me quiser ligar, terei sempre muito gosto em falar com ela.

– Eu digo, Mrs. Shaw. Obrigada.



– Ela é tão simpática – disse Jenny, transmitindo esta conversa a Louise. – Deve passar um mau bocado com ele, até tenho pena dela, apesar de tudo o que tem, o dinheiro e tudo isso.

– Eu também, Jenny – disse Louise.

Duas semanas mais tarde, depois de apresentar o pré-aviso legal, Jenny também se demitiu e foi trabalhar para o escritório temporário que Louise tinha instalado no seu apartamento. Matt e Barry ficaram completamente desorientados sem ela.

Matt concordou que a partida dela representava uma perda enorme, embora acrescentasse que haveria menos agitação e turbulência sem ela e que o dia a dia das suas vidas profissionais passaria certamente a ser mais simples. E que ninguém era insubstituível.

Barry não estava muito seguro da sinceridade destas palavras.



Na primavera seguinte, Eliza engravidou novamente. O comportamento de Emmie começara gradualmente a melhorar e ela sentia-se com alguma coragem.

Matt ficou bastante satisfeito. «Desta vez vai ser um rapaz», afirmava. «Eu sei.» E depois de umas quantas bebidas, pousava a cabeça na barriga de Eliza e punha-se a falar com o bebé.

«Tu aí», dizia, «ouve o que te digo. Vamos precisar um do outro, tu e eu, para nos protegermos da tua mãe e da tua irmã. Não te aflijas, eu olho por ti, não deixo que elas sejam tiranas contigo. Vá, cuida de ti, filho. Até breve».

Eliza achava esta atitude muito terna. Terna e, como muitas das atitudes de Matt, inesperada. A sua imprevisibilidade era uma das coisas que mais adorava nele.



– Tenho ótimas novidades – disse Annunciata.

Ela e Eliza estavam a almoçar; faziam-no com frequência agora que Eliza tinha mais tempo livre.

– O Jack Beckham conseguiu o lugar de chefe de redação do News. Há anos que o Frank Fergusson anda a ameaçar reformar-se e finalmente fê-lo.

– Não vai ser fácil seguir o exemplo dele – disse Eliza. – Adoro esse jornal. É fantástico. Um jornal sério com a roupagem de um tabloide. Aposto que o Jack anda no sétimo céu.

– Pois anda. Almocei com ele no outro dia e ele disse-me. Enquanto ia criticando a Charisma, que segundo ele está a ir de mal a pior, e me dizia que eu devia arranjar um emprego decente.

– Vai oferecer-te alguma coisa?

– Espero que sim. Para ser franca, estou farta de revistas femininas. E de qualquer maneira, para onde é que podia ir depois da Charisma? Seria ir de cavalo para burro.



Eliza telefonou a Jack a felicitá-lo.

– Obrigado. Queres fazer parte da equipa?

– Hum... adorava mas...

– Não me digas. Vais ter outro filho.

– Acertaste.

– És muito estúpida – disse Beckham secamente. – Podia fazer de ti uma estrela, Eliza.

– Pois, seria muito bom – disse Eliza, após uma pausa bastante longa em que imaginou o que significaria ser uma estrela em Fleet Street: o nome escrito em néon, a fotografia em cartazes, um salário exorbitante... –, mas não posso. Talvez um dia.

– Talvez. Se conseguir apanhar-te entre partos. Liga-me se houver mudanças, sim? Como está esse dinossauro do teu marido?

– Dinossauro como sempre – respondeu Eliza.



Mark Frost estava sentado no alpendre de Demetrios e Larissa, a beber conscienciosamente uma garrafa do detestado ouzo, ao mesmo tempo que admirava Stellios, o filho do casal, que andava a gatinhar por ali e a comer enroladinhos de arroz com grande desenvoltura.

– E no próximo ano, por esta altura – disse Demetrios –, esperamos que ele tenha uma irmã.

– Não me diga – disse Mark. – Estou impressionado. Ouça, Demetrios, Miss Scarlett esteve cá recentemente?

Demetrios disse que não, mas que o clube dela lhes proporcionara muitos clientes, «todos eles hóspedes muito simpáticos», e que contavam com uma visita dela para

breve.

– Outra coisa – disse Mark –, gostava de trazer cá a minha mãe para ver a minha casa. Acho que ela vai gostar, mas, caso não goste, seria bom se pudesse ficar aqui.

– Mr. Mark, espero bem que ela não goste muito da sua casa. Já sabe como nos agrada ter a famosa Mrs. Frost aqui no nosso hotel.



Parecia o dia mais feliz, doce e promissor de sempre. Um dia quente no princípio de agosto. Eliza fazia um piquenique em Richmond Park com Heather e Coral; estava em Londres e não em Summercourt porque tivera uma consulta no hospital.

Estava grávida de vinte e quatro semanas e a criança evoluía de acordo com o previsto; a tensão arterial dela estava um pouco alta, talvez.

– A sua tensão arterial também seria alta – disse Eliza à parteira –, se vivesse com o meu marido.

Não podia ligar a Heather, porque ela só tinha telefone no átrio, e assim resolveu arriscar e ir lá. Heather, pálida e cansada, abriu-lhe a porta. Disse que um piquenique era uma ótima ideia.

– Ainda bem. Trouxe a comida, com esperança que pudesses vir.

– Já estamos fartas dos baloiços, não estamos, Coral? Agora nas férias, estão lá as crianças mais velhas e é difícil para ela. Correu tudo bem no hospital?

– Correu, obrigada.

– Tens imensa sorte. Eu dava tudo para ter outro, mas o Alan não quer enquanto não for promovido a diretor de obra e podermos arranjar outra casa. Talvez com jardim. O problema – disse Heather, instalando Coral no banco de trás do novo carro de Eliza – é que andamos inibidos, compreendes, não vá eu engravidar. E isso, claro, estraga tudo, eu não consigo relaxar e ele apercebe-se e...

– Acho que devias tentar a pílula outra vez – disse Eliza. – Melhoraram imenso, a dose de hormonas é mais baixa, pode ser que agora te dê bem.

– Vou tentar – disse Heather.

Estava um belo dia, desses que só surgem ocasionalmente em Inglaterra. O céu estava limpo, o sol quente, e pairava uma leve neblina de calor sobre os fetos.

Encontraram um pequeno riacho e ajudaram as crianças a construir uma pequena represa; comeram, brincaram às escondidas e mais tarde deitaram-se ao sol, enquanto Emmie ensinava Coral a patinhar, como ela dizia.

Eram momentos idílicos.

– Ai – disse Eliza, de súbito.

– Que é que foi?

– Uma dor de barriga. Ah, já passou. Devo ter-me posto numa posição esquisita.

– De certeza?

– Sim, a sério. Já passou.

– Quando é que voltas para casa da tua mãe?

– Ah... amanhã. Quero passar lá o resto do verão.

– No campo? Que maravilha – disse Heather, sem ponta de rancor na voz. – Quem me dera que a minha mãe vivesse no campo.

– Sim, é muito agradável – disse Eliza. Teria gostado muito de convidar Heather para passar uns dias em Summercourt, mas não podia. Talvez significasse o fim da amizade entre elas, um abismo intransponível. Uma estupidez. Uma estupidez tremenda.

– Hum... Eliza.

– Que é?

– Posso pedir-te um conselho? Estou com problemas... problemas de dinheiro. Há umas semanas, o dinheiro acabou-se-me pura e simplesmente. Não podia esperar até terça, estás a ver, que é quando recebo o abono de família, e não tive coragem de pedir ao Alan, porque ele ainda há pouco aumentou a semanada que me dá para o governo da casa e fica zangado quando não me chega...

– E então?

– E então, a senhora na loja do bairro vende fiado. Quando as pessoas estão sem dinheiro. Por isso, tive de recorrer a isso, comprar algumas coisas, para a Coral, fruta, já sabes que ela adora fruta, e cereais e...

– Heather, chega, não precisas de justificar em que é que gastaste o dinheiro.

– Não. Adiante, quando dei por ela, já a conta ia em dez xelins. Claro que fui logo lá pagar, quando o Alan me deu o dinheiro para os gastos da semana seguinte. Mas depois só fiquei com quatro libras, que não é suficiente. Tive de pedir outra vez fiado a Mrs. B. E foi uma bola de neve. E agora devo-lhe uma libra, e a coisa repete-se todas as semanas e eu não sei o que fazer. Cada vez é pior; ando tão preocupada que me tira o sono. Que achas? Devo dizer ao Alan, pedir-lhe uma libra para pagar na loja?

– Não – disse vivamente Eliza. – Ele fica zangado contigo, quando não devia, e não é justo. Eu dou-te uma libra, Heather.

– Não, Eliza, não era o que eu queria dizer, não posso deixar.

– Claro que podes. Ouve. – Era algo que, de algum modo, tinha de ser dito. – Ouve, tens de perceber, Heather, nós não... não temos exatamente falta de dinheiro.

Heather ficou calada.

– Posso dar-te uma libra que não me faz a mais pequena diferença.

– Podes? – A esperança na sua voz era notória. – Não, Eliza, a sério, não posso aceitar – disse um momento depois. – Não ofereças, sinto-me... sinto-me mal.

– Pronto – disse Eliza –, nesse caso empresto-te. Podes pagar-me quando o Alan for promovido. Por favor, Heather, dormes preocupada por causa de uma libra que eu

provavelmente gasto numa T-shirt nova paraa Emmie quando ela já tem...

– Dezenas – disse Heather, rindo-se.

– Não exatamente, mas muitas. Vá, toma. – Eliza pegou no porta-moedas, um presente de Matt pelo Natal, e (tapando o logótipo da Gucci) retirou uma nota de uma libra.

– Pega nela, Heather, é tua até me poderes pagar. Oh, meu Deus, estou a sentir outra vez.

– O quê?

– Na barriga. Parece uma câibra.

– É melhor voltarmos – disse Heather com alguma ansiedade –, pelo sim, pelo não.

Por qualquer razão, Eliza não objetou.

À quarta vez que sentiu a dor, ao chegar a casa, apercebeu-se com relutância de que as dores não ocorriam aleatoriamente.

Ligou ao médico; ele aconselhou-a a repousar durante uma hora e, se elas persistissem, a contactar a clínica pré-natal. Ao fim de uma hora e mais duas contrações, ela ligou; na clínica disseram-lhe que cronometrasse as dores e, se continuassem, para lá ir.

– O bebé está a mexer-se muito?

– Sim, acho que sim – disse Eliza, sentindo o movimento reconfortante do bebé. Era impossível que houvesse algum problema quando ele se mexia desta forma...

Outra guinada de dor: começou a sentir-se assustada e ligou a Sandra, pedindo-lhe que ficasse com Emmie; levou a filha a Clapham, conduzindo devagar, pediu a Sandra que avisasse Matt e depois, num pânico crescente, dirigiu-se à clínica.

Entrou a tremer, recordando com espanto que ainda poucas horas antes tinha ali estado, despreocupada e sem medo, desfazendo-se em desculpas por estar atrasada e olhando com otimismo para o resto do dia que agora se turvava.



Matt chegou, lívido de medo, e sentou-se ao lado dela, pegando-lhe na mão, enquanto a examinavam, controlavam a dor e lhe apalpavam o ventre.

– Está a mexer-se, não há dúvida – disse o médico –, não parece afetado com nada disto.

Mas os seus olhos denotavam uma expressão levemente evasiva.

– Excelente – disse a parteira, escutando atentamente o monitor pressionado contra a barriga de Eliza –, o batimento cardíaco é forte.

Mas o seu sorriso era um nadinha radiante de mais.

Às oito horas, já as contrações ocorriam de cinco em cinco minutos. O médico regressou e disse que ela devia ser transferida para a sala de partos.

– Sinto muito, Eliza, mas esse bebê está a chegar e temos de fazer tudo o que for possível.



A pequena e perfeita criatura fez a sua aparição no mundo pouco antes da meia-noite; foi Matt, de pé, a segurar-lhe na mão, quem lhe deu a notícia de que era o tão desejado menino.

– É lindo – disse ele –, um bebê lindo.

Estava vivo, a gemer em vez de gritar, mas ainda assim com grande vigor; até agora, tudo bem, disse o médico, sorrindo a Eliza. Deixaram-na pegar nele cerca de dez segundos e levaram-no logo, para um útero substituto, uma incubadora na unidade de neonatologia. Eliza não chorou, agarrando simplesmente na mão de Matt, fechando os olhos e fazendo o que todas as mães fazem quando os filhos correm perigo, quer tenham ou não consciência disso: rezou.

Nos dias seguintes, foi o que mais fez.

Passou toda a noite acordada. Por volta do nascer do dia, conseguiu levantar-se e encaminhou-se tropegamente para o posto de enfermagem.

– Mrs. Shaw – disse uma das enfermeiras –, tem de voltar para a cama. Eu vou ver como está o seu bebê e, se houver alguma novidade, logo lhe direi.

Não havia nada de novo, exceto que o bebê continuava vivo.

– Está a aguentar-se muito bem – disse a enfermeira-chefe, acrescentando, para que Eliza não alimentasse esperanças excessivas –, dadas as circunstâncias. Mais tarde, levamo-la lá. E entretanto, queria que tentasse extrair um pouco de leite... colostro, pelo menos.

– Ele está a alimentar-se!

– Claro que está. Não podemos deixá-lo passar fome, Mrs. Shaw, devia saber. Não lhe faz bem nenhum.

A manhã, uma explosiva versão de agosto, pareceu subitamente mais risonha e o coração de Eliza aligeirou-se.

Matt chegou, silencioso e tenso; ela sorriu-lhe.

– Até agora tudo bem. Ele ainda está bem. Até tive de extrair leite para ele.

– Ótimo – disse Matt, mas não pareceu tranquilizado.

Levaram-na à unidade de prematuros numa cadeira de rodas.

O filho deles era o mais pequeno que ali estava; minúsculo, desesperadamente minúsculo, com uma cabeça que parecia demasiado grande e pernas e braços pavorosamente delgados. A pele parecia transparente e quase brilhante, as veias visíveis. Estava apenas com uma fralda; tinha um tubo enfiado no nariz.

– Oh, deve ser tão desconfortável para ele; porque é que lhe puseram aquilo? – disse

Eliza.

– Não consegue chupar como deve ser – explicou a enfermeira encarregada dele –, e o tubo vai até ao estômago.

– Compreendo. E... como... como é que ele está?

– Está bem, considerando. – Diziam todas a mesma coisa. – Neste momento está a respirar sem dificuldade, mas os pulmões ainda estão muito pouco desenvolvidos. Mais tarde, é capaz de precisar de ajuda nesse aspeto.

– Está a dormir? – perguntou ela, apreensiva com a imobilidade dele.

– Sim, agora está. Mas há pouco estava acordado e a mexer-se.

– Estava?

– Claro. Já se mexia no útero, não é verdade?

– Pois mexia – disse ela, recordando as fortes contorções, e teve vontade de chorar. Nessa altura, ele estava em segurança: pelo menos era o que tinha pensado.

– Que pode então acontecer a seguir? – perguntou Matt.

– Temos de esperar. As próximas quarenta e oito horas são cruciais. Mas cada dia que passa é um bónus. Até agora, o fígado dele está a funcionar bem, o que é muito importante, não revela sinais de icterícia e...

– Olha – disse Matt –, olha, está a acordar.

O bebé mexeu-se, inquieto, virou a cabeça e abriu lentamente os olhos. Olhos cegos de um azul leitoso.

– Oh, olha, Matt, está a olhar para nós. Oh, bebé, quero tanto pegar em ti.

– Lamento mas é impossível – disse a enfermeira. – Terá de ficar ali durante algum tempo. Olhe para esses orifícios do lado da incubadora, parecem umas vigias. É por onde o alimentamos e mudamos. Ponha aí a mão... isso.

Ela enfiou a mão muito suavemente; parecia enorme ao lado do filho, com metade do tamanho dele. Afagou-lhe a pele, a pele lisa e venosa; estava maravilhosamente quente. Aproximou a mão da mão dele, tentou levantá-la e em seguida retirou-a.

– Tenho medo de o perturbar.

– Não, não há problema. Ponha o dedo debaixo da mão dele, isso. Não tenha medo.

– Oh – disse Eliza, com a mão diminuta pousada no seu dedo –, oh, meu Deus.



Deus ocupou os seus pensamentos durante as vinte e quatro horas seguintes; rezava incessante e silenciosamente, passando horas a fio sentada ao lado do filho, desejando poder transmitir-lhe força. Matt andava cada vez mais inquieto e infeliz; ela compreendia, mas mandava-o embora.

– Eu não me importo, acredita. Vai descansar ou trabalhar, sentes-te melhor. Não há nada que possas fazer aqui. Volta logo ao fim da tarde. Eu fico bem.

- Se achas que sim.
- Claro que acho.
- Alguém explicou porque é que...?
- Disseram que são coisas que acontecem.
- Nada então que... pudesses, que pudéssemos, ter feito?
- Disseram que não.

Ele acenou com a cabeça e baixou-se para a beijar. – Volto mais tarde.

Ela ficou a vê-lo a afastar-se pelo corredor, aliviado, apesar de experimentar uma certa culpa.

- Já têm nome para ele? – perguntou a enfermeira.
- Não. Suponho que devíamos dar-lhe um nome.
- Seria melhor para si.
- Tem razão.



– Podemos pôr-lhe o nome de Charles? – perguntou ela quando Matt voltou nessa noite.

- Podemos. Claro. O que quiseres.

Era evidente que ele considerava desnecessário, uma manifestação desavisada de otimismo; de súbito, ela sentiu-se furiosa.

- Matt, tens de ser positivo. Ele vai safar-se, eu sei que vai. E tem de ter nome.
- Tudo bem. Põe-lhe então o nome de Charles.



- Muito bem, Mrs. Shaw. São horas de extrair leite. Tenho aqui a bomba.
- É tão bom ele precisar de leite.
- Então não havia de precisar? É um ser vivo.
- É? É mesmo?

A enfermeira-chefe dirigiu-lhe um sorriso tímido.

- Sim, é. Mas ainda tem um longo caminho pela frente.
- Eu sei que sim. Compreendo.

O bebé Charles sobreviveu à sua segunda noite; Eliza passou grande parte dela a observá-lo. Ele dormia quando ela apareceu: completamente imóvel.

– Não se preocupe – disse a enfermeira, vendo a expressão dela –, tem estado acordado e tomou um pouco de leite.

Compreendiam todos os seus medos; Eliza sentia-se muito próxima dos elementos da equipa, como se fizesse absolutamente parte dela.

Deixavam-na ficar junto do filho tanto tempo quanto desejasse.

Ela olhava para os outros bebês na unidade: os maiores, dois gémeos, pesavam um quilo e oitocentos cada.

– Amanhã já voltam para a enfermaria – disse a enfermeira.

O bebé Charles pesava cerca de novecentos gramas. Parecia inconcebível que pudesse vir a ser do tamanho deles.

Ele acordou e ela enfiou a mão na incubadora e afagou-o, levantando-lhe a mão com o dedo e convencendo-se de que ele havia reagido.

– Amo-te – disse-lhe várias vezes. – Amo-te muito.

O que quer que acontecesse, queria que ele soubesse.

Na manhã do terceiro dia, acordou, deparando-se com os seios cheios de leite, que lhe ensopava a camisa de dormir. Sentiu-se feliz, absurdamente esperançosa, considerando que era um bom sinal.

Quando Matt voltou, sentaram-se durante muito tempo a observar o bebé. Eliza sugeriu a Matt que fizesse como ela, que lhe tocasse e levantasse a mão minúscula; ele sacudiu negativamente a cabeça.

– Posso magoá-lo. É demasiado pequenino.

– Não o magoa, Mr. Shaw – disse uma das enfermeiras. – Vá lá, toque nele, é bom para ele.

Ele olhou para ela e depois pegou na mão de Eliza e, muita lenta e cautelosamente, enfiou a outra na incubadora e acariciou a cabeça do bebé; ela observou a grande mão masculina, incongruentemente forte, a tocar no filho. E reparou que também os olhos de Matt se haviam enchido de lágrimas. Ele esboçou um sorriso tímido.

– Desculpa.

– Não faz mal, Matt. Podes chorar.

– Não... oh, meu Deus – disse ele, fitando a incubadora. – Ele é tão indefeso.

De manhã, Eliza encaminhou-se para a unidade, os seios doridos de tanto leite; a enfermeira olhou para ela, receosa e claramente constrangida.

– Olá, Mrs. Shaw.

– Como é que ele está?

– Não... não está assim muito bem.

Ela sentiu-se agoniada.

– Qual é o problema?

– Acho melhor falar com o médico. Desenvolveu uma ligeira infeção hepática.

– Oh, meu Deus. Onde é que ele está então? O médico?

– Anda a fazer a ronda e não deve tardar.

– Mas eu quero falar com ele. – Ouviu a sua própria voz a elevar-se. – Por favor, chame-o.

– Sinto muito, mas não posso fazer isso. Ele não demora. Por favor, tente acalmar-se.

– Acalmar-me? Diz-me que o meu bebé está com uma infeção hepática e que o médico não fala comigo e quer que eu me acalme?

– O médico fala consigo quando voltar, o que não vai demorar muito. Agora, se me dá licença, tenho recém-nascidos para alimentar.

– Desculpe – disse Eliza, subitamente chocada com a sua atitude. – Peço desculpa...

– Não tem mal.

Sentou-se ao lado do filho, com o coração a bater acelerado e um zumbido a reverberar-lhe nos ouvidos. Ele estava com o mesmo aspeto. Ou talvez não. Estava muito inquieto; os seus movimentos eram diferentes, de algum modo mais rápidos, quase como espasmos.

– Não adoças – sussurrou ela –, não adoças, pequenino, por favor, fica bom, fica bom.

A sua impotência era a pior coisa.



O médico foi completamente franco.

– Infelizmente, o fígado dele está a funcionar mal. Acontece nestes casos.

– E então?

– Bem, pode ficar com icterícia e, claro, aumenta o perigo de uma hemorragia.

– Uma hemorragia?

– Sim. Cerebral.

– Oh, não – disse Eliza –, por favor, não.

– Sinto muito. Mas ainda não aconteceu. E pode não acontecer. Mas é importante que saiba que pode acontecer.

– Sim, claro.



– Mas como é que sabem? – perguntou Matt. Eliza tinha-lhe ligado para o escritório e, vinte minutos depois, estavam juntos na clínica.

– Análises ao sangue, suponho.

– Poderão estar enganados? Será melhor ele ser visto por outra pessoa?

– Não – disse Eliza –, claro que não. Não há pessoas melhores do que estas para tratar dele.

Retomaram a vigília, observando o bebé e os seus movimentos frágeis e impotentes.

Doze horas mais tarde, ele morreu. Disseram que foi vítima de uma hemorragia cerebral, uma forte hemorragia a que nunca teria sobrevivido. E acrescentaram que eles não teriam desejado que ele sobrevivesse, pois as sequelas seriam terríveis.

– Mas eu teria olhado por ele – disse Eliza, lavada em lágrimas. – Com todo o meu

amor, não diga que não teríamos desejado.

Deixaram-nos pegar nele, quando já não tinham dúvidas de que era irreversível. A enfermeira embrulhou-o num xaile e passou-o a Eliza; ela ficou a contemplar o seu rosto minúsculo, agora tranquilo, sentindo o seu calor, sentindo-o vivo. Levantou-o, beijou-o na cabeça, acariciou-lhe as faces e, pegando-lhe na mãozinha aberta, beijou-a também.

– Não pode ser verdade – disse ela a Matt –, não pode estar a morrer, é como... é como um bebé, um bebé saudável.

Ele não disse nada, olhando para o filho em estado de choque.

– Pega nele.

– Não. Não, não posso.

– Tens de pegar, Matt. É importante.

– Tenho medo de magoá-lo.

– Não magoas. A sério, não magoas.

Ele pegou na pequena criatura, envolta no xaile azul, e embalou-a no colo. Uma lágrima caiu no rosto sereno, seguida de outra: as lágrimas de Matt. – Desculpa, filho – disse ele, limpando-as. Eliza deu-lhe a mão e pousou a cabeça no seu ombro, contemplando o bebé. O tempo foi passando mas eles perderam a noção. Só queriam estar com o filho, partilhando o que restava da sua vida.

Ele deixou-os, depois de virar levemente a cabeça na direção de Eliza, que o segurava, e de soltar um doce e longo suspiro; e eles aperceberam-se então, com uma emoção que, apesar de tudo, era de choque, de que os seus movimentos haviam parado e de que a débil força que ainda haviam sentido nele o abandonara.



Fizeram-lhe o funeral na igreja paroquial de Wellesley. Achavam importante, achavam que o tornava importante, uma pessoa real ainda que apenas vivera por breves momentos.

Colocaram-no num pequeno caixão branco, com um ramo de rosas brancas em cima, e puseram lá dentro uma carta que Eliza lhe escrevera, dizendo-lhe que o amava e que nunca se esqueceria dele, nem da sua curta e importante vida.

Matt, lívido mas sem lágrimas, transportou o caixão sozinho para a igreja, com Eliza ao seu lado, e ficaram de mãos dadas durante o breve e dolorosamente comovente serviço fúnebre. Só estava presente a família: Scarlett, procurando dominar as lágrimas, Sandra e Pete, Sarah e Charles, que se declarou orgulhoso por o bebé ter recebido o seu nome. Consideraram que seria uma ocasião demasiado triste para Emmie, que ficou com uma das amigas de Eliza.

Não cantaram hinos, mas o organista tocou maravilhosamente e, no final, Eliza leu a bela bênção gaélica que parecia extremamente apropriada:

«Que a estrada se eleve suavemente aos teus pés.
Que o sol te aqueça o rosto com a sua luz.
Que o vento te sople sempre nas costas.
Que a chuva caia docemente nos teus campos.
E até voltarmos a encontrar-nos
Que Deus te segure na palma da sua mão.»

Como foi capaz de chegar ao fim, nunca veio a saber; a certa altura, perdeu a compostura, mas, durante o resto do tempo, a sua voz manteve-se forte e firme e, quando Matt pegou de novo no caixão, no fim da cerimónia, beijou o féretro e até sorriu, dizendo: – Adeus, meu pequenino.

Mas a coragem abandonou-a e Eliza saiu a correr da igreja, atravessando cemitério, e Charles foi encontrá-la, encostada a uma árvore, a ofegar literalmente de dor e a contemplar com uma terrível inquietação o resto da sua vida.



Não era aquilo que queria. Na verdade, era exatamente o oposto. Ao fim de dez apresentações, em dez salas de reuniões praticamente idênticas, para dez grupos de membros de administração de ar empedernido e condescendente, sentia que não tinha alternativa. Ao menos ele conhecia-a, conhecia o seu historial e mostrava algum respeito pelas suas capacidades. Ainda assim, não deixava se ser potencialmente humilhante.

Ligou-lhe para o escritório e marcou um almoço com ele. Depois de algumas alusões, bastante previsíveis, aliás, a como ela deveria andar bastante entretida com as compras, disse-lhe que estaria disponível na segunda-feira seguinte, o que justificou ter ouvido todas as suas insinuações.

– Mas terá de ser um encontro breve, porque estou cheio de trabalho. Onde é que estavas a pensar almoçar? Vocês chegam a todo o lado nos dias que correm, não é? – perguntou ele por fim.

– Cada vez mais. Um quarto para a uma, pode ser? Marcaria para a uma da tarde, mas tenho um compromisso às três.

Acabaste de ganhar o primeiro round, pensou Louise de si para consigo, enquanto pousava o telefone.

Como comia regularmente no Savoy Grill com Johnny Barrett, um jornalista amigo, que fazia uma publicidade excelente ao restaurante, o chefe de mesa conhecia-a e simpatizava com ela e concordara em dar-lhe uma das melhores mesas. Ela tinha chamado as atenções gerais ao atravessar a sala; trazia um fato preto, uma camisa branca de folhos e saltos muito altos; os quatro homens na mesa do lado estavam visivelmente intrigados com ela e com quem poderia ser o seu companheiro.

Provavelmente, imaginava ela, esperavam que fosse um amante velho e rico, que a sustentava.

Matou os dez minutos que Roderick a fez esperar estudando o suplemento de negócios do Evening Standard, e conseguiu parecer tão absorvida que o empregado que a conduziu à mesa tossiu e disse: – O seu convidado chegou, Miss Mullen.

– Ah – disse ela, levantando-se. – Desculpa, Roderick, estava só a pôr-me a par dos mercados. – Ofereceu-lhe uma face. – Como estás?

– Ótimo, obrigado – disse ele e, examinando-a de cima a baixo, acrescentou: – Estás muito bonita.

– Obrigada. O costume? – Quando ele assentiu, ela disse ao empregado que aguardava: – Um gim tónico, bem servido. E um Virgin Mary para mim, por favor.

– Que diabo é um Virgin Mary? – perguntou ele, sentando-se.

– Descobri-o em Nova Iorque. – Nunca estivera em Nova Iorque, mas ele não tinha maneira de saber isso. – É sumo de tomate sem a vodka. Mantém a mente lúcida. Acho melhor pedirmos já a comida e depois podemos concentrar-nos.

Ele pediu patê e, em seguida, rosbife; ela pediu salada de tomate e um bife com pimenta. – Mal passado. E podes pedir o vinho que quiseses, Roderick, mas o Chateau Cheval Blanc de 1952, é um St. Emilion – (aprendera isto com Johnny Barrett) –, é excelente.

– Muito bem – disse ele, o seu olhar denotando um certo respeito que ela nunca lhe vira –, mas se não te importas quero dar uma vista de olhos à carta. – Começou a folhear a enciclopédia encadernada a couro que constituía a carta de vinhos do Grill e disse: – Então, que é que tens feito ultimamente? Deve ser estranho estar no desemprego. Ou estás a gostar?

– Não estaria – respondeu ela vivamente –, se estivesse no desemprego. Mas não estou.

– Não? Fizeste as pazes com o Matt, foi?

– Não, não fizemos as pazes, como dizes – retorquiu Louise –, e não é provável que venhamos a fazer. Mas há outras maneiras de trabalhar neste setor sem ser uma sócia subvalorizada.

– Certamente. Quer então dizer que andas à procura de emprego, é isso?

Havia qualquer coisa no seu olhar que ela não foi propriamente capaz de analisar; mas não era hostilidade nem desdém. Já não era mau.

– Não – disse ela –, não, não ando. Ah, aí está o escanção. Que é que vais pedir?

– Ora deixa ver. – Folheou duas páginas e disse: – Diga-me, recomenda o Cheval Blanc de 52?

– Uma excelente escolha, se me permite que o diga.

– Ótimo. Nesse caso, pode trazer. Presumo que esteja à temperatura ambiente e tudo

isso?

– Naturalmente. Garanto-lhe que vai apreciar. Mas decerto que já o conhece. É um vinho favorito de muitos dos nossos clientes mais exigentes, se assim se pode dizer.

Credo, pensou Louise, daqui a nada estou a vomitar.

– Muito bem, está então decidido.

O escanção fez uma pequena vénia e pegou na carta. – Já o mando servir.

– Obrigado. – O primeiro prato tinha chegado; Roderick lançou a Louise um sorriso levemente envergonhado. Ela olhou-o frontalmente com bastante frieza.

– Ainda bem que escolhemos um bom vinho – foi tudo quanto ela disse, acrescentando: – Falaste então com o Matt? Desde que... enfim, desde que o filho dele morreu?

– Sim, falei – disse e, surpreendendo-a, continuou: – Pobre homem. Uma tragédia. Estava muito abalado.

– De vez em quando falo com a Scarlett, a irmã, é minha amiga. Diz ela que a Eliza tem passado muito mal. Durante uns tempos, teve de tomar antidepressivos e passou muito tempo no campo com a mãe. Pelo menos, os fins de semana.

– Ah, na famosa mansão do Matt.

– Não me parece que seja exatamente do Matt – disse Louise. – Pertence ao fideicomisso de família da Eliza. Tanto quanto sei.

– Pois, mas todos sabemos que foi o dinheiro do Matt que a salvou, certo? E o que o Matt compra, é dele.

– Suponho que sim. Ah, olha, aí está o rosbife, vamos... ah, e o vinho também.

Seguiu-se uma grande atividade, a escolha da carne com osso, a inalação dos vapores do vinho e a prova; por fim, Louise disse: – Muito bem, passemos a coisas sérias. Já sei que não tens muito tempo e eu também não.

– Pensei que não querias um emprego – disse Roderick pausadamente.

– E não quero. Quero apoio para um projeto.

– Apoio? Meu? Louise, é bom que assentes os pés na terra, menina. Vai falar com um banco de investimento, esses é que têm dinheiro.

– Já falei. Deram-me todos com os pés.

– Certamente não acharam a proposta apelativa.

– Não, foi por eu ser mulher.

– Ah. Estou a ver. Contra factos não há argumentos.

– Eu sei. Mas pensei que teriam vistas mais largas.

– Claramente não.

– Não queres saber o que é o meu projeto? – disse Louise após um breve silêncio.

– Sim, explica lá. Mas desde já te digo, Louise, não tenho dinheiro disponível para investir. Tudo o que tenho é imediatamente reinvestido na empresa.

– Entendido. Foste perfeitamente claro a esse respeito. Adiante, é no ramo da hotelaria.

– Hotelaria!

– Sim. A indústria está em alta, cresce de dia para dia. Londres foi invadida por turistas. Tornou-se na cidade da moda. E não há hotéis suficientes. Só o mercado americano é colossal, falei com a Scarlett sobre isso no outro dia, os americanos afluem aqui aos milhares. A clientela dela faz parte do segmento dos hotéis de charme, mas ela assiste constantemente à frustração das pessoas que tentam arranjar alojamento. E que acabam por só encontrar alguma coisa longe da cidade. E o problema abrange todos os níveis de rendimento, tenho aqui números, se estiveres interessado...

Tirou da pasta um dossier que preparara para ele, com um conjunto completo de estatísticas, o número de hotéis existentes em Londres, o número de turistas anuais, o potencial expresso em termos de investimento e uma lista de possíveis localizações.

– O problema é que temos de agir depressa. A pressão em relação aos locais está a aumentar. Com esses malditos ambientalistas a terem cada vez mais influência, vai tornar-se mais complicado. Covent Garden, por exemplo, que sítio fantástico para um hotel! Mas essa gente na moda que vive e trabalha na zona, atores e artistas e por aí fora, está a preparar uma campanha para a salvar sabe-se lá de quê. E, claro, o que os hotéis têm de bom é que se pode construir em altura. É uma grande vantagem; oferece-se às pessoas vistas sobre a cidade. Olha para o Hilton em Park Lane. Tem qualquer coisa como quatrocentos e cinquenta quartos, vinte e oito andares. Pode haver melhor coeficiente de ocupação do solo? Por isso, a pressão em termos de espaço não é tanto um problema.

– Sabes que a rainha se opôs a essa construção, não sabes? – disse Roderick, sorrindo.

– Está virado para o jardim das traseiras dela. Bem, não estou a dizer que não seja boa ideia, Louise; para ser franco, estou impressionado.

– Vê os números, Roderick. Anda lá.

– Já te disse, não tenho esse tipo de verba. Quanto é que é preciso, centenas de milhares, ou estamos a falar de quantias verdadeiramente exorbitantes?

– Calculo que podíamos começar com um milhão. Teria de ser dessa ordem por causa do custo do terreno. Teria de ser central.

– Um milhão! Louise, neste momento, já teria dificuldade em deitar a mão a cinquenta mil.

– Roderick, não te estou a pedir que entres com o dinheiro. Só que dês a cara pelo projeto em parceria comigo. Já te disse, os bancos só me deram com os pés por eu ser mulher. Num deles, disseram praticamente isso preto no branco. Existe por aí dinheiro a rodos, cresce nas árvores. Com o teu historial, conseguíamos o capital de que preciso amanhã.

Ele ficou calado por um momento e depois disse: – Não. Sinceramente, já tenho muito com que me preocupar e não entendo nada de hotelaria, seria uma loucura.

– Ninguém te está a pedir que te envolvas no ramo hoteleiro, não vamos fazer mais do que disponibilizar os edifícios. Depois vendemo-los. Ou construímo-los sob licença.

Outro silêncio. – Não, é demasiado arriscado. Lamento. – Consultou o relógio.

Pronto, era o momento de jogar o trunfo.

– Bom... seja. Se é a tua última palavra.

– É. Absolutamente.

– Presumo que sabes que o governo está a dar um incentivo fiscal, ou até pode ser um subsídio, disse-me o meu contabilista esta manhã, para apoiar o desenvolvimento de hotéis, exatamente por causa do que tenho estado a dizer, a escassez da oferta. Vai sair na imprensa amanhã, ao que parece. Paciência, terei de arranjar outra pessoa. É pena. Mas hei de arranjar. Não tenciono desistir.

Roderick pousou o copo de vinho e fez sinal a um empregado que ia a passar.

– Queria ver a carta dos charutos, por favor – disse ele e, virando-se de novo para Louise, pegou no dossier e começou a folheá-lo. – Que tipo de estrutura tinhas então em mente para esta empresa?



Quando chegou a casa, Louise ligou a Johnny Barrett.

– Dentro de um ou dois dias, vou ter uma história muito interessante para ti – disse ela. – E vais publicar o artigo sobre os subsídios para construção de hotéis, não vais?

– E em troca pagas-me o almoço no Savoy com uma garrafa de St. Emilion?

– Não. Duas garrafas.

– Está bem. Vou ver o que posso fazer.

– Johnny...

– Não te aflijas, querida. Já está para correção de provas, estou a olhar para ele neste momento. E disse-me um passarinho que o Sketch também o vai publicar.

– Oh, Johnny, adoro-te.



Eliza não sabia o que era pior. Se reviver o nascimento do filho ou a sua morte. Ou o funeral. Ou a culpa permanente e avassaladora. Ou o facto de as pessoas não saberem o que dizer, andando de roda do assunto. Ou não o mencionarem, mostrando-se risonhas e animadas como se nada tivesse acontecido. Ou dizerem-lhe que era maravilhoso ela ter ao menos uma filha saudável; este era um dos piores comentários, como se Charles tivesse sido um vestido novo, ou um carro, ou coisa semelhante, que ela podia perfeitamente dispensar porque já tinha um. Ou passar o tempo cansada, sentindo-se

absolutamente exausta. Ou não ter vontade de fazer nada, de sair, de ficar em casa, de estar com pessoas ou não estar, de trabalhar ou não trabalhar.

Dizerem-lhe que isto ou aquilo a animaria, a faria sentir-se melhor, era especialmente mau. Porque não queria voltar a sentir-se bem; se se sentisse bem, estaria a trair o filho, a condená-lo definitivamente ao esquecimento. Enquanto fosse infeliz, enquanto a sua dor existisse, ele era real.

Matt tinha grandes dificuldades em lidar com o comportamento dela e as suas lágrimas constantes. Sentira-se tão destroçado como Eliza quando o filho morrera, e durante as semanas seguintes. Mas andava ocupado e preocupado com problemas de trabalho e refugiava-se neles, o que Eliza não podia fazer, vendo o marido por entre uma névoa de ressentimento a começar visivelmente a recuperar e a retomar o que se assemelhava a uma vida normal.

Começou por passar os fins de semana em Summercourt com Emmie, saindo de Londres à sexta à noite e voltando ao fim da tarde de domingo; inicialmente, ele acompanhava-a, mas, mais tarde, continuando a assistir à sua desolação ali como em Londres, começou a ir cada vez mais tarde ao sábado ou mesmo ao domingo de manhã e nas duas últimas semanas não tinha ido sequer.

Sarah esforçava-se por ajudar com conselhos, simpatia e ações, oferecendo-se para tomar conta de Emmie, se Eliza quisesse sair com Matt, ou passar um fim de semana com ele em Londres, mas deparava-se sempre com uma rejeição apática e a declaração de que não compreendia.

Por fim, depois de Eliza ter sido particularmente ríspida com ela uma tarde, disse: – Querida, lamento muito dizer-te isto e tenho imensa pena de ti, mas não podes continuar a reagir assim. Estás a prejudicar o teu casamento, o Matt está a esforçar-se por compreender e ajudar...

– Que bonito da parte dele! – disse Eliza. – Ou seja, ele é o meu marido, também foi o filho dele que morreu, e agora pelos vistos toda a gente acha que eu sou egoísta porque me sinto infeliz e devia estar a fazer um esforço maior por ele. Como é que ele pode sequer pensar na porcaria dos negócios, ou onde vai construir o quê, sinceramente não sei.

– Eliza – disse Sarah pacientemente –, o Matt é um homem. É evidente que anda triste, muito triste, mas é impossível sentir a perda tão intensamente como tu. Não foi ele que carregou a criança no ventre, que a teve, não foi fisicamente afetado por ela. E na minha opinião está a fazer tudo o que pode para te dar apoio. Tu é que não fazes o mais pequeno esforço para corresponder. E, além disso, ele tem a obrigação de continuar a sustentar a família. Incluindo eu – acrescentou.

– Oh, por amor de Deus – disse Eliza –, poupa-me a essa conversa de treta que já não se usa. Sinceramente, mãe, desde que salvou Summercourt, o Matt não faz nada de

errado, pois não? Nunca imaginei que te fosse ouvir defender o Matt contra mim.

Sarah não voltou a abrir a boca, limitando-se a sair da sala.

Eliza ia passando os dias num aturdimento, levando Emmie ao infantário, voltando para casa, deitando-se na cama e chorando até se lhe esgotarem as lágrimas. Havia muito que fazer na nova casa para onde se haviam mudado algumas semanas antes de Charles nascer, mas ela não sentia o mais leve entusiasmo para isso; as salas continuavam por pintar, as cortinas por fazer, e os livros e os quadros permaneciam no chão, empilhados contra as paredes.

Havia muitas ocasiões em que não tinha de ir buscar Emmie à escola porque ela estava constantemente a ser convidada para lanchar em casa dos amigos, o que de certo modo ajudava, pois não tinha de olhar por ela nem de entretê-la, mas os seus dias eram, em resultado, ainda mais longos e solitários.

Tinha dificuldade em ser afetuosa para com Emmie e, pior ainda, tinha reações agressivas, repelindo-a se ela a interrompesse quando estava a ler ou a escrever cartas e chegando até, por vezes, a bater-lhe.

Foi então que fez algo de verdadeiramente terrível; e compreendeu que precisava de procurar ajuda.



Matt ficara chocado ao saber que Louise ia fazer sociedade com Roderick Brownlow, em parte porque ela sempre condenara o género de chauvinismo sexual de que ele dava provas e, em parte, porque a considerava demasiado inteligente para ele.

E por que diabo não lhe podia ela ter falado a ele dos hotéis? Constava que tinham comprado o primeiro terreno, com licença de construção, no limite sul de Regent's Park; Matt soube por Scarlett, que parecia dar-se bastante bem com Louise, ainda antes de sair nos jornais.

– Essa rapariga é espantosa, tem uma energia eletrizante – disse Scarlett. – Vai ter um sucesso fenomenal com aquela empresa. Deves sentir saudades dela.

Era verdade, e também sentia saudades de Jenny; já contratara e despedira três rececionistas no espaço de seis semanas. Os grandes atrativos físicos de Jenny, os seus modos afáveis, o seu profundo desejo de agradar e até a simplicidade dos seus processos mentais haviam operado maravilhas na receção. Ele mal conseguia percorrer a secção das bolachas no supermercado. Era bom que esse idiota do Brownlow a tratasse bem.

Matt sentia-se culpado por conseguir pensar no trabalho, mas andava de olho num novo negócio, uma excelente enfiada de casas em Clapham, próxima do parque. Ser proprietário de Summercourt contribuiria para que adquirisse uma sensibilidade mais apurada para as questões de arquitetura, mas este terreno era demasiado grande para perder tempo com considerações ascéticas. Podia substituí-las por um enorme prédio de

apartamentos; e os malucos, como Barry chamava aos ambientalistas, ainda não se tinham virado para fora do centro de Londres. Faria uma fortuna com o empreendimento e ajudá-lo-ia sem dúvida a esquecer o que se passava em casa.



– A mãe é muito má para mim – disse Emmie –, já não gosta de mim.

– Oh, meu amor!

Sarah olhou para ela; começava a reconhecer os talentos de Emmie para a manipulação, mas o pequeno rosto denotava genuína tristeza.

– Querida – disse ela –, claro que a mãe gosta de ti. Ama-te muito. Mas neste momento anda muito triste. Sabes que o bebé morreu, o que estava na barriga dela, e isso entristeceu-a tanto que não consegue pensar em mais nada. Não dorme e está sempre cansada, e isso põe-na um bocadinho... um bocadinho maldisposta.

– Não é um bocadinho – disse Emmie –, é muito e é sempre, e o tempo todo. Seja como for, eu não morri, ela não devia estar assim tão triste.

– Eu sei, meu amor. E ela continua a amar-te.

– Também está sempre a bater-me – disse Emmie.

– Oh, Emmie, não acredito. Talvez só quando és marota.

– Não, é sempre, mesmo quando me porto bem. Não acreditas em mim?

– Bem... – Que havia de dizer agora?

– Basta reparares. Ouve e está atenta. Vais ver.

– Está bem, querida, eu vou reparar. Mas tenho a certeza de que estás enganada. E agora, que dizes a umas fatias de pão com ovo?



Era um sábado de outubro gelado e luminoso. Eliza tinha chegado com Emmie na véspera à noite, pálida, melindrosa, mas munida de uma oferenda de paz, para se desculpar pela sua recente explosão, na forma de um ramo de crisântemos brancos.

– Obrigada, querida – limitara-se Sarah a dizer. – O Matt não veio?

– Não, foi a uma estúpida de uma conferência em Manchester. Dantes nunca ia a conferências. É para fugir de mim. E não o censuro. Ando tão deprimida o tempo todo que deve ser horrível viver comigo.

Sarah deu-lhe um abraço e não insistiu no assunto, mas, durante o jantar, disse com uma certa hesitação: – Querida, já pensaste em pedir ajuda? Andas deprimida...

– Pois ando, mas sabes muito bem porquê. Por amor de Deus, não comeces, a Maddy disse a mesma coisa.

Grande Maddy, pensou Sarah.

– Disse? E...

– Não voltei a falar com ela.

– Eliza...

– Oh, isto é uma estupidez. Vou-me deitar. Vou tentar dormir até tarde. Se a Emmie se levantar, importas-te de olhar por ela?

– Não, claro que não. Mas...

– Boa-noite.

Mas, de manhã, chegou à cozinha antes de Sarah e estava a fazer chá com um ar exausto.

– Passaste mal a noite?

– Passo sempre – respondeu Eliza secamente.

Depois do pequeno-almoço, Emmie sugeriu que fossem comprar rebuçados à loja da aldeia.

– Não – disse Eliza –, comes demasiados rebuçados.

– Eu levo-a – disse Sarah.

– Não, mãe. Por favor, não me contradigas. Emmie, vai buscar o teu livro de histórias que eu leio-te uma.

– Não quero nenhuma história. Quero ir à loja.

– Não, à loja não vamos. Ponto final.

Emmie aproximou-se da mãe e deu-lhe um empurrão. – És horrível.

– Não, Emmie, não sou nada horrível. Estou simplesmente a tentar impedir-te de comer demasiados rebuçados. Podemos ir dar um passeio, se quiseres. Pela floresta.

– Quero ir à loja.

– Emmie, não vamos à loja. Entendido?

– Odeio-te.

– Isso não se diz.

– É verdade, odeio-te.

Eliza encolheu os ombros e pegou no café.

– Vou ler para a sala de estar. Vai ter comigo quando quiseres que te leia uma história.

– Odeio-te – repetiu Emmie. – És má como as cobras.

Eliza saiu da cozinha, sentindo a fúria aumentar. Foi para a sala de estar e sentou-se na cadeira perto da lareira. Olhou para as mãos; estavam um horror. As unhas partidas e irregulares, uma delas roída até ao sabugo. Antigamente sentia orgulho nas unhas, arranjava-as com regularidade. Que preocupação extraordinária, as unhas. E o cabelo. Para quê sujeitar-se a esses tormentos só para parecer bonita? Uma loucura.

Não conseguia concentrar-se no livro e pegou antes num exemplar da Tatler. Que mundo tão diferente que esse fora, quando estava constantemente a visitar os escritórios da Tatler, um mundo incrivelmente feliz. Quando conseguia dormir e não sofria permanentemente e...

– Mãe, por favor, vamos à loja. Por favor?

– Emmie, já disse que não. Para com isso. E não mexas nesses bibelôs, ainda partes alguma coisa.

– És horrível – disse Emmie e, aproximando-se da mãe, deu-lhe um pontapé na canela.

– Odeio-te e odeio esse bebé estúpido; ainda bem que morreu.

Mais tarde, Eliza recordou-se muito claramente de pensar que a expressão «não ver nada à frente» era uma boa descrição para a raiva. Levantou a mão e deu-lhe uma bofetada com toda a força. Emmie caiu, embatendo contra a aresta de uma mesa baixa.

E ficou ali a olhar para a mãe, o choque espelhado no olhar e um fio escuro de sangue a escorrer-lhe do canto de um olho; depois tapou a cara com as mãos e desatou aos berros.

– Cala-te – gritou Eliza –, cala-te, cala-te...

– Que é que se passa? Oh, meu Deus. – Sarah entrara a correr na sala. – Emmie... meu amor... Eliza...

Pegando em Emmie ao colo, precipitou-se para fora da sala.

Eliza seguiu-a, a tremer, pensando que ia vomitar.



– Não é nada de grave – disse o jovial médico, no hospital da zona, seguindo Sarah e Emmie até à sala de espera das Urgências, onde Eliza esperava. – Teve de levar um ponto por baixo da sobrancelha e portou-se com muita coragem. Vai ficar inchado durante uns dias, mas de resto não há problema. Ela contou-me como aconteceu.

– Ah, contou?

– Contou. Estes acidentes estão sempre a acontecer em casa, não é verdade?

– Sim – disse Eliza. Partia do princípio de que seria uma questão de dias até a assistência social aparecer e lhe tirar Emmie.

– Muito bem, mantenha-a sossegada até ao fim do dia que ela fica bem. Talvez uns rebuçados viessem a calhar, não, Emmie?

Conduziram para casa em silêncio, Emmie no banco de trás a chuchar no dedo. Passaram pela loja da aldeia e Eliza perguntou-lhe se ela queria rebuçados; Emmie abanou a cabeça.

Uma vez em casa, Sarah deitou-a no sofá e foi-lhe buscar uma bebida e um livro de histórias. Eliza esperou no vestíbulo, tentando não entrar em pânico, nem gritar. Meia hora depois, Sarah apareceu.

– Está a dormir – disse ela. – Vou buscar um cobertor e depois acho que devemos conversar, Eliza.

– Sim, claro – disse Eliza.



– Pois bem – disse Sarah –, não te vou censurar; vejo perfeitamente que não preciso. Mas agora espero que te apercebas do estado em que estás, Eliza, e a que ponto precisas de ajuda. Sabe-se lá o que podes fazer a seguir.

– Sim – disse Eliza, humildemente –, sim, percebo. Oh, mãe, sinto-me tão... tão envergonhada. Sinto muito, sinto muito mesmo. Não sei o que vai dizer o Matt. O mais certo é separá-la de mim.

– Sim – disse Sarah –, é muito possível. Se vier a saber.

– Que queres dizer? Estás a sugerir que eu não lhe diga nada? Mãe, não sou um monstro assim tão grande...

– Não sou eu. É a Emmie. Entrou em histeria quando o médico estava a examiná-la, não parava de gritar «não digas ao pai, não digas ao pai, por favor, por favor, não digas ao pai.» Não houve nada que a acalmasse até eu lhe prometer que não dizia. O que disseres ou fizeres é contigo, claro.

– Não estou a entender – disse Eliza.

– Ela acha que a culpa foi dela. Disse que te deu um pontapé. Na perna. Com os sapatos calçados.

– Sim – disse Eliza, olhando surpreendida para a perna onde estava, de facto, a surgir uma nódoa negra. – Mas isso não era razão...

– Claro que não. E disse que não te odiava, que te amava e não queria magoar-te. E que te disse uma coisa muito feia...

– Bom... realmente disse uma coisa bastante... bastante violenta. Mas, por amor de Deus, é uma criança. Ainda não tem quatro anos.

– Pois não, não tem.



Emmie acordou cerca de uma hora mais tarde. Apareceu à porta da cozinha, a chuchar no dedo, e dirigiu-se à mãe, pegando-lhe na mão.

– Não vais dizer ao pai, pois não? – disse ela. – O que eu disse.

– Emmie, acho melhor...

Emmie recomeçou a chorar.

– Não, não, não digas, por favor. Não lhe contes nada, por favor, mãe. Não lhe digas.

Eliza pô-la ao colo, abraçando-a e mandando-a calar, dizendo-lhe que não se afligisse, que o pai ia compreender.

– Não lhe podes dizer nada – disse Emmie –, se disseres, fujo. Promete.

– Está bem – disse Eliza –, prometo que não lhe digo nada por agora. Depois falamos melhor sobre isto. Mas desculpa, Emmie, desculpa o comportamento da mãe ultimamente. Amo-te muito. Juro. Queres... queres ir agora à loja comprar rebuçados?

– Sim, por favor – disse Emmie, lançando-lhe o seu sorriso espontâneo e radioso. – Agora. Já.

Eliza foi buscar os casacos. Não encarou a mãe. Mais tarde, quando Emmie estava no andar de cima, no antigo quarto de crianças, a brincar com a casa das bonecas, disse: – Mãe, não sei muito bem como lidar com isto. É evidente que o Matt devia saber o que eu fiz. Foi horrível, censurável. Mas ele há de querer ouvir o que a Emmie tem a dizer sobre o assunto, por isso tenho de escolher o momento e as palavras com muito cuidado. Ela está num estado lastimável. O problema é que ela e o Matt se adoram e ele não vai dar ouvidos ao que quer que seja contra ela, acha que ela é absolutamente perfeita. E eu acho que ela quer que as coisas continuem assim. Pelo menos, é a minha interpretação.

– Isso é um processo mental muito elaborado – disse Sarah.

– Nem por isso. É um instinto básico. Não sei é como vou lidar com a situação. Oh, mãe, estou cheia de medo. É terrível. Mas na segunda de manhã, vou arranjar um psiquiatra, prometo. É perfeitamente claro que estou a enlouquecer.

Mais tarde, deitada sem conseguir dormir, como sempre, às primeiras horas da manhã, refletiu não apenas sobre as suas próprias falhas, mas sobre o poder de manipulação de Emmie e a sua força de vontade inquebrantável. Era francamente assustador, era mesmo.



Não era justo, não era; tinha finalmente posto ordem na sua vida, estava tudo a correr sobre rodas, a empresa era um êxito, começava a dar lucro, e tinha de acontecer uma coisa destas.

«Minha querida», escrevia Mrs. Berenson, «tenho uma notícia triste para lhe dar. O David e a Gaby vão divorciar-se. Ao que parece, há muito tempo que não vivem felizes e consideram que o divórcio é a única solução. Sinto-me devastada, sentimo-nos todos. Suponho que não se recordará muito bem do David, só estive com ele uma vez, mas posso dizer-lhe que está profundamente abalado com o que aconteceu. Conto visitar Inglaterra no Ano Novo e espero que possamos tomar a nossa habitual chávena de chá no Connaught.

Com afeição, Lily Berenson.»

Na verdade, pensou Scarlett, lendo e relendo esta carta e tentando definir as suas emoções – choque? satisfação? pena? indignação? – a única coisa que se podia admitir com alguma certeza era que David e Gaby não eram felizes há muito. Se Gaby tivesse feito David feliz, ele poderia tê-la seduzido, levado até para a cama, mas não teria durado um ano inteiro. No fundo, não tinha uma imagem precisa de Gaby, não fazia ideia do tipo de pessoa que ela era: a menina querida de Mrs. Berenson, a mãe perfeita, a esposa dedicada, ou a criatura fria e distante de David, controladora e gananciosa.

Talvez viesse a saber mais, durante mais um desses chás no Connaught que tinham o condão de transformar a sua vida; e entretanto limitar-se-ia a esperar. Não sabia bem por quê: uma visita de David? Um telefonema? Uma carta? Ou nada?



Foi um momento maravilhoso: de um certo modo. Não compunha exatamente as coisas, nada voltaria a ser o que era. Mas representava uma libertação intensa do medo de estar a enlouquecer e até de parte da culpa, e ali sentada, olhou para o rosto calmo e afável da psicanalista, sentindo-se paralisada de alívio, e pediu-lhe que repetisse as palavras, só para ter a certeza de que não as tinha imaginado.

– Claro – disse Mary Miller, sorrindo –, perguntei se a sua ginecologista alguma vez sugeriu que entrou em depressão pós-parto. Porque a mim parece-me de facto bastante... provável.

– Não, mas também não voltei a consultá-la, não me pareceu necessário.

– Nesse caso, acho que talvez seja melhor consultá-la e perguntar-lhe pessoalmente. Na minha opinião, o seu corpo é tão responsável pelos seus problemas como a sua cabeça, Eliza. Podemos continuar com estas sessões, se quiser, e espero que sejam úteis,

mas em primeiro lugar...

Eliza marcou uma consulta com a Dra. Munroe assim que chegou a casa, e na manhã seguinte, no consultório dela, ouviu as maravilhosas palavras a serem repetidas.

– Parece-me um diagnóstico muito provável e só desejo que me tivesse consultado antes. Tudo o que descreve, a insónia, a raiva, o choro, é consistente com essa hipótese. Claro que também perdeu um filho, nem por um momento desvalorizo esse facto como uma causa de infelicidade, e acho que a sua sessão com a Dra. Miller foi muito útil. Mas vou escrever imediatamente ao seu médico de família a sugerir que lhe receite antidepressivos.

– Oh, não! – gemeu Eliza. – Vou sentir-me uma falhada se os tomar, sou totalmente contra esses medicamentos, e agora que sei...

– Eliza – disse a Dra. Munroe com firmeza –, não é falhada nenhuma e seria extremamente irresponsável não os tomar. Está doente, o seu corpo precisa de ajuda. Por favor. Não quero ter de responder pelas consequências.

E foi assim que, no dia seguinte, hesitante e nervosa, embora aliviada, Eliza iniciou um tratamento com trazodone. Uma semana depois, já dormia bem e, quinze dias mais tarde, já começava a sentir o desespero frustrante e assustador a abandoná-la. Continuava a chorar por Charles, mas sentia que recuperara o controlo sobre as suas emoções, andava menos fatigada e reencontrara um sentido para a vida, começando até a desfrutar de novo de pequenas coisas, como ir a Summercourt, decorar a casa de Fulham e procurar um pónei para oferecer a Emmie pelo Natal, como Matt a instruíra de fazer.

Começou mesmo a ter de novo conversas com Matt, falando sobre o filho e sobre o que sentia agora a esse respeito, e isso era extraordinariamente útil, pois ele sentia-se menos rejeitado por ela e menos solitário na sua própria dor. Foram até capazes de voltar a fazer amor, uma triste sombra do sexo impetuoso do passado, mas um começo, como ambos calmamente reconheceram.

No entanto, ela nunca lhe contou o que acontecera com Emmie, nesse dia terrível, na sala de estar; decidiu que tinha sido o comportamento da outra Eliza, a Eliza delirante e doente, e não viu qualquer utilidade em contar-lhe.

Ainda evitava certas coisas: não aguentava eventos sociais e detestava a máfia prepotente e agressiva das mães no portão do infantário, dizendo «peço desculpa, mas estou mal estacionada» sempre que alguém tentava meter conversa com ela. A máfia achava que compreendia e, felizmente, continuava a convidar Emmie para festas e lanches.

A princípio, durante esse tempo terrível, Heather fora realmente a única pessoa com quem queria estar; Heather perdera também dois filhos e mostrara-se discretamente bondosa, preocupada e prestável, e aparecia em casa de Eliza, não tão intimidada com o

seu tamanho e opulência como Eliza rezeira, levando Emmie a passear quando ela não tinha energia para ir até ao parque ou estava de tal modo desfeita em lágrimas que até Emmie se sentia alarmada. Graças a Heather, Eliza não perdera o contacto com a normalidade e considerava que lhe devia mais do que alguma vez poderia retribuir.

Mas, ultimamente, andava a evitar Eliza; desconcertada, ansiosa e ligeiramente magoada, mas pensando que talvez lhe tivesse imposto o seu sofrimento em demasia, Eliza decidiu ir visitá-la, um dia, à hora de almoço.

Heather apareceu à porta, com um ar apático e pálido. – Ah... ah, olá – cumprimentou.

– Heather – disse Eliza, alarmada –, que é que tens, que é que se passa?

Heather não respondeu, rompendo em lágrimas.

– Então, então, não podes chorar. Isso é a minha especialidade – disse Eliza.

Heather conseguiu esboçar um ténue sorriso. – Tens um lenço?

– Claro. Logo vi que se passava alguma coisa. Posso entrar?

– Sim. Sim, claro que podes. Desculpa.

Eliza seguiu-a para o andar de cima. – Queres um chá?

– Não, obrigada. Toma tu. Eu perdi-lhe o gosto. – Olhou Eliza relutantemente nos olhos.

Eliza sentiu como se o chão lhe tivesse fugido debaixo dos pés. – Ah, já percebi, Heather. Estás grávida.

– Estou – disse Heather com um profundo suspiro. – Lamento muito, Eliza.

– Lamentas? – disse Eliza, reprimindo uma pontada de ciúmes. – Não digas isso, Heather. É por isso que me tens evitado?

– Sim. Sim, é. Pensei que seria... terrível para ti. Ai, com licença.

Precipitou-se para fora da sala e correu para a casa de banho no patamar, regressando alguns minutos mais tarde, sem cor, de lágrimas nos olhos.

– Ao que parece, é terrível para ti, não para mim – disse Eliza. – Pensaste seriamente que eu era tão mesquinha que não ia querer estar contigo por causa disso? Heather, és minha amiga, salvaste-me da loucura este verão. Faria tudo por ti, tudo, entristece-me que tenhas pensado isso.

– Mas não pensei. Não exatamente. Só que me pareceu horrivelmente... irónico. E cruel. Teres perdido um bebé que desejavas tanto e eu grávida de um bebé que, no fundo, não queremos. Que não queremos, não, que a nossa vida não nos permite ter.

– Bem, acho que isso é uma inevitabilidade da vida – disse Eliza. – O Matt diz que é uma merda e tem razão. Vá lá, conta-me tudo.

– Não há muito que contar – disse Heather. – O Alan anda extremamente mal-humorado com a preocupação e as minhas indisposições, e agora temos de mudar de casa e eu percebo que é inevitável, mas não arranjam nada. Nada com espaço para mais uma criança. E este apartamento pelo menos é barato. É de renda controlada,

sabes o que isso quer dizer?

– Acho que sim – disse Eliza hesitante. (As rendas controladas e a injustiça delas eram um dos tópicos das perorações de Matt. «Gente a viver em casas com rendas de antes da guerra que não se podem aumentar, não se pode despejar os inquilinos, é completamente errado.»)

– Mas é terrível viver aqui agora – continuou Heather. – O telhado deixa entrar água e a velha Mrs. Foster, no último andar, teve de ir viver com o filho. E a outra casa de banho também deixa entrar água e é frequente estar entupida.

– Oh, meu Deus. Coitada de ti. Ouve, eu vou buscar a Coral, a Emmie foi lanchar com uns amigos. Trago-te algumas coisas da loja. Já experimentaste chá de hortelã-pimenta para os enjoos? Ou camomila? Vou trazer os dois. E não comeces a remexer na carteira porque me podes pagar noutra altura, entendido?

– Entendido – disse Heather, recostando-se com um suspiro. – Obrigada, Eliza.

Eliza foi buscar Coral ao jardim-escola, levando-a em seguida ao supermercado e comprando-lhe o que eram claramente luxos: bolachas, sumo, iogurtes de fruta, batatas fritas.

Levou Coral a casa, preparou-lhe o lanche e fez chá de camomila e depois de hortelã-pimenta para Heather experimentar. Heather disse que eram os dois horrorosos e conseguiu esboçar um sorriso débil.

– Pronto, tenho de ir andando. Sua Alteza deve estar à minha espera. Mas falei a sério, Heather, faria tudo por ti, tudo. Acredita.

Foi buscar Emmie, transportando-a de um casarão luxuoso para outro, mais uma vez refletindo sobre as injustiças da vida.



– Deseja uma bebida, Miss Scarlett?

– Ah, sim, por favor, Demetrios. Agradeço.

Estava a passar os últimos dias de calor outonal em Trisus; sentira vontade de estar sozinha para pensar.

– Já temos imensas reservas para o próximo ano, Miss Scarlett. Estamos a pensar em ampliar a casa.

– Acha prudente, Demetrios? – Teve visões de uma hedionda adição moderna. – Não a estrague.

– Não, não, será só um pequeno pátio nas traseiras e talvez dois ou três quartos à volta. Perguntei a Mr. Frost o que ele pensava e ele sugeriu que falássemos com o arquiteto dele.

– Boa ideia. Ele esteve cá este ano? Mr. Frost?

– Sim, muitas vezes. Está a escrever um livro novo.

– E... Mrs. Frost veio com ele?

– Durante uma semana, na primavera. Dá-se mal com o calor.

– Pois. – Nesse caso, era um sítio estranho para construir uma casa. Mas, que diabo, que lhe interessava Mrs. Frost?

– É uma senhora maravilhosa. Muito, muito inteligente. É poetisa. Não fala muito.

Deve ser uma casa calma, pensou Scarlett. Mas pelo menos era uma casa. O que, na vida dela, não passava de uma miragem tentadora.

Agora com trinta anos, desejava casar-se, ter uma casa e filhos. Suspirou, terminou a bebida, levantou os olhos para a lua, que se erguia sobre o mar de um tom carregado de azul, serena, distinta, enorme, quase ao alcance da mão. Mas não podia tocar-lhe, claro; estava longe, muito longe. Como o marido e a casa com que sonhava.

Talvez não estivesse a fazer mais do que isso, a chorar pela lua.



Mariella convidara Eliza para passar uns dias com ela em Milão, nesse outono, para animá-la depois da morte do filho, e a vontade de Eliza fora claramente aceitar. Matt, contudo, recusou-se a autorizá-la.

– Ele diz que é tempo de aulas e que tenho de estar aqui com a Emmie.

Mariella apercebeu-se da tristeza na voz da amiga e sentiu uma onda de compaixão e mágoa e... de raiva contra Matt.

– Talvez fosse boa ideia eu falar diretamente com o Matt – sugeri.

– De maneira nenhuma – retorquiu Eliza, horrorizada. – Não ia adiantar de nada.

– Pois, mas a atitude dele não me agrada. Não me agrada nada. Diz-lhe isso.

– Talvez – disse Eliza.



– Eliza.

– Sim, Matt.

– Ouve... – Estava claramente a sentir dificuldade em dizer o que queria dizer. – Provavelmente fazia-te bem ires passar uns dias fora. Eu sei que te devia ter levado, mas tenho andado extremamente ocupado.

– Pois, já tinha reparado.

– Por isso pensei que podias ir um pouco mais tarde. As férias escolares da Emmie começam no início de dezembro e depois podias levá-la contigo.

– Bem, não sei se convém à Mariella – disse Eliza friamente. – Ela é uma mulher bastante ocupada.

– Ora, não me venhas com essa, Eliza.

– Há mais formas de ocupação do que cobrir o país de cimento.

– Pode ser que sim, mas eu não considero que comprar vestidos seja uma delas. Ouve, estou a tentar ajudar. Ser compreensivo.

– Eu sei. Mas não me parece que compreendas. Seria muito bom poder escapar por uns dias.

– Escapar de mim, queres tu dizer.

– Não, Matt, não é nada disso.

– Pois, mas é o que parece. Do meu ponto de vista.

– És um egocêntrico do pior, sabias?

– E tu não és, suponho. Ora, para que é que estou a gastar o meu latim? Faz o que entenderes, é o que normalmente fazes.

E saiu irritado da cozinha.

Ela hesitou um momento e depois seguiu-o.

Ele estava na sala de estar a olhar pela janela.

– Desculpa, Matt.

Ele virou-se; estava muito corado e tinha os olhos muito brilhantes.

– Sabes uma coisa, não és a única que sofre – disse ele, a sua voz quebrando ligeiramente. – Eu sei que para ti é pior, mas...

– Eu sei. E lamento. Lamento muito. Não devia ter dito o que disse.

– Pois não, Eliza, temos de deixar de ser tão intransigentes um com o outro. Não ajuda.

– Eu sei, eu sei. Mas sinto que já nem sequer gostas de mim. Não percebo o que é que eu fiz.

– Excluíste-me da tua vida – disse ele. – És hostil comigo.

– Matt, quem é hostil não sou eu, és tu. Eu só quero...

– O quê?

– Que a nossa vida seja boa outra vez. Oh, já tivemos esta conversa uma série de vezes.

– Provavelmente.

Ela aproximou-se dele. Ele baixou os olhos para ela, sem qualquer expressão.

– Por favor – disse ela –, por favor, Matt. Não vamos desistir.

Ele não respondeu e, beijando-a apressadamente, saiu da sala.

Nessa noite, quis fazer amor com ela; lassamente, ela cedeu. Ele sentiu a relutância dela. Mais tarde, virou-lhe as costas, soltando um suspiro, um suspiro profundo e pesado.

– Desculpa – disse ela, uns momentos depois. – Desculpa, Matt. Não consigo... não...

– Já não me desejas?

Ela hesitou.

– Não, neste momento não. É mais forte do que eu. A Dra. Miller diz que é natural, é...

– Andaste a discutir a nossa vida sexual com essa maldita psiquiatra? – perguntou ele.

– Isso é bestial. Fantástico. Não me faltava mais nada.

– Matt, eu conto-lhe tudo. É fundamental para todo o processo. O que sinto a respeito de mim mesma, da minha vida, da Emmie...

– Que queres dizer, o que sentes a respeito da Emmie? Porque é que é preciso falar disso?

Eliza sentiu o medo inundá-la. – Bom... é difícil explicar – disse ela hesitante –, e agora está tudo bem, mas com a depressão e o cansaço, sentia que estava a descurá-la e a descurar toda a gente. E ela é muito exigente, tens de admitir.

– A mim parece-me uma menina normal. E que é que há de mal na tua vida, pensei que te sentias melhor desde que começaste a tomar esses comprimidos. Porque... oh, acabemos com isto. Não aguento mais.

– Onde é que vais?

– Vou trabalhar lá para baixo. É mais gratificante do que fazer amor com um peixe morto.

– Odeio-te – disse Eliza.

– Vê-se – retorquiu ele, saindo e batendo com a porta.



Pela manhã, fizeram as pazes.

Constrangidos e pouco à vontade, mas era melhor do que nada.

– Desculpa, Matt – disse ela, tomando, como sempre, a iniciativa –, sinto muito. Estou a esforçar-me seriamente. E acima de tudo lamento a nossa relação sexual neste momento. E que não te agrada que eu fale com a Dra. Miller. Mas... sinto que tenho de me abrir completamente com ela, caso contrário o tratamento não funciona. Tenho a certeza de que com o tempo vou ficar bem outra vez. Mas agora... não sei, acho que perdi o gosto pelo sexo.

– Isso é visível – disse ele, forçando um sorriso. – Acho que tenho... ciúmes. Por seres capaz de falar com ela e não comigo. Para não falar do tema.

– Mas nós temos falado um com o outro. Não temos?

– Suponho que sim – disse ele com um suspiro. – Pronto, eu faço das tripas coração e deixo-te ir passar uns dias a Milão com a tua amiga bastante ocupada...

– Matt! Deixas-me ir a Milão? Francamente! És o pesadelo de qualquer feminista.

– Ótimo – disse ele. – Agora vai-me buscar o cachimbo e os chinelos e vê se te despachas.

Eliza fez uma coisa que pensou que não voltaria a fazer: soltou uma gargalhada.



Mariella disse que uma visita no princípio de dezembro seria excelente.

– E, como sabes, é o início da nossa Season.

– Eu sei. É estupendo. Obrigada, Mariella.

Mariella contactou então Timothy Fordyce na KPD Milão e sugeriu que ele e a mulher lhes fizessem companhia, a ela e a Giovanni, no seu camarote no La Scala. – É a Callas a cantar a Traviata, deve ser um espetáculo fabuloso.

– Ótimo, obrigado, mas nesse caso o jantar é connosco. Oh, não, não pode ser, é a semana em que o Jeremy Northcott cá está.

Seguiu-se um silêncio: – Então, ele que venha também – disse Mariella, passado um momento, num tom persuasivamente doce. – Seria estupendo.

Talvez pudesse dar uma lição a Matt...



– Minha querida, está encantadora. Absolutamente encantadora. – Lily Berenson sorriu a Scarlett, beijando-a carinhosamente.

– Obrigada. A senhora também está muito bonita, Mrs. Berenson.

– Sim, suponho que não estou mal. Claro, esta história terrível com o David deixou as suas marcas. Estou tão revoltada com ela. O David estava disposto a esforçar-se, a tentar de novo, por causa das crianças, mas a Gaby revelou-se muito egoísta. Há outro homem, como eu desconfiava, embora ela não faça tenções de ir viver com ele. Vai ficar com as crianças, pelo menos é uma excelente mãe, e o David não tem vida para tomar conta deles. Passa muito tempo fora. Ela disse-me que atribui a culpa pela rutura do casamento a isso. Fiquei chocadíssima.

– A sério?

– Claro. Chamei-lhe a atenção para o facto de o nível de vida que ela sempre teve se dever ao David e ao trabalho dele, mas ela recusa-se a admitir.

Pois é, deixou de ser a menina querida, pensou Scarlett; as coisas tinham mudado rapidamente para Gaby. Pobre Gaby. Podia ter-lhe explicado uma ou duas coisas sobre David e a natureza abnegada das suas ausências...

– Mudemos de assunto, minha querida, como é que tem passado? Como vai a sua empresa? Foi uma ideia muito inteligente.

– Vai bastante bem – disse Scarlett. – Neste momento, tenho negócios nos Estados Unidos, tenho dois hotéis em São Francisco, e...

– Estou sempre a dizer-lhe que devia considerar Charleston, minha querida. Encaixa na perfeição no tipo de promoções que faz, especialmente na primavera. Existem vários pequenos hotéis que me parecem ideais para si, aliás, acho que vou mencionar o assunto ao David logo à noite...

– Ao David?

– Sim, ele veio comigo. Passa a noite em Londres e depois viaja para Paris. Sabia que

eu ia estar consigo esta tarde, mas infelizmente tinha vários compromissos que o impediam de nos fazer companhia. Estou a pensar se não poderíamos jantar os três juntos.

– Não – disse Scarlett –, não, tenho um compromisso, Mrs. Berenson. Lamento.

– Que pena. E estaria disponível para o pequeno-almoço?

– Não, tenho uma reunião logo de manhã cedo.

– É uma rapariga muito trabalhadora. Está a ver, acho que, se a Gaby tivesse uma carreira, talvez as coisas tivessem corrido melhor, andaria mais distraída e não pensaria em si mesma o tempo todo. É uma mulher muito egocêntrica.

Quando Scarlett ia a sair do Connaught, estacionou um táxi à porta; David vinha lá dentro. Ela deu meia-volta e encaminhou-se para a casa de banho, onde se sentou a um dos toucadores durante dez minutos, a tremer ligeiramente. David ainda tinha o poder de perturbá-la sexual e mesmo emocionalmente; maldito homem, era incrivelmente atraente.

Mais tarde, estava a instalar-se à secretária quando o telefone tocou.

– Scarlett? – Era ele.

– Sim.

– Estava com esperança de te apanhar esta tarde. Voltei mais cedo. Queria apanhar-te de surpresa. Sabia que nunca falarias comigo por vontade própria.

– Não. Tens razão.

– Scarlett, sabes que agora o fim do meu casamento é a valer.

– Sim, soube que a Gaby tinha caído em si.

– Pois, podes interpretar como quiseses. Talvez aceites finalmente que o que te disse era verdade, que ela no fundo não me tinha afeto.

– E... a pequena Lily? Foi concebida num momento de falta de afeto?

– Por favor, Scarlett. É evidente que eu tinha relações com a Gaby de vez em quando. Por amor de Deus, éramos casados. São coisas que acontecem.

– Disseste que não aconteciam.

– Eu sei. Mas tinha medo de te perder.

– Oh, David, por favor.

– Pois – disse ele –, o facto é que continuo a amar-te. E sempre amarei. Nunca te esqueças, Scarlett. Não ignores isso sem ao menos olhares de relance para o passado.

– Estou cansada de olhar para o passado, David – redarguiu ela. – Agora preciso é de olhar para o futuro.

De qualquer forma, depois de desligar, Scarlett permaneceu sentada a olhar para o telefone, pensando nele e no tempo que passara com ele; e pela primeira vez sorriu ao rememorar.



Heather andava extremamente em baixo. A gravidez, uma gravidez inconveniente e indesejada, causava-lhe enjoos e fadiga. Alan andava cada vez mais mal-humorado e deprimido.

– E a Coral não gosta da escola, diz que continuam a arreliá-la. E a Emmie?

– Está bem. Queres trazer a Coral para lanchar connosco amanhã?

– Acho que não posso. Tenho de tratar do problema da casa de banho e o senhorio prometeu mandar alguém amanhã. Não me deu uma hora, o que me obriga a ficar por aqui, e já sei o que vai acontecer, quando sair para ir buscar a Coral é quando o homem vai aparecer e depois já têm uma desculpa.

– Eu vou buscar a Coral – disse Eliza.

– Não te importas? É um grande favor que me fazes, Eliza.

Chegou muito cedo à escola de Coral; estacionou e correu a uma tabacaria para comprar o jornal; o único que tinham era o Daily News. O jornal de Jack Beckham. Ele contratara uma redatora de moda, chamada Katya Rowlands, e tinha-a transformado numa vedeta. O rosto delicado dela andava até pespegado nas paredes laterais dos malditos autocarros. Sempre que a via, Eliza sentia-se agoniada.

Olhou para a coluna dela e teve de admitir que tinha qualidade. Não era genial, mas era boa. O estilo era um tanto mordaz, mas o conteúdo era interessante.

Virou rapidamente a página e tentou antes concentrar-se na coluna social. Não conhecia nenhuma das pessoas referidas, o que também a deprimiu. Oh, Eliza, em que é que te tornaste? Numa relíquia azeda do passado, foi no que deste.

Quase chegou atrasada ao portão para recolher Coral. Conduziu-a a casa e foi encontrar a pobre Heather a sair da casa de banho lívida.

– Desculpa – disse ela –, ainda não me livre dos enjoos.

– Não peças desculpa, tonta. O homem apareceu?

– Não, ainda não.

Um homem surgiu nas escadas por baixo delas.

– Mrs. Connell? Tenho indicação de que há um problema qualquer na casa de banho. O que é? Ficou a funcionar bem da última vez que cá estive.

– O problema é o mesmo – disse Heather. – Deita água.

– Isso é muito estranho. Eu dou outra olhada, mas... credo, isto aqui tresanda!

– Pois tresanda – disse Eliza, mandando Heather para dentro de casa e fechando a porta atrás dela. – É porque o autoclismo não funciona em condições. O sistema precisa de ser substituído.

Ele largou o saco das ferramentas no chão.

– É uma canalizadora qualificada, é?

– Não. Mas sou capaz de reconhecer quando uma obra é mal executada.

– Não tem o direito de dizer isso. A sanita ficou em perfeitas condições quando daqui

saí. Esta gente – apontou para a porta de Heather – não sabe usar as coisas. Não as limpam como deve ser.

– Duvido muito disso. Esta sanita é usada por quatro famílias, tem de estar em boas condições de funcionamento.

– E a menina é uma delas?

– Não – disse Eliza –, não sou. Mas sei que amarrar um cano partido com um trapo sujo não é uma solução duradoura.

– Muito bem – disse ele, voltando a pegar no saco das ferramentas –, conserte-a a menina já que sabe tanto.

Eliza entrou levemente em pânico; se não se acautelasse, o problema dos inquilinos ficaria por resolver, ainda que mal, por sua causa.

– Ouça – disse ela –, para quem é que o senhor trabalha, quem é o seu patrão? Não consegue que ele autorize uma reparação em condições?

– As minhas instruções são para fazer o que for necessário – respondeu ele –, e é isso que eu faço. Como é, vai deixar-me fazer o meu trabalho ou vai pôr-se aí a dar bitates?

– Sim – apressou-se Eliza a dizer. – Sim, deve fazer o que puder, claro.

Pela primeira vez na vida, Eliza assistira à total indiferença demonstrada pelos poderosos para com as pessoas sem poder; sentiu-se chocada.



– Isso é... é terrível. Não posso acreditar. Por favor, por favor, diz-me que não é verdade.

– Porque é que é assim tão terrível? Vai ser divertido, havemos de passar todos bons momentos juntos.

– Mas...

– Pensei que te ia agradar...

– Mariella, como é que me pode agradar? O Jeremy... aqui, em Milão! Não apenas aqui, mas a jantar connosco. Já perdi a vontade de ir.

– Eliza. – A voz de Mariella assumiu um tom de determinação férrea. – Eliza, isso está fora de questão, tens de vir. Há de parecer mal se não vieres. O Timothy Fordyce e a mulher, a Janey, convidaram-nos para jantar. E queres perder a Callas? Milão vai lá estar em peso... é uma oportunidade única.

– Milão em peso e o raio de um inglês. – Eliza hesitou. A única coisa que ia acontecer era que voltaria a ver Jeremy e seria divertido.

– Desculpa, Mariella, estou a ser estúpida – disse ela. – Há de ser ótimo. Mas podemos ir às compras? Preciso de sapatos. E achas que trouxe roupa suficientemente elegante?

– Para o Jeremy?

– Não, claro que não. Para a ópera.

– Eliza, *Le Smoking* de Yves Saint Laurent é sempre elegante. Eu própria queria comprar um, mas não me assenta bem. Vais estar extremamente chique. Mas sim, talvez uns sapatos novos de tacão muito, muito alto. Vamos esta tarde. Acho melhor deixarmos a Emmie com a Anna-Maria.



Sozinha no seu quarto palaciano, a desfazer a mala de Emmie, Eliza interrogou-se por que razão estaria com tanto medo de se encontrar com Jeremy. Não o tinha deixado há uma semana. E ele não tinha renunciado a tudo, levado pelo sofrimento, nem tinha ido viver num mosteiro. Era uma figura de grande sucesso numa empresa: diretor executivo da KPD em Nova Iorque. E continuava a ser extremamente rico.

Se se tivesse casado com ele, o casamento nunca teria resultado, naturalmente. Nunca existira na relação uma chama verdadeira (tentou não pensar nos problemas que a chama na sua relação com Matt causara).

O que a preocupava agora era o que poderia sentir por Jeremy, ao fim de todo este tempo, se poderia existir na realidade uma chama mais intensa do que imaginava.

E, por mais que amasse Matt – e amava, sem dúvida que sim –, a magia esbatera-se inevitavelmente. A emoção abrandara, o desejo perdera a acuidade, por mais forte que a relação pudesse ser; e era próprio do ser humano deixar-se arrebatado, ainda que por breves momentos, pela dança de um jogo de sedução, pelo alvoroço de uma atração, pela agitação da intriga.

Jeremy podia claramente oferecer isso: o que era perturbante. Para não dizer assustador. Muito assustador mesmo.



– Não! Não, não quero. Quero ir contigo. Não quero brincar com a Anna-Maria. Quero ir às compras. Porque é que não posso ir? Juro que me porto muito bem.

– Emmie – Eliza calou-se. Era impossível argumentar com Emmie quando ela estava nesta disposição. – Então ouve, se te levamos connosco, prometes que te portas muito, muito bem? E depois talvez te levemos a tomar um chocolate quente e a comer um bolo. Mas não quero queixas, Emmie. De acordo?

Emmie compreendia acordos. Sorriu à mãe, com doçura e meiguice, os seus enormes olhos azuis inocentemente arregalados. – De acordo.



Milão, preparando-se para o Natal, respirava a sua melhor atmosfera de conto de fadas: decorada com luzes a toda a largura das ruas e suspensas nos lampiões, as

montras das lojas opulentamente enfeitadas, cenários dourados e prateados para cintilantes vestidos de noite, joias brilhantes de cores intensas. Aos olhos de Eliza, eram especialmente atrativas as lojas de alimentos, os talhos com a sua exposição de carne de javali, veado, lebre, os faisões pendurados com a sua bela penugem, as bancas da frutas e legumes em pilhas altas e as pastelarias cujas montras eram obras de arte e, em todas as esquinas, bancas de flores oferecendo ramos exuberantes já preparados em grandes bacias e jarras com rosas, lírios e verduras densas e vistosas. Para Milão, o Natal era o solstício de inverno, o antigo dia de festa romano; menos sentimental do que Londres com os seus intermináveis pais natais e renas galopantes, mais adulta, mais vocacionada para o prazer dos sentidos.

Mesmo os presépios nas janelas ou diante das igrejas eram obras de arte, esculpidos com primor, pastores em tamanho natural, os reis magos, Maria e José e o Menino Jesus.

As pessoas andavam vestidas com peles, leopardo, zibelina e vison, com enormes golas de pele de raposa, e até os casacos de caxemira e pele de camelo dos homens exibiam golas de vison.

E, pelo meio, os ciganos, às centenas, esfarrapados e sujos com bebês adormecidos – «Estão drogados», disse Mariella desdenhosamente – impingindo raminhos de urze e murmurando imprecações. Alguns sentavam-se nos passeios e nos vãos das portas; os milaneses contornavam-nos ou passavam por cima deles, não interrompendo as conversas por um momento que fosse nem lhes dando esmola.

Emmie avançava de olhos arregalados entre Mariella e a mãe, com a fiel Anna-Maria no encalço.

– Compras-me uns sapatos novos? – pediu Emmie. – Queria sapatos de verniz preto com as biqueiras quadradas. Como os da Katy.

– Quem é a Katy? – perguntou Mariella.

– É a minha melhor amiga. Neste momento.

– Mudas de melhor amiga com frequência?

– Mudo. Muitas vezes.

– Linda menina. Eu também.

– A mãe é a tua melhor amiga neste momento?

– Claro que sim. E sempre que estou com ela. É uma melhor amiga muito boa, a tua mãe.

– Também é minha. Neste momento – disse Emmie.

Passaram pelas deslumbrantes montras do Rinascente: os olhos de Emmie cintilaram.

– Podemos entrar aqui?

– Não, vamos comprar os meus sapatos – disse Eliza.

– Por favor!

– Emmie – disse Eliza em tom de advertência.

– Mas é divertido lá dentro.

Mariella falou com Anna-Maria? que assentiu com a cabeça e pegou na mão de Emmie.

– Emmie, carina, vai com a Anna-Maria, ela mostra-te a loja. Encontramo-nos daqui a uma hora no Cova e depois comes um millefoglie. Vais gostar muito.

– Mas eu quero que venham...

Os olhos de Mariella endureceram e Anna-Maria puxou pela mão de Emmie. A expressão dela não passara despercebida a Eliza.

– Emmie! Lembra-te do nosso acordo.

– Está bem.



Uma hora mais tarde, depois de provarem vários sapatos de saltos vertiginosamente altos, encaminharam-se para o Cova, carregadas de sacos.

– Onde é que elas estão? Parece que ainda não chegaram.

– Não. – Eliza sentiu um ligeiro sobressalto de ansiedade.

– Vamos pedir o cioccolata e os millefoglie – disse Mariella, sentando-se a uma mesa –, elas não devem demorar. Ah, aí está a Anna-Maria.

Sim, era Anna-Maria: uma Anna-Maria lívida, de olhar alucinado. Sozinha. Sem Emmie.

Correu para Mariella, falando por entre soluços quase histéricos. O leve sobressalto no estômago de Eliza deu lugar a uma violenta turbulência. Mariella virou-se para ela. Falou cautelosa e pausadamente.

– Ao que parece, a Anna-Maria não sabe onde a Emmie se meteu. Diz que estava com ela e de repente desapareceu. Assim, num abrir e fechar de olhos.

Desaparecida. Uma criança de cinco anos, no meio de uma cidade estrangeira. Cujas língua não falava. Uma cidade a transbordar de pessoas, onde uma criança podia... podia...

– Meu Deus – disse ela, repetindo: – Meu Deus. – Pensou que ia vomitar. Não entres em pânico, Eliza, os italianos adoram crianças, uma menina não se perde a meio da tarde em plena... não, plena luz do dia não, estava a cair o crepúsculo.

– Pergunta-lhe onde foi a última vez que a viu – disse ela, tentando manter-se calma.

Mais uma troca de palavras num italiano incompreensível. Eliza engoliu em seco.

– Foi no Rinascente. A Anna-Maria virou-se por um momento e a Emmie desapareceu.

Voltaram ao Rinascente, onde se dirigiram à secção de vestuário de criança. Eliza estava desfeita em soluços e aterrada. A menina voluntariosa e manipulativa dera lugar a uma criança pequena e assustada em perigo. Pelo menos, era assim que a imaginava agora. Não lhe saíam da cabeça os ciganos com as suas imprecações furiosas: e se tivessem levado Emmie, ela tinha ficado fascinada com eles, teria ido.

– Foi aqui – disse Anna-Maria, indicando uma fila de vestidos bordados com franzidos.

– Desviei os olhos um minuto... e ela sumiu-se.

– Não lhe devia ter largado a mão – disse Eliza –, devia ter ficado sempre de mão dada com ela.

– Ela não queria. Tirava-a sempre.

Não podia zangar-se com Anna-Maria. Não podia. Não ajudaria em nada.

Mariella, que tinha desaparecido, regressou com uma expressão satisfeita.

– Já está. Vai ser anunciado. Dizem que não tardam muito a encontrá-la. Sugeriram que fôssemos à secção de brinquedos.

Foram à secção de brinquedos; estava cheia de crianças extremamente agasalhadas e mães e avós com casacos de pele, a rir e a gritar em italiano. Eliza começou a entrar em histeria. Por amor de Deus, porque é que não falavam em inglês? Emmie havia de estar assustada, perdida, a chorar... qualquer pessoa podia levá-la...

Mariella agarrou-a pelos ombros e abanou-a.

– Eliza! Acalma-te. Assim, não encontramos a Emmie. Ela é uma menina esperta. Temos de pensar. Que é que ela queria esta tarde?

– Só... só queria vir connosco. E comprar... comprar...

– Ah, pois. Os tais sapatos. Pode ser que esteja aí. Vamos, cara, ânimo.

Estendeu a mão. As mulheres de casacos de pele olharam para Eliza com um misto de desdém e compaixão. Enquanto vivesse, pensou Eliza, nunca mais perderia Emmie de vista. E nunca na vida compraria um casaco de pele. Odiava casacos de pele. Se não encontrasse Emmie, não teria alternativa senão suicidar-se; subiria ao cimo da Duomo e atirar-se-ia, não podia fazer outra coisa.

– Cá estamos. Bambini. E olha só. Que é que eu disse? Ali está a esperta da tua filha. Uma futura editora de moda.

E realmente lá estava ela, com um segurança ao lado, sentada e a sorrir, na maior das calmas, numa cadeira alta, como se fosse um trono, rodeada de sapatos de verniz de todas as formas e cores. Uma empregada de balcão divertida, claramente à espera que uma mulher de casaco de pele aparecesse a qualquer momento a reclamá-la, estava a ajudá-la a experimentá-los.

– Emmie – gritou Eliza do outro lado da sala –, Emmie, oh, Emmie, tenho andado à tua procura por todo o lado; por onde é que andaste, meu amor?

Emmie ouviu o seu nome, virou-se e estendeu dois pequenos pés, um com um sapato de verniz preto e o outro com um sapato de verniz vermelho.

– Que é que achas? – perguntou.



Mais tarde, muito mais tarde, quando já estavam em casa, com os dois pares de sapatos, os vermelhos e os pretos, comprados por Mariella contra as reclamações de

Eliza – «Ela merece-os, cara, deu provas de grande astúcia ao encontrá-los, devias sentir-te orgulhosa.» –, Eliza deitou Emmie cedo para castigá-la, dizendo-lhe que não haveria nenhuma história nessa noite, nem mais passeios em Milão, nem presentes de Natal.

– Que achas que o pai vai dizer quando souber o que fizeste, que fugiste assim da Anna-Maria? – perguntou Eliza.

– Não sei – disse Emmie. – Se calhar vai ficar zangado contigo. Por não teres ficado comigo.

E sorriu docemente à mãe, enfiou o dedo na boca e virou-se para o outro lado.

O dia seguinte estava muito bonito. Eliza passou-o com Emmie, a vaguear pelos jardins da villa, brincando às escondidas, fazendo, como Emmie queria, um piquenique junto ao lago, tolhidas de frio (e aquecendo-se mais tarde em casa com chocolate quente que uma Anna-Maria arrependida e indulgente lhes serviu), ajudando Emmie a fazer um desenho a lápis de cor das traseiras da casa com o labirinto em miniatura, para mostrar a Matt, e assistindo finalmente ao pôr do sol nas montanhas.

Mariella estava em Milão, dando os últimos retoques aos preparativos para um jantar para quarenta pessoas que ela e Giovanni iam dar na semana seguinte.

Nessa noite, Eliza ligou a Matt; este soou como habitualmente nestas ocasiões, irritantemente surpreendido.

– Estou ótimo, não precisas de te preocupar comigo. Como sempre, estou a trabalhar como um mouro, mal tenho saído do escritório.

– Espero que estejas a alimentar-te em condições – disse Eliza.

– Tenho, claro que sim, amanhã vou jantar com a Scarlett. E tu, estás a divertir-te? – perguntou ele, visivelmente com esforço. – Como está a Emmie?

– Está bem. Queres falar com ela?

– Sim, passa-lhe o telefone.

Eliza obedeceu, nervosa, receando que Emmie entrasse numa descrição pormenorizada da sua aventura da véspera; tinha decidido que o melhor era deixá-la contar o sucedido a Matt e depois corrigir a versão dela, se necessário, e não o contrário. Mas Emmie não abordou o assunto, limitando-se a falar do dia passado na villa – «é como um palácio, pai» – e dos sapatos novos que Mariella lhe tinha comprado.

– Estou a portar-me muito bem – terminou. – Até breve, pai. Tenho saudades tuas.

Talvez pensasse de facto que se tinha portado bastante mal e não quisesse que Matt soubesse; seria a melhor solução. Estava a tornar-se num cenário cada vez mais familiar. Ela era uma criança muito inteligente, pensou Eliza, observando-a com um misto de alarme e admiração.

– Pronto – disse ela, voltando a pegar no telefone. – É melhor desligar. Isto está a custar uma fortuna. Vemo-nos depois de amanhã.

– Sim. À hora do chá, foi o que disseste? Tenho muita pena, mas não posso ir esperar-

te, tenho uma reunião.

– Olha a novidade.

– Mas é bom ter-te de volta – acrescentou ele, detetando claramente o registo na voz dela. – Até breve.

– Adeus, Matt. Tenho saudades tuas.

– Adeus.

– É do teu marido que tens saudades? – perguntou Mariella.

– É – respondeu Eliza, reprimindo um suspiro. – Acho que ele também está com saudades minhas.

– Ele não to disse?

– Não. Não é romântico como o Giovanni. As palavras não são o seu forte.

– Bom, as palavras não são tudo.



O dia de quinta-feira nasceu muito sereno e enevoadado.

– Espero que não haja nebbia – observou Mariella.

– Que é isso?

– Nevoeiro. É muitíssimo desagradável. Paralisa a cidade. Não se pode sair à rua, não se pode entrar em casa.

– Ah, e é frequente?

– Em dezembro é. Estamos no meio de uma grande depressão, percebes, com os Alpes dos dois lados, e se o vento soprar na direção errada, abate-se sobre nós. Aliás, acho melhor sairmos um pouco mais cedo. Não convém correr o risco de perder a ópera.

Partiram às quatro no grande Lancia.

Mariella tinha feito diligências para se mudarem no Hotel Grande Mizzoni.

– É um quarto pequeno, os grandes e as suítes estavam ocupados, claro, mas pelo menos temos alguma privacidade.

Emmie ficara ao cuidado de Anna-Maria e, caso houvesse algum problema, do criado pessoal de Giovanni, Bruno, que ela adorava. Reagiu muito bem quando Eliza se despediu dela e estava claramente muito mais interessada no jantar que ia fazer com Bruno na cozinha do que na partida da mãe.

Milão estava efetivamente mergulhada em nevoeiro: não o smog de Londres, mas uma bruma cinzenta que praticamente envolvia, no seu movimento circular, as luzes de Natal e os lampiões e a Virgem dourada no topo do edifício da Duomo. Paolo, o motorista, deixou-as à porta do hotel, dizendo que as viria buscar às seis.

O Hotel Grande era um exemplo em ostentação: espelhos, arcos, estátuas de mármore, dourados; o pequeno quarto descrito por Mariella era mais ou menos do tamanho de um apartamento espaçoso. Eliza acabou de se arranjar muito antes de

Mariella que mandara vir a cabeleireira e a maquilhadora; ela e Giovanni sentaram-se a beber uma taça de champanhe.

– Estás lindíssima – disse ele, sorrindo-lhe –, de um modo muito especial. Enche-me de orgulho estar na tua companhia.

Eliza tentou recordar-se da última vez em que se sentira tão apreciada.

Mariella apareceu, extraordinariamente encantadora, vestida de seda brocada creme, um cabelo escuro apanhado no cimo da cabeça cravejada de joias, os grandes olhos brilhantes sob o que Eliza deduziu serem pelo menos duas filas de pestanas; ouviu Giovanni sustar a respiração antes de se levantar e lhe beijar a mão.

O teatro La Scala estava banhado em luz, uma aura dourada de esplendor, cintilando através da bruma; chegavam vagas de limusinas, que paravam e voltavam a arrancar, largando os seus sofisticados ocupantes. A ópera começava às sete, mas, antes disso, o jet set de Milão tinha de se encontrar, de trocar beijos e galanteios, de se exhibir.

Eliza seguiu Mariella e Giovanni pela larga e sinuosa escadaria. Perdeu-se deles no meio da multidão de pessoas, todas com um ar esplêndido, os homens italianos, elegantes e românticos, vestidos com smokings, as mulheres de cores brilhantes e cabelos armados. E a joalharia, extraordinariamente arrojada e bela, grandes colares de pérolas, fios torcidos e esculpidos de ouro e esmeraldas, azeviche e marfim engastados em prata, e brincos, pulseiras e relógios de diamantes. Eliza sentiu vontade de se imobilizar para contemplar este mar de gente, mas foi majestosamente arrebatada pela onda para o grandioso átrio Arturo Toscanini em cima, onde a cena era quadruplicada nos enormes espelhos cravejados de botões dourados.

Sentia-se maravilhada, inebriada com tudo, e, quando chegou ao bar, já não se sentia nervosa com o encontro com Jeremy; ele tornara-se simplesmente num acessório desta noite de festim visual.

E ainda bem, pois ele não estava ali.

– Da última vez que o vi estava a entrar a correr no Hotel Grande para mudar de roupa – disse Timothy Fordyce, apertando-lhe a mão. – Mas deve estar a chegar. Nunca se atrasa.

– Não, mas chega sempre em cima da hora – disse Eliza, rindo.

– Tinha-me esquecido que o conhecias – disse Fordyce. – Eliza, apresento-te a minha mulher, Janey.

Janey Fordyce era uma mulher bastante discreta, com um pequeno vestido preto, mas era viva e bonita, a típica inglesa, de cabelo louro e grandes olhos azuis.

– Muito prazer, Eliza. Ouvi falar muito de ti... claro.

– Nós não paramos de falar dela, é por isso – disse Mariella. – Champanhe, Eliza?

As pessoas iam e vinham, aproximavam-se deles e depois retiravam-se; imperava o charme e o estilo num ambiente em que, claramente, toda a gente era muito, muito rica.

Corria uma série de rumores sobre Callas, que fora substituída por Jackie Kennedy na vida do amante, Aristóteles Onassis.

– Dizem que a voz dela já não é o que era – comentou Giovanni –, mas eu acho que continua a ser incrível. Ouvi-a cantar a Tosca não há muito tempo; foi uma experiência única.

A primeira chamada para o espetáculo soou e pouco depois a segunda. Jeremy continuava sem aparecer.

– Temos de entrar – disse Giovanni –, deixamos instruções para o conduzirem ao camarote.

A vista sobre o La Scala do camarote deixou Eliza literalmente atordoada. E maravilhada.

– Meu Deus – disse ela –, é espantoso. Só há camarotes, não há cadeiras.

– Quase – disse Giovanni –, existem lugares de plateia, como vês, e os loggione em cima. – Indicou-os com um gesto, o equivalente ao galinheiro, Eliza deduziu. Os camarotes corriam em três lados do teatro, dourados e vermelhos, majestosamente sobrepostos em vários níveis, com o palco diretamente em frente.

Instalaram-se e Mariella insistiu para que ela se sentasse na primeira fila; Jeremy continuava sem dar sinais de vida.

– É indecente – disse Timothy Fordyce. – Peço imensa desculpa, Giovanni.

– Não faz mal. Espero que o deixem entrar, agora é possível que não deixem.

A ópera, naturalmente, era maravilhosa. Eliza não era uma entendida em música, mas a tragédia da história e a beleza extraordinária da música emocionou-a ao ponto de lhe assomarem as lágrimas aos olhos. Cantou, seduziu, riu-se com Violetta, deu por si apaixonada por Alfredo; e quando Violetta estava a cantar sozinha no seu salão, cogitando sobre um possível romance com Alfredo, aconteceu uma infelicidade. Eliza começou a tossir. A princípio foi uma tosse impercetível não causando qualquer distúrbio; Mariella sorriu-lhe compreensivamente, tocou-lhe na mão e ninguém reparou. Mas pouco depois voltou a tossir. Mais alto. Não foi apenas o grupo dela que ouviu, Mariella franzindo o sobrolho; no camarote contíguo, alguém olhou na sua direção. E então, numa passagem particularmente pungente da ária, uma terceira tossidela começou a querer sair-lhe do peito; só havia uma coisa a fazer. Levantou-se, sustendo a respiração e tapando a boca com a mão, e precipitou-se para fora do camarote, descendo as escadas a correr para o átrio do rés do chão, onde tossiu à vontade, sem inibições, quase alegremente, os olhos lacrimejando e debatendo-se com a falta de ar. Um dos funcionários fardados avançou, perguntando-lhe se se sentia bem; ela conseguiu sorrir-lhe, assentir com a cabeça e dirigir-se lentamente para a casa de banho, onde uma simpática assistente lhe foi buscar água, lhe deu pancadinhas nas costas e lhe passou uma toalha.

Este episódio não demorara mais de cinco minutos, e agora ela sentia-se perfeitamente bem, a maquilhagem retocada, a respirar com normalidade, findo o ataque de tosse.

Era evidente que não podia regressar ao camarote; mas podia esperar à porta, o intervalo seria dentro de cinco momenti, disse-lhe a simpática assistente. Ela agradeceu, pôs cem liras no prato e subiu ao terceiro andar, onde sabia que o camarote ficava. Mas... que camarote era? As portas estavam todas numeradas, mas ela não fazia ideia do número, limitara-se a seguir Mariella e Giovanni, deslumbrada com o ambiente. Tinha a impressão de que o camarote era relativamente central, mas isso podia incluir cinco portas. Estava do lado de fora de uma delas, hesitante, quando ouviu passos atrás de si. Aliviada, virou-se, pensando que a pessoa que aí vinha talvez pudesse informá-la; e nesse momento, deparou-se com Jeremy Northcott, ainda mais atraente do que recordava, sorrindo-lhe com essa familiar expressão que parecia dizer: cá estamos nós, eu e tu, sozinhos no mundo.

– Eliza! Que maravilha! Estás lindíssima! Como estás? Perdeste-te?

Ela olhou fixamente para ele, durante muito tempo, literalmente sem fala. Sentia-se tão insegura, tola e deslumbrada como da primeira vez que o vira, todos esses anos antes; e ele parecia não ter perdido nada do seu esplendor e sofisticação. A luz dos candelabros pareceu tremeluzir várias vezes.

Depois, à medida que recuperava o sentido da realidade e ele continuava a sorrir-lhe e ela a olhar para ele, compreendeu. Claro que compreendeu. E percebeu que ele também compreendia.



– És tu, Matt, não és? Olá!

Era Gina. Com um ar mais velho e um excelente aspeto, com um desses novos casacos maxi pretos em voga e um chapéu de pele à Dr. Jivago, a sua espessa franja a espreitar por baixo, fitando-o com os seus olhos cinzentos e brilhantes.

– Olá – disse ele. Tinha-se esquecido de como ela era excecionalmente bonita.

– Como estás? Gosto imenso de te ver.

– Estou bem. Sim, ótimo.

– Um homem de sucesso, pelo que sei. Estou sempre a ler coisas sobre ti. Matt milionário. Já chegaste aos vinte?

Lembrava-se. Da sua determinação em ganhar pelo menos vinte e sete milhões quando chegasse aos trinta e nove anos, como Harry Hyams. Ficou sensibilizado.

– Não exatamente. Não deves acreditar em tudo o que lê nos jornais.

– Acredito em tudo o que leio sobre ti, Matt. Tudo.

Também se tinha esquecido da conotação sexy que ela imprimia a tudo.

– Enfim, as coisas têm corrido bem.

– Têm? E a tua mulher como está?

– Está ótima. Obrigado.

– Já lá vão uns anos, não é? Homem casado, bem instalado na vida. Mas não tens ar disso, Matt, estás igual. O velho Matt de sempre. Ou antes, o jovem Matt de sempre.

Também se tinha esquecido do prazer de receber galanteios.

– Tenho uma boutique minha agora. Em Kensington Church Street. Está a correr muito bem. Os clientes são atraídos à zona pela Biba e depois dão uma volta por ali.

– Ah, estou a ver. Ainda bem, Gina, folgo em saber. E casaste-te?

– Já estou divorciada. Se alguma vez andares pela zona, faz-me uma visita. Chama-se Dressing Up. Toma... fica com o meu cartão.

Enfiou-lho na mão; e até este gesto conseguiu carregar de provocação.

– Não... não vou para esses lados com frequência – apressou-se ele a dizer. Sentia-se quase tímido.

– Não tem de ser com frequência. – Os olhos cinzentos revelavam divertimento. – Basta uma vez.

Percebendo como ele se sentia, estava a aproveitar-se. Era uma característica sua que sempre lhe tinha agradado. Também se tinha esquecido disso.

– Certo. Bom, gostei muito de te ver. Já agora, também estás com ótimo aspeto.

– Obrigada. Fica combinado então? Na loja?

– Fica – disse ele, sorrindo.

Ela sorriu e, esticando-se, beijou-o.

– Até à próxima. Adorei ver-te. Adeus, Matt. Até breve.

– Adeus – disse ele. Não fazia tensões de alguma vez visitar a Dressing Up. Ela era demasiado perturbante.



– Está tudo bem contigo? – perguntou Jeremy Northcott.

– Sim. Tudo. Claro. Obrigada. Desculpa, sinto-me um pouco... zozza.

– Está terrivelmente quente. Queres um copo de água?

– Ah... não. Não, não é necessário...

– É por isso que não estás no camarote?

– Não. Comecei a tossir. A meio de uma ária.

– Que azar. Também já me aconteceu. Toma. – Remexeu no bolso e tirou uma embalagem de Tunes. – Ajudam a respirar melhor. Se é que ainda te recordas.

– Lembro – disse ela, sorrindo –, claro que sim. Ah, que alívio! É muito bom ver-te. Como... como estás?

– Estou ótimo. Mas imagino que caí em desgraça. Sei que estás em casa dos Crespi...

só soube hoje à tarde quando o Tim me disse. Eles estão furiosos comigo? É que me perdi nesse nevoeiro infernal.

– Acho que vão compreender. Mas... ah, ouve. – Chegaram ondas de aplauso do auditório.

– Parece que já podemos entrar – disse ele –, ainda não é o intervalo, pois não?

– Não. Mas sabes qual é o camarote?

– Sei, o Tim escreveu-o no meu bilhete. – Abriram a porta do camarote, no momento em que soou outra ovação com a descida do pano. Jeremy sorriu. – É para nós? – disse, acrescentando: – Mariella, Giovanni, alguma vez poderão perdoar-me? – Inclinou-se sobre a mão de Mariella e beijou-a. – Peço imensa desculpa. Perdi-me no nevoeiro. E, claro, só agora é que consegui entrar.

Giovanni levantou-se e apertou-lhe a mão. – Bem-vindo, caro amigo – disse ele –, nem nós, nem Milão te devíamos ter sujeitado ao nevoeiro. Deixa-me oferecer-te uma taça de champanhe.

Como que do nada, surgiu um balde de gelo, champanhe e várias flûtes.

– Obrigado. És muito amável. Mariella, estás muito bonita.

– Obrigada – disse ela –, agradeço a simpatia. Anda sentar-te ao meu lado.

Ele obedeceu e, ao sentar-se, roçou momentaneamente a mão dela; e ela baixou os olhos para as mãos e depois olhou para ele, envolvendo-o com os seus olhos brilhantes; em seguida, baixou a bonita cabeça sobre o programa, discutindo com ele o que tinha e não tinha perdido, olhando ocasionalmente de relance para Giovanni e, quando reparou que ele estava absorvido a conversar com os Fordyce, canalizou toda a sua beleza e sensualidade noutra direção completamente diferente.

Nasceu, na realidade, um romance, nessa noite, no camarote dos Crespi, no La Scala, fortalecendo-se de uma maneira extraordinária à medida que a música crescia e os rodeava; e a trágica história narrada em cena encontrava um eco terrivelmente pungente e imprevisível. E o nevoeiro, mantendo-os a todos cativos na cidade, negando a fuga, forçando a intimidade, desempenhou um papel de peso no drama que viria a desenrolar-se.



Regressando a uma casa vazia, Matt sentiu-se subitamente só. Nunca devia ter deixado Eliza ir ou, pelo menos, devia ter insistido numa visita de dois dias e não de quatro.

Pensou no que ela estaria a fazer; a jantar com os Crespi, certamente, a rir e a gracejar, arrancada à sua depressão, enquanto ele, ali metido sem ela, entrava numa.

De repente, desejou falar com ela; ligar-lhe-ia, os telefonemas internacionais não eram nada de complicado hoje em dia. Poderiam conversar um pouco e já se sentiria melhor.

Dirigiu-se ao escritório, sentou-se à secretária, ligou para a operadora e pediu o número dos Crespi. A ligação, ao que parecia, estava demorada, cerca de meia hora, um problema qualquer com a linha, mas depois disso conseguiria certamente falar. Tirou alguns documentos da pasta e tentou concentrar-se.



Milão, por esta altura, estava completamente mergulhada em nevoeiro e não havia possibilidade de ninguém se deslocar; Eliza estava a entrar em pânico. Estava longe de Emmie, que deixara na companhia de pessoas relativamente estranhas, uma das quais já conseguira perdê-la na cidade, e a ideia da reação de Matt a toda a história enchia-a de apreensão.

– Não podemos tentar voltar? – perguntou ela a Giovanni, à beira das lágrimas. – Quero muito...

– Eliza, não sabes como é o nevoeiro aqui. É muito, muito mau. Temos de cá passar a noite. Tenta não te afligir – disse ele, sorrindo-lhe docemente –, há de correr tudo bem.

Mariella desvalorizou a ansiedade dela.

– Não acontece nada à Emmie. Podes falar com ela, podes falar com o Bruno, podes falar com a Anna-Maria.

– Mas ela pode estar assustada...

– Parecia assustada? Quando lhe ligaste há pouco? Parecia estar a divertir-se imenso. Eliza, não há nada que possamos fazer. Se tentarmos ir para casa, corremos perigo de vida. Por favor, tentar resignar-te.

Janey Fordyce, que estava a ouvir, pousou a mão no braço de Eliza.

– O nevoeiro é muito perigoso, Eliza. Acredita. A questão agora é onde vão ficar. Mariella, tu e o Giovanni podem ficar em nossa casa, no apartamento, mas acho que não temos espaço para a Eliza.

– Não, não, nós podemos usar o quarto no Hotel Grande – disse Mariella – e a Eliza pode ficar em tua casa. Está assente. E agora... vamos jantar?

– Vamos – disse Giovanni –, mas antes de mais eu e a Eliza vamos fazer uma chamada para ela ficar descansada em relação à filha. Ela está muito preocupada, Mariella, e eu não gosto de ver as pessoas preocupadas.

– Mas... – começou Mariella, logo se calando e arvorando o seu sorriso mais doce. – Sim, claro.

Era a primeira vez que Eliza assistia ao verdadeiro equilíbrio de poder naquela relação e sentiu-se intrigada.

As conversas com Bruno, que disse que tinha jogado cartas com Emmie depois do jantar e que ela lhe tinha contado uma história, e com Anna-Maria, que estava sentada ao lado da cama da criança, que dormia, tranquilizaram-na; Eliza descontraiu um pouco.

– E agora – disse Giovanni –, queres tentar falar com o teu marido? Para ele saber que está tudo bem contigo?

– Ah... não, obrigada – disse Eliza, com um calafrio. – Ele não está de certeza preocupado comigo, afinal não sabe nada do nevoeiro e não deve tentar contactar-me. Não, o melhor é deixá-lo em ditosa ignorância, Giovanni. Amanhã ligo-lhe quando chegar à villa.

– Bene. Então vamos saborear o nosso jantar.

Demoraram quarenta minutos a chegar ao restaurante.

– Teria sido melhor virmos a pé – disse Timothy.

O restaurante, Lisander, era tão belo que Eliza teve a sensação de ter viajado no tempo até ao cenário de La Traviata, com filas de mesas, cada uma com o seu pequeno candeeiro de abajur branco e a sua jarra de flores. – Devias vê-lo no verão – disse-lhe Janey Fordyce –, não sei como, mas conseguem trazer o jardim cá para dentro, com glicínias a trepar por todo o lado, ias adorar. Deve ter nascido aqui um milhão de romances.

– Só um milhão? – disse Mariella, rindo. – Não me parece.

Em seguida, sentou toda a gente com grande eficiência, colocando-se ao lado de Giovanni, de um lado, e de Jeremy do outro. E com o maior despudor entrou num jogo de sedução com ambos. Era um pouco, pensou Eliza, como assistir a um ménage à trois.



– Estou? Estou? É da Villa Crespi?

– Si signor, si, fala da Villa Crespi.

– Posso falar com o signor Crespi, por favor?

– O signor Crespi não está.

– A signora Crespi então.

– A signora também não está.

– Ah, compreendo. E a minha mulher está? Mrs. Shaw? Com certeza que está aí, são...

– Um momento, signore, por favor.

Que raio estaria a passar-se? Onde estava toda a gente? Era de um desplante incrível deixar Eliza sozinha. E era evidente que ela estava em casa, era impossível que tivesse deixado Emmie à noite, eram onze e meia em Itália... malditos mafiosos.

– Boa-noite, signore. Fala o Sebastiano, o mordomo dos Crespi. Em que posso ajudar?

– Espero bem que possa – disse Matt. – Estou a ligar de Inglaterra, quero falar com a minha mulher, Mrs. Shaw...

– Ah, sinto muito, signore. Estão todos para fora, em Milão.

– Para fora? Que quer dizer?

– Foram à ópera. Ao La Scala.

- Ah... pois. – Realmente lembrava-se de uma referência qualquer ao La Scala. – Importa-se de pedir à minha mulher que me ligue assim que chegar?
- Não voltam esta noite, signore. Sinto muito.
- Não voltam? Porquê, que diabo?
- É que há um nevoeiro muito denso hoje aqui. É muito perigoso meterem-se à estrada nestas condições.
- Bom, bom... – Matt sentiu-se também envolvido por um nevoeiro, um nevoeiro perigoso e desconcertante de raiva. – Bem, a minha filha está com eles? É que se está...
- Não, signore, a sua filha está em segurança connosco. Estamos a olhar por ela, não deve preocupar-se, está a dormir, a Anna-Maria está sempre com ela e ela está muito bem-disposta. É uma menina amorosa, linda, talentosa, inteligente...
- Matt interrompeu as divagações de Sebastiano sobre as virtudes e beleza de Emmie.
- Pois, é bom que esteja tudo bem com ela – disse Matt. – E assim que a minha mulher chegar, peça-lhe que me ligue imediatamente, entendido? Quando é que chegam?
- É impossível saber, signore. O nevoeiro por vezes dura um dia inteiro, por vezes dois dias. Mas logo de manhã vou fazer chegar uma mensagem ao signor Crespi.
- Faça-lha chegar esta noite, está a ouvir? – disse Matt. – Quero saber se a minha mulher está bem e quando volta para junto da minha filha, entendido?
- Si, signore.

Sebastiano pousou o telefone desdenhosamente, sentindo que o aparelho corporizava o estrangeiro mal-educado que estivera a barafustar com ele, e, depois de uns momentos de reflexão, marcou o número do Hotel Grande e pediu ligação com o signor Crespi.

Ao ser informado de que ele não estava no hotel mas a jantar, Sebastiano decidiu que não podia fazer mais nada. Deixou uma mensagem no Hotel Grande, pedindo a Giovanni que o contactasse quando regressasse, se fosse conveniente, porque Mr. Shaw desejava saber como estava a mulher, e não pensou mais no assunto.



Quando Giovanni voltou para o hotel e a mensagem de Sebastiano lhe foi transmitida, com a informação de que Matt tinha perguntado por Eliza, decidiu que à uma da manhã não tinha estômago para tentar fazer chamadas complicadas. Tinha passado uma noite muito agradável e incomodava-o uma leve ansiedade, como uma indisposição muito ligeira, não sabia porquê, e queria ficar sozinho com a sua Mariella e tentar dormir. De manhã tudo se resolveria.



– Matt? És tu? Está tudo bem?

– Sim. E contigo?

– Perfeito. Está tudo ótimo. A Emmie está a divertir-se imenso e eu também e estamos as duas mortas por...

– Por quê? Estão mortas por quê? Por voltar?

– Sim, por estar contigo. Era o que eu ia dizer...

– Estás com ela, é?

– Neste momento não. Eu estou em Milão. Mas estamos de partida dentro de minutos.

– Em Milão onde, se é que posso perguntar?

– Num apartamento. De uns amigos da Mariella e do Giovanni...

– E porque é que estás aí?

O tom de voz dele era bastante natural, quase animado. Cuidado, Eliza, calma; talvez ainda nada estivesse perdido.

– É que ontem à noite...

– Ah, ontem à noite. E onde estiveste ontem à noite? Exatamente? Sem a Emmie?

Quer dizer que sabia. De algum modo, tinha descoberto.

– Viemos a Milão, à ópera. Sabes bem, eu disse-te. E ficámos completamente isolados pelo nevoeiro. Não podíamos voltar. Era impossível, perigoso. E como já disse, fiquei em casa de... de uns amigos da Mariella e...

– Ficaste em casa de pessoas que não conheces. E deixaste a Emmie com pessoas que ela não conhecia. Isso soa tudo muito confuso.

– Matt, claro que as conhecia. A Anna-Maria já tem tomado conta dela noutras visitas e ela tem passado muito tempo com o Bruno, o criado pessoal do Giovanni...

– Deixaste a Emmie sozinha com um homem? Um estranho, um maldito estrangeiro...

– Matt, não sejas ridículo. Ele não é estranho nenhum e ela adora-o, ele brinca sempre com ela quando cá estamos e...

Janey apareceu à porta do quarto; estava agitada.

– Eliza... a Mariella...

– Desculpa, Janey, dá-me só um minuto. Matt, o problema é que...

– Não quero saber qual é a merda do problema – retorquiu Matt. – Quero que venham as duas para casa, esta noite, entendeste? Trata de sair desse apartamento com os teus amigos finos, vai buscar a Emmie e dirijam-se imediatamente para o aeroporto. E não me venhas com essa história de o nevoeiro te impedir de viajar. O Giovanni arranja com certeza maneira de resolver isso. Talvez no avião particular dele. Lembro-me de ele se faltar de falar dele ao jantar. Agora vou para o escritório e quero que me informes dos teus preparativos rapidamente.

– Matt...

A comunicação estava cortada; Eliza continuou sentada a olhar para o telefone, uma sensação de medo insinuando-se-lhe no estômago.

– Eliza. – Mariella passou à frente de Janey e entrou no quarto. – Eliza, parece que o Matt ligou para a villa ontem à noite. O Sebastiano ligou a informar-nos. Por qualquer razão, não recebemos as mensagens.

– Não? – Isto parecia pouco provável.

– Não. – Mariella arregalou os olhos de inocência. – Sinto muito...

– Pois, é pena – disse Eliza, esquecendo os ditames da cortesia. – O Matt está totalmente furioso comigo, sobretudo por ter deixado a Emmie em casa...

– Cara...

– Não, deixa-me acabar. Ordenou que voltássemos as duas para casa esta noite. Talvez me possas ajudar a arranjar voo, caso contrário, é muito capaz de pedir o divórcio.

– Não pede nada – disse Mariella –, está simplesmente irritado por te estares a divertir e ele não.

– Mariella, acredita, ele está furioso e eu estou com medo! Tenho de voltar para casa. Por isso...

– Não há voos, cara. Hoje não. E amanhã também não, creio eu.

– Não há voos? Mas...

– Eliza, olha pela janela. Não há avião que voe com um nevoeiro destes. Temos de ficar aqui, é a única atitude sensata a tomar.

– Não, não, pelo menos tenho de voltar para perto da Emmie. Ela só tem cinco anos. Eu sei que estava bem ontem à noite, mas precisa de mim. Por favor, Mariella, podemos ao menos tentar?

– Vou ligar ao Giovanni, a ver o que ele diz.

Giovanni disse que talvez pudessem partir à hora de almoço. – Mas também diz que não há nenhum voo com partida de Milão nem hoje, nem amanhã. Lamento, cara, são coisas que acontecem. O Matt há de compreender, tenho a certeza. Talvez o Giovanni possa falar com ele.

– Prefiro que não fale – disse Eliza, rompendo em lágrimas; Mariella partiu, abespinhada, para regressar ao Hotel Grande, e Janey ficou a tentar consolar Eliza.

– Vou perguntar ao Tim, a ver se ele acha que é possível voltar para a villa.

Tim mostrou-se relutante; estava perfeitamente consciente dos perigos e não conhecia muito bem a estrada.

Eliza falou com Emmie, que parecia feliz, mas lhe disse que queria que ela voltasse.

– Assim que puder sair daqui, vou, meu amor. Está enevoadado aí?

– Muito – disse Emmie. – Nem sequer conseguimos ver o jardim.

A tremer, Eliza ligou a Matt ao meio-dia; felizmente, ele estava fora, numa reunião de obra. Mandy, a substituta de Jenny, simpática e prestável, perguntou se ela queria deixar-lhe uma mensagem.

– Diz-lhe que eu liguei e que ligo mais tarde. Quando é que achas que ele chega?

– Acho que ainda vai demorar quatro horas, Mrs. Shaw.

Tinha então quatro horas. Para regressar à villa. Pôs-se a dar voltas pelo quarto.

Pouco depois da uma hora, o telefone tocou; ouviu Janey a atender.

– Ah, olá, Jeremy. Sim, ela está aqui. Um momento.

– Eliza! Olá, querida. Soube que estás num aperto. O nevoeiro está a dissipar-se um pouco e eu e o Tim estamos prontos a pegar num carro da frota da empresa, com um condutor que conhece muito bem estas estradas. Vamos ver o que se consegue.

– Oh, Jeremy – disse Eliza, rompendo em lágrimas. – És um anjo!

– Nem por isso. Gosto de desafios. Sobretudo quando envolvem uma senhora em apuros. Agora acalma-te que eu ligo-te assim que tiver novidades.

Porque não se tinha casado com ele? Porquê, porquê, porquê?

Mas sabia porquê. Já no La Scala tinha percebido. Teria sido maravilhoso, fácil, luxuoso e divertido. E... emocionalmente monótono.

Por mais detestável que Matt fosse, por mais crítico e mal-humorado e difícil, continuava a trazer excitação à sua vida: de todas as formas possíveis. Jeremy nunca fora capaz de fazer isso.

Às duas ele voltou a ligar.

– É agora ou nunca. Estás pronta?

– Claro!

Eliza ligou de novo a Matt, sabendo que ele ainda estaria ausente, mas queria mostrar que estava a esforçar-se.

– Diz-lhe que voltei a ligar, sim, Mandy? E que estou a caminho da villa.

Chegaram à villa às seis horas; a viagem foi longa e arriscada; derraparam em duas ocasiões e, uma vez, quase bateram contra uma árvore, mas o motorista era competente e o nevoeiro foi-se tornando menos denso à medida que se iam aproximando de Como. Quando chegaram, já era possível ver do portão as luzes dentro de casa. Eliza, que ia sentada atrás, silenciosa e tensa, ao lado de Jeremy, pegou-lhe na mão e apertou-a e depois inclinou-se para a frente e beijou a parte de trás do pescoço bastante grosso de Tim Fordyce.

– Nunca hei de esquecer o que fizeram os dois por mim – disse ela –, nunca, enquanto viver.

Uma hora mais tarde, estavam sentados os três com Emmie na cozinha, a beber chocolate quente; Emmie estava, aliás, sentada nos joelhos de Jeremy, guinchando de deleite enquanto ele abria e fechava incessantemente as pernas, fingindo que a deixava cair. Tinha-se tomado de amores por ele; e ele por ela. E que diria Matt, pensou Eliza, se assistisse a esta cena?

O motorista decidira passar lá a noite, o que implicava que Tim e Jeremy teriam de

fazer o mesmo; Tim concordara com Janey, que estava consumida, que uma viagem à noite, no escuro, seria imprudente.

Saborearam um jantar excelente, que lhes foi servido na pequena sala de jantar, os adultos comendo ossobuco, preparado pela cozinheira, e Emmie massa. Emmie estava extremamente entusiasmada e feliz. – Depois do jantar, podemos jogar um jogo? – pediu.

– Não, Emmie – disse Eliza –, são quase nove horas e eu tenho de ligar mais uma vez ao pai.

– Depois de ligares então.

– Emmie, já disse que não.

– Mas estiveste longe de mim. – A voz tornou-se quezilenta e mais forte.

– Tens razão – disse Jeremy. – Eu jogo contigo, Emmie, mesmo que a tua mãe não queira. Em que é que estavas a pensar?

– Quero brincar às escondidas – disse Emmie.

– É capaz de ser giro. Mas vamos ter de formar pares, se não tivermos cuidado, perdemo-nos nesta casa enorme.

– Valha-me Deus – disse Eliza, com uma risadinha, acrescentando, divertida e aliviada por estar de novo na companhia da filha: – Uma situação comprometedora, vem mesmo a calhar.

– O que é comprometedora? – perguntou Emmie.

– Divertida – disse Jeremy, com uma expressão impassível, piscando o olho a Eliza.

Desde que tinham chegado, ela tinha ligado a Matt para o escritório e para casa de hora em hora. Mandy disse que ele tinha voltado e que lhe tinha transmitido as mensagens, mas ele não lhe tinha pedido que tentasse contactar Eliza. Agora, às onze horas, dez em Inglaterra, ele continuava a não atender o telefone.

– Está claramente consumido – disse Eliza, irritada consigo própria; e, voltando a encher o copo com o excelente Chianti que estavam a beber, foi com Timothy Fordyce à procura de Jeremy e Emmie. Amanhã tudo se resolveria. E Matt não seria exceção.



Matt recebeu a mensagem de Mandy às cinco horas, assim que chegou ao escritório: Eliza não voltaria nessa noite, nem no dia seguinte, possivelmente.

– Mas disse que já ia a caminho da villa e que estaria com a Emmie esta noite – disse Mandy. – Quer que tente contactá-la, Mr. Shaw?

– Não, obrigado – disse Matt –, não vale a pena. Faça-me um café, por favor. E não quero... – Calou-se. Não havia necessidade de recusar as bolachas; com a partida de Jenny, a lata das bolachas também partira. No fundo, era um alívio.

– Com certeza, Mr. Shaw.

Sentou-se à secretária, a tomar o café, contemplando mais uma noite de solidão. Não era uma perspetiva agradável. Estava a remexer na carteira à procura do cartão de um potencial cliente, ao lado de quem se sentara ao almoço nesse dia, que tinha dito que precisava de arranjar instalações novas e mais espaçosas para a sua empresa, quando o cartão de Gina caiu. Matt virou-o e olhou pensativamente para ele, com a sombra de um sorriso ao ler as palavras no verso na letra bastante infantil dela. «Não te esqueças! Tenho muito para te mostrar.»

Não, Matt, não penses nisso. Essa mulher só traz problemas e tu passas bem sem eles. Sem esse tipo de problemas. Já tens que cheguem.

Pôs a ideia de lado e, encontrando o cartão de que andava à procura, marcou o número. Era uma linha direta e o seu companheiro de almoço, o diretor executivo de uma grande companhia de seguros, ficou visivelmente agradado por ter notícias dele.

Matt disse-lhe que tinha uma lista restrita de instalações disponíveis para lhe apresentar. – Amanhã mando-a por estafeta.

– Excelente. Ou então... – Seguiu-se uma pausa. – Acontece que esta noite estou livre e sozinho na cidade, podíamos tomar um copo juntos.

O copo culminou no fecho do negócio e, mais tarde, num jantar, e Matt chegou a casa depois da meia-noite.

Na manhã seguinte, falou com Eliza; ela pediu desculpa, explicando que, embora o nevoeiro tivesse começado a levantar, só no dia seguinte é que seriam retomados os voos.

– Mas estou com a Emmie na villa, a viagem foi de pôr os cabelos em pé, mas chegámos e ela está ótima e amanhã voltamos para casa.

– És muito atenciosa. Mas não te apresses por minha causa.

– Matt...

– Desculpa, Eliza, tenho de desligar. Volta quando estiveres preparada. Adeus.

Chegou ao escritório tenso de raiva. Como era possível? Como é que ela era capaz de ficar ali, naquele maldito palácio, a dizer-lhe que tinha muita pena, mas que tinha de lá ficar mais um dia? E esperar que ele ficasse impressionado com o esforço que tinha feito para voltar para junto da própria filha? Como era possível, como é que ela se atrevia?

Gritou por café, pegando na agenda. E viu, enfiado na página da véspera, onde o tinha deixado, o cartão de Gina.



Chegou ao Scott's em Piccadilly, como ela sugerira, pouco depois das seis. Dirigiu-se ao bar, olhou para o menu e tirou os cigarros do bolso. Tinha a agradável sensação de estar a fazer gazeta, a infringir as regras. Coisa que era absurda, claro. Só ia tomar uma bebida com ela, mais nada. Pediu um gim tónico, levou-o para uma mesa no canto e

instalou-se atrás do Evening Standard. Ela estava atrasada; mas era um hábito dela.

Esperou tranquilamente cinco minutos e depois começou a sentir-se irritado. Não suportava a falta de pontualidade; era uma atitude arrogante fazer as outras pessoas perder tempo. Mais cinco minutos e ia-se embora; daria um salto à casa de banho e depois deixaria uma mensagem com o empregado do bar.

Estava a lavar as mãos quando ouviu a porta a abrir-se; não levantou sequer os olhos. Estava a tentar decidir se havia de ir jantar fora ou ver se tinha alguma coisa no frigorífico em casa. Ia...

– Vai à merda!

Alguém lhe estava a apalpar o rabo. Era o que era. Algum maricas, imaginou.

Rodou nos calcanhares. Realmente alguém lhe tinha apalpado o rabo. Mas não era nenhum maricas.

– Olá, Matt. Não vou, se não te importas. Estou a divertir-me bastante; tinha-me esquecido que tinhas um rabo apetitoso...

Era Gina. Com um ar deslumbrante, a rir, esticando-se para o beijar.

Tinha-se esquecido a que ponto ela era chocante e sensual. Tinha-se esquecido da sensação que o choque e a sensualidade lhe causavam.

– Gina – disse ele, retribuindo apressadamente o beijo –, ainda fazes com que nos prendam.

– Por quê?

– Comportamento indecente numa casa de banho pública?

– Matt, não é pública. E não estou a ser indecente, isso já acabou. É pena, mas... entrei aqui por engano, pensei que era a das senhoras. Quem é que me vai prender por isso?

– Podiam estar aqui outras pessoas.

– Podiam, mas não estavam. Vamos mas é tomar uma bebida, estou desesperada. Quanto tempo tens? É que eu tenho a noite toda...

Tinham ido jantar juntos, claro. Como Gina frisou, não parecia haver razão para não irem.

– Então, aonde vamos? Ao San Frediano's? É um sítio porreiro.

– Gina, não me parece boa ideia. Podemos ser vistos. Por alguém conhecido.

– E depois? Por amor de Deus, a Eliza está em Milão. Que é que vais fazer, ficar em casa a comer pão e leite? E a tratar da roupa?

Deu às palavras uma conotação levemente insultuosa, como se ele fosse um molengão reduzido às lides domésticas.

– Não, claro que não – disse ele –, não, vamos lá, é boa ideia.



Realmente estava lá alguém conhecido: não um amigo de Gina, nem de Matt. Mas um

amigo de Eliza, Jerome Blake, o fotógrafo cujo estúdio ficava no mesmo edifício do de Maddy Brown. Ele olhou para eles, reparou que Matt ficou tenso a princípio, relaxando gradualmente e rindo-se e conversando com naturalidade; observou a rapariga, respirando sexo, com o seu vestido muito decotado colado ao corpo, os seus olhos sensuais e convidativos, a meter-se com ele, a seduzi-lo, a sussurrar-lhe ao ouvido e, algum tempo depois, a pegar-lhe na mão e brincar-lhe com os dedos, pousando a cabeça por breves momentos no ombro dele, e mais tarde, ao saírem, com os casacos vestidos, passando-lhe o braço à volta do pescoço e puxando-lhe a cabeça para baixo para o beijar rapidamente na boca. Em seguida, um táxi encostou e, se entraram os dois ou só um, Jerome já não se apercebeu.



Londres tinha uma aura simultaneamente mais animada e menos cativante do que Milão. Fazia sol, é certo, e o céu estava azul; mas as montras, as vistosas decorações de Natal, as intermináveis árvores de Natal, tinham um ar pobre e estereotipado.

Eliza sentia-se, no entanto, muito mais animada, os últimos vestígios da sua depressão por causa do filho começando de algum modo a extinguir-se, e cheia de otimismo e planos.

Chegou a casa a meio da tarde e passou o resto do dia a brincar com Emmie, a preparar o jantar, a limpar a horrível sujeira que Matt deixara, a lavar a cabeça e a mudar de roupa, nada de chique, decidiu, para não parecer que estava a esforçar-se de mais, apenas uns jeans e uma camisa. Às seis deu banho a Emmie e vestiu-lhe o pijama e o roupão, mas disse-lhe que podia ficar acordada até o pai chegar a casa.

– A não ser que seja muito tarde.

– O que é muito tarde?

– Oh, Emmie, não sei. Por volta das oito.

– Isso não é muito tarde. Dez é tarde. E na villa brincávamos até às onze.

– Emmie, não quero ouvir falar da villa. Isso foi completamente diferente. Estávamos de férias. Em casa, oito horas já é tarde para ti. Estás cansada e, além disso...

– Quero estar com o pai – disse Emmie, a sua carinha endurecendo ao confrontar com a mãe. – Tive saudades dele.

Eliza cedeu; a pequenita podia sempre adormecer no sofá e Matt ficaria deliciado por vê-la, fossem que horas fossem.

Tinha-lhe ligado a dizer que estava em casa e ele disse que não fazia ideia a que horas voltaria. Soou frio mas não hostil. Talvez estivesse tudo bem, afinal.

O maior perigo era ele vir a saber que Jeremy tinha estado na villa, mas não podia, de maneira nenhuma, transformar Emmie numa cúmplice; teria de correr o risco.

Ele chegou a casa pouco antes das oito; ela foi recebê-lo à entrada, com o estômago

às voltas.

– Olá – disse, esticando-se para o beijar.

– Olá – disse ele. Não retribuiu o beijo, mas não a repeliu. A sua expressão era inescrutável: vazia, nem hostil nem acolhedora, os olhos estranhamente desconfiados.

– É tão bom ver-te.

– Pai! – Um pequeno dardo voou através do vestíbulo, lançando-se nos braços de Matt e cobrindo-lhe a cara de beijos. – Tive muitas saudades tuas. Gosto muito, muito de ti.

– Também tive saudades tuas, Emmie. É maravilhoso ter-te de volta. Que é que fizeste? Quero que me contes tudo.

– Diverti-me muito e tenho um presente para ti. Comprei-o no aeroporto.

– No aeroporto? – disse Matt, rindo. – Isso parece mesmo uma coisa de última hora.

– Não – disse Emmie –, é uma imagem muito bonita. Da Duomo. – A pronúncia dela era perfeita. – Escolhi-a especialmente para ti. Tem uma moldura dourada e tudo.

– Dourada! Deve ser linda. Onde está?

– No meu quarto. Vou buscá-la.

Subiu as escadas a correr. Eliza olhou para Matt nos olhos. Para sua surpresa, ele estava a sorrir-lhe. A receção de Emmie quebrara o gelo.

– É um amor de criança, não é? – disse ele.

Jantaram na cozinha; Matt admirou a imagem e, com menos entusiasmo, a carteira e a gravata que Eliza lhe comprara.

– Vá – disse ele a Emmie –, conta lá o que fizeste. Divertiste-te?

– Parte do tempo – disse ela.

Eliza paralisou.

– Sim, houve alturas aborrecidas. A Anna-Maria é muito aborrecida.

– A sério?

– É. – Bocejou.

– Emmie – disse Eliza –, não é melhor ires para a cama?

– Só quando mostrar os meus sapatos novos ao pai.

– Sapatos novos!

– Sim, eu mostro-te. E um vestido novo. Espera aí, pai.

Eliza esperou que ela voltasse, com o coração nas mãos.

Mas ela limitou-se a dizer: – Foi a Mariella que mos comprou. – Estava claramente mais arrependida do que dera a entender a respeito da sua aventura milanese.

– E tenho um desenho para ti – disse ela, tirando-o do pequeno saco de voo. – Fui eu que fiz. É da villa. Olha. São as traseiras da casa. Há uma fonte.

– Fontes!

– Sim, e um labirinto. Um labirinto em miniatura.

– Miniatura, querida. Gostávamos muito desse labirinto, não gostávamos, Emmie?

– É um desenho excelente, Emmie – disse Matt.

– É, o homem disse a mesma coisa.

– O homem? Mr. Crespi?

Recusava-se a fazer a mais leve concessão ao italiano. Eliza imobilizou-se, com o garfo em suspenso, a boca seca de terror.

– Não, ele não, o outro homem.

– Que outro homem?

Era agora: o fim do casamento.

– O homem que tomou conta de mim.

– Ah – disse Eliza, invadida de alívio –, queres dizer o Bruno. Ele não tomou exatamente conta de ti, Emmie, quem tomou foi a Anna-Maria, não foi?

– O Bruno era muito mais simpático. Era divertido.

– O Bruno é o criado pessoal do Giovanni – explicou Eliza –, ele e a Emmie engraçaram um com o outro.

– Estou a ver. Então que mais fizeste com o Bruno?

– Jogámos batalha. Eu ensinei-lhe, ele não sabia jogar. E comi na cozinha com ele e com a Lucia.

– A Lucia? Outra criada? – quis saber Matt.

– Sim, é a cozinheira.

– Muito me contas. E que é então esta parte azul? O céu? Pensava que estava enevoadado.

– Não. É o lago. E o nevoeiro só veio quando a mãe foi ao teatro. Até lá esteve muito bonito.

– E que mais fizeste?

– Oh, não sei. – Emmie denotava a aversão própria das crianças a ser interrogada. – Vens ler-me uma história?

– Vou, claro que sim.

Desapareceram; Matt não olhou sequer de relance para Eliza. Não era preciso puxar muito pela cabeça para saber quem era a pessoa predileta dele.

– Bem-vinda também a casa, Eliza – disse ela, começando a levantar a mesa.

Ele demorou muito tempo; quando ela foi ver o que tinha acontecido, encontrou-o estendido na cama, meio a dormir.

– Acho melhor dormir no quarto ao lado – disse ele, levantando-se apressadamente e evitando o olhar dela. – Tenho de me levantar muito cedo. – Encaminhou-se para o quarto de hóspedes. Ela não objetou, aliás sentiu-se aliviada, estava exausta e muito tensa. Bom, até agora as coisas tinham corrido menos mal. Mas era realmente muito estranho.

Seguiram-se dias bastante maus em que Eliza oscilava entre a ansiedade, o alívio e a

mágoa. Ele não se mostrava sequer desconfiado. Apenas... estranho. Ficava a trabalhar até tarde, o que, pelo menos, significava que não fazia perguntas a Emmie. Mas andava muito, muito distante e muito, muito frio.

No sábado, ela teve de levar Emmie a uma festa depois do almoço; quando regressou, ele parecia ter desaparecido. Ela espreitou na sala de estar e no escritório e suspirou, assumindo que ele tinha saído sem lhe dizer. Depois ouviu a voz dele a chamar por ela.

– Eliza! Estou aqui em cima.

Estava no quarto, na cama. Nu. Sentado e a sorrir-lhe, meio embaraçado.

– Ah – disse ela –, ah, pensei...

– Que é que pensaste?

– Pensei que... não sei, que já não... já não gostavas de mim.

– A que propósito foste pensar uma coisa dessas?

– Não te tens mostrado exatamente satisfeito com a minha presença.

– Eliza, desculpa se estou enganado, mas quem foi para Milão foste tu, dizendo que te ia ajudar a sair da depressão, foste tu que voltaste tarde para casa; eu sou um tipo simples e não vi nisso nenhum sinal de que quisesses estar comigo.

– Lamento muito... mas...

– Ouve – disse ele, estendendo-lhe a mão –, acho que é tempo de recomeçar.

– Mas...

– Eliza, estou aqui completamente nu, caramba. À tua espera. Não posso ser mais claro. Porque é que tens de pôr objeções a tudo? A Emmie não está, no fundo não passámos tempo nenhum juntos desde que voltaste. Não me queres vir fazer companhia?

Ela olhou para ele, sentindo uma onda de ternura, seguida de desejo, que a deixou quase surpreendida, o aperto deliciosamente poderoso dentro dela que praticamente esquecera, desejando de súbito ser abraçada, beijada, acariciada, explorada.

– Quero, Matt – disse –, quero, claro. Mais do que mais.

Mais tarde, deitada ao lado dele, o corpo ainda a palpitar, mas docemente saciada, pela primeira vez desde o verão, sorriu-lhe, sondando os olhos dele.

– Foi fantástico – disse ela.

Ele fitou-a com uma expressão muito séria.

– Foi mesmo?

– Foi mesmo.

– Aleluia! – disse ele. Ela olhou para ele bruscamente, receosa que ele estivesse a ser irónico, mas ele sorriu de repente.

– Bem-vinda – disse ele. – E não estou a falar de Milão. Embora seja óbvio que te fez bem. Sou o primeiro a admitir.

– Obrigada. E tens razão, fez-me bem – disse ela, pensando que ele nunca compreenderia como nem porquê, nem como essa explicação poderia ser perigosa.

– Amas-me? – perguntou Matt, beijando-a distraidamente no ombro.

– Amo – respondeu ela –, sim. E tu?

– Oh, eu também me amo – disse ele.

Eliza continuava aterrada com a ideia de Matt vir a saber de Jeremy; mas, à medida que os dias foram passando, Emmie não voltou a falar sobre Milão, cuja memória foi desaparecendo sob a excitação do Natal, e ela começou a relaxar. Há meses que não se sentiam tão felizes e, por agora, era quanto bastava a ambos.

E era sem dúvida um risco demasiado grande enfrentar uma outra questão, uma sugestão de Jeremy, quando ela conversara com ele e Timothy ao pequeno-almoço, depois da aterradora viagem para a villa, quando o infeliz Bruno foi desviado para jogar batalha com Emmie mais uma vez.

– Então – tinha dito Jeremy –, que é que tens feito em termos profissionais?

– Nada – disse ela, apressando-se a acrescentar: – Não quis. Enquanto a Emmie fosse pequena. Acho que ela precisa de mim em casa.

– Muito louvável. Antigamente não eras dessa opinião.

– Não, eu sei. Mas sou uma pessoa diferente.

– Discordo. Em certos sentidos és a mesma pessoa. – Sorriu-lhe; ela retribuiu naturalmente o sorriso. – Mas agora ela anda na escola?

– Anda.

– E queres voltar a trabalhar?

– Quero – disse ela –, mas o Matt, ou antes, eu... não temos a certeza.

– E possivelmente vais ter mais filhos.

– Sim – disse ela –, talvez. – E, como acontecia sempre quando se aflorava este assunto, saltaram-lhe as lágrimas aos olhos, por mais que se esforçasse por dominá-las, e uma caiu dramaticamente na toalha, seguida de outra.

– Desculpa – disse ela –, desculpa, Jeremy.

Timothy aclarou a garganta e, pedindo licença, saiu apressadamente; viver no estrangeiro, pensou ela, não havia afetado a sua reserva inglesa. – Fala-me disso – pediu Jeremy suavemente e ela falou e ele mostrou-se compassivo e bondoso, parecendo compreender; mas, quando ela disse que passara por uma profunda depressão, ele disse: – Talvez te fizesse bem trabalhar.

– Talvez. Sim. Mas... é difícil de organizar. O Matt não gosta da ideia de termos uma ama. E o dia na escola não é muito longo.

– Hum. Há uma hipótese que talvez queiras considerar. É uma coisa que lancei em Nova Iorque e sugeri que repetissem em Londres.

– O que é?

– Contratámos uma consultora de moda que trabalha com uma equipa de criativos num projeto. Quando se decide se um anúncio é para a televisão ou para os jornais, ela

aconselha sobre a roupa que devem vestir. E depois arranja as roupas e está presente nas sessões fotográficas. Contrata as maquilhadoras e por vezes os modelos. Que é que achas?

– Absolutamente fantástico – disse Eliza.

– E não devem ser mais de dois dias por semana. Iam adorar-te, alguém que esteve na crista da onda. Serias perfeita. Pensa nisso.

– Mas a que propósito é que um diretor criativo que não me conhece de lado nenhum havia de me contratar só porque tu sugeriste? Digo eu, Londres e Nova Iorque estão a milhas de distância.

– É verdade. Mas eu vou voltar para Londres. No princípio do próximo ano. Logo a seguir ao Natal, contacta-me. Pode ser? Não te esqueças.

Eliza não tencionava esquecer-se. Não havia esse perigo. Mas era extremamente duvidoso que viesse a aceitar. As suas tréguas com Matt eram demasiado importantes para isso.



A carta seguiu um trajeto bastante complicado antes de lhe chegar às mãos: fora endereçada a Miss Scarlett, ao cuidado de Demetrios em Trisus, num envelope que Demetrios remetera para a morada do escritório dela.

Abriu-o, intrigada, retirou um cartão, leu-o várias vezes e depois pousou-o na secretária, continuando sentada a sorrir para ele.

«Miss Scarlett (dizia na parte superior em letra preta e garrafal)

Bristow and Baring, Editores, solicitam o prazer da sua companhia por ocasião do lançamento da publicação Viagens Favoritas em França, de Mark Frost, que terá lugar em 20 de janeiro de 1970, às 18h00, na Gondoliers Room do Savoy Hotel.»

Credo! Ele devia desejar muito a presença dela. Para se ter dado a todo este trabalho. Era empolgante. Muito interessante. Como...

Nesse instante lembrou-se de Mrs. Frost. Ela estaria presente, sem dúvida. Bem, Scarlett supunha que seria interessante conhecê-la.

Seria igualmente interessante ir a uma festa de lançamento de um livro. Teria de perguntar a Eliza como eram estas ocasiões e o que devia vestir.

Tirou uma folha do seu papel timbrado (Scarlett Shaw, Clube de Viagens Exclusivo) e escreveu a informar que Miss Scarlett teria muito gosto em aceitar o amável convite. Pelo menos agora ele ficaria a conhecer a morada dela. E talvez até conseguisse alguma publicidade gratuita num dos artigos dele no Daily News. Como tal, que diferença fazia Mrs. Frost?



Na véspera da partida para Summercourt para passar o Natal, Eliza e Emmie foram visitar Heather e Coral. Já lá não iam há algum tempo e Eliza andava preocupada com elas. Não se revelara grande amiga de Heather e desapontara-a completamente em relação ao problema do senhorio; sentia-se culpada. Tinham-lhes comprado presentes: uma boneca Amanda Jane para Coral com uma profusão de roupas e um volumoso casaco de lã grossa para Heather. Comprara ainda uma garrafa de vinho do Porto para Alan. Os homens gostavam e não era um presente vistoso, como seria o champanhe.

– Ouve bem – disse ela a Emmie, em tom de aviso, ao chegarem à porta –, não debes contar que passámos férias num palácio.

Emmie fulminou-a com os olhos.

– Claro que não conto – retorquiu a criança.

Eliza pensou que por vezes não dava o devido valor à filha. Realmente ela era uma menina excecional.

Heather abriu a porta, com um ar exausto.

– Olá – disse ela –, que bom terem vindo. Entrem. Se é que conseguem encarar esta bagunça.

A casa cheirava mal. Coral estava agarrada às pernas da mãe, subitamente acanhada. Emmie quis logo acabar com aquilo.

– Anda – disse ela, pegando na mão de Coral –, trouxe-te um presente.

– Emmie – disse Eliza –, é um presente de Natal. Não é para abrir agora.

– Mas eu quero dar-lho hoje. Depois podemos brincar com ele.

– Parece-me uma ótima ideia – disse Heather em jeito de desculpa. – Ela está farta dos brinquedos que tem.

Subiram ao andar de cima. A sala parecia mais pequena e mais lúgubre do que Eliza recordava. Heather tinha claramente feito um esforço enorme e havia uma pequena árvore junto da janela e algumas correntes de papel caseiras penduradas nas calhas dos quadros, mas estava frio e havia uma mancha de humidade no teto.

– Sim, é recente – disse Heather –, é do lava-loiça do apartamento de cima. Foram-se embora e já pedi várias vezes ao senhorio que feche completamente a torneira, mas ele diz que é impossível.

– Oh, Heather. Tem havido progressos?

– Só nisto – disse Heather, dando uma palmadinha na barriga –, está a crescer muito bem. Não arranjamos outra casa, Eliza, e acho que vamos ter de engolir sapos vivos e ir morar com a mãe do Alan. E isso é a última coisa que eu quero.

– E a tua mãe?

– Não, só tem um T2, numa dessas novas torres.

– Oh, coitada – disse Eliza, impotente. – Já te inscreveste na lista de espera para um

apartamento camarário?

– Já – disse Heather, produzindo um som que era um misto de suspiro e gargalhada –, e acho que acabámos de subir do fundo da lista para perto do fundo da lista. Disseram que tínhamos de esperar no mínimo dois anos e eu sei o que isso quer dizer.

– Sinto muito – disse Eliza –, e como te sentes?

– Cansada. O Alan anda numa disposição terrível e diz que não sabe como nos vamos desenvencilhar. Eu também não. Desculpa, Eliza, por estar nesta depressão. E tu, como estás, sentes-te melhor?

– Muito melhor – disse Eliza –, sim. Claro que ainda me sinto muito triste, mas aprendi a lidar com o problema. E foste tu que me puseste no caminho da recuperação, foste mesmo; as pessoas estão sempre a perguntar-me se vou ter outro, mas eu não sou capaz de contemplar tal coisa. Pelo menos, para já. Estou até a pensar em voltar a trabalhar. Não a tempo inteiro mas, enfim, surgiu uma oportunidade que seria estupenda.

– Que diz o Matt a isso?

– Ainda não lhe disse nada – respondeu Eliza simplesmente.



– Scarlett?

– Ah... David. Viva.

Tentou soar descontraída e indiferente, mas era difícil.

– Estou só a ligar para te desejar Feliz Natal.

– Pois. Obrigada, David. Feliz Natal para ti também.

– Que fazes no Natal?

– Oh, vou passá-lo com a minha família, claro. É sempre divertido.

– E o teu inteligente irmão também passa o Natal convosco?

– No dia 26, sim. Vou até à mansão ancestral deles. E tu que vais fazer?

– Oh, a família reúne-se toda pelo Natal. A minha mãe insiste para que estejam todos presentes e acho que isso faz bem aos miúdos. Mas, a seguir, vou a Londres. Será que nos podemos... encontrar? Para tomar uma bebida, mais nada. Tenho tido imensas saudades tuas, Scarlett. Podemos ser amigos ao menos?

Scarlett sentiu-se literalmente a fraquejar; procurou dominar-se.

– Não... não vejo como.

– Porque não? Era o melhor aspeto da nossa relação, ou melhor, um dos melhores aspetos. Ocorrem-me outros. Éramos amigos, divertíamos-nos, falávamos sobre tudo e mais alguma coisa.

Ela recordava essas conversas, essas longas conversas, divertidas e fascinantes. Desde então, não tinha tido muitas conversas dessas.

– Bem – disse ela finalmente –, vou... vou pensar. É possível que esteja para fora. Estou a pensar entrar no mercado das férias na neve.

– É uma ideia excelente. Talvez eu possa ajudar. Conheço Gstaad muito bem. E Cortina d'Ampezzo.

– Ah – disse ela, sentindo-se irresistivelmente tentada –, pois, talvez. Liga-me quando chegares a Londres.

– Combinado. Tenho tido muitas saudades tuas, Scarlett. Só queria que acreditasses em mim.

– Vou tentar – disse ela com ligeireza. – Adeus, David. Tem um bom Natal com a família.

Enfatizou a palavra família, esperando que a ironia não lhe passasse despercebida.

– Adeus, Scarlett. E tu também.

Ela pousou o telefone e suspirou. Por mais sacana que ele fosse, e era, a verdade era que passara alguns dos momentos mais felizes da sua vida com ele. Era muito tentador...



Um almoço é o mais perigoso dos encontros secretos. Apresenta um rosto encantadoramente inocente, um sorriso cândido; tem lugar à luz do dia, na presença de muitas outras pessoas; termina com um decoroso regresso ao local de trabalho, a casa, à companhia dos colegas, dos cônjuges.

É provocador, decerto, encerra promessas levianas e sedutoras, diverte; um convite para almoçar encanta, lisonjeia e até intriga. Mas não ameaça; a sua menção não causa alarme.

Portanto, «não passa de um almoço», disse Eliza Shaw a si mesma, indo no carro para se encontrar com Rob Brigstocke, o novo diretor criativo da KPD, no Guinea, em Burton Lane; «não passa de um almoço», argumentou Scarlett Shaw, caminhando sob o sol gelado em direção ao Grosvenor House Hotel, em Park Lane, para um encontro inesperado com David Berenson; e «não passa de um almoço», murmurou Mariella Crespi, ao entrar para a limusina à porta do Pierre Hotel, dando instruções ao motorista para a levar ao Plaza, logo do outro lado da rua, pois não queria que o vento lhe desfizesse o penteado, nem que o nariz ficasse vermelho quando era diante de Jeremy Northcott que se ia sentar à mesa.

Porque estava a fazer isto, porquê, interrogou-se Eliza. Estaria louca? Que espécie de irresponsabilidade a levava a concordar encontrar-se com Rob Brigstocke nesse dia? A diligenciar para que Emmie fosse lanchar fora para o caso de se demorar? A cortar o cabelo, a comprar um par de botas novas e a passar uma hora na Smiths a folhear a Vogue, a Queen, a Nova e a Charisma, não fosse ter-lhe escapado alguma nova e vital tendência ou visual da moda? Quando tinham passado um Natal maravilhoso em

Summercourt, quando nunca se sentira tão otimista em relação ao seu casamento, quando o medo de que Emmie falasse em Jeremy e descrevesse a estadia em Milão, o jogo das escondidas, já tinha praticamente passado e ela e Matt tinham até começado a abordar a possibilidade de terem outro filho, «talvez mais para o fim do ano»?

Mas Jeremy enviara-lhe uma mensagem no Ano Novo, a dizer que esperava que ela se sentisse melhor e que talvez quisesse considerar a sua proposta, como se lhe referia.

«Vais ser contactada», dizia ele, «mas não há qualquer tipo de pressão, naturalmente. Basta dizeres que não, embora saíssemos todos a perder se dissesses. Gostei muito de te ver. Adorei brincar às escondidas em particular. Tenho tido muitas saudades tuas. Afetuosamente, Jeremy.» Uma mensagem escrita a tinta preta, na sua letra garatujada, e assinada com duas grandes cruces a simbolizar beijos. Eliza não foi capaz de deitá-la fora, pois recordava eloquentemente tudo a que ela renunciara, o sucesso profissional, o prazer e a pura felicidade de ser profissionalmente valorizada. Escondeu-a na base do seu aparelho de rolos. Matt nunca a encontraria aí.

E depois esperou pelo contacto. Se não viesse, seria um alívio. Evidentemente.

Rob Brigstocke ligou-lhe em meados de janeiro. Soou ligeiramente cauteloso.

– Informou-me o grande chefe branco que nos pode ajudar. Disse-me ele que devia falar consigo. Ao almoço, talvez.

– Não sei se posso ajudá-los – disse Eliza –, mas podemos sempre conversar.

Não passava de um almoço.

O Guinea and the Piggy era bastante sombrio, pequeno e muito apreciado pelos profissionais de publicidade em geral.

– Eliza Shaw – disse ela ao chefe de mesa. – Tenho um encontro com Rob Brigstocke.

– Ah, minha senhora, recordo-me de si. Chamava-se Eliza Clark, não era? Editora de moda? – disse o homem, sorrindo-lhe. Ela ficou deliciada. Havia alguém que não se esquecera dela.

– Sim – disse ela. – Muito gosto em vê-lo. Mr. Brigstocke já chegou?

– Ainda não. Sinto muito. Deseja esperar à mesa?

– Sim, pode ser. Não há nenhuma mensagem?

Ele sacudiu negativamente a cabeça.

– Posso oferecer-lhe uma bebida?

– Sim, por favor. Servem champanhe à taça?

Ele abanou a cabeça tristemente. – Lamento muito. Posso trazer-lhe uma garrafa.

– Sim, porque não? Veuve Clicquot se tiver.

Começava a sentir-se irritada, a sentir-se a pessoa de outros tempos, como há muitos anos não sentia.

Tinha comprado o Evening Standard e estava absorvida a lê-lo, pensando que Barbara Griggs era uma editora de moda genial e bebendo a sua segunda taça de champanhe,

quando Rob Brigstocke finalmente chegou. Ela ouviu-o antes de vê-lo, um sotaque de escola privada, vestido num estilo um tanto desalinhado, a tendência atual. – Eliza? Eliza Shaw? – disse ele, e ela levantou lentamente os olhos, desejosa de lhe mostrar que não estava habituada a que a fizessem esperar. O que viu foi, enfim, muito agradável: cabelo louro escuro e grosso, um rosto levemente agarotado, coberto de sardas, com olhos cor de avelã e pestanas bastante espessas; teria dado uma rapariga bem bonita, pensou ela, interrogando-se se ele seria gay.

Olhou para o relógio; indicava uma menos cinco. Esperou pelo pedido de desculpas dele; não chegou.

– Sim – disse ela –, sou Eliza Shaw. É o Rob Brigstocke?

– Posso ser outra pessoa?

– Por acaso, pode – disse ela. – Tendo em conta que devia ter chegado há vinte e cinco minutos. Podia ser um mensageiro. Um companheiro de almoço substituto. Um...

– Peço desculpa – disse ele, soando o contrário de contrito. – Fui retido por uma bichona de um fotógrafo. – Afinal não era gay.

– Podia ter telefonado para o restaurante.

– Podia, mas não telefonei. Achei que seria perder mais tempo. Adiante, vejo que se pôs à vontade. – Indicou o balde de gelo e o champanhe.

– É verdade. E então, vai ficar? Ou tem de voltar para o seu fotógrafo?

– Não, não, ele já se foi embora.

Sentou-se e olhou para a garrafa, retirando-a do balde. O gesto também agradou a Eliza; nunca tinha compreendido essa mania de chamar o empregado, como se servir o vinho fosse alguma arte mística.

– Estou a ver que aprecia o melhor – disse ele, enchendo um dos copos até quase transbordar.

– Sim, aprecio. – Não tencionava desculpar-se, se era disso que ele estava à espera.

– Isso é bom. Precisamos do melhor. Se bem entendi, conhece o Jeremy Northcott bastante bem.

– Sim, conheço. Bastante bem.

– Diz ele que a Eliza é exatamente a pessoa de que precisamos. Quanto a isso, só tenho a palavra dele, claro. Especialmente quando ele não trabalha aqui há cinco anos e, ao que sei, a Eliza também não.

– Ouça – disse Eliza, sentindo a irritação crescer –, não fui eu que pedi para almoçar consigo. Foi o Rob que me ligou. O Jeremy fez essa sugestão, tanto quando me foi dado perceber, não tenho qualquer responsabilidade nisso.

– Sim, com certeza – disse ele, soando irritado e divertido. – Estava só a frisar que preciso de ter a certeza de que é a pessoa de que precisamos. Sou eu que dirijo o departamento e não o Jeremy. Compete-me a mim decidir quem contrato. Se for a

pessoa certa, tanto melhor. Se não for.. – Encolheu os ombros. – Nada de ressentimentos. Espero. Trouxe consigo exemplos do seu trabalho?

Eliza sentiu um lampejo de raiva, que deflagrou numa chama furiosa, tomando conta de todo o seu ser. Como se atrevia o homem a insultá-la assim? A ela, que fora considerada uma das melhores editoras de moda de Londres, se não do mundo? Como era possível que ele não se tivesse preparado minimamente, que não tivesse consultado meia dúzia de edições antigas? Como podia ele insinuar que estava unicamente a ser considerada por ser uma ex-namorada do patrão? E como se atrevia a não mostrar sequer a mais elementar cortesia de chegar a horas ao almoço?

– Se não quiser falar comigo, Mr. Brigstocke, não há problema nenhum, é-me completamente indiferente. Não lhe pedi para me contactar e muito menos pedi ao Jeremy Northcott que sugerisse o meu nome.

– Ouça – disse ele –, estou perfeitamente disposto a considerá-la para este lugar. Mas, visto que não se lembrou sequer de trazer consigo exemplos do seu trabalho...

– Si... im – disse ela lentamente.

– E que o Jeremy apenas referiu por alto os talentos com que poderia contribuir.

– Sim?

– Bem, há de compreender que me está a ser pedido que aceite muita coisa puramente na base da confiança.

– Não – disse ela –, não exatamente. É que seria de esperar que tivesse tido o profissionalismo de pesquisar o meu trabalho antes de me obrigar a passar por esta farsa. Aliás, é provavelmente melhor ir-me já embora e não o fazer perder mais tempo. Nem a si, nem a mim, já agora. Gostei muito do champanhe, obrigada.

– Nesse capítulo, também não me deixou muita escolha – disse Rob Brigstocke.

– Se tivesse sido pontual, como eu fui, teria podido escolher à vontade – disse Eliza, levantando-se. – Mas não foi, e pelos vistos acha que não precisa de se desculpar por isso. Diz ao Jeremy o que se passou ou digo eu?

– Não tenho dúvidas de que lhe dirá a Eliza – disse ele –, ao que parece ele dá-lhe ouvidos.

– Esse comentário é nojento – disse Eliza –, e posso garantir-lhe que não me passaria pela cabeça agora trabalhar para si nem que me oferecesse mil libras por dia e uma reserva ilimitada de Veuve Clicquot. Boa-tarde, Mr. Brigstocke.

Saiu do restaurante, agradavelmente consciente de que os outros comensais se tinham divertido bastante com a conversa entre eles.



David dissera que reservaria uma mesa para a uma hora; Scarlett chegou à uma e um quarto, determinada em fazê-lo esperar, mas deparou-se com uma mensagem dele à sua

espera a dizer que sentia muito mas estava atrasado, que havia champanhe na mesa e que chegaria à uma e meia.

Sentiu-se tentada a desaparecer e, na verdade, quando o relógio indicava uma e vinte e oito, levantou os olhos da pasta que estava a fingir que estudava, e levantou-se – deparando-se com Mark Frost à sua frente.

– Miss Scarlett – disse ele, sorrindo de prazer aparentemente genuíno –, que bom vê-la. Como está? Tem visitado Trisus recentemente?

– Não – disse ela, nervosa –, não, não tenho, infelizmente. Trabalho a mais. Mas estou a contar lá ir no outono.

– Também eu. Pode ser que os nossos caminhos se cruzem.

– Seria... seria ótimo. Como está a correr a construção?

– Ah, está quase concluída. Tenho aqui fotografias. – Vasculhou na pasta amassada que trazia. – Gostava que as visse. Sinto que comungamos do mesmo desejo de ver Trisus preservada o mais possível, da maneira como a apreciamos.

– Ah, sim. Sim, sem dúvida, é o meu sentimento exatamente. Seria muito bom.

– Está a almoçar sozinha?

– Não, não, estou à espera de uma pessoa. E o Mark?

– Tenho um encontro com a minha agente. Mas, ao que parece, ela vai chegar atrasada. Posso sentar-me por um momento?

– Sim. Sim, claro. Aceita uma taça de champanhe? Está aqui para eu não me zangar.

– Está a resultar?

– Nem por isso.

– Pois. Bom, para mim, não. Beber à hora de almoço nunca me cai bem. Cá estão elas. Veja. Que lhe parece?

Ela olhou para uma encantadora construção, grande e branca, com o habitual telhado em cúpula numa metade, a outra metade plana. – A minha intenção é que seja um terraço para me poder sentar a contemplar o mar. E aqui, olhe, vai ser o jardim, pequeno, já se sabe, mas com espaço para uma pessoa se sentar e cultivar buganvílias, e aqui, olhe, vou plantar uma trepadeira, para criar uma espécie de caramanchão... gosta?

– Acho-a absolutamente linda. A sério. Simples e... e... totalmente grega. Peço desculpa, que comentário estúpido!

– De maneira nenhuma, falou muito bem. Quero que tenha um estilo grego. Ainda bem que pensa assim. Adiante, da próxima vez que lá estiver, não deixe de... ah, peço desculpa. – Levantou-se, deitando as fotografias ao chão. – Peço desculpa.

Scarlett levantou os olhos; David tinha chegado. Esquecera-se da força da presença de David, que lhe acelerava a pulsação e a fazia sentir fraquejar, do tamanho dele, do poder, da sua figura quase perfeita, com o seu cabelo louro, do seu magnetismo sexual.

Ele estava com um fato de flanela cinzento-claro e uma camisa de algodão de boa qualidade que era quase da cor dos seus olhos, esses extraordinários olhos verdes, herdados da mãe. Estava a sorrir, um sorriso natural, os seus olhos movendo-se sobre Scarlett, apreciando-a. Trazia na mão um embrulho bastante rebuscado.

– Deixe que eu ajudo – disse ele, baixando-se para apanhar as fotografias de Mark. – Bonita casa. Fica na tua adorada Trisus, Scarlett?

Scarlett viu Mark olhar para ela de fugida, claramente surpreendido com o pronome pessoal. – Não é minha – retorquiu ela com a maior frieza possível.

– Bem, é encantadora. Uma casa esplêndida. É sua? – perguntou ele a Mark.

– Sim, vai ser, quando estiver concluída.

– Ouvi falar imenso desse lugar. A Scarlett adora-o. Scarlett, peço imensa desculpa pelo atraso. É imperdoável. Mas ao que parece estás a aproveitar bem o tempo. – Estendeu a mão a Mark. – David Berenson.

– Mark Frost.

– E a Scarlett convidou-o para almoçar em meu lugar? Não a censurava. Detesto a falta de pontualidade, acho sempre que é de uma falta de educação a toda a prova, ofensivo até. Implica que o tempo da outra pessoa não tem valor nenhum. Quando sei que o da Scarlett é extremamente precioso.

– Não tem mal, David. E não, claro que não convidei o Mark para almoçar, mas ofereci-lhe uma bebida.

– Naturalmente. Mr. Frost, sente-se por favor e tome uma bebida connosco. Teríamos muito gosto, não é verdade, Scarlett?

– Não – disse Mark –, não, não... isto é...

– Scarlett, são para ti – disse David, passando-lhe o embrulho, claramente impaciente com a falta de jeito de Mark. – Trufas, as tuas favoritas.

– Obrigada – disse Scarlett secamente.

– Mr. Frost, por favor, faça-nos companhia.

– David, o Mark vai almoçar com a agente dele.

– A agente? Que intrigante. Que é que faz, Mark?

– Hum... viajo um pouco...

– Ah, compreendo. Está no mesmo ramo da Scarlett, é?

– David, o Mark não trabalha no setor turístico. Enfim, de certo modo trabalha, mas de maneira diferente. Escreve livros, livros de viagem.

– Ah, fantástico! Adoro literatura de viagem. Rebecca West, era capaz de estar sempre a lê-la, e Jan Morris e, claro, nunca saio de casa sem o Paddy.

– O Paddy?

– Paddy Leigh Fermor. Conhece a obra dele? Sim, claro que conhece. E assina como seu nome? Não posso dizer que tenha lido nada seu, mas vou estar atento a partir de

agora. Scarlett, minha querida, se te chegares um pouco para lá, posso sentar-me ao teu lado e o Mark pode ficar com a minha cadeira.

– Tenho muita pena – disse Mark, num tom desesperado –, tenho de ir, estou a ver a minha companheira a entrar, com licença. – Fez uma ligeira vénia a Scarlett e virou-se para David. – Muito prazer em conhecê-lo.

E, em seguida, fez o que se poderia descrever, pensou Scarlett, como escapulir para o outro lado do restaurante.

– Que sujeito esquisito – disse David, sentando-se e beijando Scarlett de fugida na face.

– Por sinal, não é nada esquisito, é muito simpático – disse Scarlett, afastando a cara –, e é um excelente escritor, muito prestigiado.

– Não duvido. Mas é claramente muito tímido. Vá, deixa-me encher-te o copo e talvez seja boa ideia pedirmos e depois podemos relaxar. É maravilhoso ver-te. Adoro esse vestido. A cor fica-te a matar. Oh, Scarlett. – Pegou-lhe na mão e beijou-a. – Obrigado por teres aceitado vir. Foste, foste extremamente generosa.

Ergueu-lhe o copo e sorriu, fitando-a nos olhos. Ela sentiu-se irritada, incomodada.

– Então sobre que querias falar em concreto comigo? – perguntou Scarlett.

– Estás com a minha pulseira – disse ele, ignorando a pergunta.

– Estou. Gosto dela.

– Fico muito feliz. E talvez indique que posso esperar que me perdoes.

– Não, David, só indica que gosto da pulseira.

Era verdade; vendera muitos dos outros presentes que ele lhe oferecera, para angariar fundos, mas quanto à pulseira, qualquer coisa a impedira de se separar dela. Demasiadas recordações.

– Então – insistiu –, de que me querias falar?

– Ah. Sim. Enfim, é um tanto delicado. Espero que compreendas. É... é o divórcio, Scarlett. O meu divórcio. Valha-me deus, não sei como pôr a questão.

– Tenta ser objetivo.

– Pois seja. É que, como sabes, o meu divórcio da Gaby tem como fundamento a infidelidade. Foi assim que concordámos em proceder.

– Sim. Eu sei. Um tanto irónico, não é?

– É. Claro, ela não sabe nada sobre ti.

– Fazia alguma diferença se soubesse? – perguntou Scarlett, reprimindo uma sensação de dor por se ver reduzida a algo que Gaby ignorava.

– Acontece que fazia. Sim. Estão em causa duas coisas. Uma é a... a pensão de alimentos. A Gaby é uma mulher terrivelmente gananciosa. Quer continuar a viver exatamente como até aqui, com as regalias e o conforto a que está habituada, mas sem o tédio de ter de arranjar espaço para mim na vida dela. E embora eu queira, claro,

prover generosamente às necessidades dos meus filhos...

– Claro que sim. A tua mãe disse-me que a família é tudo para ti.

– Sem dúvida. – Sorriu-lhe, gloriosamente inconsciente da ironia das palavras dela. – É verdade. Mas repara... isto é... se ela soubesse que eu também... também tinha...

– Andado a dar umas quecas por fora? – disse Scarlett, sorrindo-lhe docemente.

– Scarlett! Agrada-me pensar que a nossa relação era mais do que isso. Sabes bem o que significas para mim.

– Não, nem por isso. Sei o que disseste que eu significava para ti. A meu ver, não é a mesma coisa...

– Valha-me Deus – disse ele com um suspiro.

Ela notou que a testa dele estava perlada de suor.

– Pronto, deixa-me ir direto ao assunto. Diz o meu advogado que, se a Gaby suspeitasse sequer que eu tinha tido uma ligação extraconjugal, me limpava os bolsos. E a coisa podia tornar-se muito feia. No fundo, é o dinheiro.

– Que dinheiro?

– Que eu... hum... investi na tua empresa.

– Quem é que vai saber disso?

– Infelizmente, os meus advogados têm de saber. E o meu contabilista. Porque estão a passar a pente fino o meu património. E... detetaram uma discrepância de 30 000 dólares. As ações que eu vendi para... para te dar o dinheiro.

– Ah, estou a ver.

– Pois é. E dizem que é inevitável que apareçam nas contas. Porque é muito dinheiro. Como tal, tenho de congeminar qualquer coisa. O melhor seria dizer que foi o capital inicial para um negócio. Podes-me dizer exatamente de que maneira explicaste o dinheiro ao teu contabilista?

– Disse que era de fonte privada. O que é verdade.

– Sim, claro. Indicaste a fonte?

– Não, claro que não. Não foi necessário porque o dinheiro entrou a conta-gotas.

Ele relaxou imediatamente. – Ainda bem. Estupendo. – Sorriu-lhe. – Toma, bebe um pouco mais de champanhe.

– Não, obrigada. Já bebi que chegue. Ainda estou um pouco confusa.

– Ah, sim. Bom, o problema é que, se tivesses indicado o meu nome, eu estava tramado. Apanhado com a boca na botija. Assim sendo, estou-te extremamente grato. És uma rapariga muito esperta.

– Espera lá, David. Então este almoço foi só para saberes se a tua relação comigo ia ser descoberta?

– Claro que não. Foi para poder estar contigo, poder discutir a nossa amizade daqui para a frente.

– A nossa amizade? Pensei que tínhamos um pouco mais do que isso.

– Claro que temos, querida. Mas para já, até o divórcio estar concluído, é muito, muito importante que seja assim. Que seja visto assim. Isto é, se for visto de todo.

– Seja. Portanto, a coisa mais importante a meu respeito na tua vida é que ninguém saiba da minha existência. Não vá custar-te dinheiro.

– Muito dinheiro. E um divórcio muito mais litigioso, sim. Mas quando acabar...

– David, sempre disseste que, quando te separasses da Gaby, podíamos andar juntos às claras. Agora, de repente, é tudo diferente. Porque te vai custar dinheiro. Isso não me transmite grande conforto. Aliás, confirma a opinião que formei sobre ti nos últimos anos, que és um bardamerdas incorrigível e extremamente ofensivo.

– Scarlett... querida...

– Não, David, querida não. Bolas, de repente tenho pena da Gaby. Ter-se casado contigo. Sabes, a tua mãe sempre quis que nos conhecêssemos, dizia que nos íamos dar às mil maravilhas. De repente, a ideia agrada-me bastante. Uma boa e íntima conversa com ela. Acho que íamos adorar as duas.

– Scarlett, por favor, não entres em jogos.

– Que é que te leva a pensar que são jogos?

Ele apercebeu-se de que ela estava a falar a sério e a sua atitude alterou-se quase de imediato.

– Pois bem. Nesse caso, tenho outra questão a apresentar-te.

– Sim?

– A verdade é que me sacaste esse dinheiro por processos ilegais. A chantagem é um crime, Scarlett, sejam quais forem as circunstâncias em que seja cometido. E não me parece que desse uma boa imagem em tribunal, se falasses com a Gaby. Eu não teria nada a perder. E, como tal, posso revelar que fizeste chantagem comigo, que te aproveitaste da minha vulnerabilidade, numa altura em que o meu casamento se estava a desfazer, quando eu tinha esperança de o compor.

– Não podes fazer isso! É uma mentira porca!

– Scarlett, tu fizeste chantagem comigo, é inegável. E um bom advogado, e o meu é muito bom, pode caracterizar-te como uma caça-fortunas rasca e interesseira. Não havia de fazer bem nenhum à tua reputação no mundo empresarial. E muito possivelmente terias de devolver o dinheiro. Por isso, xequemate, não te parece?

– Pois, ouve então o que eu penso – disse Scarlett, muito alto, levantando-se e olhando para todo o restaurante para se certificar de que as pessoas estavam a olhar. – Penso que ainda és mais pulha do que imaginei. O que já é dizer muito. Deixo-te agora à vontade para curtires tranquilamente o teu divórcio no seio da tua família. Obrigada pelo champanhe; acho que não quero mais. Porque é que não o bebes tu?

E, retirando a garrafa ainda meio cheia do balde de gelo, entornou-a na cabeça de



– Jeremy, isto é muito, muito agradável.

Ela estava, evidentemente, com um aspeto incrível. Vestido maxi vermelho, extremamente sexy, de uma malha jersey macia, com botas pretas de salto alto, o cabelo a descobrir-lhe a testa, os olhos enormes fixos nele, os lábios ligeiramente entreabertos. A sua intenção era perfeitamente clara. Ele não tinha a mais pequena hipótese. E queria ter?

Ela ligara-lhe inesperadamente, dizendo que estava a passar uns dias em Nova Iorque para fazer compras, que Giovanni ficara em casa em Milão, cansado depois das celebrações natalícias. Seria possível almoçarem juntos? Queria muito estar com ele.

E ele também queria estar com ela, ainda perturbado, abalado até, com a chama da atração – e mais – que se ateara naquela noite no Scala.

Até agora, na vida de Jeremy, o amor, o verdadeiro amor, com toda a sua determinação cega e perturbante, escapara-lhe. Experimentara afeição profunda, atração sexual; tivera várias relações e envolvera-se seriamente em algumas delas. Mas não passara daí; e ele habituara-se a pensar que nunca viria a conhecer mais nada, nem a ser capaz de mais nada. Mas desejava-o; e cada vez mais à medida que o tempo ia passando.

Não lhe faltava contacto com mulheres belas e inteligentes – o problema era que nunca eram absolutamente ideais para ele, nem se adaptavam à complexidade da sua vida e das suas exigências. E isto incluía Eliza, como ele bem sabia, agora mais claramente do que nunca.

E aqui estava à sua frente uma das mais belas mulheres do mundo e que o procurava. Sabia o que ela queria, que era o mesmo que ele; mas sabia que não lho podia dar, não podia sequer sonhar em dar-lho. Jeremy era essa criatura convencional e até enfadonha, o homem bom. Toda a sua vida, adotara a regra de rejeitar qualquer linha de ação que considerasse moralmente repreensível. E uma relação com Mariella, por mais irresistível que fosse, entrava claramente nessa categoria; e, como tal, recusava-se a encarar a hipótese.

Apesar disso, acedeu, disse que seria um prazer almoçar com ela, esforçando-se em vão por ignorar o seu propósito. Afinal, não passava de um simples almoço.

Sorriu-lhe agora. – Sim, é. Muito agradável. Mas não estás a comer nada.

– Claro que estou. Comi a salada e um ovo escalfado. Para mim já é muito.

– Meio ovo, melhor dizendo. Que é que comes normalmente ao almoço?

– Oh, não sei. Um pouco de massa fresca. Com pesto ou talvez molho de tomate. Espargos, talvez, no verão. Não dou muita importância à comida.

– Não acredito. Já te vi devorar tiramisu como uma loba.

– Tiramisu é diferente. É mais como uma bela melodia ou como... fazer amor.

– Mariella! Que comparação absurda – disse Jeremy, rindo-se.

– Talvez seja. Mas nunca digo que não a um tiramisu. A minha mãe fazia um tiramisu absolutamente perfeito. Melhor ainda do que o que servem no Bagutta. Já provaste o tiramisu deles?

– Acho que não.

– Então tens de provar. Vamos saboreá-lo juntos da próxima vez que estiveres em Milão.

– Mariella, não me parece que vá tão cedo a Milão.

– Oh, mas tens de ir. Podes sempre ficar em nossa casa.

– Talvez. Agora fala-me mais da tua mãe.

– Era uma pessoa extraordinária. Adorava-a. Não tínhamos dinheiro, absolutamente dinheiro nenhum, mas vivíamos felizes. Ela preparava-nos pratos deliciosos, fazia-nos roupa muito bonita, havia sempre música em nossa casa e ela estava sempre a cantar, tinha uma voz maravilhosa.

– Sabes cantar?

– Não, não. De maneira nenhuma. Não tenho orelha nenhuma para a música.

– Ouvido – disse ele, sorrindo.

– A Eliza também faz isso.

– O quê?

– Está sempre a corrigir-me. Que é que sentiste quando a viste ao fim de tanto tempo? Amava-la muito, não amavas?

– Não sei – disse ele. – Adorava-a, mas amor, nesse sentido, acho que não. Se tivesse a certeza na altura, teria casado com ela muito antes de ela conhecer o Matt, e as nossas vidas teriam sido muito diferentes.

– Não simpatizo muito com o Matt – disse Mariella. – Não a deixa fazer o que ela precisa de fazer, não a deixa trabalhar, estão sempre a discutir. Na minha opinião, ele só pensa nele.

– Isso não sei – disse Jeremy, sorrindo. – A Eliza sabe muito bem tratar da vida dela, acaba sempre por fazer o que quer. Ou pelo menos era assim. Mas tenho pena que não seja feliz. Muita pena. Em Milão, achei-a em boa forma. Exceto, claro, relativamente ao filho.

– Sim, mas não sei se sabes que houve mais problemas por causa disso.

– Não me digas. Coitada da Eliza. – Sorriu-lhe. – E tu e o Giovanni discutem? Com certeza que não.

– Não, não discutimos. Nunca.

– E... és feliz com ele?

– Sou. Sou feliz. Como podia não ser?

– Pois, de facto custa a imaginar.

– És muito diplomático, Jeremy, mas eu sei porque é que perguntaste. Achas o Giovanni um velho e não um companheiro para mim, nem sequer sexual... e é natural que penses isso. Claro que é.

– Pois, compreendo. – Era o que ele desconfiava, mas não contava que ela abordasse o assunto tão cedo e tão frontalmente.

– Agora estás chocado – disse ela. – Não pretendi chocar-te. Estava simplesmente a explicar. Não é preciso ter tudo para se ser feliz, apenas as coisas certas. O Giovanni ama-me muito. E eu sinto-me permanentemente em segurança. E ele também tem as coisas certas; tem-me a mim para o resto da vida, em casa dele, a olhar por ele, a amá-lo, para onde quer que vá, e não pede mais nada. Mas agora, de repente, existes tu. Por isso... – fez uma pausa, sorrindo-lhe diretamente nos olhos.

– Mariella, Mariella, acho que não me posso meter nisto.

– Em quê, Jeremy? – Pôs uma expressão intrigada.

– Por favor, Mariella. Não me insultes com joguinhos tolos. Não posso... corresponder aos teus desejos. Não posso ter um romance contigo.

– Não queres?

Os olhos escuros encheram-se de tristeza, a bonita boca tremeu. Santo Deus, esta mulher era exímia nisto.

– Claro que quero – disse ele –, quero muito. É uma agonia para mim estar aqui sentado e... e dizer isto. Mas não posso, Mariella. Gosto muito do Giovanni. Não posso desapontar uma pessoa que me ofereceu a sua hospitalidade e amizade. Não lhe posso tirar aquilo a que ele dá mais valor no mundo.

– Mas ele nunca viria a saber, Jeremy. Não ficaria magoado.

– Sabia eu, Mariella. Sinto muito, mas não posso.

Ela levantou-se; ia-se embora, pensou ele, possivelmente ia atirar-lhe com qualquer coisa e, de certo modo, esperou que atirasse. Tornaria tudo mais fácil.

– Vou à casa de banho – disse ela. – Volto já.

Demorou imenso tempo: dez, quinze minutos. Jeremy continuou sentado, a refletir sobre o tesouro que acabara de rejeitar, quase incapaz de acreditar no que tinha feito.

Pouco depois, ela regressou; colocou-se atrás da cadeira dele, inclinou-se sobre ele, pôs-lhe os braços à volta do pescoço e beijou-o na face. Cheirava maravilhosamente, um perfume intenso, denso, e quando tornou a sentar-se, estava a sorrir, com os olhos muito brilhantes, a maquilhagem perfeita, o cabelo primorosamente arranjado.

– Ai de mim – disse ela, abanando a cabeça. – Jeremy, Jeremy, que falta de sorte a minha apaixonar-me por um perfeito cavalheiro inglês. Porque é que não dei com um... um... um quê, Jeremy?

– Um pulha – respondeu ele, sorrindo. – Era com quem devias ter dado. Um sacana. Um biltre. Que teria ido a correr contigo para a cama, como eu desejo ardentemente fazer, sem pensar duas vezes. Era com quem devias ter dado.

– Não – disse ela –, acho que não. És tu quem eu quero, meu querido Jeremy, meu adorável cavalheiro. Quero-te muito. Enfim talvez um dia. Não vou desistir, fica a saber. Não sou orgulhosa. E no fim consigo sempre o que quero.

– Consegues? – disse ele, esforçando-se por manter um tom ligeiro.

– Sempre – disse ela, soprando-lhe um beijo através da mesa –, consigo sempre.



– Miss Scarlett! Foi muito simpática em ter vindo.

Scarlett sorriu a Mark Frost. Ele era de facto encantador, pensou; e atraente, ainda por cima, com a sua massa de cabelo castanho e aqueles perscrutadores olhos cinzentos atrás dos óculos de aros metálicos.

Tinha estado quase para não vir, mas a relações públicas de Mark Frost tinha contactado as pessoas por telefone na última manhã e, como Scarlett não estava no escritório e a festa estava anotada na sua agenda, a secretária dela havia confirmado e, perante isso, ela não quis desapontá-lo.

Embora não tivesse feito grande diferença; a sala estava apinhada e todas as pessoas presentes pareciam conhecer-se umas às outras e estavam a conversar em voz alta, cheias de confiança, sobre livros e editoras e até agentes – «Por sinal, o que mais me agradou foi o primeiro dela, não achas que aquelas novas capas da Penguin são autênticas obras de arte?... Sinceramente, acho que devias passar para outra, hoje em dia só publicam porcarias...» – e, embora lhe sorrissem de um modo distante, quando passava lentamente por eles de taça de champanhe na mão ou tentava infiltrar-se num grupo, eram o contrário de amigáveis.

– Está aqui alguém que conheça? – perguntou agora Mark Frost.

Ela sacudiu negativamente a cabeça. – Não.

– Ah, pensei que talvez conhecesse alguns dos jornalistas de viagens. Venha conhecer a Chrissie Morgan, é do Daily Sketch e é perfeitamente inofensiva. Como vai o seu projeto?

– Bastante bem.

– Ótimo. Perguntei ao Demetrios da última vez que lá estive, mas ele é muito discreto, faz sempre de conta que não está a par do assunto.

– Não creio que seja por discrição – disse Scarlett, rindo. – Acho que não está mesmo a par.

– Ah, Chrissie, deixe-me apresentar-lhe a Scarlett Shaw. Ela é o cérebro por detrás de um excelente clube de viagens, provavelmente já ouviu falar

– Mark. – Era uma das raparigas extremamente chiques da editora. – Mark, são horas do seu discurso.

– Valha-me Deus. – Mark ficou muito branco; era a primeira vez que Scarlett tinha um vislumbre do Mark Frost original, da pessoa calada e reservada que conhecera no hotel de Demetrios.

– Pobre Frosty – disse Chrissie, vendo-o a afastar-se, levado pela rapariga –, detesta estas obrigações. Discursar, digo eu.

Mas ele falou com encanto e graça, dirigindo profusos elogios ao seu revisor, editor e agente e relatando uma história bem-humorada sobre duas senhoras que ouvira na Hatchards a discutir o livro sobre as ilhas, dizendo que era uma pena ele não ter incluído a Ilha de Wight.

– É um espanto, não é? – disse Chrissie Morgan. – Tem imenso charme e sentido de humor.

– Sem dúvida. Quando o conheci não pensei isso, ele mal abriu a boca.

– É a maneira de ser dele. Esconde-se atrás de uma espécie de véu trapista até decidir que gosta da pessoa e aí deixa-o cair sem hesitar. No fundo, é muito desconcertante.

Scarlett sentiu-se lisonjeada.

– Conhece Mrs. Frost?

– Não, não conheço. – Foi como uma chamada abrupta à realidade.

– É uma pessoa incrível.

– Pensei que estaria aqui.

– Não, parece que o acesso a cadeiras de rodas é complicado aqui.

Cadeira de rodas! Ele era casado com uma inválida? Nesse caso, era extraordinário construir uma casa numa remota ilha grega. Talvez gostasse de escapar dela.

– E então... o seu clube de viagens? Fale-me dele – pediu Chrissie. – Estou a preparar um artigo sobre as agências mais pequenas e talvez possa falar dele.

Scarlett partiu com um exemplar autografado do livro, um beijo de Mark Frost e uma sensação de vitória.

Só queria que David Berenson a visse, alvo dos galanteios de um dos jornalistas de viagens mais prestigiados do seu tempo.



– As coisas pioraram por aqui, Eliza. Pioraram muito.

– Oh, Heather, lamento muito saber. – Eliza sentiu uma ponta de remorso. Eram meados de janeiro e ela fora visitar Heather – agora grávida de sete meses e meio – pela primeira vez desde o Natal, tendo-a encontrado num estado de espírito desesperado.

– Desta vez não sou eu, é o pobre Mr. Carter do andar de cima. É viúvo, compreendes,

mal consegue subir e descer as escadas. Adiante, ontem de manhã, entrou um pássaro pelo buraco no telhado e voou contra a cara dele. Ele entrou em pânico e tentou enxotá-lo, mas escorregou e caiu três ou quatro degraus. Se eu não tivesse ouvido e não lhe tivesse acudido, não sei o que teria acontecido. Coitadinho, chamei a ambulância, ele partiu a bacia. Eu e a Coral fomos visitá-lo à tarde ao hospital e ela ficou ainda mais aflita sobre o que ia acontecer ao quarto dele e para onde ele ia quando tivesse alta.

– Coitado do homem. Bom, amanhã passo outra vez por cá com a Emmie – disse Eliza.

– Passas? A Coral anda tão aborrecida, coitadita. Neste momento, até levá-la à escola me custa e anoitece tão cedo...

– Claro que passo – disse Eliza e, ocorrendo-lhe uma ideia, acrescentou: – Tens televisão?

– Estás a brincar? Claro que não tenho.

– Certo. Pronto, nós vimos diretamente das aulas para aqui.



Emmie declarou que não queria ir a casa de Coral, cheirava mal.

– A culpa não é da Coral, e ela e a Heather precisam da nossa ajuda. E não gostavas de dar à Coral a nossa televisão velha, a que está no teu quarto de brinquedos? Ela não tem televisão. E nós compramos-te uma nova.

– Gostava. É boa ideia.

Heather ficou tão comovida ao ver a televisão que rompeu em lágrimas.

– Não posso aceitar, Eliza.

– Podes, pois. Nós queremos que fiques com ela, não queremos, Emmie?

Emmie assentiu com a cabeça. – Queremos.

– Vai fazer uma grande diferença – disse Heather, limpando os olhos. – Uma das razões por que arreliam a Coral na escola é porque ela não conhece os programas. Vai ficar encantada. Mas... oh, meu Deus, o Alan não vai gostar nada. Vai protestar por causa da licença. Sempre disse que não tínhamos dinheiro para isso, mesmo que tivéssemos televisão.

– Eu pago a licença; diz-lhe que é para a Coral. Ainda não arranjaste casa, calculo?

– Pois não. Decidimos ir para casa da mãe do Alan, não temos outro remédio.

– Oh, Heather. Sinto muito. Não chores, por favor. Emmie, leva a Coral para o quarto, comecem um jogo de cartas, nós já vamos lá ter.

– Anda – disse Emmie, estendendo a mão a Coral –, vamos para o quarto. Como está a Amanda Jane?

Ela parecia muito mais desenvolvida do que Coral em todos os aspetos; e tinham nascido na mesma semana. Era algo que também não estava certo.



– Matt, não tens nenhum apartamento barato? Muito barato, quero eu dizer.

– Para comprar ou alugar?

– Ah, para alugar.

– Assim de memória, acho que não. Porquê?

– É para uma amiga. Está a viver num apartamento horrível em Clapham, com o marido e a filha pequena, e vai ter um bebé dentro de um mês ou assim. E têm de deixar a casa e não arranjam nenhuma alternativa. Ainda faltam uns meses para o contrato de arrendamento expirar, mas depois disso... a situação fica desesperada. E quer-me parecer que o senhorio está a tentar dificultar-lhes de tal maneira a vida que eles têm mesmo de deixar o apartamento. Por exemplo, não conserta uma sanita entupida, coisas desse género. Pensei que podias saber de alguma coisa. Nem que fosse temporário. É uma situação muito injusta.

– Quem são essas pessoas?

– Oh, uma rapariga que conheci na clínica. Quando a Emmie era bebé. Nunca ouves o que eu digo. Já te falei da Heather. Tem sido uma boa amiga. E eu gostava muito de ajudá-la.

– Estás a pedir à pessoa errada. Tenho muita pena. Agora tenho de me despachar. Já estou atrasado.

– Estafermo – disse Eliza em voz alta quando ele fechou a porta.

Nessa tarde, teve de ir ao dentista. Sentada na sala de espera, pegou num jornal que alguém tinha deixado ficar. Era o Daily News.

Com um suspiro, começou a folheá-lo. Jack estava a fazer um trabalho excecional. A cobertura noticiosa era excelente e havia agora uma página inteira de análise chamada «NewsWatch» incluída tanto nos acontecimentos nacionais, como internacionais.

A coluna social era muito boa – Jack sempre tivera um pendor para os ecos da sociedade e conhecia a sua importância mesmo no jornal mais «intelectual»... e este artigo era realmente fascinante: chamava-se «Um Conto Cidadino», escrito por um jornalista chamado Johnny Barrett, que era anunciado como o «Homem da Imobiliária» do jornal. Era baseado numa reportagem sobre duas famílias que viviam no que Barrett designava como os dois lados do Fosso Cultural, as praças intelectuais da Islington georgiana e o ambiente mais tradicional e endinheirado das ruelas e mansões convertidas de Chelsea. Eliza detetava a mão de Jack nisto; mas gostava da maneira como Barrett escrevia, com acutilância e perspicácia, captando as nuances dos dois estilos diferentes de falar, vestir e receber. A imobiliária era isto: as pessoas e o que elas faziam dela e vice-versa.

Foi nesse momento, enquanto o dentista lhe brocava um dente, que declarara desvitalizado, que a ideia começou a formar na sua mente...



– Susan – disse Matt. – Ligue-me para o Andrew Watson por favor.

– Sim, Mr. Shaw.

– E traga-me também as listas de agentes de arrendamento que temos nos ficheiros.

De propriedades económicas.

– Sim, Mr. Shaw.



– Viva, Louise. Como estás?

Eliza ia encontrar-se com a mãe para almoçar na Trattoria Terrazza, o restaurante italiano ainda em voga em Romilly Street.

Louise estava sentada a uma mesa com um homem: um jovem bastante atraente. Ainda bem. Talvez tivesse arranjado um substituto para o pérfido Barry Floyd.

– Ah... olá, Eliza. Muito bem, obrigada.

– E os hotéis, estão a correr bem?

– Bastante bem – respondeu Louise. – O grande problema é o licenciamento, mas deves estar habituada a ouvir o Matt queixar-se disso.

– Infelizmente não – disse Eliza. Olhou para o jovem com uma expressão ligeiramente inquisidora e sorriu; ele retribuiu-lhe o sorriso.

– Johnny Barrett – disse ele, estendendo a mão. – Daily News.

– Ah, peço desculpa – disse Louise. – Johnny, apresento-te a Eliza Shaw. É casada com o meu ex-colega, o Matt, sabes?

– Sei, pois – disse Barrett. Tinha um sotaque forte do Norte e olhos cinzentos acutilantes. Eliza simpatizou com ele. – Como está o grande homem? Estou sempre a tentar convencê-lo a dar uma entrevista a sério, mas ele detesta a imprensa. Como certamente sabe.

– Infelizmente, sei. Está ótimo, obrigada. Não vai acreditar e parece despropositado, mas li um artigo seu no outro dia. Sobre o grande fosso entre o Norte e o Sul de Londres. Achei-o excecional.

– Obrigado. É muita amabilidade sua. Gosto de imprimir substância aos meus artigos, dá-lhes uma certa vida.

– Sim, não há dúvida de que funciona. Conheço muito bem o Jack Beckham – acrescentou ela, para ele não pensar que era alguma fã bajuladora. – Trabalhei para ele há muito tempo.

– Presumo que foi na revista que ele dirigia.

– Sim. Ele... ah, aí está a minha mãe. É melhor ir ter com ela. Prazer em ver-te, Louise

– disse ela –, dá cumprimentos meus ao Roderick.

– Dou. Obrigada, Eliza.

– E muito gosto em conhecê-lo – disse ela a Barrett.

– Igualmente. Espere. – Remexeu numa carteira velha e muito cheia. – Tome o meu cartão. Se conseguir convencer o seu marido a dar-me uma entrevista, diga-me.

– Fique descansado – respondeu ela, sorrindo –, mas eu sei que não dá. Adeus.



Experimentara uma sensação de doce vingança ao ouvi-lo gaguejar uma desculpa e praticamente implorar-lhe que fosse falar com ele – Jeremy tinha claramente perguntado como tinha corrido o almoço; e um lado dela continuava a querer dizer que, no fundo, não estava interessada e devia desligar o telefone. Mas acabou por concordar encontrar-se com Rob Brigstocke na KPD, dali a uma semana, munida do seu livro de recortes.

As agências de publicidade eram muito diferentes das revistas, pensou, seguindo Rob Brigstocke por um corredor luminoso, revestido com uma alcatifa espessa, com gravuras de bom gosto da parede e portas firmemente fechadas exibindo letreiros como «Recursos Criativos», «Biblioteca» e até «Sala de Reuniões de Executivos n.º 1» e «Sala de Reuniões de Executivos n.º 2». Pensou melancolicamente na primeira vez que visitara a Charisma e nos longos corredores da revista, embora com a tinta a descamar, o chão de linóleo riscado e portas que abriam para escritórios desarrumados. Nunca se sentiria à vontade aqui.

Não era que fizesse diferença porque não ia trabalhar aqui.

– Cá estamos. Este é o meu gabinete.

Abriu a porta. Este espaço era mais agradável, mais familiar até: uma enorme janela com vista para Grosvenor Square, uma secretária preta reconfortantemente atafalhada, uma das novas cadeiras cromadas giratórias e, num canto, um armário para desenhos e noutro um projetor Grant – a máquina quase mágica que projetava imagens e texto, ampliados ou reduzidos, e se movia à vontade do operador sobre a maquete de uma página – e todas as superfícies de parede disponíveis cobertas de cartazes, apontamentos, planos de campanhas, certificados de prémios encaixilhados, polaroides.

– Ah – soltou ela, sorrindo de puro prazer –, é um gabinete muito bonito.

Dirigiu-se a um conjunto de fotografias. – Fiz uma colagem de todas as minhas capas a partir das polaroides – disse ela. – Um dos meus bens mais preciosos.

– Eu fiz o mesmo com todas as minhas campanhas falhadas.

Ela riu-se.

– Essa é gira. Gosta?

Os recortes dela agradaram-lhe; Eliza percebeu. Não apreciou, claro, o triunfo logístico da página dupla de Paris com o grupo de modelos, mas gostou da casa assombrada e da reportagem sobre Mariella. – Isto é genial – disse ele, sorrindo-lhe. – Adoro. Caramba, a

revista devia tê-la agarrado com unhas e dentes. Agora está muito diferente.

– Obrigada – disse Eliza, refletindo como um sentimento de aversão podia transformar-se num instante no contrário; nesse momento, estava mesmo a achar Rob Brigstocke seriamente sexy.

Ele mostrou-lhe o escritório para ela conhecer alguns dos criativos, explicou-lhe quem eram os clientes e com quais poderia acabar envolvida. Havia uma firma de cosmética, uma firma de pavimentos de estilo – «este precisa de um sério contributo da moda» – uma firma de perfumes e um hotel.

Ela sentiu o entusiasmo crescer, começando a ter ideias; gostou das pessoas, que eram bem-humoradas, divertidas e muitíssimo profissionais, todas as coisas de que sentia falta.

– Bom – disse Rob, apertando-lhe a mão na recepção –, até breve. Obrigado por ter vindo. Eu ligo-lhe. Mas antes de mais, está interessada?

Eliza respondeu que talvez estivesse, debatendo-se para não mostrar a que ponto já se sentia desesperadamente interessada.

Três dias mais tarde, Brigstocke ligou-lhe e fez-lhe uma proposta: o lugar de consultora de moda, dois dias por semana, que podiam tornar-se três quando necessário; um salário por esses dois dias superior ao que recebera na Charisma a tempo inteiro; e, pelo que lhe foi dado a entender, despesas de representação sem limites. Ficara no vestíbulo, a ouvir o que parecia ser um convite para entrar num reino encantado, e ouviu a sua própria voz responder que iria pensar no assunto. E que lhe dizia alguma coisa dentro de um ou dois dias. Ouviu-o então manifestar primeiro surpresa e depois impaciência, e dizer-lhe que precisava de uma resposta rápida, pois havia várias pessoas que queria abordar; e sentiu um impulso irresistível para lhe dizer não, não faça isso, por favor, não contacte ninguém; e, pouco depois, ele voltou a ligar, dizendo que, se ela não tomasse uma decisão nas próximas vinte e quatro horas, o lugar seria oferecido a outra pessoa; e ela compreendeu que não tinha alternativa senão falar com Matt sobre o assunto.



Mariella ficara apenas moderadamente desiludida com o fracasso da sua missão. Desejava Jeremy Northcott desesperadamente, mais desesperadamente do que alguma vez desejara um homem, e neste caso não era apenas desejo carnal, nem uma necessidade de atenção, era algo de mais terno, doce e intenso do que tudo o que até agora vivenciara. À exceção, claro, do que sentia por Giovanni.

Mariella não era uma pessoa promíscua; amava profundamente Giovanni e fora por essa razão que se casara com ele. Ele era o centro do seu mundo; não só lhe dava coisas com que nunca poderia ter sonhado, mas também lhe demonstrava ternura, carinho e profunda admiração. Já uma mulher inteligente, tornara-se, sob a sua tutela, numa

peessoa culta, socialmente competente e erudita. A vida comum do casal era realmente abençoada; mas isso não se devia simplesmente ao conforto financeiro. Era também porque eram bons um para o outro.

E nos primeiros tempos do seu casamento, Giovanni era um amante sensual, imaginativo e incansável; ensinou-lhe mais do que ela podia ensinar-lhe a ele. Combinava o talento sexual ao emocional; era capaz de apanhá-la de surpresa, em momentos impróprios, e tinham feito amor em muitos mais sítios do que a sua cama gigante, com a noite a cair sobre o Lago de Como.

Mas, com a aproximação do seu octogésimo aniversário, os dotes sexuais de Giovanni haviam começado a diminuir. Num espaço de três anos, tornara-se completamente impotente. E Mariella beijara-o e dissera que não desejava ser-lhe infiel, nem dormir com outro homem; e ele respondera que a amava muito e adormecera. E ela falara com absoluta sinceridade.

Mas, apesar de toda a boa vontade do mundo, começou a sentir-se inquieta, irascível, respingando com Giovanni como nunca até então fizera, até se interrogar se não seria melhor para ambos se procurasse – ocasionalmente apenas – distração noutra lado. E então, milagrosamente, surgira Jeremy, que instilava nela um desejo físico emocional. E, apesar de se sentir chocada consigo própria por ser capaz de tais sentimentos, ansiava ter o que nunca tivera: uma ligação amorosa, na sua aceção mais verdadeira, com um homem jovem e belo.

E Mariella conseguia sempre o que queria. No fim.



– Eliza? Fala o Jeremy.

– Ah, Jeremy! Que bom teres ligado. Onde estás?

– Em Londres. Por alguns dias. Só a deitar um olho à agência. No próximo mês volto para ficar. Ouve, falei com o Rob Brigstocke e soube que ficou muito bem impressionado contigo. Aliás, quer muito que aceites o lugar.

– Sim – disse ela –, sim... eu sei. É fantástico. Estou absolutamente rejubilante.

– Era o que eu esperava. Mas diz ele que ainda não aceitaste formalmente a proposta. Ouve, eu sei que tens problemas com o Matt e com a questão da Emmie. Mas dois dias por semana... é impossível que não encontres uma solução. Queremos muito que trabalhes connosco. Achamos que tens grandes contributos a dar à agência...

– Oh, não é o Matt – disse ela, respirando fundo –, juro que não é. Não estou assim tanto debaixo da pata dele, Jeremy. Mas falaram-me de uma ama estupenda e estava à espera de falar com ela antes de me comprometer. Mas... ao que parece, ela está de acordo, por isso, sim, gostava muito de aceitar o lugar. Parece uma oportunidade única.

– Fantástico! Vou dizer ao Rob. Vai ficar deliciado. Que dizes se almoçássemos? Para

fechar o acordo?

– É uma bela ideia. Sim, vamos almoçar. Por favor.

Combinaram uma data na semana seguinte. Ele ia passar uns dias em Norfolk. – Visitar o meu pai, esse tipo de coisa. Há de ter muitas novidades sobre a vida rural.

– E eu gostaria imenso de ouvi-las – disse Eliza seriamente –, seria muito agradável. Muito... normal.

– O meu pai, normal! Nunca. Podes vir comigo se quiseses.

– Quem me dera! Não me ocorre nada que desse mais alegria ao Matt. Mas dá cumprimentos meus ao teu pai; transmite-lhe os meus pêsames. Eu escrevi-lhe quando a tua mãe morreu.

– Um gesto bonito. Dou, sim senhor. Então, na próxima quinta. Que tal o Caprice? Em nome dos velhos tempos?

Ela pousou o telefone e ficou a olhar para ele, sentindo-se alternadamente rejubilante e violentamente agoniada. Não podia voltar agora com a palavra atrás. Dissesse Matt o que dissesse...



– Não – disse Matt –, pensei que estava assente que, pelo menos, durante o primeiro ano de escola, a Emmie precisava de ti em casa.

– Mas, Matt, são só dois dias por semana. A tua mãe podia olhar por ela, ia ficar encantada. E eu aborreço-me terrivelmente agora, com a Emmie na escola o dia todo. Tenho o cérebro atrofiado, sem fazer nada. Quero...

– Pois, eu também fico muito aborrecido com esses teus gritos de angústia a respeito do teu cérebro, Eliza. Davas um bom uso ao teu cérebro a fazer coisas com a Emmie e até comigo, já agora.

– Contigo? – disse ela. – Sinceramente não sei o que me podes pedir que ponha a funcionar o meu cérebro, Matt. Não me recordo de alguma vez queres ir ao teatro ou discutir livros comigo. Perguntar o que é o jantar e falar-me dos projetos de urbanização que puseste em marcha nas últimas vinte e quatro horas parece ser o que consideras conversa intelectual. Quanto à Emmie, passo muito tempo a ler-lhe e a brincar com ela, e desagrada-me a insinuação de que não faço nada disso.

– Pronto, está bem – disse Matt –, e a discussão que tivemos no outro dia à noite sobre a possibilidade de termos outro filho? Presumo que isso deixaria de estar em aberto se aceitasses esse emprego, deixaria de ser importante.

– És execrável – disse Eliza, reprimindo as lágrimas com grande esforço. – E o que dizes é completamente injusto. Não acredito que possas ser tão arrogante e tão... tão convencional. Vives no passado, sabias? És para sempre um homem dos anos 50, cuja mulher anda de avental e espera que chegues a casa para andar de roda de ti.

– Era bom, era – disse Matt, desaparecendo da sala e batendo com a porta.

Ao conduzir Emmie à escola, continuando a reprimir as lágrimas, Eliza sentia-se ferozmente e... sim, porque não dizê-lo?... infantilmente desejosa de vingança. Esforçara-se imenso, renunciara a muita coisa, esperara muito tempo pelo que parecia ser a oportunidade perfeita, e ele não lhe fazia a mínima concessão. Não era justo; não era simplesmente justo.

Parou para comprar leite no regresso e o cartão de Johnny Barrett caiu-lhe do porta-moedas.

Ficou sentada a olhar para ele, pensando no jornalista, pensando em Matt e na maneira como ele saía sempre a ganhar, e em pessoas como Heather, que saíam sempre a perder: e de súbito teve uma ideia maravilhosamente simples.



– Estou? Fala Johnny Barrett. Ah... viva. Sim, claro que me lembro de si. Nunca esqueço uma pessoa que aprecia o meu trabalho. Prazer em ouvi-la. Como? Bem, estou sempre interessado em ideias para um artigo. Quer descrevê-la já? E depois posso apresentá-la ao diretor, se achar que ele vai gostar. Sim, claro, força.



Jeremy regressou de Norfolk, tendo diante de si três dias de intensa atividade antes de voltar para Nova Iorque pela última vez; a sua secretária, Lucilla Fellowes, que ainda estava na agência, retomou o seu papel de dona de casa do escritório com grande entusiasmo, certificando-se de que lhe era servido o seu café favorito, enchendo-lhe o gabinete (temporário) de flores e champanhe Bollinger, organizando-lhe a agenda e conciliando reuniões, e marcando-lhe mesa nos seus restaurantes prediletos. Foi ao verificar os últimos preparativos para esses breves dias que se apercebeu de que ele marcara um almoço sem a informar: Eliza (dizia a sua agenda em grandes letras garatujadas), Caprice, 13h00. Nesse mesmo dia, Lucy tinha conseguido com grande dificuldade que o diretor executivo da Cumberland Tobacco almoçasse na sala de direção com Rob Brigstocke, na qualidade de diretor criativo, Michael Rushton, diretor de investigação, e Jeremy; perguntou a Jeremy se podia mudar o almoço com Eliza para umas bebidas nessa noite.

– Sim, se ela concordar. Pode não estar disponível. Diga-lhe que é Bolly. Talvez a ajude a decidir-se. Caso contrário... talvez jantar? Deixe ao critério dela. Mas tenho a certeza de que ela vai compreender em relação ao almoço.



Lucilla Fellowes ligara a Eliza duas vezes sobre a alteração do almoço sem obter resposta; à terceira vez, decidiu deixar uma mensagem na máquina de atendimento.

Lucilla deixou a mensagem, tapou a máquina de escrever, vestiu o casaco e foi para casa preparar o jantar para o marido advogado.



– Estou, Matt, sou eu. Ouve, estou aqui com um problema. O meu carro foi rebocado... como? Bem, deixei-o num traço duplo. Foi só por um minuto... pronto, dez... e agora estou à espera no depósito da polícia para reavê-lo. Sim, eu sei, eu sei que sou uma idiota e sinto muito, mas isto está a demorar uma eternidade e vou chegar atrasada para ir buscar a Emmie. Ela foi lanchar com uma amiga. Não podes ir tu buscá-la? Já que tencionas vir para casa mais cedo. Pelo menos foi o que disseste. Sim, disseste. Disseste que andavas estourado e que precisavas de te deitar cedo e é bom que venhas porque eu fiz um empadão de peixe. Adiante... achas que podes ir buscar a Emmie? Por favor, Matt, nunca te peço e é na rua a seguir, e tu gostas da mãe da outra miúda, é aquela loura chamada Susannah, a das mamãs grandes. Sim, Parkham Street, número sete. Às seis. Eu chego a casa às seis e meia o mais tardar e o jantar está controlado, podes subir o forno para cinco... o quê, não, eu sei que não és meu criado, mas fazias-me um grande favor... pode ser? Obrigada. Obrigada, Matt. Tenho de ir, está muita gente à espera para usar este telefone.



– Não é má ideia – disse Jack Beckham. – Agrada-me. Terá de ser substanciado, claro, precisamos de nomes, que o senhorio seja identificado, tudo isso, mas... sim. É tempo de publicarmos uma história estilo Rachman. Há séculos que não publicamos nada do género.

– A minha... fonte quer proteger a inquilina. A família tem muito medo de recriminações, que o tiro lhes saia pela culatra.

– Isso está tudo muito bem, mas não podem vir queixar-se para os jornais e esperar depois que seja tudo feito à maneira deles.

– Eles não vieram propriamente queixar-se – disse Barrett – e não os quero envolver na história.

– Johnny – disse Beckham, o seu tom adquirindo um registo que os seus colaboradores temiam. – Estou a esforçar-me para fazer de ti um grande nome. Pensei que era o que querias. Já não estás a trabalhar no pasquim local de Bradford. Não podes dar-te ao luxo de ter escrúpulos. Ora bem, estou a ver isto como uma reportagem de duas páginas, com uma profusão de citações e um ou outro estudo de caso. Se for boa, anuncio-a na edição da véspera. De acordo?

– De acordo – disse Barrett.



Matt e Emmie chegaram a casa pouco antes das seis. Emmie pediu uma bebida e uma bolacha e sentou-se num banco, falando sobre o dia de escola e dizendo que tinha recebido uma estrela a Aritmética e tinha sido a melhor a Ortografia; Matt conscienciosamente subiu a temperatura do forno e depois serviu-se de um generoso gim tónico e foi para o escritório.

A máquina de atendimento estava a piscar.

«Mrs. Shaw, como está?» O tom era extremamente refinado; credo, detestava este tipo de vozes. E as pessoas que as possuíam. «Fala Lucilla Fellowes, a secretária de Jeremy Northcott. Mr. Northcott lamenta muito, mas gostaria de saber se pode alterar o almoço de quinta para uma bebida depois do trabalho. Pediu-me para lhe dizer que será Bolly definitivamente. Ou possivelmente jantar, se estiver disponível. Se pudesse ligar-me amanhã de manhã a dizer alguma coisa, seria ótimo. Muito obrigada.»

Matt ficou tão chocado que rebobinou a fita para ouvir outra vez; nesse momento, Emmie apareceu.

– Ele é meu amigo – disse ela quando a mensagem chegou ao fim.

– O quê? – perguntou Matt, virando-se para ela. – Quem é que é teu amigo?

– O homem de quem a mensagem falou. Estava no palácio da Mariella quando lá ficámos, brincou às escondidas comigo e com a mãe.



– Louise? É o Johnny Barrett. Ouve... estou a escrever um artigo sobre senhorios desonestos. Sim. Precisamente. Pensei que eras capaz de conhecer alguns. Adiante, tem a ver com uma ideia que essa tua amiga, a Eliza Shaw, me sugeriu.

– Ah... – Louise sentiu um arrepio desagradável algures no estômago.

– Uma amiga dela que vive num pardieiro qualquer em Clapham, parte de uma enfiada de casas geminadas, com senhorios que deixam os apartamentos cair de podres para se verem livres dos inquilinos... enfim, a amiga não parece jogar muito com uma pessoa de classe como Mrs. Shaw mas, seja como for, ela vai levar-me lá para a conhecer. Preciso de saber quem é o senhorio, evidentemente, conseguir uma citação e tudo isso. Pensei que talvez me pudesses ajudar.

– Não – disse Louise firmemente. O arrepio agudizou-se. A não ser que houvesse duas enfiadas de casas em Clapham com senhorios desesperados para se verem livres dos inquilinos... Ora, deve haver meia dúzia deles, estás a ser neurótica, Louise. Fosse como fosse, não queria envolver-se em nada que pudesse funcionar contra ela. – Johnny, acho sinceramente que seria melhor não te meteres por aí. – Sabia que estava a correr um

risco; mas surpreendia-a que Eliza fosse ingênua ao ponto de se envolver numa coisa que podia sair-lhe furada. A não ser que quisesse, claro.

– O quê?

– Sim. Há muita gente que iria sair prejudicada. Muito prejudicada. Não posso dizer mais nada. E não te posso ajudar. Lamento.

– Pronto, paciência.

– Paciência, não me vais pedir mais nada, ou paciência, não escreves o artigo?

– Que é que achas? Adeus, Louise.

Barrett desligou o telefone. Esta história era claramente muito mais intrigante do que imaginara. Seria possível que Matt e Eliza não soubessem de nada? Ou saberiam? Era caso para uma investigação muito séria. E podia começar de manhã quando fosse com Eliza encontrar-se com a desafortunada rapariga de Clapham.



– Matt! Emmie! Cheguei! Malditos polícias. Praticamente tive de lhes lambear as botas para conseguir reaver as chaves. Onde estão?

Ele saiu do escritório; estava lívido e com um olhar carregado. Eliza olhou para ele insegura.

– Olá. Está tudo bem? Pareces...

– Não – disse ele. – Está tudo mal. Que diabo é que se passa?

– O quê? De que é que estás a falar? Não estou a entender...

– Jeremy Northcott – disse ele –, com quem pelos vistos vais almoçar. Ou beber um copo de Bolly, maravilha. Ou até jantar. E que, soube há pouco, por mera coincidência, estive em Milão contigo. A Emmie contou-me tudo, que brincaram juntos às escondidas. Que bonito, que bonito para todos. Qual é a tua, porra? Que andas a fazer?

– Emmie, vai lá para cima – apressou-se Eliza a dizer –, porta-te como uma menina crescida e prepara-te para te deitares. Eu não demoro nada.

Emmie não protestou; olhou para os pais, com grandes olhos pensativos, e saiu da sala. Eliza fechou a porta e virou-se para encarar Matt.

– Não deves usar essa linguagem diante da Emmie – disse ela.

– Na minha própria casa, uso a linguagem que me der na real gana. E não tentes mudar de assunto.

– Matt, não é o que estás a pensar – disse ela –, é...

– Bem, o que quer que eu pense, a verdade é que andas claramente com ele. A jantar com ele em Londres. A ficar com ele em Milão. É muito estranho que não tenhas falado em nada. E como é que conseguiste calar a Emmie durante este tempo todo? Que porra é que se passa?

– Não vou jantar com ele – retorquiu Eliza. – Ia almoçar. Para discutir o... o emprego.

– Que emprego?

– O emprego que não me queres deixar aceitar. À tua maneira generosa e progressista.

– Por amor de Deus. Não me disseste que ele estava na agência quando me falaste do assunto. Pensei que ele estava em Nova Iorque.

– Tem estado em Nova Iorque. Acaba de chegar. O único envolvimento dele nisto foi sugerir ao Rob Brigstocke que me contactasse.

– Mal chegou? Bem, isso realmente explica tudo. Pois fica a saber que não pões os pés nessa agência enquanto ele lá estiver.

– Matt, às vezes não sei em que século pensarás que estás a viver. Nunca ouviste falar em igualdade de direitos?

– Igualdade de direitos! É o nome que lhe dás? Metida num caldinho com o teu ex-namorado nas minhas costas à primeira oportunidade? Sob a capa de um passo maravilhosamente fortuito na tua carreira? Oh, Matt, é uma oportunidade única, oh, Matt, são só dois dias por semana. Quantos dias são precisos para o Northcott se meter na tua cama? E... e agora venho a descobrir que ele esteve em Milão. Deve ter sido um plano muito bem traçado. Suponho que tu e a tua amiga Mariella cozinham a coisa. E levaste a Emmie, presumivelmente para te dar cobertura. Meu Deus, Eliza, nunca te teria julgado capaz.

– Cala-te – gritou Eliza. – Livra-te de me falares nesse tom. Livra-te de me insultares e de insultares o Jeremy. Eu não fazia ideia nenhuma que ele ia estar em Milão! Estava lá em serviço da agência que tem lá uma sucursal, e só foi à villa por causa do nevoeiro.

– Ah, pois, o nevoeiro. Esse nevoeiro tão conveniente que te impediu de voltares para casa. Não percebo como é que ele conseguiu chegar à villa no nevoeiro que era supostamente tão mau que ficaste atolada em Milão.

– Foi... foi ele que organizou um transporte para mim no dia seguinte porque eu estava preocupada com a Emmie. Um colega dele acompanhou-nos. O Timothy Fordyce, podes confirmar se quiseses, se não acreditas em mim.

– E ia confirmar junto de quem? Quem é que me dava uma resposta honesta? O acólito do Northcott, a tua amiga? Não acreditava em nenhum de vocês nem que me dissessem que o meu nome era Matt Shaw. Acho que nunca me senti tão enojado com nada na vida.

A porta abriu-se e Emmie espreitou. Parecia menos segura de si própria do que era habitual.

– Mãe?

– Sim, meu amor?

– Posso ver televisão?

– Não, Emmie, não podes. São horas de deitar. Eu já lá vou ler-te uma história.

– Também quero o pai.

– Como é, Matt? Queres fazer a vontade à Emmie?

Ele pegou na mão da filha e saiu da sala sem dizer mais uma palavra.

Mais tarde, ela ouviu-o descer e dirigir-se para o escritório; quando tentou abrir a porta, estava fechada à chave.



– Johnny Barrett?

– O próprio.

– Ah... Johnny, fala a Eliza Shaw. Peço imensa desculpa, mas... afinal acho melhor não dar seguimento àquele artigo.

Tinha passado a noite atormentada com isto: que a ligação com ela pudesse acabar por ser estabelecida e que lançasse uma mancha na reputação profissional de Matt.

Por mais que ele e a sua profissão o merecessem, não podia simplesmente arriscar aborrecê-lo mais.

– Certo. Alguma razão em particular?

– Bem... a rapariga em questão está no fim da gravidez, como acho que lhe disse, e acaba de me ligar a dizer que não se sente muito bem e que está preocupada com o artigo, embora eu saiba que garantiu que não referia o nome dela e... enfim, acho simplesmente que seria melhor para todos se... se esquecêssemos o assunto. Lamento muito tê-lo feito perder tempo e tudo isso.

Era uma atitude extremamente antiprofissional, pensou ela. Se Jack Beckham viesse a saber, estaria arrumada. Não se cancelava uma entrevista que se organizara na manhã em que devia ter lugar, sobretudo para um jornal nacional. Mas...

– Muito bem. – O seu tom era agradável e não denotava aborrecimento. – Compreendo. Ela deve estar terrivelmente ansiosa, está numa posição difícil e, francamente, não a quero pressionar. No estado em que está.

A expressão convencional do Norte suscitou-lhe um sorriso.

– E muito amável. Sinto muito.

– Não se preocupe. Não sou desses jornalistas implacáveis que não lhe largam a porta. Gosto de dormir à noite. Não se aflija, Eliza, tenho outra coisa para ocupar a minha página esta semana. Mas... se mudar de ideias, ou se a sua amiga decidir que sempre quer falar comigo, dê-me um toque, combinado?

– Combinado. E obrigada por reagir tão bem.

Desligou, profundamente aliviada. Graças a Deus. A maioria dos jornalistas teria ficado a espumar de raiva e, no mínimo, tê-la-ia descomposto. Heather também ficaria aliviada; não se mostrara de facto muito interessada. Só queria poder telefonar-lhe; não tinha tempo para lá ir hoje, teria de lhe enviar uma mensagem. Que homem simpático! Tinha

valido a pena fazer má figura só para ter menos uma coisa com que se preocupar.



Barrett desligou o telefone e ficou a olhar pensativamente para ele. Sempre tinha razão, esta história tinha muito mais que se lhe dissesse. Não sabia muito bem como ia encontrar a infeliz grávida, mas já tinha enfrentado desafios maiores. Uma rua de casas geminadas em Clapham, perto do parque, em estado de decrepitude: significaria decerto andar bastante a pé e provavelmente não era a única rua deste tipo, mas não era impossível. Quanto ao senhorio, Louise tinha razão; não lhe faltavam contactos. E uma lista restrita poderia conter uma pista, um nome reconhecível. No fundo, até era melhor assim; podia desenvolver a história ao seu próprio ritmo e à sua própria maneira.

Foi falar com Jack Beckham para informá-lo de que a história não estaria pronta para publicação esta semana, mas que tinha outra sensacional sobre as novas propostas para Covent Garden para a substituir.



Jeremy foi igualmente muito compreensivo; disse que tinha muita pena e que Rob Brigstocke sentiria o mesmo, mas era evidente que ela devia proceder como achasse correto e que poderiam almoçar numa outra altura que lhe fosse conveniente, teria sempre muito prazer em ter notícias dela. E, se mudasse de ideias a respeito do lugar ou tivesse alguma ideia interessante para ele ou para a agência, teria sempre muito gosto em ouvi-la.

Matt foi bastante menos complacente.

– És capaz de me dar uma boa razão para acreditar em ti? – disse ele, com um olhar hostil, durante a longa conversa que tiveram na noite do dia seguinte.

– Não – respondeu ela –, não sou. Exceto que vou renunciar a um emprego que me parece perfeito, só para te agradar. Coisa que se calhar quer dizer que ainda te amo. Isso não tem valor para ti?

Ele ficou em silêncio; depois olhou para ela.

– Vejo que tem muito valor para ti. Mas tenho uma grande dificuldade em compreender por que razão o teu trabalho é mais importante para ti do que eu e a Emmie. Magoa-me profundamente.

– Matt, não é mais importante para mim do que tu e a Emmie. Quer apenas dizer que tenho mais capacidades do que simplesmente... cuidar dos dois. Sinto muito mas é verdade. A pessoa por quem te apaixonaste era muito mais do que isso. Trabalhar, fazer uma coisa em que sou boa, faz parte integrante de mim.

Ele ficou calado.

– Matt, tu adoras o teu trabalho. Desistias dele para tomar conta de mim e da Emmie? Se eu te pedisse, se estivesse a ganhar dinheiro suficiente?

– Não, claro que não. Não sejas ridícula.

– Então qual é a diferença?

– É o meu papel – disse ele –, olhar por ti.

– Matt, que parvoíce. Já adoravas o teu trabalho muito antes de me conheceres.

– Sim, mas agora tenho-te – disse ele. – Não posso ignorar o que sinto.

– Que é que sentes?

– Que olhar por ti é o procedimento correto. E o teu é ficares em casa a cuidar de mim e dos nossos filhos.

– Mas nós não temos filhos, pois não? – disse ela seriamente. – Temos uma filha que passa o dia na escola. Se... se o Charles não tivesse morrido, seria diferente. Mas morreu. E o que mais me magoa é poderes pensar que me envolvi com o Jeremy Northcott. Não amo o Jeremy e nunca amei. Apercebi-me disso quando me apaixonei por ti. Mais importante ainda é que nunca, mas nunca, te seria infiel. Nunca, Matt.

– Mas enganaste-me – disse ele. – Escondeste de mim que ele tinha estado em Milão.

– Escondi, e porque é que julgas que isso foi? Porque sabia que nunca acreditarias que tinha sido totalmente inocente. E, na minha perspetiva, isso é muito triste. O amor tem a ver com confiança. Ainda me amas, Matt? Amas?

Fez-se um silêncio, findo o qual ele disse: – Porque é que achas que me preocupo tanto com o que fazes? Claro que te amo. És tudo para mim, tu e a Emmie. Tudo. Mais do que tudo.

O mais estranho era que ainda acreditava nele.



Nesse fim de semana, foram a Summercourt; Eliza já lá não ia há uns tempos e bastou-lhe ver o portão de ferro, o ligeiro declive até à casa, os seus contornos encantados contra o céu, o bosque e os prados atrás para se sentir revigorada e reconfortada. Era extraordinário o amor que tinha pela casa; mais do que qualquer outra pessoa na família, parecia-lhe. E isso, pelo menos, Matt fizera por ela, tornara possível que a mantivessem.

Sarah preparara sopa para o almoço e cozera pão. Sentaram-se na cozinha, olhando para a paisagem de fevereiro coberta de geada e conversando tranquilamente; e, mais tarde, Emmie convenceu-os a ir ver o seu adorado pónei, Mouse; Eliza e Sarah ajudaram-na a escová-lo e, em seguida, Eliza deu uma lição de equitação a Emmie, recusando-se a deixá-la andar a meio galope porque ela ainda não conseguia incitar o voluntarioso Mouse a trotar e era preciso conduzi-lo à mão. – Tens de lhe dar a saber que quem manda és tu, Emmie, é o segredo da boa equitação; isso e confiar que ele não deixa que te aconteça nada. Vá lá, tenta outra vez, espeta-lhe bem os calcanhares, com força. Isso, isso, linda menina...

E Matt, que achava tudo o que tinha a ver com cavalos profundamente enfadonho, mesmo quando envolvia a filha, foi dar um passeio a pé sozinho e voltou com um ar quase animado. Eliza pensou com agrado que também ele começava a empenhar-se seriamente em Summercourt e na conservação da casa; jantaram cedo com Emmie, jogaram um interminável jogo de Ludo e, depois de Emmie se ir deitar e de Sarah se retirar para o quarto, Matt e Eliza sentaram-se num tranquilo silêncio à lareira que ele acendera na sala de estar, assistindo a um programa de televisão horrível, e acabaram por se ir deitar às dez da noite, repousando nos braços um do outro, sem fazer amor, mas dando por si de manhã cedo atraídos um pelo outro num intenso e agudo despertar; e Eliza pensou que Summercourt exercia de facto uma espécie de magia e que, se mais nada salvasse o seu casamento, estar ali talvez salvasse.



– Boa-tarde, Miss Scarlett. Que está aqui a fazer, neste aeroporto tão desprovido de

encantos?

– Ah... viva. Realmente. Venho de Trisus e vou para Londres.

– E eu venho de Londres e vou para Trisus. Suponho que há uma certa simetria nisso.

Como estavam as coisas por lá?

– Um encanto. Bastante frio, mas muito agradável.

– Deu uma vista de olhos à casa?

– Dei, é fantástica, Mark. Verdadeiramente fantástica. Aquela escadaria de pedra em espiral até ao terraço no telhado é... é uma inspiração.

– Também achei. Ainda bem que gostou. Tenciono instalar-me em maio e vou dar uma festa de arromba para inaugurar a casa. Espero sinceramente que venha.

– Bem, seria muito agradável... mas... – Pensou no lançamento do livro dele, naqueles intelectuais pedantes.

– Não há mas nem meio mas, Miss Scarlett. Insisto. Não seria a mesma coisa sem si. Não seria festa nenhuma.

– Mark, não diga tolices.

– Não estou a dizer tolices. É verdade. Pense bem. A Larissa. O Demetrios. Possivelmente o Stellios. O Ari, o barqueiro, Ari, o veneno também, já se sabe, esperemos que sem esse vinho repulsivo que produz, o Stavros... que alugou as lambretas... e eu. Com certeza que vê que precisamos de si.

– Ah – disse ela, sorrindo agora, pois a visão dos intelectuais de Londres a afluir a Trisus, por ordem de Mark, não lhe tinha agradado nada. – Pensei que se referia a... já sabe... uma festa como deve ser... pessoas do ramo editorial...

– Scarlett! Pensei que me conhecia melhor do que isso. Não consigo imaginar nada de pior. Ah, tenho de me despachar para apanhar um táxi para Pireu, senão perco o grande ferry. Até breve.

– Adeus, Mark. Boa viagem. Espero que o mar esteja calmo. – A travessia podia ser extremamente agitada e até as cabras... inevitáveis passageiras do pequeno barco... sofriam de enjoos.

Ela viu-o afastar-se, sorrindo e pensando que era um homem muito simpático e que era uma pena ser casado... e, ao tomar o seu lugar, refletiu que era muito estranho ele não ter mencionado o nome de Mrs. Frost entre os convidados para a inauguração da casa.



Vinte e quatro horas mais tarde, Mark estava sentado no alpendre com Demetrios e Larissa, admirando o novo bebé e ouvindo-os comentar que Miss Scarlett estava muito triste durante a sua estadia e que, mais do que uma vez, a tinham ouvido chorar no quarto à noite.

– Pensamos que ela ainda não tem namorado, é muito triste – disse Larissa.

Mark concordou que era muito triste; mas refletiu que, se isso significava que a relação de Scarlett com o sujeito louro muito penteadinho tinha acabado, era ótimo e um grande alívio, para ele pelo menos. Pensou se tentaria arranjar um encontro com ela em Londres.

Entretanto disse: – Quero falar consigo, Demetrios, a respeito de construir umas rampas nas escadas para a cadeira de rodas da minha mãe...



Mariella soube da festa por acaso: um acaso muito feliz, como ela disse. Estava a passar uns dias em Nova Iorque, a encomendar roupa e a fazer compras, e oferecera-se para levar uma amiga a jantar no Elaine's. A amiga ficou encantada e impressionada. – Há muito tempo que lá quero ir. Sabias que foi onde o Woody Allen e a Mia Farrow se conheceram?

Mariella respondeu que não sabia, mas que não a surpreendia. – Toda a gente conhece toda a gente lá. Adoro o sítio. E a Elaine é estupenda, uma figura extraordinária. Aqueles vestidos cobertos de flores que ela usa são de uma vulgaridade atroz... e aquelas correntes de ouro. Vou reservar uma mesa, havemos de passar uma noite muito agradável. A ver quantas pessoas famosas encontramos.

No entanto, não havia mesa para o dia seguinte; o Elaine's estava cheio. Mariella não fazia parte do grande número de pessoas a quem se dissesse tal coisa ou a quem se recusasse a entrada, era uma das clientes prediletas de Elaine.

– Amanhã à noite temos uma grande festa, signora Crespi. Sinto muito.

– Oh, que pena. Eu não ocupo muito espaço e a minha amiga também não; não seria possível arranjar-nos uma mesinha no canto?

– Infelizmente não. Não prefere almoçar?

– Pode ser. Vimos então almoçar. Obrigada. Não é tão interessante, talvez, mas serve.

Ela e a amiga tiveram um excelente almoço, saboreando o prato de fettucine que Jackie Kennedy, como era do conhecimento geral, preparara segundo a receita de Elaine, e estavam a tomar café quando uma mulher loura, alta e incrivelmente magra entrou, com um ar distraído, e pediu para falar com Elaine. Foi informada de que Elaine não estava disponível.

– É por causa da disposição dos lugares para esta noite. Queria entregar-lhe os cartões com os nomes dos convidados e certificar-me de que são colocados antes de o grupo de Mr. Northcott chegar.

– A senhora é?

– A assistente pessoal de Mr. Northcott.

– Eu encarrego-me disso, minha senhora.

- Tem a certeza? É imperativo que não haja enganos... preferia que fosse a Elaine a tratar pessoalmente do assunto.
- Eu trato disso, minha senhora. Pode confiar-me a disposição dos lugares...
- Vamos, cara! – disse Mariella, levantando-se de um salto. – Temos de ir. Tenho imenso que fazer.



O efeito de Summercourt não tinha durado. Mal tinham entrado em casa e já Matt estava a verificar o atendedor de chamadas, ouvindo atentamente as mensagens, e a consultar o correio.

- Não confias em mim, pois não? Não confias mesmo.
 - Não sei o que estás a dizer.
 - Matt, estás a controlar-me. Queres ter a certeza de que o Jeremy não me ligou, que não estão cartas de amor caídas no capacho...
 - Não sejas neurótica, Eliza. A finalidade de um atendedor de chamadas é gravar mensagens na ausência das pessoas. Queria simplesmente verificar quem poderia ter ligado.
 - Pois. Agora já sabes. Duas amigas minhas. Mulheres, tudo bem, portanto. A não ser que penses que estou em vias de me tornar lésbica, claro.
 - Não fales dessa maneira detestável, a Emmie pode ouvir.
 - Na minha opinião, ela já te ouviu falar de maneira bem detestável. Oh, por amor de Deus, Matt, não insistas mais nisso. Vou lá para cima dar-lhe banho.
 - Tu é que insististe. Vou trabalhar agora, há quem tenha mais que fazer do que provocar discussões.
 - Se eu tivesse mais que fazer – gritou Eliza, tão ofendida que a voz lhe saiu estalada –, talvez não provocasse discussões, como dizes.
 - Que Deus me dê forças – disse Matt. – Pensei que esse assunto estava arrumado, pelo menos por uns tempos. Vai-te deitar, Eliza, eu ainda vou demorar. Durmo no quarto de hóspedes.
 - E não saias mais de lá, porra – disse ela, largando pelas escadas acima.
- Acordando de manhã, sozinha na cama, apercebeu-se de que ainda estava magoada. Quando entrou na cozinha, viu os vestígios caóticos de torradas e uma mensagem a dizer: «Esta noite chego tarde.»

E era a isto que se chamava um casamento?

Refletindo que, se a sua vida estava genuinamente destinada a resumir-se ao casamento e à maternidade no futuro mais próximo, teria de se controlar e dedicar-se de alma e coração a essa vida. Ligou a Matt a meio da manhã para tentar fazer as pazes e perguntar-lhe se ele tinha mesmo de trabalhar até tarde, acrescentando que, se não

tinha, prepararia um jantar completo para ambos em lugar da sopa e da sanduíche que, de outro modo, lhe deixaria. Ele não estava e ela deixou uma mensagem para ele a contactar; uma hora mais tarde, Mandy ligou a dizer que lamentava, que Mr. Shaw tinha saído da cidade, mas que lhe tinha pedido para a informar que chegaria tarde e que não esperasse por ele para jantar. Melindrada por ele não se dar sequer à maçada de lhe ligar, e sentindo-se especialmente só, Eliza ligou a Maddy e convidou-a para jantar.

– Preciso de uma injeção de má-língua, estou a dar em doida.



O telefone estava a tocar quando Eliza estava a chegar da escola com Emmie e uma amiguinha dela; correu para ele, mas o atendedor de chamadas antecipara-se. Como acontecia frequentemente quando a pessoa não estava acostumada a estes aparelhos, fez-se um longo silêncio e depois uma voz disse antes de desligar: «Ora, não tem importância». Parecia a voz de Heather, mas ela não tinha a certeza, havia eco e a voz estava distorcida; Eliza decidiu que a visitaria no dia seguinte de manhã, por via das dúvidas, já que não podia ir agora, e levou as duas meninas para o quarto de brincar e fez-lhes o lanche. Se era importante, Heather voltaria a ligar.



Heather suspirou; não tinha mais moedas e, de qualquer modo, precisava do dinheiro para o contador. Amanhã voltaria a tentar. E de certeza que não havia problema nenhum com o artigo. Achava simplesmente que devia informar Eliza.



Eliza e Maddy estavam a instalar-se para se lançarem alegremente numa onda de bisbilhotice, na pequena sala de estar, quando uma chave rodou na fechadura e Matt entrou.

– Ah – disse ele –, viva.

– Olá, Matt. Que estás a fazer aqui?

– Se não me engano, moro aqui – redarguiu ele. Estava claramente a esforçar-se por soar casual, mas sem grande sucesso.

– Pensei que ias ficar a trabalhar até tarde.

– E ia, mas depois da tua comovente chamada, fiz um esforço para voltar cedo e aqui estou. Boa-noite, Maddy.

– Olá, Matt.

– Ainda bem então. – Eliza levantou-se e deu-lhe um beijo. – Faz-nos companhia.

– Teria muito gosto – disse ele –, mas vejo que estão a ter uma noite de mulheres. Não me quero intrometer. Como qualquer coisa no escritório, Eliza.

– Não, Matt. Gostávamos muito que ficasses connosco, não é verdade, Maddy?

– Claro.

– Anda lá. Senta-te, conversa com a Maddy enquanto eu preparo a massa.

Ao fim de uma hora mais ou menos de uma conversa constrangedora, em que Matt permaneceu calado e um tanto taciturno, Maddy foi-se embora, claramente embaraçada. Eliza virou-se para ele numa fúria.

– Foste muito mal-educado. A Maddy era minha convidada e não podias ter sido menos cordial com ela, nem sequer tentaste fazer conversa...

– Eliza, não tenho jeito para essas coisas. Ofereci-me para ir para o escritório, mas tu insististe. Calculo que ela veio chorar contigo por causa do emprego – disse Matt –, solidarizar-se contigo, com... como é? Ah, sim, a irmandade.

– Não sejas parvo – disse Eliza. – Só veio tagarelar comigo. Sobre o trabalho, o que estás a fazer, essas coisas.

– Porque é que é sempre com essa gente que te queres dar? Gente do teu passado? Não consegues libertar-te, pois não? E se fizesses novos amigos?

– Eu tenho novos amigos, obrigada, só não quero especialmente passar a noite com eles.

– Porquê?

– Porque não se interessam pelas mesmas coisas que eu.

– E ela interessa-se? – disse ele, indicando a cadeira em que Maddy estivera sentada.

– Uma mulher sem filhos, obcecada com o trabalho, como dizes, sempre a alardear as virtudes desses maricões, desses estilistas e fotógrafos, é isso que te interessa, é? Pensei... tinha esperança... depois do nosso último desentendimento que quisesses enveredar por outro caminho, que ias esquecer essa merda toda...

– Não é merda – gritou ela –, é o que é importante para mim, o que eu quero fazer...

– Ah, com que então não é estar em casa a olhar pela Emmie, só fazes isso movida por um sentimento de dever. Queres mesmo andar por aí a deixar que te lambam as botas. Não estás nesta relação de corpo e alma, pois não? – disse ele. – Estás só à espera da tua oportunidade, a adoçar-me a boca, à espera do melhor momento.

– Isso é a maior injustiça que já...

– Ai é? Não me parece. A mim parece-me justíssimo. Ora, vou trabalhar. Desculpa lá se te estraguei a noitada de mulheres.

– Pois estragaste – disse ela. – Completamente.



Ele pegou finalmente no telefone, respirando fundo.

– Estava a pensar... isto é... estava a pensar se gostaria de jantar comigo um dia destes – disse ele. – Nada... nada de sumptuoso, uma refeição simples e ligeira.

Tinha adiado o convite várias vezes, arranjando desculpas; um dia, estava demasiado cansado, no seguinte, demasiado ocupado, no terceiro um pouco deprimido. Tinha de se sentir absolutamente em forma para lhe ligar.

Interrogara-se muitas vezes por que razão seria tão patologicamente tímido no capítulo das relações. Afinal de contas, era capaz de encantar e divertir quando estava na ribalta: era uma pessoa radicalmente diferente. Mas o terror combinado de fazer figura de parvo e de ser rejeitado era mais do que o seu frágil ego conseguiria aguentar.

Só se apaixonara duas vezes na vida: da primeira vez, pela sua namoradinha de infância, que lhe dera com os pés e preferira o endinheirado e elegante quebra-corações do último ano; e, da segunda vez, por uma rapariga meiga, afável e engraçada, que não exigia nada dele exceto que retribuísse o seu amor. Haviam estado noivos durante seis meses, mas fora-lhe então diagnosticado um nódulo no peito; morreria exatamente um ano depois, deixando-o devastado. Desde então, já lá iam mais de dez anos, não ousara lançar-se numa nova relação.

Não era capaz de definir o que Scarlett tinha que tanto o cativava; claro que ela era encantadora e tinha uma elegância que lhe agradava. E era visivelmente muito competente e bem-sucedida num setor que era famigeradamente implacável, competitivo e não dava tréguas a estúpidos. Mas estas eram qualidades que, por norma, o afugentariam. E, embora ela fosse muito inteligente, estava longe de ser culta e erudita, o que em princípio o teria incomodado, não por snobismo intelectual, mas porque excluía muitos tópicos de conversa. Decidira que o que o atraía nela era a sua vulnerabilidade, que se escondia atrás do brilho, da sofisticação e do sucesso; sentia que ela, como ele, não tinha autoconfiança e era uma pessoa infeliz. E não admirava que buscasse a felicidade com pessoas como aquele imbecil no outro dia ao almoço.

Fosse qual fosse a razão, sentia-se suficientemente atraído por ela para arriscar convidá-la para jantar...

Fez-se um longo silêncio bastante enervante. Ela disse então: – Acho que não, Mark. Lamento. Deve conhecer a razão. Conhece com certeza. Mas obrigada. Sinto-me lisonjeada. Adeus, Mark. Vemo-nos... em Trisus.

– Sim, certamente – disse ele, desejoso de lhe perguntar que razão era essa que ele devia conhecer. E pensando como poderia alguma vez voltar a sentir-se à vontade em Trisus na presença dela.



– Merda – disse Scarlett, à beira das lágrimas, fixando o telefone agora no descanso. – Merda, merda, merda.

Há muito tempo que ninguém por quem se sentia atraída e de quem gostava bastante a convidava para sair. Mas não tencionava voltar a correr esse risco.



– Foda-se – disse Mark Frost, sentindo-se destroçado e olhando para o telefone ao pousá-lo no descanso. – Foda-se, foda-se, foda-se.

Há muito tempo que não convidava para sair alguém por quem se sentia atraído e de quem gostava bastante. Mas não tencionava voltar a correr esse risco.



Subitamente, com assustadora velocidade, Eliza e Matt pareciam ter entrado num país novo e estranho; uma terra silenciosa e solene, carregada de suspeita e de falta de calor e até cortesia. Andavam pela casa, desconfiados um do outro, ele fitando-a com um olhar frio e vazio, a expressão dela ressentida e provocante. Dia após dia.

Ele ia trabalhar, chegava muito tarde a casa, refugiava-se no escritório e depois ia deitar-se. No quarto de hóspedes.

Com Emmie agia com normalidade: saudava-a com beijos e abraços, falava e brincava com ela, lia-lhe livros, levava-a ao parque. Emmie começara a dar-se conta da frieza e do distanciamento e esforçava-se por mitigá-los. Tentava entabular conversas e, quando Matt dizia que ia deitá-la ou levá-la ao parque, perguntava se a mãe também ia. A maturidade que ela revelava era comovente; mas não tinha qualquer resultado.

Eliza andava desesperada.



Johnny Barrett descobrira a casa sem dificuldade; só havia duas ruas que correspondiam à descrição e, depois de duas horas dentro do carro à porta de ambas, viu uma jovem mulher bonita e em avançado estado de gravidez, a descer cautelosamente os degraus de uma delas com uma menina pequena e a regressar meia hora mais tarde com compras; teve a certeza de que encontrara a amiga de Eliza Shaw.

Na segunda manhã, abordou-a com um sorriso.

– Peço desculpa, mas posso ajudá-la a transportar esses sacos? Parecem muito pesados e os degraus têm ar de ser traiçoeiros.

Ela corou, visivelmente embaraçada.

– Não, não, não é necessário. Não se preocupe.

– Bem, eu acho que é. Ouça... deixe-me levá-los, só até à porta. Não se aflija, não sou nenhuma assaltante, prometo que não tento entrar.

– Está bem... obrigada.

– Estes degraus são um perigo – disse ele, dando um pontapé num; um chuveiro de argamassa caiu no degrau inferior.

– Eu sei. Temos tentado convencer o senhorio a repará-los, mas ele não nos dá

ouvidos. Aliás, nunca faz obras de espécie alguma, o prédio lá dentro é uma pocilga.

– Vai ser pior quando tentar subir e descer os degraus com um carrinho de bebé.

– Sim, mas nessa altura já cá não estamos. Andamos à procura de uma alternativa, mas os senhorios não veem os bebés com bons olhos e, por isso, somos capazes de ter de... desculpe, estou a aborrecê-lo com estas histórias.

– De maneira nenhuma. Não seja tola. Por sinal, compreendo-a muito bem. A minha irmã está numa situação semelhante. Ela e o marido andam à procura de casa há meses, vivem no Norte, para os lados de Manchester.

– Bom, suponho que os senhorios são todos iguais. A ganância deles não tem limites. E os outros inquilinos não gostam de bebés.

– Assim parece. Ouça... acho melhor ser franco consigo. Sou Johnny Barrett do Daily News. A sua amiga Eliza Shaw falou-me de si.

Ela ficou alarmada. – Oh... mas... pensei... pensei que a Eliza tinha dito que tinha decidido não escrever o artigo.

– E tinha. Mas, para ser honesto consigo, ao ver aquilo por que a minha irmã está a passar, fiquei outra vez interessado. Penso sinceramente que esta gente não devia escapar impune. Não é correto. Ouça, não se quer abrir agora um pouco mais comigo?

– Ah... não sei. Acho que não. Não me quero meter em problemas e, enquanto estamos a viver aqui...

– Claro que não, mas, como disse à Eliza, não vou mencionar nomes.

– Não? – Fitou-o com os seus grandes olhos cinzentos. – Seria completamente anónimo?

Ela era muito bonita, pensou ele. E muito vulnerável.

– Completamente. E a sua história seria uma entre muitas. Ouça... há um café mais à frente na rua. Porque não vamos até lá e pode contar-me tudo?



– Rob? Rob Brigstocke?

– O próprio.

– Fala a Eliza Shaw. Ouça... se o lugar ainda está em aberto, gostava de conversar um pouco mais sobre isso.

– Ah... certo. Bem... por acaso está, ainda não encontrámos ninguém. Tenho duas pessoas para entrevistar, mas... que tal se almoçássemos?

– Perfeito.

– Ótimo. Na quinta? No Berkeley Grill, à uma. Desta vez não vou chegar atrasado.

Tinha-lhe ocorrido, noite após noite sem conseguir dormir, revoltada com a injustiça da situação, sentindo-se profundamente infeliz, que não podia deixar escapar esta oportunidade única e perfeita para a sua carreira, só para lhe agradar; agradar-lhe

parecia absolutamente impossível.

E, afinal, ele não podia impedi-la.



– Olá, Matt. Sou eu.

– Ah... olá, Gina.

– Não pareces muito satisfeito por me ouvir. Já lá vai algum tempo.

– Não, não. Estou... desculpa. Claro que estou satisfeito. Como estás?

– Bem, obrigada. Aliás, muito bem. E é por isso que te estou a ligar.

– Diz-me então.

– Ando à procura de novas instalações. Quero abrir uma segunda loja. Pensei que talvez me pudesses ajudar.

Irritava-o que as pessoas o julgassem uma espécie de agente imobiliário.

– Gina, eu não trato desse tipo de questões. Lamento.

– Ah... entendo. Pensei...

– Pensaste mal – disse Matt secamente.

– Desculpa – disse Gina. Falou num tom brusco que arrancou Matt à sua depressão.

– Não, não, desculpa. Ando só com alguns problemas neste momento.

– Posso ajudar?

– Infelizmente não. Não.

– Bem, já sabes onde eu estou, Matt, se precisares de mim. De ajuda.

Preocupava-o saber onde ela estava. Esperava que mais ninguém soubesse.



Jack Beckham pediu a Barrett que não se fosse embora depois da reunião da tarde. Tinha na mão a primeira versão do artigo dele.

– Isto não chega – disse ele – e está eivado de sentimentalismo. Isto aqui não é a merda da Woman's Own. Para já, como é que se chama esta rapariga?

– Prometi que não revelava o nome.

– Mas tens de revelar, não é assim? E precisamos de factos e números, e já te disse que precisamos do nome do promotor imobiliário e de uma citação dele. De contrário, é como se tivéssemos inventado tudo.

– Sim, mas...

– Ouve, estou a tentar fazer de ti um jornalista de primeira. Pensei que era o que querias quando chegaste da pasmaceira onde estavas. Se calhar enganei-me, se calhar...

Johnny Barrett aquiesceu. E disse a si mesmo que tinha feito os possíveis para proteger Heather; afinal ela não era estúpida e sabia que estava a falar com um jornalista.

Agora, o promotor imobiliário.



- Olá, Eliza, sou eu, a Heather. Ouve... achei melhor dizer-te, afinal de contas falei com aquele jornalista. Ele apareceu lá em casa e... enfim, foi muito simpático, como tu disseste, e convidou-me para tomar café e eu gostei bastante de falar com ele.
- Certo. Ele disse quando podia ser publicado?
- Não. Mas prometeu que não mencionava nomes nem moradas e...
- Ótimo. Ainda bem que me disseste, excelente. Mais para o fim da semana, vou tentar dar aí um salto, mas agora tenho de desligar. Fica bem.



- Johnny Barrett? É a Eliza Shaw. Soube que falou com a minha amiga.
- Sim, com a Heather.
- Gostava que me tivesse ligado primeiro. Queria estar presente.
- Não era necessário, Eliza. Não sei o que a levou a pensar que precisava de estar. Ela é uma rapariga inteligente. Um amor de pessoa.
- Sim, pois é, mas... não vai mencionar o nome dela, pois não?
- Qual era o acordo, Eliza? E por quem me toma?
- Por um jornalista. Não mencione, Johnny, peço-lhe.
- Está a insultar a minha integridade – disse ele, desligando.



Susan entrou no gabinete de Matt com uma lista datilografada.

- Que é isso?
 - Pediu-me para identificar apartamentos de renda baixa, Mr. Shaw. Tenho aqui alguns, todos muito bonitos; quer que deixe a lista consigo?
 - Ah... sim, por favor. Obrigado, Susan.
- Talvez isto bastasse para adoçar a boca a Eliza, um pouco pelo menos, mostrar-lhe que não era assim tão mau como isso, quebrar o impasse terrível que se instalara. Se bem que não soubesse por que razão queria fazer isso. Era visível que ela o desprezava e tudo o que ele representava...



O terceiro telefonema de Barrett revelou o nome do senhorio das casas geminadas de Clapham e do promotor imobiliário que as adquirira.

- E sabe que mais? – disse o informador dele –, é uma subsidiária da empresa do Matt Shaw. Provavelmente é um esquema para fugir aos impostos, muito astuto.
- Do Matt Shaw? Tem a certeza absoluta?

- Tenho. Pergunte-lhe... porque não pergunta?
- Acho melhor não – respondeu Barrett.



– Olá, Louise. Que tal vai isso?

– Oh... na maior. Parece que conseguimos licença de construção para o novo hotel. É uma boa história para ti, arrumámos com os ambientalistas.

– Bom, desta vez não estou interessado. Ouve... queria só verificar uma coisa contigo.

A SureFire Development é uma subsidiária da empresa do Matt Shaw?

– É. Mas é perfeitamente legal, não tem nada que mereça espaço no jornal. Porquê?

– Por nada – respondeu Barrett. – Estou só a preparar uma síntese informativa.



– Louise? Fala a Eliza. Ouve, tens tido notícias do teu amigo Johnny Barrett ultimamente?

– Tem graça que perguntes. Tive, há uma hora, mais coisa menos coisa. A perguntar-me...

– O quê?

Louise contou-lhe.

– Valha-me Deus – disse Eliza. – Que desastre!



– Muito bem – disse Jack Beckham –, já está muito razoável. Parabéns, Barrett. Ainda vais dar um jornalista a sério. Os advogados já analisaram?

– Já.

– É que isto é forte.

– Eu sei. Mas eles disseram que, desde que não haja dúvidas a respeito do senhorio... e é ele definitivamente e, seja como for, consegui uma citação do homem...

– Ótimo. Publicamo-lo amanhã. Com uma chamada de atenção na primeira página. Agora... esta treta de Covent Garden. Imagina só que querem transformar a área numa espécie de zona comercial chique, com cafés e bares de jazz. Os antigos carregadores do mercado hão de estar a dar voltas na campá.



Eliza chegou mesmo a tentar contactar Jack Beckham; não teve sucesso. A história era demasiado boa.

Nessa noite, Matt tinha ido a um jantar. Ela sentou-se em casa com Emmie, sentindo-

se cada vez mais perturbada. Às onze horas, ligou para o serviço de táxis que ela e Matt usavam e pediu-lhes que fossem à estação de Waterloo buscar um exemplar da primeira tiragem do Daily News.

Abriu-o, a tremer tão violentamente que demorou longos minutos a encontrar a reportagem.

A reportagem sobre imobiliária: ocupando duas páginas.

Dizia o título: «Milhões Ganhos à Custa da Desgraça»; e, por baixo, numa letra só ligeiramente mais pequena: «Os senhorios que transformam vidas num inferno.»



Matt chegou a casa depois da meia-noite; tinha ido a um jantar de profissionais do setor onde o haviam tratado com extrema deferência, o que aplacara o seu ego abalado e mitigara um pouco a sua sensação de fracasso: mitigara muito, aliás.

Estava à espera que Eliza já estivesse deitada, mas, quando entrou no salão, como ela insistia em chamar-lhe, com o seu copo de whisky e ginger ale, ela estava sentada num dos sofás.

– Olá – disse ela.

– Olá. É tarde para estares acordada. A Emmie está bem?

– Sim, está bem. A dormir como uma santa. Matt...

– A propósito, tenho notícias para a tua amiga, a que anda à procura de casa. Encontrei dois apartamentos muito baratos. Em prédios decentes.

– É muito... muito simpático da tua parte.

– Bem, talvez te faça ver que afinal não sou o diabo incarnado. Que é que foi? Estás com ar de quem viu um fantasma.

Ela estava a estender-lhe qualquer coisa: um jornal.

– Que é isso?

– É o Daily News de amanhã. Mandeí buscá-lo. Traz um artigo. Um artigo que te vai desagradar. E... olha, aqui, lê...

Ele leu; a princípio não assimilou o significado, não passavam de palavras no papel. Até que chegou a um nome: um nome familiar. E a um relato sobre como o dono do nome tinha ganho milhões... e os métodos que usava para os ganhar.

Pousou muito lentamente o jornal. – E então? – disse.

– Matt, a culpa foi minha. Não me apercebi que podias estar envolvido. Mas falei ao jornalista da Heather e dos outros inquilinos, não... não imaginava, tentei impedir que fosse publicado, mas... não consegui, lamento muito.

– Grande cabra – disse ele –, cabra estúpida e arrogante. Julgas que sabes tudo, não julgas, com os teus amigos finos e a puta da tua importante carreira. Desprezas-me com todas as tuas forças e desprezas aquilo que eu faço, não é? E agora esfregas-me o nariz

nisso. Lindo. Alguma vez pensaste que tudo o que tens, incluindo essa mansão no campo a que dás tanto valor, a mim o deves?

– Não, Matt, não, não te desprezo, é a última coisa que sinto, acho que o que fizeste é espantoso, tenho uma grande admiração por ti...

– Tanta que publicas uma data de merda sobre mim e sobre as pessoas que trabalham para mim.

– Não fui eu que publiquei, Matt, não sejas ridículo. Eu só... só...

A frase morreu-lhe nos lábios.

– Alertaste os teus compinchas de Fleet Street para o assunto, disseste escrevam sobre isto, não é um escândalo, as coisas em que o meu marido se mete, não foi o que aconteceu?

– Não, Matt, não foi, não fazia ideia que tinha alguma coisa a ver contigo, como podia fazer?

– Mas era o meu ramo de atividade, não era? A atividade que a tua arrogância de aristocrata considera inferior. Passou-te sequer pela cabeça que consequências uma coisa destas podia ter para mim, e já agora para os meus colegas e clientes? A que ponto me vai rebaixar e prejudicar?

– Sim – disse ela, muito calmamente –, sim, claro que passou. E sinto muito...

– Ai sentes? Que generosa! Arruínas-me profissionalmente, para não falar nos danos pessoais, e a única coisa que te ocorre dizer é que sentes muito...

– Matt! Não estás nada arruinado. Estás a ser absurdo. É uma situação infeliz, claro que é, e eu lamento muito. Mas daqui a uns dias já caiu no esquecimento, sabes bem que sim. Estás a dramatizar de mais...

Calou-se. Ele tinha-se aproximado dela: o seu rosto estava sem pinga de cor, os olhos eram pontinhos pretos, a boca crispando-se quase como se estivesse prestes a chorar. – Não me digas que estou a ser absurdo – disse ele –, não digas isso. Como te atreves, porra? – E então, aparentemente com uma lentidão enorme, levantou a mão e bateu-lhe com toda a força na cara e bateu segunda vez, fazendo-lhe a cabeça oscilar de um lado ao outro.

– Filha da puta – disse por fim, numa voz estalada –, filha da puta peneirenta e arrogante.

Seguiu-se um longo silêncio, durante o qual Eliza olhou para ele, não acreditando no que acontecera, tremendo, não de medo, mas de choque; depois recompôs-se, arrastou a cadeira para trás e encarou-o.

– Pois bem – disse ela –, está tudo claro. É o melhor que consegues, dar porrada na tua mulher? E eu que tinha esperado ter-te transmitido alguma educação. Mas continuas a ser o mesmo rapaz ignorante da classe trabalhadora, não continuas, Matt? Apesar dos teus milhões.

Matt não disse mais nada; limitou-se a virar costas e a sair de casa.



Algumas horas mais tarde, a cair de bêbado, apareceu no apartamento de Gina.

Sentou-se a tomar café simples e a contar-lhe tudo, toda a brutal verdade tal como a via.

– Não sei que faça – disse ele, duas lágrimas rolando-lhe pela face. Limpou-as, embaraçado. – Desculpa.

– Não penses nisso.

– Parece que a única coisa que ela quer é destruir-me. Odeia-me. E eu... eu... desculpa...

– Matt, não penses nisso, já te disse. – Gina aproximou-se dele e, pondo os braços à sua volta, acariciou-lhe o cabelo.

– Se calhar devias pensar em divorciar-te.

Princípio do verão de 1970

Ele pedira desculpa, claro. No dia seguinte, com o rosto branco e crispado, incapaz de encará-la frontalmente, ao mesmo tempo que estudava o rosto dela em busca de indícios de estragos, genuinamente envergonhado e arrependido, dissera que lamentava muito e que não devia ter agido assim. Perguntou-lhe se ela estava bem; ela respondeu afirmativamente. E foi o fim da conversa; não tinham voltado a falar no assunto. E, apesar dos remorsos, era claro que ele ainda estava zangado com ela.

Era estranho como Eliza se sentia, confusa, chocada. Ter cometido atos tão reprováveis ao ponto de levar uma pessoa que antes a amava profundamente a ser violenta com ela; era evidente que o seu comportamento fora abominável e a agressão fora merecida, justa até.

Não podia contar a ninguém; não podia admitir o que se passara, disse simplesmente que caíra nas escadas da cave, para explicar a cara e a boca inchadas, o olho negro, e esforçou-se por enterrar a recordação e o medo – e a vergonha.

Perseguia-a a recordação, revivia-a vezes sem conta; surgia, não apenas durante a noite, mas brutal e inesperadamente durante o dia, quando ia a conduzir, quando estava no chuveiro, quando caminhava pela rua, ameaçando-a, lançando-a numa viagem a um lugar escuro e feio onde nunca poderia ter-se imaginado.

Não tinha medo dele, instintivamente sentia que ele não voltaria a agir assim: e sabia que ele nunca bateria em Emmie. Não era um homem violento e isso agravava a sua própria vergonha.

Não fazia ideia do que devia fazer a seguir; a reconciliação parecia impossível, continuarem como até aí era pior. Sentia-se impotente, suspensa no tempo, vivendo os dias numa letargia sem sentido e confusa. Era extremamente assustador. A vida, tal como a conhecia, pertencia ao passado.



Matt, debatendo-se também com emoções contraditórias, a vergonha, o choque, uma raiva quase insuportável, estava amedrontado com o efeito do artigo sobre a sua empresa e reputação profissional. A comunidade imobiliária não via na história mais do que ela era; do seu ponto de vista, pelo menos, não passava de uma crassa distorção por parte da comunicação social, visando um setor já de si impopular, apresentando os seus profissionais como párias da sociedade, obstáculos impenetráveis colocados entre as pessoas decentes e a habitação que elas mereciam. E o público limitava-se a ler, a digerir e a desfiar o seu próprio mantra de que eram todos iguais, estes promotores imobiliários, mas não havia nada que se pudesse fazer contra isso, e seguia caminho.

Mas o sentimento de traição às mãos de Eliza continuava a ser um peso profundo e amargo dentro dele.

Pela primeira vez, Eliza sentiu-se grata por não terem uma vida social; pelo menos não tinha de suportar comentários embaraçosos em jantares. Sarah, naturalmente, lera o artigo e ligara a dizer, prudentemente, que tinha a certeza de que era um chorrilho de mentiras e que Matt nunca faria essas coisas horríveis; e a reação de Charles foi idêntica.

– Deve ser difícil para o pobre do Matt – foi tudo o que ele disse a Eliza que, com uma certa falsidade, concordou.



A pessoa que mais sofreu com o artigo foi Heather; assustada e furiosa com o que considerava ter sido uma traição por parte de Eliza, recusou-lhe a entrada em casa quando ela apareceu à porta no dia seguinte.

– Prometeste, Eliza, prometeste-me. Disseste que não seriam referidos nomes, que não seríamos identificados. Pensei que éramos amigas...

– E somos amigas, Heather, não digas isso, por favor.

– Aquele homem só me disse mentiras e tu disseste-me...

– Heather, eu sei que ele mentiu e sinto muito. Pedi-lhe que te deixasse em paz, disse-lhe que não queria que escrevesse o artigo...

– Então, porque é que ele não nos deixou em paz?

– Porque... porque os jornais não funcionam assim. São um bando de tubarões em que não se pode confiar e...

– Mas tu trabalhaste com essa gente. Porque é que lhes foste falar de nós? E como é

que ele descobriu a nossa morada? Foste tu que lha deste?

– Não, claro que não. Isto é... disse-lhe que moravas perto de Clapham Common. E que era uma rua de casas grandes vitorianas geminadas. Imagino que a partir daí ele descobriu sozinho. Viu-te sair de casa, reconheceu-te pela minha descrição...

– Fizeste-lhe uma descrição minha? Maneira estranha de o demover...

– Por favor, Heather! A única coisa que eu disse foi que eras uma mãe jovem e que estavas grávida.

– Pois é, Eliza, não quero discutir mais este assunto. O Alan está furioso, nem sequer fala comigo; a Coral está a passar um período horrível na escola, chamam-lhe vagabunda, e agora é mais que certo que vamos ter de ir viver com a mãe do Alan.

– Não, Heather, não vão nada... olha, tenta estes, são dois apartamentos muito melhores que o Matt arranjou para ti, por favor, telefona para lá.

– Não me parece. Acho que, neste momento, não é boa ideia ter qualquer ligação ao Matt. Por acaso até tínhamos encontrado um sítio bastante promissor, mas o senhorio disse ao Alan hoje de manhã que já não estava para alugar. Gostava de saber porquê. E agora estou apavorada com a ideia de o senhorio aparecer aí e nos pôr no olho da rua...

– Heather, ele não pode fazer isso. Acredita.

– Estou um bocado cansada de acreditar em ti, Eliza. Seja como for, mudamos de casa na próxima semana. Já não vou sequer poder ter o bebé no hospital que conheço e em que confio. Há uma lei neste país para pessoas como tu e outra para pessoas como eu, e eu devia ter tido juízo suficiente para não confiar em ti.

– Bem... dás-me ao menos a tua nova morada para poder estar em contacto contigo?

– Não. Agora, se me dás licença, tenho muito que fazer.

E fechou a porta na cara de Eliza.

Eliza voltou para casa e desfez-se em lágrimas; em seguida, escreveu a Heather a dizer que, se alguma vez ela mudasse de ideias, teria sempre muito gosto em receber notícias dela. Heather não respondeu.

O ambiente em casa era horrível. Quase não se falavam; Matt saía para o trabalho, chegava tardíssimo, recusava-se a comer, recusava tudo, limitando-se a enfiar-se no escritório e a ir finalmente deitar-se. Ela passava metade da noite acordada; em várias ocasiões, fora bater à porta do quarto dele. – Vai-te embora, por favor – dizia ele, num tom educado mas categórico. Outras vezes, dizia: – Deixa-me em paz, por favor.

Só era ele próprio com Emmie, saudando-a com abraços e beijos, conversando e brincando com ela, levando-a a passear no parque. A princípio, Eliza pensava que era uma forma de ele regressar à normalidade, uma aproximação através de Emmie, mas ele continuava a ignorar a mulher, a comportar-se como se ela não existisse.

Se Eliza falasse, ele ignorava-a, se tentasse segui-los para o andar de cima, perguntava se preferia ser ela a levá-la, e o mesmo acontecia com os passeios pelo

parque, e, o que era mais insuportável, as idas a Summercourt aos fins de semana.

– Gostava de levar a Emmie a Summercourt – disse ele da primeira vez. – Presumo que não há problema.

– Claro que não – disse ela, ainda numa fase em que tinha esperança que ele cedesse e que a vida entre eles voltasse ao normal. – Quando é que vamos?

– Não quero que vás – retorquiu ele. – Quero ir sozinho com ela.

Era terrível que ele erguesse também esta barreira horrível e impenetrável em redor de Summercourt, mesmo por um fim de semana.

– Mas eu quero ir – disse ela –, por favor.

– Compreendo – disse ele e ela levantou os olhos, subitamente esperançada. – Podes ir da próxima vez – acrescentou ele, saindo da sala.

Ela viu-se então forçada a explicar à mãe; Sarah, apesar de perturbada, não compreendeu, pensando que não passava de uma zanga passageira.

– Não te preocupes, querida – disse ela –, há de passar-lhe. Faz-lhe as vontadinhas todas, era o que eu fazia com o teu pai. E não te aflijas com a Emmie, eu faço tudo para ela ter um bom fim de semana. E quem sabe... pode ser que consiga fazê-lo mudar de ideias. Sobre que é que discutiram? Não foi com certeza esse artigo idiota, não tiveste nada a ver com isso...

Eliza disse que não queria falar do assunto.

O fim de semana em que pai e filha estiveram ausentes nunca mais tinha fim. Eliza passou-o sozinha em casa; não quis estar com ninguém, para não ter de se explicar.

Depois do fim de semana, a mãe telefonou-lhe, curiosamente animada. – Sinceramente, querida, deves estar a exagerar. Achei-o perfeitamente normal, muito afável e educado comigo e estupendo com a Emmie. Ele adora aquela criança, Eliza, nunca vi um pai tão babado. Não sei se fará bem à pequena. Não falei da vossa zanga, claro; mas quando lhe perguntei como estavas, ele disse que estavas bem. Pareceu-me muitíssimo calmo. Ah, e insiste em mandar converter o quarto contíguo ao meu numa casa de banho privativa; não achas fantástico?

– Sim... acho.

– Claro que invocou outras razões, como faz sempre, disse que era só para valorizar a casa, mas eu sei que é sobretudo por mim. Digo eu, ele não tenciona vendê-la, pois não?

– Não pode – respondeu Eliza. – Está em nome dos dois. – Mas subitamente uma ponta de ansiedade invadiu-a. Só havia duas formas de Matt a magoar verdadeiramente: através de Emmie e através de Summercourt. Isso seria... mas não. Não, ele não podia fazer isso. Por mais furioso que estivesse. Nunca faria tal coisa.



E então aconteceu; ao cabo de mais duas semanas de absoluta hostilidade e desdém,

em que Eliza se esforçou por se manter calma e exteriormente animada perante a realidade da sua situação, recebeu uma proposta formal de trabalho da KPD.

– Peço desculpa por ter demorado tanto tempo a contactá-la – disse Rob Brigstocke quando lhe ligou, introduzindo uma réstia de luz e calor em mais uma manhã desolada. – Tive de ter aprovação para alguns aspetos. Espero que não faça diferença.

– Ah... não. Não, claro. Estupendo.

– Ótimo. Quando acha então que pode começar? A ama que arranjou continua disponível? Eu sei que era um fator importante da equação.

– Estou... sim, sim. Julgo que sim.

As suas ideias entraram num torvelinho; porque não? Porque não, caramba? Se Matt tencionava não lhe dirigir mais a palavra, tinha de fazer alguma coisa por si mesma. E esta era solução perfeita. Mas... como iria ele reagir? Que poderia fazer?



– Faz o que entenderes – disse ele nessa noite. – Fazes sempre. Que é que vais fazer em relação à Emmie? Dá-la para adoção?

– Matt! Não comeces.

– Não começo o quê?

– Não digas essas coisas horríveis. Por favor.

Ele encolheu os ombros.

– Estive a pensar – disse ela –, tirando as férias escolares, ela vai passar a maior parte do tempo na escola. Depois das aulas, posso fazer exatamente o que faço agora, quando preciso, peço à tua mãe que fique com ela. Claro que lhe pago, não espero favores... e a Emmie gosta muito dela. Que te parece?

– Não quero que mais ninguém olhe por ela – disse ele. – A mãe dela és tu, é o teu dever.

Eliza sentiu um arroubo de fúria.

– Matt... não sejas tão pouco razoável. Quando vou ao dentista ou tenho de resolver algum assunto relacionado com a casa, não te importas que a tua mãe fique com ela. Qual é a diferença?

Ele ficou calado.

– E depois nas férias, talvez ela possa ir para Summercourt e ficar com a minha mãe. Dois dias por semana. Não vejo nenhum problema com isso. Já lá ficou muitas vezes com a minha mãe.

– A tua mãe não está em condições de olhar por ela – redarguiu ele. – Estive a observá-la quando lá estive; nem sequer é capaz de pegar nela.

Era um argumento inegável.

– Pronto, nesse caso, talvez a tua mãe também possa ficar com ela nas férias. São só

dois dias por semana. Vou-lhe perguntar. A ver se a ideia lhe agrada.

– Já te disse – contrapôs ele. – Não quero que a Emmie fique com ninguém. Tu é que és a responsável por ela, não é a minha mãe.

– Matt, não estás a ser nada razoável. Absolutamente nada.

– Ai não?

– Não, não, não, NÃO. – Estava a gritar com ele. – Ninguém, ninguém no seu juízo perfeito deixaria de concordar com isto.

Ele permaneceu ali, a olhar para ela do outro lado da sala, com a mesma raiva intensa e feroz; ela sentiu medo que ele lhe fosse bater mais uma vez. Mas, de súbito, ele disse: – Faz como entenderes, Eliza. Como disse, fazes sempre. Mas não esperes que eu concorde.

– Que quer isso dizer?

Ele encolheu os ombros.

– Pensa. Mas não quero a minha mãe ao barulho.

– Ah – disse ela, completamente surpreendida. – Porquê?

– Não quero.

Talvez tivesse medo que ela se abrisse com Sandra, pensou Eliza, talvez tivesse falado com ela; mas era improvável, aterrava-o a ideia de confrontar os pais.

Eliza concentrou-se no problema presente: tinha de resolver a questão de Emmie. Começou a contactar agências. E foi então que encontrou Jennifer.

Jennifer estava a trabalhar para uma das outras mães da escola, que pretendia dividi-la com alguém. Era uma rapariga robusta de Birmingham que dera aulas num infantário durante cinco anos e parecia o oposto absoluto do género de ama a que Matt teria objetado. Emmie gostou dela e ela gostou claramente de Emmie, embora Eliza visse que ela seria firme, que seria capaz de lidar com as birras dela e com os seus hábitos manipulativos. Eliza ofereceu-lhe o lugar.

Matt declarou que não queria entrevistar Jennifer, mas depois, às seis horas, na véspera do primeiro dia de trabalho de Eliza, exigiu falar com ela e disse que não estava disposto a entregar Emmie aos cuidados da rapariga enquanto não falasse com ela.

Eliza achou que estava demasiado em jogo para discutir e conseguiu contactar Jennifer, que estava precisamente a sentar-se para jantar; ela ficou claramente surpreendida mas concordou em dar lá um salto, se Eliza pudesse ir buscá-la.

Imperturbável, respondeu com afabilidade às perguntas cada vez mais absurdas de Matt: «Que faria se houvesse um incêndio, prefere olhar por raparigas ou por rapazes, tem namorado?» O seu rosto rosado e agradável não revelou irritação nem surpresa, nem quando ele lhe perguntou subitamente se ela sabia que não aprovava que uma mãe trabalhasse e que era contra a sua vontade que Eliza retomava o trabalho.

– Na minha opinião, as crianças precisam de mães felizes – respondeu ela –, e uma

mãe feliz é melhor para uma criança. E há mães que são mais felizes quando trabalham.

Matt assentiu com a cabeça e, invocando que tinha muito que fazer, escusou-se e desapareceu no escritório.

Eliza conduziu Jennifer a casa; quando voltou, dirigiu-se ao escritório e, nervosa, perguntou se Jennifer tinha o seu aval; ele respondeu que sim, mas que gostaria de lembrar a Eliza mais uma vez que ela estava a agir em direta oposição aos seus desejos e que ia sair.

E, de manhã, Eliza levantou-se uma hora mais cedo do que o habitual para lavar e secar o cabelo, vestiu um dos seus vestidos maxi e calçou as botas novas de camurça cor-de-rosa da Biba, maquilhou-se, foi levar Emmie à escola e mandou-a portar-se bem com Jennifer, dizendo que voltaria a vê-la às seis horas. Dirigindo o seu Mini Cooper novo, em versão artilhada, na direção de Carlos Place, mais nervosa do que alguma vez teria imaginado, regressou ao mundo do trabalho.

Estava a contar passar os primeiros dias pelo menos emocionalmente abalada, incapaz de dar resposta às exigências das suas funções e consumida com Emmie; no entanto, descobriu que se sentia tão instantaneamente feliz e absorvida, tão reconfortada por ser apreciada e valorizada e até ouvida e tão deliciada, no fim do primeiro dia, ao encontrar Emmie a jogar alegremente Ludo na cozinha com a excelente Jennifer, que conseguiu enterrar os terríveis acontecimentos das últimas semanas e concentrar-se determinadamente, pelo menos dois dias por semana, no que parecia ser um novo começo.

Ou, pelo menos, no que esperava que fosse um novo começo.



– Matt, viva. Queria imenso estar contigo. Já lá vai muito tempo.

– Scarlett, ando terrivelmente ocupado.

– Acredito que sim e eu também, mas mesmo assim quero encontrar-me contigo.

– Estiveste a falar com a Eliza?

– Não. Não, claro que não. Não falo com ela há séculos. Como é que ela está?

– Ótima.

O tom dele era de indiferença; não convinha insistir no assunto, portanto.

– Ainda bem. Ouve, posso convidar-te para uma bebida?

– Pode ser. Mas neste momento não sou grande companhia.

Scarlett disse que não era em boa companhia que estava interessada, só queria falar com ele.

– A mãe diz que andas a evitá-los e andas a evitar-me a mim; só quero ter a certeza de que está tudo bem contigo.

– Scarlett, está tudo bem. Acredita.

- Quero ver com os meus próprios olhos. Amanhã, pode ser?
- Pronto, seja.
- No meu pub, às sete e meia. Não te atrases. E... vais trazer a Eliza?
- Não, não vou.

Ela detetou o mesmo registo de antes no seu tom.

Matt entrou no pub em Old Brompton Road com um ar terrível: pálido, abatido e visivelmente mais magro.

- Olá, Matt. Estás com um aspeto muito... cansado.
- Pois, provavelmente é porque ando cansado.
- O trabalho está a correr bem?
- Está, muitíssimo bem, obrigado.
- E a Emmie, como está?
- Está ótima.
- Ainda bem. Então... que queres beber?
- Um whisky duplo, obrigado.

Bebeu-o de uma assentada; ela observou-o, um tanto chocada.

- Matt, tens a certeza de que está tudo bem contigo?

- Tenho, absoluta. De que é que me querias falar?

– Oh... nada de especial. Ando um pouco deprimida. E quer-me parecer que tu também. Queres falar sobre isso?

- Não.

– Nesse caso, falo eu da minha depressão. Preciso de falar. E não tenho mais ninguém que me ouça. A mãe e o pai tinham um ataque. Vários ataques.

Silêncio.

– Pronto, cá vai. Dei completamente cabo da minha vida – disse ela rapidamente, como se assim fosse mais fácil. – Completamente.

Matt ouviu, horrorizado. Ela não dourou a pílula. Até envolvia um bebé... ou melhor, um aborto, sobre o qual nunca falara ao tal sujeito, esse cretino rematado. E tinha-se visto obrigada a lidar com tudo sozinha. Nunca se abrira com ninguém.

– Lamento muito saber, Scarlett – disse ele, repetindo: – Lamento muito. Quem me dera que tivesses sido capaz de te abrir comigo.

- Bem... não podias fazer nada.

– Talvez pudesse. Podia ter-te dado bons conselhos. Como mandá-lo vir falar comigo para lhe dar um arraial de porrada.

– Oh, Matt. Isso não teria ajudado em nada. Não tem mal. Meti-me nisso de olhos bem abertos. Devia ter tido mais juízo. E conselhos? Quem é que segue conselhos? Sobre tudo os que não se quer ouvir?

- Desde que te tenhas visto livre dele. E sim, tens razão. Os conselhos são inúteis. É

demasiado fácil viver a vida das outras pessoas no lugar delas. Eu que o diga. – Suspirou, sentindo a ameaça das lágrimas nos olhos, as lágrimas traiçoeiras que todas as noites derramava, chocado com a sua própria fraqueza, incapaz de estancá-las, mordendo a almofada para que nenhum som escapasse. – Vou... vou buscar outra bebida? Queres outra?

– Sim, por favor. Gim tónico. Com muito gelo. Aprendi a gostar de gelo na América. É um país estupendo. Matt... desculpa, mas de certeza que estás bem?

– Nem por isso – disse ele –, mas é melhor não falar do assunto. Como tu, quero lidar com os problemas sozinho, pelo menos por agora. Ninguém me pode ajudar.

– Pronto, não te pressiono. Mas quando estiveres preparado...

– Obrigado. – Conseguiu sorrir-lhe e foi buscar as bebidas; quando voltou, sentou-se novamente em silêncio, fitando o copo.

– Desculpa, não sou grande companhia neste momento.

– Oh, Matt – disse ela, pousando-lhe a mão no braço –, mas que dois! Antigamente ajudávamo-nos um ao outro; esse tempo já passou. Mas, vale o que vale, tenho uma grande afeição por ti, sabes? E gosto muito de estar contigo.

Ele sentiu as lágrimas a assomar-lhe de novo aos olhos. Merda, que é que lhe estava a dar? Estava a portar-se como uma menina tola.

Remexeu no bolso à procura do lenço e assoou o nariz com força.

– Desculpa, apanhei um resfriado.

– Matt, valha-me Deus, estás a chorar. Matt, o que é, que é que tens? É a Eliza?

– Não estou nada a chorar, porra – protestou ele, quase a gritar. – Apanhei um resfriado. Ouve, tenho de ir andando. E por favor... por favor... de futuro, quando tiveres algum problema sério, vem falar comigo. Já sei que não passo do teu irmão mais novo, mas ainda sei olhar por ti, entendido?

– Sim – disse ela, num tom muito sério –, sim, Matt, eu sei. Era o que devia ter feito. Mas pensei que ias ficar chocado e não era capaz de enfrentar isso. E tu... enfim, já sabes, podes contar sempre comigo. Temos de ser um para o outro, Matt, tu e eu. E tu, pelo menos, ainda tens a Eliza...

Mas não tinha, pensou ele, saindo apressadamente do pub, depois de se despedir dela com um beijo. Não tinha Eliza. Estava acabado. O amor doce, arrebatador e estonteante, o romance entre ambos, estava acabado. E ele tinha de tirar o máximo partido do que lhe restava.

E guardá-lo zelosamente.

Primavera de 1971

O trabalho era... enfim, era maravilhoso. Eliza não se recordava da última vez em que

se divertira assim.

Inicialmente, a hierarquia era perfeitamente clara, mas Rob consultava-a cada vez mais relativamente a modelos, em lugar da temível Babs Brown, que dirigia o departamento de marcações da agência. E, embora fosse Rob quem escolhia os fotógrafos, começou a discutir antecipadamente as suas escolhas com Eliza. Se ela achasse que ele estava a cometer um erro grave – como, por exemplo, quando quis selecionar a languidamente romântica Sarah Moon para captar algumas imagens sensuais ao lado de uma piscina e ela teria escolhido Helmut Newton – manifestava a sua opinião sem rodeios.

Era muito estranho: sentir-se tão feliz e tão infeliz ao mesmo tempo. Durante o trabalho, absorvida, confiante, entusiasmada, rodeada pelo tipo de pessoas que mais admirava, era feliz como já não acontecia há anos. E, em casa, com um marido que parecia detestá-la, que não confiava nela, sentia-se um fracasso e era profundamente infeliz.



Não era fácil realizar as suas tarefas em apenas dois dias por semana: sobretudo porque nunca podia chegar tarde a casa, nem começar mais cedo como, por vezes, era necessário. Sabia que Jennifer não se teria importado de entrar ao serviço mais cedo, embora não pudesse ficar até tarde, pois tinha de tratar de uma mãe inválida, mas Matt não teria simplesmente tolerado. E, olhando para o relógio, por vezes, se alguma reunião estivesse a prolongar-se – e muitas, para mal dos seus pecados, tinham lugar à tarde – vendo os ponteiros rodar ao que parecia o dobro da sua velocidade normal, temia o momento em que tinha de dizer «Peço desculpa, mas têm de continuar sem mim», sabendo que as pessoas com quem trabalhava se sentiam, no mínimo, irritadas com isso e a consideravam pouco profissional.

Foi Jennifer quem fez a sugestão quando Eliza entrou uma tarde em casa como um furacão, a dizer: – Perdão, perdão, perdão, a reunião atrasou-se, é muito difícil abandonar uma reunião e dá uma imagem de falta de profissionalismo...

Calou-se. Como se Jennifer compreendesse o problema.

– Mrs. Shaw, já lhe disse uma vez que não se deve preocupar tanto. É certo que tenho de ir para casa por causa da minha mãe e não posso ficar até muito tarde, mas posso sempre levar-lhe a Emmie à agência, se ficar presa numa reunião importante. Dispunha assim pelo menos de mais meia hora e...

Eliza olhou para ela, atónita, pensando como era possível alguém tão aparentemente imperturbável compreender, não apenas a natureza do trabalho dela e o seu desejo de ser competente, mas a necessidade de ludibriar Matt e de um modo tão subtil. – Jennifer, é um génio – disse ela, dominando-se para não a abraçar –, seria uma solução brilhante.

Da próxima vez, telefone-lhe. Aliás, com o trânsito, demoraria pelo menos quarenta e cinco minutos. Fantástico! E depois... enfim...

Depois, pensou ela, podia dar mais ou menos a entender que Emmie tinha ido a uma festa ou coisa parecida: se Matt estivesse em casa. Geralmente, não estava, claro.

O plano funcionou às mil maravilhas; Arabella, a rapariga da recepção, que trabalhava sempre até tarde, ficou encantada por se ocupar da famosa Emmeline e, da primeira vez, perguntou-lhe se ela queria um cocktail enquanto esperava pela mãe.

– Sim, por favor.

– Sim, senhor. Posso fazer um cor-de-rosa ou um verde. Qual preferes?

– Cor-de-rosa, por favor.

– Era concentrado de framboesa e água com gás – explicou Arabella quando Eliza desceu. – Ela adorou. E depois ajudou-me a arrumar as revistas, não ajudaste, Emmie? É tão amorosa, Eliza, e inteligente. Pode trabalhar aqui sempre que quiser.

O único problema era que tinha funcionado tão bem que Eliza se sentia tentada a repetir a experiência sempre que fosse necessário...



– Miss Scarlett, tem de me desculpar, mas cometi um erro. Mr. Frost chega dentro de dois dias. Pensei que ele tinha dito duas semanas, mas...

– Oh, não, Larissa. É... é muito complicado.

– Porquê, Miss Scarlett, não gosta dele? Zangaram-se?

– Não, não, Larissa. Gosto dele, claro. Mas... isto é... oh, não ia compreender. Acha que ele... que ele vem sozinho ou vem com... com Mrs. Frost?

– Creio que vem sozinho. Sim.

– Nesse caso, tenho de ir. Eu sei que ainda agora cheguei, mas... mas não podemos estar aqui ao mesmo tempo. Vou pedir ao Ari que me leve logo de manhã. Agora vou deitar-me. Até amanhã.

Com tristeza, Larissa ficou a vê-la afastar-se. Era uma pessoa encantadora e Mr. Frost era uma pessoa encantadora e talvez, com o tempo, pudessem tornar-se amigos. Não, amigos não, mais do que amigos. Mrs. Frost era muito assustadora, claro, mas Miss Scarlett havia de se desenvencilhar. Uma pessoa que dirigia uma empresa própria não devia deixar-se intimidar por uma mãe.

A primeira coisa que tinha a fazer era tentar reter Miss Scarlett em Trisus pelo menos mais um dia para poderem conversar; se possível, dois, para que depois da conversa, quando Mr. Frost chegasse, pudessem falar um com o outro.

O plano implicava uma visita a Ari, o barqueiro; Larissa pôs o xaile e partiu, colina abaixo, em direção ao pequeno porto.



Scarlett acordou com o barulho da chuva. Que maçada! Bom, assim seria menos doloroso deixar Trisus.

Encaminhou-se para o porto, puxando a pequena mala. Não viu Demetrios e Larissa em lado nenhum; presumivelmente estavam atarefados na cozinha.

Bateu à porta de Ari; ele saiu com um ar embaraçado.

– Olá, Ari. Está tudo a postos?

– Oh, Miss Scarlett, não podemos ir. Hoje não. Sinto muito. O tempo está muito mau. Muito vento, mar encapelado. Mas amanhã, sim. Podemos ir amanhã?

Assim sendo, queria dizer que teria de apanhar Mark, que chegaria no grande ferry e deixá-la ficar ao mesmo tempo. Enfim, não havia problema. Não precisavam de se encontrar.



– Olá, Larissa. Como está?

– Muito bem, Miss Scarlett. Tem o pequeno-almoço na mesa.

– O Demetrios está por aí?

– Não, foi à pesca, Miss Scarlett.

– À pesca? Espero que não seja apanhado pela tempestade.

– Eu também, Miss Scarlett. Não queria que ele fosse, não falta que fazer por aqui...

O tempo não podia estar assim tão mau como isso se Demetrios tinha ido pescar.

– Tenho de ficar mais um dia – disse ela, sentando-se à mesa e deitando mel no iogurte. – O Ari não sai hoje. Não entendo, olhe, o sol está a aparecer, não podia estar mais calmo.

– Pode passar um dia agradável aqui.

– Pois, vou tentar.

Larissa olhou para ela. Era agora ou nunca.

– Miss Scarlett, conhece Mrs. Frost?

– Não, Larissa, não conheço.

– É uma senhora muito, muito simpática, Miss Scarlett. Não há razão para se sentir preocupada com ela.

– Eu não me sinto preocupada com ela, Larissa. Não duvido que seja um encanto de pessoa.

– E muito, muito inteligente. E sempre me tratou muito bem, traz coisas para o Stellios e para a Tina.

– É muito bonito da parte dela. Larissa, se não se importa, agora preciso de ler...

– Sim, Miss Scarlett, queira desculpar. Mas...

Scarlett pegou no iogurte e no café e disse numa voz que Larissa nunca tinha ouvido: – Se me dá licença, acho que vou tomar o pequeno-almoço no meu quarto.

Larissa olhou para ela com tristeza. O plano estava a sair gorado.



– Pois é, que bronca monumental! – Rob Brigstocke estava no gabinete com cara de poucos amigos quando Eliza entrou. Ela tinha preparado uma sessão fotográfica na véspera e não o tinha visto desde então; ele parecera nervoso o tempo todo, mas já era normal, e ela atribuíra o nervosismo ao facto de ser um novo cliente, importante, um fabricante de carros de desporto.

– O quê? Não gostaram das fotografias? Não gostaram da roupa? Já sabia que devia ter algumas de reserva.

– Acalma-te, querida. Não foi ontem, isso correu sobre rodas. Não, foi o maldito do diretor artístico, que é um estúpido e trouxe as provas erradas hoje para a apresentação, fez-me fazer figura de idiota. Eliza, estás branca como a cal, que é que tens?

– Pensei... que tinha sido culpa minha, que tinha armado barraca...

– Estás mesmo numa pilha de nervos, não estás? Tolinha. Já te disse, as roupas eram fabulosas.

– Eu sei, mas...

– Anda sentar-te aqui. – Deu uma palmadinha no sofá, no canto do gabinete. – Sinceramente, não te deves preocupar tanto com tudo. És brilhante e eu não me desenvencilhava sem ti. Vai uma bebida?

– Não. Tenho de ir para casa dentro de uma hora, não posso pôr-me agora a beber.

– Esse teu maridinho controla-te com mão de ferro, não é? Palerma. – Olhou para ela pensativamente e sorriu. – Pronto, tenho uma ideia melhor. Para te acalmar a sério. Toma... – Começou a vasculhar na gaveta da sua secretária e aproximou-se dela com um pacote de mortalhas e um pequeno embrulho de papel de alumínio.

Ela sentiu uma ponta de absoluto pânico.

– Oh, não, Rob, aqui não, não podemos, pode entrar alguém...

– Se entrar, há de querer partilhar connosco. Santo Deus, Eliza, é só haxixe. Nunca viste o Billy Porter a snifar cocaína antes de uma grande apresentação?

– Não – disse ela, irritada –, claro que não vi.

– Certo. Mas isto há de fazer-te bem. Anda lá, dá uma passa. Vais sentir-te muito melhor...

– Bem... – Com uma certa relutância, ela pegou no charro e sentou-se a olhar para ele.

– Eliza, não te morde. – Debruçando-se, deu-lhe um beijo. – Anda lá, linda, descomprime. Faz isso por mim.

– Oh... pronto, está bem.

Tirou uma fumaça, fez rolar o fumo dentro da boca, olhou para ele, que estava a rir-se dela, e inalou profundamente. Inalou mais uma vez. Esperou. E era... bem, era espantoso. Tinha-se esquecido de como fazia efeito depressa. Sentiu-se ao mesmo tempo descontraída, calma, lúcida. E relaxada. Incrivelmente relaxada. Completamente em controlo da sua vida. Olhou para Rob e sorriu; um sorriso doce, de felicidade.

– É fantástico – disse ela.

– Não te disse? E não há maneira de o teu marido detetar isso.

A partir desse dia, passaram a fumar um charro juntos com frequência, quando ficavam a trabalhar um com o outro.



Nessa tarde, Scarlett foi dar uma volta a pé; decidiu atravessar a aldeia e enveredou pelo caminho rochoso da colina; sentou-se a contemplar o mar, saboreando o sol quente no rosto e ouvindo os gritos das gaivotas, e pensou que seria muito triste se nunca mais pudesse voltar aqui.

Desceu por um caminho diferente e foi desembocar diante da casa de Mark Frost; intrigada, contornou-a, espreitando pelas janelas, admirando-a, os belos pavimentos de pedra, os tetos abobadados, a escada em caracol. Subiu o íngreme jardim das traseiras e descobriu que podia entrar no terraço do telhado; este tinha vistas sobre o mar, por sobre as casas em baixo. Mark era um felizardo. E Mrs. Frost também.

– Viva, Miss Scarlett. Quer dar uma vista de olhos lá dentro?

Era Demetrios. Ela sentiu-se idiota, como se tivesse sido apanhada a invadir propriedade alheia. E era o que tinha feito, afinal.

– Venho plantar umas coisas aqui no terraço. Entre, Miss Scarlett, dê uma olhada. Eu mostro-lhe a casa. Entre, entre.

Fez-lhe uma visita guiada. Era um encanto, fresca e calma, cheia de luz, um refúgio absoluto do mundo.

– Aqui é a cozinha; aqui a sala de estar; este terraço é para videiras. Venha cá acima, venha, venha. Esta é a casa de banho, aqui é o quarto de Mr. Frost, este quarto é para Mrs. Frost...

– Ah – disse ela, repetindo: – Ah. – Talvez precisassem de quartos separados, claro, já que ela era inválida, mas... com o corredor todo a separá-los?

– Passa-se alguma coisa, Miss Scarlett?

– Não, não. Não, claro que não.

– Ela vem para cá este verão, Mrs. Frost, e espero que lhe faça bem. O sol ajuda. Pobre senhora, sofre tanto...

– Sim, e sofre exatamente de quê, Demetrios?

– Tem problemas com as costas. Por isso, não pode andar. Há muitos, muitos anos...

Muitos, muitos anos? Parecia um pouco... estranho. Como se ela fosse uma velha.

– O quê? Desde a infância?

– Não, creio que só nos últimos dez anos, talvez quinze. Mas durante muitos anos antes disso andou de muletas...

Muletas... quinze anos numa cadeira de rodas... mas que, como... não, não... poderia... decerto que não... mas...

– Demetrios? Hum... que... há quanto tempo... digo eu, que idade acha que Mrs. Frost tem?

– Fez sessenta anos há um ano. Mr. Frost queria trazê-la cá para os anos dela, mas ela não estava a passar muito bem.

– Compreendo.

Sessenta anos. Queria dizer... mas que... enfim... que coisa incrível, absurda, espantosamente estúpida. Afinal de contas, não era Mrs. Frost, a mulher. Não era a mulher genial e simpática, a mulher poetisa, não era a mulher que intimidava e causava preocupação. Era Mrs. Frost, a mãe. A mãe genial e simpática, a mãe poetisa, a mãe que não intimidava, nem causava preocupação.



– Vamos filmar isto na Escócia – disse Rob Brigstocke. – Que tal, agradava-te uma viagem às Terras Altas?

– E de que maneira! – respondeu Eliza. – Mas não posso ir.

– É pena. O cliente acha que és a melhor invenção desde a roda. O Hugh vai, logicamente. – Hugh era o gestor de clientes, um homem doce, ainda que ligeiramente efeminado.

– Nesse caso não precisam de mim lá.

– Então não precisamos, Eliza? Transmitiria confiança ao Hugh, ele está extremamente nervoso com o projeto e gosta muito de ti. Para não falar de tudo o que já fizeste por esta campanha. Foste brilhante. Conseguires que a tua amiga fizesse parte da roupa, aquelas boinas escocesas foram um golpe de génio, e os patins, usar aquelas gémeas...

– Não estou a ver muito bem patins nas Terras Altas. Íamos pô-las a patinar em Park Lane.

– Não, não, estamos a falar de peças de lã escocesas. Não pode haver dúvidas de que estamos na Escócia. Mas os patins vão surtir exatamente o efeito que ele quer, vão dar às criações da Craigie um ar de juventude e dinamismo e não da marca centenária que é. Não há problema, aquelas charnecas todas são atravessadas por estradas, não é só urze, é muito mais fácil filmar lá do que em Park Lane.

– Lá isso é verdade. Quem é o fotógrafo?

– O Rex Ingham.

– O Rex? Oh, sortudos, vão divertir-se à brava.

– Pois vamos. Anda connosco. A proposta está em aberto. Só lá passamos duas noites, não é propriamente uma viagem à volta do mundo. – Estendeu-lhe o maço de Gitanes; ela declinou.

– São demasiado fortes para mim.

– Ah... entendo. Queres dos outros?

– Não, não, já estou atrasada, tenho de me meter à estrada dentro de cinco minutos.

– Vais a algum lado?

– Não, não, tenho de ir para casa, horas do banho e essas coisas, fazer o jantar.

Ele olhou para ela pensativamente. – A tua vida não é muito divertida, pois não?

– Claro que é – disse ela, indignada. – Não me faltam distrações. Adoro trabalhar aqui e adoro estar com a Emmie e... e estar com os amigos e passar tempo na nossa casa no campo...

Calou-se. Não soava muito convincente.

– É isso?

– E chega-me.

– Que é que tu e o teu marido fazem para se divertir?

Ela olhou-o nos olhos e depois desviou o rosto; e experimentou uma tristeza pesada e terrível.

– Nada de especial – disse ela, esforçando-se por soar animada e até levemente divertida. – Nada de especial mesmo. Talvez fume um desses cigarros afinal.

– É assim mesmo.

Mas, ao tirar uma fumaça do cigarro e expelir, ele inclinou-se e tirou-lho dos lábios; e em seguida beijou-a.

– Podíamos passar bons momentos juntos – disse.



E agora? Que é que fazia? Agora que tinha a deliciosa certeza de que o encantador, afável, tímido, divertido Mark, o perfeito Mark, não era casado, agora que podia deixar-se atrair por ele, sentir prazer com ele, conversar com ele, estar com ele, como é que lhe dava a saber isso sem fazer figura de estúpida? E em mais do que um sentido, pois não podia ir a correr dizer-lhe: imagine, pensei que era casado, agora que sei que não é, sempre me convida para jantar? Daria uma imagem péssima, absolutamente grosseira. E ele tinha provavelmente pensado que David era o namorado dela. E, por outro lado, seria admitir que nunca ouvira falar de Mrs. Frost, uma mulher tão famosa. Ele havia de considerar uma falha terrível ela não a conhecer, achá-la-ia estupidamente ignorante. E todos esses intelectuais que o rodeavam na editora e nas festas e nas livrarias... que haviam de pensar de alguém que fazia tão pouca ideia de quem Mrs. Frost era que a

tinha julgado a mulher de Mark e não a mãe? Era horrível, detestável, e não era tudo. A sua euforia inicial estava a esbater-se; sentia-se impotente, maltratada pelo destino; não era justo, não era nada justo.

Provavelmente o melhor era partir no dia seguinte, conforme planeado. Seria estranho se ficasse agora, na expectativa de uma oportunidade para falar com ele. E que diria? Recusara o convite dele para jantar... certamente formulado com esforço graças à sua timidez agonizante; não voltaria a convidá-la. Sentir-se-ia tão embaraçado como ela, provavelmente tentaria evitá-la a todo o custo, deixar-se-ia estar em casa, esperaria que ela se fosse embora. Sim, o melhor era partir. Minimizar os estragos.



A manhã estava luminosa, azul e dourada; o mar estava muito calmo.

Fatigada depois de uma noite mal dormida, Scarlett estava no cais à espera de Ari. Ao fim de quinze minutos, começou a sentir-se impaciente e foi bater-lhe à porta; nada.

– O Ari está adoentado. – Era Demetrios, aparecendo da pequena casa. – Não pode ir, Miss Scarlett. Lamento muito.

– Mas... mas, Demetrios, eu tenho de me ir embora. E... e é preciso trazer Mr. Frost. Como é que vamos fazer?

Ele encolheu os ombros. – Têm de esperar os dois.

Scarlett voltou para o hotel, pediu a Larissa que não a incomodasse em circunstância alguma e instalou-se no quarto a ler, debatendo-se para manter a calma; mal tinha aberto o livro quando ouviu o familiar batimento do pesado motor a diesel do ferry.

– Não pode ser! – Dirigiu-se à janela; e, de facto, lá estava o ferry a afastar-se no mar.

– Larissa! Demetrios! O ferry está a partir! Porque é que não me avisaram, caramba?

– Miss Scarlett. – Era Demetrios. – A Larissa disse-me que não queria ser incomodada.

– Pois, mas não ao ponto de perder o ferry. Não acredito, isto é ridículo, completamente ridículo, e pensei que o Ari estava doente...

– Sentiu-se melhor e achou por bem ir. Agora se me dá licença, Miss Scarlett, e não se preocupe, pode ir amanhã, é só uma noite...

Uma noite. Com Mark Frost debaixo do mesmo teto. Deus do céu! Deus Todo-Poderoso!

Ouviu o ferry voltar pouco depois das quatro; tinha dito a Larissa que não queria jantar; teria de ficar confinada ao quarto até à hora de apanhar o ferry de manhã. Não podia correr o risco de esbarrar com ele.

Ouviu-o entrar na casa e conversar com eles; ouviu-o sair para ir a casa dele e voltar novamente à hora do jantar, ouviu uma rolha a ser tirada, ouviu o tilintar de facas e garfos nos pratos. Sentia-se cada vez mais isolada e estúpida.

Apercebeu-se agudamente da necessidade de urinar; não admirava, estava trancada

há horas. Se Mark não se fosse embora depressa, teria de enfrentar o corredor; e a sala de jantar ficava ao fundo das escadas. Se a porta estivesse aberta... não, teria de esperar, era um risco demasiado grande.

Mas a sua bexiga não lhe dava tréguas. Sentia-se desesperada. Nesse momento, olhou para a janela; embora o quarto ficasse no primeiro andar, na parte da frente da casa, estava embutido na colina atrás e ficava mais ou menos ao nível do solo; podia facilmente sair pela janela.

Abriu-a cautelosamente o olhou para fora; silêncio absoluto e calma. Esgueirou-se e correu, aliviada, para a buganvília mais próxima... embora não soubesse o que a levava a procurar esconder-se, já que não estava ninguém à vista. Mas sentia-se extremamente exposta, talvez porque estava lua cheia e estava claro como de dia. Puxou as cuecas para baixo e...

– Que diabo está a fazer? – Era Mark Frost.

A pergunta era de tal modo absurda que ela desatou às risadas.

– Bem – disse, depois de concluir a tarefa, levantando-se e voltando a puxar as cuecas para cima –, vai ter de adivinhar. Acha que eu estava (a) a escrever uma carta, (b) a apanhar banhos de sol ou (c) urinar?

Mas logo se sentiu incomodada por se ter rido dele. – Desculpe, foi falta de educação da minha parte, peço desculpa, Mark. – Virando-se, encaminhou-se para a janela aberta.

E decidiu que a atitude mais digna seria contornar a casa até à frente e entrar pela porta principal. E largou num passo estugado para fazer exatamente isso.

Nesse momento, sentiu uma mão no ombro e deu meia-volta e, claramente a esforçar-se para não se rir também, ele disse: – Se vai entrar por aí, Scarlett, acho melhor puxar a saia para baixo. Está enfiada nas suas... nas suas cuecas. Achei que devia saber.

– Ah – disse ela, desesperada agora para recuperar uma certa dignidade e pondo-se às voltas com a saia.

Aconteceu então algo de perfeitamente inesperado. – Deixe-me ajudar – disse ele. Ela sentiu a mão dele a desprender-lhe a saia das cuecas e a endireitá-la, dizendo então num tom muito formal: – Deixe-me acompanhá-la à porta.

– Não, não, não é necessário – disse ela. – Eu vejo perfeitamente. Há bastante luz. Deve ser a lua.

– Deve ser – disse ele delicadamente; e ela pensou: lá estou eu, a dizer mais coisas estúpidas, ele deve pensar que sou atrasada mental.

Fez-se um silêncio, durante o qual ela ficou especada, sem saber se havia de se mexer ou não, e ele disse subitamente: – Já que as coisas não podem tornar-se piores...

– Que quer dizer?

– Bem, já que ama outra pessoa e recusou o meu convite para jantar e se prepara para fugir da ilha mal eu chego e me detesta assim tanto...

– Mark...

– Gostaria só de dizer que a acho muito bela ao luar. – Houve uma pausa e ele acrescentou: – E também que tem um rabo extraordinariamente atraente.

– Oh, oh, Mark, não, não... está redondamente enganado e as coisas podem tornar-se muitíssimo piores.

– De que maneira? – perguntou ele, soltando um suspiro bem audível.

– Posso não voltar a vê-lo, isso seria muito pior, e já que teve a coragem de me elogiar dessa forma tão pessoal, quero dizer-lhe que não amo outra pessoa e que queria aceitar o seu convite para jantar mais do que qualquer outra coisa de que me lembre e que não quero deixar a ilha amanhã, nem, aliás, enquanto cá estiver, e que o problema foi simplesmente que pensei que era casado e...

– Casado! – exclamou ele, fitando-a, espantado. – A que propósito é que pensou tal coisa?

– É que... compreende, pensei que Mrs. Frost de quem toda a gente falava era a sua mulher. E não a sua mãe. Sim, sou assim de estúpida.

– Oh, Miss Scarlett – disse ele –, realmente é de uma estupidez atroz. De uma estupidez fantástica e maravilhosa. Chegue aqui e deixe-me beijá-la.

E ela submeteu-se ao beijo dele, pensando que, por mais tímido que ele pudesse ser, sabia beijar na perfeição; o beijo durou uma eternidade e Larissa, espreitando pela porta, viu-os e chamou Demetrios, apontando para o par sob o luar e dizendo em grego «eu não te disse?» e que já sabia, esperta como era, que bastava impedir que Miss Scarlett se fosse embora até Mr. Frost chegar para a magia entrar em ação e tudo resultar em bem.



Os casamentos não morrem da noite para o dia; vão expirando lentamente, ulcerados por um milhar de palavras cáusticas, um milhão de mal-entendidos, uma relutância em pedir desculpa e um desejo de vingança. Há a perceção, lenta a princípio e ganhando depois ímpeto, de que as coisas não são como eram nem como deviam ser, de que as reações não são as esperadas, de que o desapontamento é mais frequente do que o prazer, de que o ressentimento é mais persistente do que o perdão, todas estas ocorrências observadas, remoídas e furiosamente sublimadas. O desejo morre, a afeição define-se, a confiança transforma-se numa recordação.

Mas tem de haver um catalisador, um momento final de devastação, que faz com que todo o edifício finalmente se desmorone, que torna o perdão impensável e a felicidade numa derradeira memória impossível; mas continua a ser o caruncho latente que determina o colapso final.

Para Matt e Eliza, debatendo-se num ressentimento feroz e num desespero brutal,

cientes de que não havia esperança para a sua situação mas receosos da alternativa, não sabendo o que fazer, o fim, quando chegou, foi chocantemente rápido.



Eliza estava a ver O Carrossel Mágico com Emmie quando a porta se abriu e Matt entrou. Acenou-lhe brevemente com a cabeça e, baixando-se, beijou Emmie.

– Como está a minha princesa?

– Bem, obrigada – disse Emmie sem olhar para ele.

– Chegaste cedo – disse Eliza, hesitante.

– Cheguei, vim fazer as malas.

– As malas? Para onde é que vais?

– Para Manchester, passar dois dias.

– Para quê?

– Uma conferência.

– Não me disseste nada – disse ela, esforçando-se por soar cordial e interessada. – Que tipo de conferência?

– Uma conferência sobre promoção imobiliária. Não pensei que te interessasse, dado o desdém que tens pelo meu trabalho. Adiante, tenho de me despachar, se me dás licença, vou no comboio esta noite.

– Esta noite?

– Sim, esta noite. E, como tal, tenho de fazer a mala. A não ser, claro, que ma queiras fazer. Mas imagino que estás demasiado ocupada.

Eliza desviou o rosto sem dizer mais nada; sentiu a habitual onda de irritação. Matt podia ausentar-se sem lhe dar satisfações, sem avisar, sem precisar de tomar disposições, deixando-a sozinha. Não era que fizesse grande diferença, refletiu; para o contacto que havia ente eles, era como se vivesse sozinha. Mas ela não podia sequer considerar dois dias de ausência em trabalho. Era uma injustiça. Uma injustiça absoluta.

– Mãe! Mãe, olha, consigo saltar como o Zebedee, olha...



Mais cedo ou mais tarde, tinha de acontecer, claro: o mundo em que Louise e Matt se moviam não era grande. No entanto, confrontada com o nome dele colocado ao lado do seu à mesa, numa cerimónia de entrega de prémios, Louise sentiu um pânico momentâneo, insegura sobre o que qualquer um deles poderia dizer ou fazer.

Como sempre, ela era a única mulher; estava precisamente a abrir o guardanapo quando o viu a aproximar-se da mesa, embora demasiado absorto a conversar com uma pessoa para a ter visto. Quando se sentou e se apercebeu, era-lhe impossível escapar.

– Viva – disse ela, tentando estabelecer em vão contacto visual com Matt, que pegou

no copo de água sem olhar para ela –, que coincidência. O mundo é muito pequeno.

– É – disse ele secamente. – Muito.

– Como estás?

– Ótimo.

– E esse edifício na City está a ir bem?

– Muito bem, obrigado.

Louise virou-se para o vizinho do outro lado; pensou que ele não podia ser pior.

Ao cabo de dez minutos de conversa detestavelmente paternalista, descobriu que se tinha enganado. Donald Miller era o diretor geral de uma empresa de cimento e perguntou-lhe como era trabalhar para Roderick Brownlow, «com ele e não para ele, somos sócios», como estava a correr, «bastante bem, estamos a construir o nosso terceiro hotel neste momento, em Bayswater Road, no limite de Hyde Park», dizendo que era muito agradável ter uma senhora nestes almoços. Finalmente, conseguiu sacudir uma gota de cocktail de camarão do garfo para a blusa de Louise; corou até à raiz dos cabelos.

– Oh, peço imensa desculpa, Louise, posso tratá-la por Louise? Não me atrevo a pensar no que diria a minha mulher. Deixe-me ajudá-la.

Começou a limpar-lhe a blusa com o guardanapo; a nódoa estava perigosamente próxima do peito. Ela tentou sorrir. – Por favor, não se preocupe.

– Não, não, insisto, vou chamar o empregado para pedir água e...

– Toma. – Era a voz de Matt; estava a estender o guardanapo, molhado no seu copo de água. – Isto deve ajudar. – Ela pegou nele, agradecida, e limpou a nódoa.

– É bom voltar a ver-te, Louise – disse ele, numa voz deliberadamente sonora –, e estou muito interessado em saber como está a correr o novo hotel. Vai ficar pronto antes do verão?

– Infelizmente, não – respondeu ela, surpreendida com a pergunta, quando a construção do hotel mal começara; e depois apercebeu-se de que ele estava a sorrir-lhe.

– Obrigada – disse entre dentes, devolvendo-lhe o guardanapo e desviando-se, aliviada, de Donald Miller. – Muito obrigada.

– Não tens de quê. Achei que precisavas de ajuda. Devo estar a amolecer com a idade. Agora a sério, como está a correr o hotel? Suponho que fica pronto na próxima primavera. O local é excelente.

– Sim, correndo tudo bem. Deves ter sabido que tinha um concorrente.

– Sim. Ainda bem que ganhaste.

– Obrigada. – Era de facto agradável estar com ele; sorriu-lhe. – E que tal te está a correr a vida, Matt? Tirando o teu novo arranha-céus na City?

– Oh... bastante bem. É cada vez mais difícil encontrar locais para reconverter, como certamente sabes. A única coisa segura é a construção de escritórios. Esses subsídios

todos para renovar prédios antigos. São absurdamente generosos, o governo, com o dinheiro dos contribuintes, e essas malditas câmaras obcecadas com a solidariedade social. Não há dúvida de que estão outra vez a virar Londres às avessas. Encontra-se gente de classe nos sítios mais improváveis. Como Islington.

– Sim. Ou até Fulham... Como... como está a Eliza?

– Está bem – disse ele secamente.

Pelos vistos, não era boa altura para abordar o regresso ao trabalho de que ela ouvira falar.

– E a Emmie?

– A Emmie está ótima. Está a dar-se bem na escola. E eu comprei-lhe um pónei, está em Summercourt, e ela adora-o, adora montar. E tem imenso jeito.

– Lamentei imenso aquele artigo no News – disse ela de repente. Achou melhor falar do assunto em lugar de deixá-lo no ar. E enquanto ele se mostrava cordial. – Espero que não tenhas pensado que tive alguma coisa a ver com ele.

– Devo dizer que me passou pela cabeça – disse ele. – Mas depois decidi que não era o teu estilo.

– Não, não, não era.

– Enfim... águas passadas, suponho. Como está o Roderick?

– Ótimo. É porreiro trabalhar com ele. E o Barry?

Era raro pensar nele hoje em dia; isso já era em si uma espécie de vingança. Ser capaz de o afastar tão facilmente da ideia.

– Está bem. Louise... tenho... tenho muita pena que tivesses ficado tão... tão aborrecida com a questão da sociedade.

Não tinha pena por não lha ter oferecido; só por ela ter ficado aborrecida. Mas... enfim, já era alguma coisa. Para Matt, era muito. Bastante, aliás.

– É... águas passadas também.

– Sem dúvida. – Suspirou. – Não há falta delas.

– De quê? Águas? Passadas?

– Sim.

Ele não desenvolveu a ideia; e, em todo o caso, os intermináveis discursos, antes da entrega dos intermináveis prémios, haviam começado. Matt ia entregar um deles; Louise achou que ele desempenhou o papel na perfeição. Assim que voltou a sentar-se, inclinou-se para ela e deu-lhe um breve beijo na cara.

– Tenho de me pôr a mexer. Agora porta-te bem e não fujas com Mr. Miller.

– Não. Prazer em ver-te, Matt, é bom sermos amigos outra vez.

– Sim, estou de acordo. Adeus, Louise.

Ficou a vê-lo a afastar-se, serpenteando por entre as mesas. Notara algo de diferente nele. Continuava melindroso e argumentativo; e estava visivelmente um pouco

deprimido. Mas... que mais? Parecia menos arrogante. Menos senhor do seu nariz. Sim, era isso. Interessante.



– Olá, Rex. Muito gosto em ver-te. O Rob avisou que ias chegar. Ele não demora, está retido na sala de jantar com um potencial cliente. Há de estar bastante maldisposto quando sair, desde já te aviso, a apresentação começou às nove da manhã, e depois o almoço...

– Mas ele está sempre maldisposto, não está? – disse Rex.

– Sim, suponho que sim. – Eliza sorriu-lhe. – Eu é que já aprendi a lidar com as más disposições dele.

– Sim, ouvi dizer que se dão os dois muito bem.

– A sério? – disse Eliza, sem saber se havia de se sentir satisfeita. A última coisa que queria era que se espalhassem rumores sobre ela e Rob Brigstocke por Londres. Se alguma coisa chegasse aos ouvidos de Matt...

– Sim. Não ponhas esse ar de alarmada, não foi nada de impróprio. Apenas que são duas cabeças que pensam da mesma maneira. Adiante, gostas de trabalhar aqui?

– Adoro, Rex. É o paraíso. Depois desses anos todos a pôr ordem no caos e a lidar com egos temperamentais.

– Uma boa descrição de um departamento criativo – disse Rex, rindo. – Mas é muito bom voltar a ver-te, Eliza.

Sorriu-lhe; era um homem muito simpático, pensou ela. – Eliza – disse a secretária de Rob, enfiando a cabeça na porta –, tenho uma mensagem do Rob. Diz ele que vai demorar pelo menos mais meia hora e sugere que vá tomar um café ou assim com o Rex e voltem dentro de quarenta e cinco minutos.

– Certo – disse Eliza –, boa ideia. Obrigada. Vamos, Rex, temos ordem para curtir.

– Tu não sei – disse ele –, mas a mim apetece-me uma bebida. Mais interessante do que um café.

Foram ao Browns Hotel e pediram uma garrafa de champanhe.

– Devias vir connosco, sabes, vai ser divertido. Sabes que vamos filmar perto de Balmoral, encontrámos o sítio perfeito, nas charnecas, com o castelo em segundo plano.

– Sei, claro – disse ela sombriamente.

– Vai ser o máximo. E só são duas noites. Porque não?

– Oh... o Matt não me deixava.

– O quê? Terei ouvido bem? Valha-me Deus, Eliza, ele nunca ouviu falar dos direitos das mulheres?

– Chama-lhes os tortos das mulheres.

– As coisas não andam bem entre ti e o Matt?

– Claro que andam bem.

Ele encolheu os ombros. – Está bem. Não é nada comigo. Mas não acredito em ti.

– Porque não?

– Eliza, lembro-me muito bem de como eras quando começámos. Quando estavas na Charisma, uma simples assistente, mas já segura de ti própria, do que querias, mesmo quando organizavas sessões para a Fiona e devias estar completamente à nora. Eras brilhante, Eliza, toda a gente achava isso. Ainda acha.

Eliza sentiu subitamente vontade de chorar. Sabia porquê: ele transportara-a até esse tempo vertiginoso em que era feliz, segura de si, bem-sucedida, quando eram jovens e ela conhecera Matt, e ele parecera ser um homem tremendamente sensual, exatamente o que ela desejava, e a vida era perfeita, emocionante e fantástica. Para onde é que tudo isso tinha ido, para onde, para onde, para onde?

– Olá, minha gente. Isto é uma festa privada ou a entrada é livre? – Era Rob; sentou-se ao lado deles e pegou na taça de champanhe de Eliza e esvaziou-a. – Hum, que bom, vamos pedir outra. Podemos reunir-nos aqui. Então, Rex, conseguiste convencer a Eliza a vir connosco à Escócia na próxima semana?

– Por sinal – disse Eliza e, de súbito, parecia que era outra pessoa que estava a falar por ela –, convenceu. Decidi ir.



O sol estava muito quente na charneca. Surpreendentemente quente. Eliza tirou a camisola e inclinou-se para trás, apoiando-se nos cotovelos. O céu estava de um azul intenso, a paisagem circundante era de cortar a respiração, um extenso vale arborizado, as montanhas atrás ainda cobertas de neve. Ouvia-se o ruído constante de água a correr de inúmeros riachos e, ao longe, nas alturas, voavam e gritavam maçaricos-reais. Balmoral estava parcialmente escondido entre as árvores.

– Vinho? – disse Rob Brigstocke.

Estavam na charneca escocesa, a fazer um piquenique, Rob, Rex, as modelos gémeas, Hugh Wallace e ela. As filmagens estavam a correr bem; as polaroides eram excelentes. Tinha havido um pequeno problema quando se aperceberam de que as gémeas não podiam estar a patinar com o castelo em segundo plano, pois estava afundado no vale, mas tinham conseguido alguns planos fabulosos delas a rirem-se, a toda a velocidade pelo caminho, passando por um trio perplexo de vacas escocesas, que se tinham convenientemente posicionado na berma; Eliza tinha pensado que Rob ia ter um ataque de tanto entusiasmo quando elas surgiram.

– Com o caraças! – gritou ele. – Rex, Rex, chega aqui, depressa, e vocês as duas, Pinky, Perky, estou a falar com vocês, concentrem-se, é para isso que são pagas, entrem para o jipe, Hugh, condu-las vinte metros mais à frente e depois, meninas, saltem para

fora e patinam na nossa direção, passando por elas. E não estraguem a cena, esses animais não ficam aí à espera.

As gémeas, umas criaturas aristocráticas, chamadas Hattie e Tilly, não pareciam importar-se com as alcunhas um tanto ofensivas que Rob lhes tinha posto, nem com os insultos que ele constantemente lhes dirigia.¹

Depois de as vacas se afastarem, descobriram um campo cheio de ovelhas e um lavrador local, tão perplexo como as vacas, mas ansioso por se mostrar obsequioso. Tinha juntado dois carneiros e ensinou as raparigas a agarrá-los pelos cornos, encavalitadas neles – «absolutamente brilhante», gritou Rex, «não se mexam, não se mexam» – e depois conduziu o seu Land Rover pelo trilho, com as raparigas em pé, às gargalhadas atrás, entre um rebanho de ovelhas.

– A coisa correu bem – disse Rob, pegando numa sanduíche –, já temos três planos fantásticos e ainda só são horas de almoço. Parabéns, meninas.

– Ainda não temos o plano que o cliente pretende – disse Hugh Wallace sombriamente.
– Com o castelo de Balmoral em pano de fundo.

– Oh, cala-te, estás sempre do contra – disse Rob –, estes planos são muito melhores, muito mais originais. Deixa-te de aflições, Wallace, o cliente vai ficar rejubilante quando os vir. Mas não te preocupes, que nós também faremos esse plano desenxabido com o castelo. Vamos lá, toca a trabalhar antes que a luz desapareça. Eliza, podemos usar agora os kilts vermelhos e essas polainas esquisitas que arranjaste...



Eliza subiu para as traseiras da carrinha, começou a procurar nos cabides, tirando roupas e dando orientações às raparigas sobre o que vestir. Bolas, isto era divertido. Muiíssimo divertido. Quarenta e oito horas – não, mais do que isso, três dias – de trabalho, na companhia de adultos, do seu tipo preferido de adultos, sem necessidade de controlar as horas, de preparar desculpas para se ir embora, poder simplesmente dedicar-se ao trabalho e depois, no fim do dia, rir-se, beber, comer e dar à língua, sem ninguém a olhar para ela com hostilidade ou a criticá-la ou a fazê-la sentir-se culpada – até lhe custava a crer que isto estivesse a acontecer.

Fora até relativamente fácil de organizar; admirada com a calma que demonstrara, limitara-se a dizer a Matt que ia estar uns dias ausente na semana seguinte em trabalho, que tinha de ir, porque era muito importante. Diligenciou para que Jennifer passasse as duas noites lá em casa, juntamente com a mãe inválida, e para que Sarah também lá ficasse; disse mesmo a duas das mães da escola e à professora de Emmie que ia para fora para que, se Emmie tivesse algum problema, estivesse rodeada de pessoas que conhecia e de quem gostava.

Matt disse que ela não devia ir, que não devia deixar Emmie; ela disse que ia,

independentemente da sua opinião.

– Não me lembro de me teres consultado sobre a tua viagem de trabalho esta semana. E que é que vais fazer? Trata-se do meu trabalho e é muito importante para mim e, além disso, é a primeira vez que deixo a Emmie em quase seis anos...

– Talvez caiba aqui lembrar-te Milão.

– Ah, sim, Milão – disse ela, num tom carregado de desprezo, mais carregado do que o dele. – Sim, já me esquecia que a deixei em Milão em casa de amigos por uma noite quando fui à ópera... só três pessoas a tomar conta dela. Terrível. Pois fica a saber que vou, Matt. Volto na sexta à tarde, praticamente à hora em que a Emmie sai da escola. Ela nem vai dar pela minha ausência. Agora, se me dás licença, tenho de fazer a mala.

Tinha ligado para casa todas as noites e todas as manhãs; falara com Jennifer ou Sarah, por quem soube que Emmie estava bem, que ia lanchar fora, que Jennifer a ensinara a tricotar; falara com a própria Emmie, que lhe dissera que estavam com saudades dela, que queria que ela voltasse para casa, tendo mesmo soltado um soluço no seu estilo muito próprio e dizendo que tinha de ir porque Jennifer estava à espera para levá-la ao parque.

Na segunda noite, jantaram todos no hotel, um estabelecimento bastante grandioso em Ballater, e embebedaram-se terrivelmente. Até Hugh Wallace participou, demonstrando uma habilidade especial para anedotas obscenas e recitando depois uma sucessão completa de quintilhas humorísticas absolutamente indecentes. Eliza contribuiu com uma das suas para não ficar atrás, sendo então apanhada de surpresa quando Hugh disse de repente: – Quero propor um brinde. À Eliza.

– Oh – disse ela, espantada por ser posta assim em destaque –, caramba, que simpático, mas porquê eu?

– Porque trouxeste imenso estilo à sessão. Sei que o cliente ficou mais tranquilo quando soube que vinhas e eu também. E ainda porque sei que não foi fácil deixares os teus compromissos pessoais. Todos nós sabemos e apreciamos isso.

– Apoiado, apoiado – disse Rob, levantando o copo e sorrindo-lhe. – É verdade. À Eliza.

– À Eliza – disseram Rex e as gémeas em uníssono, acrescentando várias vezes «roupas bestiais» e «ideias fantásticas».

E Eliza, ali sentada, saboreou a raríssima sensação de ser admirada e apreciada, pondo um sorriso ligeiramente tolo e pensando que, apesar das contrariedades que estavam no fim da linha férrea entre Londres e a Escócia, valera indiscutivelmente a pena.



Jennifer estava sentada no quarto a ler depois de ter jantado mais cedo, quando ouviu Emmie a chamar e depois, quase de imediato, começar a vomitar: com alegre serenidade, tinha-lhe dado banho, mudado a roupa da cama e voltado a deitá-la com

uma camisa de dormir lavada; quinze minutos depois, aconteceu outra vez. Desta vez, Sarah ouviu o que se passava e apareceu; à terceira vez, Matt enfiou a cabeça na porta da casa de banho do quarto da criança.

– Ela está com um aspeto terrível – disse ele. – Está a arder; alguém se lembrou de lhe tirar a temperatura?

Jennifer olhou para ele e disse que vomitar não implicava necessariamente ter febre, mas que lha ia tirar na mesma; o termómetro indicava quase trinta e nove.



– Bom, vou-me deitar – declarou Hugh Wallace –, ainda temos um plano para fazer de manhã, certo? À porta da igreja de Crathie, e calculo que temos de começar bastante cedo.

– É – disse Rob –, temos de apanhar a luz da alvorada. A que horas achas que o sol nasce aqui, Rex?

– Oh... às seis da manhã, imagino. Sim, são horas do meu sono retemperador. Estou absolutamente exausto. Vocês ficam?

As gémeas declararam que também se iam deitar; Rob pediu outra garrafa de champanhe.



– Provavelmente não passa de uma bactéria – disse o médico –, mas ela parece um pouco desorientada. Acho melhor deixar passar mais uma hora e, se ela não apresentar melhoras, convém levá-la às Urgências. Pode ficar seriamente desidratada...

Sarah olhou para Emmie, deitada sobre as almofadas, de olhos fechados e faces coradas, e em seguida para Matt, e disse o impensável.

– Quem me dera que a Eliza aqui estivesse.



Rob e Eliza estavam sentados no sofá fundo diante da lareira; ela sentia-se exausta, mas feliz, e disse-o.

– Ou então estás feliz, mas exausta – disse Rob.

– Talvez. Foi tão divertido. Adorei todos os momentos.

– Nós também. Foi simpático da parte do Hugh propor um brinde à tua saúde. – Olhou para ela e sorriu. – A pausa das tarefas domésticas fez-te bem. Devias fazê-lo com mais frequência. Ficas com muito melhor ar.

– Acho que não vou voltar a poder fazer isto tão cedo – disse ela com um suspiro.

– Não? Porquê?

– Sabes bem porquê, Rob.

– Francamente, não percebo porque é que continuas com o tipo – disse ele. – É evidente que ele não te trata muito bem.

– Como é que sabes?

– É por demais evidente. Andas pálida, magra, sempre nervosa. Não exatamente a transbordar de felicidade.

– Pois, e tu és um perito em relações, é claro.

– Tenho uma certa experiência. És adorável – disse ele de súbito, estendendo a mão e tocando-lhe na cara –, e tão leal, porra. Não disseste nada de mal contra ele, não te queixaste uma única vez. Acho que és uma pessoa estupenda, Eliza Shaw. E eu estou perdidinho por ti, sabias?

– Vá, não te armes em diretor criativo machão comigo.

– Porque não? Eu sou um diretor criativo machão. E na linguagem de um diretor criativo machão, acho-te incrivelmente sexy e sinto um impulso tremendo para ter sexo contigo. Neste momento, por sinal.

– Rob... não sejas... não estragues tudo – disse ela. – Por favor.

– Ora essa, que é que te leva a pensar que eu ia estragar tudo? – perguntou ele. – Não achas que passaríamos momentos agradáveis? Porque eu sei que sim. Não te estou a pedir que te cases comigo, Eliza.

– Não – disse ela, rindo –, se bem que, a julgar pela tua história, acho que nada me surpreenderia...

– Pois – disse ele, inclinando-se e beijando-a na face –, mas não estou. Desta vez não. Mas acho que devias tentar superar os teus escrúpulos morais por uma noite e aproveitar simplesmente o momento. Divertir-te.

– Pois, mas...

– Eliza – disse ele, debruçando-se sobre ela e aproximando os lábios dos dela, cuidadosa e decididamente, a sua língua explorando-a e conseguindo entrar fundo na sua boca, e ela teve de recorrer a toda a sua força e determinação para se afastar dele e dizer, com uma voz que soou aos seus próprios ouvidos fraca e insegura: – Rob, não, não.

– Sim, sim – disse ele –, anda lá, Eliza, vamos para a cama. Queres tanto como eu, sabes bem que queres.

E, de súbito, sentir-se de novo desejada, em lugar de repelida e rejeitada, era glorioso e estonteante e incrivelmente livre de complicações, e era verdade o que ele dizia, também o desejava, de uma forma brutal, sôfrega, carente de que quase se havia esquecido, e deu por si a dizer, ao libertar-se dele, os olhos fixos nos dele, concentrada nele e no que ele poderia fazer por ela: – Sim, sim, vou agora para o meu quarto, não demores. – E depois, sem mais atender à sua atitude loucamente irresponsável, aos riscos que estava a correr, dominada por uma espécie de desvario que exigia que fosse

novamente ela própria, jovem, sensual, senhora de si, em lugar de alguém entregue a uma morte lenta, frígida e assustada, e sem saber como ali chegou, estava deitada nua na cama, à espera dele numa espécie de intensidade insana, sem que o mais fugaz pensamento de que pudesse estar a proceder mal ou sequer de maneira imprudente lhe passasse pelo espírito...



– A pulsação dela está demasiado acelerada – disse Sarah. – O médico disse que devíamos levá-la às Urgências, se ela piorasse. E acho que está a piorar. Que é que acha, Jennifer?

– Acho que está realmente desidratada – opinou Jennifer. – Mas não me parece que esteja numa situação de perigo.

– Como é que sabemos quando está? – disse Matt. – Pensei que era enfermeira.

– Não – disse Jennifer pacientemente –, não sou.

– Então, nesse caso, conseguiu o emprego sob falsos pretextos. Lembro-me de ler no seu currículo que era enfermeira de berçário.

– Mr. Shaw, não é exatamente assim. Fiz um curso de enfermagem, o que não é o mesmo que ser enfermeira, garanto-lhe. – Sorriu-lhe; outra pessoa qualquer ter-lhe-ia dado um murro, pensou Sarah. Emmie estava a respirar muito depressa, estava extremamente pálida e agora choramingava e queixava-se de dores de cabeça. Era muito assustador.

– Vou chamar novamente o raio do médico – disse Matt –, é altura de justificar o que ganha. Como é que se atreve a ir para casa quando esta criança está tão doente? É uma autêntica vergonha!



O sexo foi maravilhoso; Eliza estava chocada consigo mesma. Transformada numa harpia histérica, arranhando, mordendo, rindo, chorando, as suas longas pernas enroladas em Rob, as costas arqueadas, a cabeça atirada para trás, o corpo todo consumido pelo orgasmo, enchendo-a de um júbilo que ela julgara esquecido.

E, ao acalmar, lentamente, consolada e exausta, afastando o cabelo húmido da cara, sorriu hesitante, fixando os olhos de Rob, e ele retribuiu-lhe o sorriso com uma expressão de triunfo.

– Não te disse que nos íamos divertir? – disse ele.



Matt voltou para o quarto.

– Ele está a caminho. Uma vergonha, nunca se devia ter ido embora. Diz que nos

acompanha ao hospital...

– Que amável – disse Sarah.

– De maneira nenhuma, é a obrigação dele.

Sarah não quis dizer que, em sessenta anos como doente e mãe de doentes, nunca tinha visto um médico aceder a uma segunda visita ao domicílio na mesma noite e acompanhar em seguida um doente ao hospital. – Hum... Matt, acho que talvez seja melhor ligarmos à Eliza, não achas?

– Porquê? – perguntou ele e a sua expressão estava de tal modo repleta de repulsa pela ideia que Sarah ficou chocada. – Ela não pode cá chegar; está a oitocentos quilómetros daqui, caramba!

– Sim, mas... se a Emmie estiver seriamente doente...

– A Emmie está seriamente doente. Isso não se põe em dúvida. E a mãe devia estar aqui. Mas não está, porra, e ligar-lhe não ajuda em nada. Portanto...

Tocaram à campainha; era o médico.

Ele entrou, olhou para Emmie, declarou que não a achava pior, possivelmente um pouco melhor até, mas que mesmo assim a deviam levar ao hospital.

– Não convém correr riscos.

– Claro que não vamos correr riscos, que diabo – disse Matt. – Eu levo-a, o senhor doutor conduz. Vocês as duas – virou-se para Sarah e Jennifer – podem acompanhar-nos se quiserem.

Ambas disseram que iriam.

Matt baixou-se e pegou em Emmie, meio adormecida, envolvendo-a nos cobertores; o gesto era tão terno e carinhoso que Sarah sentiu as lágrimas aflorar-lhe aos olhos. Que poço de contradições que ele era, o marido de Eliza; subitamente e pela primeira vez, compreendeu as dificuldades que Eliza devia enfrentar ao viver com ele, o seu mau feitio, a sua brusquidão, a sua rudeza até, o seu perfeccionismo e a sua adoração pela preciosa filha única.

Desceram lentamente as escadas; Emmie estava mais serena, mas, de súbito e inesperadamente, despertou e, franzindo a testa, disse: – Mãe, quero a mãe.

– A mãe não está aqui, meu anjo – disse Sarah ternamente, afastando-lhe o cabelo para trás –, está fora, não te lembras? Amanhã já chega a casa.

– Quero a mãe, quero ver a mãe, quero falar com a mãe, por favor, por favor...

Estava a ficar muito agitada, respirando ainda mais aceleradamente; Sarah olhou para Matt.

– Podemos ligar à Eliza – aventou. – Se a Emmie está a ficar tão aflita, talvez se acalme falando com ela.

– Não vejo porquê – respondeu Matt secamente, mas o médico virou-se e disse:

– Parece-me boa ideia, a criança está muito agitada e isso só agrava a situação. E do

hospital não podemos ligar para Mrs. Shaw. Mais cinco minutos não fazem diferença.

– Está bem – disse Matt. Afundou-se na cadeira do vestíbulo, apertando Emmie contra o peito. – Vamos ligar à mãe, meu amor, podes falar com ela ao telefone. Queres?

Emmie acenou letargicamente com a cabeça; ele marcou o número; todos se sentaram a observá-lo; ouviram o telefone a ser atendido do outro lado.

– Hotel Crathie.

– Queria falar com Mrs. Shaw, por favor – disse ele. – Quarto... qual é o quarto dela?

– Vinte e um – disse Sarah. – Quarto vinte e um.

– Quarto vinte e um, por favor – disse Matt para o telefone.



– Preciso de urinar – disse Eliza, emergindo de um sono pós-coito, profundo e doce –, e tu devias voltar para o teu quarto, não, Rob? Rob, acorda...

– Sim, sim, já vou, vai lá urinar...

Vagamente embaraçada, o que, Eliza refletiu, era absurdo dado o seu comportamento uma hora atrás, fechou a pesada porta da casa de banho.

Não ouviu, por conseguinte, o telefone a tocar; se tivesse ouvido, teria dito a Rob que não fizesse o que ele instintivamente fez, sonolento como ainda estava, que não atendesse, que não o encostasse meio zozzo ao ouvido e que não dissesse, quando interrogado sobre quem era, «oh, merda» e depois «oh, foda-se» numa voz francamente ressonante.

¹ Pinky e Perky eram dois porquinhos de uma série televisiva infantil criada em 1957. (N. da T.)

TERCEIRA PARTE

Divórcio

1971

Tinha chegado num dia em que ela estava em casa. Num dia de folga. Naturalmente, caso contrário, não poderia ter-se consumado.

Um belo dia do princípio do verão. Iam passar o fim de semana a Summercourt. Emmie tinha ido lanchar a casa de uma amiga.

Ela preparara sopa para o jantar; tinha tratado da roupa; tinha arrumado o armário de brinquedos de Emmie.

Não se lhe podia apontar nada. Hoje não, pelo menos.

Bateram à porta. Devia ser do Harrods.

Não era.

– Mrs. Shaw? Mrs. Elizabeth Shaw?

– Sim. Sou eu.

– Tenho aqui uns documentos para lhe entregar.

– Documentos?

– Sim. Por favor, dê uma vista de olhos e depois assine a confirmação de receção no local indicado.

– Que tipo de documentos?

– Tem de ser a senhora a ver.

Ela pegou no pacote que o homem lhe estendia. Um grosso envelope branco.

Abriu-o e retirou um maço de folhas. Olhou para a folha de cima impecavelmente datilografada em papel muito branco.

Não assimilou as palavras. Não completamente. Devia ser engano. Olhou para o homem, perplexa; ele tinha virado costas e estava a estudar a rua.

Olhou mais uma vez. As palavras não tinham mudado.

Ação de Divórcio.

Divórcio? Ação? Não. Não podia ser.

«No âmbito da Ação de Divórcio intentada por Matthew Peter Shaw», dizia e, na linha de baixo, «contra Elizabeth Sarah Shaw.»

Era impossível que ele tivesse mandado isto. Não podia ter mandado. O que quer que acontecesse. Sem... sem...

Olhou novamente.

Ação de Divórcio, dizia, apresentada por Morris & Foster, advogados do requerente. De súbito, sentiu-se zozza, recuou para dentro de casa, afundou-se na cadeira do vestíbulo.

O homem apercebeu-se de que ela entrara e, avançando, enfiou o pé na porta.

Ela levantou os olhos para ele.

– Por favor, leia todas as páginas – disse ele – e depois, como eu disse, assine a

confirmação de receção.

– Como?

– Por favor, leia os documentos.

A segunda página era pior.

Esta ação é intentada por (dizia) Matthew Peter Shaw (o Requerente). A outra parte no matrimónio é Elizabeth Sarah Shaw (a Demandada).

E continuava. Quatro páginas de interminável e repetitiva linguagem jurídica. Terminando com algo intitulado a Moção. Que «o referido matrimónio seja dissolvido».

E então, por baixo, o indizível. Obsceno. Aterrador.

Que a custódia da filha do casal seja atribuída.

Custódia? CUSTÓDIA!

Eliza fechou os olhos. Voltou a abri-los. Alguém estava a gritar, a gritar o nome de Emmie e a chorar ao mesmo tempo.

Era ela.



O pior de tudo era o medo. O medo de avançar, de avançar a partir do presente, onde o território pelo menos era familiar, a infelicidade reconhecível, para um futuro onde nada era sequer imaginável. Ele agarrara-se ao que tinha, ao que conhecia, tola e desesperadamente, durante muito tempo; mas acabara por sentir que não havia aí nada para ele, não havia mais nada que pudesse retirar daí.

Acordava às duas da manhã, transpirado, incapaz de dormir, sem mais nada senão as intermináveis perguntas, horríveis e repetitivas, na cabeça: que tinha acontecido, como tinha começado, podia ter sido evitado? Sabendo, muito embora, que não. Nem agora, nem nunca. O seu casamento estava acabado e, em muitas dessas manhãs, chorava, lágrimas avassaladoras, ao esforçar-se mais uma vez por enfrentar a realidade.

Sentia que Eliza não só o traíra sexualmente e o vexara profissionalmente, mas zombara dele, rebaixara-o e ignorara as suas convicções mais fundamentais. Era demasiado tarde, demasiado tarde mesmo, para qualquer tipo de reconciliação; encontrava-se numa terra completamente diferente, um lugar estranho, hostil, solitário, onde a felicidade finalmente se extinguiu e o amor era uma recordação quase irrisória.

Teria dado tudo o que tinha para ter escapado a essa terra, para voltar para onde sabia quem era e o que fazia, onde se sentia forte e confiante e generoso, e não fraco, amedrontado e azedo. Mas não havia retorno. E de todas as coisas de que Eliza o privara, a mais importante era o sentido de si próprio. Não só perdera Eliza mas a pessoa que julgara ser.

Apenas lhe restava Emmie, a quem amava mais do que tudo, e agora tinha de canalizar todas as suas energias para ficar com Emmie, seguramente entregue aos seus

cuidados.

Retirava conforto desse pensamento: e também vingança. A maior vingança que era capaz de imaginar.



– Diria que quase de certeza obtém o divórcio com base no adultério. Mas se fica com a custódia da criança é outra questão. Devo informá-lo desde já, Mr. Shaw, que será uma batalha encarniçada e muito desagradável, uma batalha que não estou minimamente seguro de que ganhe.

Ivor Lewis olhou para Matt do outro lado da sua larga secretária; era um homem corpulento, com um metro e oitenta e cinco, cem quilos de agressividade, de uma educação de grammar school e de uma das chamadas «redbrick universities»¹, dispendioso e reconhecidamente imbatível nos tribunais de família. Por esta razão, Matt ficou abalado com a sua última afirmação. Presumira que Lewis lhe diria que aquilo que pretendia não representava qualquer dificuldade.

– Por que razão diz isso? – perguntou.

– Porque a sua filha tem cinco anos; qualquer juiz teria uma simpatia natural só com base nisso, uma sensibilidade especial para a grande empatia natural entre uma mãe e uma filha pequena. Quem irá cuidar dela? Está a propor deixar o seu trabalho?

– Não, claro que não – retorquiu Matt.

– Pois é, isso a meu ver implica amas. Um pai ausente.

– Neste momento é uma ama que toma conta dela. Contra os meus desejos.

– Nesse caso, como justifica essa mudança súbita de opinião? Por que razão os cuidados de uma ama se tornam agora aceitáveis? A ama trabalha a tempo inteiro?

– Bem... não. Dois dias por semana.

– Mr. Shaw, infelizmente a situação não é sequer comparável, na perspetiva de um juiz. É evidente que o senhor teria de deixá-la entregue aos cuidados de alguém cinco dias por semana. O seu dia de trabalho é normal, das nove às cinco?

– Não – disse Matt, irritado com a aparente falta de compreensão de Lewis do mundo profissional. – Claro que não. Dirijo uma grande empresa. Trabalho a todas as horas do dia...

– Certo. Está preparado para trabalhar das nove às cinco de futuro?

– De maneira nenhuma. Seria impossível.

– Nesse caso, não me parece que tenha grandes hipóteses de ultrapassar o primeiro obstáculo.

– Ouça – disse Matt –, quer-me parecer que não está a compreender um aspeto importante. A minha mulher não é uma mãe adequada para a criança. Tem uma série de comportamentos que me desagradam profundamente. Se não me pode ajudar, arranjo

alguém que possa. Porque, acredite, tenho de conseguir que a Emmie me seja entregue a mim.

– Ou subtraída à sua mulher? – Lewis encarou Matt. – Está a agir com o interesse da criança em mente ou contra a sua mulher? Por outras palavras, a sua ambição é prioritariamente motivada por um desejo de vingança? Porque, acredite, a criança vai sofrer se as coisas ficarem feias. E vão ficar. Ela tem idade suficiente para compreender o que os pais estão a fazer um ao outro. E a ela. Pode até ser interrogada pelo próprio juiz, já não seria a primeira vez.

– Interrogada?

– Sim. «Com quem preferes viver, com a mãe ou com o pai?» Não publicamente. Ele levá-la-ia para uma sala privada. Mas far-lhe-ia uma série de perguntas. Perguntas muito difíceis para uma menina tão nova.

– Eu não permitia.

– Teria de permitir. Está realmente preparado para sujeitar a sua filha a isso?

Matt fixou Ivor Lewis e este retribuiu o olhar. Matt disse então: – Estou a ver que não tenho alternativa.

– Pois bem. – Ivor Lewis puxou para si uma folha de papel e pegou no lápis mais afiado que Matt alguma vez tinha visto. Sorriu subitamente a Matt, um sorriso conspiração. – Muito bem. Apesar do que acabo de dizer, é também um facto que a sua mulher entra nesta contenda numa posição de desvantagem por ter cometido adultério. Vejamos o que podemos fazer. Em que se fundamenta exatamente para afirmar que ela não tem condições para ser uma boa mãe?



Sarah estava no jardim quando recebeu o telefonema de Eliza. Estava um dia de junho infinitamente maravilhoso, um dia numa longa sucessão de dias dourados, amenos e serenos, repletos de gorjeios de pássaros, desde o nascer ao pôr do sol; um dia doce e tranquilo que destoava seriamente da maneira como se sentia. Estava a contar com Eliza e Emmie para jantar; e, apesar dos seus melhores esforços, acometia-a uma espécie de hostilidade para com a filha.

A cena a que fora obrigada a assistir naquela noite, algumas semanas antes, fora horrível; ver a angústia de Matt, o seu rosto pálido, em choque, corando com a fúria, ouvir a sua voz a estalar de dor e raiva ao dizer: «Diga à Eliza que venha imediatamente para aqui, com mil raios, a Emmie está doente, se é que ela se importa»; ver o médico e a pobre Jennifer embaraçados, seguindo Matt para fora de casa, ela própria a tremer, conduzindo atrás dele para o hospital; sentar-se à espera, aterrada, enquanto ele e o médico desapareciam no interior da unidade de Urgências; e ver depois Matt novamente a sair sem Emmie, ouvi-lo dizer secamente: «Vão mantê-la aqui, mas é só uma

precaução. Eu fico, pode ir para casa.»

O seu coração apertara-se de compaixão por ele.

Matt, que não demonstrara senão generosidade e bondade para com ela, fora ferido, a um ponto inimaginável, pela sua própria filha e, a não ser que tivesse cometido algum delito grave de que Eliza nunca lhe falara, ele não merecia este tratamento.

Quando Matt virou costas e se afastou dela, Sarah pensou que nunca em toda a sua vida vira alguém tão alquebrado.



– Mãe! Mãe, aconteceu uma coisa... uma coisa horrível... – A voz de Eliza saía entaramelada com os soluços. – Não... não posso ir. Não posso ir hoje. Oh, meu Deus, não sabes, não sabes...

– Não sei o quê, Eliza? – Sarah tentou manter um tom neutro, não demasiado brusco.

– O Matt... o Matt... oh, meu Deus...

– Que estás a dizer, Eliza? Acalma-te, querida, não estás a dizer coisa com coisa.

– Ele... mandou entregar aqui uma ação de divórcio. E não é só isso. Quer... quer a custódia da Emmie. Quer tirar-ma. Que hei de fazer, mãe, diz-me, tens de me ajudar, que é que hei de fazer?



– Oh, Miss Mullen, é muito triste. – Os enormes olhos azuis de Jenny estavam a transbordar de lágrimas.

– O quê, Jenny?

– Mr. Shaw vai divorciar-se de Mrs. Shaw.

Nada podia ter preparado Louise para o que então sentiu. Ou antes, para as emoções confusas e contraditórias que experimentou. Isso era só por si um choque: mais do que a notícia.

– O quê? Como é que sabes, Jenny?

– Bom, tive de ligar para lá para falar com a nova secretária sobre aqueles ficheiros que me pediu e ela disse que não sabia se devia facultá-los; eu disse que eram ficheiros pessoais seus e ela disse que tinha de perguntar e depois uma estagiária – carregou a palavra de desdém – ligou-me a dizer que os tinha e foi muito simpática, e eu perguntei-lhe como se estava a dar e comecei a falar-lhe dos velhos tempos e de como nos divertíamos; depois ela disse que não sabia se havia de me dizer, mas que Mr. Shaw se ia divorciar. Disse que ele andava constantemente de mau humor e eu disse que isso não era novidade...

– Jenny! Vá, continua.

– E, pelos vistos, está a tentar ficar com a menina.

– O quê? Com a Emmie? Como é possível? Os homens nunca conseguem a custódia. E... e... – Calou-se.

– Não sei, Miss Mullen. É terrível, não é?

– Sem dúvida, Jenny. Absolutamente terrível. Pobre Eliza. E já agora... pobre Matt. Valha-me Deus. Arranja-me um café, por favor. Bem forte.

– Sim, com certeza, Miss Mullen. E uma bolacha? Comprei umas muito boas de creme com uma espécie de massa folhada...

– Não, Jenny, não quero bolachas, obrigada.

– Calculo que a nova secretária não compra bolachas saborosas para Mr. Shaw – disse Jenny.

– Possivelmente não – respondeu Louise. Dirigiu-se ao seu gabinete e sentou-se a olhar pela janela. Sentia-se, mais do que qualquer outra coisa, profundamente perturbada: apesar da confusão totalmente inexplicável, uma confusão que repetida e resolutamente reprimia, recusando-se a imaginar sequer as suas origens. Matt adorava Eliza, ela era o centro da sua vida, que diabo podia ter corrido mal? E, no fundo, ele era um homem bom, um homem que tinha uma paixão ardente pela família. Eliza devia ter feito alguma coisa de horrível para ele enveredar por este caminho; talvez aquele artigo... mas não. Não era justificação suficiente para um divórcio. Ele devia estar num estado extremo de raiva se estava realmente a considerar lutar pela custódia de Emmie.

Louise passou grande parte do dia num dilema, se havia ou não de lhe telefonar, e por fim decidiu fazê-lo. O pior que ele podia fazer era desligar-lhe o telefone na cara.

Era uma situação verdadeiramente chocante. E desesperadamente triste. E ela própria sentia-se bastante confusa com ela.



Eliza estava a tentar acalmar-se, pensar com lucidez, traçar mesmo um plano; mas estava a ter imensas dificuldades. O pânico consumia-a permanentemente. Sentia-se isolada, sozinha num ambiente estranho e hostil. Até a mãe parecia não estar de alma e coração ao seu lado, dizendo-lhe que não a surpreendia o divórcio, embora a questão de Emmie constituísse um choque, e chamando-lhe a atenção para o facto de ela não se ter portado exemplarmente.

– Só Deus sabe o que te passou pela cabeça, Eliza, para fazeres o que fizeste na Escócia, e não me venhas com explicações que não quero ouvir...

– Eu também não sei, mãe. Custa-me... custa-me a crer que tenha feito o que fiz.

No dia terrível em que a documentação do divórcio chegara, ficara em casa a tentar recuperar, à espera de que Matt chegasse do trabalho; ligou para a mãe com cuja filha Emmie estava a lanchar e pediu-lhe que ficasse com ela até ao dia seguinte de manhã. – Lamento muito, mas estou com uma enxaqueca horrível e o meu marido está para fora,

seria uma ajuda enorme...

Passou a noite a tentar fazer coisas normais: ler, comer, ver televisão, mas não servia de nada, invadia-a um medo avassalador e paralisante e percorria a casa em desespero, escadas acima e abaixo, parando à janela, atenta à chegada do carro de Matt. Mais tarde, perguntou a si mesma como estava tão segura de que ele voltaria para casa.

Ele chegou finalmente depois da meia-noite; ela estava sentada nas escadas à espera dele. Estava a tremer, com a boca seca; a única emoção que experimentava era o medo: não dele mas do que ele lhe estava a fazer.

Ele olhou para ela e acenou levemente com a cabeça.

– Olá. Pensei que estavas na cama. Ou que tinhas saído, claro.

– Matt... Matt, por favor. Temos de falar. De discutir isto.

– Não me parece que haja nada a discutir – disse ele. – É tarde de mais para conversas.

– Matt, há semanas que ando a tentar conversar contigo.

– Não tinha reparado. Seja como for, a ação diz tudo. Quero o divórcio. Só posso imaginar que também o queiras. E também quero a Emmie. Não sei muito bem o que pensas sobre isso.

– Que é que te parece que penso? Não sejas ridículo. E deixa-me que te diga, não vais ficar com ela.

– Não? O teu comportamento parece indicar que ficas perfeitamente contente por não a teres mais ao teu cuidado. Que ela se tornou num fardo para ti.

– És um estupor – disse ela, levantando-se. – Como te atreves, como te atreves a falar-me dessa... dessa maneira horrível?

Ele encolheu os ombros. – Parece-me ser a verdade. Por favor, deixa-me passar, quero ir para o meu quarto. A propósito, onde é que ela está agora, não quero que acorde e fique transtornada.

– Não queres... não queres... – sentiu a raiva crescer dentro de si; ofuscante, brilhante, como uma enxaqueca –, não queres que ela fique transtornada. Fazes-lhe uma coisa destas. Arrasta-la pelos tribunais. Dizes-lhe que vai ter de viver com um de nós...

– Oh – disse ele –, vai ser comigo que ela vai viver, podes ter a certeza disso.

Eliza avançou, levantou a mão para lhe bater. Para lhe bater naquele rosto frio, complacentemente hostil. Voltou a baixá-la. Não devia ceder à violência. Não devia. Era perigoso.

– Gostava de saber – disse ela, debatendo-se para manter a voz baixa e calma –, gostava de saber porque é que estás tão certo disso.

– Não leste o articulado?

– Claro que li.

– Pronto, está lá tudo. Mas deixa-me que te lembre a que ponto a negligencias e vais

trabalhar contra a minha vontade. E a deixas... durante a noite, atenção... a cargo de estranhos numa cidade estrangeira, enquanto fazes a tua vida social, dando-me a entender que ela está contigo o tempo todo. E permites que ela esteja com pessoas que eu desaprovo. E me rebaixas publicamente... e, por associação, aos olhos dela. E depois, claro, há a pequena questão dos teus princípios morais, do teu adultério...

– És doido – disse ela, tentando dominar o medo. – Como se isso fizesse de mim um má mãe.

– Discordo – disse ele –, e o meu advogado também discorda. Adiante, havemos de ver o que o juiz pensa disso.

– Um juiz, qualquer juiz, percebe que é um chorrilho de mentiras...

– Como disse, havemos de ver. E agora, onde é que ela está?

– Com uma amiga. Passa lá noite.

– Queres explicar porquê? Para poderes sair com os teus amigos, os teus amantes?

– Não, filho da mãe. Pela mesma razão com que estavas preocupado, para ela não ter de assistir a isto... a esta vergonha abominável.

– Tu é que fazes disto uma vergonha, Eliza. Eu estou muito calmo. E... que amiga, eu conheço a família?

– Conheces, claro que conheces. São os Miller. Está a três ruas daqui.

– Em Milão, disseste-me que ela estava com «amigos». Mas não foi bem assim, pois não? Estava com os criados dos teus amigos. Pessoas que nenhum de nós conhecia.

De súbito, Eliza sentiu uma violenta náusea; por ver como tudo doravante... e mesmo no passado... podia ser mal interpretado, distorcido. As suas pernas estavam trémulas; voltou a sentar-se.

– Matt... Matt, por favor, não podemos...

– Não – disse ele –, não podemos nada. «Nós» já não existimos. Tu mataste-nos, Eliza. Preferia não te voltar a ver, mas... – encolheu os ombros –, tenho de pensar na Emmie. Por isso, para já...

– Odeio-te – disse ela. – Odeio-te com todas as minhas forças. Não compreendo como és capaz de fazer uma coisa destas.

– Talvez queiras perguntar a ti própria como fizeste o que me fizeste – disse ele, muito calmamente. Ela olhou para ele, viu o sofrimento na sua expressão e, apesar de tudo, experimentou uma ponta de intenso remorso.

– Matt, não podemos... quero dizer... eu não...

– Não – disse ele –, já te disse, não podemos nada. Exceto seguir caminhos separados o mais rapidamente possível.

Ela ficou calada e depois perguntou: – Vais sair de casa?

– Não – disse ele –, para já não.

– Então, tenho de sair eu? Da minha própria casa?

– Da minha casa. Não, claro que não. Não sou cruel a esse ponto. Podes ficar.

– Matt, por favor – disse ela, fixando-o, ouvindo o horror na sua voz. – És louco. Não podemos... não podemos viver aqui juntos. Se tencionas mesmo ir avante com isto.

– Claro que tenciono.

– Então que queres que eu faça?

Ele olhou para ela e a expressão no seu olhar era de absoluto desdém.

– Para ser franco, é-me indiferente o que faças – respondeu.

– Muito bem. Vou para Summercourt. De manhã.

– Como queiras. Vais levar a Emmie?

– Que é que achas? Claro que a vou levar, estupor.

– A minha dúvida é compreensível. É muito possível que tenhas o hábito de a abandonar. Para estares com os teus... hum... amigos.

– Cala-te! – Estava agora a gritar. – Cala-te, cala-te.

– Voltas no domingo à noite?

– Naturalmente. Ela tem aulas na segunda.

– Se bem te lembras, não seria a primeira vez que propunhas que ela faltasse às aulas.

Para ires para Milão. Para... para te distraíres, se bem me recordo.

– Matt – disse ela, a raiva dando lugar à dor –, sabes muito bem porque é que eu quis ir a Milão.

– Lembra-me. Para fazeres compras? Ires à ópera? Para te encontrares com outro amante do passado?

– Não – disse ela, em voz muito baixa, começando a chorar –, foi por causa do nosso filho, sabes bem, sabes perfeitamente, andava deprimida e...

– E eu não, claro. Eu andava no sétimo céu. Ou assim preferiste acreditar.

– Não suporto isto – disse ela. – Não aguento mais. Vou-me deitar.

– Se fores para Summercourt – disse ele –, a Emmie que me ligue no domingo, por favor.

– O quê?

– Quero falar com ela. Para ter a certeza de que está bem. Feliz. E contigo. Que não foi deixada com... como é que tu e a tua mãe lhes chamam? Ah, pois, os aldeãos. Hábitos feudais.

Desta vez, foi de mais para ela. Sentiu a bÍlis subir-lhe à garganta e chegou à sanita na hora H.

Quando voltou a aparecer, abalada e manchada de lágrimas, já ele se retirara para o quarto.



– Precisas de um advogado – disse Charles, quando ela lhe ligou –, dos bons. Vou

investigar.

– Obrigada. Oh, Charles, estou tão assustada, tão, tão assustada.

– Tenta acalmar-te. Ele vai ter grandes problemas para te tirar a Emmie. Nenhum juiz há de decidir contra ti. És uma mãe exemplar.

– Pois.

– E és. Renunciaste à tua carreira para olhar para ela. Para satisfazer a vontade expressa do Matt.

– Até agora.

– O quê, dois dias por semana? Quando a deixas entregue a uma ama excelente?

– E escapei para a Escócia e cometi adultério com um colega de trabalho. Não me parece.

– Bem – disse ele após uma longa pausa –, vamos ver o que um advogado tem a dizer sobre isso.

Foi um fim de semana desconfortável; Summercourt não operou a sua habitual magia. Eliza deu voltas pela casa e pelo jardim, tentando dominar o pânico, com uma terrível sensação de premonição, procurando dizer a si mesma que não podia acontecer, que não podia perder Emmie, que nenhum juiz decidiria contra ela. Repetindo a si mesma estas palavras e esforçando-se por acreditar nelas.



Mariella conseguira finalmente. Após anos de dura labuta.

Estava à cabeça de uma das listas das mulheres mais bem vestidas. Na Women's Wear Daily, a bíblia da indústria da moda. Provavelmente a lista mais importante. E, como tal, saía também em todos os jornais, no New York Times, no Daily News e até no Times de Londres.

Recebeu felicitações dos amigos e felicitações benévolas, mas modestas, da imprensa; «Não é nada», dizia ela, «não passou de um momento de sorte.»

Sabia, naturalmente, que não fora nada disso; um enorme investimento financeiro, uma dedicação absoluta à sua causa, uma presença meticulosa nas inaugurações, nas estreias, nos jantares de caridade, nas festas semiprivadas. Sempre magra, sempre resplandecente, o cabelo e a maquilhagem perfeitos, vestida com engenho e panache, além de um gosto impecável, sempre encantadora, sempre sorridente, uma estrela cintilante: a mais brilhante, por mais breves que fossem os momentos, no firmamento a que dirigira as suas aspirações.

Giovanni teve uma reação menos discreta, telefonando a meio mundo, dando uma festa de improviso na villa, apregoando as virtudes dela, exibindo-a.

A revista americana, US Flair, ia organizar uma festa em apoio de uma das suas instituições de beneficência favoritas para celebrar o seu triunfo: em Nova Iorque, no

Metropolitan Museum, uma casa que acolhia há muito tais celebrações.

O jet set de Nova Iorque ia estar presente, claro: a imprensa da moda, os estilistas, os fotógrafos; mas também haviam sido convidados amigos, de Milão, Paris, Nova Iorque... e Londres. Entre os quais... naturalmente... se contavam Eliza Shaw e Jeremy Northcott.



– Mariella, minha querida, parabéns!

– Eliza, cara, obrigada. Não estou um bocadinho contente.

– Ah, queres dizer que estás um bocadão contente! E tens razões para isso.

– Obrigada, querida. Ouve, tens absolutamente de vir à festa. Não aceito recusas.

– Tenho muita pena mas vais ter de aceitar, Mariella...

– Ora, cara, não posso celebrar isto sem ti. Tu ajudaste-me a tornar-me mais famosa e eu insisto para que venhas. Podes trazer o Matt, claro, não conto que venhas sem ele, que o deixes a ver pavios...

– Navios, Mariella, navios.

– Pois, tanto faz.

– Adiante – disse Eliza –, lamento muito mas ele também não vai. E tenho de te dizer uma coisa; tenho andado a adiar porque não suporto falar disso, nem aos meus amigos, mas ele... pediu o divórcio. Acontece que... enfim, tive uma ligação extraconjugal, Mariella. Enfim, nem sequer chegou a isso, não passou de... de...

– De uma queca de uma noite – disse Mariella, com uma gargalhada. – Fizeste tu muito bem, cara. Era o que ele merecia.

– Pois – disse Eliza, pensando que a imprecisão da expressão acabava por ser feliz –, mas ele não pensa assim. E fiz uma série de outras coisas repreensíveis.

– Custa-me a crer...

– Podes crer. Coisas repreensíveis, de que me envergonho. Seja como for, ele pediu o divórcio e... e... oh, Mariella... – De súbito, a sua voz foi embargada pelo medo e pelas lágrimas. – Ele está a tentar... a tentar ficar com a Emmie.

– O quê? É doido. Como é que pode ficar com ela, como é que consegue convencer seja quem for de que tem razão?

– Bem... está a fazer tudo por isso. E, por sinal, tenho de te pedir uma coisa, Mariella, é um favor enorme, aceitas ser uma das minhas testemunhas?



– Terá de apresentar testemunhas – disse Philip Gordon, sorrindo-lhe afavelmente. – É essencial.

– Testemunhas? – disse Eliza. – Testemunhas para quê?

– Para atestarem as suas competências como mãe. Várias, aliás, que possam falar em

seu abono, contradizer tudo o que o seu marido apresentar como prova em contrário. Mrs. Shaw... faça favor...

Empurrou uma grande caixa de lenços de papel na direção dela. Tinha sempre uma, preparada para a primeira reunião com uma cliente.

Eliza assoou o nariz, limpou os olhos e esboçou um sorriso amarelo. Simpatizava com ele. Muito.

Fora-lhe recomendado por um amigo de Charles: «Tem um ar muito meigo e brando, mas não te deixes enganar. É duro como aço e obtém... geralmente... excelentes resultados.»

Philip Gordon era sócio de uma reputada firma de advogados, numa transversal de Chancery Lane. Tinha cabelo grisalho, olhos azuis, era magro e estava elegantemente vestido, com um fato cinzento-escuro, uma camisa azul a condizer com os olhos e a gravata às riscas vermelhas, azul-marinhas e castanhas de um antigo aluno da Universidade de Winchester.

– Gostamos de estar em cima da ação – disse ele a Eliza, pegando-lhe no casaco.

– Como disse?

– O Tribunal de Justiça. Fica além. – Apontou para a janela.

– Ah, compreendo. Tem um ar muito imponente daqui. – Sentiu-se bastante alarmada.

– Este... este processo vai ser julgado lá?

– Sem dúvida. Toma café? Ou chá?

– Café, por favor.

– Excelente. Agrada-me um cliente que tome café da parte da tarde e não apenas a meio da manhã. É precisamente a minha preferência.

Eliza achou-o um homem extremamente encantador; de repente, sentiu-se um pouco melhor.

– Muito bem – disse ele, quando o café chegou. – Ora vejamos. Li a declaração juramentada do seu marido, claro, e devo dizer que é extremamente agressiva. Não está com meias medidas. Estas alegações de que a senhora não é uma boa mãe; estou certo de que as desmonta facilmente e já vamos analisá-las uma a uma daqui a nada, mas o meu primeiro instinto nesta matéria é que algumas delas não têm qualquer consistência. O facto de a senhora trabalhar... hoje em dia é perfeitamente normal, a meu ver. Mas a outra coisa que gostaria de propor hoje, unicamente para discussão, claro, é que consideremos a possibilidade de não contestar a ação de divórcio e que concentremos todas as nossas energias na questão da custódia. Acha que consegue contestar a acusação de adultério? Ou que a quer contestar?

– Bem... não – respondeu Eliza, revivendo mais uma vez o horror desse momento, de um Rob nu e trémulo a passar-lhe o telefone sobre a cama e a dizer-lhe que era o marido. – Mas... isso não me torna imediatamente culpada?

– Torna, na medida que estaria a admitir que cometeu adultério, mas não das outras acusações, a alegação dele de que não tem aptidão para ser mãe. Acha que a... a outra parte concordaria com esse procedimento?

– Teria de lhe perguntar, mas... penso que sim – disse ela, refletindo sobre a reação de Rob quando lhe ligou a dizer o que Matt fizera.

«Grandessíssimo idiota», disse ele. «Eliza, podes contar comigo, faço tudo o que quiseses.»

– Ótimo. Não há então qualquer... complicação emocional?

– Hum... isto é... não – disse ela, corando. Uma das piores coisas era a maneira como se vira obrigada a encarar-se a si própria: como uma vadia, uma rapariga fácil, que dormia com homens que mal conhecia. Sentia-se profunda e terrivelmente envergonhada... talvez Matt tivesse razão... não merecia a custódia de Emmie.

– Ótimo. Nesse caso, contestamos unicamente a questão da custódia. Acho que há mais hipóteses de sermos bem-sucedidos assim. Os juízes cansam-se de ouvir os casais a esganarem-se um ao outro, passe a expressão, fazendo o tribunal perder tempo.

– Resolver-se-ia a questão mais depressa? – perguntou Eliza.

– É possível. Sim.

– Porque é horrível, o que está a acontecer agora, viver com ele na mesma casa, fingir diante da Emmie... da minha filha... é um autêntico horror, não imagina. Não sei porque é que ele está a fazer isto, quando é evidente que me odeia. Porque é que não se muda para um apartamento ou coisa que o valha?



– Gostava de sair de casa – disse Matt a Ivor Lewis.

– Porquê?

– Porque é um perfeito suplício, viver na mesma casa, fingir diante da minha filha...

– É uma situação muito desagradável, Mr. Shaw. Ouça, está a lutar pela custódia dessa criança porque diz que a sua mulher não tem condições para ser mãe. Se sair de casa, que ideia acha que isso transmite?

– Não... não sei.

– Pense. Implica que não se importa nada de deixar a criança com ela, entregue aos cuidados dela. Não funciona a seu favor quando chegarmos a tribunal. Presumivelmente está apreensivo, com receio de que ela a negligencie ainda mais, que a deixe com pessoas pouco recomendáveis, que continue a ignorar os seus desejos como pai...

– Sim, claro que estou.

– Então, não deve abandonar a sua casa. Ouça... receia que a criança corra algum perigo físico? A sua mulher alguma vez lhe bateu, que o senhor saiba? Porque se bateu...

– Não – retorquiu Matt, bruscamente –, não, tenho a certeza absoluta de que não.

Ela... enfim, nunca faria uma coisa dessas. Está fora de questão.

– Não quer... confirmar isso?

Matt olhou para ele, confuso.

– Como, por amor de Deus?

– Perguntando à sua filha.

– De maneira nenhuma. Seria horrível sugerir tal coisa. Ia assustá-la.

– Se tivesse de facto havido violência, não. As crianças costumam calar-se sobre essas coisas, sabe, sentem vergonha, como se a culpa fosse delas. E, claro, podem ser castigadas se fizerem queixa da mãe ou do pai.

– Não – disse Matt. – A Eliza nunca faria isso. E, se tivesse feito, a Emmie tinha-me dito. É uma menina bastante... bastante manipuladora. À maneira dela.

– Muito bem. Seja como for, aconselho-o a não sair de casa. Aguarde, Mr. Shaw. Correndo tudo bem, não há de ser por muito tempo. A sua mulher sugeriu sair de casa?

– Não. Não, não sugeriu. Além de tudo o mais, ela não tem dinheiro, não podia pagar um apartamento, nem nada disso.

– Pensei que era coproprietária do seu casarão no campo.

– É um pormenor legal. Fui eu que a paguei. Para salvar o diabo da família dela da penúria. Ou do que passa por penúria para aquela gente. A mãe teve de pôr fim a um fideicomisso de família para me permitir fazer isso. É boa mulher, damo-nos muito bem. Para começar, não aprova que a filha trabalhe.

– Gostava de dar uma vista de olhos ao contrato – disse Ivor Lewis. – Se não se importa. E... acha que seria possível convencer a sua sogra a depor em sua defesa? Isso seria um ponto muito forte em seu favor.

– Oh... não, acho que não – disse Matt. – O sangue fala mais alto, sabe como é.

– Bem, se ela não depuser em sua defesa, vai depor em defesa da filha. Podemos contrainterrogá-la em tribunal. Nunca se sabe. Pode surgir qualquer coisa.



– Querida – disse Jeremy. – A dormir em serviço, por assim dizer. Mas que tolinha me saíste. Valha-me Deus, Eliza, que trapalhada!

– Eu sei. Lamento imenso, Jeremy, acredita.

– Não me digas isso a mim.

– Bem, aconteceu em serviço da agência, pode dizer-se. E deves estar com uma ideia terrível de mim. E eu nem sequer estava perdidamente apaixonada por ele. Ele não passa... enfim, de um amigo. Tinha melhor opinião de mim própria, podes crer.

– Por vezes, todos nós fazemos coisas que nos apanham de surpresa – disse Jeremy –, de que nunca nos julgaríamos capazes.

– No teu caso, não, Jeremy, não acredito. És um perfeito cavalheiro, sempre tão... tão

impecável...

– Esforço-me por isso – disse ele, suspirando subitamente.

– Que é que eu fiz, Jeremy? Não imaginas como é terrível saber que uma pessoa, que antes me amava de verdade e me achava maravilhosa, me despreza e me quer magoar.. não fazes ideia de como me sinto assustada, a ideia de perder a Emmie é simplesmente... enfim, não sei que faria. É a única coisa que acho que não conseguia aguentar. Pensei que a morte do Charles tinha sido o pior, mas perder a Emmie... – Rompeu em lágrimas.

– Oh, minha querida, realmente tens passado momentos cruéis e terríveis, não tens? É uma injustiça para uma pessoa adorável como tu.

– Não, não sou nada adorável – disse Eliza, fungando e limpando os olhos às costas da mão. – Sou ruim. Portei-me muito mal. Não imaginas...

– Imprudente, talvez. Mas isso não justifica o pedido de custódia.

– Depende do juiz, diz o meu advogado. Jeremy, estarias disposto a ser minha testemunha?

– Claro que sim, querida. Mas... fui eu que te aliciei a voltares a trabalhar. E fui teu amante durante muito tempo. Não sei se o teu advogado acharia muita graça a isso.

– Talvez não. Oh, meu Deus, que confusão! Que confusão nojenta, horrível. Quem me dera poder voltar um ano atrás. Muito do que se passou foi só porque eu me portei como uma fedelha impertinente e por causa da teimosia do Matt...

– É mesmo tarde de mais agora?

Ela olhou para ele e suspirou. – Se é, Jeremy. Claro que é. É completamente irreversível.



– Vá, não deves sentir medo, lembra-te que te amo.

Ela ainda não se habituara a isto. Ao puro prazer, não apenas de ouvir as palavras mas da forma como ele as dizia. Com uma imensa simplicidade e como se ele próprio se sentisse meio surpreso por dizê-las; aliás, afirmava que sentia.

– Tenho tido uma vida muito protegida, do ponto de vista romântico – disse ele, com um leve suspiro, nessa primeira noite, em que conversaram até quase de madrugada, deitados na cama dela, surpreendidos com os acontecimentos e a sua rapidez.

– Podia ter-me enganado, Mr. Frost – disse ela, espreguiçando-se voluptuosamente, o seu corpo ainda num estado de quase choque perante esta nova e gloriosamente doce experiência de descoberta.

– Enfim... é lógico que tive uma ou outra experiência. Desde... desde a Catherine.

– Que morreu? – disse ela em voz baixa.

– Sim – respondeu ele ainda mais baixinho. – Não posso negar que... enfim... que gosto

de sexo...

– Sexo? – disse ela, sorrindo-lhe.

– Sim. Mas o que acabámos de fazer não foi exatamente sexo, pois não? Foi amor, no verdadeiro sentido da palavra. Fui eu, todo eu, a dizer-te que te desejava, toda tu. Foi... foi maravilhoso – disse ele, beijando-a suavemente. – Obrigado.

– Não tens de quê. Vá lá, fala-me dessa vida protegida.

– Bem, como já deves ter percebido, sou bastante... tímido. Não sei bem porquê, é simplesmente a minha maneira de ser. É difícil descrever, é uma espécie de medo, suponho. De ser julgado e não passar no exame. A sensação de estar mais seguro sozinho. E muito cedo descobri que a melhor maneira era isolar-me. Era filho único e gostava de o ser. Temia os esforços que as pessoas faziam para me ajudar, como pensavam, para sugerir amigos, para me convidar para brincar com outras crianças, as festas eram um pesadelo... eu refugiava-me a um canto e ficava a observar e a ouvir aquelas terríveis mães a dizer: «Anda daí, Mark, anda divertir-te.»

– E na escola?

– A escola não me incomodava nada. Era agradável, tinha um papel a desempenhar, sabia o que me competia fazer e podia dedicar-me a fazê-lo. Era bastante... competente, tinha bom aproveitamento, conseguia bolsas, coisas dessas...

– Andaste num colégio interno?

– Não. O meu pai achava que eu devia andar, mas a minha mãe não permitiu, e o que a minha mãe dizia era lei.

Scarlett estava com receio de ouvir isto.

– Mas a escola que frequentei era ótima, era um lugar muito académico, havia mais alunos que queimavam as pestanas como eu, por isso, sim, safei-me bem. É por essa razão que sou capaz de proferir discursos nos lançamentos de livros e ocasiões desse tipo, é ter um papel claro a desempenhar e desempenhá-lo. Mas, se tiver de me sentar ao lado de uma mulher desconhecida ao jantar com quem tenho de conversar e ser interessante... Deus me livre. Como tal, não tive mais de duas aventuras nos últimos anos...

– Não consigo imaginar-te a ter aventuras – observou Scarlett.

– Bem, em ambos os casos foram elas que se aventuraram. Eram muito determinadas. Mais uma vez, eu estava numa situação de ter um papel a desempenhar e elas eram muito boas pessoas, muito atraentes. Não foi difícil. E desde aí... nada. Até te conhecer. Vi-te naquele primeiro dia, aqui em Trisus, muito bronzeada, lindíssima, com o cabelo revoltado, e tive um baque. Senti-me... bastante abalado. Achei-te a mulher mais desejável que alguma vez tinha visto.

– Isso é muito estranho – disse Scarlett. – Rejeitavas todas as tentativas que eu fazia para falar contigo, escapulias-te a toda a pressa...

– Eu sei, eu sei. Mas era claro que não tinha nenhum papel a desempenhar contigo. Uma mulher sofisticada e independente, cheia de sucesso... não podias querer ter nada a ver comigo. Era extremamente assustador.

– Agora quero tudo – disse Scarlett alegremente, inclinando-se e beijando-o –, tudo, absolutamente tudo.

– Realmente. E o que tens de mais encantador para mim é que fazes parte de Trisus e do que eu sinto por esta terra, desde esse momento que nunca mais consegui pensar nela sem pensar também em ti.

– Esse é o elogio mais bonito que já me foi dirigido.

– Não acredito. Já deves ter ouvido a tua dose de elogios.

– Os importantes foram muito poucos – disse ela.

Falaram sobre David; era um assunto que tinha de ser abordado mais cedo ou mais tarde e da maneira mais simples. Scarlett foi dura, não se poupou. Falou inclusivamente do aborto.

Mark escutou em silêncio, apenas a interrompendo quando ela lhe falou da chantagem.

– Extraordinário – comentou –, foi inquestionavelmente o procedimento mais correto.

Esta forma de ver a questão era uma novidade, mas agradou-lhe.

Scarlett ficou na ilha uma semana: como planeara inicialmente. Uma semana maravilhosa, cheia de sol, em que se descobriram um ao outro, espantados por terem demorado tanto tempo a chegar a este ponto. Sentiam-se impressionados e deliciados um com o outro; cada dia trazia o deleite de uma nova descoberta.

Na última noite, quando se preparava para partir, Mark disse-lhe que a amava.

E agora tinha chegado o momento de ela conhecer a mãe dele.

Scarlett Shaw, mulher de pouca instrução e cultura, ex-hospedeira de bordo, ia ser apresentada a esta espantosa mulher que escrevia poesia, que discursava em festivais e lecionava na universidade, e não apenas numa mera situação formal, como um simples conhecimento, mas como objeto da profunda afeição do filho único, como Mark dizia, num jeito de se exprimir que encantava Scarlett. A perspetiva era aterradora. Já sabia que não ia ser capaz de dizer nada, que ia cometer gafes, que ia falhar redondamente no teste e que Mark a ia abandonar...

E que havia de vestir para conhecer um tal modelo de intelectualidade? Devia apresentar-se moderna ou clássica? Vestir roupa colorida ou tentar ser discreta e apagada?

– Oh, meu Deus, meu Deus – gemeu diante do espelho do guarda-roupa, passando os olhos pelo quarto, onde espalhara uma série de combinações de peças. E pensou nas palavras de Eliza, em cuja opinião em matéria de vestuário sempre confiara: «Quando em dúvida, opta pela discrição.» E decidiu então pôr um pequeno vestido preto e um comprido colar de pérolas, com sapatos de saltos médios e muito pouca maquilhagem, e

saiu para enfrentar a fera.

Mas esta foi uma surpresa bastante agradável. Era muito parecida com Mark, com as mesmas feições acentuadas, os mesmos olhos cinzentos e o que fora claramente o mesmo cabelo escuro, agora cheio de brancas e preso num carrapito. A sua roupa, verdade seja dita, era um tanto artística, uma saia comprida, uma blusa bordada em estilo russo, abotoada até ao pescoço, e um xaile de seda franjado pelos ombros. Era pálida, com um ar bastante cansado, certamente por causa das dores permanentes, mas quando sorria o seu sorriso era deslumbrante. Vivia num espaçoso apartamento em Bloomsbury – onde mais podia ser? Até Scarlett sabia que Bloomsbury era o centro literário feminino de Londres – onde todas as paredes estavam revestidas de livros, todas as superfícies cobertas de papéis. Tinha uma dama de companhia, chamada Dorothy, que cuidava diariamente dela e parecia ser uma pessoa eficiente e paciente, cujo papel não era visivelmente tão subserviente como Scarlett imaginara, pois discutia com a patroa com frequência e mesmo com grande eloquência; mas tinha-lhe claramente afeição, como tinha a Mark. «Ela é como uma ama extremamente austera», confidenciou ele a Scarlett mais tarde.

Mark levava alguns bolinhos especiais da Fortnums para o chá que a mãe apreciava e Scarlett levava flores, um ramo excessivamente grande, apercebeu-se, que podia ter sido considerado vulgar. Mas Mrs. Frost aceitou-o afavelmente, entregando-a a Dorothy, e convidou-a a sentar-se, dizendo: – Deixe-me olhar para si.

Começou então a examinar Scarlett atentamente, durante o que pareceu uma infinidade, e por fim acenou com a cabeça, como que satisfeita, dizendo «ótimo», como se ela tivesse passado numa inspeção. E supunha que sim, que tinha passado.

– O Mark disse-me que era muito bonita: tinha razão. E que pensa dele?

– Bem, acho-o uma pessoa maravilhosa.

– Acha? Sim, não há dúvida de que é talentoso. Já leu os livros dele?

– Quase todos.

– E que opina da sua personalidade? Há muitas pessoas que o acham enfadonho.

– É muito rude dizerem tal coisa – comentou Scarlett. Ficara surpreendida com este ataque.

– Oh, minha cara, quase todos os meus amigos são rudes. Frontais, pelo menos. Eu sou. Enfim, ainda bem que ele a diverte. Também me diverte a mim. E, ao que soube, conheceram-se em Trisus. Uma bonita terra. Adoro as ilhas gregas. Sempre quis fazer o que o Mark está a fazer agora e construir uma segunda casa lá. Mas o meu marido... ele, sim, era um homem enfadonho... não compreendia esse desejo. Preferia os condados limítrofes – acrescentou num tom desdenhoso.

– Ah – disse Scarlett –, ah, compreendo.

– Mas o Mark tem sido estupendo e já me levou lá duas vezes. Este verão vou lá dar

um salto para ver essa nova casa maravilhosa que ele está a construir. Já a viu?

– Sim, e é de facto maravilhosa. Absolutamente maravilhosa.

– Ótimo. Pois bem, Miss Shaw...

– Por favor, trate-me por Scarlett.

– Muito bem, mas só se me tratar por Persephone.

– Com muito gosto. É um nome muito bonito.

– Sim, é, mas não é fácil fazer jus ao nome.

– Claro – disse Scarlett cautelosamente. Não fazia ideia de quem era Perséfone e por que razão seria difícil fazer jus ao nome.

– Não sabe, pois não? Devia saber. Era a deusa da primavera. É óbvio que não estudou mitologia.

– Mãe – disse Mark, em tom de advertência.

– Não, não estudei – disse Scarlett com firmeza. – Infelizmente, não estudei muitas coisas.

Seguiu-se um silêncio, findo o qual Mrs. Frost disse: – Mas creio que fez muitas outras coisas e isso é de respeitar. E pode-se argumentar que o mais importante é o êxito profissional. Seja em que campo for. Não sei muito bem se concordo. Seja como for... parabéns. Ela é uma pessoa estupenda, Mark – acrescentou, como se Scarlett já não estivesse na sala –, gosto dela. Ora bem, onde está essa desgraçada da Dorothy e onde está o nosso chá?

Mais tarde, estava Scarlett a recuperar com um gim tónico no pub mais próximo, quando Mark disse: – Portaste-te lindamente. Estou muito orgulhoso de ti. Estava cheio de medo que fingisses ser o que claramente não és e ela teria detestado isso.

– Mark – disse Scarlett –, eu nunca finjo ser o que não sou. Não funciona. Aprendi essa lição há muito tempo.

– E é uma das razões por que te amo – disse ele. – E agora, vamos para minha casa?

– Parece-me uma ótima ideia. Estou contente por ter ultrapassado o primeiro obstáculo.

– E com grande brilhantismo – disse ele.



Eliza, olhando para a carta, ou antes, para o final da segunda página, sentiu-se agoniada.

«Entendi que devia informá-la sobre as nossas condições... os honorários serão calculados com base no tempo dispendido por mim e pelos meus colaboradores que trabalharem neste processo... isto inclui aconselhamento, audiências, trabalho administrativo, correspondência, telefonemas e deslocações... os meus honorários

atualmente são de cinquenta libras por hora... os do meu assistente são de trinta libras por hora... calculo que o seu processo de divórcio me tomará pelo menos cinquenta horas e possivelmente mais ao meu assistente, tendo em conta as reuniões consigo, as entrevistas às testemunhas, a exposição do caso ao advogado de barra², a presença em tribunal... assim sendo, os nossos honorários poderão ascender a quatro mil libras, e nunca menos do que isso... farei consigo o ponto da situação nesta matéria sempre que necessário... crescem ainda as despesas incorridas...»

– Merda – disse ela em voz alta. – Merda, merda, merda.

– Mãe feia.

– Desculpa, Emmie. Sim, mãe muito feia. Não digas isso na escola, Emmie, e por favor não digas diante do pai, ouviste? Ele não ia gostar.

– O pai também diz palavras feias às vezes. Mas tu dizes mais.

... Pois. Acrescentemos isso à lista de pequenos delitos, de acordo, excelência? A mãe usa constantemente linguagem reprovável e ensinou a filha a usá-la...

– Anda lá, acaba o pequeno-almoço e vai lavar os dentes senão chegamos atrasadas.

– Eu cheguei atrasada duas vezes na semana passada.

– Chegaste?

– Sim, naquelas manhãs em que estavas a chorar e disseste que era uma constipação cheguei atrasada.

... Eis mais um delito. A mãe leva constantemente a filha tarde para a escola...

– Um dia cheguei tão atrasada que a minha professora perguntou o que tinha acontecido e eu disse-lhe que tu estavas a chorar e que até me disseste para não lavar os dentes para não chegarmos ainda mais tarde...

... E outro: a mãe diz frequentemente à filha que não lave os dentes; em resultado, segundo o dentista, os dentes da menina registam sinais de deterioração...

– Mas hoje tens tempo para os lavar. Vai lá, Emmie, despacha-te.

Emmie subiu ao andar de cima; Eliza sentou-se a ler e a reler a carta, como se quisesse alterar as palavras. Em vão.

Quatro mil libras, no mínimo. Não tinha quatro mil libras que pudesse considerar suas. O saldo da sua conta bancária era de oitenta libras e, depois de pagar a Jennifer, restariam vinte. Uma rica merda.

Uma nova razão para entrar em pânico, pensou, para acrescentar à lista de receios.

Pediu à mãe – «Sinto muito, querida, se pudesse, ajudava-te»; pediu a Charles – «Desculpa, Eliza, a Juliet continua a espremer-me uma boa maquia todos os meses.» Tentou até, com o coração a bater tão violentamente que achou que ele devia ouvir, falar com Matt sobre o assunto.

– Eu não tenho dinheiro, sabes bem que não, como posso pagar a advogados e custas

de tribunal? É absurdo...

– Devias ter pensado nisso, antes de te meteres nisto. Porque é que não pedes a um dos teus amantes, o Northcott está cheio dele, de certeza que não se importa de te ajudar. Ou aos teus amigos em Itália. Ou até a esse diretor artístico, essa gente ganha bem, não ganha?

– Odeio-te – disse ela –, odeio-te com todas as minhas forças.

– Eu sei que sim – disse ele, abandonando a sala.



A dez dias apenas da festa em Nova Iorque e a uma semana da partida de Itália, Giovanni apanhou um resfriado sério. Este, por sua vez, degenerou numa bronquite e subsequentemente numa infeção mais generalizada, e o médico aconselhou-o vivamente a não viajar; alarmado com a rapidez com que a doença se desenvolvera, concordou e disse a Mariella que ela devia ir sozinha.

Mariella, igualmente alarmada, disse que não ia, que não o deixava; ele contrapôs, naturalmente, que a festa era de extrema importância, não apenas para ela e para os convidados dela e para todo o mundo da moda, mas também para a instituição de caridade que obteria com ela milhares de dólares.

E assim – sinceramente relutante – ela acedeu, mas só porque ele estava a recuperar: e de facto, na véspera da partida, Giovanni estava em franco restabelecimento.

E assim, embora entre profusos protestos, Mariella concordou em viajar sozinha.



Matt informara finalmente os pais. A sua compreensão inicial fê-lo sentir-se embaraçado e até idiota; mas quando confidenciou os seus planos para obter a custódia de Emmie, tornaram-se quase hostis.

– O quê? – disse Sandra. – Vais... tentar tirar-lhe a Emmie?

– Exato.

– Matt! Achas boa ideia? A coisa pode tornar-se feia. Concordo que o que a Eliza fez é terrível, fico... revoltada, mas a coitada da Emmie, já pensaste bem no que a disputa pela custódia lhe fará?

– Acho que a longo prazo será melhor do que deixá-la com a Eliza.

– Mas, Matt, ela... ela tem sido boa mãe, independentemente do que fez. Sempre fui dessa opinião.

– O quê, deixar a Emmie para ir trabalhar, pisgar-se para ir ter com o amante a pretexto de uma sessão fotográfica qualquer...

– Sim, eu sei, mas... ouve, meu filho, não achas que devias abordar este assunto com mais serenidade? Todos os casamentos passam por períodos difíceis, mas as pessoas

ultrapassam-nos, sabes bem, e...

– Mãe, ela traiu-me completamente, não posso tolerar isso.

– Eu não falei em tolerar, falei em ultrapassar. E acho que deves pensar na Emmie, coitadinha da pequena, pensa no que ela vai sentir, seja qual for o desfecho.

– A tua mãe tem razão – disse Peter. – Se tens amor à tua filha, tenta ultrapassar isto. Já sei que a Eliza te foi infiel e percebo que te sintas traído, se fosse comigo também havia de querer vê-la de malas aviadas, mas são coisas que acontecem, e a Emmie e a vida dela com os dois pais são mais importantes do que o teu orgulho ferido.

Este era provavelmente o discurso mais longo que Matt e Sandra alguma vez tinham ouvido Pete proferir; ambos o fitaram em silêncio. Sandra, ligeiramente nervosa, disse então: – Ele tem razão, Matt, deves tentar encarar o assunto de maneira diferente para bem da Emmie.

– Bem – disse Matt, após um silêncio –, agora já sei com que linhas me coso. Não volto a pedir-lhes apoio nem ajuda. Obrigado aos dois. Vim pedir-lhes para serem minhas testemunhas, para falarem em meu abono, dizerem que sou perfeitamente capaz de olhar pela Emmie...

– Mas, Matt, como podias olhar? Quando trabalhas tanto, tantas horas seguidas...

– Por amor de Deus! – gritou ele. – Se os meus próprios pais não tomam o meu partido, quem há de tomar? Que perda de tempo estúpida que isto foi. Obrigado pela grande ajuda.

Saiu, batendo com a porta da rua; a pequena casa abanou. Sandra rompeu em lágrimas; Pete pegou na bolsa do tabaco e começou a enrolar um cigarro, a sua invariável reação a qualquer problema.

– Oh, Pete – disse Sandra, tirando um lenço do bolso e limpando os olhos. – Que é que fizemos? Coitado do Matt.

– Não fizemos nada – respondeu Pete. – Uma relação como a deles nunca dá resultado. Ela é boa rapariga, mas vê o mundo de maneira diferente.

– Pete! Não digas disparates. Essa história das classes está fora de moda...

– Quem está a dizer disparates és tu – disse Pete. – A classe está no sangue, é o que faz das pessoas o que elas são e não serve de nada fingir que não é assim. Seja como for, não vale a pena discutir isso agora, temos de lhe dar o nosso apoio, é evidente que temos. Ele não vai conseguir a custódia da Emmie, nem que venha aí o homem da fava rica, mas não podemos desiludi-lo, afinal de contas somos do mesmo sangue. Amanhã digo-lhe isso mesmo. Agora é melhor deixá-lo acalmar.



Mas Matt não estava a acalmar-se; estava a gritar com Gina.

– Nem os meus pais compreendem. Acham que ela não fez mais do que dormir com

outro, não são capazes de ver o resto.

– Bom, mesmo que ela só tenha dormido com alguém – disse Gina –, já é mau. Surpreende-me que eles não tomem o teu partido nessa questão.

– A minha mãe toma. O meu pai diz que eu devia ter juízo, esquecer a coisa para bem da Emmie. Quando é pela Emmie que estou a fazer isto, é a Emmie que quero proteger.

– Sim, claro – disse Gina num tom reconfortante –, claro que é.

– E hei de ficar com ela, vais ver.

– Claro que sim. Quais são as últimas notícias do teu advogado?

– Está muito confiante – disse Matt. – Muito confiante.

– Isso é bom. Que é que ele disse da minha ideia, de contactar a psicanalista?

– Ainda não lhe falei disso.

– Essa agora, porquê?

– Porque tenho a certeza absoluta de que ela vai estar do lado da Eliza, falar da depressão dela, dar uma má imagem de mim.

– Ela pode apresentá-la como testemunha.

Matt fitou-a, surpreendido. – Não me tinha lembrado disso.

– É lógico que pode. Precisamente pela razão que mencionaste, para falar da depressão dela e explicar grande parte do seu comportamento negativo.

– Valha-me Deus, valha-me Deus, que confusão. Dá-me outro whisky, se não te importas.

– Dou. E, Matt, porque não passas cá a noite, já bebeste de mais.

Ele olhou para ela. – Passar a noite? És doida? Que é que achas que ela fazia se soubesse? É evidente que não posso passar aqui a noite. Nem sequer me agrada vir aqui, para ser franco...

– Que simpático.

– Não é isso, não me agrada porque é perigoso. Ninguém ia acreditar que não há nada entre nós.

– Não – disse Gina com um suspiro –, não, és capaz de ter razão.



– Acho que chegou a altura de expormos o caso a um advogado de barra – disse Philip Gordon.

– Sim, compreendo.

Mais dinheiro. Mais somas aterradoras de dinheiro. Se os advogados de gabinete eram caros, quanto custaria um advogado de barra?

– Hum... tem de ser um... um advogado de primeira linha?

– Porque pergunta? Está a dizer que não tem recursos ilimitados?

– Bem... por sinal, estou. É isso.

Philip Gordon sorriu-lhe. Eliza pensou se ele sorriria se soubesse que ela não tinha recursos nenhuns.

– Não se preocupe. Ia sugerir que falássemos inicialmente com um adjunto, apenas para discutir o processo, o calendário e por aí fora. Tenho uma pessoa em vista, um tipo ótimo, talvez o ache um tanto cáustico, mas para adjunto é muito competente...

– Calendário?

– Sim, a possível duração do processo. Vamos ao tribunal e informamos o juiz sobre aquilo que está em causa no processo, o que está envolvido, e ele define um calendário, diz se são necessários três dias ou uma semana, ou o que for, talvez dois meses, se houver muitos depoimentos, muita indecisão, e chega-se a acordo a respeito de uma data. E esta passa a ser sagrada. O juiz olha para o material e diz: «Muito bem, tenho a petição do marido e a sua ainda vai entrar, e serão seis testemunhas de cada...»

– Seis? – disse Eliza, ouvindo a voz elevar-se aterrorizada. – Eu não tenho seis.

– Dei o número apenas como exemplo. Adiante, é aí que podemos decidir se precisamos de um advogado de barra sénior ou não, ou possivelmente os dois...

– Quer dizer que vamos a julgamento duas vezes? – perguntou Eliza. – Com dois advogados? – A situação estava a piorar de minuto para minuto.

– Sim, possivelmente, mas a primeira vez é uma mera formalidade. Permitir-lhe-á ter uma ideia do tribunal e ficará menos amedrontada quando chegar o momento da verdade. Ora bem, há mais uma coisa de que tenho de lhe falar. Referiu que entrou em depressão depois de ter perdido o bebé...

– Sim. Sim, entrei.

– Pensa que foi uma depressão clínica?

– Não... não tenho a certeza. O meu médico receitou-me antidepressivos.

– Certo. Bom, talvez seja boa ideia pedir-lhe que deponha em tribunal. Ou pelo menos que apresente um depoimento escrito.

– Porquê? Que vantagem haveria nisso? O Matt ia dizer simplesmente que era prova de que eu não andava em mim e não tinha condições para olhar pela Emmie.

– Não necessariamente. Pode valer-lhe uma boa dose de empatia.

– Ah, compreendo. Bom... também consultei uma psicanalista. Andei em terapia durante várias semanas.

– Podemos também pedir-lhe que deponha. Que lhe parece?

– Hum... não tenho a certeza.

– Pense nisso. Decida como entender. Eu acho que seria boa ideia. Mas é perfeitamente possível que ela invoque o sigilo profissional, o que não ia adiantar de muito. Agora esta reunião com o advogado de barra... está disponível na segunda ou na quinta? Ele pode cá estar por volta do meio-dia e depois podemos comer qualquer coisa, se tudo correr bem.

- Quer dizer se simpatizarmos um com o outro? Quinta é possível. Vou tomar nota na minha agenda. Como é que ele se chama?
- Toby Gilmour. Como disse, é muito bom tipo.



Eliza estava a meio caminho de casa quando se apercebeu de que não podia pedir a Mary Miller, a sua psicanalista, que depusesse a seu favor em tribunal. As testemunhas eram sempre contrainterrogadas e ela contara à Dra. Miller absolutamente tudo. Inclusive que tinha batido em Emmie uma vez. Com tal violência que ela tinha sido levada às Urgências para levar pontos na cara... Se isso se soubesse, estaria definitivamente condenada.



- Olá, Matt, é a Louise. Como estás?
- Ando muito ocupado. Estou mesmo a ir para uma reunião.
- Certo. Queria só perguntar-te se queres tomar um copo um dia destes? Amanhã à noite, por exemplo, estou livre.
- Ah... não, obrigado. Para ser franco, não tenho tempo, Louise. Lamento.
- Matt! Anda lá. Ouvi dizer que a tua vida neste momento não é exatamente um mar de rosas. Não precisas de fingir, Matt. Sou eu, a Louise, já te esqueceste? Os bons tempos no trabalho, a Jenny, as bolachas, essas coisas. Anda lá, sou eu que convido. Ela podia imaginar o seu sorriso relutante.
- Está bem, então. Mas não vou poder demorar-me.
- Realmente és um sedutor, sabias? Então, combinamos hoje ou amanhã?
- Ah... amanhã.
- Ótimo. No bar americano do Savoy, pode ser? Seis e meia?
- Seria melhor às sete.
- Às sete então. Não me dês uma seca, não?
- A ideia foi tua, que diabo!
- Matt, estou a brincar!
- Pronto, pronto. Até amanhã.

Matt teria dito que era a última coisa que queria fazer; mas, quando ia no táxi, a caminho do Savoy, descobriu que o encontro lhe dava um certo prazer. A vida era horrível de momento, grande parte do tempo apetecia-lhe saltar do seu novo arranha-céus, a vida em casa era um inferno, todas as noites eram uma provação, ter de ser friamente cortês para com Eliza, sobretudo na presença de Emmie, pois ambos sabiam que, se se descuidassem por um instante, a raiva e a hostilidade se sobreporiam ao resto; arranjar desculpas para explicar a Emmie por que razão nunca podiam fazer coisas juntos com

ela, ver a tristeza dela umas vezes, outras vezes tirar partido da situação, usando-a em seu benefício, virando-os um contra o outro... era horrível.

E, no trabalho, andavam todos de paninhos quentes com ele, ninguém falava do assunto, aturavam o seu mau génio; e Gina era incrivelmente persistente com a sua Compaixão e Entendimento – viam-se as letras maiúsculas – embora ele precisasse um pouco deles; até os pais insistiam para que reconsiderasse... isso sim, tinha sido um golpe. Ficara terrivelmente magoado.

Mas pelo menos Louise conhecia-o bem, não precisava de fingir e podia sempre mandá-la meter-se na vida dela se a coisa começasse a complicar-se.

Bolas, conhecia-a há imenso tempo – quase tanto como conhecia Eliza – e muito antes da sua relação com Eliza. Pensou na primeira vez em que ela entrou no escritório, toda ela pernas e olhos grandes, tirando-lhes logo a pinta, apresentando as suas reivindicações, negociando os seus acordos – e continuando depois a fazer o mesmo durante quase uma década.

Merecia respeito, pensou ele, ela e o seu êxito profissional; e este, sim, era louvável, muito mais impressionante do que fotografar vestidos...



Louise achou que ele estava com um aspeto terrível ao entrar no Savoy; muito pior do que no almoço. Devia ter perdido pelo menos seis quilos e tinha um rosto macilento e pálido. Era evidente que estava a passar muito mal. E... não havia de querer falar sobre isso.

– Viva, Matt. Estás com bom ar – disse ela, levantando-se e beijando-o fugidamente na face. Era estranho: tantos anos a trabalharem juntos e podia contar-se pelos dedos da mão o número de vezes em que tinham tido o mais pequeno e inocente contacto físico. Por mais entusiasmados que estivessem, por mais incrível que tivesse sido um negócio ou um marco que tivessem ultrapassado – o primeiro grande contrato, o primeiro milhão no banco – ela e Matt nunca tinham feito mais do que sorrir um ao outro e talvez fazer um gesto de aprovação, levantando o polegar.

– Desculpa o atraso. Que estás a beber?

– Nada por enquanto. Estava à tua espera...

– Já pedi desculpa.

– Tudo bem. Gosto de estar sentada com ar de quem levou uma seca. Martini? Não é a especialidade daqui?

– Sim, porque não?



Ela estava muito bonita, por sinal, pensou ele. Tinha cortado o cabelo nesse estilo

agora em voga, escadeado, um pouco parecido com o de Eliza, mas mais curto, e trazia um vestido vermelho que, embora fosse bastante comprido, com uma racha até à coxa, revelava as suas pernas. Realmente tinha umas belíssimas pernas. Respirava um ar caro, elegante, respirava êxito; reparou que vários homens no bar estavam a olhar para ela e sentiu uma emoção que inicialmente não foi capaz de analisar mas que depois reconheceu – mais uma vez dos primeiros tempos com Eliza: um certo orgulho por estar na companhia dela.

– Então? – disse ele, bebendo um gole de martini; preferia que fosse uma cerveja gelada, mas paciência, o teor alcoólico era provavelmente maior e ele estava a precisar.
– Que tal vai isso?

– Bastante bem. Ando de olho num terreno em Chelsea... mesmo no limite do parque... para o meu próximo hotel. Os americanos vão adorar. Perto do quartel, junto ao Harrods e ao Albert Hall... perfeito.

– Achas que o consegues?

– Não sei. Neste momento, está dependente de quem der mais. Mas estou muito determinada, por isso...

– Hás de conseguir – disse Matt, falando com sinceridade. – Consegues sempre.

– Agrada-me a tua fé em mim – disse ela. – E tu, como é que está a correr a sociedade com o Barry? Ele está à altura?

– Desde que eu ande por perto – respondeu Matt. – Estás a entender-me, não estás?

– Claro que sim. Passa-se o mesmo com o Roderick.

– Ouvi dizer que podias estar à beira da rutura com o Roderick.

– Ouviste? – Os seus olhos escuros tornaram-se inexpressivos. – Que interessante!

– É verdade ou apenas um rumor?

– Matt Shaw, se achas que te ia dizer uma coisa dessas, e logo a ti, deves ter perdido o juízo.

– Nesse caso, quer dizer que é verdade.

– Não, Matt, não quer. Não quer dizer absolutamente nada, quer dizer que não te vou dizer.

– Não confias em mim?

– Profissionalmente? Claro que não. A que propósito havia de confiar?

– Nem em nome dos velhos tempos?

– Muito menos em nome dos velhos tempos, Matt.

Pela primeira vez em meses, Matt apercebeu-se de que estava a divertir-se.

– Outro martini? – perguntou ele, indicando o copo dela.

Separaram-se, ligeiramente embriagados, com outro breve beijo, depois de quatro martinis, e concordaram em voltar a encontrar-se dentro de uma semana.



Existe tentação e existe séria tentação, e depois existe tentação quase irresistível. Jeremy Northcott compreendeu tudo isto, quando entrou em casa, soltando o laço preto, depois da receção dessa noite em honra de Mariella Crespi. Observara-a em pé, sorridente, com um ar absolutamente deslumbrante com um vestido tubo de crepe preto Pierre Cardin, o cabelo preso num carrapito, sujeitando-se a beijos e abraços e felicitações durante mais de uma hora; beijara-a pessoalmente, inalando o seu perfume forte e estonteante; conversara brevemente com ela e, em seguida, esperara enquanto ela circulara pela sala, conduzida por M. Cardin em pessoa e pelo diretor da instituição de caridade; sentara-se, não suficientemente perto dela, num jantar para os poucos eleitos no Elaine's; e dançara com ela apenas uma vez, às duas da manhã, no Studio 54, para onde tinham ido mais tarde.

E agora eram quatro da manhã e ele tinha uma reunião ao pequeno-almoço, às oito, e estava a pensar se havia ou não de se deitar, quando recebeu uma chamada do porteiro a dizer que tinha chegado uma senhora para falar com ele; deu instruções para que ela subisse e ficou a ouvir o elevador a aproximar-se, como um homem condenado que ouve os passos do carrasco a aproximar-se da cela, e quando ela saiu, envolta numa capa de capuz – «Acho que ninguém me viu, saí do hotel pela porta de serviço» –, se desembaraçou da capa e lhe abriu os braços, pensou que não podia haver homem algum no mundo capaz de resistir a tal convite.



– Querida, disse-me a tua mãe que precisas de ajuda.

– Bem... sim, é verdade, preciso. Mas...

– Então deixa-me dar-ta.

Por qualquer razão, Eliza não se lembrara da única pessoa verdadeiramente rica de quem podia aceitar dinheiro.

– Parece-me uma atitude abominável da parte dele, querida, e perfeitamente absurda, é impossível que ganhe, mas sinto muita pena de ti. Pensei que ele amava aquela criança. Mas só posso dizer que não a ama o suficiente. Se a amasse a sério, não a fazia passar por isto. Não entendo os jovens hoje em dia, basta uma aventura para terem de pôr fim a tudo. Todas estas confissões ridículas, pôr a alma a nu, é uma perda de tempo e dinheiro...

– Eu não tive de confessar – disse Eliza tristemente.

– Talvez não. E teres o Matt ainda a viver em casa. A que propósito é que ele quer fazer isso?

– Sabe-se lá. O clima é infernal. Mas eu não tenho dinheiro para me mudar. E, além disso, ele é muito protetor em relação à Emmie e logicamente eu ia querer levá-la e não me parece que ele concordasse com isso.

– Ele não tem a custódia dela. Podes fazer o que quiseres. Porque não vais para Summercourt?

– Não posso, ela tem de ir para a escola.

– A tua mãe parece inclinada a compreender o ponto de vista dele – disse Anna. – Achei muito estranho.

– Pois é, ela gosta muito dele. E, claro, eu portei-me mal e isso incomoda-a.

– Mal! Uma noite em seis anos ou lá quanto tempo é. Valha-me Deus, pessoalmente considero que é razão para seres santificada. Pois uma coisa em abono do Piers posso dizer, não há melhor homem para fazer vista grossa. Lembro-me de ter sido apanhada em flagrante uma tarde na Câmara dos Lordes, por sinal com o pai do teu amigo Rex Ingham, o idiota esqueceu-se de trancar a porta, e um parvalhão qualquer tinha de ir espetar tudo ao Piers, claro, só que ele nunca disse nada.

– Oh, madrinha! És do piorio – disse Eliza, rindo. – Seja como for, a minha mãe não aprova que eu trabalhe, nunca aprovou, e o Matt, como sabemos, foi incrivelmente generoso com ela, a respeito de Summercourt e tudo o resto...

– Sim, mas ele tem dinheiro para isso. Espero que ainda estejas a trabalhar...

– Sim, felizmente. São só dois dias por semana, mas pelo menos salva-me da loucura.

– Eu até gostava do Matt – disse Anna, pensativa –, firme, astuto, e muito sexy, claro...

– Sim. Todas as razões por que me apaixonei por ele. Mas não me devia ter casado com ele. Somos demasiado diferentes. Ou... se calhar demasiado semelhantes. Não sei. Uma coisa é certa, temos uma visão do mundo muito diferente.

E, de súbito, rompeu em lágrimas. – Desculpa. Sinto-me tão... tão impotente em relação a tudo. E tão envergonhada. Não tanto por ter ido para a cama com o Rob, no fundo não é isso...

– De que é que sentes vergonha?

– Oh... fui horrível com o Matt, fi-lo odiar-me, quando nos amávamos tanto, e a culpa é toda minha ou quase toda, é só...

– Querida, parte da culpa foi tua, naturalmente, e parte foi dele. Chama-se a isso casamento. Não te deves censurar tanto, não te faz bem. Vá, falemos agora de coisas mais alegres. Como o teu trabalho. É a agência do Jeremy, não é? Espero bem que isso não tenha implicações inconvenientes.

– De maneira nenhuma. Somos simplesmente amigos. Grandes amigos provavelmente...

– Uma grande amizade com um homem é perigosa – disse Anna veementemente –, pela minha experiência, pelo menos. A não ser que ele seja gay, claro.



Era verdade, pensou Eliza. O trabalho impedia-a de enlouquecer. Quando entrava pela

porta giratória de manhã para o átrio da agência, era uma pessoa diferente, experimentando a velha felicidade familiar de saber de imediato o que estava a fazer, absolutamente empenhada.

Claro que toda a gente conhecia a história entre ela e Rob; da primeira vez que chegara à agência, depois do incidente, sentira-se petrificada, mas ninguém se mostrara particularmente interessado; eram situações que estavam sempre a acontecer e toda a gente sabia que Rob Brigstocke era um garanhão, a tal ponto que Eliza descobriu que, entre as raparigas na agência, era alvo de surpresa e admiração e não de desprezo.

– Suponho que é porque me consideram uma mulher casada fora de moda – disse ela a Maddy, sentada entre a montanha multicolor da coleção de outono no armazém da amiga.

– E é o que tu és – disse Maddy com um sorriso, que Eliza retribuiu. Era um prazer ter de novo Maddy na sua vida; sem ressentimentos, haviam seguido caminhos separados, não tendo nada em comum, nada para dizer uma à outra. Era muito estranho, pensou Eliza, que a sua melhor amiga durante anos tivesse sido uma mãe pobre que vivia num apartamento esqualido, e cujo conhecimento do mundo da moda se resumia a pensar se o seu casaco duraria mais um inverno. De qualquer modo, continuava a sentir imensas saudades de Heather.



– Soube que estão a expor o caso ao Toby Gilmour – disse Ivor Lewis.

– Ele é advogado de barra?

– É... um adjunto. Imagino que os mandachuvas são demasiado caros. Se bem que ele tenha classe, velha escola, um tanto arrogante, mas... não se compara com o nosso. O Bruce Hayward mete-o num chinelo.

– Ótimo – disse Matt, estranhando a inquietação que sentia.

– Agora ouça. Estive a pensar. Temos de atacar com firmeza o estilo de vida dela. Pelo que ouvi dizer, estas agências de publicidade são um viveiro de sexo e drogas e rebaldaria. Acha que se passavam lá coisas desse tipo?

– Provavelmente.

– Certo. Pois bem, precisamos de uma testemunha, alguém com quem ela trabalhe. Tem alguém a sugerir?

– Não – respondeu Matt secamente. – Tentava não me envolver.

De súbito, teve uma vívida recordação de Eliza, durante o jantar a tentar criar-lhe interesse pelo trabalho dela, a sua expressão animada como ele não via há muito; tinha-o irritado e magoado profundamente.

– Muito bem – disse Ivor Lewis. – Acho que vamos tentar arranjar uma testemunha. Está de acordo?

– Absolutamente – disse Matt. – Sim, o que for necessário.
A sensação de inquietude não o havia abandonado.



– Matt, preciso de falar contigo.

– Scarlett, estou de saída para casa.

– Dá cá um salto pelo caminho. É importante.

Ele sabia que não valia a pena objetar. – Está bem, mas não posso demorar.

– Não demora.

Ela estava à espera dele com uma garrafa do seu whisky irlandês favorito; o que quer que fosse, era evidente que achava que era preciso amansá-lo. Ou coisa do género.

– Então, Scarlett, o que é? Que é que queres?

– Matt... – Pegou num cigarro; ele viu a mão dela a tremer ligeiramente ao acender o isqueiro. Estava bastante nervosa: interessante.

– Matt, quero... quero que desistas do divórcio e de todo este processo.

– O quê?

– Sim. Por favor, Matt. Não é demasiado tarde.

– É demasiado tarde, Scarlett, não sabes o que estás a dizer.

– Sei. Sei, sim. Ouve, não te esqueças que sei o que é um divórcio. Assisti de perto. Com o David. A acrimónia, a maneira como apaga tudo o que há de bom e distorce e destrói o que resta. Sim, provavelmente é demasiado tarde para salvar o casamento. Compreendo isso. Mas por favor, Matt... pensa, pensa bem. Tudo o que tiveste com a Eliza, todas as coisas boas, e houve muitas, sabes bem que sim, juntamente com as más, vai ser tudo destruído... transformado numa confusão azeda e horrível. E a Emmie terá de viver com isso, se optares por essa via.

– Scarlett – disse ele, num tom muito calmo –, é tarde de mais. Não podemos agora retroceder.

– Nem pela Emmie?

– É pela Emmie que estou a fazer isto.

– Matt! Não estás a fazer isto pela Emmie, coisa nenhuma, estás a fazê-lo por esse teu ego estupidamente inflacionado.

– Isso não é coisa que se diga. Porra, não acredito no que estou a ouvir. Ia pedir-te para depores em meu favor em tribunal, mas já vi que não vou a lado nenhum com isso...

– Não, não vais. – Esforçou-se por manter a calma. – Matt – continuou, numa voz muito baixa –, divorcia-te da Eliza, se queres. Mas... essa questão da custódia, é inaceitável, vai fazer mal à Emmie, muito, muito mais do que o divórcio. Não arranjas outra maneira de contornar o problema?

– Claro que não – disse ele, soando genuinamente admirado pela pergunta. – Já te

disse, tem de ser resolvido, temos de encontrar uma solução.

– Desta maneira? Desta maneira horrível, pública, caluniosa? A lavar roupa suja em tribunal, correndo o risco de aparecer publicado na imprensa...

– Ora essa, não vai ser publicado nada na imprensa!

– Se fosse a ti, não tinha tanta certeza disso. É exatamente o tipo de coisa que as pessoas adoram ler ao pequeno-almoço, dois adultos conhecidos, egocêntricos, a lutar por uma criança inocente que adora os dois. Vai ser terrível para ela, execrável.

– Ela não vai saber de nada, pelo menos das coisas más, merda, Scarlett, não sabes do que estás a falar...

– Por favor, não digas palavras. Só não compreendo como és capaz de sujeitar a Emmie a uma coisa destas. Ela é a única inocente aqui e tu estás a fazer dela um peão neste jogo horrível de vingança em que te lançaste...

– Não é vingança – disse ele, numa voz gélida e aterradoramente calma –, estou a zelar pela segurança dela, quero assegurar-me de que ela recebe os melhores cuidados, que não lhe acontece nada...

– Não! Não queres nada! Queres conquistá-la e ganhar esse combate estúpido, e sabes uma coisa, Matt? Quer ganhes ou percas, já perdeste, porque estás a arruinar a vida dela.

– Estás a desatinar completamente – disse ele, levantando-se – e eu vou-me embora.

– Ótimo. E não voltes.



Matt conduziu para casa com cautela. Tinha bebido whisky a mais. A casa estava às escuras, à exceção de uma luz no escritório.

Entrou em silêncio e abriu a porta do escritório; Eliza estava a dormir no sofá com a televisão ligada. Estava de jeans e T-shirt; o seu rosto em repouso parecia mais jovem, mais vulnerável. Deteve-se a olhar para ela e sentiu mágoa ao vê-la como ela fora quando eram felizes. Felizes e cheios de esperança. Removera todas as fotografias dela da secretária pela mesma razão. Não era capaz de encarar o passado. A felicidade.

Ela acordou subitamente e viu-o e, por um breve momento, imobilizou-se, suspensa no passado, o olhar suave, satisfeita por vê-lo. Mas logo caiu em si e ele também; e, levantando-se, desviou o rosto e encaminhou-se para a porta.

– Estás bem? – disse ele. – Como está a Emmie?

– Estamos as duas bem – respondeu ela. – Com licença, quero ir deitar-me.

– Tudo bem, mas mais cedo ou mais tarde temos de ter uma conversa a respeito de Summercourt. Queria saber se me podes pagar a tua parte do valor que deve rondar agora as cinquenta mil libras.

– Matt, sabes perfeitamente que não te posso dar cinco mil. Ou cinco, possivelmente.

– Pois. Nesse caso, terei de comprar eu a tua parte. Quando o divórcio for decretado.

– Nunca te deixarei fazer isso – disse ela –, nunca.

– Receio bem que não tenhas alternativa. Foi o que assinaste. Se quiseres, vou buscar o contrato; tenho uma cópia na secretária.

– Matt, não podes fazer isso, não me podes tirar Summercourt, não te pertence, pertence à nossa família.

– Pois é, infelizmente a tua família não tinha meios para a manter. Não te preocupes, eu compro uma casa bonita para a tua mãe nas proximidades. Para ela não perder o contacto com os amigos. Mas estou a pensar seriamente em vender a casa.

– Vender a casa!! Matt, não podes – disse ela, numa voz que era pouco mais do que um sussurro –, não podes vender Summercourt, nem para me ferir.

Ele não disse nada; ela suspirou profundamente.

– Vou-me deitar, estou farta.

Ele ficou a vê-la a subir as escadas, uma figura magra, quase infantil, e voltou a sentir a força do passado, fechando os olhos contra o sofrimento, e foi sentar-se no escritório, no sofá onde ela estivera, tentando dominar a dor.

O amor que haviam sentido um pelo outro, tão poderoso, tão exultante, tão bom, desvanecera-se, morrera; tinham-no matado os dois e não havia qualquer esperança de recuperá-lo, de ressuscitá-lo, e agora só lhe restava Emmie; e, fosse qual fosse o preço, estava determinado em ficar com ela.



– Eliza Shaw, Toby Gilmour.

– Muito prazer – disse Eliza.

– Muito prazer – disse Toby Gilmour. A sua voz era sincopada e gutural; ela achou que era uma voz que podia soar impaciente.

Era um homem alto, moreno e extremamente magro, com brilhantes olhos escuros e fartas sobrancelhas escuras, e tinha um sorriso que aparecia e desaparecia tão rapidamente que teria facilmente passado despercebido. Eliza deu-lhe quarenta e poucos anos.

Estava impecavelmente vestido – alguma vez deixaria de pensar que o vestuário era importante? – com um fato cinzento escuro de bom corte, uma surpreendente camisa às riscas rosa e brancas e uns mocassins ainda mais surpreendentes da Gucci e não os obrigatórios sapatos clássicos de cordões. Era visível que ele também dava importância ao vestuário. Absurdamente, considerou que era um ponto a favor dele.

Sentaram-se à mesa baixa de Philip Gordon e Toby Gilmour começou imediatamente a espalhar em cima apontamentos e papéis; tinha umas belas mãos, Eliza reparou nesse momento, e usava um relógio de ouro Cartier clássico e muito bonito, claramente com

décadas de idade, e uns botões de punho de ouro pesados e simples.

– Tudo bem contigo, Toby? – perguntou Philip.

– Sim, sim, tudo bem, obrigado. Muito ocupado, já se sabe. O Tristram não nos dá descanso. Mas ainda bem.

– Sem dúvida – disse Philip e, virando-se para Eliza, acrescentou: – O Tristram Selbourne é o advogado sénior na secção do Dr. Gilmour.

– Ah – disse Eliza –, sim, estou a ver. – Por amor de Deus, pensou ela, sai-te com alguma observação inteligente, pareces uma atrasada mental. E conseguiu dizer: – É um nome muito bonito.

– É, não é? Dizem as pessoas que, se não fosse o verdadeiro nome dele, ele o teria inventado – disse Toby Gilmour e ela sentiu-se imediatamente uma idiota. – Ora bem, vamos lá recapitular o seu processo até ao momento...

Concentra-te, Eliza, por amor de deus, concentra-te. Está em jogo o teu futuro, não é nenhuma festa. E era visível que ele não estava interessado em conversa de circunstância...

– Parece-me que está tudo dito – disse Philip Gordon meia hora mais tarde. – Tens alguma pergunta, Toby?

– Sim, algumas. Já há uma data para a audiência preliminar?

– Recebi-a precisamente esta manhã. Ainda não tive tempo para a informar, Eliza. É daqui a duas semanas. Vê algum inconveniente? O seu marido está de acordo.

– Ah... sim, claro. Não posso ver, pois não?

– Não é absolutamente essencial, mas é aconselhável – disse Toby Gilmour vivamente, esboçando um sorriso fugaz. – Pois bem, Mrs. Shaw...

– Por favor, trate-me por Eliza. Mrs. Shaw faz-me sentir velha.

– Seja, Eliza. Pelo que vejo, não se vai defender da acusação de adultério.

– Não.

– É prudente, dadas as circunstâncias. E isso torna a questão da custódia pelo menos um pouco mais clara. Agora as suas testemunhas... tem, ora deixe ver... a sua mãe, não é lá muito bom. Ou seja, estou certo de que é uma senhora adorável...

– Tem razão, é – disse Eliza na defensiva.

– Peço desculpa. Ia dizer que uma mãe não é uma testemunha de defesa ideal. Como certamente compreende. Há sempre uma tendência para ser parcial.

– Lá isso é verdade.

– Depois a sua amiga Mariella Crespi. Fale-me sobre ela. Que é que ela faz?

– Vive em Milão. É casada com um homem muito rico, não... não faz grande coisa... é uma... uma senhora da sociedade, acaba de aparecer na lista das mulheres mais bem vestidas. – Calou-se, ciente de que a descrição de Mariella não era susceptível de impressionar ninguém. – Está a par de tudo o que aconteceu em Milão, pode atestar que

eu tomei conta da Emmie competentemente, que nunca a deixei com estranhos, ao contrário do chorrilho de mentiras que o meu marido invoca.

– E ela está disposta a vir cá testemunhar?

– Claro que sim.

– Ótimo. Depois temos a sua ama, Miss Grant.

– Sim.

– Ela exprime-se com clareza?

– Sim – disse Eliza, irritada com esta observação ofensiva da classe social da ama. –

Com toda a clareza.

– Bom, nem sempre se exprimem. Adiante, o Dr. Gordon tem duas profissionais de saúde, a sua ginecologista e uma psicanalista, nenhuma confirmada. Falou com elas?

– A minha ginecologista concordou.

– E a psicanalista?

– Resolvi não a envolver nisto – respondeu Eliza. – Conte-lhe uma série de coisas de que me sentiria embaraçada, coisas muito... muito pessoais.

– Mrs. Shaw... Eliza. – Os olhos escuros estavam desprovidos de expressão ao fitá-la. – Este processo vai tornar-se extremamente pessoal. Penso que tem de estar preparada para isso. Não é nada de agradável aquilo em que se vai envolver...

– Eu não me envolvi em nada – respondeu Eliza imediatamente. – Foi decisão do Matt... do meu marido.

– Naturalmente. Mas... mas gostaria que reconsiderasse no caso da sua psicanalista. Poderá ajudar muito a sua defesa...

– Não quero, sinceramente – respondeu Eliza sem hesitações.

– Bom, podemos voltar a ela, se necessário – disse ele. – Mais alguém?

– Estou com esperança de conseguir duas amigas, mães da escola da Emmie, para atestarem que sou boa mãe. Mas... – Calou-se.

– Não se importam até saberem que têm de aparecer em tribunal, é isso? Depois entram em pânico?

– Sim, é isso. Mas tinha uma amiga que sei que deporá em meu favor, que falaria em minha defesa, conviveu comigo após eu ter perdido o meu filho...

– Mas?

– Perdi o contacto com ela – disse Eliza, apercebendo-se de que era uma desculpa esfarrapada.

A sua única amiga verdadeira. Tanto assim que não fazia ideia de onde ela vivia nem sabia o seu número de telefone...

– E colegas de trabalho?

– Bem... há o Jeremy Northcott, é o chefe da minha agência, uma pessoa muito tradicional, falaria em minha defesa, conhecemo-nos há imenso tempo desde que...

enfim, desde muito nova. Aliás, cheguei a estar noiva dele. Mas conheci o Matt... – Calou-se. – Isso é bom ou mau?

– Pelos vistos, foi mau para Mr. Northcott – disse Philip Gordon, tentando aligeirar o ambiente.

– Não, refiro-me a ser testemunha. Pergunto se poderá ser tendencioso. Como a minha mãe. Seja como for, ele também estava em Milão, ajudou-me a voltar para junto da Emmie, depois do nevoeiro, seria outra pessoa a depor em meu favor...

– Mais alguém? Da agência?

– Receio que sejam todos pouco... pouco fiáveis. Sabe como é, são pessoas que não levam a vida a sério... – A frase morreu-lhe nos lábios. E se pedissem a Rob que testemunhasse e se soubesse que tinha fumado droga com ele? Credo, esta história não tinha fim...

– Talvez possa tentar arranjar alguém que seja, digamos, suficientemente sóbrio para falar em sua defesa. – Toby Gilmour olhou para ela como se estivesse a encontrar-lhe defeitos. Eliza sentia-se inútil... mas lembrou-se então que era a cliente, que era ela que estava a pagar, e encarou-o.

– Tenho a certeza de que arranjo – respondeu.

– Ótimo. – Ele olhou para os apontamentos, fez uma pausa e disse: – Mrs. Shaw – parecia estar pouco à vontade a tratá-la por Eliza –, desculpe a pergunta, mas houve alguma vez atos de violência no seu casamento?

Eliza tinha-se interrogado sobre quando alguém lhe faria esta pergunta.

– Sim – disse –, sim, houve. Violência psicológica. E muita. Também verbal. Discussões horríveis, brigas intermináveis.

Fez-se um silêncio. – Mas nada de físico? Foi só isso?

– E chegou – disse Eliza. – Pode crer.

Pronto, não tinha mentido. Não tinha dito mais do que a verdade. Talvez não a verdade toda. Mas parecia ter funcionado. Sentia-se aliviada por ter falado. Era uma espécie de ensaio geral, se alguma vez fosse interrogada em tribunal. Porque ainda não era capaz de o admitir. Ainda não. Talvez viesse a ser, se fosse o factor decisivo entre ficar com Emmie e perdê-la. Mas não para já... era demasiado horrível, demasiado repulsivo...

– Muito bem – disse Toby Gilmour. – Acho que é tudo por agora. Obrigado. Vou começar a preparar a minha argumentação. – A sua expressão era muito séria, quase de desagrado.

– Eliza – disse Philip após uma longa pausa –, tem algum compromisso para o almoço?

– Ah, acho que não estou disponível – apressou-se ela a dizer. Francamente, estava farta de aturar Gilmour; ele fazia-a sentir-se estúpida, incapaz de se exprimir, extremamente nervosa.

– É pena – disse Philip. – E tu, Toby, estás livre?

– Por acaso, estou – disse Gilmour –, gostaria muito. Obrigado, Philip. Mrs. Shaw...

Eliza... eu entro em contacto. Obrigado pelo seu tempo.

– Ora essa – disse ela educadamente –, eu é que agradeço. – Pensou que era uma resposta estúpida e pensou na soma incrível do seu dinheiro... do dinheiro de Anna, para ser mais precisa... que ia parar-lhe aos bolsos. E queria verdadeiramente trabalhar com ele? Os advogados de barra seriam todos tão cáusticos como ele?



– Bem – disse Philip Gordon, quando ouviram a secretária a despedir-se e a porta da receção a fechar –, que te parece?

– Hum... achei-a muito atraente – disse Toby Gilmour, olhando para Philip e sorrindo por um instante –, e também muito inteligente. Simpatizei com ela. Já agora, diria que, provavelmente, houve violência que ela não está preparada para admitir. Este processo está longe de estar resolvido. Sim, a criança só tem cinco anos, o que contará claramente a favor de Mrs. Shaw, mas o adultério... enfim, uma trapalhada. E é evidente que há antecedentes de instabilidade mental. Se ela não chamar a psiquiatra a depor, o marido chamará com certeza, e ouvi dizer que ele tem o Bruce Hayward como advogado de barra. Não preciso de te dizer que ele é impiedoso a contrainterrogar. Não me agrada dizer isto e gostava muito de ser eu a tratar pessoalmente do caso, mas acho que deves considerar pelo menos a exposição do processo ao Selbourne. Ela vai precisar de uma forte defesa... não vai causar grande impressão em tribunal, há muitas áreas em que se vê que está nervosa.

– Bem – disse Philip Gordon –, agradeço a tua honestidade. Ainda bem que gostas dela. Eu também, muito. Tem um lado muito vulnerável. Vamos então almoçar? Reservei uma mesa no Simpsons. É pena ela não poder acompanhar-nos. Pelo menos podemos falar mais à vontade.



– Então, Emmie, vamos lá, temos de ir, senão chegamos muito tarde a casa da vovó.

– Não faz mal. Ela não se importa.

– Talvez não, mas depois vais deitar-te demasiado tarde. E estás cansada amanhã. Demasiado cansada para montar o Mouse.

– Não estou nada.

– Bem, se não te despachas, vou ligar à Gail a dizer para só ter o Mouse pronto para montares no domingo.

– Eu sei preparar o Mouse sozinha.

– Emmie! Faz o que eu te digo. Senão zango-me a sério.

Emmie olhou para o pai e admitiu a derrota.

– Vou só meter os sapatos na mala.

– Já lá tens três pares de sapatos. És pior do que a tua mãe.

– Quero levar os meus sapatos especiais. Os sapatos perdidos.

– Por amor de Deus, Emmie, se os perdeste, como é que podes levá-los?

– Não, não os perdi. Eu é que me perdi quando os comprei. Em Milão.

– Perdeste-te, como?

– Perdi-me – disse Emmie pacientemente –, quando a mãe foi fazer compras. Estava com a estúpida da Anna-Maria.

– Nesse caso, não te perdeste.

– Perdi, sim. Não queria ficar com ela e por isso fui fazer compras sozinha. Fui à procura de sapatos. Sozinha. Ela era estúpida, estava a falar com uma amiga.

– Mas... onde estava a mãe?

– Estava com a Mariella. A fazer compras para ela.

– Emmie, foste às compras sozinha em Milão? Sem ninguém?

– Fui. Foi divertido.

– Quanto tempo estiveste perdida?

– Ah... muito tempo. Primeiro fui à loja dos brinquedos. Depois fui ver vestidos para festa. Eram muito bonitos, cheios de folhos. E depois vi os sapatos. Gostei de muitos diferentes. Quando a mãe apareceu, estava com dois sapatos diferentes calçados.

– E ela... andava à tua procura?

Emmie encolheu os ombros.

– Acho que sim. Ficou muito zangada – acrescentou a criança, metendo os sapatos na pequena mala.

– Pois, deve ter ficado – disse Matt.



– Então... que vamos fazer?

Jeremy olhou para Mariella. Estavam deitados na cama; ela completamente nua, com um braço estendido e o outro debaixo da cabeça, o cabelo espalhado na almofada. A beleza do seu corpo quase o apanhara de surpresa; por qualquer razão, estava à espera de algumas pequenas imperfeições, mas não as encontrou. E... o que esse corpo era capaz de fazer! Jeremy ficara siderado com o seu poder, a sua paixão, a sua busca encarniçada de prazer. E dera por si transportado por ele para um país completamente novo; um lugar desconcertante e intenso que nunca conhecera antes. E interrogou-se, deitado ao lado dela depois da primeira vez, se isto seria finalmente o amor, se o amor operaria estas maravilhas em que o prazer se multiplicava cem vezes, em que o desejo se tornava mais doce, a exploração mais jubilosa e o orgasmo extraordinariamente

triunfante? Confiou-lhe estes pensamentos, ali deitados os dois, e ela ouviu, ternamente silenciosa, não a mesma Mariella que ele conhecia há anos, mas uma pessoa mais sensata, meiga, menos egocêntrica. – Não te vou perguntar o que sentes – disse ele –, se foi diferente contigo, porque tenho medo da resposta, tenho medo que respondas que não.

– Não tenhas medo – disse ela, os olhos repletos de ternura –, mas não perguntes. É melhor que fique por dizer. Mais seguro.

Foi então que ele lhe perguntou o que deviam fazer. E que ela lhe disse que não sabia.

E quando ela partiu de Nova Iorque, no dia seguinte, para voltar para o marido, nada ficou resolvido entre eles; e Jeremy passou horas a deambular por Central Park, refletindo que esta relação não podia ser apenas uma aventura passageira, que não podia enganar Giovanni de forma tão terrível e chocante, mas que a vida sem Mariella era de súbito absolutamente impensável.



– Vamos pedir o poder paternal exclusivo e a guarda legal da criança – disse Ivor Lewis. Estava a almoçar com Bruce Hayward, advogado de barra, o pesadelo das esposas prevaricadoras de todo o país. – A mãe vai pedir poder paternal partilhado, mas Mr. Shaw considera que ela não está à altura de participar em quaisquer decisões importantes sobre o futuro da criança. Assim, pretende assumir os cuidados diários e permitir algum acesso à mãe...

– Sim, sim, isso está tudo muito bem – disse Hayward. – Espero que ele esteja ciente das dificuldades que vai enfrentar. É evidente que ele trabalha a todas as horas do dia e não vai poder ficar em casa a olhar por ela. A criança ainda não tem seis anos, qualquer juiz atribui a guarda da menina à mãe, salvo se se provar que ela é manifestamente incompetente. Ele vai ter de contratar uma ama quando uma das queixas dele contra a mãe é que ela trabalha e recorre aos serviços de uma, e isso apenas dois dias por semana. O mais que ele pode esperar é poder paternal partilhado, qualquer outra coisa é incerta.

– Mas creio que há grandes probabilidades de provar que a mãe é manifestamente incompetente – disse Ivor Lewis.

– Sim? Que é que ela faz, dirige um bordel?

– Não exatamente. Pedi ao Jim Dodds que averiguasse, correm muitos rumores sobre ela na agência de publicidade, não apenas o adultério com o fotógrafo, que ela admite, claro, mas circulam boatos de um romance com um diretor artístico, diz-se que vai para os copos com ele depois do trabalho, mandando entregar a criança na agência e deixando-a com a rececionista...

– Bem, isso parece mais animador – disse Bruce Hayward. – Será melhor falar com a

reacionista e talvez esse artista, a ver se depõem pelo nosso lado...

– Diretor artístico – corrigiu Lewis.

– Diretor artístico, artista, vai dar tudo ao mesmo, uns narcisistas que adoram contemplar o umbigo.

– Sem dúvida – disse Lewis. Considerou que esta era uma descrição bastante fiel da opinião de Bruce Hayward sobre si mesmo.



Nessa tarde, ao sair do atelier de Maddy, Eliza esbarrou com Jerome Blake.

– Que bom encontrar-te aqui. Como estás?

– Oh... vai-se andando. Sim, está tudo bem, obrigada.

– Eu sei que não está – disse Jerome, dando-lhe um beijo – e lamento muito. Mas é bom ter-te de volta no mundo real. Espero que a KPD saiba a sorte que tem.

– Acho que quem tem sorte sou eu – disse Eliza –, mas estão a tratar-me muito bem. Não posso dizer mais do que isso.

– Não fazem mais do que a obrigação deles. Já sabes que eu e a minha câmara estamos sempre à tua disposição, não sabes? Adorava trabalhar com esse cliente da cosmética, o japonês, achas que há alguma hipótese?

– Vou falar com o Rob. Mas... já o conheces, tem os favoritos dele.

– Eu sei – disse Jerome com um sorriso –, incluindo tu, ao que consta.

– Jerome! – disse Maddy. – Não sejas bruto.

– Desculpa. Mas caramba, parece que há aqui dois pesos e duas medidas...

– Que queres dizer? – perguntou Eliza.

– Bem, presumo que a loura tem a ver com a situação.

– Que loura? – disse Eliza.



– Um amigo meu – disse Eliza ao telefone a Philip Gordon – diz que viu o Matt a entrar para um táxi com uma loura, um dia à noite, muito tarde. Pelos vistos, tinham estado no mesmo restaurante que ele e estavam a beijar-se à mesa. Falo-lhe do assunto ou...

– De maneira nenhuma. Pode ser um trunfo interessante para jogarmos. Acha que o seu amigo se disporia a ser nossa testemunha?

– Não... não sei. Posso perguntar-lhe.

Sentiu-se muito estranha com a ideia de Matt andar com uma mulher. Era totalmente absurdo, dado o seu próprio comportamento, dada a intensidade do seu ódio por ele. Mas... sim, sentia ciúmes, estava intoleravelmente ferida com a ideia de ele ter intimidade com outra mulher.

– E quanto a sexta-feira, continua tudo de pé? – estava Philip Gordon a perguntar.

– Sim, sim, continua. Estou ansiosa.

Não estava, naturalmente. Ele ia levá-la a uma reunião com Tristram Selbourne, o advogado de barra sénior na secção de Toby Gilmour. Philip dissera-lhe, com grande diplomacia, que Toby pensava que ela precisava de «um arsenal potente». Ela ficara perturbada. Não só por Toby não se ocupar pessoalmente do processo, mas por considerar as suas hipóteses reduzidas.



– É claro que não é verdade. Isto é... – Eliza encarou-o do outro lado da sala; sentia-se fraca, apercebendo-se daquilo com que tinha realmente de contender, a força da raiva e do ódio de Matt. Era horrível. – Eu... quero dizer... é verdade que ela se afastou...

– E tu nem sequer deste conta?

– Eu estava... quero dizer, não estava com ela. Era a Anna-Maria que estava a olhar por ela...

– Então quanto tempo passou até decidires interromper as compras e ires à procura dela?

– Matt, estás a ser injusto. Ela ficou entregue à ama, à Anna-Maria, e combinámos encontrar-nos dali a meia hora. E de repente a Anna-Maria apareceu em pânico...

– Ainda bem que alguém entrou em pânico. Quer então dizer que a Emmie ficou sozinha numa cidade estrangeira, onde ninguém fala inglês, durante... quanto tempo? O suficiente para ser raptada, é evidente.

– Matt, para com isso.

– És repelente, sabias? Absolutamente repelente. Não serves para ser mãe. Pois é, podes ter a certeza de que não o serás por muito mais tempo...



– Acho que chegou a altura de pensarmos em casar.

– Casar!

– Sim, meu amor, que dizes?

– Digo que sim – respondeu Scarlett, saltando da cama com a excitação. – Sim, sim, sim, sim, sim. Sim!

– Ótimo.

– Mas não achas um pouco prematuro? Digo eu, não nos conhecemos assim há tanto tempo como isso e...

– Scarlett – disse Mark –, diz-me algumas das coisas de que gostas. De que gostas mesmo.

– Oh, deixa cá ver. Para começar, de ti.

– Tirando eu.

- Certo. Trisus.
 - Sim. Muito bem.
 - Carros rápidos.
 - Excelente.
 - Champanhe.
 - Ótimo.
 - Hum... torradas com Marmite e ovos escalfados.
 - Pronto, chega. Quanto tempo demoraste a decidir que gostas delas?
 - Tempo nenhum. Amor instantâneo à primeira... sei lá.
 - Estás a ver? E mudaste de ideias a respeito de alguma?
 - Não.
 - Nesse caso, não tenho mais nada a dizer. Porque havias de mudar de ideias a meu respeito?
 - É um pouco diferente – disse Scarlett, rindo.
 - Não vejo porquê. Amor é amor. É uma questão de absoluta felicidade, e estou convencido de que a encontrámos. Ouve – disse Mark, fitando-a com enorme ternura –, és o centro da minha vida. Quero que estejas sempre ao meu lado. Por favor, diz que aceitas. Meu doce amor, diz que aceitas.
 - Oh, Mark, adoro as coisas que dizes. Adoro. Como podia viver sem elas? Claro que aceito. Obrigada.
 - E casamo-nos em Trisus, claro.
 - Claro.
 - No outono, depois de os turistas partirem e antes de chegar o mau tempo. E a minha mãe pode escrever-nos um epitalâmio.
 - Que é isso?
 - Logo verás.
- Era maravilhosamente estranho sentir-se tão feliz.



- Bem, minha cara, terá muita sorte se não perder esta causa. Muita sorte.

Eliza, à beira das lágrimas, fixou Sir Tristram Selbourne. Toda a gente lhe dissera que ele era brilhante, incluindo a madrinha – «Esse velhadas horróroso com mau hálito? Querida, é um génio absoluto, se alguém é capaz, é ele.» – e entrara no gabinete dele repleta de esperança. Que horror, pensou, olhando agora para ele, teria um aspeto incrivelmente absurdo de peruca, este homem odioso, com o rosto vermelho e complacente, os seus lábios cheios a lançar perdigotos ao falar: Sir Tristram Selbourne, advogado de barra.

Toby Gilmour estava presente na entrevista, uma presença ligeiramente perturbante,

com uma expressão distante e vazia ao contemplar o mestre.

Ela conseguira manter a calma, abster-se de morder o isco ocasional: «Certamente que estava ciente dos perigos de transmitir informação à imprensa... Com certeza que compreende que admitir que cometeu adultério está muito bem, e de facto não parece ter alternativa, mas trata-se de um comportamento que será considerado irresponsável, como sabe...» e incluindo, o que foi imperdoável: «Deve ter sido difícil para si, ter perdido o bebé.»

Difícil não, apeteceu-lhe gritar, atroz, horrível, insuportável.

– E na sua opinião, foi nessa altura que se tornou... digamos... instável?

– Não – disse ela. – Angustiado, naturalmente. Seria anormal, estou certa de que concorda, ter-me sentido de outra forma.

Nesse momento, ouviu Gilmour a mexer em papéis e virou-se para olhar para ele; os seus brilhantes olhos escuros estavam a fixá-la e pareceu-lhe divisar neles uma sombra de aprovação. Pela primeira vez, sentiu que talvez viesse a simpatizar com ele.

Depois de se despedirem dele e de Selbourne, Eliza deteve-se ao sol, inalando o ar fresco e ameno e sentindo-se tão próxima do desespero como nunca se sentira desde que o tenebroso processo começara.

– Foi brilhante, Eliza – disse Philip Gordon.

– Fui?

– Foi. Manteve-se firme, recusou-se a fazer cedências. E ele está do seu lado; imagine como o homem será numa sala de tribunal...

– Pois.

– Se fosse a si, não me preocupava muito com o que ele disse, que pode perder. Dizem todos isso; é para parecerem ainda mais geniais quando ganham. Se ele aceitar o caso e se os seus... os seus recursos comportarem os honorários dele, que são altíssimos, terá sem dúvida grandes hipóteses de ganhar.

– Sim, pois, compreendo – disse Eliza, pensando na sua defesa a cargo de um homem sarcástico e manhoso como Tristram Selbourne, que lançava perdigotos ao falar, uma defesa baseada em virtudes como a integridade, a coragem e o amor, e depois pensando em Toby Gilmour e naquele lampejo de aprovação, e de súbito ouviu a sua própria vez a dizer: – Sabe, Philip, acho que não quero que ele me defenda. Acho que prefiro o Toby Gilmour. Aliás, tenho a certeza.

Tristram Selbourne distorceria e destruiria o pouco que ela tinha a oferecer; queria Toby Gilmour, ponto final.

Em casa, dirigiu-se à cozinha para fazer chá quando ouviu o telefone a tocar no vestíbulo.

Foi atender. – Estou? – Era Toby Gilmour.

– Só liguei – disse ele, pondo-a novamente nervosa com a sua voz rápida e impaciente

– para lhe agradecer. É lógico que me sinto satisfeito e lisonjeado. E farei tudo o que puder pela sua defesa. Mas, de qualquer modo, quero frisar que não vai ser fácil.

– Estou ciente disso. Como Sir Tristram disse, Será uma sorte não perder.

– Bom, Mrs. Shaw, se não perder, não será uma questão de sorte. Se não perder, será porque nós, e estou a incluí-la, fizemos um excelente trabalho.

– Ah... certo. Sim, claro... vamos fazer com certeza. Então adeus, Dr. Gilmour, e obrigada por ter ligado.

Ele era um pouco... esquisito. Mas, no fundo, uma simpatia de pessoa.



– Tenho ótimas notícias, Matt – disse Ivor Lewis.

– O quê?

– Desistiram do Selbourne.

– Desistiram?

– Sim. Imagino que os honorários dele eram demasiado altos. Optaram pelo adjunto. O Toby Gilmour. Um tipo brilhante, mas sem o estofo do Selbourne. Naturalmente.

– Como já tinha dito. – Porque é que se sentia assim? Inquieto? Desconfortável?

– O Hayward há de arrasá-lo. Vamos ganhar. É mais do que certo.

– Isso é bom. É excelente.



– Estás bem, Matt? – Louise olhou para ele do outro lado da mesa. – Pareces um pouco... perturbado.

– Claro que estou perturbado. Apresentei uma proposta para uma empreitada de dez milhões e o meu divórcio começa a ser julgado na sexta.

– Pois, compreendo perfeitamente. Mas a culpa não é minha.

– Por amor de Deus. Ouve... peço... peço desculpa.

– O quê?

– Peço desculpa.

– Realmente foi o que me pareceu ouvir. Credo, Matt. Essa é novidade. Há quanto tempo te conheço?

– Há demasiado tempo provavelmente – disse ele, acrescentando: – É que a minha família acaba de me assentar um golpe sujo.

– Que é que a tua família fez?

– A minha irmã, melhor dizendo. Traiu-me pela medida grande. Pregou-me a merda de um sermão, a dizer que eu estava a fazer mal à Emmie e que não era tarde de mais para pôr fim ao processo...

– Sim...

- Não me digas que concordas com ela.
- Bom... a Emmie preocupa-me. Bastante.
- Oh, valha-me Deus – disse ele.
- Mas continua. Não digo mais nada. Para já.

Ficara terrivelmente chocado e ferido quando soubera: Scarlett ia depor a favor de Eliza.

– Não acredito. A deslealdade dela. Éramos amigos. Sempre fomos. Ela diz que a Emmie está muito melhor com a mãe do que comigo, e acha que tem de fazer o que puder para que isso aconteça. O problema é que ela podia ter dado uma grande ajuda à minha defesa. Preciso de pessoas que declarem que sou bom pai e só tenho a minha mãe para fazer isso. Não se pode dizer que seja uma testemunha imparcial.

Ela ficou calada por alguns momentos. Ele estava magríssimo e horrivelmente pálido e o seu cabelo estava semeado de brancas. Pensou no jovem Matt, forte, rijo e tenaz, e sentiu o coração apertar-se de compaixão e... e, enfim, de compaixão.

– Nem o meu pai se dispõe a fazer isso. E eu percebo porquê, sou homem e ela é uma criança, e eu trabalho demasiado e... mas vou mudar, Louise, vou chegar a casa todas as noites às seis e vou ler-lhe histórias e evitar jantar fora, e arranjei uma ama fantástica, uma mulher mais velha, experiente, e nas férias da escola, a minha mãe também vai ajudar e vou tirar muito tempo de férias...

– Matt, achas que consegues mesmo reduzir ao teu horário e nunca estar longe de casa e...

– Porra, não comeces.

– Desculpa.

– Ninguém acredita em mim, com os diabos. Ninguém. Exceto o advogado a quem pago.

Louise ficou calada por alguns momentos e por fim disse que, se ele quisesse, subia ao banco das testemunhas para falar em defesa dele e que achava que o conhecia o suficiente para que as palavras dela tivessem peso.

Quando chegou a casa, serviu-se de um copo de vinho e sentou-se, ficando a pensar durante muito tempo no que fizera e por que razão se oferecera. E sentiu-se profundamente grata por ter sido capaz de se dominar e de não lhe dizer, no calor do momento, por que razão o fizera.

É que teria sido tremendamente estúpido, depois de lutar contra isso durante anos de vertiginoso confronto em que o seguira e discutira com ele, em que o admirara e odiara, em que levara a melhor sobre ele e nunca se permitira reconhecer o que Louise, a pessoa, sentia por Matt, a pessoa, tendo, aliás, erguido uma barreira de aço entre ela e os seus sentimentos por ele. De que serviria ter agido de outro modo? Se havia homem que tivesse amado uma mulher, era Matt a Eliza. E só então, nessa noite, profundamente

tocada pela sua mágoa e determinação, predispondo-se a algo que era na verdade irresponsável, pois que sabia ela das qualidades de Matt como pai?, é que fora forçada a admitir a que ponto realmente o amava.



– Finalmente, tenho boas notícias – disse Eliza, sorrindo quase com orgulho, a Philip Gordon –, no que respeita a testemunhas. É a minha amiga, Heather. A que mudou de casa, uma pessoa que pode testemunhar seriamente que sou uma boa mãe. Isto é, espero que sim. Recebi uma carta dela.

Ainda lhe custava a crer que tivesse encontrado a carta dela ali caída no capacho. Lera-a, não parando de exclamar: «Oh, meu Deus, oh, meu Deus».

«Querida Eliza,

Peço desculpa por não ter escrito antes, mas tenho andado muito ocupada ultimamente e, a princípio, não sabia se havia sequer de escrever. Tenho um menino, chamado Bobby, que é maravilhoso; a Coral adora-o e não tem ciúmes nenhuns. É muito grande e dorme bem; o parto foi fácilimo, foi quase como se ele me tivesse caído da barriga e quase que o tive na sala de estar da minha sogra; quem me dera que tivesse sido assim e lhe tivesse estragado a alcatifa. Adiante, já não vivemos com ela, graças a Deus, arranjámos um apartamento camarário muito bonito, ainda me custa a acreditar, com um jardim pequeno mas que chega para a Coral brincar e ter um baloiço. As listas de espera aqui são muito mais pequenas e, com dois filhos, saltámos para a cabeça da lista.

Tenho pensado muito, Eliza, e sinto-me mal por causa da maneira como nos separámos. Agora compreendo que a culpa não foi tua, não passou de uma sucessão de incidentes, e tu quiseste ajudar. Não foi fácil durante uns tempos, mas o Alan já superou o problema, e eu também, e no fundo tu fizeste-nos um favor porque podemos dizer que fomos corridos daquele apartamento.

A Coral ainda fala na Emmie e eu penso muitas vezes nos bons momentos que passámos juntas e só te queria dizer que, se alguma vez vieres para estes lados, gostaria imenso de te ver. Até já temos telefone. O Alan não gosta que eu o use, mas aqui fica o número: Slough 4694.

Beijinhos da Heather.»

Eliza arranjou maneira de ir até lá no dia seguinte, tendo ido almoçar com Heather e Bobby a um café e pedindo a Heather que depusesse a seu favor no processo de divórcio.

– Só preciso que digas que sou boa mãe e que adoro a Emmie e que sempre olhei bem por ela. Fazes isso, Heather, por favor?

– Ui, parece uma coisa de meter medo.

– Talvez seja – disse Eliza com sinceridade –, mas se achas que mete medo, imagina como não será para mim, que corro o risco de perder a Emmie.

– É difícil de acreditar que ele te queira fazer uma coisa dessas – disse Heather. – E a ela, pensando bem, coitadinha. É chocante. Como é que ele pode dizer essas coisas a teu respeito, são tão falsas...

– Eu sei. Por favor, Heather, por favor! Acho que bastaria uma declaração escrita tua. Pensas nisso, por favor?

Heather disse que sim, mas que teria de consultar Alan e ele podia pôr objeções. – É capaz de pensar que vamos aparecer outra vez nos jornais.

– Claro que isso não vai acontecer – disse Eliza, fazendo figas debaixo da mesa; Philip Gordon avisara-a de que era uma possibilidade perfeitamente real.

– Também disseste isso da última vez – disse Heather com um sorriso. – Não te preocupes, eu faço os possíveis por convencê-lo.



Ela anunciou tudo isto a Philip Gordon, que ficou extremamente satisfeito e disse que sabia que Toby Gilmour também ia ficar.

– Sim, e já sabemos quem era a loura do restaurante. Chama-se Georgina Barker e é uma antiga namorada do Matt. Tem uma boutique em Kensington.

– Excelente, Eliza. A sorte parece estar a virar um pouco. A nosso favor.

– Já não era sem tempo – disse Eliza. – Já começava a sentir que estava a esvaziar o mar com uma colher.



Alan Connell, o marido de Heather, disse-lhe que ela não devia aparecer em tribunal, em circunstância nenhuma; mas concordou que ela escrevesse um depoimento desde que fosse submetido à sua aprovação.

– Bem, isso é ótimo – disse Philip, na última reunião com Eliza antes da audiência. – Na próxima semana, vou visitá-la e convido o marido a estar presente. Que diz?

– Posso... posso ir consigo? – perguntou Eliza.

– Talvez seja melhor não. É preferível manter o tom profissional – disse Gilmour.

– Ah... está bem. Mas acha que é importante que o artigo... o que enfureceu o Matt... tenha sido sobre ela?

– Não, não. Porque havia de ser?

– Neste momento, dou importância a tudo – disse Eliza sombriamente –, sabe como é... Como se tivesse de ter cuidado para não escarafunchar o nariz...

– Ah, isso seria gravíssimo – disse Toby Gilmour. – Pelo menos, em tribunal. – E piscou-lhe o olho; era a primeira vez que ela via um lado dele que era vagamente bem-

humorado.



– Digo simplesmente que não, que não sou testemunha – disse Gina, confrontando calmamente a fúria de Matt. – Pode-se fazer isso, sabes? Recusar. A não ser que o juiz considere que há uma razão imperativa para convocar a pessoa. E porque é que havia de considerar? Provavelmente vai-te perguntar que tipo de relação temos e tu podes dizer-lhe a triste, a inacreditável verdade. Vais estar sob juramento, têm de acreditar em ti. Oh, Deus do céu!

– O quê?

– Mais quatro semanas sem relações sexuais. Está a tornar-se terrivelmente enfadonho.

– Por amor de Deus – disse Matt.

Por vezes, ela sentia sérias dúvidas sobre se valeria a pena.



– Matt!

Era tarde; ele disse que tinha estado fora, com um cliente. Ela pensou se teria sido Gina.

– Sim? – disse ele, entrando no escritório.

– Temos de conversar sobre a Emmie. Só hoje é que me apercebi de que o juiz talvez queira interrogá-la.

– Nesse caso, o teu advogado tem sido muito negligente. Devia ter-te avisado disso.

– Avisado! Falas como se a culpa fosse minha, a culpa desta história toda...

– E não é?

– Não – disse ela, levantando a voz ao acrescentar: – Não, não, não, não é. É tua, foi ideia tua fazer isto, tirar-ma... tirá-la a um de nós... obrigá-la a viver com um de nós, a crescer confusa, dividida, sem saber quem deve amar, quem lhe pode dizer o que fazer, como se portar...

– Vou ser eu – disse ele. – Mete bem isso na cabeça.

Ela dominou a resposta torta que ameaçava sair. Era demasiado importante. – Pois, mas não achas que devemos prepará-la, Matt? Coitada, não faz ideia do que está para acontecer, se a amas assim tanto, tens de enfrentar esse facto, e devíamos falar os dois com ela, explicar-lhe, falar sobre o assunto...

Seguiu-se um longo silêncio; depois ele olhou para ela e a sua expressão já não era dura nem hostil; era de cansaço e de infinita tristeza. – Sim. Sim, tens razão – disse. – Claro que devemos.



– Jeremy, caríssimo, não imaginas como te amo. Não podemos... talvez... só por mais algum tempo, na próxima semana estou em Roma, podíamos encontrar-nos lá uma última vez e...

– Não, Mariella. Não, não podemos. Concordámos, sabes bem que sim, prometemos um ao outro e... e ao Giovanni, apesar de ele não saber, e temos de cumprir essa promessa. Não há alternativa, não podemos continuar assim, é demasiado...

– Sim, sim, eu sei. És muito sensato. Muito mais sensato do que eu.

Ela suspirou, um suspiro profundo e demorado, carregado de lágrimas: estavam na cama, no apartamento de Jeremy, pela última vez, como haviam prometido um ao outro, e agora que os primeiros raios de luz estavam a infiltrar-se impiedosamente no quarto, a luz áspera e inclemente da alvorada que os separaria, retraíam-se do dever que se haviam imposto.

– Foi o rouxinol e não a cotovia – disse Jeremy subitamente, enrolando nos dedos uma grande madeixa de cabelo dela, levando-a aos lábios e...

– O quê? Não ouvi nada.

– Shakespeare, meu amor, Shakespeare, Romeu e Julieta. Como nós, tiveram de se separar de madrugada, como a nós ela enchia-os de terror, negavam que tivesse chegado. Oh, Mariella.

– Oh, Jeremy.

Ela virou-se e agarrou-se a ele, desfeita em lágrimas; ele sentia os soluços dela, sentia-os no seu próprio corpo. Como eram capazes de suportar, como era capaz de suportar, uma felicidade tão breve, todo o sofrimento que os esperava...



Tinha chegado ao fim. Esta parte pelo menos. Agora parecia ter sido um sonho, entrar ao lado de Philip Gordon naquele enorme edifício gótico vitoriano, com o seu grande portão de ferro forjado que ela vira uma centena de vezes, no noticiário e em velhos filmes. Seguiu Philip e a bonita e elegante assistente dele, Sarah, para o gigantesco átrio que lembrava uma catedral, com recessos de ambos os lados onde as pessoas se juntavam, para conferências claramente urgentes, e advogados de toga e peruca que cirandavam por ali com ar imponente. Era absolutamente... o quê? Aterrador. Era isso.

Um quadro de informações, atrás de uma vitrina dupla, encontrava-se imediatamente à entrada daquela espécie de catedral, com dados sobre as audiências desse dia; e lá estava o processo dela, afixado, Sala de Audiências n.º 31, Juiz Dr. Harris, Shaw contra Shaw. Era ela; estranho como tudo acontecera, como o seu casamento, o seu extraordinário casamento, celebrado num espírito de intensa felicidade, amor e

esperança, se tornara Shaw contra Shaw e fora parar à Sala de Audiências n.º 31 para ser desmantelado pelo juiz Harris! Sentiu os olhos encherem-se de lágrimas – Deus do céu, tinha de acabar com esta choradeira constante – limpou impacientemente as lágrimas, tirou um lenço do bolso e ouviu uma voz enérgica. – Nada de escarafunchar o nariz, por favor! – E ali estava Toby Gilmour, não exatamente sorridente, com um ar estranhamente mais velho e mais importante com a sua toga e peruca.

– Tudo bem? – disse ele e ela acenou com a cabeça e conseguiu esboçar um sorriso. – Ótimo. Temos sorte por nos ter calhado o Harris, é bom tipo, bastante benevolente. É pena não o termos da próxima vez. Seria ideal. Paciência... sente-se bem?



Acabou em menos de uma hora; o juiz Harris ouviu educadamente a exposição que lhe foi feita, lançando ocasionalmente um olhar brusco para a pessoa que estava a falar, e por uma ou duas vezes para Matt ou Eliza, e em seguida exprimiu a opinião de que o processo demoraria uma semana inteira e de que precisariam pelo menos de seis semanas para afiná-lo, segundo as suas palavras. – Devem apresentar dentro de um mês os depoimentos de todas as vossas testemunhas, os relatórios médicos a que queiram recorrer, documentos e cartas. Os vossos advogados prepararão então a vossa defesa. Assim, sugiro a primeira semana de julho para a audiência, com início, ora vejamos, na segunda, dia cinco, data que ficará registada na agenda do tribunal e não poderá ser alterada. Espero que esteja tudo claro.

Após murmúrios de «Sim, Excelência», o oficial de justiça mandou-os levantar e o juiz abandonou a sala, sem voltar a olhar para nenhum deles.

– Vamos – sussurrou Philip Gordon, pegando no braço de Eliza, que olhou para ele, levemente perplexa, sentindo que não sabia muito bem quem ele era, nem, aliás, quem ela própria era, e saíram da sala do tribunal à frente dos outros, por uma porta lateral que dava para New Square, achando-se de repente fora do edifício, na agradável luz do sol.

Eliza sentiu subitamente as pernas a fraquejar e deixou-se cair, aliviada, num banco, exclamando: – Oh, meu Deus.



E Matt, tendo recusado o convite para almoçar e a inevitável análise que acarretaria com os seus advogados, e detestando o ar de complacência que pairava quase visivelmente à sua volta, declarou que tinha de voltar para o escritório, metendo-se no carro e conduzindo a grande velocidade para fora da cidade, sem fazer ideia para aonde, querendo simplesmente escapar dos demónios que se tinham persistentemente colado a ele na sala do tribunal nessa manhã; comprou duas cervejas e estacionou na berma,

onde se deixou estar durante muito tempo, a beber e a pensar; depois, quando a longa tarde deu lugar à noite, fez inversão de marcha em direção à cidade...



– Scarlett, fala a Persephone. Gostava de falar consigo o mais brevemente possível. E não diga nada ao Mark, por favor.

Meu Deus. Era agora. Mark tinha-lhe dito que estavam noivos e ela tinha claramente ficado desagrada. Ele estava muito calado quando chegou do encontro com a mãe, recusando-se a dizer o que quer que fosse, exceto que sim, que tinha corrido tudo bem.

– E disseste-lhe que nos queríamos casar em Trisus?

– Disse, claro. E ela não pôs objeções.

– E pediste-lhe para escrever o... o...

– Epitalâmio? Pedi. – Pelos vistos, um epitalâmio era um poema nupcial.

– E ela aceitou?

– Sim, acho que sim.

Era como estar novamente com o Mark Frost dos primeiros tempos. E agora...



– Ah, já chegou. Bonitas flores, mas, para ser franca, para a próxima prefiro chocolates. Se não se importa. Dorothy, põe estas flores numa jarra, sim? E traz-nos chá.

Scarlett sentou-se em silêncio. Era mais do que evidente que caíra em desgraça.

– Bolo?

– Não, obrigada.

– Devia comer mais. Está muito magra.

– Agrada-me ser magra – disse Scarlett firmemente.

– Pois seja. Se acha que fica melhor assim.

– Acho.

Começava a tirar a pinta a Mrs. Frost. Era uma tirana e a maneira de lidar com tiranos era fazer-lhes frente. Mas...

– Pois bem, não lhe vou dizer que este casamento me agrada, porque não é verdade. É uma rapariga muito simpática e gosto muito de si. Mas não está simplesmente à altura do Mark do ponto de vista intelectual. Não duvido de que as coisas sejam um mar de rosas neste momento. Muita meiguice, muito sexo, muita excitação. Mas no futuro, como será? De que é que vão conversar?

– Do que conversamos agora, imagino – disse Scarlett.

– E que é isso? Não são certamente os tópicos por que ele se interessa.

– Que tópicos são esses?

– Ora, minha cara, já dá uma ideia muito clara se tem de perguntar.

– Uma ideia de quê?

– Do fosso enorme que existe entre os dois.

Scarlett sentiu os olhos encherem-se de lágrimas; dominou-as; e com a maior calma, disse: – Queira desculpar, Mrs. Frost, mas não tenho a tarde toda, dirijo uma empresa.

Dispensou que a acompanhassem à porta; ao atravessar o vestíbulo, viu Dorothy à entrada de uma porta e era capaz de ter jurado que viu uma expressão de aprovação no seu rosto pálido e tenso e até a sombra de um sorriso.

Fosse como fosse, e apesar da sua raiva e indignação, sabia que Mrs. Frost tinha razão; e, quando Mark lhe ligou nessa noite, disse que lamentava, mas tinha muito que fazer, trabalho que provavelmente lhe tomaria também a noite do dia seguinte; claramente magoado, ele disse que ficava a aguardar notícias dela, que não voltaria a incomodá-la. E talvez, pensou ela, fosse melhor para os dois se nunca mais se incomodassem um ao outro.



Uma breve mensagem na inconfundível letra dela.

O Giovanni vai comigo a Londres, quando eu lá for para depor a favor da Eliza, e sugeri que nos fizesses companhia na ópera na quarta à noite. Por favor, por favor, diz-lhe que vais estar fora, não suportaria ver-te. M.

Jeremy leu a mensagem com os olhos turvados pelas lágrimas. E, compreendendo e sentindo o mesmo, disse a Lucilla que queria fazer uma viagem a Nova Iorque na semana do julgamento de Eliza.

– Não pode, Jeremy. Sinto muito. É a semana da conferência europeia e todos os diretores executivos vão estar em Londres, está na agenda há meses. Já organizei reuniões, jantares, uma ida à ópera...

– À ópera? Em que noite?

– Na quarta. Jeremy, é impossível ter-se esquecido, é a Traviata, valha-me Deus, anda muito cansado, não anda? Já sei, na semana seguinte, cancelo todos os seus compromissos e faço-lhe uma reserva naquele hotel em St. Bart de que tanto gosta. – Lucilla olhou para ele com apreensão; ele conseguiu sorrir-lhe.

– Não, não, não quero ir nessa altura, é demasiado quente. Mas sou capaz de dar um salto a Norfolk nessa semana, se arranjar maneira de me encaixar isso na agenda. Obrigado, é um anjo.

Agora como ia dizer a Mariella? Não podia propriamente escrever. E precisava de avisá-la, dizer quando ia à ópera. Talvez, talvez... sim, a única pessoa no mundo em quem podia confiar...



- Oh, Jeremy, querido, meu querido Jeremy, sinto muito. Que pena, que coisa tão triste. Para os dois. Não imagino o sofrimento que deve ser.
- Insuportável – disse Jeremy com um profundo suspiro.
- Mas que história trágica, Deus do céu. Sim, claro que lhe escrevo, dou à coisa um tom de bisbilhotice sobre assuntos de moda e digo que vais estar na ópera na quarta-feira e me pediste para a informar. Ela há de compreender e, se quiser, pode telefonar-me. Pobre Jeremy. Estás com um ar tão cansado.
- Ando cansado – disse ele. – A infelicidade é muito fatigante. Nunca me tinha sentido assim.
- Nem quando eu rompi o nosso noivado?
- Minha querida, lamento dizer que não. Tenho a impressão de que esta é a minha primeira experiência de amor. Espero que não fiques ofendida.
- Claro que não – disse Eliza, dando-lhe um beijo.



Quatro dias mais tarde, Eliza recebeu um telefonema de uma Mariella angustiada. – Por favor, por favor, diz ao Jeremy que é nessa noite que vamos à ópera. Diz-lhe que lhe peço encarecidamente que não vá.

– Vou tentar. Mas é trabalho, são clientes. Oh, querida Mariella, deves estar muito infeliz, lamento imenso.

– Até agora não sabia o que era ser infeliz – disse simplesmente Mariella.

Eliza pensou que mal se recordava de um tempo em que não se sentisse infeliz. E assustada também, cada vez mais de dia para dia. Não tirava os olhos de Emmie, sentada no baloiço a rir-se para ela ou aninhada contra ela a ver programas infantis na televisão ou a espicaçar Mouse com determinação para o pôr num trote indolente ou a dizer-lhe, ensonada, à hora de deitar, que a amava e que ela era a melhor mãe do mundo: e pensava que, se a perdesse, deixaria de desejar viver. Mas... começava a parecer cada vez mais provável.

Philip e Toby tinham-na convocado para uma reunião em que disseram que, na sua opinião, um juiz exigente, «e vai ser, Eliza, quase de certeza», ia querer no mínimo ler o relatório da psicanalista dela e que pretendiam discutir exaustivamente o assunto com ela. – Ela vai precisar da sua autorização para renunciar ao sigilo profissional, compreende? – Eliza ficou calada.

– Eliza – disse Philip –, se recusar, não só vai alienar o juiz, que pode na mesma obrigar a Dra. Miller a divulgá-lo, como transmite uma imagem de que tem alguma coisa a esconder.

– Sim – disse ela –, sim, peço desculpa. Vou... vou dar o meu acordo. Mas pode ser muito mau para mim... para nós. É possível que queiram desistir definitivamente do meu caso.

– Posso dizer – disse Toby Gilmour com um meio sorriso – que, falando por mim, mas estou certo de que falo por ambos, nunca faria isso. É simplesmente inconcebível. E está a falar com um homem, fique a saber, que já viu o pior do comportamento humano. Vamos lá resolver de uma vez por todas este assunto. E não acredito que seja realmente assim tão terrível que me deixe chocado. Que diz?

E ela contara-lhes tudo, sem dourar a pílula, os olhos firmemente postos no chão e, quando terminara, seguira-se um silêncio e Toby Gilmour dissera: – Minha cara Mrs. Shaw – e ela quase sentira o seu sorriso –, ou talvez, agora que começo a conhecer alguns dos seus segredos mais íntimos, consiga tratá-la por Eliza... olhe para mim.

Ela obedeceu; com grande dificuldade.

– Agora ouça com muita atenção, por favor – disse ele. – O que me descreveu... que nos descreveu... é muito infeliz, claro, dadas as circunstâncias. É também absolutamente compreensível e foi, em larga medida, provocado pelo facto de ter perdido o seu filho e pela Emmie, que é claramente uma criança muito manipuladora e inteligente. Se fôssemos apontar o dedo a toda as pessoas que já bateram num filho numa ou noutra ocasião, desconfio que a maioria do país estaria sob escrutínio dos serviços sociais. No entanto, o seu marido vai tirar o máximo partido disso e nós temos de estar totalmente preparados. Agora parece-me que o melhor é contactar a Dra. Miller e pedir-lhe que nos receba.



Quatro dias mais tarde, ao cabo de muita reflexão, muitas lágrimas e muitas noites sem dormir, Scarlett tomou uma decisão e ligou a Mrs. Frost a perguntar se podia ir falar com ela.

Pôs um saia-casaco de um vermelho chocante, a saia distintamente mais curta do que normalmente usava, e os sapatos de tacão mais alto que tinha; levou um grande ramo de rosas. Tocou à campainha, passou à frente de Dorothy com um breve aceno de cabeça e entrou na sala de estar onde Mrs. Frost estava sentada na sua cadeira de rodas, com um ar mais severo do que o habitual. Olharam-se com hostilidade por um momento e depois Scarlett disse: – Trouxe-lhe um ramo de flores. Sei que não lhe agradam muito...

– Não me agradam nada.

– Mas a minha mãe educou-me para que não vá a casa das pessoas de mãos vazias. Ela também não é muito culta, mas tem bons modos.

– Folgo muito em saber – disse Mrs. Frost.

– Adiante, venho para continuar a conversa que tive de interromper no outro dia.

Desde já, peço desculpa.

Mrs. Frost acenou com a cabeça; os seus olhos estavam brilhantes, se de apreensão ou expectativa, Scarlett não conseguiu definir.

– Acho que devemos ir direitas ao assunto. Se bem me lembro, a senhora perguntou-me de que tópicos falávamos um com o outro.

– Nem mais.

– Certo. Bom, falamos sobre ele e falamos sobre mim. Falamos sobre o que eu faço e falamos sobre o que ele faz. Falamos sobre o que vamos comer ao jantar e quem vai cozinhar. Pois bem, todas estas coisas me parecem importantes, tão importantes, sugiro, como as coisas de que a senhora pensa que devíamos falar. Que presumo serem literatura e arte e o sentido da vida. Aliás, já abordámos o sentido da vida.

– E que lhes parece que seja?

– Ainda não temos a certeza – disse Scarlett firmemente –, é uma discussão interessante que temos com frequência. O tempo todo.

– Hum. – Era extraordinária a carga que ela conseguia imprimir àquele som.

– Mas, repare, há muitas pessoas na vida dele que estão intelectualmente à altura dele e, apesar disso, foi por mim que se apaixonou. Sou eu que ele deseja. Com todas as minhas insuficiências. Acho que deve encarar esse facto.

– E os amigos dele, eh? Como pode comunicar com eles?

– A verdade é que ele não tem muitos – disse Scarlett. – É demasiado tímido. Extremamente tímido, aliás, não é? Gostava de saber porquê e pergunto-me se se poderia ter feito alguma coisa para ajudá-lo em criança. Julgo que sim, mas claramente não se fez nada. Suponho que a senhora andava demasiado ocupada. Enfim, ele agora tem-me a mim e talvez eu possa ajudar.

– Duvido muito – replicou Mrs. Frost.

– Veremos. Voltando aos amigos. Os que conheci são muito simpáticos comigo. É frequente quererem falar da minha empresa. Ao que parece, interessam-se pelo assunto.

– Extraordinário. E os seus amigos, o Mark tem conversas com eles?

– Não conheceu muitos. Ainda não falei de nós a ninguém, não à minha família, não a ninguém.

– «Nem», minha cara, «nem». Não se diz «não».

– Essa observação é muito rude – disse Scarlett. – Extremamente rude, aliás. Não sei por que razão pensa que, só porque escreve poesia, tem o direito de me insultar. Realmente ultrapassa a minha limitada capacidade intelectual.

– Sim – disse Mrs. Frost, surpreendendo-a –, sim, compreendo que seja rude. Peço desculpa. Mas continuo a pensar que, se vai avante com este casamento, está a cometer um erro terrível.

– É óbvio que refleti muito sobre ele desde a nossa última conversa – disse Scarlett –,

e é igualmente óbvio que a senhora tem uma certa razão. Intellectualmente não estou à altura do Mark e nunca estarei. Aceito isso. Mas, por outro lado, não me parece importante. Porque sou boa em coisas para que ele não tem talento e acho que nos complementamos bastante bem. E vamos casar-nos porque nos queremos casar. E mais, queremos que a senhora esteja presente. Enfim, eu não quero, para ser honesta. Mas o Mark quer. Adora-a. E trata-a muito bem, na minha opinião.

– Isso é verdade. Mas não lhe dou a minha bênção. Pode casar-se com ele, se quiser, mas será contra a minha vontade e sem a minha presença.

– E de que lhe serve persistir nessa atitude? – perguntou Scarlett. – De nada. O Mark não vai não se casar comigo. E não corrija a minha gramática, por favor. Vai simplesmente casar-se comigo sentindo-se infeliz e desejando que a senhora estivesse presente. E vai ter dificuldade em perdoar-lhe. Sonha com o nosso casamento em Trisus, com a senhora a ler o epitalâmio, como vê sou capaz de pronunciar a palavra e sei o que significa, e estou a esforçar-me por aprender. Portanto, se continuar a fazer finca-pé e não vier, não sou só eu que fica a saber que é maldosa e vingativa, mas, o que é mais importante, ele também fica. O que não é o que a senhora quer, imagino. Se for e se o escrever, ninguém mais saberá, além de mim. Aliás, ficarei a saber que não é. E ele pode continuar a pensar que é uma santa. Coisa que também sei que não é. Por isso... a decisão é sua, Mrs. Frost. Deixo a questão consigo.

Seguiu-se um longo silêncio; Mrs. Frost juntou subitamente as mãos e bateu palmas vigorosamente, várias vezes.

– Muito bem – disse ela –, muito bem, sim, senhor. Realmente, pode não ser culta, mas estúpida não é. Pode ir-se embora agora. Estou cansada e vou dar um recital de poesia logo à noite no Festival Hall. Vou pensar no que me disse.

Scarlett partiu, esperando fervorosamente que a sua autoconfiança não fosse descabida.



Dois dias mais tarde, Mark entrou no escritório de Scarlett, sorrindo radiante, com um grande envelope branco na mão. Este continha uma folha de papel de pergaminho branco, coberta com uma letra cursiva perfeita. – O epitalâmio – disse ele –, é lindo. E disse-me a minha mãe que acha que sempre consegue viajar até Trisus para o nosso casamento. É uma mulher maravilhosamente corajosa e generosa.

– Sem dúvida – disse Scarlett. – Tenho de lhe mandar chocolates.



– Desculpem, desculpem, desculpem, desculpem.

Emmie sentia que, se pedisse muitas vezes desculpa, talvez eles mudassem de ideias.

Estava cheia de medo que fosse tudo culpa dela, porque se tinha portado mal. Tinha sido horrível, naquela noite, quando tinham falado com ela e lhe tinham dito o que iam fazer: viver em duas casas, cada um na sua, e ela a viver numa ou na outra.

– Mas porquê? – repetia, esforçando-se por não chorar. – Porque é que não podemos viver na mesma casa como agora, é bom assim, porque é que temos de mudar?

E eles explicaram exaustivamente que já não se davam bem – «Dão, sim», disse ela, começando a chorar, «dão, sim» – mas não, disse a mãe, discutiam muito, um pouco como Emmie discutia com as amigas e isso tornava-os infelizes e achavam que seria melhor se vivessem em casas separadas.

– Não seria nada melhor – disse ela agora, tentando não chorar –, não seria nada melhor, o melhor era pararem de discutir e viverem na mesma casa. É o que me dizem quando eu discuto, com a Alice e a Hattie e as outras, que pare de discutir e faça as pazes com elas e eu faço.

– Não é bem a mesma coisa, Emmie – disse o pai e ela retorquiu que era, que era exatamente a mesma coisa, que se podia parar de discutir se se tentasse a sério.

– Por favor – disse ela, recomeçando a chorar e sem conseguir parar desta vez –, por favor tentem outra vez. Não quero viver só com um, não quero, não quero, quero viver com os dois. Por favor, mãe, por favor, pai... – E estava a chorar tão convulsivamente agora que não conseguia vê-los com clareza –, por favor tentem outra vez, por favor, por favor.

E então o pai, muito calmo, disse: – Sinto muito, Emmie, mas não podemos.

– Ouviste o que disse o pai – disse a mãe.

No dia seguinte, ela foi para a escola, mas não era capaz de pensar em mais nada e não quis sequer ir para o recreio brincar; de súbito, em plena leitura, vomitou e Miss Barnes levou-a para fora da sala, ajudou-a a lavar a cara, e ligou para casa; a mãe foi buscá-la e pediu-lhe desculpa uma série de vezes no caminho para casa.

Depois, algumas noites mais tarde, quando ela estava na cama, ouviu o pior de tudo, os pais a gritarem um com o outro e a mãe a descer então as escadas a correr e o pai a produzir um som estrangulado, e compreendeu que ele estava a chorar e não conseguiu acreditar, porque os homens não choravam. Correu ao andar de baixo à procura da mãe e disse: – Anda, anda depressa, o pai está a chorar. – E a mãe disse que não, que ele não estava a chorar, e ela insistiu, estava, e puxou pela mãe para subir; pararam à porta de um dos quartos e o som continuava lá dentro; a mãe limitou-se a olhar para ela sem fazer nada e Emmie tentou entrar, mas a porta estava trancada e ela começou a gritar ao pai que a deixasse entrar.

Finalmente ele abriu a porta e, pegando nela ao colo, disse: – Lamento muito, Emmie. – O seu rosto estava manchado de lágrimas e isso era quase o mais assustador, o facto de um homem adulto chorar de verdade; disse-lhe que, se ele lamentava mesmo, que

parasse de discutir com a mãe e ele respondeu que ela não compreendia e, pousando-a no chão, desceu a correr as escadas e saiu de casa.

Foi aí que ela começou a sentir medo de que a culpa fosse dela; de que andassem a discutir por causa dela, porque era muitas vezes malcomportada, e perguntou à mãe se podiam ficar na mesma casa, se se portasse sempre bem, e a mãe lançou-lhe o mesmo olhar terrível e triste do pai e disse que não, que tinha muita pena, mas que não podiam.

Nesse fim de semana, em casa da avó, tinha corrido tudo bem a princípio e a avó tinha sido muito boa com ela; passou muito tempo a montar Mouse e sentiu-se muito melhor, e a mãe também parecia mais feliz; pensou que talvez tivessem mudado de ideias; mas quando perguntou à avó se ela sabia que iam viver em casas diferentes, ela respondeu que sim, que sabia, e que tinha muita pena. Emmie compreendeu então que devia ser verdade.

Quando chegou a hora de regressar a casa, foi à casa de banho no andar de cima e fechou-se lá dentro, declarando que não saía enquanto a mãe não promettesse fazer as pazes com o pai; mas ela não prometeu e as duas, a avó e a mãe, puseram-se a bater à porta e a mandá-la abrir, mas ela recusou; por fim, Mr. Horrocks chegou, ela ouviu a voz dele lá fora, e seguiu-se uma série de pancadas e empurrões e puxões e, quando a porta finalmente cedeu, ela estava de pé em cima da sanita, a gritar, a olhar esgazeada para eles, e a avó disse: – Oh, Eliza, isto é terrível, que foram os dois fazer?



– Sinto muito, Dr. Gilmour... Toby... mas preciso de falar urgentemente consigo. O Philip está fora da cidade até quarta e este assunto não pode esperar, não pode mesmo... um dos assistentes dele ofereceu-se para me levar ao seu gabinete... quero acabar com este processo horrível, prefiro que o Matt fique com a Emmie.



Até essa manhã, Toby Gilmour sentira-se ambivalente em relação a Eliza Shaw. Desde a primeira reunião que a achava muito atraente; quase desenvolvera uma afeição por ela, ao longo das semanas, semanas longas, penosas e emotivas, a preparar o processo, enquanto ela saltava entre o medo e a confiança e o medo novamente, conseguindo, de algum modo, ser quase sempre encantadora. Não era, de maneira alguma, o tipo de mulher que ele normalmente admirava; apreciava as mulheres com uma grande cultura, de intelecto brilhante, que seguiam carreiras que respeitava, não mulheres levianas e frívolas e, embora claramente muito inteligentes, exercendo uma profissão, de todos os pontos de vista, pouco importante.

Mas, quando ela entrou no seu gabinete, lívida e com o rosto manchado de lágrimas e a tremer, acompanhada por um estagiário bastante nervoso, parecendo prestes a

desmaiar à entrada, sentira-se quase intoleravelmente comovido com ela. E, passando-lhe o braço pelos ombros, preocupado apenas em acalmá-la e tranquilizá-la e conduzi-la ao seu gabinete, apercebeu-se de que estava a começar a envolver-se com ela de um modo que não era nada profissional, um modo perigosamente sedutor.

Eliza olhou ansiosa para Toby.

– Pensei... pensei que podíamos falar em privado.

– Mrs. Shaw, não posso discutir o seu processo, por mais urgente que o assunto seja, sem a presença do seu advogado; seria muito... muito pouco ético. Infelizmente, o Dr. Cowan não pode demorar-se muito tempo, tem outro compromisso, mas pode ouvir pelo menos parte do que tem a dizer e informar o Philip Gordon em consonância. Café?

– Sim, por favor.

– Os outros advogados de barra estão no tribunal, incluindo Sir Tristram, e assim não seremos incomodados. Vou ligar a chaleira.

Ela imaginara que era uma maneira de falar, mas havia de facto uma pequena antessala atrás do gabinete, uma espécie de cozinha, com um bico de gás, uma chaleira, uma lata de chá e outra de café e um minifrigorífico.

– As pessoas não gostam, dizem que há um risco de incêndio, mas eu quero tomar café quando me apetece e não ter de esperar que uma rapariga qualquer acabe de bater uma carta ou até uma parte complicada no tricô e, como tal, fiz questão. Chá ou café?

– Acho que café. Passei quase toda a noite acordada.

Ele achou que ela estava com ar disso, com olhos pesados e rodeados de olheiras, e vestira-se claramente sem cuidado, sem dar mostras do seu estilo habitual, simplesmente com jeans e sapatilhas e, por cima de uma T-shirt branca simples, um casaco de ganga bastante velho.

– Escolhe bem. Vá, sente-se e beba isto, é muito forte.

– Obrigada.

Eliza foi sentar-se num sofá de couro fundo, onde se deixou cair, a segurar na caneca e a beber o café, aliviada.

– Que bem que sabe. Obrigada.

– Ótimo. Agora explique-me o que se passou.

E, tropeçando inicialmente nas palavras, ela começara a falar.



Tinha sido a última gota; ter de pedir a Mr. Horrocks que arrancasse a porta às dobradiças, reconhecer o alcance da infelicidade de Emmie, tão profunda que nada poderia suavizá-la.

Emmie ficara histérica durante muito tempo, tremendo e gritando que os odiava a todos, exceto a avó, que queria ficar com a avó; e, ao fim de muito tempo, Eliza disse: –

Está bem, meu amor, acho que podes ficar, mas tenho de ligar primeiro ao pai.

Matt ficara surpreendentemente calado quando ela lhe contou; depois pediu para falar com Emmie, que recusou.

– Não quero falar com ele, nem contigo, quero ficar aqui com a vovó e vocês vão-se embora sozinhos. Vão-se embora, vão-se embora, vão-se embora, odeio-os.

E assim ficou assente que ela passaria os últimos dias do casamento dos pais em Summercourt.

Quando chegou a Fulham, já Eliza tomara o que considerara então ser uma decisão construtiva e absolutamente final. Entregaria Emmie a Matt, sob condição de ter acesso frequente e de os conflitos acabarem; pelo menos, desse modo, Emmie saberia em que posição estava, as discussões e as negociações estariam terminadas e podiam todos seguir em frente e libertar-se desta monstruosa teia contínua de recriminações, distorções e injustiça. Era o mínimo que podia fazer por Emmie, depois de ter mergulhado o seu pequeno e seguro mundo no caos, e seria de algum modo uma reparação pelo mal que ela e Matt haviam feito.

Ali sentada agora, bebendo de vez em quando um gole de café, a voz muito trémula e os olhos enchendo-se frequentemente de lágrimas, explicou a Toby Gilmour o que decidira.

– É demasiado cruel o que estamos a fazer à Emmie. É horrível. Ela anda fora de si, terrivelmente confusa e muito, muito transtornada... ontem à noite fechou-se na casa de banho em Summercourt, Mr. Horrocks, o marido da governanta, teve de arrancar a porta. Ela ainda lá está com a minha mãe, diz que nos odeia aos dois, e no lugar dela, eu também odiava. Já odeio. Oh, meu Deus...

Lançou a cabeça para trás e tentou em vão dominar um soluço.

– Peço desculpa. Enfim, acho que, se ceder, isto se resolve rapidamente e ela começa a viver uma nova vida e, embora seja difícil para ela, não é tão mau como estas discussões intermináveis. Credo, não imagina como odeio o advogado do Matt por uma coisa, tê-lo obrigado a ficar em casa comigo é cruel e perverso.

– Mas normal – disse Gilmour –, acontece com frequência, os clientes são aconselhados a não abandonarem o lar conjugal... Dr. Cowan, eu sei que tem de se ir embora, obrigado pela sua ajuda, conhece a saída, certo?

O estagiário, aliviado, abandonou a sala. Gilmour sorriu. – Foi observada a convenção. Daqui a nada chamo um dos meus pupilos para estar presente.

– Enfim, pelo menos assim posso sair de casa, suponho que o Matt quer ficar com ela, mas não me importo, nunca gostei dela, comprámo-la quando... depois... oh, meu Deus, peço desculpa.

– Depois de o seu filho morrer?

– Sim. Como é que sabia? – disse ela, fitando-o.

– Não sabia. Chame-lhe intuição masculina. Nós, os homens, não somos nulidades totais do ponto de vista emocional, sabe? Nem os homens com formação jurídica.

– Não, vejo que não. – Sentia-se confusa. – É isso, é a casa onde a Emmie deve ficar, é a casa dela, é o melhor, e essa nova ama que ele está sempre a dizer-me que é uma maravilha pode mudar-se para lá... não devia ser uma ama nova, compreende, talvez insista para que a Jennifer continue... e estou convencida de que ela vai sentir-se melhor rapidamente. A Emmie, digo eu. Não há o perigo de nenhum juiz antipático lhe fazer perguntas desagradáveis, como com quem quer viver, e, desde que eu fique com Summercourt, está tudo bem e posso passar lá os fins de semana com ela. Posso passar a trabalhar mais dias e, assim que souber quantos dias o Matt me concede, posso conciliar... conciliar... oh, meu Deus, é tudo tão... tão horrível...

Estava a chorar descontroladamente e a olhar para ele com uma expressão de súplica, como se ele pudesse tornar tudo melhor.

– Seja como for, não vou ficar com ela e todas essas coisas nojentas sobre mim vão se expostas em tribunal, na maioria falsas, mas ninguém vai acreditar, nem o Toby provavelmente, digo eu, que pensará de mim, a fumar erva no escritório, como lhe disse, e a ir para a cama com outros e a bater na minha filha... merda... como é que me meti nisto, como, como, como? Fui tão estúpida, tão incrivelmente estúpida e egoísta e cruel e...

Nesse momento, olhou para ele, pensando que ele devia achá-la desprezível, absolutamente incapaz de ser mãe, e ele pousou a chávena que tinha na mão e levantou-se e ela pensou que ele ia acompanhá-la à porta, dizer-lhe que ia desistir da ação, que sabia agora que ela era uma criatura execrável; mas o que ele fez foi aproximar-se do sofá e sentar-se ao lado dela: e debruçando-se a estudar as mãos, começou a falar.

– Ouça – disse ele na voz mais paciente que ela já lhe ouvira –, não posso deixá-la fazer isso. Acho que o que acaba de dizer demonstra uma alma generosa, corajosa e boa como já não encontrava há muito tempo, e só por isso merece ficar com a sua filha.

»Para começar, as discussões não iam terminar porque iam acabar os dois sozinhos a resolver as coisas, nos vossos próprios termos, e não tardaria muito a ser ainda pior. Diz que o Matt pode ficar com ela, desde que a deixe visitá-la com frequência. Eliza, quem é que decide o que é acesso frequente e quem a vai obrigar a concordar com isso? Quando ainda estão os dois magoados e o Matt cheio de raiva?

»Diz que, se o Matt aceitar que fique com Summercourt, está tudo bem para si, mas o que a leva a pensar que ele aceite, se não for um juiz a ordenar? Diz que vai tentar insistir para que a ama atual da Emmie continue, mas, mais uma vez, seria impotente e o Matt procederia da maneira que entendesse ser melhor para ela; e ele opõe-se firmemente à Jennifer. E sim, não haveria nenhum juiz antipático a perguntar-lhe o que

ela quer, mas na ausência dele quem decide? Acha que, de repente, a Eliza e o Matt se vão tornar bons amigos, pessoas razoáveis, mas desengane-se. Assim que a Eliza ultrapassar a nobreza e o Matt a generosidade do seu gesto, vai sentir um ressentimento feroz, acredite em mim, e ele tirará partido disso. E não vai concordar pacificamente com uma distribuição justa dos dias que passará com a Emmie, para poder pôr em ordem a sua vida profissional, vai levantar problemas, empatar e objetar e criar-lhe dificuldades terríveis.

– Sim, mas...

– Não há mas, nem meio mas. Eu sei do que estou a falar. É para isso que me paga. – Sorriu-lhe. – Estou quase a terminar. Repare que a lei, embora custe muito dinheiro, claro, e seja muito ditatorial, tem uma lógica própria e pensa por si, Eliza. E depois estabelece regras que têm de ser acatadas. A semana em tribunal vai ser muito penosa para si, não nego isso, e espero naturalmente que o juiz não queira falar com a Emmie, mas pode querer. No entanto, quando tudo chegar ao fim, a Eliza saberá qual a sua situação e o Matt a mesma coisa, e fica tudo resolvido. A lei cria ordem. Compreende o que estou a dizer? A Eliza e o seu marido são duas pessoas tenazes. Sentem-se ambos revoltados, desiludidos, magoados e desejosos de vingança, ambos adoram a Emmie, ambos querem a Emmie. Se dispensar agora o nosso apoio jurídico, onde acha que estará daqui a uma semana? Exatamente onde estava, e provavelmente muitíssimo pior.

Ela ficou calada, não olhando sequer para ele.

– Ora, eu estou confiante de que, na pior das hipóteses, vai conseguir um bom acordo e continuo esperançado de que poderá obter pelo menos a custódia. Embora seja uma semana muito dura para si, já se sabe. A lei tem necessariamente uma natureza bélica, além de manter a ordem. E o quadro que o Dr. Hayward vai pintar de si não será agradável. Durante esses breves dias, Jezebel vai parecer uma santa em comparação consigo. Mas a Eliza há de sobreviver, porque é uma pessoa extraordinariamente forte, para não dizer corajosa. Como é, consegui convencê-la a não enveredar pelo caminho perigoso que parecia apostada em trilhar esta manhã? Porque é, e espero que acredite em mim, para seu próprio bem e não meu que desejo desviá-la dele. Embora, naturalmente, eu viesse a beneficiar em certos sentidos, especialmente... – Calou-se.

– Especialmente o quê? – perguntou ela. Sentia uma carga na atmosfera que reconhecia e, apesar de tudo, a excitava; seguiu-se um silêncio e ela sentiu-o retrair-se.

– Especialmente a oportunidade de defender a sua causa – disse ele, o seu tom novamente brusco. – Como disse, é uma perspetiva entusiasmante.

– Bem... vou pensar no que disse. Claro que sim.

– Por favor, Mrs. Shaw, Eliza, faça mais do que pensar.

– Sim, sim, prometo. Oh, meu Deus, já é muito tarde. Tenho de ir andando, devia estar a trabalhar, em reuniões, a organizar uma sessão fotográfica de moda.

– Está a ver? – disse ele. – Ainda consegue pensar no trabalho no meio de todo este tumulto. Como disse, é extraordinariamente forte.

Acompanhou-a à porta.

– Foi muito amável – disse ela. – Não percebo como me pode dispensar tanto tempo.

– Não sou inteiramente desumano – disse ele e depois, como se soubesse que de outro modo não o diria, apressou-se a acrescentar: – E, além disso, é impossível... não ser amável com uma pessoa como a Eliza.

– Ah – disse ela e, surpreendendo-se a si própria, deu-lhe um beijo na face.

– Obrigada – disse. – Muito obrigada... Toby.



Matt tinha ido a Summercourt visitar Emmie. Estava receoso de que ela se mostrasse hostil, se recusasse a falar com ele, mas quando lá chegou e a encontrou sentada no terraço com Sarah, a desenhar, ela correu para os braços dele, gritando «pai, pai» e cobriu-o de beijos.

– Como está a minha princesa? – perguntou ele, cauteloso.

– Ótima. Isto é para ti.

Ele olhou a medo. Era a imagem de uma menina de cabelo comprido, entre um homem e uma mulher e diante de uma grande casa.

– Sou eu contigo e com a mãe. A casa é Summercourt. A vovó disse que era muito bonito.

Almoçaram juntos no terraço. – Daqui a pouco tenho de me ir embora, meu amor – disse ele a Emmie, que lhe dava gelado à boca entre risinhos. Normalmente, pensou Sarah, este tipo de comportamento não teria sido tolerado. Emmie ia tornar-se agora numa menina mimada, vítima da rivalidade entre os pais para a conquistar, a disciplina abrandaria, as regras seriam ignoradas: como se ela já não fosse suficientemente travessa...

– Que pena. Vais para casa para perto da mãe?

– Sim, para nossa casa.

– Quem me dera que pudéssemos viver sempre aqui – disse ela, a sua expressão tornando-se subitamente séria. – É tão bom estar aqui. Tu e a mãe e a vovó e o Mouse e eu. Era muito, muito bom. Podemos fazer isso, pai?

– Infelizmente não, meu anjo. A mãe e o pai têm de trabalhar. Temos de estar em Londres.

– Às vezes então. Tu e a mãe juntos.

– Não, Emmie, não pode ser. Já te explicámos que...

Nesse momento, ela levantou-se de um salto, o pequeno rosto crispado, lágrimas enormes nos seus olhos azuis e disse: – Odeio isto. Odeio-te. Porque é que não? Porquê,

porquê, porquê?

– Emmie... querida... – Estendeu a mão para ela; ela repeliu-o.

– Não. Vou ter com o Mouse. O Mouse e a vovó são os melhores de todos.

E desapareceu a correr, o seu cabelo comprido a esvoaçar, uma pequena vítima da guerra entre eles; Matt ficou a vê-la e passou a mão pelos olhos. Sarah reparou e deu-lhe uma palmadinha na mão.

– Deixa-a – disse ela –, deixa-a comigo. Isto passa.

No regresso a Londres, invadido por um novo e selvagem remorso, Matt sentiu de súbito um grande medo. E se perdesse? Se Eliza obtivesse a custódia? Como seria capaz de aguentar, uma vida sem Emmie presente no dia a dia? Seria insuportável; enlouqueceria. Já assim se sentia meio louco. Encostou à berma, tentando acalmar-se e passando em revista a argumentação. A sua argumentação. Ivor Lewis declarava-se extremamente confiante; tinham testemunhas estupendas, uma argumentação excelente. Mas havia coisas... coisas que ele nunca contara a Lewis. Sabendo que era um erro mas demasiado receoso para as confrontar. Sobre Gina. Sobre a agressão a Eliza. Isso, mais do que qualquer outra coisa, perseguia-o agora: não apenas a possibilidade de ser exposta, mas o facto de a ter sequer cometido, de ser o tipo de homem capaz de bater numa mulher e, por conseguinte, numa criança. Um homem que nunca deveria ser deixado sozinho com uma criança, quanto mais autorizado a tirá-la à mãe.

Mas... Eliza nunca contara a ninguém. Suportava sozinha essa vergonha. E Gina era a única outra pessoa no mundo que sabia. E jurara que nunca diria nada a ninguém. Mas... sabia; podia mudar de ideias.

Matt pegou nos cigarros e acendeu um com mãos trémulas. Como fora capaz disso, de bater na mulher? Como? Como fora capaz de tudo isto, de fazer Emmie tão infeliz? Mas não era só ele... pois não?



– Eliza, fala o Philip Gordon.

– Ah, olá, Philip. – Que seria agora?

– Surgiu uma coisa interessante; a sua psicanalista recusa-se a divulgar os seus relatórios. Mas devo avisá-la que, na minha opinião, o juiz vai exigir vê-los. Se exigir, e ela teimar em não os divulgar, pode ser acusada de desrespeito ao tribunal.

– Não! Isso é terrível, ela é uma excelente profissional e é uma atitude corajosa da parte dela. Que devo fazer então?

– Acho que devemos adverti-la dessa possibilidade. Se ela for intimada, a Eliza terá de renunciar ao sigilo profissional e os relatórios são apresentados. Mas não vamos pensar no pior, por enquanto.

– Não. Claro.

Deus do céu, mais uma preocupação. Este processo alguma vez teria fim?



Eliza tirara a semana anterior ao julgamento de férias. Sarah levara Emmie de Summercourt, na segunda à noite, apesar do plano inicial de mantê-la lá; ela chorava todas as noites na cama e acordava frequentemente a meio da noite, tendo molhado os lençóis e queixando-se de pesadelos. E quando, na quinta à noite, vomitou, Eliza decidiu que um fim de semana prolongado em Summercourt faria bem às duas; no dia seguinte de manhã cedo meteu-se no carro e partiu.

Chegaram pouco depois das nove; estava uma manhã perfeita e Summercourt brilhava em toda a sua mágica glória; como sempre, ela sentiu-se reconfortada, mais animada, observando, sorridente, Mouse que apareceu a trote para as saudar, à espera das pastilhas de hortelã-pimenta que Emmie lhe levava sempre; e deixou-se cair, aliviada, num dos velhos bancos de madeira descoloridos pelo tempo, saboreando o som das gargalhadas de Emmie a dar de comer ao pónei e desejando que o momento durasse eternamente, este momento feliz, ensolarado, encantador, repleto do perfume das roseiras que trepavam contra as paredes e dos gorjeios dos pássaros à sua volta, sem preocupações, liberta do medo.



Toby Gilmour ligara a Philip nessa mesma manhã para lhe dar a má notícia: que o juiz que fora designado para o processo era o que o concurso de Miss Mundo era para o movimento feminista. – Não podia ser pior, parece que foi escolhido a dedo pelo Ivor Lewis e pelo Bruce Hayward. É incrivelmente sectário, decidiu várias vezes a favor do marido em casos de divórcio, acha que eles são cada vez mais injustamente tratados, especialmente com esta mania de queimar soutiens que por aí anda, a frase é dele e não minha, e... imagina só... perdeu um processo de custódia dos dois filhos quando se divorciou há dez anos.

– Divorciou-se?

– Sim. Ora, Philip, deves saber...

– Não, não me digas, o Clifford Rogers?

– O próprio.

– Valha-me Deus. É mesmo azar. Tens a certeza?

– Se tenho a certeza que nos calhou? Sim, absoluta, jantei com ele ontem à noite. Se tenho a certeza a respeito do divórcio dele? Tenho, estive com ele aqui há duas semanas numa festa nos jardins da Lincoln's Inn, estava a cair de bêbado e encostou-me a um canto e contou-me a história toda.

»Passei a noite a imaginar táticas; é muito complicado. Ele detesta as mulheres. Além

disso, é ex-aluno de uma grammar school, um dos primeiros a chegar à magistratura, e faz campanha a favor da nova ordem social, por isso não vai simpatizar com a nossa Eliza e vai pensar que o Matt e o Ivor Lewis merecem tudo de bom.

– Estamos feitos.

– Seja como for, acho que uma das coisas que talvez ajude é conseguirmos sentar a amiga da Eliza, a Heather, no banco das testemunhas. Boa rapariga da classe trabalhadora, uma amizade que ultrapassa as barreiras sociais... e estou felicíssimo por termos a irmã do Matt também do nosso lado.

– Mas ela deve ser exatamente o tipo de mulher que não lhe agrada. Bem-sucedida, poderosa, segura de si...

– Não, não, subiu a pulso, estás a ver?

– E o Northcott?

– Vai odiá-lo. Duvido da sensatez de o chamar de todo. Temos o editor que está a meio da escala social.

– Que azar dos diabos. Que te parece que ele vai pensar da condessa italiana ou lá que é?

– Só Deus sabe!



– Que sítio magnífico! E os jardins são lindíssimos.

– Tem de dizer isso à minha mãe. Entre... esta é a Emmie. Emmie, este senhor é o Dr. Gilmour.

– Olá, Emmie. Ouvi falar muito de ti. Esse cavalo selvagem é o Mouse?

Emmie olhou para Mouse, com a sua constituição algo robusta, e riu-se.

– É. Sabe montar?

– Sei. Mas não tenho tempo. Nem um sítio para ter um cavalo. É pena porque gosto muito.

– Podia tê-lo aqui – disse Emmie. – O Mouse sente-se sozinho; aliás, a vovó anda a ver se arranja um Shetland para lhe fazer companhia.

– Seria muito bom. O problema é que não tenho um cavalo senão aparecia aqui a galope.

– Eu não sei galopar – disse Emmie. – Só sei andar a passo e a trote. Quero organizar um concurso hípico meu – acrescentou ela –, aqui em Summercourt.

– É uma ideia gira.

– Quer ver-me andar a passo e a trote?

– Mais tarde. Gostava muito. Mas agora preciso de falar com a tua mãe.

– Sobre quê?

– Sobre muitas coisas.

– Do divórcio? – disse Emmie, fazendo má cara.

– Sim, infelizmente.

– É tão estúpido – disse ela, num tom mais desdenhoso do que angustiado que não passou despercebido a Toby Gilmour. – E eles também são muito estúpidos.

– Quem, a mãe e o pai?

– Sim. Pensei que eram espertos, mas não são, e agora temos de ser todos infelizes e um homem chamado juiz vai decidir o que me vai acontecer. Como é que pode quando não me conhece, nem sabe o que eu quero? É estúpido.

– Emmie – disse Eliza –, já sabes que te disse que podes ter uma oportunidade de falar com o juiz.

– Acho que ele não vai ligar nenhuma. Tu sabes o que eu quero e não ligas. Os cavalos são muito mais sensatos.

– Nisso estou de acordo – disse Toby.

– Emmie, eu e o Dr. Gilmour temos de ir conversar. A vovó está na cozinha e quer que a ajudes a descascar ervilhas.

– Detesto descascar ervilhas.

– Paciência, elas têm de ser descascadas. Nós não vamos demorar...

– Posso depois mostrar-lhe o passo e o trote, sem o galope? – pediu Emmie, olhando para Toby.

– Com muito prazer. Mas talvez tenha de levar a tua mãe a um sítio primeiro.

– Está bem. – Ela encolheu os ombros e partiu na direção do picadeiro.

– Emmie, eu disse para ires ajudar a vovó – disse Eliza; Emmie virou-se para ela e lançou-lhe um sorriso de intensa doçura.

– E eu disse que não queria – retorquiu ela, continuando a afastar-se.

Eliza olhou para Toby.

– Neste momento está um pouco... mimada de mais.

– Não admira. Auguro-lhe um grande futuro na advocacia. Tem um pensamento lúcido e é brilhante a fazer valer os argumentos dela.

– Oh, não comece. Vamos para casa, tenho café. Foi muito amável em ter feito a viagem.

– Bem... a conversa não é fácil. É melhor cara a cara. Além disso, talvez seja necessário fazermos uma viagem juntos.



– A Heather não tem a certeza de que ele vá concordar – disse Eliza, quando o BMW de Toby parou no bairro camarário onde Heather residia. – É além, olhe... isso, estacione aqui. Ah, lá está a Coral – disse ela, saltando do carro. – Olá, Coral, porque é que não estás na escola?

– Olá – disse Coral timidamente. – Estou constipada. Onde está a Emmie?

– Está com a avó. Coral, este senhor é o Dr. Gilmour, viemos falar com a tua mãe. Ela está em casa?

– Está, disse-me para estar atenta à tua chegada.

Heather apareceu, com um bebé ao colo.

– Heather, que bom ver-te. Como estás? Apresento-te o Toby Gilmour, o meu advogado de defesa. Toby, esta é a Heather Connell.

– Prazer em conhecê-lo – disse Heather.

– Igualmente – disse Toby, fazendo uma ligeira vénia.

– Bem... entrem. Fiz chá, podemos tomá-lo no jardim.

O jardim era uma obra de arte: o pequeno relvado aparado em tiras, os canteiros cobertos de uma profusão de rosas, dalias e íris, e todos eles bordejados de amores-perfeitos. Em todos os cantos do relvado havia uma sebe de buxo, cortada num triângulo perfeito, e em pleno centro do relvado havia um comedor para pássaros. Por baixo estava uma tartaruga.

– Uma tartaruga! – exclamou Toby. – Eu tinha uma. Calculo que seja tua, Coral?

– É, chama-se Meths.

– É o diminutivo de Methuselah – explicou Heather.

– Como é que se chamava a sua tartaruga?

– Tort³ – disse Toby, sorrindo-lhe –, é um ramo do Direito e por isso assentava-lhe bem. O meu pai era juiz.

– Também é juiz?

– Não, sou advogado de barra. É uma espécie de futuro juiz. Espero eu – acrescentou. Tinha jeito com crianças, pensou Eliza, o que a surpreendia.

– Infelizmente – disse Heather, passando as bolachas –, não estou com muitas esperanças em relação ao Alan. Ele chega às cinco e cinco e podem perguntar-lhe então.

– Se ele concordar, aceitas depor? – quis saber Eliza.

– Claro que sim. Não digo que não me assuste, mas aceito...

– Excelente – disse Toby.



Às cinco e cinco em ponto, um Ford Consul estacionou no pequeno acesso. Alan Connell apeou-se. Estava vestido com um fato azul-marinho, com os botões do casaco apertados apesar do tempo extremamente quente, uma camisa branca e uma gravata às riscas azul-marinhas e cinzentas com um nó perfeito. Os sapatos estavam bem engraxados; tinha o cabelo penteado com uma risca ao lado precisa e até o bigode parecia ter sido penteado.

– Boa-tarde – disse ele, acenando-lhes com a cabeça. – É então a Eliza.

- Sou. Como está, Mr. Connell? Lamento virmos perturbar o seu fim de semana.
- O fim de semana ainda não começou – disse Alan Connell. – Só começa à meia-noite.
- Pois, suponho que não.
- Vou mudar-me. Gosto de vestir roupa informal assim que chego a casa. Ajuda-me a descomprimir. Depois podias trazer-nos chá, Heather.

Desta vez, o chá foi servido na sala do pequeno-almoço. Alan estava agora com calças casuais muito bem vincadas, uma camisa de manga curta, cuidadosamente aberta no pescoço, e sapatos muito engraxados castanhos em lugar de pretos.

– Muito bem – disse ele –, passemos a assuntos sérios. Isto não me agrada, disse que a Heather não devia aparecer em tribunal e ainda não ouvi nada que me levasse a mudar de ideias.

– Deixe-me explicar – disse Toby. – O problema é que o juiz que nos... calhou... não gosta de depoimentos escritos. Aliás, normalmente ignora-os. Por isso, a presença da Heather pode fazer toda a diferença para a defesa da Eliza. Se concordar que ela vá... é claro, sei que é bastante longe, mas podemos mandar um carro...

– Um carro! Daqui a Londres?

– Sim. Seria um grande favor da vossa parte e gostaríamos de mostrar o nosso apreço. Está muita coisa em jogo, compreende?

– Pois é, não admira que os advogados cobrem honorários exorbitantes – comentou Alan. – Nunca ouvi tamanho disparate, ela pode ir de comboio...

– Sim, mas gostaríamos que também fosse – disse Toby –, para lhe fazer companhia. Imagino que não havia de querer que ela passasse por tudo aquilo sozinha, serão momentos difíceis. E também para que não fique apreensivo com a situação.

– Ah, estou a ver. Não tinha percebido que também queriam que eu fosse. Sem dúvida que me agradaria muito mais. Claro, tinha de pedir um dia de férias no emprego, mas calculo que seria entendido um pouco como desempenhar funções de jurado em tribunal. No sentido em que não se pode recusar.

– Certamente. E no caso improvável de ter de ficar, é evidente que os alojaríamos num hotel simpático...

– São muito generosos – disse Alan e depois, claramente ansioso para não ser julgado um papalvo, acrescentou: – Também não esperaria outra coisa, claro.

– E eu quero ajudar, Alan – disse Heather. – A Eliza foi muito minha amiga.

– Diga-me, Heather, de que modo é que ela foi tão sua amiga? – perguntou Toby.

– A Eliza é simplesmente a melhor amiga que alguma vez podia imaginar – disse Heather com simplicidade. – Foi muito boa para nós, a Coral adorava-a, é muito boa com crianças e nunca se queixou por ter renunciado ao emprego incrível que tinha, embora eu saiba a que ponto tinha saudades dele. E, mais tarde, ia muitas vezes buscar a Coral à escola quando eu estava grávida e não me sentia capaz de ir, e fazia-nos compras, nunca

precisei de pedir, ela oferecia-se, e costumava levar-nos ao parque nas férias para fazermos piqueniques. Deu-nos uma televisão e uma vez até me emprestou dinheiro quando... enfim, quando eu perdi o porta-moedas. E defendeu a nossa causa junto do senhorio, discutiu com o inútil do canalizador e eu sei que as coisas deram para o torto no fim com o artigo do jornal, mas a culpa não foi dela. E tive imensa pena dela quando o bebé morreu... e ela foi muito corajosa e generosa quando eu voltei a engravidar pouco depois, disse que estava muito feliz por mim, não há muitas pessoas a reagirem assim. E, quando mudámos de casa, senti a falta da Eliza, era como um vazio enorme na minha vida. Ela é o tipo de pessoa que faz tudo o que uma pessoa pede, não me ocorre nada que ela fosse capaz de recusar...

Fez-se um silêncio; Eliza remexeu na carteira à procura de um lenço e assoou o nariz com força. Toby, que estava sentado a olhar para Heather como que enfeitiçado por ela, deu-lhe uma palmadinha na mão e até Alan aclarou a garganta.

– Bem – disse Toby –, acha que seria capaz de dizer tudo isso em tribunal? Pode fazer toda a diferença para a Eliza.

– Claro que sou – respondeu Heather.



– Foi brilhante – disse Eliza, quando arrancaram. – Também me sinto muito mais esperançada. Já sei que uma andorinha não faz o verão e tudo isso...

– Seja como for, grão a grão... Deus do céu, olhe para este trânsito. Por este andar, não vamos chegar tão cedo. Está com fome? Vamos ver se descobrimos uma estalagem rural simpática para jantar.

– Não tem de voltar para Londres?

– Não – disse ele secamente –, não tenho. Não tenho nada que fazer durante o fim de semana. Ora bem, vamos continuar mais uma hora ou assim e depois paramos, que diz? Devemos estar na área de Buckinghamshire por essa altura. Há um bonito restaurante em Cookham, à beira-rio. Acha bem?

– Excelente – disse Eliza. – Obrigada.



A coincidência e o seu parente próximo, o acaso, estavam em ação nessa agradável noite estival, em que todos os envolvidos no processo Shaw contra Shaw estavam cada vez mais obcecados, e outra coisa não seria de esperar, com o seu desfecho.



– Hum... estava a pensar se gostarias de ir tomar um copo esta noite?

– Bem... porque não? Pode ser, Matt. Queres experimentar um dos meus hotéis? O que

fica perto de Hyde Park é muito bom.

- Sim, boa ideia. Obrigado, Louise. Nunca visitei nenhum e já devia ter visitado. Ótimo.
- Combinado. No bar de champanhe, às seis e meia?
- Combinado.



– Gina, boneca, fala o Freddy.

– Ah... olá, Freddy.

Freddy era o sócio dela; ou antes, tinha entrado com a maior parte do dinheiro para a Dressing Up. Era atraente, de uma forma vistosa, gay e extremamente rico.

– Estou na cidade. Só esta noite. Estava a pensar se querias jantar comigo. Ir talvez a qualquer lado a seguir... ando mesmo a precisar de alguma animação noturna.

– Bem... – Preparava-se para declinar, mas depois pensou que talvez fosse boa ideia. Freddy era divertido e um bonitão, não seria desgraça nenhuma ser vista com ele. E começava a pensar que a relação com Matt era chão que deu uvas. Mas... tinha investido nele um grande capital emocional e nutria de facto uma profunda afeição por ele. Ou tinha nutrido. E quando este maldito processo chegasse ao fim, as coisas deviam voltar à normalidade.

– Sim, seria muito agradável – disse ela.

– Excelente, estou hospedado nesse novo hotel logo abaixo de Hyde Park Corner, muito simpático. Têm um bar de champanhe, podemos começar lá e depois ir jantar a qualquer lado... escolhe tu.



Matt estava atrasado... claro. Era irritante, caramba! Fora uma coisa que a surpreendera quando começaram a encontrar-se socialmente, a sua falta de pontualidade patológica. Mas a uma reunião de trabalho nunca chegava atrasado.

Tinha pedido uma taça de champanhe e feito um reconhecimento rápido às áreas de receção e à casa de banho das senhoras – sempre o barómetro de um bom hotel – quando ele finalmente chegou.

– Sempre te dignaste aparecer.

– Não comeces, Louise. Tive um dia infernal. Mas tenho boas notícias, calhou-nos um juiz que é um paladino dos direitos dos pais. Portanto... pode ser um bom augúrio. E não há necessidade de nos preocuparmos com o advogado deles, como disse é um adjunto, não deve ser muito competente, e o Bruce Hayward não vai apertar muito contigo, evidentemente. Podes simplesmente dizer... já sabes... o género de coisas que disseste no outro dia à noite...

– Matt, não te preocupes. Não te deixo ficar mal. Como está a Emmie?

– Está ótima. Isto é... – Suspirou. – Nem por isso.

Seguiu-se um silêncio; ele indicou então o copo dela.

– Mais uma?

– Sim, por favor. Hoje vou quebrar a minha regra de ouro. Tenciono beber mais do que meia colher de chá.

– Porquê?

– Oh... porque... sei lá... porque me apetece. Mas tenho de ter cuidado, amanhã tenho um dia em cheio, vou a Stratford para uma reunião na obra com o empreiteiro. Não posso aparecer ressecada.

– Não. Ouve... mais vale mandar vir uma garrafa.

A garrafa chegou; pareceram dar conta do primeiro copo num abrir e fechar de olhos. Matt serviu um segundo.

– Ui, tem de ser o último – disse Louise. – Já me sinto um bocado tonta. É melhor ir agora à casa de banho enquanto ainda me aguento nas pernas.



– Estás sensacional, boneca – disse Freddy. – Adoro o penteado.

– Obrigada. Tiveste um bom dia?

– Excelente.

– Onde está o Sam?

Sam era o companheiro de Freddy, um académico de ar discreto, especializado em História Medieval, e o oposto absoluto de Freddy.

– Está em casa a acabar uma comunicação qualquer sobre a ascensão dos antipapas.

– Credo – disse Gina.

A exclamação não era uma reação ao tema da comunicação de Sam, mas ao facto de ter acabado de avistar Matt do outro lado do bar.

– Algum problema?

– Talvez. É melhor irmos andando.

– Gina! Ainda nem sequer pedi uma bebida. Tem dó; não demora nada. Que tomas?

– Pronto, seja – disse Gina. Estava mais descansada, porque ela e Freddy estavam num reservado, bastante escondidos de vista. E o bar tinha pouca luz. Podia mesmo observar Matt sem que ele se apercebesse. Só queria saber com quem ele estava...



Louise penteou o cabelo, retocou o batom e aspergiu um pouco mais de perfume Miss Dior. Estudou a sua imagem ao espelho; estava com bom aspeto. Não parecia bêbada. Mas custara-lhe um pouco atravessar o bar direita.

Voltou para junto de Matt, que fitava o copo pensativo.

– Matt! Se continuas assim, não aguentas o fim de semana. Vai correr tudo bem.

– Espero que sim – disse ele, mas não soou muito convencido.

– Vai. De que é que tens mais medo? Além de perder?

– Oh, reviver tudo, em público...

– O quê? – perguntou ela, genuinamente curiosa.

– O... o casamento. Todas as coisas horríveis, as brigas, o fogo cruzado, oh, não sei,

sinto-me apenas muito confuso. Uma parte de mim queria nunca ter começado isto...

– É natural. Serias anormal se não quisesses. Mas... – Louise fez um esforço para encontrar as palavras certas. – Mas vale a pena lutares por tudo aquilo que é importante para ti... desculpa, é um cliché terrível... e a Emmie está certamente nessa categoria.

– Claro que está. Mas sabes... no outro dia pus-me a pensar nela, como fiquei nas nuvens quando ela nasceu, era capaz de ter largado a voar pela janela, foi incrível, não podia haver ninguém mais feliz do que nós. Pensei que agora tinha tudo e... olha para nós. A culpa é minha.

– Matt, a culpa é dos dois. Se calhar... se calhar nunca se deviam ter casado. São muito diferentes um do outro. Isto é, já sei que estavam apaixonados e tudo isso, mas há o amor e há o casamento e... oh, deixa lá. Não sei do que estou a falar. Eu, uma solteirona inveterada. Casada com hotéis, que rica perspetiva para a velhice...

– Não sei. Podia ser pior. Tens pessoas para olhar por ti. Montes de pessoas. Não são muitos os velhos que têm criadas de quarto pessoais...

Ela sorriu. – Dizes bem. Ah, dás-me licença? O gerente acaba de me ver. Não demoro.



Gina observou Louise a atravessar o bar; tinha muita classe. Não exatamente o último grito, aqueles sapatos eram inquestionavelmente do ano passado e o vestidinho preto não era mini nem maxi, dava apenas pelo joelho. Mas aquele comprido colar de pérolas, possivelmente Chanel, era muito bonito e as pulseiras de ouro também – e as pernas eram sem dúvida esplêndidas. E possuía uma elegância que significava autoconfiança e sucesso: muito sucesso. Louise era uma magnata, uma das primeiras mulheres a ascender a tal posição, não apenas a coproprietária de uma boutique miserável. Gina sentiu-se de repente muito deprimida. Não, mais do que deprimida, angustiada.

Ali estava o homem com quem esperava... enfim, para ser franca, com quem esperava casar um dia, na companhia de uma mulher que...

– Vamos embora – disse ela a Freddy –, por favor.

– Está bem, boneca, mas deixei a minha carteira lá em cima, tenho de ir buscá-la. Encontramo-nos no átrio.

– Despacha-te.

Levantou-se; nesse momento, Louise surgiu a atravessar a sala a bambolear-se, sentou-se com uma pancada quase em cima do regaço de Matt e soltou uma gargalhada. Não era coisa que ele apreciasse, Gina pensou, detestava intimidades em público. Mas... ele sorriu-lhe e deu-lhe uma palmada afetuosa na coxa quando ela deslizou para o assento.

E depois... depois... não, não podia ser, mas sim, sim, era, olharam um para o outro, claramente espantados, e houve uma pausa e Louise inclinou-se então, sorrindo, e beijou Matt... de fugida, era certo... na boca. E afastou-se. E a seguir ele fez o mesmo. Também

de fuga. E depois ficaram outra vez a olhar um para o outro.

Gina avançou até à mesa deles e, confrontando-os, disse: – Isto é um momento de amor privado? Ou qualquer pessoa pode participar?



– Raios! Merda! Malditos animais. Oh, olhe para isto. E é sexta à noite, todas as garagens estão fechadas. Oh, com mil diabos...

A causa desta explosão eram duas ovelhas que tinham claramente escapado de um campo e estavam a caminhar tranquilamente pela estrada rural; uma curva tinha-as encoberto até ao último momento, quando Toby tinha travado, guinado violentamente e resvalado, sem perigo, mas irreversivelmente, para uma vala.

Eliza saiu e examinou o carro.

Toby saiu também e juntou-se a ela. – Devíamos ter-nos cingido às estradas principais – disse ele.

O plural era generoso, pensou ela; tinha sido por sugestão dela que tinham abandonado a estrada A, onde o tráfego era intenso.

Ele olhou para o carro fazendo uma careta. – Diabos o levem. Mas a questão é... que fazemos agora?

– Sabe-se lá. Precisamos de um reboque...

Nem de propósito, um Ford Anglia muito velho parou nesse momento ao lado deles e uma senhora idosa de ar afoito pôs-se a perscrutá-los. Estava vestida com um Barbour e galochas, apesar da agradável noite, o cabelo grisalho preso num carrapito desgrehado no alto da cabeça.

– Parece que precisam de ajuda.

– Pode crer – disse Toby –, foi muita gentileza sua parar. Mas não me parece que o seu carro...

Ela olhou para ele desdenhosamente.

– Claro que não. Mas há uma oficina em Deep Mallow, a aldeia mais próxima a poucos quilómetros daqui. Querem boleia para lá?

– Agradecíamos muito. Mas não está fechada?

– Sem dúvida que está. Mas o Jim... é o dono... vive nas instalações. Ele dá aqui um salto e resolve o problema; força, entrem.

Eliza e Toby entraram no carro.

Tornou-se claro que a velha senhora atemorizava Jim Douglas. Ao voltarem para junto do carro, ele revelou que ela era viúva de um certo coronel Rockingham, residente no solar e rainha sem trono da aldeia.

– Uma senhora simpática, muito generosa, mas quem não fizer o que ela diz arrepende-se.

Jim Douglas conseguiu rebocar o carro para fora da vala; mas os eixos tinham sofrido danos. – Só amanhã é que posso resolver isso, se correr tudo bem.

– Valha-me Deus. Precisamos muito de regressar – disse Toby.

– Infelizmente, não podem. Com o carro assim, não.

– Há algum sítio onde se possa alugar um carro?

– A estas horas da noite, não. De manhã, talvez. Se quiserem telefonar, há um telefone na oficina, mas duvido que tenham sorte.

Não tiveram. Estava tudo fechado.

– Ao que parece, estamos aqui presos. Suponho que não há... camionetas.

– O quê, a estas horas? A última é às cinco e meia.

– Nem táxis?

– O quê, em Deep Mallow? – Pareceu achar a pergunta muito divertida. – Não, têm de ficar aqui até amanhã. Há um ótimo pub mais adiante na rua, podem jantar lá e depois a minha tia tem uma pensão, talvez lhes arranje quarto, posso contactá-la. Só uma noite, certo?

– Sim, mas...

– Vou ver o que posso fazer.

Voltou sorridente. – Sim, ela tem um quarto, muito jeitoso, por sinal, diz ela, com vista para os prados. Cinquenta xelins com pequeno-almoço incluído, querem?

– Sim, mas...

– Nesse caso, vou informá-la. É logo duas portas depois do pub, chama-se White Cottage, muito simpática e conveniente para os senhores. Vão ficar muito confortáveis, posso garantir.

– Mr. Douglas...

– Parece perfeito – disse Eliza. Sorriu docemente a Toby. – É muito simpático. Obrigada.

Toby olhou para ela com uma expressão que era um misto de horror e divertimento.



– Tem de concordar – disse ela, atirando-se ao excelente empadão com batatas fritas que o pub servia –, temos de pernoitar em algum lado, não podemos dormir na vala, e vê-se que é um sítio muito asseado. E a mulher foi uma simpatia, oferecendo-nos escovas dos dentes e essas coisas.

– Sim, mas... digo eu... Eliza...

– Pare com isso, Toby. Não estou a tentar seduzi-lo, se é no que está a pensar. A cama é bastante grande, nós arranjamo-nos. Se quiser, pode pôr uma almofada entre nós...

– Deus do céu. – Ele estava com um ar bastante desesperado; ela estava ligeiramente divertida, apesar de sentir o seu pavor como um insulto. – Falou... falou com a sua mãe?

– Falei. Disse-lhe simplesmente que tivemos de pernoitar pelo caminho, claro que ela presume que em quartos separados. A Emmie já estava deitada e, a não ser que tenha algum compromisso importante de que não me falou, não percebo porque é que está tão preocupado.

– Protocolo – disse ele –, com certeza que percebe que é uma situação horrivelmente comprometedora.

– Toby!

– Não, é verdade. As relações pessoais entre advogado e cliente são absolutamente antiéticas. Daria ao seu marido e à equipa de advogados dele a oportunidade ideal para alegar que eu não estava à altura das funções de aconselhar o tribunal e a cliente.

– Mas nós não temos uma relação pessoal – contrapôs Eliza.

– E quem ia acreditar nisso? Santo Deus! Dormir no mesmo quarto e numa cama de casal. Por favor, Eliza, use a cabeça.

– Como sabe, não é o meu forte. E quem é que vai dar à língua? Eu não; o Toby não. Duvido que a tia do Jim Douglas abra a boca. Por isso, deixe-se de aflições e coma o empadão, é delicioso.

Ele olhou para ela e de repente sorriu. – Parece muito animada com esta história toda.

– E estou. Distrai-me do que vai acontecer na segunda. Vá, tente não se preocupar, Toby. Vai correr tudo bem.



Mrs. Rockingham apareceu no pub quando estavam a terminar a refeição. Acenou-lhes com a cabeça e dirigiu-se ao bar; Toby levantou-se de um salto.

– Permita-me, é o mínimo que posso fazer. A senhora foi extremamente simpática. Que deseja beber?

– Uma Guinness – disse ela. – Uma caneca, por favor. Agradeço muito. Posso fazer-lhes companhia por uns momentos? Não me demoro muito, nunca fico muito tempo, só uma caneca e vou-me deitar.

– Como nós – disse Eliza com um sorriso inocente para Toby. De súbito, estava a divertir-se à brava com isto.



– Gina, por favor!

– Por favor o quê, Matt? Por favor, vai-te embora? Por favor, não interrompas o que é claramente uma noite muito agradável? Por favor, não causes embaraços?

Acenou com a cabeça a Louise. – Olá. Muito gosto em voltar a ver-te. Desculpa a intromissão. Soube que estás a ajudar imenso o Matt com o processo. E posso dizer que estás a ter muito mais sucesso do que eu. Ele nem sequer aparece em público comigo,

quando mais dar beijos. Este hotel é muito bonito, Louise, presumo que arranjias quarto em cima da hora. Muito conveniente. Bom, deixo-os à vontade. Tenham uma boa noite.

E desapareceu, os saltos altos matraqueando no soalho de madeira.

– Valha-me Deus – disse Matt. – Sinto muito, Louise. Ela é um tanto... é bastante descontrolada.

– Vê-se. Ou vê-se que é uma malcriada. Ou maluca. Continuas a andar com ela?

– Não... não exatamente.

– Dá ideia que sim.

– Ouve, debes sentir-te terrivelmente embaraçada diante do gerente e tudo isso, talvez seja melhor irmos embora.

– O quê, para um quarto, como o bar todo está agora à espera? Não me parece. Acho que devemos ficar aqui, nas calmas, e continuar a beber champanhe.

– Oh, Louise...

– Matt! Que é que foi, qual é o problema, estás com ar de quem vai... chorar.

– Apetece-me chorar – disse ele. – Porque sou um sacana do piorio. E deitei tudo a perder.

– Não, não deitaste tudo a perder. Sacana... enfim, é discutível.

– Não, por favor. Não tentes consolar-me. Não podes. Sou um sacana e não merecia a Eliza e portei-me indecentemente com ela, durante anos e anos, e não mereço a Emmie, e estou a portar-me indecentemente com ela e... oh, merda. Merda, merda, merda. Meu Deus, acho melhor ir para casa.

– Não. Não, não vás. Porque é que não vens até minha casa? Um bocadinho. Ofereço-te um whisky e conforto.



Eliza acordou, sentindo-se cheia de calor e aflita para urinar. Virou-se cautelosamente de costas e deixou-se estar assim alguns momentos, ouvindo Toby rressonar. A preocupação dele com a situação de ambos não era claramente tão grande que o impedisse de dormir.

Deslizou o mais cuidadosamente possível para fora da cama, maldizendo os rangidos, encaminhou-se para a porta e abriu-a; acendeu a luz do patamar e dirigiu-se à casa de banho.

Credo, estava um calor terrível.

De volta ao quarto, tentou abrir a janela, mas esta parecia estar encravada. Olhou para o relógio: eram apenas duas e meia. Muitas horas ainda de desconforto diante dela. Bem... talvez...

Tirou a camisa e voltou a deitar-se. Em seguida, tirou as calças. Toby estava profundamente adormecido e não ia reparar.

Nunca mais ia conseguir voltar a adormecer; nunca mais. Ali deitada, tentou os truques todos, relaxando a partir dos dedos dos pés, dizendo o alfabeto de trás para a frente, contando de trás para a frente, contando ovelhas... Suspirou. Pelo menos, o ressonar tinha parado...

– Está acordada? – perguntou Toby.

– Estou. E o Toby?

– Não.

Ela riu-se.

– Está um calor horrível, não está?

– Está. Vou tentar abrir a janela. Ora vejamos... merda, dei uma pancada com o dedo grande do pé... tenho de acender a luz...

Deixou-se cair na cama, massajando o dedo do pé; em seguida virou-se e viu-a. Sentada na cama, completamente nua.

– Oh, meu Deus – disse ele, repetindo: – Oh, meu Deus. Apague a merda da luz, por amor de Deus.

Depois disso, tudo se passou muito rapidamente.

Ela deitou-se e virou-se a cara para ele. E ele estendeu uma mão e tocou-lhe num dos seios muito suave e lentamente. E disse: – Acho... acho que não aguento isto muito mais tempo. E a Eliza?

– Também não aguento.

Ele virou-se então de lado, tomando-a nos braços, e começou a beijá-la. Ardentemente. E bastante... sim, bastante impientemente. Como fazia quase tudo. E com uma pressa terrível, como se não conseguisse saciar-se.

E depois... depois... depois...

Ela desejava-o de tal maneira, queria isto de tal maneira que se sentia chocada. Tudo, a sua ansiedade, o seu sofrimento, o seu remorso haviam-se desvanecido, descartados perante esta avalanche, esta onda impetuosa de desejo, egoísta, sôfrega, desesperada. O seu corpo recebeu o dele e queria mais; nas asas da ânsia e do desejo, voou em direção a um prazer límpido, brilhante, luminoso que se espalhou por ela, rápida e docemente, um prazer maravilhoso que se alojou nos seus mais secretos recessos, no seu espírito e no seu coração. E, quando finalmente acalmou, trémula, fraca de alívio e libertação, apercebeu-se de que ele estava a rir, muito calmamente, com a mão sobre a sua boca, o lençol cobrindo-lhes as cabeças.

– Credo, faz um barulho tremendo – disse ele, e ela ouviu-lhe o sorriso na voz.

– Eu sei. Desculpe.

– E a cama também. Foi incrível. A Eliza é incrível. Gostei muito – disse ele, após uma pausa e as palavras surpreenderam-na e comoveram-na.

– Foi muito bom, Toby. Maravilhoso. Obrigada. Acha que... – Calou-se.

– O quê?

– Acha que teria acontecido se não estivéssemos aqui, se tivéssemos ido para casa e...

– Não para já – disse ele. – Mas teria sido apenas adiado, a Eliza não me sai da cabeça

desde a primeira vez que a vi, no consultório do Philip Gordon.

– Não acredito – disse ela, genuína e deliciosamente espantada.

– A sério. Posso ter dado a ideia de que estava a pensar em testemunhas e depoimentos e direitos de visita, mas a verdade era que estava a pensar: como é que ela será sem roupa e como é que será na cama? Pensava como era encantadora e como era a primeira mulher em muito, muito tempo que... enfim, que me comovia, é o único termo.

– Oh, Toby. Que palavras tão... tão bonitas.

– É verdade. E agora sei que fica muito bem sem roupa e não é nada má na cama. E a Eliza?

– Achei-o simplesmente assustador.

– Só isso?

– Bem, achei-o um pouco... perturbante.

– Perturbante... uma palavra muito sexy. Por sinal, sinto-me outra vez um pouco perturbado...

– Eu...

Ouviu-se o som de uma porta a abrir-se, passos no corredor, e entrou luz por uma frincha na porta.

– Vamos ser postos na rua – sussurrou ela.

– Chiu...

A luz voltou a apagar-se, a porta a fechar-se e a casa mergulhou no silêncio.

– Ufa!

– Sim, mas...

– Sim, mas o quê?

– Acho que a quero outra vez. Ainda mais. E a Eliza?

– Hum... talvez – disse ela, sentando-se, tirando as almofadas debaixo deles e atirando-as para o outro lado do quarto.

– Que é que está a fazer?

– Vamos para o chão. É menos ruidoso.

– Mas... a Eliza vai ser menos ruidosa?

– Vou tentar. Vá lá, não me faça esperar...



Ela acordou às seis, novamente na cama, deparando-se com o sol a entrar a jorros no quarto e não vendo sinais de Toby; olhou em volta, alarmada. Teria fugido para o

anonimato de Londres, a salvo da desgraça de desobedecer às regras da Ordem?

Não. Ele entrou no quarto com uma das pequenas toalhas que lhes tinham sido dadas enrolada à cintura e o cabelo molhado.

– Peço desculpa. Fui tomar banho. Ouça, precisamos de falar.

Era agora. Ele ia dizer-lhe que tinha sido muito bom, mas que estava acabado.

– A partir de agora – disse ele, confirmando os receios dela –, temos de esquecer o que se passou. Esquecer o que sentimos, como nos comportámos, como nos descobrimos um ao outro. Não imagina a que ponto é importante. A mais leve suspeita do que se passou e estamos os dois perdidos naquela sala do tribunal. Se vou lutar por si e pela Emmie, tenho de o fazer nos meus próprios termos, desapaixonada e moderadamente; como se mal nos conhecêssemos. Não podemos trocar sorrisos nem olhares nem...

– Beijos? – disse, fingindo uma expressão séria.

– Beijos, sim. Sempre que quiser. Basta soprá-los do banco das testemunhas, se lhe apetecer. Não, Eliza, nada. E tenho de lhe dizer outra coisa. É possível que me venha a detestar com o avançar da semana. É muito possível que eu não lhe dê muito sossego; não vou dar à outra parte de certeza. É capaz de ver uma pessoa bastante... dura. Acho que deve estar preparada para isso.

– Sim – disse ela, sentindo-se de súbito muito nervosa. – Sim, esteja descansado. Mas...

– Não há mas nem meio mas. É demasiado importante.

Tinha sido então uma coisa... uma coisa passageira. Um acidente.

– Ia perguntar depois. O que acontece depois. Vamos... pode... devo... – Mas, vendo a expressão dele endurecer, de uma forma chocante depois do que haviam partilhado nessa noite, calou-se, sentindo muito medo.

– Depois, se continuar a ser esse o seu desejo e depois de um intervalo de tempo decente, podemos encontrar-nos e explorar os nossos sentimentos. Pelo meu lado, gostaria muito, se for o que a Eliza quiser. E com tempo e possivelmente uma cama mais silenciosa e macia, que ranja menos.

– Ah – disse ela, inundada novamente pelo deleite, deleite e alívio. – Oh, meu Deus. É tarde de mais para eu... só para o beijar mais uma vez? Eu fecho a porta à chave.

– Preferia que não beijasse – disse ele, e ela sentiu-se desalentada e atordoada, e depois reparou que ele estava a sorrir –, porque, se beijasse, podia pôr em marcha várias sequências e chegaríamos atrasados ao pequeno-almoço das sete que a tia de Mr. Douglas nos prometeu antes de nos dar boleia para Marlowe, e eu sentir-me-ia obrigado a repetir todas as minhas advertências e...

– Oh, pronto, cale-se – disse ela –, podemos ser rápidos, muito, muito rápidos. Por favor, Toby. Por favor.

E a tia de Mr. Douglas, a preparar o pequeno-almoço em baixo pelo qual era famosa na

região, olhou para o teto e abanou a cabeça ante os rangidos da cama e pensou que tinha mesmo de a substituir, e como era agradável encontrar um casal tão visivelmente apaixonado...



Entretanto, em Londres, no seu chique apartamento minimalista, Louise estava igualmente acordada, a fixar o luminoso céu matinal e a pensar em Matt, no medo evidente que ele mostrara quando o convidara para o apartamento dela e na sua desculpa esfarrapada de que tinha de ir para casa ultimar uns pormenores do processo.

Matt estava igualmente acordado, receoso de ter passado das marcas e sobrecarregado Louise com a sua infelicidade e remorsos, e pensando que ela era realmente a única pessoa que alguma vez conseguira distraí-lo deles, que se conheciam há muito tempo e que dava um grande valor à amizade entre ambos e não devia passar das marcas. Quando o processo terminasse, esforçar-se-ia por deixá-la em paz. Por deixá-la viver a vida dela. Até lá, tudo indicava que precisava bastante dela.



E Georgina Barker, absolutamente furiosa, estava a contar as horas que faltavam para as nove, achando que não seria decente ligar mais cedo a Philip Gordon, o advogado de Eliza, que lhe dera o número de casa, para lhe dizer que sempre estava disposta a comparecer como testemunha.



– Todos de pé.

O juiz Rogers entrou rapidamente na sala do tribunal.

Oh, meu Deus, pensou Eliza, começou; santo Deus, pensou Matt, é agora; e unidos pelo terror, como outrora pelo amor, terror perante o que haviam feito e o que estava para vir, os seus olhos encontraram-se e ambos teriam dado tudo o que tinham para voltar à segurança do passado antes de tudo isto ter começado.

Bruce Hayward levantou-se então e passou os olhos pela sala... instalou-se um silêncio enquanto ele parecia aguardar uma absoluta atenção. Agia sempre assim, Philip Gordon sabia, mantendo o tribunal em suspenso enquanto ousasse.

Finalmente disse: – Excelência, estamos aqui para resolver o processo Shaw contra Shaw e a questão da custódia de Emmeline Shaw, de cinco anos. Torna-se necessário fazê-lo mercê do fim do casamento resultante do confesso adultério da mãe, Elizabeth Shaw...

E assim continuou, a lista dos delitos de Eliza até que...

– Chegamos agora à noite que Mr. Shaw descreve como sendo a última do seu

casamento. Mrs. Shaw encontrava-se a passar três dias na Escócia, em trabalho, Emmeline ficou à guarda da ama e da avó materna. Mr. Shaw chegou a casa e encontrou a criança doente; o seu estado piorou dramaticamente, chamaram o médico e este aconselhou que a levassem às Urgências. Ela estava a chorar pela mãe, pedindo para falar com ela e Mr. Shaw ligou para o hotel onde a mulher estava hospedada, tendo sido posto em comunicação com o quarto dela; atendeu o telefone um homem. O homem com quem ela estava a cometer adultério. Foi nesse momento, segundo as palavras de Mr. Shaw, que perdeu finalmente a fé em Mrs. Shaw, não apenas como mulher, mas como mãe.

»Assim, Excelência, invoco que Mrs. Shaw é claramente uma pessoa incapaz de assumir a responsabilidade pela filha e que seja concedido a Mr. Shaw o poder paternal exclusivo.

Era horrível. Como era capaz de suportar, como ia aguentar uma semana nisto, a ouvir estas mentiras e insinuações e distorções dos factos? Toby tentara avisá-la, mas nada podia tê-la preparado para isto... olhou para ele do outro lado da sala, sentado imóvel e calmo, a estudar documentos, a tomar apontamentos, a escutar Bruce Hayward com grande atenção, e sentiu uma onda de raiva por ele ser capaz de assumir tal atitude e não saltar em sua defesa, declarando que não era assim, que não se passara desse modo, que não era verdade, de maneira alguma verdade. Bem, ele advertira-a; mas parecia uma criatura muito diferente do homem que fizera amor com ela três dias antes...

– ... Excelência, gostaria agora de chamar Mr. Shaw a depor...

Ele estava muito nervoso, pensou Eliza. Estava francamente assustado. Bem... só podia ser bom.

– Mr. Shaw, talvez nos possa dizer, nas suas próprias palavras, por que razão considera que deve ficar com a guarda e, aliás, o poder paternal da sua filha. Afinal, é uma pessoa muito ocupada, trabalha longas horas, porque acha que ela ficaria melhor consigo do que com a mãe? Não tenha pressa.

Matt aclarou a garganta.

– É verdade que tenho trabalhado longas horas até agora. Mas, se me fosse atribuído o poder paternal sobre a Emmie... a minha filha, tomaria medidas para que isso não acontecesse. Tenho agora uma grande empresa, com muitos colaboradores, e sou perfeitamente capaz de delegar todas as tarefas exceto as mais complexas. Já estou a tratar de ajustar o meu horário para poder estar em casa pouco depois de a Emmie voltar da escola...

– E enquanto estivesse no trabalho e ela não estivesse na escola, como era se a criança adoecesse ou qualquer outra ocorrência semelhante?

– Já encontrei uma ama muito competente, uma mulher madura, treinada em Norland... – está a debitar isto de cor, pensou Eliza – que estaria disponível vinte e quatro

horas por dia e iria buscar a Emmie à escola e, nas férias, estaria naturalmente a tempo inteiro com ela. A minha mãe, que tem tomado conta da Emmie regularmente desde que ela nasceu, estaria igualmente disponível durante o tempo de aulas e passaria pelo menos dois dias por semana com a Emmie nas férias...

– Sim, Dr. Gilmour?

Toby levantou-se. Sorriu a Matt.

– Bom-dia, Mr. Shaw. Uma pergunta. A Emmie já tem uma ama, Miss Jennifer Grant, que conhece e de quem gosta. Por que razão não pretende mantê-la ao serviço?

– Penso que a mulher por quem me decidi...

– Já se decidiu? Mrs. Shaw conhece-a?

– Não, não, não conhece. Mas esta pessoa é, na minha opinião, de calibre muito superior, muito mais bem qualificada, e trabalharia para mim... para nós... a tempo inteiro. Miss Grant presta os seus serviços a mais do que uma família.

– Compreendo. Obrigado, Mr. Shaw.

Matt estava a olhar para as mãos, aparentemente silenciado. A interrupção perturbara-o claramente. Bruce Hayward pôs-se novamente em pé.

– Mr. Shaw, o tribunal gostaria de conhecer melhor os seus planos relativamente à Emmie e os aspetos mais rotineiros dos cuidados a prestar-lhe. Pela minha experiência, é algo que nós, os homens, consideramos bastante enfadonho.

– Acontece que para mim não é – disse Matt e a sua voz tornou-se de súbito mais forte, menos defensiva. – Gosto de olhar por ela desde que ela nasceu. E estive presente nesse dia... no parto dela.

– Esteve? – disse Bruce Hayward. – Isso é muito... invulgar.

– Sim, claro que estive presente. Queria estar, senti... – a sua voz tremeu ligeiramente –, senti que foi provavelmente o dia mais importante da minha vida...

Está a ser sincero, pensou Eliza, é visível, não é uma emoção ensaiada; e, apesar de tudo, sentiu um nó a formar-se-lhe na garganta e olhou para Matt com os olhos turvos de lágrimas.

– Compreendo. Bom, devo dizer-lhe que estou muito impressionado.

– Achei que era importante para os três, para a minha mulher, para a criança e para mim. E foi uma experiência espantosa. Mudou a minha vida. E creio que a minha relação com a Emmie sempre foi mais próxima em resultado disso. Fui a primeira pessoa a pegar nela, tirando a parteira que a ajudou a nascer...

– E diria que isso moldou a sua atitude para com os aspetos mais íntimos dos cuidados para com ela?

– Sim, diria, se se refere a questões como mudar fraldas, olhar por ela quando ela estava... enfim, quando vomitava, por exemplo. Nunca me importei.

– Admirável.

– Mr. Shaw. – Toby estava a avançar com extrema habilidade, pensou Philip, muito calmo, quase relaxado, um contraste encantador com o manhoso Hayward.

– Eu também estou impressionado. Não conheço as delícias da paternidade, mas sempre achei os bebés criaturas bastante sujas e malcheirosas. Aplauzo a sua grande coragem e a sua dedicação.

Matt olhou para ele desconfiado.

– No entanto... nunca fez isso no dia a dia, pois não? Sete dias por semana, cinquenta e duas semanas por ano. É uma espécie de dever recreativo, não diria? Após um dia longo e difícil no estaleiro de obras ou na sala de reuniões, provavelmente é atrativo chegar a casa e fazer algo de completamente diferente.

– Nunca pude exercer essas tarefas sete dias por semana – disse Matt. – É lógico que tinha de ganhar o dinheiro com que tudo isso era financiado, não podia ficar em casa, as coisas desintegrar-se-iam pura e simplesmente...

– Com certeza. Só quis chamar a atenção para o facto de as suas ações, por mais impressionantes que sejam, se basearem num modelo um tanto romântico. O senhor sabia sempre que, no fim dessa noite ou desse fim de semana, voltaria para o agradável mundo asséptico e adulto do seu escritório. Deixaria de ter de olhar pela... hum... pela pequenita quando ela vomitava.

– Bem... já expliquei porque não.

– Com certeza. Quis simplesmente chamar-lhe a atenção.

E bem chamada, pensou Philip Gordon.

– Também achava a atitude da minha mulher para com a maternidade difícil de entender – disse Matt. – Ela queria voltar a trabalhar quando a Emmie ainda era muito pequena. Nunca compreendi. Uma criança precisa da mãe. E olhar por um filho é com certeza a tarefa mais importante que existe. Mesmo trabalhando a meio tempo, que era a ideia dela... enfim, parecia-me errado.

– Mas ela não começou a trabalhar, pois não? – inquiriu Toby Gilmour, num tom delicado. – Por que razão?

– Bem... eu opunha-me veementemente. E ela estava ciente disso.

– E concordou?

– Sim.

– Foi uma atitude muito indulgente.

Matt calou-se novamente; apesar das suas respostas estudadas, esta abordagem apanhara-o de surpresa.

Bruce Hayward levantou-se.

– Mr. Shaw, existe uma outra ocorrência, certo? Ainda não falámos sobre ela. Por favor, Mr. Shaw, fale-nos da... da outra criança.

– Sim. Aconteceu-nos uma... uma tragédia. Tivemos outro bebé, um rapaz, nascido três

meses antes do tempo, que... morreu. A minha mulher entrou numa grande depressão...

– Não é de admirar.

– Não, claro que não.

– E que papel foi o seu então?

– Bom... procurei... animá-la, dar-lhe apoio. E claro, esforcei-me para que a nossa vida recuperasse a normalidade. Mas... ela estava muito... muito deprimida. Não dormia, passava o tempo todo a chorar...

– Na sua opinião, isso teve repercussões negativas na vossa relação, Mr. Shaw? – Toby Gilmour havia-se levantado mais uma vez.

– Não. Não, claro que não.

– Pôde continuar a dar-lhe apoio? Apesar de ter continuado a trabalhar, naturalmente.

Por uma questão de necessidade.

– Sim. Mas...

– Mas?

– Ela não parecia desejar o meu apoio. Evitava-me. Não queria passar tempo comigo.

A sua atitude era bastante... hostil.

– E... perdoe-me, Mr. Shaw, por esta altura as relações íntimas entre ambos tinham chegado ao fim?

– Objeção, Excelência.

– Não, parece-me relevante. Mr. Shaw, responda à pergunta, por favor.

Eliza nunca pensara voltar a sentir uma réstia de compaixão por Matt; mas agora sentiu, quando ele baixou os olhos, passando visivelmente pela tortura de um homem condenado, recordando as constantes rejeições dela, a mágoa dele, forçado a fazer esta admissão pública de fracasso; mais uma vez experimentou um sobressalto interior... e olhou pensativamente para Toby, relembrando as suas palavras e até as circunstâncias em que ele as proferiu, «é possível que me venha a detestar com o avançar da semana...»

– Hum... sim – respondeu Matt finalmente. – Por essa altura.

– Mas... não permanentemente?

– Não.

Tirando um lenço do bolso, limpou a testa.

– E foi então que Mrs. Shaw consultou uma psiquiatra, se não estou em erro? – O tom de Bruce Hayward era reflexivo.

– Sim, consultou.

– Que lhe diagnosticou uma depressão?

– Sim. E o comportamento dela em relação à Emmie tornou-se muito... muito imprevisível. Andava muito irritável, gritava imenso com ela, muitas vezes levava-a tarde para a escola. Eu sentia uma grande ansiedade por causa da Emmie, sentia que ela não

estava segura.

– Dr. Gilmour?

– Mr. Shaw, creio que o diagnóstico correto foi de depressão pós-parto.

– Sim, foi.

– Não vejo que isto tenha qualquer relevância, Excelência.

– Pretendo simplesmente esclarecer que o problema de Mrs. Shaw não era permanente, Excelência. Ela não tem uma personalidade depressiva, tratou-se de uma depressão reativa e não endógena, há uma diferença, como estou certo de que Vossa Excelência terá...

– Está registada a sua pretensão. Continue, Mr. Shaw.

– Não há muito mais a dizer. Comecei a acreditar que, a partir dessa altura, a minha mulher deixou de ser uma pessoa fiável, sem competências para cuidar da Emmie. A Emmie é a minha prioridade na vida e... e amo-a muito, quero vê-la feliz e em segurança. Penso que sou capaz de lhe dar essa felicidade e segurança. É... é tudo.

– Obrigado, Mr. Shaw. Creio que são horas de uma pausa.



– Quer almoçar?

Eliza negou com um gesto de cabeça; sentia-se entorpecida de infelicidade. Ia ser um fracasso completo, estava a ser totalmente massacrada, como Toby dissera. Apetecia-lhe fugir, ir para Summercourt, esconder-se ali onde ninguém pudesse encontrá-la...

– Vamos para o meu gabinete – propôs Toby Gilmour. – Venha, Eliza, a pior parte já passou. Como Winston Churchill poderia ter dito, o fim do princípio...

– Porque é que não contestou mais, porque é que não fez mais perguntas?

– Perguntei o que era pertinente no momento. Temos muito tempo e tenciono fazer muitas perguntas... tente confiar em mim.



– Gostaria de chamar a minha primeira testemunha. – Bruce Hayward estava com ar de quem tinha almoçado bem; quase a flutuar numa onda de adrenalina, os olhos brilhantes, o rosto corado. – Miss Louise Mullen...

Ela estava fabulosa, pensou Eliza, vestida com uma gabardina creme, relaxada, calma, muito serena. Devia gostar muito de Matt para se prestar a isto; e especialmente depois de terem rompido a sua relação profissional daquela maneira acrimoniosa... era simpático da parte dela, muito simpático.

Uma escolha estranha para primeira testemunha, pensou Philip Gordon, alguém que apenas conhecia Matt profissionalmente; e Toby Gilmour pensou o mesmo, que era aqui que a outra parte claramente pisava terreno pouco firme, na defesa de Matt para assumir

o papel de único pai...

– Miss Mullen, trabalhou com Mr. Shaw durante quanto tempo?

– Muitos anos. Desde que ele fundou a empresa.

– E nesse tempo Mr. Shaw não era casado com Mrs. Shaw?

– Não. Ainda não namorava sequer com ela. Estava... enfim, estava casado com a firma.

Ui, Louise, meteste o pé na argola. Assim, não vais ajudar.

– Mas era o princípio e era necessário, para ele e para todos nós, que trabalhasse muitas horas.

– Com certeza. E agora?

– Bem... ele trabalha muito. Naturalmente. Mas a empresa tem muito êxito, ele tem muitas pessoas ao serviço e pode dar-se ao luxo de reduzir o horário.

– E... na sua opinião, Mr. Shaw é capaz de prestar à filha as condições de vida de que ela precisa, de ser ao mesmo tempo um pai e uma mãe?

Ela hesitou; finalmente disse: – Penso que sim. Se é que... enfim, se é que a dedicação conta. Ele é excecionalmente dedicado à Emmie. Sempre a adorou, desde o dia em que ela nasceu; hei de lembrar-me sempre do dia em que chegou do hospital, vinha no sétimo céu. Disse que teve a sensação de ser capaz de levantar voo e sair pela janela. Disse que se sentia... – hesitou, olhando para Matt – imortal.

– Compreendo. E... essa dedicação continuou?

– Sim, continuou. Estava sempre a chegar do almoço com presentes para ela, vestidos, brinquedos, livros para lhe ler quando chegasse a casa; nós – neste ponto esboçou um leve sorriso –, nós, eu e as outras pessoas no escritório, tínhamos de ouvir intermináveis relatos sobre as habilidades dela, como era precoce, e quando Mr. Shaw tinha de ficar a trabalhar até tarde, telefonava-lhe sempre, para lhe desejar boa-noite ao telefone, às vezes até lhe lia, sentado à secretária.

Os elogios prosseguiram; Matt a aprender a tratar de cavalos para poder envolver-se na aventura do pónei, a chegar por vezes ao trabalho exausto por ter estado acordado com Emmie durante a noite. – Lembro-me quando ela teve sarampo, foram noites seguidas...

– Onde estava a mãe? – perguntou Bruce Hayward. – A dormir?

– Protesto, Excelência, o tom não é apropriado – disse Gilmour.

– Concordo. Continue, por favor, Miss Mullen.

– A Eliza também estava acordada, claro, mas aparentemente faziam turnos. Exceto uma vez, quando ela estava muito doente e, pelo que ele me disse, ficaram ambos acordados, sentados de cada lado da cama.

– Certo. Tudo isso parece exemplar – comentou Bruce Hayward. – Ninguém pode deixar de ficar impressionado com o empenhamento de Mr. Shaw na filha.

– Não, é verdade – disse Louise –, e admiro muito a maneira como ele tem tudo planeado, como vai organizar a vida dele em torno dela...

– Sim, sim, Mr. Shaw já informou o tribunal. Mais perguntas, Dr. Hayward?

– Não, Excelência.

– Dr. Gilmour?

– Sim, obrigado. Miss Mullen, parece evidente que tinha uma excelente relação profissional com Mr. Shaw. Sei que já não são associados nos negócios.

– Não, não somos.

– Pode explicar-nos porquê?

– Sim, tivemos um... um desentendimento e eu despedi-me.

– De natureza pessoal?

Pergunta maldosa, pensou Eliza.

– Não, de natureza profissional.

– Compreendo. Nesse caso, a relação entre ambos é puramente profissional, correto?

– Correto.

– Não existe nada de pessoal entre os dois?

– De maneira nenhuma.

– Mas são claramente amigos? A senhora quer ajudá-lo.

– Sim – disse Louise calmamente –, somos amigos e quero ajudá-lo.

– Compreendo. De facto é uma grande amiga, Miss Mullen. Espero que ele reconheça isso.

Poderia haver mais alguma coisa entre eles? Poderia?

– Admirava Mr. Shaw enquanto homem de negócios?

– Sim, muito. Ele construiu a empresa do nada.

– Imagino que estava cem por cento empenhado nela? Como acha que ele se vai adaptar a um... papel um pouco mais distante?

– Acho que vai ser difícil para ele. Muito difícil. Mas está preparado para o fazer e, a meu ver, isso demonstra a intensidade do amor dele pela Emmie.

– Passou muito tempo com Mr. e Mrs. Shaw e com a Emmie?

– Nem por isso.

– Quer então dizer que não está muito apta a comentar as suas capacidades como pai? Para além daquilo que já nos disse? Quero simplesmente relativizar o seu... depoimento, por mais apaixonado que seja.

Louise olhou-o firmemente nos olhos.

– Não. Não, não estou. Mas estou apta a comentar as profissionais e ele é uma pessoa muito determinada que leva até ao fim tudo aquilo em que se mete. E neste momento está determinado em ser a figura principal na vida da Emmie. Chegou mesmo a dizer-me que estava preparado para vender a empresa para olhar por ela a tempo inteiro. Se

viesse a revelar-se necessário. E ele adora aquela empresa, seria como vender uma parte de si mesmo. Um dia, a Emmie vai sentir um orgulho enorme do pai.

– Compreendo. Obrigado, Miss Mullen.



Ela era espantosa, pensou Matt. Absolutamente espantosa. Ali no banco das testemunhas, a defendê-lo vigorosamente; sujeitar-se a isto, quando não tinha rigorosamente necessidade nenhuma, só porque queria ajudá-lo.

Observou-a, serena e calma, de uma lucidez e coerência impressionantes, e subitamente sentiu uma ponta de... pensara que fosse gratidão; mas tinha de reconhecer que era algo um pouco... um pouco diferente.



– Chamo a minha próxima testemunha, Mrs. Sandra Shaw.

Bem, esta não ia dizer nada de novo... e não disse... filho maravilhoso... pai maravilhoso... homem de família maravilhoso...

– Mrs. Shaw...

Toby Gilmour levantara-se muito lentamente; sorriu a Sandra Shaw.

– Mrs. Shaw, pode dizer-nos que tipo de mãe considera que a sua nora é? Recordo-lhe que está sob juramento.

– Penso... penso que ela tem sido uma boa mãe. Sim, nos primeiros tempos.

– Como define uma boa mãe?

– Bem... cuidava bem da filha. Parecia ter-lhe muito amor. Não há dúvida de que a Emmie era muito bem tratada. E a Eliza esforçava-se imenso por mantê-la ocupada, levava-a a visitar amigas, esse tipo de coisas. Costumava levá-la a visitar-me com muita frequência, porque sabia que eu gostava.

– Devia ser... muito agradável para as duas.

– Sim, era. E eu ajudava-a o mais que podia, fazia sugestões, compreende? É difícil quando é um primeiro filho, uma pessoa sente-se nervosa. E a Emmie era muito travessa, não se ensaiava nada para manipular as pessoas... e com o Matt sempre no trabalho, acho que era bom para a Eliza ter um pouco de ajuda.

– Que não estava a receber dele? Pensei...

– Bem, durante a semana não. Ele tinha de dirigir a empresa. – Sandra mostrou-se defensiva. – Por vezes era uma ocupação de vinte e quatro horas.

– Pois. Difícil para a Eliza certamente?

– Não mais do que a maioria das mulheres casadas tem de tolerar.

– Sim? O seu marido e os maridos das suas amigas trabalhavam vinte e quatro horas por dia, como a senhora diz?

– Não. Não, não trabalhavam.

Pausa.

– Teve a impressão de que ela se sentia só?

– Não, não tive. Parecia ter muitos amigos. E tinha carro, não estava amarrada à casa, podia sair quando quisesse.

– Dava-se então bem com ela?

– Sim, sim, dava... nessa altura.

– Mas já não dá?

– Não. Já não.

– Observou alguma mudança no comportamento da sua nora em algum momento?

– Bem... quando o... o filho morreu, ela andou muito em baixo, claro. Muito mesmo.

– Falou consigo sobre isso, como se sentia?

– Não. Nem por isso. Eu oferecia-me para ficar com a Emmie nesse período, mas ela nem sempre aceitava. Dizia que a Emmie... – Calou-se, olhando ansiosamente para Matt.

– Continue.

– Dizia que a Emmie lhe dava uma razão para viver.

– Compreendo. E... ela continuou a parecer-lhe deprimida?

– Durante algum tempo, sim. Depois consultou uma médica que lhe receitou comprimidos para a depressão e pareceu melhorar.

– Obrigado, Mrs. Shaw.



Jennifer portou-se lindamente, pensou Eliza; muito serena, muito calma. Sublinhou que Eliza só trabalhava dois dias por semana, que ela e Matt nunca saíam na mesma noite, que eram ambos pais muito dedicados e abordou sem hesitações a questão a que Bruce Hayward chamou o hábito de levar Emmie para a agência.

– Não era nenhum hábito. Foi uma sugestão minha. Se Mrs. Shaw ficasse retida numa reunião, eu podia poupar-lhe uma hora ou assim, levando ocasionalmente a Emmie ao escritório. Eu precisava de largar o serviço a horas, pois tenho de cuidar da minha mãe, que é inválida, mas o escritório ficava-me em caminho e dava jeito às duas.

– Mas... isso não atrasava a hora de deitar da Emmie?

– Muito pouco. Eu dava-lhe de jantar primeiro e depois levava-a a Carlos Place. Mas acontecia raramente, como disse, não era um hábito. Talvez uma vez por mês no máximo.

– E deixava lá a Emmie com a mãe?

– Bem... sim. Normalmente.

– E anormalmente?

– Bem, uma vez por outra a rececionista ficava com ela. Até Mrs. Shaw acabar a

reunião. Ela vinha ver se estava tudo bem com a Emmie e depois voltava para a reunião.

– Estou a ver. Ou seja, uma vez por mês... digamos... uma menina de cinco anos, que devia estar na cama, depois da sua última refeição do dia, era arrastada por Londres até a um local de trabalho onde era deixada aos cuidados, não de uma ama qualificada nem da mãe, mas de uma rececionista.

A implicação era evidente: na escala social, uma rececionista figurava abaixo de uma prostituta.

– Não! Ela não era arrastada por Londres. Ia no banco de trás do meu carro e eu sou uma condutora excelente. Cantávamos canções e contávamos histórias pelo caminho. Não era tarde; não passava das cinco e meia. A Emmie nunca ia para a cama antes das seis e meia. E adorava ir para lá, todos os dias me pedia para ir.

– Compreendo. Chegamos agora à noite em que a Emmeline ficou doente e a mãe estava fora.

– Sim.

– Talvez nos possa descrever a sequência de acontecimentos...

Jennifer descreveu-a. Correspondiam exatamente à descrição de Matt.

– Mas creio que a mãe de Mrs. Shaw também estava presente, certo? – disse Hayward.

– Sim, estava.

– Alguma razão para isso? Quem lhe pediu?

– Mrs. Shaw. Era a primeira vez que deixava a Emmie para se ausentar numa viagem de trabalho e considerou que a mãe proporcionava alguma... segurança adicional.

– Ou seja, por outras palavras, não confiava inteiramente na senhora?

– Protesto, Excelência.

– Concordo, Dr. Gilmour. Continue, Miss Grant, por favor.

– Mrs. Fullerton-Clark, a mãe de Mrs. Shaw, veio para prestar apoio. A Emmie adorava a avó. Como adora a avó paterna.

– Obrigado, Miss Grant.

Toby Gilmour levantou-se.

– Miss Grant, como descreveria a Emmeline? É uma criança tímida, sossegada, extrovertida?

– Oh... bem, é extremamente inteligente. Não é minimamente tímida, não. É bastante... marota. Uma menina muito difícil, para ser franca. Ah, e muito popular na escola.

– E... os acontecimentos recentes afetaram-na muito?

– Sim, ficou muito perturbada quando os pais lhe explicaram. Durante muito tempo não lhe disseram nada. O pai ainda estava a viver em casa, compreende, o que permitia manter a aparência de que estava tudo bem. Desde aí, tem tido pesadelos, molha a cama, tornou-se muito mais difícil de controlar. Tenho... muita pena dela – rematou

simplesmente.

– Obrigado, Miss Grant.

– Dou a sessão de hoje por encerrada – disse Clifford Rogers. – Obrigado.

Retomaremos amanhã, às nove horas.



– Eliza, fala o Toby Gilmour.

Toby Gilmour. O advogado de barra. O advogado distante, não muito brilhante, que até agora quase nada fizera por ela. Não o Toby que ainda três dias antes fizera amor com ela numa cama barulhenta e a levava a pensar que era capaz de estar a apaixonar-se por ele...

– Ah, viva.

– Ouça... isto vai ser um choque. O juiz intimou a sua mãe. É extremamente invulgar, mas ele quer ter a certeza de que a situação da criança é corretamente compreendida e está a assumir uma posição firme sobre o assunto.

Invadiu-a uma onda de terror. Pronto, agora era o fim dela.

– Sinto muito. Temos simplesmente de... de esperar que corra tudo pelo melhor. Está a reagir muito bem, Eliza. Tenho... tenho muito orgulho em si.

Não eram palavras que revelassem grande intimidade; mas já eram qualquer coisa, pelo menos uma indicação de que ele era humano.

– Aguarde mais um dia e amanhã já devemos estar em águas mais calmas. Combinado?

– Sim. Combinado.

– Ah, Eliza...

– Sim?

– Não escarafunche o nariz, não se esqueça.



– Mr. Brigstocke, o senhor e Mrs. Shaw trabalham juntos, não é assim?

– Sim, sim, trabalhamos.

Meu Deus, ele estava com um ar assustado, pensou Eliza. E não sabia que trinta-e-um esse detetive privado, o torpe e execrável Jim Dodds, lhe tinha arranjado.

– Ela aconselha-o em questões de moda relacionadas com a publicidade em que trabalha. A maneira como os modelos se vestem e por aí adiante. Certo?

– Sim. Sim, exato.

– É uma relação profissional próxima? Sabemos que se alarga ao campo pessoal, naturalmente.

– Bem... sim. Passamos muito tempo juntos no escritório.

- E as reuniões e outras atividades prolongam-se até à noite? Pergunto em vista, por exemplo, da necessidade de a Emmeline ser levada ao escritório.
 - Hum... sim, por vezes.
 - E por que razão?
 - Porque quando estamos embrenhados na discussão de uma campanha, não podemos parar só porque são seis horas.
 - Claro, não podem parar. Mas... continuam os dois a discuti-la?
 - Por vezes. Não com muita frequência porque a Eliza... Mrs. Shaw... tem sempre de ir a correr para casa.
 - Mas se ela... fica... têm reuniões no seu gabinete?
 - Sim, temos.
 - E entretêm-se com uma bebida enquanto conversam?
 - Sim. Tanto quanto sei, não é ilegal.
 - Uma bebida... não. Mas consta, segundo Mr. Dodds, que consomem outras... substâncias. É costume consumi-las com Mrs. Shaw?
- Um longo silêncio.
- Mr. Brigstocke, está sob juramento.
 - Ocasionalmente, fumámos... hum... haxixe.
 - Ocasionalmente... pode precisar?
 - Bem... uma ou duas vezes.
 - Uma ou duas vezes por dia?
 - Não, com certeza que não.
 - Com que frequência então?
 - Uma ou duas vezes desde que nos conhecemos.
 - Compreendo. Não tenho mais perguntas.
 - Dr. Gilmour?
 - Não tenho perguntas, Excelência.



- Gostaria de chamar agora Mrs. Fullerton-Clark.

Pronto, era agora. Tinha-a perdido sem apelo nem agravo. Beber, consumir drogas, abandonar Emmie numa cidade estrangeira... nada se comparava com a tarefa que lhe dera.

- Mrs. Fullerton-Clark...



Clifford Rogers não vai gostar dela, pensou Philip Gordon, olhando para Sarah, vestida com uma saia e um conjunto de malha, e exibindo pérolas, claro, as pérolas da avó,

como Eliza lhe poderia ter dito, respondendo às perguntas no seu tom de voz elegante.

Estavam naquele banco de testemunhas gerações nascidas em berço de ouro; da espécie que Clifford Rogers abominava.

– A senhora tomou conta da Emmeline em muitas ocasiões ao longo dos anos?

– Sim, tomei. Com muito gosto, aliás.

– E... na sua opinião, a sua filha gostava de olhar por ela?

– Muito, sim. Era uma excelente mãe. Nos primeiros tempos, andava muito cansada, claro, como é natural, mas desenvencilhou-se perfeitamente bem.

– Alguma vez discutiu consigo o regresso ao trabalho?

– Sim... algumas vezes. Sempre gostou de trabalhar...

Philip Gordon quase sentiu o juiz encolher-se com a pronúncia dela.

– Mas não se importava de ficar em casa?

– Não... nada.

– Quando digo casa, entende-se que é a mansão da família em Wiltshire...

– Oh, eu não lhe chamaria mansão – disse Sarah –, não passa de uma pequena casa de campo.

– Compreendo. Quantos quartos tem?

– Dez... enfim, depende de como são contados, se incluimos os quartos no andar de cima. Se incluirmos... sim, são dez.

– Nesse caso, não é assim tão pequena como isso. E a senhora continuou a residir lá depois da morte do seu marido?

– Sim. Sim, continuei.

– O seu filho não a herdou?

– Não.

– Não é verdade que a casa estava a necessitar de restauros profundos e que ninguém na família tinha meios para os fazer?

– Sim, é verdade.

– E o seu genro comprou a casa, a senhora pôs termo a um fideicomisso para possibilitar essa compra e ele gastou muito dinheiro a arranjá-la e recuperá-la? E permite que a senhora lá resida?

– Sim. Exatamente. O Matthew tem sido um genro muito bom e generoso.

– Sem dúvida. E com que frequência a família a visita?

– Oh... no verão, quase todos os fins de semana. A Emmie adora lá estar, tem um pônei, que guardamos no picadeiro.

– E a senhora trata dele?

– Bem... não exatamente, temos uma rapariga da aldeia que vem dia sim, dia não exercitá-lo.

Isto está a piorar de minuto para minuto, pensou Toby.

– Muito bem. Gostaria agora que me falasse do período em que a sua filha perdeu o filho.

– Ah... sim.

Ela baixou os olhos e pôs-se a mexer nas pérolas.

– Deve ter sido um tempo muito doloroso para todos.

– Foi, sem dúvida.

– A sua filha passou muito tempo consigo durante esse período?

– Sim. Sim, passou. Andava muito deprimida, não conseguia dormir, não comia. O Matthew também andava muito angustiado, mas, claro, teve de retomar o trabalho e... enfim... – A frase morreu-lhe nos lábios.

– Enfim o quê, Mrs. Fullerton-Clark?

– É sempre pior para a mãe.

– É a sua opinião? Que o seu genro não sofreu tanto com a morte do filho como a sua filha?

– Não, não é a minha opinião. – Sarah fez-lhe frente. – Eu disse que o Matthew andou muito angustiado, quis simplesmente dizer que é sempre pior para a mãe, porque não pode refugiar-se no mundo do trabalho, tem menos distrações, e acredito sinceramente que nós, as mulheres, sentimos mais agudamente uma perda dessas, faz parte da nossa biologia.

– Compreendo. E... durante esse período, como é que a Eliza conseguiu olhar pela Emmeline? Imagino que deve ter sido difícil para ela, uma menina cheia de vida de... quantos anos? Três ou quatro?

– A Emmie tinha cinco anos na altura. Sim, a minha filha teve grandes dificuldades, a Emmie é uma menina muito exigente e... sim. – A voz tornou-se quase inaudível.

– Reagia com... irritabilidade à criança, digamos?

– Um... um pouco, sim.

– Como se traduzia essa irritabilidade, Mrs. Fullerton-Clark? Mrs. Shaw discutia com a Emmie, esse tipo de coisa?

– Um pouco, suponho. Sim.

– Sugeriu-lhe que consultasse alguém?

– Sim, sugeri, mas ela não queria dar-se por vencida, como dizia. Fiquei muito contente quando ela finalmente concordou em consultar um... um médico.

– Um médico. Deve querer dizer um psiquiatra.

– Bem... concordámos ambas que ela devia procurar ajuda. Não definimos que tipo de ajuda. Na minha opinião, ela precisava no mínimo de tomar comprimidos para dormir. E de...

Calou-se.

– E de quê, Mrs. Fullerton-Clark?

– E de falar com alguém. Sobre a maneira como se sentia, como... como estava completamente de rastos.

– E... houve algum incidente em particular que a convenceu dessa necessidade? Ou foi um processo gradual?

Será que ele sabe, interrogou-se Eliza.

– Bem... bem, ela... isto é, eu...

– Mrs. Fullerton-Clark, responda à pergunta, por favor – disse Clifford Rogers, num tom irritado.

– Bem... ela foi lá passar um fim de semana, sem o Matthew, e... e estava extremamente perturbada...

– Alguma razão em especial?

– Enfim, a Emmie estava particularmente intratável. Queria... ir à loja da aldeia comprar rebuçados e a Eliza não a deixou. A Emmie ficou muito zangada e fez uma birra. Gritou com a Eliza e assim.

– E depois?

– Bem... a Eliza ficou muito... muito transtornada.

– E...?

– E... bem, perdeu a cabeça com a Emmie.

– E depois?

– E depois... depois...

– Mrs. Fullerton-Clark, tenho de lhe fazer esta pergunta. Alguma vez assistiu a alguma cena de violência da sua filha para com a Emmie?

Sarah ficou calada; olhou para Bruce Hayward e, em seguida, para o juiz, acabando por baixar os olhos para as mãos e mexer nos anéis.

Por fim disse: – Sim. Sim. Infelizmente assisti. Apenas... apenas uma vez. Ela... enfim, bateu-lhe. Eu não estava presente na sala, mas ouvi uma gritaria e corri para lá e a Emmie... a Emmie estava agarrada à cabeça que estava a sangrar... não da pancada, tinha caído contra a mesa... tivemos de ir às Urgências e ela teve de levar pontos.

Eliza olhou para Matt, que estava de olhos fixos nela, muito ereto na cadeira, os olhos escuros brilhantes a chispar no rosto pálido.

Agora, sim, ia perder Emmie; não havia a mais pequena dúvida. E era merecido.



– Matt – disse Louise –, tenho a certeza absoluta de que foi uma vez sem exemplo. Caso contrário, a Emmie teria sentido medo dela. Todos nós já fizemos coisas terríveis de que nos envergonhamos. Tu não?

– O quê?

– Perguntei se nunca fizeste nada de que te envergonhasses?

– Ah... sim, sim, claro que fiz. Mas não a uma criança. Não à minha própria filha. E mentir depois sobre isso e encorajá-la claramente a mentir sobre isso. Sinceramente, Louise, não sei que faça, não sei não.

– Não tens de fazer nada. O julgamento é exatamente para isso. O juiz faz tudo por ti.

– E ela sabia, a Sarah, digo eu. A Sarah em quem eu confiava, percebes? Sabia e não me disse nada. Pois é, também não há de voltar a ficar sozinha com a Emmie.

– Matt! A tua mãe nunca te deu uma estalada? A minha deu.

– Claro que deu, mas é muito diferente.

– Não vejo porquê. Ouve, Matt, decidiste trilhar este caminho, transformar a Emmie num objeto que tinhas de adquirir a todo o custo. Compreendo que seja terrível para ti. É terrível para toda a gente. Para ti, para a Eliza, para a Emmie, aliás, para todas as pessoas envolvidas, para a tua mãe, para a Scarlett, para a Sarah... é um horror. Claro que é. Mas não tinha de ser. Tu optaste por proceder assim e eu dei-te todo o meu apoio. Claro que não foi bonito a Eliza bater na Emmie e, claro, foi... uma grande infelicidade tê-la perdido em Milão. Mas em nenhum dos casos foi assim tão grave como tu dás a entender, há razões, explicações, a Eliza não é má pessoa e tu também não, mas os advogados e o juiz estão a fazer de ti uma pessoa ruim e não se pode censurá-los porque é a função deles. Portanto, tenta ser adulto, Matt. Agora vou para casa, não aguento mais isto. Aconselho-te a fazer o mesmo. Dá cumprimentos meus ao Jimbo.



Clifford Rogers tomou a palavra. – Mrs. Shaw, queira subir ao banco e dizer-nos por que razão acha que a Emmeline deve ser confiada à sua guarda.

Está aterrorizada, pensou Philip, olhando Eliza nos olhos quando ela se levantou, agarrando-se ao banco. Perdeu a confiança em si própria e na sua causa; não acredita que seja capaz de ganhar e isso é perigoso... escreveu uma mensagem e passou-a a Gilmour.

Seguiu-se um longo silêncio; Gilmour levantou-se finalmente.

– Mrs. Shaw – disse ele calmamente –, fale-nos da Emmie e diga-nos por que razão acha que ela precisa de si. O que lhe aconteceria se a perdesse.

– Sim. Bem... – Respirou fundo e começou a falar, ganhando algum ímpeto durante o discurso. – A Emmie, como todas as crianças, precisa de segurança e familiaridade. Como todas as crianças, a mudança desestabiliza-a. A sua primeira preocupação, quando eu e o meu marido lhe falámos do divórcio, não foi com qual de nós ia viver, mas se seria numa casa diferente e num quarto diferente. É feliz e tem confiança em si mesma e na sua vida; tem muitos amigos, é extremamente popular. Organizar a vida social dela é só por si uma ocupação a tempo inteiro, tem uma agenda mais preenchida do que eu...



O Clifford Rogers não vai gostar, pensou Philip; já estava a mirar Eliza com um certo desdém, considerando-a visivelmente uma versão mais jovem da mãe.

– Mrs. Shaw – disse Bruce Hayward, levantando-se –, devemos depreender das suas palavras que considera um dos seus deveres prioritários como mãe organizar a agenda social da sua filha?

– Objeto ao tom da pergunta, Excelência.

– Não, é perfeitamente razoável. Responda, por favor, Mrs. Shaw.

– Não, claro que não. Não é um... um dever prioritário. O que quis dizer foi que... que... Não sou capaz – disse ela de repente. – Acho melhor confiar a outros a tarefa de falarem por mim. Sinto muito.

– Mrs. Shaw. – Clifford Rogers olhou severamente para ela. – É obrigada a responder às perguntas que lhe são feitas em tribunal. Caso contrário, incorre em desrespeito. Responda à pergunta.

– Sim. Bem... não é um dever prioritário. Mas é um deles.

– E os outros? – perguntou Bruce Hayward.

– Os outros... bem... zelar pelo bem-estar físico da criança, dar-lhe amor e carinho, transmitir-lhe segurança...

– E não acha que deixar uma criança com uma ama e ir trabalhar lhe retira essa segurança?

– Hum... possivelmente. Depende de como... de como se organizem as coisas.

– Possivelmente. Compreendo. Como tal, decidiu experimentar. A ver se funcionava.

– Não. Não... foi nada disso.

Mais um silêncio prolongado. Gilmour levantou-se novamente.

– Mrs. Shaw, fale-nos de como se sentiu depois de o seu filho morrer. De que modo afetou o seu desempenho como mãe.

– Sim. Fiquei profundamente... infeliz. E tive dificuldades com a Emmie. Ela é uma criança muito exigente. E percebia... percebia que eu não estava... – Outro longo silêncio. – Perdão. Não quero continuar com isto. Não posso. Não pode haver desculpa para o que eu fiz à Emmie naquele dia. Por mais que ela me tivesse provocado. Nada do que uma criança diz ou faz pode justificar a violência da parte de um adulto. Já tentei explicar por que razão acho que a Emmie estaria melhor comigo. Não... não posso dizer mais nada. Lamento.

– Dr. Hayward – disse Clifford Rogers, mostrando-se impaciente e enfadado –, tem alguma pergunta a fazer a Mrs. Shaw?

– Nesta fase, apenas uma, Excelência. Mrs. Shaw, vê-se que o tratamento que recebeu da sua psiquiatra foi bastante eficaz, e isso foi com certeza uma benesse. Quanto tempo depois do... do incidente com a sua filha se sentiu em condições de viajar para Milão? E

ficar na villa dos seus amigos?

De algum modo, conseguiu imprimir ao termo «villa» uma má conotação.

– Vejamos... cerca de três meses. Dois talvez.

– Onde conseguiu divertir-se bastante. Foi às compras, à ópera, jantar fora... tudo muito terapêutico decerto.

Eliza permaneceu calada.

– E quando regressou, começou a pensar em voltar a trabalhar, se não estou em erro.

Com certeza que isso lhe terá exigido uma autoconfiança considerável, depois de uma ausência prolongada?

– Sim. Sim, suponho que sim. Mas sabia... isto é, pensava... oh, não sei.

– Mrs. Shaw – disse Clifford Rogers, num tom lasso –, isso não é aceitável. Já lhe disse que é obrigada a responder às perguntas que lhe são feitas. Continue, Dr. Hayward.

– Estava simplesmente a tentar apurar se foi fácil para Mrs. Shaw encontrar a autoconfiança necessária para voltar a trabalhar, Excelência. Mrs. Shaw?

– Nem por isso, não – respondeu Eliza –, mas também pensei que ajudaria.

– Ajudaria o quê?

– O meu estado de espírito.

– Que era?

– Bem... sentia-me muito infeliz. E... e só.

– E... ficar em casa a cuidar da sua filha não ajudava?

Ele era um estupor finório, pensou Toby; isto estava a piorar de minuto para minuto.

– Bem... não, não completamente – disse Eliza.

– Obrigado, Mrs. Shaw. Não tenho mais perguntas, Excelência.

Toby levantou-se imediatamente. – Gostaria de chamar Miss Scarlett Shaw.



Combalida com o seu fraco desempenho, Eliza sentou-se e observou Scarlett, apavorada. Ela estava com um fato de calças e casaco de um azul brilhante, o lustroso cabelo escuro descobrindo-lhe a testa.

– Conheço a Eliza Shaw há muitos anos – disse ela, sorrindo por um momento para Eliza –, e vi-a com a filha inúmeras vezes; era uma visitante frequente da casa da família. Ela é uma mãe maravilhosa. Tem uma paciência infinita, bom humor, brinca constantemente com ela, não descansa a arranjar-lhe distrações, organiza passeios, leva-a para todo o lado e, apesar disso, é firme com ela, não a estraga com mimos. Obriga-a a fazer os trabalhos de casa, a aprender a escrever sem erros e por aí fora. E organiza a vida dela. A vida da Emmie é extremamente complicada, ballet, ginástica, música, equitação aos fins de semana, festas... se fosse minha filha, precisava de uma secretária. E essa é uma das razões por que penso que o meu irmão teria grandes problemas em

cuidar da Emmie a tempo inteiro.

Toby Gilmour estava a assumir o papel de advogado do diabo. – Seria de pensar que um homem que dirige um império empresarial considerável seria capaz de organizar a vida de uma menina.

– Pois, mas não se continuasse a tentar dirigir esse império. O Matt... Mr. Shaw... é uma pessoa de extremos, foi assim que chegou onde chegou. Já sei que ele diz que vai desistir de tudo isso, mas não me parece que seja capaz, o seu amor ao trabalho é demasiado forte. Não me interprete mal, admiro-o mais do que posso exprimir por palavras, mas... levar a Emmie a festas e ir buscá-la, levá-la ao dentista e ao médico, lembrar-se de comprar prendas de aniversário para as amigas, mandar fazer fatos para os espetáculos de dança... vi a Eliza a fazer tudo isto, ao mesmo tempo que geria a vida dela, e posso dizer que é brilhante. Como todas as mulheres, está-nos no sangue...

– Que é que lhes está no sangue, Miss Shaw? – Clifford Rogers estava a observar Scarlett com um certo fascínio.

– Bem... fazer seis coisas ao mesmo tempo... compreende? Os homens... com todo o respeito, Excelência... normalmente não são capazes.

– Tenho de estar mais atento a mim mesmo – disse Clifford Rogers. Perpassou um murmúrio educado de risos pelo tribunal.

– Está a dizer-nos, Miss Shaw – Bruce Hayward tinha-se levantado – que tudo isso, só por si, impediria o seu irmão de ser um bom pai para a Emmeline?

– Não, claro que não. E penso que ele é absolutamente dedicado à Emmie, é um pai estupendo, um pai bastante avançado em relação ao seu tempo, mas não acredito que seja capaz de desempenhar os dois papéis. Sinceramente, não acredito. São os dois pais esplêndidos, de maneiras diferentes... é realmente pena, muita pena.

Seguiu-se um longo silêncio, findo o qual Toby Gilmour disse: – Obrigado, Miss Shaw.

Scarlett desceu do banco das testemunhas; todas as pessoas estavam a observá-la em atitudes variáveis de admiração. Quando ela abandonou a sala, estalou um pequeno alvoroço e um oficial entrou e passou uma mensagem a Philip. Este leu-a; em seguida, escreveu qualquer coisa nela e devolveu-a ao oficial. E escreveu uma mensagem sua que passou a Toby.

Eliza, cuja infelicidade fora apenas ligeiramente mitigada pela prestação de Scarlett, estava demasiado deprimida para reparar.

– Excelência, gostaria agora de chamar Mr. Jack Beckham, o diretor do Daily News. Mr. Beckham, o senhor contratou a Eliza Shaw como editora de moda numa revista que dirigia, não é assim? Pode dizer-me o nome?

Beckham parecia relaxado e bem-disposto e estava claramente com intenções de se divertir ao máximo.

– Chamava-se Charisma. Fui diretor de 1963 a 1968. Depois decidi que era altura de

me dedicar a um trabalho sério e voltei para Fleet Street.

– E Mrs. Shaw foi trabalhar para si... quando?

– Oh, em 1963, como assistente de moda. Fiquei muito impressionado com ela desde o primeiro minuto. Tinha certas reservas porque sabia que ela tinha sido debutante e todas essas palermices, mas numa questão de dias ela deu provas do seu talento. Trabalhava sem descanso; nada era de mais para ela. Por sinal, demos ao marido uma oportunidade extraordinária, incluímo-lo numa reportagem sobre os jovens empresários, foi uma publicidade excelente, aliás não sei se ele a apreciou devidamente, mas adiante... Na altura, davam-se maravilhosamente. É uma pena que isto tenha acontecido. Mas é a vida, não é?

– Tente não se desviar do assunto, Mr. Beckham – disse Clifford Rogers.

– Diria que o assunto é esse. Pelo menos em parte.

– E... quando é que a promoveu a editora de moda? – perguntou Toby, receoso que Clifford Rogers acusasse Beckham de desrespeito ao tribunal. Mas ele parecia, pelo contrário, encantadíssimo com ele.

– Oh... uns nove meses mais tarde. Toda a gente disse que era demasiado cedo, mas eu sabia que não era, não havia nenhuma outra candidata que lhe chegasse aos calcanhares. Ela era uma rapariga muito inteligente, nunca falhava em nada que fizesse. Sinto-me orgulhoso por ter tido um papel na carreira dela. E depois, infelizmente, deitou tudo a perder.

– Deitou? De que maneira?

– Engravidou. Disse que tinha de se demitir quando tivesse a criança. Fiz tudo o que podia para dissuadi-la, adulei-a, subornei-a oferecendo-lhe mais dinheiro, mas ela disse que estava fora de questão.

– Deu alguma razão?

– Sim, deu, disse que tinha de ficar em casa a tomar conta da criança. Alguns anos mais tarde, voltei a tentar, queria que ela se tornasse editora de moda do News, mas ela disse que não podia. Pela mesma razão.

– Obrigado, Mr. Beckham.

– Dr. Hayward?

– Mr. Beckham, creio que foi no seu jornal que foi publicado o artigo sobre os inquilinos de Mr. Shaw.

– Foi, sim senhor.

– Continuava então em contacto com Mrs. Shaw?

– Não entendo a sua insinuação.

– Não estou a insinuar nada, Mr. Beckham. Estou simplesmente a tentar caracterizar os antecedentes do artigo.

– Eu não tive nada a ver com o artigo, foi responsabilidade exclusiva do meu editor de

imobiliária, Johnny Barrett. Ela tinha-o conhecido e entrou em contacto com ele diretamente. Mais tarde, descobri que ela tentou que o artigo não fosse publicado, mas era tarde de mais.

– Obrigado, Mr. Beckham. Gostaria agora de chamar Mr. Barrett a depor.



Passava-se qualquer coisa; Eliza estava intrigada. À hora de almoço, tanto Philip, como Toby tinham-se escusado e Sarah, a assistente de Philip, acompanhara-a a um café local para comer umas sanduíches. Mas ela não conseguiu comer nada. Abalada com o seu mau desempenho no banco das testemunhas, a angústia tirara-lhe o apetite.

– O repórter, o Johnny Barrett, foi fantástico, não foi? – disse Sarah. E realmente tinha sido, sublinhando que Eliza fizera tudo o que podia para desencorajá-lo de escrever o artigo, ainda antes de se ter apercebido de que os promotores imobiliários eram colegas de Matt.

Bruce Hayward sugerira que era ingénuo da parte de Eliza pensar que qualquer artigo sobre o setor imobiliário podia não ser potencialmente prejudicial a Matt; mas Johnny Barrett redarguiu que conhecia Eliza há muito tempo e punha as mãos no fogo pelo orgulho que ela sentia na empresa de Matt. – No dia em que a conheci, azucrinou-me os ouvidos a dizer-me que ele era um génio.

Admitira igualmente que aquilo que fizera, ter localizado Heather e tê-la coagido a falar com ele, não fora inteiramente honrado. – Mas, queira desculpar, Dr. Hayward, quem paga manda, e quem me paga é o meu diretor e ele queria este artigo. Decerto que sabe o que se diz sobre o jornalista inglês.

Bruce Hayward disse que não sabia, mas que não tinha interesse em saber, e Johnny Barrett foi dispensado.



– Que é que se diz sobre o jornalista inglês, Eliza? – quis Sarah saber agora.

– Ah, pois, é um poema. «É impossível subornar ou vergar o jornalista inglês; mas não é preciso, basta ver o que sem suborno sempre fez.»

– É boa. Ah, aí está o Philip, quer que voltemos. Hoje à tarde é a tua amiga, não é?

– É. É ela. Coitada da Heather, vai estar cheia de medo.



Se estava com medo, Heather não o aparentava. Mostrou-se calma, prudente e proferiu o mesmo discurso comoventemente leal sobre Eliza e sobre as suas qualidades de amiga e mãe que fizera na semana anterior... omitindo por mútuo consenso o facto de Eliza lhe ter emprestado dinheiro.

Tornou-se imediatamente claro que fora boa ideia convocá-la; Clifford Rogers não só estava claramente encantado com ela – ela estava de facto muito bonita, o cabelo castanho, cortado à pajem (corte pago por Eliza, mas ele não fazia ideia disso), sendo visível que ele gostou da história sobre a amizade delas, e quando Bruce Hayward perguntou, em tons melífluos, se Heather alguma vez se interrogara por que razão Eliza queria passar tanto tempo com ela, mirou-a com um ar extremamente benigno quando ela disse que imaginava que era pela mesma razão que ela tinha desejado passar tanto tempo com Eliza, porque gostava dela e da sua companhia.

– Mas... tinham assim tanto em comum?

– Tínhamos. Tínhamos as crianças que eram da mesma idade e se deram sempre muito bem. E... gostávamos simplesmente de conversar uma com a outra. De fazer coisas juntas.

– Não sentiu... que talvez houvesse algo de mãe dos pobres na relação de Mrs. Shaw consigo?

– Excelência, objeto veementemente à pergunta.

– Concordo consigo, Dr. Gilmour.

– Não me importo nada de responder à pergunta – disse Heather firmemente –, não, não havia. Éramos simplesmente boas amigas. Nunca senti que ela passasse tempo comigo porque não tinha ninguém no seu círculo de amigos, aliás não lhe faltavam... amigos finos, mas... – Calou-se.

– Continue, Mrs. Connell.

– Ela sempre disse que não eram tão interessantes como eu – terminou Heather, olhando para as mãos.

Clifford Rogers estava com ar de quem queria abraçá-la.

– E o artigo – disse Bruce Hayward, claramente arrependido de ter enveredado por esta linha de interrogatório – deve tê-la incomodado bastante, a si e ao seu marido.

– Sim, é verdade, e durante algum tempo deixámos de nos falar, eu e a Eliza, mas a culpa foi minha e não dela. Ela tentou de todas as maneiras redimir-se, no dia seguinte foi a minha casa pedir desculpa e disse que a culpa não tinha sido dela e que tinha tentado que o artigo não saísse, mas eu fui um pouco estúpida e disse que não acreditava nela. Mas agora acredito.

– E quando fizeram as pazes?

– Há alguns meses.

– Foi ela que a contactou?

– Não – respondeu Heather vigorosamente –, eu não sabia nada deste processo, se é a isso que se refere, escrevi-lhe porque tinha saudades dela...



A sessão terminou aqui; Philip e Toby disseram que precisavam de falar com ela.

– Eliza... lamento imenso e deve tentar não se afligir muito, mas... o juiz pediu para falar com a Emmie. Amanhã à tarde. É preciso trazê-la aqui; a sua mãe pode fazer isso?

– Sim, sim, claro, mas... oh, meu Deus, que coisa terrível, terrível, ela vai ficar transtornada, já sei que pensa que vai ser divertido...

– Pensa? – disse Toby bruscamente.

– Pensa. Disse que achava boa ideia quando a avisei. Fiquei muito... surpreendida. Mas não faz ideia do que significa, das coisas que ele lhe vai perguntar.

– Que coisas acha que são? – inquiriu Philip.

– Bem... suponho que serão perguntas sobre de quem mais gosta, com quem quer viver.

– Eliza, vai ser muito mais subtil do que isso, acredite. Ele vai tentar determinar como é que ela encara a situação, a que ponto está verdadeiramente transtornada, se gosta da escola, talvez o que pensa de viver principalmente com o Matt, se há outras crianças na escola dela cujos pais vivem separados, talvez o que pensa de a Eliza trabalhar, se gosta da ama... esse género de coisas. Será muitíssimo cuidadoso. O Rogers gosta de crianças, compreende-as, ele próprio tem dois filhos, há de ser extremamente meigo. Tente não se preocupar.

– Preocupar? Não, não me vou preocupar, esteja descansado... Oh, meu Deus... é melhor ir para casa, prepará-la.

– Sim, mas não... não a alarme, não a leve a pensar que vai ser uma tortura. Promete? Isso seria muito contraproducente. Diga-lhe apenas que ele quer conversar com ela.

Eliza olhou para eles. – Acham-me muito estúpida, não acham? – disse ela friamente. – Ouçam, chamem-me um táxi, por favor; estou farta disto, palavra.



A ópera estava superlotada; pessoas muito bem vestidas, sorridentes, a acenar, a trocar beijos; Mariella, seguindo Giovanni por entre a multidão, sentia-se só, isolada no seu terror, terror e desejo, de que a qualquer momento pudesse deparar-se com a pessoa que mais queria e menos queria ver em todo o mundo; e Jeremy, pelo seu lado, chegando deliberadamente o mais tarde possível, subiu lentamente a grande escadaria vermelha ao encontro dos seus convidados, invadido pelo mesmo terror e pelo mesmo desejo absurdo.

Mas até agora não se haviam cruzado; e a campainha despachou Mariella e Giovanni para o seu camarote e Jeremy e os companheiros para os seus lugares na plateia.

No primeiro intervalo, Mariella ficou a salvo; Giovanni mandou servir champanhe no camarote, tendo convidado um amigo que vira no átrio para lhes fazer companhia. Talvez, quem sabe, acabassem por escapar. Mas Giovanni declarou que queria

desentorpecer as pernas e...

– Jeremy! Meu caro amigo, que maravilha encontrar-te. Mariella, cara, olha o Jeremy...

– E Jeremy, inclinando-se para beijá-la, inalando o seu perfume, roçando-lhe o cabelo, torturado, aterrado, disse que seria ótimo jantar com eles, mas que infelizmente estava com convidados e tinham reservado uma mesa na River Room do Savoy. – Nesse caso, tomamos uma bebida agora – disse Giovanni –, e talvez nos possamos encontrar para almoçar amanhã... depois de a Mariella depor em tribunal, acho que ela está um pouco nervosa, tem estado muito calada, mas há de portar-se lindamente, Jeremy, não concordas? E tu deves ir ter connosco ao Ritz à... à uma e meia, pode ser?... não, nada de recusas, nem pensar...

E, em seguida, voltaram para os lugares, mais uma vez longe um do outro, entregues, não apenas à trágica história de amor que se desenrolava no palco, mas também à sua.



– Boa sorte, querida, e não te preocupes, estou lá com a Emmie às três.

– Obrigada, mãe. Pensando melhor, acho preferível o fato de marinheiro. É o favorito dela e dá-lhe um ar giro de menina. O juiz há de gostar.

– Ela... ela diz que quer vestir a jardineira às riscas. Sabes qual é?

– Não, não pode ser. Não, mãe, não a podes levar para o tribunal de jardineira.

– Não, querida, claro que não.



– Excelência – disse Toby Gilmour –, gostaria de chamar a signora Mariella Crespi.

O juiz Rogers acenou secamente com a cabeça; já formara uma opinião sobre a signora Crespi e não era favorável.

Mariella entrou imponentemente na sala do tribunal e subiu ao banco das testemunhas. Estava incrível; até Bruce Hayward pareceu ligeiramente aturdido. Estava com um fato de calças e casaco branco, aparentemente sem nada por baixo do casaco, um grosso colar de ouro e pérolas e pulseiras de ouro a condizer. A sua maquilhagem era impecável, os olhos muito escuros, os lábios pintados de um vermelho brilhante. O cabelo escuro estava preso num rabo de cavalo e tinha grandes brincos dourados de pérolas: Chanel, pensou Eliza maquinalmente, e o fato era de certeza de Yves Saint Laurent, o mesmo modelo que Bianca usara no casamento com Mick.

Toby virou-se para encará-la. A sua expressão era admiravelmente neutra.

– Signora Crespi, conheceu a Eliza Shaw quando ela era editora de moda na Charisma, correto?

– Sim, correto. Ela foi muito, muito importante para mim, fez-me famosa. Famosa ao ponto de ter conquistado o título de mulher mais bem vestida no princípio deste ano.

Era evidente que não queria deixar ninguém na dúvida sobre a sua importância.

– E depois ela tornou-se numa das minhas melhores e mais íntimas amigas. É uma pessoa maravilhosa, generosa, boa, leal e uma mãe maravilhosa.

– Sim, sem dúvida. Signora Crespi, talvez nos possa falar da altura em que Mrs. Shaw a visitou em Milão. Em dezembro de 1969.

– Certamente. Ela andava muito deprimida, depois de ter perdido o filho, uma tragédia, e eu convidei-a para passar uma semana connosco. Era o princípio da season milanesa, que é sempre no primeiro domingo de dezembro, e costuma haver um espetáculo de gala na ópera, normalmente Verdi. Eu e o marido nunca faltamos e recebemos no nosso camarote no La Scala. Não foi a primeira visita da Eliza, já nos tinha visitado dois ou três anos antes, e levou com ela a pequena Emmie. Nunca teria ido sem ela, embora eu já tenha pensado que lhe teria feito bem, teria tido umas férias melhores.

– Compreendo. E que fizeram nesse dia?

– Bem, fomos de carro a Milão...

– Não reside na cidade?

– Não, não, claro que não. – Pelos vistos, era um facto que devia ser do conhecimento de todos. – Vivemos na nossa villa nas margens do Lago de Como. É talvez uma hora de carro de Milão. Fui eu, a Eliza, a Emmie e uma das minhas criadas, a Anna-Maria, que olha pela Emmie durante as visitas dela. A Emmie adorava-a, não imagina a que ponto, e a Anna-Maria também a adorava a ela.

– Compreendo – repetiu Toby. – E quando chegaram a Milão?

– Visitámos as lojas e admirámos as decorações de Natal. Depois tive de ir à minha modista e precisava também de comprar uns sapatos, e a Emmie queria ir ao Rinascente, os grandes armazéns. Eu sugeri que ela fosse com a Anna-Maria. A Eliza ficou muito preocupada com isto, mas eu insisti, queria a opinião dela a respeito de uns botões...

– Botões?

– Sim, botões. Combinámos assim encontrar-nos com a Maria e a Emmie meia hora depois no Café Cova, talvez conheça o Café Cova...

– Por acaso conheço. É muito bonito!

Conhecia?, interrogou-se Eliza.

– Mas, pouco depois, a Anna-Maria apareceu, lavada em lágrimas, histérica, aliás, a Emmie tinha-lhe fugido, é uma menina muito, muito travessa, por mais dolce que seja. A Anna-Maria tinha procurado a Emmie por todo o lado, mas sem sucesso. Encontrámo-la num instante, numa questão de minutos, diria eu...

– E onde é que ela estava?

– Ainda estava no Rinascente, na secção de sapatos de criança. Tinha lá chegado sozinha, tinha dito que queria uns sapatos novos, e quando uma menina quer sapatos, tem de tê-los.

– E... que estava ela a fazer, estava a chorar, estava aflita?

– Não, de maneira nenhuma – disse Mariella, desvalorizando a questão –, estava a tentar decidir que par havia de comprar, tinha um sapato em cada pé, eu própria faço isso muitas vezes.

– E... que disse ela quando as viu?

– Disse, nunca mais me hei de esquecer, foi amoroso, adorável, disse: «Que é que achas?» Claro que lhe respondi que devia comprar os dois.

– E... como se sentiu Mrs. Shaw enquanto a Emmie esteve desaparecida?

– Estava muito, muito perturbada, muito angustiada, claro. Mas nessa noite, ao jantar, disse que não era a primeira vez que a Emmie fugia, já tinha fugido mais do que uma vez. Como disse, ela é muito, muito travessa.

– Muito obrigado, signora Crespi.

Bruce Hayward levantou-se.

– Signora Crespi, obrigado por esse relato muito... muito vívido. Não acha que talvez tivesse sido melhor, numa cidade estranha, a sua criada ter controlado melhor a Emmeline. Com rédeas, por exemplo.

– Rédeas? Ela não é um cavalo.

– Não, claro que não, mas creio que existem rédeas para não deixar fugir as crianças nessas situações.

– Pois, mas nós não tínhamos rédeas – respondeu Mariella, franzindo a testa com uma certa impaciência –, e mesmo que tivéssemos, pode crer que a Emmie não as teria usado. Essa menina é muito determinada.

– Ou... talvez tivesse sido preferível ter ficado convosco.

– O quê? Na modista? Nem pensar. Nunca teria conseguido concentrar-me. Não, a culpada fui eu por ter insistido com a Eliza para ir sem ela.

– Compreendo. Não tenho mais perguntas.

Era claro que até Bruce Hayward percebia que não adiantava de muito contrainterrogá-la nesta altura.

Nesse momento, entrou um oficial com uma mensagem para Philip Gordon; ele leu-a, olhou para Eliza, depois para Toby e, pedindo licença a Eliza, saiu do tribunal. Ela sentiu-se irritada. Como é que ele podia sair agora quando isto era absolutamente crucial para a sua sobrevivência? Tentou concentrar-se em Toby, que havia retomado a sua função... o interrogatório a Mariella.

– Pois bem, signora Crespi, talvez nos possa agora relatar a noite do dia seguinte. Quando ficaram presos na cidade por causa do nevoeiro.

– Ah, sim. A nossa famosa nebbia. Desta vez, foi por culpa do destino, e não minha, que a Eliza foi separada da filha. Quando partimos de Como, o tempo estava bom. Quando saímos do La Scala, não se via mais do que alguns metros à frente. Não, alguns

centímetros, é mais correto dizer. Teria sido extremamente perigoso tentar regressar a Como. A Emmie teria ficado órfã de mãe. E isso... enfim, teria sido trágico.

– Sem dúvida.

– Assim, a Eliza ficou com uns amigos no apartamento deles. Eu sei que não pregou olho toda a noite. E, no dia seguinte, foi muito corajosa e partiu para Como, antes de nós ousarmos correr esse risco, com uns amigos, uns amigos extremamente corajosos e um condutor incrivelmente arrojado, e viajou para Como na nebbia para voltar para junto da Emmie.

– E... quem estava a olhar pela Emmie na villa?

– Oh... muitas pessoas. A Anna-Maria. A cozinheira. O mordomo. O criado pessoal do meu marido. Todos a cumularam de atenções. A Eliza falou várias vezes com ela ao telefone...

– Signora Crespi...

– Sim? – Mariella olhou desdenhosamente para Bruce Hayward.

– Não teria sido melhor Mrs. Shaw ter ficado na villa com a Emmie em lugar de ir para Milão com nevoeiro?

– Isso teria sido uma falta de educação, não acha? – retorquiu Mariella. – O meu marido teria ficado extremamente ofendido, depois de se ter dado ao trabalho de organizar tudo para ela. E, além disso, não sabíamos que se ia levantar nevoeiro. Ele aparece de repente.

Bruce Hayward desistiu. Clifford Rogers não se deixaria certamente enganar por esta ridícula criatura.

Mas Clifford Rogers estava a fitar Mariella com uma expressão de quase incredulidade; e declarou então a sessão da manhã encerrada.

– Esta tarde vou falar com a criança. E, se houver tempo, podemos começar as sínteses. Senão, adiarmo-las para amanhã.

– Todos de pé.



Eliza saiu da sala do tribunal e desceu ao átrio. Começava a experimentar uma sensação de familiaridade com o ambiente.

– Eliza... – Era Toby. – Preciso de falar urgentemente consigo. Vamos até ao meu gabinete. Temos algum tempo e é muito importante...

Ela seguiu-o em silêncio.

– Surgiu uma coisa hoje de manhã. Uma coisa que pode ter um grande peso nas nossas hipóteses. Mas... tem de ser a Eliza a decidir. Temos uma nova testemunha, mas... preciso da sua autorização para chamá-la.

– Quem é?

– É a Georgina Barker. Ligou-nos a dizer que queria falar connosco para discutir o processo, mas depois desmarcou; não achámos que valesse a pena apoquentá-la. E ontem voltou a ligar, mas, claro, eu já tinha saído e o meu assistente só me apanhou muito mais tarde.

– Mas... porquê? Não entendo.

– Ela quer depor contra o Matt. Lendo nas entrelinhas, parece-me que ele a enfureceu por qualquer razão e ela quer vingar-se.

– Mas...

– Aparentemente ele disse-lhe que lhe bateu uma vez.

– Oh! Oh, Toby, não...

– Sim. Sempre desconfiei de que tinha havido violência. Foi... foi a única ocasião?

– Sim. Sim, foi. – Ela ficou calada. – Toby, acho que não quero que isso venha a lume. Não quero que ela esteja ali no banco a dizer a toda a gente.

Ele suspirou. – Também era o meu palpite.

– Não quero mesmo.

– Pode fazer toda a diferença, Eliza. Pode fazê-la ganhar o processo. A Emmie. Por favor, pense muito, muito bem no assunto.

– Quando... quando é que ela seria chamada?

– Esta tarde, possivelmente. Depois de o juiz falar com a Emmie. Ou talvez amanhã de manhã.

– Quer dizer que tenho algum tempo para decidir?

– Sim, mas não muito. Eliza, por amor de Deus, porque é que é tão contrária a isso?

– Por duas razões – disse ela pausadamente. – É melhor explicar porque é que aconteceu. Não a altercação, essa foi por causa do artigo no jornal, mas o que eu disse para a provocar. Para o provocar. Disse uma coisa horrível ao Matt, absolutamente horrível. Nem a si sou capaz de dizer, enche-me de vergonha... e ia ser exposto e... enfim, adiante... acho que não quero que a Emmie saiba que o pai me bateu. Não quero mesmo. Ia chegar aos jornais... meu Deus, já estou a ver as manchetes, a imprensa ia ter um dia em cheio. Não posso correr esse risco, Toby.

– Bom, como digo, pode virar o processo a seu favor. É uma dádiva do céu, diria eu.

– Ou do diabo.

Eliza olhou para ele; ele sorriu-lhe.

– Por favor, pense muito bem. Não se precipite, peço-lhe. Demore o tempo que quiser.

– Sim – disse ela –, sim, está bem.



Mariella voltou para o Ritz pouco depois da uma hora. O sofrimento e a sufocante sensação de perda haviam-se atenuado com a aparição no tribunal; tinha gostado de

depor, empenhara-se de alma e coração. Representara uma distração esplêndida: mas agora estava de volta, de novo no mundo real, e tinha de almoçar com Giovanni e Jeremy.



Jeremy tinha pensado em invocar uma doença, reuniões urgentes, assuntos prementes de família, acabando por rejeitar todos estes pretextos. Giovanni chegaria corretamente à conclusão de que não passavam de desculpas e estranharia que fossem apresentadas.

Entrou no átrio ao mesmo tempo que Mariella; sorriu-lhe, fez uma ligeira vénia e aflorou com os lábios a face que ela lhe ofereceu.

- Olá.
- Olá, Jeremy.
- Que tal correu o depoimento?
- Muito bem, acho eu. Obrigada. Vamos entrar?
- Vamos.

O chefe de mesa apressou-se a recebê-los; Jeremy pousou-lhe as mãos nas costas, muito suavemente, para a impelir; ela virou-se por um instante... claramente incapaz de se dominar... para lhe sorrir; os seus olhos eram enormes e muito doces; ele sorriu, olhando-a nos olhos, também incapaz de se dominar.

Giovanni já estava sentado à mesa; viu-os chegar, levantou-se para cumprimentá-los, visivelmente deleitado por terem chegado juntos. Estava com um ar especialmente atraente, com um fato de linho macio e uma camisa azul muito clara, o cabelo branco, ainda espesso e ondulado, penteado para trás, imaculadamente arranjado: no conjunto, um símbolo de elegância tradicional.

Dirigiu-lhes um sorriso rasgado e encantador e os seus olhos, aqueles olhos azuis penetrantes, estavam, Mariella registou, particularmente brilhantes; estendeu as duas mãos num gesto de saudação, avançou um passo, disse «ai» e parou, repetiu «ai» e a sua expressão alterou-se, distorcida, crispada, as suas pernas cederam e Jeremy amparou-o no último momento para que não caísse e pousou-o no chão onde ele ficou, incapaz de respirar, os olhos arregalados, o corpo rígido.

Mariella caiu no chão ao lado dele, segurando-lhe na cabeça; Jeremy ajoelhou-se ao lado dela, desapertando a gravata de Giovanni, pedindo almofadas, ajuda; e, por um momento, o mundo reduziu-se aos três. A horrível respiração arranhada acalmou inicialmente e depois parou; os olhos brilhantes haviam-se tornado mortícios e letárgicos e, com um último sopro quase inaudível, a longa e abençoada vida de Giovanni chegou ao fim.

E Mariella, olhando para ele ali deitado, com um ar doce e tranquilo, pensou que tinha imaginado este momento muitas vezes ao longo dos anos, sem dúvida que tinha, mas

desde a entrada de Jeremy na sua vida, temera que pudesse haver algo de impróprio, de cruel nos seus pensamentos, uma sensação de alívio até, mas apenas sentia mágoa, privação e uma onda de gratidão intensa para com este homem extraordinário, maravilhoso e amigo, que tanto fizera para torná-la na pessoa que era e sentira tanto orgulho naquilo que conseguira; e, baixando-se, beijou-o na testa, pensando na tremenda perda que a sua morte representava para ela.



– Oh... oh, mãe, não...

Sarah olhou para Eliza, os olhos carregados de angústia.

Emmie, vestida com a jardineira às riscas azuis e brancas e uma T-shirt branca por baixo e com sapatilhas calçadas, sorriu à mãe.

– Olá, mãe.

– Emmie, meu amor... queria que pusesses um vestido para estares bonita para o juiz...

– Eu sei. Mas eu queria vestir a jardineira. Sinto-me melhor com ela. Mais feliz.

– Ela disse... – Sarah falou em voz baixa –, disse que, se eu a obrigasse a pôr um vestido, fugia.

Eliza desistiu. A verdade era que sabia como Emmie se sentia. A roupa influenciava imenso o estado de espírito.

– Pronto, querida. Estás muito bonita. Anda agora conhecer as pessoas, este senhor é o Dr. Gordon e esta é a assistente dele, a Sarah.

– Olá, Emmie. Muito gosto em ver-te.

– Igualmente – disse Emmie educadamente.

– Olá, Emmie. – Toby Gilmour tinha chegado.

– Olá. Gosto da sua peruca.

– Obrigado. Como está o Mouse?

– Está ótimo.

– Estão prontos, Eliza. Mrs. Fullerton-Clark, muito prazer em voltar a vê-la.

– Igualmente.

Com um súbito grito de «pai», Emmie libertou-se da mão da mãe e correu através do átrio do Tribunal, quase derrubando um senhor com uma farta peruca, lançando-se nos braços do pai.

E Matt deteve-se, enterrando o rosto no cabelo comprido e brilhante da filha, apertando-a contra o peito; e, por um longo momento, ninguém se mexeu até que Philip Gordon disse: – Então, vamos subir?

Emmie deslizou para o chão e pegou na mão de Matt e, em seguida, virou-se para esperar pela mãe, e pegou também na dela e subiu a larga escadaria entre os dois; e todos os envolvidos no processo, incluindo o juiz Clifford Rogers, que ia a caminho do seu

gabinete, tomaram forçosamente consciência de que aquilo que estava prestes a acontecer a esta pequena família não era nada menos do que uma pequena, e possivelmente uma grande, tragédia.

À porta do gabinete do juiz, Eliza sentiu vontade de agarrar em Emmie e largar a correr com ela pelas escadas abaixo para a rua, tudo menos sujeitá-la a esta terrível provação. Aumentou a pressão na mão da filha.

– Vá, meu amor... agora vais responder às perguntas do juiz e...

A porta abriu-se; surgiu uma funcionária.

– A Emmeline é esta menina?

– Sou – respondeu Emmie, antecipando-se.

– Vamos lá, Emmeline. O Dr. Rogers tem chá e bolachas...

– De chocolate? – perguntou Emmie, esperançada.

– Sim, acho que também há de chocolate.

Emmie seguiu a mulher para o gabinete, virando-se para sorrir ao pequeno grupo antes de desaparecer. – Adeus – disse.

– Mais vinte anos – disse Toby – e há de estar a defender causas em tribunal.



– Que fazemos agora? – perguntou Eliza, quando Emmie desapareceu. Matt afastara-se em silêncio.

– Esperamos. Não deve demorar muito tempo. Meia hora no máximo. Já tomou uma decisão, Eliza?

– Não. Ainda não. Ela... a Georgina está aqui?

– Está a caminho. Sabe que pode não ser chamada. Porque é que não vai dar uma volta? Para pensar.

– Sim, boa ideia. Obrigada, Toby.



Quando Eliza regressou de novo ao tribunal, estava um táxi a estacionar. A assistente de Philip Gordon e Georgina Barker apearam-se.

Ao mesmo tempo, Matt Shaw aproximava-se, vindo da direção contrária; viu Georgina e estacou.

Eliza perguntara-se muitas vezes o que queria dizer exatamente a expressão «sem pinga de sangue»; achou que sabia agora. O rosto de Matt estava espectralmente branco.

– Olá, Matt – disse Georgina, passando desdenhosamente à frente dele e entrando no edifício.

Eliza decidiu que um pouco de ansiedade a mais faria bem a Matt; sorriu-lhe docemente e subiu as escadas a correr para onde combinara encontrar-se com Toby.

– Olá – disse ela.

– Olá.

– Já... tomei uma decisão.

– E então?

– E a resposta é não. Não sou capaz, Toby. Peço desculpa. Mas sabe uma coisa? Tomei outra decisão neste processo e toda a gente me disse que era errada.

– Que decisão foi essa?

– Contratá-lo a si e não ao Tristram Selbourne.

– E então?

– Foi a decisão correta. Agora sei que foi, sem sombra de dúvida.

– Ainda bem que pensa assim – disse ele. Falou num tom ligeiro, mas a sua expressão era sombria.



Emmie tinha reaparecido, sorridente e tranquila.

– Foi simpático, o juiz – disse ela. – Comemos Penguins.

– Creio... que agora não vamos voltar para a sala de audiências – disse Toby –, visto que foi uma sessão prolongada. Vou confirmar.

Pouco depois, regressou.

– Não. As sínteses ficam para amanhã. Para todos nós. E... claro, a sentença.

Eliza e Sarah encaminharam-se para um táxi. Matt estava de pé no átrio quando elas o atravessaram; a olhar, imóvel, como que em estado de choque.

– Adeus, Matt – disse Eliza.

– Onde... digo eu... sabes onde está a Georgina?

– Não. Acho que saiu com a minha equipa. A tua deve saber.



Eliza e Sarah não interrogaram Emmie sobre a hora passada com o juiz; ambas sentiam que teria sido uma intromissão inaceitável e ela não se prontificou a contar nada. Limitou-se a repetir que ele tinha sido muito simpático e que tinham jogado batalha de animais.

– O quê? – disse Eliza.

– Jogámos batalha de animais. Não por muito tempo, mas ele não sabia jogar e eu ensinei-lhe. A senhora teve de ir arranjar cartas.

– Ah... estou a ver. E... tiveste uma boa conversa com ele?

– Tive. Disse-lhe o que queria. Ele disse que ia ver o que podia fazer. Queres que te conte o que disse ao juiz?

– Hum... só se quiseres.

– Eu conto-te se quiseses. Mas és capaz de ficar zangada. Ele disse que eu podia, mas acho que prefiro deixá-lo dizer-te amanhã. Sobre tudo porque podes ficar zangada.

Pronto, tinha-lhe dito que preferia viver com Matt. Como poderia alguma vez conformar-se com isso? Permaneceu sentada, a olhar para Emmie, e esforçou-se por conter as lágrimas.

– Não, meu amor, não quero que me ponhas zangada.

– Mas... eu amo-te, mãe.

– E eu a ti, Emmie.

Jeremy telefonou, a dar a notícia da morte de Giovanni. – Foi uma embolia fulminante, seguida de um ataque de coração, ao que parece. Morreu no restaurante do Ritz. Acho que lhe teria agradado.

– Oh, meu Deus – disse Eliza, um soluço embargando-lhe a voz –, era tão boa pessoa, tão boa pessoa.

– Pois era. Mas... pensa que a Mariella também se sente aliviada por muitas razões. Especialmente porque sabia a que ponto ele tinha medo de envelhecer e se tornar num inútil. E foi poupado a isso, continuou encantador e, à maneira dele, muito jovem até ao fim.

Ela sentiu então as lágrimas a saltar; lágrimas de verdadeira tristeza, pois sentira uma verdadeira afeição por Giovanni. – E tu, Jeremy, como te sentes?

– Para ser franco, do fundo do coração, sinto-me terrivelmente triste.

– Deves sentir. Querido Jeremy.

– Querida Eliza.

Foi deitar-se, permanecendo acordada durante muitas horas; a pensar em Giovanni e em Mariella, mas principalmente em Emmie... que ia perdê-la e no que significava verdadeiramente ser mãe...



E, na sua cama larga e luxuosa, em casa de Jimbo, Matt estava igualmente acordado, igualmente a recordar e a pensar como amava Emmie, como era capaz de fazer literalmente tudo por ela, caminhar sobre brasas, dar tudo o que tinha, morrer por ela e sem um momento de hesitação ou reflexão; e como sentira o mesmo por Eliza, não há muito tempo, e como, mais tarde, Emmie de algum modo os mantivera unidos, com a paixão, a preocupação e o amor que sentiam por ela, e que talvez pudesse ter continuado a uni-los, se ele não a tivesse arrancado brutalmente a ambos e decretado, no seu orgulho egoísta, que ela devia ser sua e só sua... e, ao fazer isso, possivelmente perdera-a...



– Todos de pé.

Ao entrar, o juiz Clifford Rogers estava com um ar ainda mais sombrio do que o habitual e a sua expressão era mais inescrutável.

Toby seria o primeiro a apresentar a sua síntese; Eliza fixou o olhar nele, como se, desviando-o, de alguma maneira se fragilizasse, mal ouvindo o que ele dizia, todos os argumentos conhecidos desfilando numa névoa... Em seguida, foi a vez de Bruce Hayward, cujo testemunho sobre Matt foi tão comovente como o de Toby Gilmour sobre ela.



Esperaram lá fora. Toby estava silencioso, tenso, Philip sorridente, efusivo até de mais; os assistentes cavaqueavam alegremente, a equipa de Matt olhava para eles, sorrindo, manifestamente confiantes. Eliza sentia-se absolutamente exausta e entorpecida, nem sequer assustada; apenas desejosa de que tudo chegasse ao fim, a derradeira humilhação, a suprema dor... e... quase... lamentando a sua decisão.



– Todos de pé.

Ia vomitar, estava... – Nada de escarafunchar o nariz – sussurrou Toby, esforçando-se por sorrir. Ela não tentou sequer retribuir o sorriso. Clifford Rogers olhou para todos os presentes com o seu ar, agora familiar, de resignação lassa.

– Ouvimos muitos argumentos. Alguns reveladores, outros previsíveis. Alguns convincentes, outros francamente incríveis. E ficamos com... quê? Duas pessoas, duas pessoas extremamente inteligentes, ambas indubitavelmente bons pais, ambas inquestionavelmente maus cônjuges. Duas pessoas que amam profundamente a filha mas que são tão contrários um ao outro que preferiram lutar por ela em lugar de aprenderem a não lutar um contra o outro por ela.

»Não estou demasiado preocupado com as insuficiências de um ou outro, tal como me foram apresentadas; a minha opinião ponderada é que o comportamento de ambos não é melhor nem pior do que o de muitas pessoas casadas que demonstraram a maturidade de continuarem juntas para bem dos filhos. Infelizmente, nem Mr. Shaw nem Mrs. Shaw possuem essa maturidade. Penso que Mr. Shaw seria realmente capaz de fazer um bom trabalho a cuidar da filha sozinho e Mrs. Shaw seria igualmente uma mãe carinhosa na mesma situação. As necessidades materiais da criança seriam claramente atendidas em ambas as circunstâncias. Mas nenhum dos cenários seria ideal para ela. Longe disso. E é o interesse da criança, a parte inocente em toda esta infeliz situação, que deve sobrepor-se a tudo o resto.

»Por isso... precisamos de um Salomão. Infelizmente, eu não o sou. Falta-me a sua

brutalidade e a sua coragem. Pelo menos, namedida em que um juízo afetaria a criança.

»Mas... encontrei um. Através da criança neste processo, a menina de cinco anos, Emmeline Shaw, que tem, felizmente, mais maturidade e senso comum do que qualquer um dos pais.

»Conversámos longamente, eu e ela; esperando simplesmente descobrir de que forma e a que ponto ela estava afetada pela rutura entre os pais, descobri uma luz.

»Creio que o melhor que posso fazer é dizer-vos o que ela disse. Expressiu um veemente desejo de as coisas poderem continuar como estavam, de poder viver em casa com ambos os pais. Mas já aceitou que isso não é possível. Como ela disse sucintamente, os pais são demasiado estúpidos.

»Mas, no entanto, propôs um cenário que eu considero aceitável. Dado que os pais são pessoas sem problemas financeiros, julgo que é uma solução viável.

»Diz ela que gostaria que eles vivessem ao lado um do outro, em casas exatamente iguais, especialmente no tocante ao quarto dela. Bom, compreendo que isto seja um pouco difícil de organizar com a precisão que ela deseja, mas não vejo razão para que não possam encontrar-se, numa área de Londres, com tantas ruas adjacentes de casas extremamente semelhantes, duas residências idênticas ou muito parecidas.

»Ela gostaria de passar exatamente metade da sua vida em cada casa, com cada um dos pais. Gostaria de passar os fins de semana alternativamente com cada um deles, na casa de campo que Mr. Shaw tão generosamente comprou para a família e onde ela tem o pónei dela. Gostaria que passassem o Natal e os seus aniversários juntos.

»Quer-me, pois, parecer que, para uma menina que já sofreu consideravelmente, não é mais do que ela merece. Na verdade, é bastante menos do que ela merece, como já sublinhei.

»Compreendo que, do ponto de vista emocional, não será fácil para os pais. No entanto, considero que eles podem e serão capazes de satisfazer o desejo da filha. Não lhes peço que vivam juntos, a não ser durante dois fins de semana por ano. Espero que sejam suficientemente civilizados e maduros para o conseguirem.

»Estou ciente de que, nestas situações, o poder paternal partilhado raramente se salda em sucesso, e isso é ainda mais verdade perante a potencial carga emocional desta. Deste modo, atribuo o poder paternal ao pai e a guarda legal à mãe, com acesso do pai exatamente como delineei.

Seguiu-se uma longa pausa antes de o juiz continuar. Seria aquilo, pensaram várias pessoas na sala, um sorriso que se debatia para se formar nas suas feições lúgubres?

– Devo acrescentar que o mais veemente desejo da Emmeline, como ela me expressou, a seguir a ter os pais a viverem mais uma vez juntos, é realizar uma gincana na casa de campo mais ou menos dentro de um ano. Naturalmente, não é minha intenção tornar este desejo numa condição do acordo, mas volto a repetir que não é mais

do que ela merece. Contudo, leva-me à conclusão de que Mr. Shaw necessita de manter a casa, Summercourt, no condado de Wiltshire, abstendo-se de a vender, como me parece que era a sua vontade. Compreendo que isto requer uma generosidade considerável. Mas creio que não lhe será financeiramente impossível e, dado que ficará com a custódia da filha, só espero que mostre a sua gratidão concedendo-lhe este desejo. Deixem-me dizer para terminar que fiquei extremamente impressionado com a Emmeline e com a forma como ambos... e não tenho dúvida de que foram ambos... os pais a educaram até hoje. É por esta razão que não estou disposto a perturbar a vida dela ainda mais do que já foi.

– Todos de pé.



Eliza voltou a pé para casa; Emmie apareceu, de mão dada com Sarah, com um ar ansioso.

– Está tudo bem? Estás zangada comigo?

– Está tudo perfeitamente bem, Emmie. E não, não estou zangada contigo. Nem me lembro de estar tão pouco zangada contigo. Anda cá e dá-me um abraço. E o pai também veio, só para te dizer que também não está zangado contigo.

1972

Eliza observou o prado, transformado num paraíso para pôneis, com um campo de provas, obstáculos, tudo com um ar extremamente profissional e, no canto mais próximo da casa, toda a parafernália própria de uma gincana para mais tarde, vários fardos de feno, dezenas de baldes, um monte de cadeiras e uma grande pilha de estacas, respetivamente para as cadeiras e as estacas musicais. Mais atrás, o campo inculto tornara-se num parque de estacionamento, onde já se encontravam dois atrelados para cavalos, um deles muito vistoso. Ela olhou para ele com alguma inquietação, temendo que tivessem sido atraídos aqui sob falsos pretextos; aliciados por um artigo no Daily News, cujo diretor insistira em publicar uma resenha de meia página sobre o Concurso Hípico de Summercourt, a qual dava a impressão de que a gincana seria um evento só ligeiramente mais modesto do que Badminton.

O jornal oferecia, inclusivamente, uma taça na modalidade de salto, categoria 14,2 mãos e abaixo, a ser entregue pelo diretor, Mr. Jack Beckham, que estaria presente com a sua família, a voluptuosa Mrs. Babs Beckham, ex-meteorologista e colunista do Daily Sketch, e as três filhas adolescentes do casal que, segundo o pai, não entendiam patavina de cavalos, mas gostavam dos rapazes que os montavam.

– Aqui não vão encontrar rapazes bonitões – disse Eliza vivamente; mas, afinal, Gail, a rapariga que tratava de Mouse, tinha inesperadamente aparecido com três meios-irmãos, que viviam em Bath com a mãe e o padrasto, dois deles muito apresentáveis e um bastante atraente, que exibia uma semelhança clara com Marc Bolan, não lhe faltando uma farta cabeleira de caracóis brilhantes e revoltos. Eliza, que não tinha acreditado na beleza do que era parecido com Marc Bolan, embora fosse muito discutida na aldeia, olhou para eles boquiaberta quando Gail os levou lá a casa duas noites antes.

– Trouxe-os para ajudarem – disse ela –, entendem muito de cavalos, claro, e o Cal, é o cabeludo, anda há um ano na escola de veterinária e pode ser útil se houver algum acidente.

Eliza desceu e foi à cozinha fazer café. A mãe já lá estava, com um ar tão entusiástico como Emmie quando acordara a mãe dez minutos antes.

– Está tudo perfeito, Eliza, só queria que o pai estivesse aqui a assistir e estás a ver, não te disse que não ia chover?

– Eu sei, até custa a crer. Espero que os programas já tenham chegado...

– Ainda não, Mrs. Horrocks ficou de os trazer. Pelos vistos, Mr. Horrocks esteve a fotocopiá-los na Gestetner até de madrugada. Mas tenho aqui uma prova... toma... que achas?

Eliza estudou-a; não se podia dizer que fosse uma impressão exemplar. Mas, pelo menos, o preço da entrada estava agora correto, uma libra e não cem, o que, inacreditavelmente, só fora detetado na quarta revisão.

– Devias ter deixado ficar assim – disse Jeremy quando ela lhe contou –, os espetadores normais teriam presumido que era engano, e podia acontecer que os ricos de fora entrassem com a massa e no fim tinhas lucro. A propósito, quanto achas que vais ganhar?

– Se der para as despesas, já andamos com sorte – disse Eliza. – É uma benesse termos alguns patrocinadores.

– Patrocinadores? Anda-me! Quem são?

– Bem, as Construções Shaw, por estranho que pareça, e a empresa de viagens da Scarlett que entrou também com quinhentas libras.

– Eles vão aparecer?

– A Scarlett e o Mark? Espero que sim, mas o bebé dela deve nascer no domingo, por isso não tenho a certeza... E a Mariella, Jeremy, também vem?

– Claro que vem. A única coisa que me está a preocupar é que ela tem um plano qualquer misterioso.

– Que plano?

– Não sei, a não ser que envolve chegar a Summercourt muito depois de mim e tem um compromisso qualquer ao princípio do dia, nos arredores de Marlborough. Passamos a

noite no Bear, pareceu-nos mais simples. Ah, e o meu pai também quer vir, nunca visitou Summercourt. Coitado, sente-se muito só hoje em dia, tem saudades da minha mãe mais do que quer admitir, até dos modos tirânicos dela...

– Jeremy, claro que é muito bem-vindo. Adoro o teu pai, sabes bem que sim. Aposto que ele adora a Mariella – acrescentou.

– Se adora. Sempre que temos uma discussão, ela ameaça casar-se antes com ele.

– Isso seria interessante. Adiante, fiquem para jantar, combinado? O Charles vai trazer a nova namorada, é professora, soa muito respeitável, mas é perfeita para ele e eu gostava muito que a conhecesses.

– Tenta impedir-me.

Eliza levou consigo a caneca do café e foi sentar-se na vedação do picadeiro. Mouse estava amarrado, visivelmente ressentido com a falta de liberdade, e Emmie estava a tentar sem grande sucesso olear os seus cascos já brilhantes. Eliza estendeu a mão ao pônei que esfregou nela o nariz, em busca de pastilhas de hortelã-pimenta ou cenouras e, não as encontrando, a empurrou com o focinho, sacudindo suavemente a cabeça e babando-se na sua T-shirt. Era uma sorte ainda não se ter arranjado.

Olhou para a casa, banhada na luz pálida que se refletia nas janelas e tornava a pedra mais clara, quase luminescente. Adorava esta casa. Era uma boa amiga, uma amiga terna, elegante, acolhedora, sempre pronta para a receber e para a albergar.

Mas ainda pairava sobre ela uma sombra. Matt, claro, nunca a amara como ela – como podia? Comprara-a para ela porque a amava. Ter-lhe-ia comprado tudo... nesse tempo. Fora a parte mais difícil das negociações, a casa; o vertiginoso alívio inicial de Matt por ter ficado com a custódia de Emmie, salvando a face e o seu sentido de justiça, dera lugar à sua habitual agressividade; a que propósito, argumentou, havia de gastar milhares de libras por ano na sua manutenção para Sarah a desfrutar, para Eliza a visitar, quando outra casa mais barata, mais fácil de governar, mais próxima de Londres, serviria igualmente?

– E a Emmie e o Mouse? – contrapôs Eliza, irritada.

– Vi duas casas no Surrey, logo à saída de Guildford, com picadeiros e bonitas cavaliças. Que é que têm de mal?

– Não são Summercourt – retorquiu Eliza.

– Não, e não são tão caras. Diz o Ivor Lewis que eu devia recorrer dessa parte do acordo que ganhava de certeza. A Emmie não se ia importar nada, só lhe interessa o Mouse e os fins de semana connosco. É uma menina com muito bom senso e gosta de conforto, não há de chorar por causa da herança de um trisavô.

E, efetivamente, recorreu, obtendo o direito de vender; no outono, a casa iria a leilão.

Mas, por agora, hoje, era delas; o maravilhoso coração da família, resplandecendo no seu melhor, exibindo a sua beleza e pedindo para ser admirada.



– Louise, fala o Matt.

– Ah... olá.

– Ouve, desculpa lá ontem à noite. Queres acompanhar-me hoje?

– Hum... não sei. Se tencionas estar de trombas o tempo todo, não. E, antes que digas alguma coisa, já sei que é um dia difícil para ti mas se ao menos fizesses um esforço pela Emmie para pareceres bem-disposto, ajudava bastante.

– Mas não... não suporto vê-lo lá. Cheio de nove horas. Na minha casa, é um estupor arrogante, não o gramo...

– Eu sei, Matt, já tinha percebido, acho que teria chegado a essa conclusão mesmo que não me tivesses dito nada. Parece-me uma pessoa perfeitamente normal. É muito simpático.

– Eu sei que pensas isso. Maldito pimpão. Não percebo o que é que vês nele. É pior que o Northcott, por aí já se vê tudo.

– Se com pior queres dizer mais charmoso e agradável, não sei se concordo. Sempre gostei do Jeremy. Aliás, diria que a competição é cerrada.

– Oh, por amor de Deus.

– E a Mariella, vai?

– Suponho que sim. Estão noivos. Ela também não me grama mas vai lá estar, na minha casa, vestida com uma fatiota qualquer absurda, a exhibir-se...

– Oh, Matt. E então sempre vais comprar a casa perto de Dorking?

– Acho que sim.

– A Emmie já a viu?

– Ainda não. Vou levá-la lá no próximo fim de semana.

– E... que é que ela sente por perder Summercourt?

– Não... não sei.

– O quê? Ainda não lhe disseste?

– Não.

– Matt, isso não se faz.

– Não sei porquê. Ela não quer saber desde que tenha o Mouse.

– Acho que às tantas estás enganado – disse Louise. – Bem, vemo-nos dentro de uma hora.

Desligou. Um ano depois do processo de custódia, as coisas não haviam mudado muito entre ela e Matt. Encontravam-se regularmente para jantar, para umas bebidas, ocasionalmente para o almoço nos fins de semana em que ele não tinha Emmie. Ela supunha... não, sabia... que ainda o amava. Ele não parecia corresponder nem nutrir quaisquer sentimentos românticos por ela. Pelo menos, nunca dera a entender que nutrisse; o mais perto que estivera disso fora quando lhe dissera que apreciava a

companhia dela mais do que a de qualquer outra pessoa sua conhecida. Como dava a impressão de detestar a maioria das pessoas, o cumprimento não era nada de especial.



– Mãe! A Coral chegou com a mãe...

Eliza ia a meio das escadas para tomar banho; suspirou e deu meia-volta. Tinha de receber a sua melhor amiga em todo o mundo, como Emmie definira Heather, e talvez acertadamente.

– Heather, viva, que bom ver-te. Olá, Coral, olá, Bobby. Bolas, ele está crescido. Que tal foi a viagem?

– Ótima. O Alan foi estacionar na aldeia.

– Que estupidez, pode estacionar aqui.

– Não, não, não faz mal. Para ser franca, sabe bem ficar um tempinho sem ele. Tive de passar a viagem a ler o mapa e ele estava sempre a mandar vir comigo.

– Entra, entra; deixa-me oferecer-te um café ou qualquer coisa. E tu, Emmie, leva a Coral contigo e olha por ela.

– Posso dar-lhe uma aula de equitação?

– Não, não podes, Emmie, hoje não, e se eu vir alguma de vocês sentada nesse pónei, mesmo que ele esteja amarrado à vedação, cancelo tudo. Ah, Alan, muito gosto em ver-te...

– Mãe, mãe, chegou o tio Charles com uma senhora, olá, tio Charles, anda ver tudo, anda...

– Leva-os à vovó, querida, eu não demoro...

Arriscou uma espreitadela para a «senhora» de Charles pela janela do vestíbulo; era bastante bonita, num estilo fresco e muito jovem, de mão dada com ele e olhando para ele cheia de adoração. Perfeito. Exatamente o que ele precisava.

– Eliza – chamou Sara, correndo para dentro de casa –, importas-te de ir falar com o homem do carrossel, querida, está com problemas com o gerador, não arranca ou coisa que o valha...



Eliza relanceou para o relógio. Eram quase onze horas. Os automóveis e os atrelados para os cavalos estavam agora a chegar em peso; estavam póneis no campo a ser conduzidos em círculos por um exército de meninas... e alguns rapazes; os pais estavam a transportar recipientes de água e embornais, as mães estavam a preparar piqueniques. Charles estava a conduzir o burro de Gail, à frente de uma fila aparentemente interminável de meninas para cima e para baixo no campo mais distante, e estava a formar-se uma fila ainda mais interminável para a limonada de Mrs. Horrocks. Sarah

estava a fazer um negócio florescente na tómbola.

Tudo parecia perfeito; se se despachasse, podia dar um salto lá acima para tomar banho e mudar de roupa, antes de...

– Eliza! – Um Jaguar muito vistoso tinha chegado; Jack Beckham estava a acenar-lhe furiosamente. – Mas que dia! Credo, é uma sorte não estar aqui nenhum dos teus leitores, que rica editora de moda que me saíste.

– Obrigada, Jack. Olá, deves ser a Mandy. Ouvi falar muito em ti. E vocês as três, muito gosto em conhecê-las. Jack, se quiseres estacionar aqui à frente da casa, estaciona, está a ficar muito difícil daquele lado. Anda conhecer a minha mãe, ela está a servir bebidas frescas, ou então tens ali uma tenda de cerveja, ao lado do laranjal de inverno...

– Uma tenda de cerveja! – disse Jack Beckham. – Isso, sim, já é falar. Bem, isto está tudo muito bonito, Eliza; vamos, meninas, toca a sair.

As três raparigas saíram, símbolos da juventude dos anos setenta, de saias compridas e longos caracóis e grandes olhos manchados de maquilhagem excessiva.

– Adoro essas saias – disse Eliza –, são...

Mas nesse momento apareceu Cal, com caracóis ainda mais compridos e exuberantes do que os das raparigas, transportando dois enormes fardos de feno; as três imobilizaram-se como se tivessem tido uma visão celestial, coisa que, como relataram mais tarde às amigas, julgaram ter tido.

– Desculpe, Mrs. Shaw – disse Gail –, mas a minha mãe diz que temos de começar já os saltos, as pessoas estão a ficar inquietas, se pudéssemos chamar os juízes para a mesa...

– Sim, claro – disse Eliza. – Jack, conseguem desenvencilhar-se? Desculpa. O Cal mostra-te tudo...

– Aposto que sim – disse Babs, com o risinho que lhe formava covinhas e se tornara famoso do seu tempo como meteorologista. – Vamos, meninas, atrás do Cal.

Eliza reuniu os juízes, pegou no microfone, chamou para o recinto de concentração – nome pomposo de uma secção isolada do picadeiro – os concorrentes para a primeira prova de salto e pensou nostalgicamente na casa de banho.



– Eliza. Olá, minha querida. Posso estacionar aqui ou tenho de ir para o campo?

– Ah... Jeremy, não, claro que podes estacionar aqui. Mr. Northcott, muito gosto em vê-lo, deixe-me acompanhá-lo ao terraço, pode sentar-se lá e o Jeremy leva-lhe uma cerveja ou qualquer coisa. A minha mãe está cheia de vontade de o ver e estamos muito entusiasmadas por ficar cá hoje.

Agora...



– Eliza... olá. Estás muito bonita.

– Mark! Não estou nada, infelizmente, ando a tentar dar um salto lá acima para tomar banho mas... onde está a Scarlett?

– Correu para dentro de casa, estava aflita para ir à casa de banho, coitada.

– Como é que ela está? É preciso terem coragem para ter vindo.

– Não perdíamos isto por nada.

Mal tinha entrado em casa quando Scarlett apareceu da casa de banho, com um ar magnífico com um vestido de folhos branco e sandálias de saltos perigosamente altos.

– Olá, Eliza.

– Olá, e tu aí também. – Deu uma palmadinha na enorme barriga de Scarlett. – Foi muito simpático da vossa parte terem vindo.

– É um prazer estar aqui. Não podíamos faltar. Desculpa maçar-te mas não tens nada contra a azia? Ando com problemas terríveis de indigestão.

Certo. Pelo menos estava no andar correto. Casa de banho e...

– Mãe, mãe, chegou o pai. Andar dizer-lhe olá.

Merda. Merda, merda, merda. Agora tinha de descer senão ia parecer uma atitude de hostilidade.

– Olá, Matt. Não está tudo com um ar profissional? Ah, Louise, obrigada por teres vindo. Estás esplêndida. É um dos casacos da Maddy, não é? Ela vem mais tarde, espero eu. Matt, leva a Louise e oferece-lhe uma bebida, a tenda da cerveja fica acolá, vira à direita depois do laranjal de inverno, já sabes... eu...

– Sim – disse ele. – Eu sei. Acho que é um lugar estranho para uma tenda de cerveja.

– Achas? Pareceu-me ideal... – Calou-se. Matt estava a olhar para ela de uma forma estranha e de repente percebeu porquê. Ficou imóvel a olhar para ele; era estranho como as coisas continuavam a afetar as pessoas, a revolver-lhes o coração. Mesmo depois de tudo o que acontecera, havia coisas, boas recordações, que sobreviviam. O laranjal de inverno era uma delas, sempre o lugar favorito de Matt aqui, especial para ambos, o sítio onde tinham... meu Deus!... consumado a compra dele de Summercourt. Devia ter-se lembrado, não o devia ter incluído na organização do dia de hoje.

– Sim – disse ela –, desculpa se te parece um mau sítio, só pensei...

– Não, não – disse ele –, não há problema. Vamos, Louise. Vamos ver se encontramos a Emmie. Presumo que está alguém a tomar conta dela – acrescentou, com o familiar registo tenso na voz.

– Sim – disse Eliza calmamente –, está com a Gail. No picadeiro que é o campo de provas agora, claro.

– Sim. Ótimo. Até já.

Ela deu meia-volta a pensar no desejado banho.

– Mrs. Shaw. – Era Mrs. Horrocks. – Está aqui um senhor do jornal local, quer uma fotografia dos três, da senhora com Mr. Shaw e a Emmie, acha que pode ser?

– Com este aspeto não – disse Eliza –, dê-me cinco minutos, vou só...

– Mrs. Shaw, Geoff Walters, do Marlborough News, estou a ver que estão aqui os dois; onde está a pequenina?

– Aqui! – disse Emmie, ofegante. – Mrs. Horrocks disse-me para eu vir. O senhor é do jornal? Não pode tirar uma fotografia sem o Mouse. Vamos, todos por aqui, por aqui, a Coral também pode aparecer, é minha amiga, nascemos no mesmo dia...

O megafone começou a dar sinais de vida:

– ... catorze mãos e abaixo, Número Um, Hollyhock, montado por...

Agora, finalmente o banho. Não podia receber o amante com este ar e a cheirar mal...

– Mãe! Chegou o tio Toby.

A sua relação com Toby fora um processo lento. Se estivessem num filme, imaginou Eliza, teriam corrido para os braços um do outro em câmara lenta, no átrio do Tribunal, e ele ter-lhe-ia dito que a amava; mas ela sentira-se constrangida, tímida na presença dele, ao agradecer-lhe e quando, uns dias mais tarde, ele lhe ligou a dizer que deviam adiar qualquer encontro por duas semanas pelo menos – «para lhe dar oportunidade para recuperar» – ela ficou sensibilizada e agradecida. Sentia-se, de facto, muito estranha, como se tivesse passado por uma longa e quase fatal doença. Estava exausta, desmoralizada pelo assassinato de carácter que a equipa de Matt e, aliás, todo o processo, lhe haviam infligido; e profundamente angustiada e humilhada com a publicidade que fazia com que ir trabalhar fosse um obstáculo quase intransponível – até que Jeremy convocou uma reunião de reflexão para discutir a reestruturação das novas apresentações a clientes e insistiu para que ela estivesse presente.

Foi um momento que selou o seu estatuto na agência; nessa noite, chegou a casa sentindo que havia pelo menos começado a sarar.

O problema da casa resolvera-se com surpreendente facilidade; não lhe custara nada mudar e arranjou uma casa, apenas a quatro ruas de distância, numa transversal de Hurlingham Road, uma casa mais pequena mas muito semelhante, com um quarto com vista sobre o parque, muitíssimo adaptado às necessidades de Emmie. Apaixonou-se por ela desde o primeiro momento e quase a perdeu quando Matt insistiu, por duas vezes, em que arranjava uma mais barata. Isto resultou na primeira discussão entre eles depois do divórcio, o que acabou por ser extraordinariamente curativo e levou a que resolvessem o desentendimento tomando alegremente uma bebida no pub de Hurlingham.

Toby voltara a entrar na vida dela gradualmente; era uma sensação muito estranha, depois de ter passado com ele essa noite espantosa, ver-se de novo reduzida ao papel de companheira de almoços, uma companheira bastante tímida, aliás. Até o passo seguinte,

um jantar, acabara numa troca de beijos e abraços quase por obrigação no carro dele e ela começara a pensar que nunca iriam mais longe quando o Destino interveio à sua habitual maneira determinada.

Uma noite, já tarde, por volta do fim de setembro, Eliza estava a sair do Ritz com Rob Brigstocke; Jeremy organizara um grande beberete para clientes e convidara um grupo reduzido de eleitos para jantar. Rob ia com o braço à volta dela e, ao entrar para um táxi, ela virou-se para lhe dar um beijo. No dia seguinte, Toby ligou-lhe, dizendo num tom extremamente brusco, que lamentava mas teria de cancelar o jantar que tinham combinado para essa noite pois teria provavelmente de ficar a trabalhar até tarde.

– E possivelmente amanhã também. Aliás, é melhor não marcarmos nada por uns tempos. Eu... ligo-te dentro de uma semana ou coisa assim.

Profundamente ferida, Eliza aquiesceu; tinha combinado encontrar-se com Jack Beckham para uma bebida nessa noite, para discutir a possibilidade de uns artigos como freelancer, e ia pela Strand, absorta em evocações dolorosas e tentando dizer a si mesma que Toby era de facto um homem extremamente ocupado, que trabalhava com frequência até tarde, quando o viu a sair do edifício do Tribunal de Justiça e a caminhar no seu passo rápido e impaciente à frente dela na rua: na companhia de uma rapariga muito bonita. Ficou a olhar para o par, esforçando-se por não se sentir afetada nem chorar, continuou a caminhar atrás deles e depois deu por si quase a esbarrar com ele quando ele estacou de súbito e se virou inesperadamente enquanto a rapariga seguia caminho.

– Ah – disse ele. – Olá.

– Olá, Toby.

E o que Eliza devia ter feito, sabia, era ter-se afastado calmamente, mantendo a sua dignidade: em lugar de dizer, como pareceu sentir-se compelida a fazer: – Pensei que ias ficar a trabalhar até tarde.

– É o que estou a fazer – respondeu ele, num tom muito frio –, estou a levar a Verity a uma reunião com um cliente, ela foi andando porque me esqueci de um documento crucial.

– Ah – disse ela, ainda menos calma e digna –, é o que lhe chamas, uma reunião com um cliente?

– A Verity – disse ele – é a minha nova assistente.

– Pois e eu sou a rainha do Sabá. – (Muito calma, Eliza, muito digna.)

– Por amor de Deus – disse ele (ele próprio agora ligeiramente menos calmo e digno) –, olha quem fala. Talvez queiras dizer-me com quem saíste do Ritz ontem à noite. Algum colega de trabalho também, imagino.

– Toby – disse ela –, era o Rob Brigstocke. Surpreende-me que não o tenhas reconhecido.

– Ah, pois, claro. O sujeito com quem fumavas erva. Vê-se que têm uma relação muito formal.

E ela disse então, olhando fixamente para ele, com uma espécie de incredulidade: – Incomoda-te mesmo, não incomoda?

– Por sinal, incomoda.

– E por sinal também me incomoda que andes na rua com a tua nova assistente.

– Isso é absurdo. Não tem nada a ver.

Eliza começou a sorrir: hesitantemente. – Seja, não tem nada a ver. Uma vez que estamos na Strand e ontem era em Piccadilly. E a Verity é a tua assistente e o Rob é o meu chefe. E, se estamos os dois a falar verdade, estamos a ser muito estúpidos.

– Eu estou a falar verdade, podes crer.

– E eu também, unicamente a verdade, dou-te a minha palavra. Surpreendes-me, Toby Gilmour, a dar crédito a provas circunstanciais.

– Valha-me Deus – disse ele após um longo silêncio. – Isto é... terrível.

– Porquê? Na minha opinião, é ótimo.

– Não, não é, porque vou mesmo para uma reunião com um cliente. E só me apetece levar-te para casa comigo.

– Bem – disse ela, experimentando um alvoroço extremamente agradável no coração que se propagou por todo o corpo –, tem graça porque também é o que me apetece. Que coincidência! Mas vou encontrar-me com o Jack Beckham. Devo demorar cerca de uma hora.

– Como a minha reunião.

– Podemos encontrar-nos depois?

– Podemos. Em tua casa ou na minha?

– A tua seria... não sei, mais indicada, acho eu. E eu sei onde é.

– Toma – disse ele, remexendo no bolso –, fica com a chave. Para o caso de eu me atrasar.

– É bom que não te atrases.

Acabou por chegar antes dela; dois copos ao lado da cama, o champanhe a gelar na cozinha.

– Estou aqui a pensar que estou morta por beber esse champanhe – disse Eliza.

– Bebemos depois. Ah, e tenho uma excelente notícia.

– Que é?

– A cama não range.



A tarde ia a meio, a prova de salto terminara, Jack Beckham entregara a taça e o que muitos consideravam o ponto alto do dia estava prestes a ter lugar, «Fantasias

Montadas». Realizando-se essencialmente antes da gincana propriamente dita, quando os pôneis ainda não estavam cobertos de lama, atraía muitos participantes; os pôneis e os seus cavaleiros, grandes e pequenos, vestidos de fadas, coelhos, raposas, flores, cavaleiros (e damas) medievais enchiam o picadeiro. Emmie decidira trajar de fada e usar o tutu do ballet mas, no último minuto, num súbito ataque de generosidade, perguntou a Coral se ela queria participar no lugar dela e estava a conduzi-la em volta do campo. Estavam a passar melodias alegres no altifalante e o júri estava a preparar-se quando apareceu um atrelado para cavalos enorme e vistoso que parou ao lado dos outros. – Paciência – disse Eliza –, chegou tarde de mais. Qual é a ideia, tenho de ir...

Mas, nesse momento, um cavalo cinzento com um aspeto muito elegante foi retirado do atrelado; e do banco do passageiro saltou uma figura com cabelo louro muito comprido e aparentemente nua; saltou para o dorso do cavalo com grande aprumo, pegou nas rédeas e largou num trote enérgico, façanha admirável já que o cavalo não tinha sela, em direção ao campo de provas.

– Que diabo... – disse Eliza.

– Oh, meu Deus – disse Jeremy –, é a Mariella.

E era mesmo; fantasiada de Lady Godiva, vestida com licra da cor da pele e com uma cabeleira loura, sorrindo radiosamente e soprando beijos para a multidão que estava a aclamar, a aplaudir e a rir.

Naturalmente, pois isso teria sido injusto para com os coelhos e as damas medievais e o resto dos concorrentes, não ganhou o prémio, o qual foi antes atribuído a uma joaninha amorosa num pônei Shetland; mas não restaram dúvidas de que, para os espetadores masculinos, foi o destaque do dia e Jeremy receou que o pai desfalecesse de excitação. Pessoalmente, tê-la-ia dispensado; mas, quando Mariella foi ter com eles, às gargalhadas, tirando a cabeleira e sacudindo o seu cabelo escuro, dizendo que esperava ter dado o seu insignificante contributo para as festividades e que fora uma boa surpresa, ele sentiu uma ponta de orgulho ligeiramente relutante e foi buscar-lhe limonada, um gesto que hoje em dia não teria normalmente tido.

– Oh, Mariella – disse Eliza, beijando-a –, aposto que Mamselle Chanel teria adorado vestir-te para isto.



A gincana ia agora a pleno vapor. Tinham ribombado cascos atrás de cascos pelo campo de provas. Tinham-se registado acidentes suficientes para não dar descanso à equipa de socorristas do Hospital de St. John: três fortes hemorragias nasais, dois tornozelos torcidos, uma suspeita de concussão, um ombro luxado (as duas vítimas transportadas para o hospital) e uma velhinha que desmaiou com uma insolação. Várias meninas (e alguns rapazes) estavam impantes de triunfo, andando às voltas com os

póneis, cujas rédeas estavam carregadas de fitas. E ainda mais meninas (e alguns rapazes) estavam chorosas ou amuadas ou ambas as coisas. Emmeline Shaw, que havia brilhado e ganho o slalom hípico e a corrida de obstáculos, e até conseguira o segundo lugar na prova de alta-escola, estava agora sentada no terraço com o pai, a comer o seu quarto gelado da tarde e a aguardar a corrida de sacos, a última prova do dia.

– Como é que pode ser uma corrida de sacos quando são póneis? – perguntou Coral. – Metem as patas em sacos?

– Não, palerma – disse Emmie –, é...

– Emmie – repreendeu-a Matt severamente –, não fales assim com a Coral, a Louise acaba de me fazer a mesma pergunta. Vá, pede-lhe desculpa e explica normalmente.

– Desculpa – disse Emmie que era obrigada a pedir desculpa tantas vezes que lhe saía da boca sem qualquer dificuldade –, vou explicar-te normalmente, anda-se à volta do picadeiro, desmonta-se, entra-se para o saco e volta-se para a linha de partida aos saltos, levando o pónei pela mão.

– Ah – disseram Louise e Coral em uníssono.

– De que é que estás incumbido, Matt?

– De entregar a taça de melhor apresentação – respondeu Matt num tom levemente lasso –, que é depois dos saltos, e a seguir a taça de melhor desempenho e finalmente, se Deus quiser, podemos ir todos embora. Olha-me para aquele paspalho – disse ele de repente –, olha só. Como é que ela pode gostar dele, Louise? Sinceramente, não entendo.

Louise olhou para Toby. Tanto quanto via, ele estava simplesmente a beber limonada e a conversar com Sarah e Anna Marchant, que chegara a meio da tarde, impecavelmente vestida com o que eram claramente calças de equitação clássicas, uma camisa de seda branca e um par de botas altas de couro.

– Não podia deixar de vir – disse ela. – Sinto imenso orgulho em ti, Eliza. Os teus dotes de organização são fantásticos.

– Bem... não me faltou ajuda.

– Acredito. Quem é aquele além, é o Archie Northcott? Que homem encantador. Uma vez, durante a guerra, tivemos um namorico, sabe Deus o que podia ter acontecido se ele não tivesse de regressar ao Egito, creio que foi, mas enfim, acho que me senti bastante aliviada, a Christine teria sido uma inimiga de respeito. Pelos vistos, descobria sempre tudo sobre as amantes dele e fazia-lhes a vida num inferno.

– Ele teve muitas? – perguntou Eliza, espantada. – Nunca me contaste.

– Se teve! Era tão atraente como o Jeremy e aqui em Norfolk aborrecia-se de morte. Parece que está a ver se engata a tua mãe, já estou com ciúmes, vou interrompê-los. E então, como está o encantador Toby?

– Encantador – disse Eliza. – Sim, simplesmente... encantador.

Olhou então para ele, a conversar com Emmie, que felizmente continuava a simpatizar com ele e a aceitar as suas incursões, inicialmente raras mas gradualmente mais frequentes, na sua vida, auxiliadas pelo seu profundo interesse em cavalos; apesar de explosões não tão raras como isso em que dizia: «Não és o meu pai», a relação entre ambos parecia medrar.

Ela reagira a tudo muito bem, mas havia inevitavelmente perturbações pois ainda gritava com Eliza e Matt de tempos a tempos e geralmente tirava o máximo partido que podia da situação. Aliás, fora uma das coisas que unira Eliza e Matt na sua nova relação, o facto de que deviam admitir isto e não se deixar enganar nem afligir com as suas manipulações, quando ela jurava que a mãe – ou, se fosse o caso, o pai – tinha dito que podia ficar a pé até mais tarde, comer rebuçados na cama, ter um pônei novo e levar a turma inteira à pantomima no Natal.

Eliza sentia ódio a Matt com frequência; sabia que nunca lhe perdoaria pelo que lhe fizera, ao mesmo tempo se esforçava por compreender e admitir o seu próprio papel no que acontecera. Ainda – ocasionalmente, muito ocasionalmente – quase lhe sentia amor quando era assaltada por alguma feroz recordação ou quando ele a fazia rir ou estavam juntos com Emmie. Resistia à emoção mas não podia negá-la. Estava a aprender a tolerá-lo, a entender-se com ele; era uma novidade e extremamente difícil mas essencial ao seu papel de pais de Emmie, as duas pessoas que ela mais amava no mundo. Esse laço era inabalável. Mas era difícil.



– Sentes-te bem, meu amor?

– Sinto. Acho que sim. Um pouco... sabes como é, desconfortável. Às tantas preciso de ir outra vez fazer xixi. É isso, já venho cá ter. Sou capaz de... ver se encontro uma cama para me deitar um bocadinho.

– Eu vou ter contigo. E a indigestão?

– Ah... já passou. Sim.

De facto, o desconforto era intenso; sentia-se completamente invadida pela pequena criatura que se instalara dentro dela. Enfim, não seria por muito mais tempo.

As suas emoções a esse respeito eram muito ambivalentes; encarava a sua chegada com uma certa ansiedade e não apenas o parto. Esperava sinceramente vir a ser uma boa mãe. Não tinha dúvida alguma de que desejava desesperadamente o bebé mas como seria se não gostasse dele? Era o medo secreto de Scarlett, que não podia admitir a ninguém. O medo de olhar para ele e compreender que cometera um erro terrível. No fundo, de uma maneira geral, não gostava muito de bebés: não eram sequer muito bonitos, inicialmente, umas coisinhas mirradas, com olhos cegos, a espernear e a esbracejar. Scarlett era uma apreciadora de coisas belas.

– Oh, meu Deus. – Olhou para a poça que se lhe formara aos pés na cozinha quando estava a beber um copo de água. – Ai, ai. Oh... meu... Deus.

Invadiu-a o pânico; sentiu-se absolutamente aterrorizada. Que havia de fazer, a quem podia dizer, para onde podia ir?

– Ah... olá. – Scarlett virou-se; era Heather, a amiga de Eliza. – Venho buscar água, a minha filha está cheia de sede, sabes onde estão os copos...

– Olha – disse Scarlett, estupidificada pelo medo e apontando para a poça –, olha o que eu fui fazer.

– Ah – disse Heather. Ficaram ali as duas a contemplá-la até que Heather disse: – Ouve, é melhor sentares-te. As tuas águas rebentaram. Queres que chame alguém?

– Sim, sim, por favor. Provavelmente... sim, o meu marido. Mas não sabes quem ele é. É fácil reconhecê-lo, é alto e moreno e está no terraço... não, não, chama a Eliza, ela há de saber o que fazer.

– A Eliza desapareceu, também andava à procura dela. Já começaste a ter contrações?

– Não, nada. Para já não estou com dores. Mas suponho que vai doer.

– Um bocadinho – disse Heather, voltando a sorrir –, mas não te aflijas, não é tão mau como as pessoas dizem. Desde que relaxes, claro.

– Não me sinto muito relaxada. E tenho de voltar para Londres, preciso do meu médico. Bem... talvez possas chamar a Sarah, a mãe da Eliza. Eu... eu espero aqui.

Heather saiu para o terraço pela porta das traseiras. Sarah estava a conversar com um homem, um vizinho, deduziu ela.



– Mrs. Fullerton-Clark. Importa-se... importa-se de chegar à cozinha, por favor? Há um... um problema.

– Que tipo de problema, Heather? Espero que não tenha sido a arca congeladora que deu o berro...

– Não, não é a arca congeladora – disse Heather –, é... é um bebé.

– Um bebé! – exclamou Sarah, em tons que não teriam deixado ficar mal Lady Bracknell. – Que diabo está um bebé a fazer na cozinha?

– Não, ainda não está – respondeu Heather, sentindo-se cada vez mais estúpida. – É... é a irmã do Matt, a Scarlett. Acho que entrou em trabalho de parto.

– Deus do céu! – disse Sarah. – Se me dá licença, Larry, tenho de ir. Heather, aquele ali é o marido dela, o Mark, estás a ver, vai chamá-lo por favor... e sim, vê se encontras a Eliza também.



Scarlett estava agora admiravelmente tranquila; estava sentada numa cadeira junto da

porta aberta, a sorrir, quando Mark entrou.

– Querido, temos de partir imediatamente. De voltar para Londres...

– Scarlett, não podemos fazer a viagem para Londres contigo em trabalho de parto. E não me digas que não estás porque eu li os livros.

– Podemos, pois. Há muito tempo e eu quero estar... ai! – Calou-se, olhou para ele, os seus olhos escuros subitamente arregalados de medo. – Se calhar... foi uma contração. Ah, já passou. Ufa! Bem, vai lá buscar o carro, trá-lo para a porta de entrada...

– Scarlett, não podes fazer uma viagem de três horas, minha querida, quando te rebentaram as águas – disse Sarah firmemente. – Vou ligar ao Dr. Watkins a pedir conselho, é o nosso médico de família. Provavelmente vai-te mandar para o hospital mais próximo, o hospital local na aldeia seguinte é muito bom...

– Não vou para nenhum hospital local – declarou Scarlett. – Quero ser tratada pelo meu ginecologista...

– Estou de acordo com a Sarah, meu amor – disse Mark –, não podes fazer a viagem em trabalho de parto.

– Mark – disse Scarlett –, antes de mais, os bebés demoram pelo menos doze horas a nascer. Quero ir para o pé do Dr. Webb, vou para o pé do Dr. Webb e ninguém me pode impedir. É... ai! Esta foi... bem, foi mais forte.

Nesse momento, um dos paramédicos de St. John entrou na cozinha.

– Queira desculpar, Mrs. F-C, mas um rapazinho desmaiou, acho que por causa do calor, posso levar mais água?

– Sim, sim, claro que pode. Mas primeiro dê-nos um conselho. As águas desta senhora rebentaram e está previsto que o bebé nasça... quando é, Scarlett?

– Amanhã. Ouça – Scarlett olhou para o homem com uma expressão suplicante –, diga-lhe que não há problema eu voltar para Londres, sim?

– Não posso fazer isso. A partir do momento em que as águas rebentam, corre risco de infeção. E essa viagem sem o bebé estar protegido pelas águas, pode ser muito perigosa. Podemos chamar uma ambulância, naturalmente, vou já chamar... onde está o telefone, Mrs. F-C?

– Mas... eu quero...

– Scarlett – disse Mark –, não.

Sarah ajudou Scarlett a subir para o quarto dela; tirou o edredão da cama e fechou as cortinas.

– Pronto, minha querida, agora deita-te. Sabes, a Eliza nasceu neste quarto...

– Pois, mas eu não quero ter o meu bebé neste quarto – retorquiu Scarlett. Estava agora a bater um pouco os dentes com o medo. – Não quero ser mal-educada mas...

– Claro que não e não foste.

– Estou simplesmente... assustada.

– Sim, a princípio é assustador – disse Sarah, afastando o cabelo de Scarlett da cara –, mas depois vais sossegar e descobrir que és capaz. Ora a ambulância deve estar a chegar e o Dr. Watkins vai dar cá um salto por precaução para ver como estás. É um homem muito simpático e muito meigo. Não te aflijas, vai correr tudo bem. Queres tomar um chá?

– Sim... por favor. Gostava muito. Com açúcar...



– Minha cara Mrs. Frost, agora não podemos tirá-la daqui. – O Dr. Watkins olhou severamente para ela. – Já está muito adiantado. Ah, cá está outra. Respire fundo, isso mesmo. Ora vá, o senhor... como é que se chama?

– Mark – respondeu Mark, algo desesperado. Nunca sentira tanto medo na vida. – Vá ver porque é que essa malfadada parteira está a demorar tanto. Devia ter chegado há meia hora. E depois traga mais água fria para refrescar a sua mulher, está um calor dos diabos. Torne-se útil, homem, não fique para aí sentado como um coelho assustado... isso, Scarlett, é assim mesmo. Está a portar-se lindamente. Não é assim tão mau, pois não? Sarah... uma chazinho para mim, minha cara, se não se importa.



– O quê? Meu deus. Não demoro nada. Que... que emocionante. Um bebé, aqui em Summercourt... o primeiro desde que... desde que eu nasci. Caramba! Onde está o Matt? Louise, Louise...



– Ah, até que enfim que aparece. Onde é que se meteu, mulher? Despache-se, esta senhora aqui, Mrs. Frost, está a portar-se muito bem mas agora está a precisar de gás e ar e depois pode examiná-la, a ver em que estado ela está. Trouxe o equipamento? As contrações estão a acontecer de quatro em quatro minutos, cada vez mais fortes, na minha opinião mais duas horas e o bebé está cá fora.



– Matt, Matt, ainda bem que te encontro, a Scarlett está a ter o bebé.

– A Scarlett o quê?

– Está a ter o bebé.

– O quê? Aqui?

– Sim. Aconteceu tudo muito depressa, está no quarto da minha mãe, onde eu nasci... É muito bonito. Não, acho que não deves lá ir, pelos vistos já está muito adiantado e o

médico e a parteira estão lá e...



– Ah, estás aí, Louise. Ouve... ainda não podemos partir. Pelos vistos, a minha irmã está a ter o bebé. Aqui, na casa. O médico e a parteira estão cá, está em boas mãos. Espero. Que diabo diria a nossa mãe? Credo, preciso de uma bebida.



– Muito bem, empurre mais uma vez, isso, linda menina, linda menina. É assim mesmo. Cá está... e é... uma menina, uma menina perfeita. Ah, portou-se muito bem. Pronto, minha querida, aí a tem... ui, lá vai o pai, não perca os sentidos, meu amigo, ponha a cabeça entre os joelhos, é assim mesmo. A sua mulher foi exemplar, agora admire a sua filha, não é um amor?

– É linda – disse Mark, olhando para a adorada mulher e pegando na bebé ao colo, a bebé de ambos, sã e salva, depois do medo todo que sentira –, é simplesmente linda.

– Sim – disse Scarlett, sorrindo ternamente para a carinha da bebé, contraída num esgar, como a de um velho –, sim, é absolutamente encantadora.

– E... já sabem que nome lhe vão pôr?

– Ah – disse Mark –, é fácil. Chama-se Larissa.

– Um nome invulgar.

– Pois é. É grego. É o nome de uma senhora grega muito bonita. Sem a qual a nossa Larissa não estaria aqui.



– Entra, Matt, entra. Anda dizer olá à tua sobrinha. Não é um encanto?

– É linda – disse Matt, sorrindo para a pequenina Larissa. – Sim. Parabéns, Scarlett. Sentimos imenso orgulho em ti.

– Oh... correu tudo bem. Não foi tão difícil como eu temia. Acho... acho sinceramente que estar aqui, nesta maravilhosa casa, facilitou as coisas. É tão tranquilo, um sítio tão especial, Matt, e não sei porquê, mas estar com a família, a Sarah que é tão querida, tão serena, transmitiu-me segurança.

– Sim – disse Matt –, sim, ela é uma pessoa muito... muito boa.

– Vou cá ficar uns dias até sentir forças para voltar para casa. Não imaginas como ela está entusiasmada por eu ter tido a bebé onde ela teve a Eliza. E, claro, a Emmie está no sétimo céu. Diz que o Mouse é tio da Larissa.

– Diz? – disse Matt. – Nunca tal ouvi. Ah... Mark. Parabéns. Ouve dizer que te portaste impecavelmente.

– Bem, consegui aguentar-me até poder desmaiar – disse Mark modestamente. – E a

Scarlett foi muito corajosa. Tenho de te agradecer por acolheres o nascimento da bebé...

– Oh... não tens de quê – disse Matt, sorrindo.



Estavam todos a comer o famoso empadão de carne de Sarah à volta da enorme mesa da cozinha.

– É um prazer ter tanta gente em casa – disse ela alegremente.

– Este empadão é excelente, minha querida – disse Archie Northcott. – A Christine nunca foi grande cozinheira. E tu, Mariella, cozinhas bem?

– Muito bem – disse Jeremy. – Faz um tiramisu delicioso. É uma sobremesa que apreciamos sempre.

– Tens de lá ir a casa com a malta nova um fim de semana, Sarah – disse Archie. – Não sei se conheces a casa. É magnífica, estilo jacobino, sabes?

– Gostava muito. Obrigada. Mr. Connell... Alan – disse Sarah –, quer mais empadão?

– Não digo que não. Obrigado. Está realmente delicioso. Cumprimentos à cozinheira. E se me permite que repita, é muito amável em dar-nos dormida. É um prazer estar com um grupo de pessoas tão simpáticas, não é, Heather?

– Absolutamente, Alan.

– E não digo que não a outra cerveja – disse ele a Matt –, já que ofereceste.

– Com certeza. Depois temos de partir. Vou só despedir-me da Scarlett. Vens, Louise?

– Vou, claro.

– Eu vou contigo – disse Eliza –, quero saber se ela precisa de alguma coisa.

Subiram ao andar de cima; Scarlett estava a dormir, com a bebé pousada no peito, Mark delicadamente sentado na ponta da cama, a contemplar mãe e filha. Era uma imagem absolutamente encantadora.

– Então, mana... venho despedir-me. Mais uma vez, parabéns. Deixa-me dar-te um beijo. Trata bem dela, Mark.

– Fica descansado. Vemo-nos em Londres.

Matt aproximou-se da cama e beijou Scarlett; Eliza olhou de repente para Louise; esta estava de olhos fixos em Matt, com uma expressão de puro desejo no rosto, os olhos brilhantes de lágrimas. Reparou que Eliza estava a olhar para ela e corou.

– Vou só à casa de banho – disse.

Eliza seguiu-a para fora do quarto.

– Sentes-te bem? – perguntou.

– Sinto. Está tudo ótimo.

Uma lágrima rolou-lhe por uma das faces; ela limpou-a impaciente.

– Louise...

– Não, não digas nada. Ele não sabe, nunca há de saber, é... é uma pessoa

incrivelmente atrofiada do ponto de vista emocional... e demasiado... egocêntrico. Oh, desculpa, Eliza, às vezes esqueço-me...

– Tens razão, Louise. Ninguém melhor que eu o sabe. Mas ele precisa de alguém. E se há alguém capaz de o aturar, és tu. Conhece-lo melhor do que qualquer outra pessoa. Nunca hei de perceber como o aguentaste tanto tempo.

– Bem... tu também não te saíste nada mal.

– Isso não é verdade. Não me saí nada bem. Ele está muito melhor sem mim. – Fez-se um silêncio e Eliza acrescentou: – Louise, devias dizer-lhe porque ele nunca vai perceber por ele, nunca. Anda lá, que é que tens a perder?

– Ele – disse Louise. – Pelo menos agora tenho-o como amigo. Se bem que não tenha a certeza de que seja exatamente uma coisa positiva. Ele tem um feitio terrível, sempre furioso com tudo e mais alguma coisa...

– Sim, mas tu és boa para ele, sabes lidar com ele, não lhe respondes na mesma moeda. Nós... oh, merda, é o telefone. Quem poderá ser? É melhor ir atender. Matt, não te vás embora sem te despedires. Foi um dia estupendo, obrigada por tudo o que fizeste. Desculpa lá aquilo do laranjal de inverno. E da tenda de cerveja.

Ele encolheu os ombros. – Não tem mal.

– Tem, pois.



Ela regressou à cozinha, depois de atender a chamada.

– Matt... era um homem a dizer que estava preparado para fazer uma oferta para comprar... para comprar Summercourt. A tua mãe disse-lhe que estavas aqui, pelos vistos estava na... em tua casa. Ele disse que queria falar contigo. Queres... atender no escritório?

Matt passou os olhos pela cozinha; estavam todos a fingir-se desinteressados. De súbito, Sarah começou a atarefar-se com o café; Mariella enfiou a mão na mão de Jeremy; Charles e Pattie começaram a empilhar pratos; Jeremy serviu-se de um grande copo de vinho e serviu outro ao pai; Anna empurrou o copo imperiosamente para a frente. Só Emmie estava concentrada nele, o seu pequeno rosto subitamente ensombrado e os olhos azuis denotando alarme.

– Pai? – disse ela. – É engano, não é? Não vais vender Summercourt?

– Emmie... anda comigo, vamos conversar. Só nós os dois.

Ela deslizou da cadeira muito lentamente, aproximou-se dele num passo de sonâmbula. Ele estendeu-lhe a mão mas ela abanou a cabeça, como quem recusa rebuçados; ele virou-se e saiu da cozinha e ela seguiu-o para o vestíbulo.

– Emmie, ouve, meu amor, tenho muita pena mas tenho de vender Summercourt.

– Porquê? Não podes. Não podes. – Os olhos azuis haviam-se enchido de lágrimas.

– Tenho de vender, meu anjo. Ouve...

– Não podes. É minha e tua e da mãe, tu prometeste ao juiz...

– Eu sei, Emmie, mas... ouve. É muito, muito cara...

– Tu tens muito dinheiro. E depois que é que ia dizer o juiz?

– Eu... perguntei a outro juiz. E ele disse que eu podia.

– Mas porquê? E o Mouse? Para onde é que ele ia?

– Arranjei outra casa, muito mais perto de Londres. Tem cavaliças, o Mouse fica lá muito bem.

– Não fica nada, a casa dele é aqui. E também é a minha, não podes vendê-la, não podes, não vou para lá, vou fugir, hei de odiar-te para sempre. Vou à procura do meu juiz e vou contar-lhe o que fizeste. És horrível, estragaste o dia de hoje, estragaste tudo...

– Emmie... – Era a voz de Eliza. – Querida, ouve a mãe. O pai fez tudo o resto que o juiz mandou, esta casa é muito cara e ele não passa muito tempo aqui...

– A culpa é dele, não é minha.

– Não, querida, não é. O pai tem de trabalhar. Ouve, tenho a certeza que a outra casa é muito bonita, ele falou-me dela, e o Mouse pode ir para lá e...

– Não! Não, não, NÃO. Estão os dois agora a mudar tudo. Odeio-os aos dois, mais que nunca. Gosto desta casa, quero ficar com ela para sempre, quero que seja minha quando for grande...

Estava agora a chorar convulsivamente, o seu pequeno corpo sacudindo-se com os soluços, as lágrimas rolando-lhe copiosamente pelas faces. Esfregou os olhos; estava com as mãos muito sujas e deixou grandes manchas de sujidade nas maçãs do rosto. – Por favor! – disse ela. – Pai, por favor, por favor, não vendas esta casa. Eu fujo e não volto enquanto não ficares com ela. Por favor, pai, eu porto-me bem, muito bem.

Matt abriu os braços. – Emmie...

– Não! Odeio-te. Hei de odiar-te para sempre.

Seguiu-se um longo silêncio; Matt olhou para Emmie, Eliza olhou para Matt, Emmie olhou para um e para o outro; depois, com um profundo suspiro, Matt disse: – Pronto, Emmie. Eu não a vendo. Podes ficar aqui, com o Mouse.

– Prometes?

– Prometo.

Eliza estava à espera que ela sorrisse e se lançasse nos braços dele para o beijar; mas ela limitou-se a suspirar, um suspiro longo e profundo, um suspiro de pessoa adulta, e olhou frontalmente para ele.

– Obrigada – foi tudo o que disse. E, dando meia-volta, encaminhou-se lentamente para a cozinha.

– Obrigada, Matt – disse Eliza, mais abalada com isto do que com toda a cena. – Muito obrigada. Estou... estamos-te profundamente gratas.

- Não penses mais nisso. Claro que não é por não poder arcar com a despesa. É que...
 - Eu sei. Compreendo. Deve ser muito difícil para ti. Juro que não fui eu que lhe dei a volta à cabeça...
 - Não, eu percebi. E obrigada por tomares o meu... o meu partido. Não me adiantou de nada – acrescentou com um sorriso torto.
 - Matt... mais uma vez desculpa aquilo do laranjal. Foi falta de sensibilidade da minha parte. E, para que saibas, penso muitas vezes nele, que foi lá que a nossa relação começou, e... naquela noite...
 - Sim – disse ele. – Eu sei. Eu também.
- Fez-se um longo silêncio; ela avançou então e, esticando-se, beijou-o na cara.
- Isso é para agradecer? – perguntou ele.
 - Não, não. É em nome dos velhos tempos.
 - Ah, isso é bonito.



Estavam agora no carro, de regresso a Londres. Matt virou-se para Louise.

- A Eliza disse que querias falar comigo.
- Disse? Não sei porquê.
- Sim, disse. E que era importante.
- Não tinha nada que dizer – disse Louise. De repente, sentiu-se irritada. Que descaramento, o de Eliza. Pô-la numa posição impossível.
- Não é nada de importante, Matt. Não sei qual é a ideia dela.
- Disse que tinha a ver comigo.
- Oh, por amor de Deus. Merda. – Descobriu que tinha os olhos marejados de lágrimas.
- Louise, que é que se passa? Então, podes dizer-me com certeza.
- Não, não posso. – Estava a elevar a voz. – Não importa. Não insistas.
- Pronto, acalma-te. Não é muito agradável estar a conduzir contigo a teres um esgotamento nervoso ao meu lado.
- Eu não estou a ter nenhum esgotamento nervoso. E mesmo que estivesse, era-te indiferente. Só te interessa que eu seja a Louise boazinha que ouve todos os teus problemas e dificuldades, a lista interminável das pessoas de quem não gostas, para ti não passo de um saco de boxe, Matt, nada mais.
- Pronto, pronto, já chega. Não te trouxe aqui para me insultares.
- Pois não. Para que é que me trouxeste então? Diz lá, Matt, gostava muito de saber.
- Bem... porque gosto de ti, suponho. Gosto da tua companhia. Caramba, Louise, já te disse isso, espero que não estejas à espera de alguma declaração romântica.
- De maneira nenhuma. Como se soubesses fazer declarações românticas. Só há uma pessoa por quem sentes um amor eterno, Matt Shaw, que és tu. Alguma vez te ocorreu?

– Não sejas grosseira – disse ele. – Não sei que é que te deu, Louise, tens sido francamente... difícil...

– Não tenho sido nada difícil – estava agora a gritar –, quem tem sido difícil és tu, como sempre aliás, intratável e mal-encarado e... não sei para que é que gasto o meu latim. Vamos mas é para Londres e depois podemos pôr um ponto final nisto tudo. Não vejo nenhum futuro na nossa relação e prefiro não continuar com ela.

– Ótimo – disse ele, carregando a fundo no acelerador. À porta do apartamento dela, não desligou o motor; ela apeou-se e desapareceu dentro de casa.



Quando chegou a casa, Matt encontrou o atendedor de chamadas a piscar.

Era Eliza.

– Só queria voltar a agradecer-te – disse ela quando ele lhe ligou –, por não venderes Summercourt. Foi um gesto fantástico da tua parte, que eu sinceramente aprecio, Matt, apreciamos todos.

– Não é tua – disse ele abruptamente. – É minha. E tenciono constituí-la num fideicomisso para a Emmie. Nós, a gente da classe trabalhadora, também somos capazes de entrar nesses jogos.

– Sim... estou a ver que sim – disse ela –, e acho que é uma excelente ideia. Esplêndida, Matt. É bom para a Emmie e bom para mim. E para ti, espero. Eu sei que também gostas dela.

– Pois gosto – disse ele, surpreendendo-a –, gosto muito por sinal. E foi fantástico a Scarlett ter tido aí o bebé. Foi muito especial. Como é que ela está?

– Perfeita. Estão a dormir.

– Ótimo.

– E então... falaste com a Louise?

– Tentei – disse ele –, mas ela irritou-se e pôs-se aos berros comigo. Hoje em dia farta-se de me gritar, não percebo porquê.

Eliza respirou fundo. Não, não podia vir mal ao mundo se falasse.

– Eu explico-te – disse ela. – É porque... porque te ama há anos e anos e pensa que te é indiferente, mas eu acho que não é, e acho que devias pensar bem no assunto. Ela não precisa de saber que tu sabes, se quiseres deixar as coisas nesse pé, poupá-la à humilhação. Mas pelo menos pensa nisso. Pensas? Boa-noite, Matt. Fica bem. E mais uma vez obrigada.

Matt pousou o auscultador. De súbito, sentia os joelhos fracos. Não se recordava de se sentir tão... tão chocado. Louise! Louise, essa mulher leal, perspicaz, calma, inteligente, corajosa, que o aturou durante tantos anos, trabalhou para ele, foi alvo das suas fúrias, ouviu as suas queixas intermináveis, depôs a seu favor em tribunal, levantou a voz em

sua defesa... seria possível? Seria remotamente possível?

Pareceu-lhe que a via com olhos de ver pela primeira vez, como se ela tivesse estado escondida atrás de um vidro estranho e deformante, indistinta, não a verdadeira Louise.

Procurou analisar os seus sentimentos por ela, agora e no passado; e interrogou-se se devia ter compreendido o que sentia, que não era o que pensara que sentia. Apercebeu-se da importância que ela tivera para ele. Mas... como era possível? Sempre lhe parecera que ela não gostava dele.

Ou, pelo menos, que tinha dificuldade em gostar dele. Era evidente que, em muitos sentidos, lhe encontrara defeitos. Tentara rebaixá-lo. No escritório, queria desesperadamente ganhar batalhas contra ele. E geralmente ganhava, coisa que o irritava profundamente. Aliás, só de pensar nisso agora, sentia-se furioso. Mas... era intrigante. Ela era intrigante. E... vista sem o vidro deformante, era fabulosa. Sim, era. Sempre achara isso. Ele e Jimbo tinham muitas vezes comentado o facto. Com relutância, dado que ela levava sempre a melhor sobre eles. Assim...

Pegou nas chaves do carro e quase correu para a rua. Conduziu até Paulton Square. Estacionou à porta. Levantando os olhos para as janelas dela, apeou-se e tocou à campainha.

– Posso entrar? – disse para o intercomunicador. Ela disse que não. Pela voz, parecia que tinha estado a chorar. Ele voltou a tocar. – Louise, tenho sido muito, muito estúpido. Por favor, deixa-me subir. Quero falar contigo.

– Pois eu não quero falar contigo.

– Queres, sim. Ouve... Louise, desculpa. Provavelmente deitei tudo a perder, mas... estive a falar com a Eliza. E ela disse... enfim, disse...

– Matt, por favor, vai-te embora. A Eliza não tinha o direito de se intrometer. É uma parvalhona autoritária.

– Pois é. Um pouco como tu. Provavelmente isso explica muita coisa.

– Vai-te embora, Matt.

Ele esperou. Pouco depois disse: – Pronto, vou-me embora. Mas jantas comigo amanhã? Por favor. Por favor, Louise. Gostava muito. Temos assuntos a resolver.

– Tu é que tens assuntos a resolver.

– Sim. Sim, é verdade. Mas vens? Por favor?

Um longo silêncio. – Está bem, vou. E é bom que não te atrases.



– Toby?

– Sim. Credo, Eliza, que horas são?

– Não sei. É tarde. Queria dizer-te uma coisa.

– É bom que seja importante.

– E é. Amo-te. Muito. Só te queria dizer outra vez.

Tinha-lhe ocorrido na cozinha, quando estava a observá-los a todos, pensando que a felicidade devia ser assim, se tivesse uma forma material: Emmie e Coral, finalmente adormecidas no sofá, Heather e Alan, a cabeça dela sonolentemente pousada no ombro dele, a gravata de Alan perigosamente solta, Charles e Pattie sorrindo um ao outro, Jeremy e Mariella de mãos dadas, tomados de um enlevo novo, e Archie dirigindo galanteios alternados a Anna e à mãe e, no andar de cima, a jovem família, e todos dentro das encantadoras paredes de Summercourt. Summercourt que hoje operara a sua magia sobre todos eles. E talvez também em Londres sobre Louise e Matt.

E operara-a também sobre ela; passando os olhos por esta cena, pensara que amava Toby intensamente. Não de um modo louco, irrefletido e desesperado, como amara Matt; isso fora algo que acontecia uma vez na vida e não voltaria a acontecer: mas de um modo prudente, ponderado, com prazeres mais sensatos e menos egoístas e delícias mais doces e mais generosas. E precisava de lhe dizer porque talvez ele tivesse achado o dia de hoje difícil, talvez se tivesse sentido marginalizado; e o facto de saber que ele teria prazer em ouvi-lo da sua boca, mesmo a meio da noite, provava que confiava nele para que a amasse e não a desapontasse.

– Também te amo – disse ele –, muito. – E obrigado por ligares. Mas agora estou estourado e preciso de dormir.

– Desculpa, Toby.

– Não peças desculpa. Desliga mas é o telefone.

– Pronto, eu desligo. Boa-noite.

– Boa-noite, meu amor. Dorme bem. E não escarafunches o nariz.

Ela pousou o telefone, apagou a luz e permaneceu deitada a sorrir para a escuridão. Ia correr tudo bem.

E Summercourt não estava à venda.

¹ O termo «Redbrick universities» designa um conjunto de seis universidades, construídas em tijolo vermelho, fundadas nas principais cidades industriais de Inglaterra e que adquiriram o seu estatuto de estabelecimentos universitários antes da Primeira Guerra Mundial. (N. da T.)

² Barrister no original. No sistema judicial britânico, é o advogado especialista em defesas orais, que atua predominantemente junto a tribunais de instâncias superiores. Optámos pela tradução «advogado de barra», de modo a fazer a distinção entre barrister e solicitor – advogado especialista em trabalhos de natureza mais técnica e burocrática, tais como: testamentos, divórcios, contratos sociais. Trabalha normalmente em contacto direto com o cliente e atua predominantemente em tribunais de instâncias inferiores. (N. do E.)

³ Ramo do Direito que se ocupa da responsabilidade por atos ilícitos. (N. da T.)

Agradecimentos

Como sempre, a lista de pessoas a que tenho de agradecer é longa, possivelmente mais do que o normal.

Michael Drake, o cérebro legal, orientou-me de forma incansável e, acima de tudo, com criatividade, através das complexidades do divórcio e da custódia dos filhos na década de 1960 e 1970; acompanhou-me na pesquisa sobre o tema; respondeu aos meus intermináveis e muitas vezes estúpidos e-mails numa questão de horas e normalmente minutos; sugeriu subenredos; melhorou cenários; e nunca, nem por um momento, insinuou que o seu tempo extremamente valioso pudesse ser mais bem aproveitado. És uma verdadeira estrela, Michael, obrigada.

James Marshall não só me facultou alguns dos grandes nomes da publicidade da época dourada dos anos sessenta em Londres, como foi o guia mais divertido e esclarecedor durante uma visita guiada a Milão, onde fomos ao La Scala e eu conheci algumas figuras verdadeiramente maravilhosas, como a encantadora Phyllis Achilli, que criou para mim todo um mundo onde pude situar essa parte da minha história; Tai e Rosita Missoni, que nos acolheram no seu camarote no La Scala; e Peter e Mariella Van Shalwick, que me esclareceram sobre o estilo de vida na época.

Gostaria ainda de agradecer a Jackie Hollows por ter descrito meticulosa e generosamente o seu passado de hospedeira de bordo nos anos sessenta e pelas suas histórias engraçadas, intrigantes e coloridas: sem ela, o livro teria ficado mais pobre.

O elemento relativo à moda no livro é crucial. Eu própria comecei a minha vida profissional na moda, mas ainda assim baseei-me fortemente nas recordações e histórias de muitas das mais proeminentes figuras do jornalismo: Felicity Green, uma lenda de Fleet Street e minha mentora, que pôs à minha disposição um repositório de evocações, especialmente em relação às coleções de Paris; Shirley Lowe, jornalista de primeira linha, que inspirou toda uma vertente da história, ao reviver o seu próprio passado como editora de moda; John Bates, um dos principais estilistas do seu tempo (tive a sorte de ter dois dos seus vestidos), e John Siggins, seu diretor e sócio; Liz Smith, editora de moda icónica e também, como a minha heroína, consultora de moda numa famosa agência de publicidade.

David Smith, marido de Liz, um querido amigo e uma estrela tanto do jornalismo como da publicidade, contribuiu com histórias maravilhosas sobre estes dois mundos, e

também com algumas recordações divertidíssimas do seu tempo no Serviço Nacional. Infelizmente, faleceu antes de este livro ser publicado; o seu sentido de humor elegante era uma verdadeira inspiração para os que o conheciam.

Edward Harris prestou mais informações no plano legal – além de dar um contributo engenhoso e particularmente brilhante sobre a criação e funcionamento do Fideicomisso de Summercourt – e gostaria igualmente de agradecer a Ros Harris. Sue Stapely foi uma fonte de conhecimento sobre uma profusão de assuntos. O casamento no livro não teria sido o mesmo sem o vivo contributo musical de John Young de Country Church Wedding Music. Steve Gunnis proporcionou uma excelente visão especializada sobre os automóveis da década, e Lisa Lindsay Gale foi a minha consultora sobre concursos hípicas e as tradições relacionadas com os póneis em geral.

E estou profundamente grata a Nicholas Coleridge por me ter facultado o acesso aos arquivos da Tatler. Duas tardes absolutamente vertiginosas!

Na Headline, recebi especiais cuidados da parte de Jane Morpeth e Leah Woodburn, as minhas fantásticas revisoras que, em conjunto, operaram uma magia incrível, com um manuscrito ainda mais atrasado do que o habitual, mantendo a calma, a paciência e o apreço contra todas as adversidades. Foi muito importante para mim. Jo Liddiard não só concebeu a habitualmente excelente campanha de marketing, como teve a amabilidade de passar comigo uma longa manhã no meu escritório a orientar-me através das complexidades tecnológicas (como eu as via!) de voltar a dedicar-me ao meu negligenciado blogue. Louise Page voltou a tratar do marketing da minha obra, com toda a imaginativa determinação que tão carinhosamente recordo; e a equipa de vendas, sob a direção de Aslan Byrne, foi simplesmente magnífica. E um agradecimento especial a Emily Mahon por ter desenhado uma capa espetacular como já não via há muito.

Clare Alexander, extraordinária agente, não só me dá conforto, ânimo e conselhos excelentes sempre que necessário, como também me faz rir com gosto e me cumula de comida, bebida e bisbilhotice. Quem pode pedir mais?

Finalmente, gostaria mais uma vez de agradecer à minha família; os meus genros e as minhas filhas foram maravilhosos. E de dar as boas-vindas a dois novos membros – Grace e Niamh – do clã cada vez mais numeroso.

Em retrospectiva, como sempre, não parece haver melhor diversão.